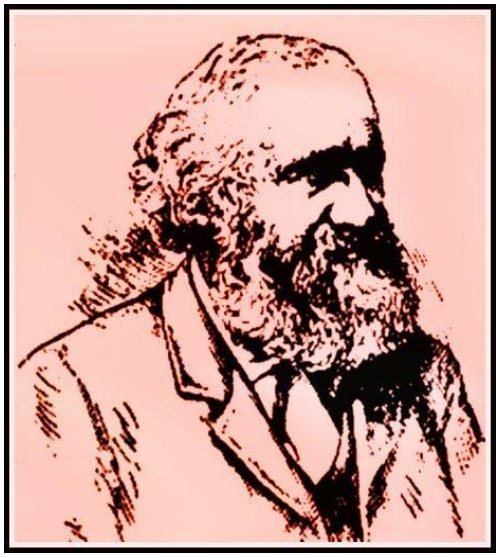
ALEXANDRE AKSAKOF

ANIMISMO E ESPIRITISMO



Alexandre Aksakof

Conteúdo resumido

Obra clássica do eminente sábio russo, em resposta às idéias antiespíritas de alguns filósofos e cientistas, em particular o filósofo alemão Dr. Eduardo von Hartmann. Aksakof rebate com argumentos insofismáveis as hipóteses da "força nervosa", da "alucinação" e do "inconsciente", tão manipuladas e repisadas pelos contestadores dos nossos dias. Disseca a realidade dos fatos anímicos, atribuíveis inegavelmente à força da mente, distinguindo-a da realística ação dos Espíritos nas atividades essencialmente mediúnicas.

Esta obra encerra inúmeros fatos recolhidos em todo o mundo, de vários sábios da época, e na qual bom número é também devido às observações e experiências do próprio autor.

***Animismo e Espiritismo* foi por muitos estudiosos considerada "a obra mais importante e mais completa que se escreveu acerca do Espiritismo do ponto de vista científico e filosófico".**

ÍNDICE

- Prefácio da tradução francesa

- Prefácio da edição alemã

- Introdução

Resumo histórico das teorias antiespiríticas

"The Daimonion", de Oldfield; "Filosofia dos Agentes misteriosos", de Rogers; "Discussão", de Brittan e Richmond; "Mistérios modernos explicados e desmascarados", de Mahan; "Mary Jane", de Guppy; "Da força, etc.", de Bray; "Estados de superatividade do sistema nervoso, etc.", de Collyer: "Spiritualism", de Hammond; Carpenter e Cox; "Mesas girantes", por Agenor de Gasparin; "As mesas falantes",por Thury; "Estudos experimentais", por Chevillard; "Ensaio sobre a humanidade póstuma", por D'Assier

CAPÍTULO I - Fenômenos de materialização

Insuficiência, no ponto de vista dos fatos, da hipótese alucinatória emitida pelo Doutor Hartmann.

Materialização de objetos escapando à percepção pelos sentidos. Fotografia transcendente.

- Experiências do Senhor Beattie. - Fotografias obtidas pelos Srs. Guppy, Parkes, Russel, Slater, Williams, Hudson, Reimers, Damiani. - Fotografia transcendente de mão humana, obtida pelo professor Wagner, em São-Petersburgo. - Fotografias de formas humanas, obtidas por Slater. - Experiências de Mumler. - Noticia do British Journal of Photography. - Descrição das gravuras juntas. - Testemunho de B. Murray e Moses Dow. - Carta do professor Gunnin. - Fotografias transcendentes de duplos. - Exame do Senhor Jay Hartman, em Cincinnati.

Materialização e desmaterialização de objetos acessíveis aos nossos sentidos.

Demonstração desse principio pelos fatos compreendidos sob a denominação de "penetração da matéria". - Transportes e desaparecimento de objetos. Desdobramento de objetos inanimados.

A. - Materialização e desmaterialização de objetos inanimados.

Fazendas. - Demonstração por meio das fotografias transcendentes. - Experiência do Senhor Clifford Smith. - Materialização de fazendas por Katie King na presença de testemunhas. - Mediunidade de flores para a materialização de flores. - Produção de uma planta sob os olhos dos assistentes. - Materialização de metais pela mediunidade de um metal.

B. - Materialização e desmaterialização de formas humanas. - Incompatibilidade lógica da teoria da alucinação do Doutor Hartmann com a sua teoria da força nervosa.

Demonstração do caráter não alucinatório de uma materialização por:

1° - Testemunho visual simultâneo de muitas pessoas.

2° - Testemunho visual e tátil, simultâneo, de muitas pessoas.

3° - Produção de efeitos físicos.

4° - Produção de efeitos físicos duradouros.
5° - Escrita direta.
6° - Impressões de mãos materializadas.

C- Efeitos produzidos sobre a forma materializada (coloração, etc.).

D - Reprodução de formas materializadas, por moldagens em gesso.

- Experiências do Senhor Denton; experiências concludentes por meio de um cofre fechado; outros exemplos de moldagens de formas materializadas, com o auxílio de parafina:

I. O médium está isolado; o agente oculto fica invisível.
- Experiências dos Srs. Reimers e Oxley.

II. O médium está perante os assistentes, o agente oculto ficando invisível.
- Experiências do Senhor Ashton com a Srta. Fairlamb; experiência do Senhor Friese com o Senhor Eglinton; experiência com o Senhor Eglinton perante uma comissão; reprodução plástica de um membro desdobrado do médium.

III O agente oculto é visível, o médium está isolado Experiência do Senhor Adshead com a Srta. Wood.

IV. O fantasma e o médium são simultaneamente visíveis aos espectadores.
- Experiência do Senhor Ashton com a Srta. Fairlamb.

E - Fotografia de formas materializadas.

a) O médium é visível; a figura materializada é invisível ao olho, mas aparece na placa fotográfica.

b) O médium é invisível; o fantasma é invisível e reproduzido pela fotografia.

c) O médium e o fantasma são vistos ao mesmo tempo; apenas o último é fotografado; - fotografias de Katie King obtidas pelo Senhor Harrison e pelo senhor Crookes.

d) O médium e o fantasma são ambos visíveis e fotografados ao mesmo tempo.
- Testemunho dos Srs. Crookes, Russel, Burns, da Sra. Luísa Noosworthy, do Doutor Hitchman.
- Experiências do Senhor Aksakof com o Senhor Eglinton.

e) O médium e o fantasma são invisíveis; a fotografia produz-se às escuras. - Experiências dos senhores Bullet, Reimers, Aksakof.
- Experiências de pesada das formas materializadas.
- Insuficiência da teoria alucinatória do Doutor Hartmann no ponto de vista teórico.

CAPÍTULO II - Os fenômenos físicos

- As experiências dos Srs. Hera, Varley e Hering demonstram que a força mediúnica não tem afinidade alguma com a eletricidade.- Contradições do Doutor Hartmann.

CAPÍTULO III - Da natureza do agente inteligente que se manifesta nos fenômenos do Espiritismo

Exame do principio fundamental do Espiritismo; ele apresenta fenômenos cuja causa deve ser procurada fora do médium?

1.- Manifestações que são contrárias à vontade do médium.

- Diversos exemplos; - experiências notáveis do Senhor Dexter; - exemplo notável no começo do movimento espírita; - o caso do Reverendo E. Phelps; exemplo de combustão espontânea de objetos, a este da Rússia: narração do Senhor Schtchapov.

2. - Manifestações que são contrárias às convicções do médium.

- O testemunho do Senhor A. (Oxon); - experiências dos Professores Wagner e Hare.

3. - Manifestações contrárias ao caráter e aos sentimentos do médium.

4. - Comunicações cuja natureza está acima do nível intelectual do médium.

- Obras de Hudson Tuttle e de Davis; - acabamento do romance de Dickens Edwin Drood por intervenção mediúnica; - experiências do Senhor Barkas: respostas de improviso a assuntos científicos; - o caso do general Drayson: informações astronômicas.

5. - Mediunidade das crianças de mama e das crianças muito novas.

- Os jovens Cooper e Attwood; - escrita do pequeno Jencken, na idade de cinco anos e meio; - escrita da filha do barão Seymour Kirkup, na idade de nove dias; - escrita em ardósia por Essie Mott, na idade de dois anos.

6. - Médiuns falando línguas que lhes são desconhecidas.

- Opinião do Senhor Ennemoser; - testemunho do juiz Edmonds; - o falar em diversas línguas desconhecidas aos médiuns; - comunicações feitas por meio de sinais telegráficos; - execução de trechos de música por um menino que não tinha recebido instrução musical alguma; - a filha do senador Tallmage.

7. - Diversos fenômenos de um gênero misto-composto.

- Um caso curioso observado pelo Autor.

8. - Comunicação de fatos desconhecidos do médium e dos assistentes.

a) A visão às escuras e em lugares fechados.

- Experiências do Autor, em um circulo íntimo; - experiências do Senhor Crookes; - testemunho do Senhor A. (Oxon).

b) Fatos conhecidos independentemente dos órgãos que servem habitualmente à percepção.

- Experiências pessoais do Autor: o adágio de Cardoso.

c) Comunicação de fatos desconhecidos das pessoas que tomam parte na sessão, e que não podem ser explicados pela transmissão de pensamentos, em razão das condições especiais nas quais essas comunicações são dadas.

- O caso da jovem Emma Strammi; informação do falecimento de Duvanel; - Srta. Laura, filha do juiz Edmonds; - outros casos referidos pelo juiz Edmonds; - conferência do general Drayson; - o artigo do Doutor Davey; - relatório do capitão Drisko sobre os incidentes aos quais o Harry Booth deve sua salvação; - uma senhora traída pela prancheta.

9. - Comunicações provenientes de pessoas completamente desconhecidas quer dos médiuns, quer dos assistentes.

- Comunicação do Espírito de John Chamberlain, atestada por doze testemunhas; - o "Message Department" do Banner of Light; - a comunicação do Espírito de Abraão Florentino, em Londres, confirmada em Nova-Iorque; - manifestação de Anastácia Perelyguine.

10. - Transmissão de comunicações a grande distância.

- Fatos referidos pelo Professor Hare; - mensagem transmitida em Lowell, Mass., à Atlanta, Geo. (à distância de 1.000 milhas); - transmissão de uma mensagem sem indicação precisa do destinatário.

11. - Transporte de objetos a grandes distâncias.

- Transporte de uma fotografia de Londres a Lowestoft;

- transporte de agulhas de fazer tricot à distância de 20 léguas inglesas; - experiências de Zollner, Crookes, Olcott e Cooper.

12. – Materializações

- Citação errônea do Doutor Janisch pelo Doutor Hartmann; - as três hipóteses possíveis.

CAPÍTULO IV - A hipótese dos Espíritos

A. - ANIMISMO - Ação extracorpórea do homem vivo, como que formando a transição ao Espiritismo.

I. - Ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos psíquicos (fenômenos da telepatia - transmissão de impressões à distância).

- Experiência da jovem Pribitkoff; - fato comunicado pelo Senhor W. Solovioff; - mensagens mediúnicas da jovem Sofia Swoboda (444); - experiências do Senhor Th. Everitt e de Miss Florence Marryat; - mensagens provenientes de pessoas vivas; - fatos comunicados pelo juiz Edmonds e Senhor Aksakof.

II. - Ação extracorpórea do homem vivo, sob forma de efeitos físicos (fenômenos telecinéticos - deslocamento de objetos à distância).

- Fatos observados pela Senhora de Morgan, pela jovem Perty, Spicer,etc.

III. - Ação extracorpórea do homem vivo, traduzindo-se pela aparição de sua própria imagem (fenômenos telepáticos - aparição à distância).

- Aparições de duplos; - alucinações telepáticas; - o caso da jovem Emília Sagée; - fotografias de duplos; - comunicações dadas por duplos.

IV. - Ação extracorpórea do homem vivo manifestando sob a forma da aparição de sua imagem com certos atributos de corporeidade (fenômenos teleplásticos - formação de corpos materializados).

- Duplos materializados: os Davenports. - Srta. Fay. - Florence Cook; - verificação dos duplos pelo meio de impressões e de moldagens; - experiências do Senhor Crookes com o médium Home; - fato comunicado pelo Doutor Kousnetzoff; - o magnetizador H.E. Lewis; - o fantasma de um homem vivo batendo na porta; - a narração do Doutor Wyld; - o duplo do Rev. Th. Benning; - aparição do Senhor Wilson (referida pelo Doutor Britten); - uma moça alemã, achando-se na América, aparece a seus pais, na Alemanha; - um navio salvo pela aparição de um de seus passageiros em outro navio.

B. - O ESPIRITISMO - Ação mediúnica de um homem morto; desenvolvimento ulterior do Animismo.

- Conteúdo intelectual dos fenômenos; - causas anímicas e espiríticas; - verificação da personalidade; - a distinção entre a "personalidade" e a "individualidade", como devendo servir de chave para a compreensão dos fenômenos espiríticos.

I. - Identidade da personalidade de um morto verificada por comunicações em sua língua materna, desconhecida do médium.

- Exemplos tirados dos escritos do juiz Edmonds, da Senhora Turner. Hardinge Britten.

II.-Verificação da personalidade de um morto por comunicações dadas no estilo característico do morto, ou por expressões particulares, que lhe eram familiares - recebidas na ausência de pessoas que conheciam o morto.

- O romance inacabado de Charles Dickens; - comunicação do príncipe Sch., recebida pela jovem Bárbara. Pribitkoff; - comunicação transmitida por D. Home.

III. - Identidade da personalidade de um morto desconhecido do médium, verificada por comunicações dadas em escrita idêntica à que era conhecida durante a sua vida.

A grafologia; - comunicação de Stella, mulher do Senhor Livermore; - as doze mensagens de John Quincy Adams; o caso do Doutor Nichols; - a escrita direta; - narração do Senhor J.J. Owen e testemunho da Senhora Burchett; - experiência do Senhor Smart com o médium Spriggs; - experiência pessoal do Autor.

IV. - Identidade da personalidade de um morto verificada por uma comunicação proveniente dele, contendo um conjunto de pormenores relativo à sua vida, e recebida na ausência de qualquer pessoa que conhecera o morto.

-Testemunho de Robert Dale Owen: Violeta.

V. - Identidade da personalidade de um morto verificada pela comunicação de fatos que só puderam ser conhecidos pelo próprio morto e que somente ele pôde comunicar.

- O testamento do barão Korff; - exemplo citado por R. Dale Owen; - “Schoura”; - um fato observado pelo Autor.

VI.-Identidade da personalidade verificada por comunicações que não são espontâneas, como as que precedem, porém provocadas por apelos diretos ao morto e recebidas na ausência de pessoas que conheciam esse último.

- Observações do Doutor Wolfe sobre a leitura de cartas fechadas, pelo Senhor Mansfield; - insuficiência das hipóteses apresentadas pelo Doutor Hartmann para explicar a leitura dos pensamentos e a clarividência; - testemunhos do Reverendo Samuel Watson; - experiências de escrita direta, instituída pelo Senhor Colby com o Senhor Watkins, médium; - experiência curiosa com o médium Powell.

VII. - Identidade do morto verificada por comunicações recebidas na ausência de qualquer pessoa que o tivesse conhecido, e que revelam certos estados psíquicos ou provocam sensações físicas, próprias do morto.

- Comunicações de pessoas mortas em estado de desequilíbrio mental; - dores físicas de que tinha sofrido o morto, experimentadas pelo médium; - lei hipotética das manifestações.

VIII. - Identidade da personalidade de um morto atestada pela aparição de sua forma terrestre.

A) Aparição de um morto atestada pela visão mental do médium na ausência de pessoas que conhecem o morto Exemplo tirado da experiência pessoal do Autor.

B) Aparição de um morto atestada pela visão mental do médium e, simultaneamente, pela fotografia transcendente ou pela fotografia só, na ausência de pessoas que conhecem o morto.

- Exemplos referidos pelo Senhor A. (Oxon), pela Sra. Conant, Moses Dow, A. R. Wallace, e pelo Senhor Johnstone

Casos citados pelo Doutor Thomson, pelo Senhor Dow, pelo Senhor Evans e pelo Senhor Snipe.

C) Aparição da forma terrestre de um morto materializada, com provas de ordem intelectual em apoio.

Testemunho do Professor Wagner; - de que modo à semelhança não é uma prova de identidade; - fatos referidos pelo Senhor J. Sherman e pelo Senhor Livermore; - cessação das manifestações em conseqüência da materialização; - o elemento de mistificação.

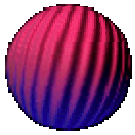
Considerações finais

A prova absoluta da identidade de um Espírito, no ponto de vista objetivo, é uma impossibilidade; - importância das provas subjetivas; - confusão, em relação ao Espiritismo, das idéias: espírito, tempo, espaço.

As hipóteses espiríticas segundo o Senhor Hartmann (222).

- refutação das dificuldades que o Senhor Hartmann opõe à "hipótese da inspiração"; - as pretensões da hipótese dos Espíritos não estão em contradição com o sistema filosófico do Doutor Hartmann; - os problemas do Espiritismo e do Animismo considerados como ramos da psicologia experimental; - a filosofia monisticas

***Notas de Rodapé**



Prefácio da Tradução Francesa (1)

A obra que apresentamos ao público não foi escrita com o intuito especial de defender a causa espírita, mas, sim, para preservar essa doutrina dos ataques sérios a que no futuro ficaria indubitavelmente exposta, desde que os fatos sobre os quais se baseia sejam admitidos pela Ciência.

A leitura deste livro produzirá certamente impressão profunda no espírito de todos aqueles que se preocupam com o problema da vida e meditam sobre os destinos humanos. Sem dúvida os espíritas só encontrarão aqui a confirmação, cientificamente formulada, de suas crenças; os incrédulos, querem o sejam de caso pensado, quer repousem apenas no quietismo de um cepticismo indiferente, ao menos serão levados á DÚVIDA, que resume, apesar de tudo, a suprema prudência no homem, quando este não tem, para sancionar as suas convicções, uma certeza absoluta.

A uma pena muito mais autorizada do que a minha caberia apresentar "Animismo e Espiritismo" aos leitores franceses. Mas nenhuma necessidade deste gênero se impõe, porque o nome do escritor basta para recomendar sua obra e, demais, o seu "Prefácio" justifica amplamente, perante todos os pensadores, a publicação do livro: expõe de maneira admirável a profissão de fé do Autor e faz conhecer claramente o fim que ele se propôs. Nada mais se poderia acrescentar aí.

Meu papel deve, pois, limitar-se a mencionar rapidamente algumas particularidades referentes às origens deste trabalho.

Conforme se pode ver no frontispício do volume, foi este uma resposta à brochura que o bem conhecido filósofo alemão Eduardo Von Hartmann - continuador de Schopenhauer - publicou em 1885, sobre o Espiritismo.

A primeira edição original (alemã) de “Animismus und Spiritismus” (Leipzig, 1890) (2) provocou da parte do Doutor Von Hartmann uma réplica intitulada “A hipótese dos Espíritos e seus fantasmas” (Berlim, 1891), na qual ele volta, com insistência, aos argumentos de que já se tinha servido. Desta vez foi o sábio Carl Du Prel quem se encarregou de continuar, contra esse adversário tão temível, a polêmica que o Senhor Aksakof infelizmente não podia continuar, devido ao seu estado de saúde.

Nem a resposta do Doutor Carl Du Prel nem as duas publicações do Doutor Von Hartmann foram até agora traduzidas para o francês; esta lacuna, porém, não diminuirá sensivelmente o interesse que o leitor atento há de encontrar nesta obra, notando-se que o Autor nela reproduz “in extenso” os principais argumentos de seu adversário.

Resta-me dar algumas indicações sobre as fontes de que me servi para imprimir a esta tradução uma fidelidade tão escrupulosa quanto possível.

Traduzi do próprio texto alemão as numerosas citações extraídas do livro do Doutor Von Hartmann. As indicações se referem, pois, naturalmente à edição alemã; porquanto, como já o disse, acima, nenhuma tradução francesa existe desse livro. À parte do texto primitivo de “Animismo e Espiritismo”, escrita em francês pelo Autor, permitiu-me fixar na tradução uma terminologia já consagrada pelo próprio Autor. No que respeita às alterações feitas na edição russa, que veio à luz em 1893, consultei cuidadosamente essa edição; quanto às citações de origem inglesa, não pude ter à vista todos os textos originais, e vi-me assim obrigado, acerca de muitos deles, a limitar-me às traduções alemã e russa, as quais, apresso-me em dizê-lo, nada deixam a desejar.

Tenho necessidade, depois desta documentação, de solicitar a indulgência do leitor?

Conto que os meus esforços serão apreciados com retidão por aqueles que se interessam por estas questões de uma importância de ordem tão elevada.

Não posso deixar de, concluindo, exprimir o meu mais vivo reconhecimento ao meu sábio amigo, o Doutor H., pelo precioso concurso que generosamente me prestou. Recorri aos seus conhecimentos para a tradução de diversos trechos de ordem cientifica e técnica; e posso dizer que sempre recebi dele pareceres tão esclarecidos quanto benevolentes.

Devo, finalmente, agradecer ao Senhor Leymarie haver-me confiado este trabalho tão delicado quanto interessante.

B. Sandow

Prefácio da Edição Alemã

Hoje, que afinal está pronta a minha resposta ao Senhor Hartmann, depois de quatro anos de trabalho realizado no meio de sofrimentos morais e físicos, não julgo inútil dar, às pessoas que lerem a minha obra, algumas palavras de explicação para guiá-las em sua leitura.

O Senhor Hartmann, escrevendo a sua obra sobre o Espiritismo, imaginou, para explicar os seus fenômenos, uma teoria baseada, unicamente na aceitação condicional de sua realidade, isto é, só os admitindo provisoriamente, com os caracteres que lhes são atribuídos nos anais do Espiritismo. Por conseguinte, o objetivo geral do meu trabalho não foi provar e defender a todo o custo a realidade dos fatos mediúnicos, mas aduzir d sua explicação um método crítico, conforme as regras indicadas pelo Senhor Hartmann.

E pois um trabalho comparável à solução de uma equação algébrica cujas incógnitas só tivessem um valor convencionado.

O primeiro CAPÍTULO, que trata das materializações, é o único que se distingue, debaixo deste ponto de vista, do resto da obra:, porque aqui o Senhor Hartmann, admitindo completamente a realidade subjetiva ou psíquica do fenômeno considerado por ele como uma alucinação, tinha exigido, para a aceitação de sua realidade objetiva, certas condições de experimentação, às quais eu tratei de satisfazer.

Assim, pois, não tenho que tomar a defesa dos fatos nem perante os espíritas, que não duvidam deles, nem perante os que negam a priori, porque se trata aqui, não de discuti-los, mas de procurar a sua explicação.

E indispensável que esse estado de coisas seja fixado desde já, a fim de que as pessoas não espíritas, que pensarem em criticar-me, não sigam caminho falso, obstinando-se como de ordinário em afirmar a impossibilidade, a inverossimilhança, a fraude inconsciente ou consciente, etc.

Quanto às criticas que tiverem por fim pôr em relevo os erros de aplicação do método, elas serão bem-vindas para mim.

Dito isso uma vez por todas, precisarei que o fim especial de meu trabalho foi investigar se os princípios metodológicos, propostos pelo Senhor Hartmann, bastam, como ele afirma, para dominar o conjunto dos fenômenos mediúnicos e para dar deles uma “explicação natural” - segundo a sua expressão -, que seja ao mesmo tempo simples e racional. Melhor ainda: as hipóteses explicativas do Senhor Hartmann, uma vez admitidas, excluem verdadeiramente toda a necessidade de recorrer à hipótese espirítica?

Ora, as hipóteses propostas pelo Senhor Hartmann são bastante arbitrárias, ousadas, vastas; por exemplo:

Uma força nervosa que produz, fora do corpo humano, efeitos mediúnicos e plásticos;

Alucinações duplas dessa mesma força nervosa, produzindo igualmente efeitos físicos e plásticos;

Uma consciência sonambúlica latente que é capaz - achando-se o indivíduo no estado normal - de ler, no fundo intelectual de outro homem, o seu presente e o seu passado;

E, finalmente, essa mesma consciência dispondo, também no estado normal do indivíduo, de uma faculdade de clarividência que o põe em relação com o Absoluto, e lhe dá, por conseguinte, o conhecimento de tudo o que existe e existiu. E preciso convir que com fatores tão poderosos, o último dos quais é positivamente “sobrenatural” ou “metafísico” - no que o Senhor Hartmann está de acordo -, toda a discussão se torna impossível. Mas é preciso fazer ao Senhor Hartmann esta justiça: ele mesmo tentou fixar as condições e os limites dentro dos quais cada uma destas hipóteses é aplicável.

A minha tarefa era pois indagar se não há fenômenos em que as hipóteses do Senhor Hartmann são impotentes para explicar - nos limites ou condições em que elas são aplicáveis segundo suas próprias regras.

Afirmando a existência de tais fenômenos, sustentei bem a minha tese? Não compete a mim pronunciar-me sobre esse ponto.

*

Interesso-me pelo movimento espírita desde 1855, e, desde então, não deixei de estudá-lo em todas as suas particularidades e através de todas as literaturas. Durante muito tempo aceitei os fatos apoiados em testemunho alheio; foi só em 1870 que assisti à primeira sessão, em um círculo intimo que eu tinha organizado. Não fiquei surpreendido de verificar que os fatos eram realmente tais quais me tinham sido referidos por outros; adquiri a convicção profunda de que eles nos ofereciam - como tudo o que existe na Natureza - uma base verdadeiramente sólida, um terreno firme para a fundação de uma ciência nova que seria talvez capaz, em futuro remoto, de fornecer ao homem a solução do problema da sua existência. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para tornar os fatos conhecidos e atrair sobre o seu estudo a atenção dos pensadores isentos de preconceitos.

Mas, enquanto me entregava a esse trabalho exterior, um trabalho interior se realizava.

Acredito que todo observador sensato, desde que começa a estudar esses fenômenos, fica impressionado por estes dois fatos incontestáveis: o automatismo evidente das comunicações espirítica e a falsidade arrogante, e do mesmo modo evidente, do seu conteúdo; os nomes ilustres, com que elas são freqüentemente assinadas, constituem a melhor prova de que essas comunicações não são o que pretendem; o mesmo sucede relativamente aos fenômenos físicos simples; é do mesmo modo evidente que eles se

produzem sem a menor participação consciente do médium, e nada, à primeira vista, justifica a suposição de uma intervenção dos “espíritos”. E só mais tarde, quando certos fenômenos de ordem intelectual nos obrigam a reconhecer uma força inteligente extramediúnica, é que esquecemos as primeiras impressões e encaramos com mais indulgência à teoria espirítica em geral.

Os materiais que eu tinha acumulado quer pela leitura, quer pela experiência prática, eram consideráveis, mas a solução do problema não vinha. Pelo contrário, passando os anos, os lados fracos do Espiritismo tornavam-se cada vez mais visíveis: a banalidade das comunicações, a pobreza de seu conteúdo intelectual, ainda quando elas não são banais, o caráter mistificador e falso da maioria das manifestações, a inconstância dos fenômenos físicos, quando se trata de submetê-los à experiência positiva, a credulidade, a preocupação, o entusiasmo irrefletido dos espíritas e dos espiritualistas, finalmente a fraude que fez erupção com as sessões às escuras e com as materializações - que eu conheço não só pela leitura, mas que fui coagido a verificar por minha própria experiência nas relações com os médiuns profissionais de maior nomeada -, em suma, uma multidão de dúvidas, objeções, contradições e perplexidades de toda a espécie, só concorriam para agravar as dificuldades do problema.

As impressões de momento, os argumentos que nos vêm assaltar, fazem passar o espírito de um a outro extremo e o lançam na dúvida e na aversão mais profunda. Deixando-nos deslizar sobre esse plano-inclinado, acabamos freqüentemente por esquecer o pro, para não ver senão o contra. Muitas vezes, ocupando-me com essa questão, o meu espírito deteve-se sobre as grandes ilusões pelas quais a Humanidade passou em sua evolução intelectual; recapitulando todas as teorias errôneas, desde a da imobilidade da Terra e da marcha do Sol, até as hipóteses admitidas pelas ciências abstratas e positivas, perguntei a mim mesmo se o Espiritismo não estava destinado a ser uma dessas ilusões? Entregando-me a essas impressões desfavoráveis, facilmente me teria desanimado, mas eu tinha para me sustentar considerações mais elevadas e uma série de fatos incontestáveis que tinham, para advogar a sua causa, um defensor onipotente: a própria Natureza.

Eu desejava, havia já muito tempo, orientar-me nesse conjunto de fatos, de observações e de idéias; pelo que fico muito reconhecido ao Senhor Hartmann por ter tomado a resolução de nos dar a sua crítica sobre o Espiritismo; ele coagiu-me a entregar-me ao trabalho e, ao mesmo tempo, me auxiliou muito, fornecendo-me o plano, o método necessário para dirigir-me nesse caos.

Dediquei-me ao trabalho com tanto mais boa vontade, por isso que as armas criadas pelo Senhor Hartmann, para o ataque, foram muito poderosas, onipotentes mesmo: ele próprio não disse que sob o golpe dessas armas nenhuma teoria espírita resistiria?

O seu distinto tradutor inglês, o Senhor C. C. Massey, admite também que essa obra é o golpe mais forte que foi vibrado contra o Espiritismo. E, como um fato proposital, a obra do Senhor Hartmann apareceu justamente no momento em que a disposição céptica do meu espírito se tornava preponderante.

Se, por conseguinte, depois de atento exame de todos os fenômenos mediúnicos, eu tivesse verificado que as hipóteses do Senhor Hartmann podiam abranger a todos, dando-lhes uma explicação simples e racional, não teria hesitado em abjurar completamente a hipótese espirítica. A verdade subjuga.

Só pude orientar-me nesse Dédalo de fatos com o auxilio de um índice sistemático, composto à proporção das minhas leituras; grupando-os sob diferentes rubricas, gêneros e sub-gêneros, segundo o valor de seu conteúdo e as condições de sua produção, chegamos (por via de eliminação ou por gradação) dos fatos simples a fatos mais complexos, necessitando de uma nova hipótese.

As obras espirítica, e, principalmente os jornais, carecem completamente de índice sistemático. Por exemplo: o que o Senhor Blackburn acaba de publicar, para todos os anos do Spiritualist, não pode ser de utilidade alguma para um estudo crítico. Meu trabalho será o primeiro ensaio desse gênero e espero que ele possa servir pelo menos de manual ou de guia para a composição dos índices sistemáticos dos fenômenos mediúnicos, índices indispensáveis para o estabelecimento e verificação de todo o método critico, aplicado ao exame e à explicação desses fatos.

O grupamento dos fenômenos e sua subordinação, eis o verdadeiro método que deu tão grandes resultados no estudo dos fenômenos do mundo visível, e que dará não menos importantes quando for aplicado ao estudo dos fenômenos do mundo invisível ou psíquico.

O que proporcionou ao Espiritismo um acolhimento tão pouco razoável e tão pouco tolerante, foi que, desde a sua invasão na Europa debaixo da sua forma mais elementar, as mesas girantes e falantes, o conjunto de todos os seus fenômenos- foi imediatamente atribuído, pela massa, aos “espíritos”.

Esse erro era, entretanto, inevitável, e, por conseguinte, desculpável em presença de fatos sempre mais numerosos, tão novos quão misteriosos e de natureza a encher de admiração as testemunhas entregues às suas próprias conjecturas. Por sua vez, os adversários do Espiritismo caíam no extremo oposto, nada querendo saber dos “espíritos” e negando tudo. Aqui, como sempre, a verdade se encontra entre os dois.

Para mim a luz só começou a despontar no dia em que o meu índice me forçou a introduzir a rubrica do Animismo, isto é, quando o estudo atento dos fatos me obrigou a admitir que todos os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo - conclusão que não repousava sobre uma simples hipótese ou sobre uma afirmação gratuita, mas sobre o testemunho irrecusável dos próprios fatos -, donde esta conseqüência, que a atividade psíquica inconsciente do nosso ser não é limitada à periferia do corpo e não apresenta um caráter exclusivamente psíquico, mas pode também transpor os limites do corpo, produzindo efeitos físicos e mesmo plásticos; por conseguinte, essa atividade pode ser intracorpórea ou extracorpórea.

Essa última oferece um campo de exploração inteiramente novo, cheio de fatos maravilhosos, geralmente considerados como sobrenaturais; é esse domínio, tão imenso, senão mais, do que o do Espiritismo, que designei sob o nome de Animismo, a fim de distingui-lo daquele de uma maneira categórica.

E' extremamente importante reconhecer e estudar a existência e a atividade desse elemento inconsciente da nossa natureza, nas suas mais variadas e mais extraordinárias manifestações como as vemos no Animismo. Só tomando esse ponto de partida é que é possível dar uma razão de ser aos fenômenos e às pretensões do Espiritismo, pois que, se alguma coisa sobrevive ao corpo e persiste, é precisamente o nosso inconsciente, ou, melhor, essa consciência interior que não conhecemos presentemente, mas que constitui o elemento primordial de toda individualidade.

Dessa maneira, temos à nossa disposição não uma, porém três hipóteses, suscetíveis de fornecer a explicação dos fenômenos mediúnicos, hipóteses cada uma das quais tem a sua razão de ser para a interpretação de uma série de fatos determinados; por conseguinte, podemos classificar todos os fenômenos mediúnicos em três grandes categorias que se poderiam designar da maneira seguinte:

1° - Personismo - Fenômenos psíquicos inconscientes, produzindo-se -nos limites da esfera corpórea do médium, ou intramediunicos, cujo caráter distintivo é, principalmente, a personificação, isto é, a apropriação (ou adoção) do nome e muitas vezes do caráter de uma personalidade estranha à do médium. Tais são os fenômenos elementares do mediunismo: a mesa falante, a escrita e a palavra inconsciente. Temos aqui a primeira e a mais simples manifestação do desdobramento da consciência, esse fenômeno fundamental do mediunismo. Os fatos dessa categoria nos revelam o grande fenômeno da dualidade do ser psíquico, da não identidade do “eu” individual, interior, inconsciente, com o “eu” pessoal, exterior e consciente; eles nos provam que a totalidade do ser psíquico, seu centro de gravidade, não está no “eu” pessoal; que esse último não é mais do que a manifestação fenomenal do “eu” individual (numenal); que, por conseguinte, os elementos dessa fenomenalidade (necessariamente pessoais) podem ter um caráter múltiplo - normal, anormal ou fictício -, segundo as condições do organismo (sono natural, sonambulismo, mediunismo). Esta rubrica dá razão às teorias da “cerebração inconsciente” de Carpenter, do “sonambulismo inconsciente ou latente” do Doutor Hartmann, do “automatismo psíquico” dos Srs. Myers, Janet e outros.

Por sua etimologia, a palavra pessoa seria inteiramente apta para justificar o sentido que convém dar à palavra personismo. No latim persona se referia antigamente à máscara que os atores colocavam no rosto para representar a comédia, e mais tarde se designou por esta palavra o próprio ator.

2° - Animismo - Fenômenos psíquicos inconscientes se produzidos fora dos limites da esfera corpórea do médium ou extramediúnicos (transmissão do pensamento, telepatia, telecinesia, movimentos de objetos sem contacto, materialização). Temos aqui a manifestação culminante do desdobramento psíquico; os elementos da personalidade transpõem os limites do corpo e manifestam-se, à distância, por efeitos não

somente psíquicos, porém ainda físicos e mesmo plásticos, e indo até à plena exteriorização ou objetivação, provando por esse meio que um elemento psíquico pode ser, não somente um simples fenômeno de consciência, mas ainda um centro de força substancial pensante e organizadora, podendo também, por conseguinte, organizar temporariamente um simulacro de órgão, visível ou invisível, e produzindo efeitos físicos.

A palavra alma (anima), com o sentido que tem geralmente no Espiritismo e no Espiritualismo, justifica plenamente o emprego da palavra animismo. Segundo a noção espirítica, a alma não é o "eu" individual (que pertence ao Espírito), porém o envoltório, o corpo fluídico ou espiritual desse "eu". Por conseguinte, nós teríamos, nos fenômenos anímicos, manifestações da alma, como entidade substancial, o que explicaria o fato de essas manifestações poderem revestir também um caráter físico ou plástico, segundo o grau de desagregação do corpo fluídico ou do "perispírito", ou ainda do "metaorganismo", segundo a expressão de Hellenbach. E, como a personalidade é o resultado direto do nosso organismo terrestre, segue-se dai naturalmente que os elementos anímicos (pertencentes ao organismo espiritual) são também os portadores da personalidade.

3° - Espiritismo - Fenômenos de personismo e de animismo na aparência, porém que reconhecem uma causa extramediúnica, supraterrestre, isto é, fora da esfera da nossa existência. Temos aqui a manifestação terrestre do "eu" individual por meio daqueles elementos da personalidade que tiveram a força de manter-se em roda do centro individual, depois de sua separação do corpo, e que se podem manifestar pela mediunidade ou pela associação com os elementos psíquicos homogêneos de um ser vivo. Isso faz que os fenômenos do Espiritismo, quanto ao seu modo de manifestação, sejam semelhantes aos do personismo e do animismo, e não se distinga deles a não ser pelo conteúdo intelectual que trai uma personalidade independente.

Uma vez admitidos os fatos dessa última categoria, claro é que a hipótese que daí resulta pode igualmente ser aplicada aos fatos das duas primeiras categorias; ela não é mais do que o desenvolvimento ulterior das hipóteses precedentes. A única dificuldade que se apresenta é que, muitas vezes, as três hipóteses podem servir com o mesmo fundamento para a explicação de um só e mesmo fato. Assim, um simples fenômeno de personismo poderia também ser um caso de animismo ou de Espiritismo. O problema é pois decidir a qual dessas hipóteses é preciso atender, pois que se enganaria quem pensasse que uma só é bastante para dominar todos os fatos. A crítica proíbe ir além da que basta para a explicação do caso submetido à análise (3).

Assim, pois, o grande erro dos partidários do Espiritismo é ter querido atribuir todos os fenômenos, geralmente conhecidos sob esse nome, aos "espíritos". Este nome, por si só, basta para nos insinuar em um mau caminho. Ele deve ser substituído por um outro, por um termo genérico, não envolvendo hipótese alguma, doutrina alguma, como por exemplo à palavra mediunismo, denominação que desde muito tempo introduzimos na Rússia.

Toda verdade nova, no domínio das ciências naturais, faz seu caminho lentamente, gradualmente, porém seguramente.

*

Foram precisos cem anos para fazer aceitar os fatos do magnetismo animal, posto que eles sejam muito mais fáceis de obter e de estudar do que os do mediunismo. Depois de muitas vicissitudes, eles romperam finalmente as barreiras altivas do "ignorabimus" dos sábios; a Ciência teve que lhes fazer bom acolhimento, e acabou por adotar esse filho bem legitimo, batizando-o com o nome de hipnotismo. E verdade que essa ciência nova mantém-se, principalmente em suas formas elementares, sobre o terreno fisiológico. Mas a sugestão verbal conduzirá fatalmente à sugestão mental, e já se elevam vozes que o afirmam.

E' o primeiro passo no caminho do supra-sensível. Chegar-se-á, mui natural e inevitavelmente, a reconhecer o imenso domínio dos fenômenos telepáticos, e um grupo de sábios intrépidos e infatigáveis já os estudaram, aceitaram e classificaram. Esses fatos têm um alto valor para a explicação e legitimação dos

outros fatos, querem anímicos, querem espirítico. Ainda um pouco, e eis chegados aos fatos de clarividência - eles já batem nas portas do santuário!

O Hipnotismo é a cunha que forçará as barreiras materialistas da Ciência, para fazer penetrar nelas o elemento supra-sensível ou metafísico. Ele já criou a psicologia experimental (4), que acabará fatalmente por compreender os fatos do Animismo e do Espiritismo, os quais, por sua vez, terminarão na criação da metafísica experimental como o predisse Schopenhauer.

Hoje, graças às experiências hipnóticas, a noção da personalidade sofre uma completa revolução. Não é mais uma unidade consciente, simples e permanente, como o afirmava a antiga escola, porém uma "coordenação psicológica", um conjunto coerente, um consenso, uma síntese, uma associação dos fenômenos da consciência, enfim, um agregado de elementos psíquicos; por conseguinte, uma parte desses elementos pode, em certas condições, se dissociar, se destacar do núcleo central, a tal ponto que esses elementos tomem por temporário o caráter de uma personalidade independente. Eis uma explicação provisória das variações e dos desdobramentos da personalidade, observados no sonambulismo e no hipnotismo.

Nessa explicação já divisamos o gérmen de uma hipótese plausível para os fenômenos do mediunismo, e efetivamente começa-se a aplicá-lo aos fenômenos elementares, que os senhores sábios condescendem em reconhecer presentemente sob o nome de "automatismo psicológico". (Ver os Srs. Myers, Charles Richet, P. Janet.)

Se a Ciência não tivesse desprezado os fatos do magnetismo animal, desde o começo, os seus estudos sobre a personalidade teriam dado um passo imenso e teriam entrado no domínio do saber comum; o vulgo se teria então comportado de modo diferente a respeito do Espiritismo, e a Ciência não teria tardado em ver, nesses fenômenos superiores, um novo desenvolvimento da desagregação psicológica, e essa hipótese com certos desenvolvimentos teria podido também se aplicar até a todos os outros gêneros de fenômenos mediúnicos; assim nos fenômenos superiores de ordem física (movimentos de objetos sem contacto, etc.), ela teria visto um fenômeno de desagregação de efeito físico, e, nos fatos de materialização, um fenômeno de desagregação de efeito plástico.

Um médium, conforme essa terminologia, seria um indivíduo no qual o estado de desagregação psicológica sobrevém facilmente, no qual, para empregar a expressão do Senhor Janet, "o poder de síntese psíquica fica enfraquecido e deixa escapar-se, para fora da percepção pessoal, um número mais ou menos considerável de fenômenos psicológicos" (5).

Como o Hipnotismo é em nossos dias um instrumento por meio do qual certos fenômenos de automatismo psicológico (de dissociação dos fenômenos da consciência, ou de desagregação mental) podem ser obtidos à vontade e submetidos à experimentação, com o mesmo fundamento, não hesitamos em afirmar que o Hipnotismo tornar-se-á em breve um instrumento por meio do qual quase todos os fenômenos do Animismo poderão ser submetidos a uma experimentação positiva, obedecendo à vontade do homem; a sugestão será o instrumento por meio do qual a desagregação psíquica transporá os limites do corpo e produzirá efeitos físicos à vontade (6).

Será também o primeiro passo para a produção à vontade de um efeito plástico, e o fenômeno conhecido em nossos dias sob o nome de "materialização" receberá o seu batismo científico. Tudo isso importa necessariamente na modificação das doutrinas psicológicas e as conduzirá a ponto de vista monístico, segundo o qual cada elemento psíquico é portador não só de uma forma de consciência, como ainda de uma força organizadora (7).

Dissecando a personalidade, a experimentação psicológica chegará a encontrar a individualidade, que é o núcleo transcendente das forças indissociáveis, em roda do qual vêm grupar-se os elementos múltiplos e dissociáveis que constituem a personalidade. E então que o Espiritismo fará valer os seus direitos. Somente ele pôde provar a existência e a persistência metafísica do indivíduo. E chegará o tempo em que, no ápice da possante pirâmide que a Ciência há de elevar com os inumeráveis materiais reunidos no domínio dos fatos não menos positivos quão transcendentes, ver-se-ão brilhar, acesos pelas mãos da própria Ciência, os fogos sagrados da Imortalidade.

*

Em último lugar, resta-me fazer apelo à indulgência dos meus leitores. Terminado o meu trabalho, vejo os seus defeitos melhor do que qualquer outra pessoa. Desejando não adiar a minha resposta ao Senhor Hartmann até a terminação completa do meu trabalho, isto é, até uma época indeterminada, comecei a publicá-lo imediatamente nos Psychische Studien por meio de artigos mensais, o que necessita sempre uma certa pressa e torna impossível a revisão de um CAPÍTULO em seu conjunto e, a fortiori, de todo o trabalho. Resultou dai uma certa desproporção das partes e defeitos na exposição, nas definições, etc., contra os quais me choco atualmente. Certos capítulos são muito longos e minuciosos, outros muito breves, sem falar nas repetições da argumentação.

E assim que lamento não ter dado, no capítulo consagrado à fotografia transcendente, o texto completo das experiências de Beattie, que considero muito importantes. Não fiz senão referir-me aos Psychische Studien. Para a minha tradução russa, retoquei toda essa parte da obra, e é essa última que serve de base à edição francesa. Por outro lado, lamento, pelo contrário, ter dado muito desenvolvimento, no CAPÍTULO das materializações, às experiências de moldagem e de fotografia, em vez de manter-me nos fatos que correspondiam diretamente às exigências do Doutor Hartmann; não vale a pena perder tanto tempo em simples questão de fatos cuja realidade objetiva não ocasiona dúvida alguma para os que tiveram ocasião de observá-los, e que não tardarão em adquirir. direito de cidadania com o conjunto dos fenômenos mediúnicos; finalmente, a sua importância teórica é apenas de segunda ordem.

Lamento também não ter podido dar ao CAPÍTULO Animismo, que é a parte essencial para a justificação do Espiritismo, um desenvolvimento mais sistemático e mais completo.

A grande dificuldade para mim foi à escolha dos fatos. Insisti sobre este ponto no começo do meu prefácio, e volto a ele, terminando-o. Disse com razão que o fim da minha obra não é tomar a defesa dos fatos, e é verdade, quando me coloco no ponto de vista do Senhor Hartmann; mas confesso que tinha também diante dos olhos um objetivo mais geral e que procurei sempre apresentar os fatos que correspondessem melhor às exigências da critica, pelas próprias condições de sua produção. Está aí o ponto vulnerável; pois que nenhuma condição, nenhuma medida de precaução que se tome, é bastante para convencer da realidade de um fato, enquanto esse fato é considerado uma impossibilidade pela opinião pública. E depois a possibilidade da fraude - consciente ou inconsciente -, possibilidade que se pode sempre admitir e cuja ausência não se pode provar, vem ainda agravar a dificuldade. Os fenômenos intelectuais oferecem, debaixo desse ponto de vista, um campo de estudo menos ingrato, pois que apresentam muitas vezes provas intrínsecas de sua autenticidade, que nenhum recurso à fraude está no caso de dar, a menos que se conclua pela hipótese de uma mentira universal. A refutação dessa hipótese está fora de todo o poder humano.

Por conseguinte, a fé moral é aqui, como em qualquer outro estudo humano, a base indispensável do progresso para a Verdade.

Não pude fazer outra coisa mais do que afirmar publicamente o que vi, ouvi ou senti; e quando centenas, milhares de pessoas afirmam a mesma coisa, quanto ao gênero do fenômeno, apesar da variedade infinita das particularidades, a fé no tipo do fenômeno se impõe.

Assim, não virei afirmar com insistência que cada fato que relatei se produziu exatamente, tal qual ele está descrito - pois que não há caso que não possa prestar-se à objeção - porém insisto no gênero do fato, eis o essencial. Sei que ele existe, e isso me é bastante para admitir as suas variedades. Vede os fatos de telepatia provados e colecionados com tanto cuidado e zelo pelos trabalhadores infatigáveis da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Eles convenceram a massa? Absolutamente não -, e ainda menos à Ciência. Ser-lhes-á preciso tempo, como o foi para o Hipnotismo; e, para os fatos de que tratei neste livro, será preciso mais tempo ainda.

Até então apenas se plantarão ao longo do caminho estacas, que um futuro, talvez não muito remoto, substituirá por colunas de granito.

Ainda uma palavra: no declínio da minha existência, pergunto às vezes a mim mesmo se procedi bem em consagrar tanto tempo, trabalho e recursos ao estudo e propagação de todos esses fenômenos. Não tomei caminho errado? Não persegui uma ilusão? Não sacrifiquei uma existência inteira sem que nada justificasse ou retribuísse os incômodos que me impus?

Mas sempre julgo ouvir a mesma resposta: para o emprego de uma existência terrestre, não pode haver objetivo mais elevado do que procurar provar a natureza transcendente do ser humano, chamado a um destino muito mais sublime do que a existência fenomenal!

Não posso, pois, lamentar ter consagrado toda a minha vida à aquisição desse objetivo, se bem que por caminhos impopulares e ilusórios, segundo a ciência ortodoxa, mas que eu sei que são mais infalíveis do que essa ciência. E, se consegui, de minha parte, trazer ainda que uma só pedra à ereção do templo do Espírito - que a Humanidade, fiel à voz interior, edifica através dos séculos com tanto labor - será para mim a única e mais alta recompensa a que posso aspirar.

S. Petersburgo, 3-15 de Fevereiro de 1890.
ALEXANDRE AKSAKOF

INTRODUÇÃO

A publicação da obra do Doutor Hartmann, sobre o Espiritismo, causou-me a mais viva satisfação. O meu mais sincero desejo foi sempre que um eminente filósofo não pertencente ao campo espírita se ocupasse dessa questão de uma maneira absolutamente séria, depois de ter adquirido um conhecimento aprofundado de todos os fatos atinentes ao assunto; desejava que ele os submetesse a um exame rigoroso, sem levar em conta as idéias modernas, os princípios morais e religiosos que nos governam; esse exame devia pertencer à lógica pura, baseada na ciência psicológica.

Caso ele chegasse à conclusão de que a hipótese proposta pelo Espiritismo era ilógica, eu desejaria que ele me indicasse as razões, o porquê disso, e qual seria a seu ver a hipótese que corresponderia melhor às exigências da ciência contemporânea.

Debaixo desse ponto de vista, a obra do Doutor Hartmann constitui uma obra de mestre e apresenta a mais elevada importância para o Espiritismo.

Em nosso jornal hebdomadário, o Rebus, que se publica em São Petersburgo, anunciei o aparecimento dessa obra em um artigo intitulado: Um acontecimento no mundo do Espiritismo, artigo no qual eu disse entre outras coisas: “O livro do Senhor Von Hartmann é para os espíritas um guia que os porá em condições de estudar uma questão dessa natureza e de formar uma idéia do cuidado com o qual devem conduzir as suas experiências, e da circunspeção de que devem usar tirando suas conclusões para afrontar com confiança a critica da ciência contemporânea”.

Imediatamente propus ao Rebus publicar a tradução daquela obra, como tinha feito o jornal Light, de Londres; atualmente o livro do Doutor Hartmann apareceu ao mesmo tempo no Rebus e em volume separado.

Podemos pois esperar que com o concurso de um pensador, tal qual o Senhor Hartmann (temos todo o fundamento em acreditar que, no futuro, ele não nos recusará o auxilio das suas luzes) - esta questão, cuja incomensurável importância para o estudo do homem começa a aparecer, será finalmente posta na ordem do dia, há de impor e provocar a apreciação a que tem direito.

Todos os meus esforços na Alemanha (país que consideramos ocupar o primeiro lugar no estudo das questões filosóficas) tiveram por fim atrair para o Espiritismo a atenção imparcial dos seus sábios, na esperança de obter o seu apoio e as indicações necessárias para continuar o estudo racional dessa questão.

A Alemanha oferecia, para a investigação e discussão de tal assunto, o terreno livre que eu não podia encontrar na Rússia de vinte anos passados; procedi da maneira seguinte: publiquei em tradução alemã os materiais mais importantes colhidos na literatura inglesa, sobre esse assunto; em seguida, a contar do ano de 1874, editei, em Lípsia, um jornal mensal Psychische Studien, que tinha como missão popularizar esses escritos. Os meus esforços foram acolhidos por violenta oposição; os sábios alemães em sua maioria não

queriam absolutamente tratar dessa questão julgada indigna; negavam os fatos, condenavam a teoria, e isso apesar da atitude animadora de muitos escritores célebres, tais como Emmanuel Fichte, Franz Hoffmam, Maximiliano Perty e outros que me prestaram o seu apoio, quer pela palavra, quer pela ação, publicando artigos no meu jornal. A entrada do Senhor Zollner em cena deu uma nova direção à controvérsia. Os materiais que eu tinha preparado para a comissão espírita, nomeada em 1875 pela Universidade de São Petersburgo, materiais que importavam na demonstração ad oculos de fatos tangíveis, na pessoa do Doutor Slade, e que não foram utilizados pela dita comissão, que tinha pressa em dissolver-se, não tardaram entretanto em produzir seus frutos na Alemanha.

Quando o professor Zollner, pelo fato do êxito das suas experiências com Slade, quis adquirir um conhecimento mais amplo nessa matéria, encontrou, com satisfação, tudo o que lhe era necessário, nas minhas diversas publicações. Por mais de uma vez, ele me testemunhou a sua gratidão, e a verificação que ele fez da realidade dos fenômenos mediúnicos produziu na Alemanha uma sensação imensa.

Logo depois apareceram as obras do Barão Hellenbach, que foi, na Alemanha, o primeiro pesquisador independente nessa ordem de fenômenos. Ele foi em breve seguido nesse caminho por um outro pensador distinto, o Doutor Carl Du Prel. Demais, depois de Zollner, a questão espírita tinha engendrado na Alemanha uma literatura completa.

Ao mesmo tempo, as demonstrações públicas do magnetizador-hipnotizador Hansen produziram uma revolução no domínio do magnetismo animal. Esses fenômenos, negados e difamados sistematicamente durante um século, foram finalmente coligidos pela Ciência; as maravilhas do hipnotismo, reconhecidos hoje em toda a sua realidade, preparam o caminho que deve conduzir à aceitação das maravilhas mediúnicas.

Talvez seja mesmo devido a esse concurso de circunstâncias que devemos o aparecimento do livro de Hartmann, porque é precisamente sobre a teoria da sugestão mental em geral e da sugestão das alucinações em particular, que esse filósofo baseou uma parte essencial da sua hipótese.

Aqui também, o meu humilde trabalho preparatório prestou notáveis serviços, porque foi na maior parte em minhas publicações alemãs e no meu jornal Psychische Studien que Hartmann tirou os fatos que lhe serviram para formular o seu juízo sobre a questão espírita. Ele me deu mesmo a honra de recomendar o meu jornal como particularmente útil para o estudo desse assunto.

Finalmente, desde o momento em que Hartmann insiste sobre a necessidade de submeter os fenômenos mediúnicos a um exame científico e pede que o Governo nomeie para esse fim comissões científicas, posso com toda a confiança considerar a minha atividade na Alemanha como tendo atingido em cheio o seu alvo; tenho todas as razões de acreditar que, desde o momento em que uma voz tão autorizada se fez ouvir para proclamar a necessidade de semelhante investigação, a questão espírita fará sozinha o seu caminho na Alemanha. Por conseguinte é preciso que eu me retire para consagrar o resto das minhas forças à continuação da minha obra na Rússia.

Entretanto, antes de retirar-me, seria talvez útil que expusesse aos leitores do meu jornal as razões que não me permitem aceitar sem reservas as hipóteses e as conclusões do Doutor Hartmann, as quais devem ser de uma autoridade muito grande, não somente para a Alemanha, mas ainda para o mundo filosófico inteiro. O motivo que me leva a isso não provém de maneira alguma do fato de o Doutor Hartmann se ter pronunciado decididamente contra a hipótese espírita; por ora, considero o lado teórico como colocado em segunda plana, como de importância secundária, e até prematura, no ponto de vista estritamente científico; finalmente o próprio Senhor Hartmann o reconhece quando diz: “Os materiais de que dispomos não são suficientes para considerar essa questão como amadurecida para a discussão.” (Der Spiritismus, página 14.) O meu programa foi sempre prosseguir antes de tudo na pesquisa dos jatos, para estabelecer a sua realidade, seguir o seu desenvolvimento, e estudá-los, na, qualidade de fatos, em toda a sua prodigiosa variedade. Na minha opinião, passar-se-á por muitas hipóteses antes de chegar a uma teoria suscetível de ser universalmente adotada como a única verdadeira, enquanto que os fatos, uma vez bem estabelecidos, ficarão adquiridos para sempre. Enunciei essa opinião há cerca de vinte anos, publicando uma tradução russa da obra do Doutor Hare (Pesquisas experimentais sobre as manifestações dos Espíritos), nesses termos:

“A teoria e os fatos são duas coisas distintas; os erros da primeira nunca poderão destruir a força desses últimos, etc.” (Ed. alemã, pág. LVIII.)

No meu prefácio à edição russa de William Crookes, escrevia ainda:

“Quando o estudo dessa questão fizer parte do domínio da Ciência, passará por muitas fases que corresponderão aos resultados obtidos: l° - verificação dos fatos espiritualistas; 2° - verificação da existência de uma força desconhecida; 3° - verificação da existência de uma força inteligente desconhecida; 4° - pesquisa da fonte dessa força, a saber; acha-se ela dentro ou fora- do homem? é subjetiva ou objetiva? A solução desse problema constituirá a prova definitiva, o experimentum crucis dessa questão; a Ciência será então chamada a pronunciar o mais solene veredicto que jamais foi pedido à sua competência. Se esse juízo for afirmativo para a segunda alternativa, isto é, se ele decidir que a força em questão dimana de uma fonte fora do homem, então começará o quinto ato, uma imensa revolução na Ciência e na Religião.” (Ed. alemã, pág. XI-XIII.)

Onde nos achamos atualmente? Podemos afirmar que estamos no quarto ato? Não o creio. Acredito de preferência que estamos ainda no prólogo do primeiro ato, pois a questão, quanto aos próprios fatos, não é ainda admitida pela Ciência que não os quer reconhecer! Estamos mui distantes ainda da verdadeira teoria, principalmente na Alemanha, onde a parte fenomenal dessa questão está tão pouco desenvolvida que ali há falta quase total de médiuns, com força suficiente para as exigências do estudo experimental.

Todos os fatos sobre os quais Hartmann baseia a sua argumentação foram adquiridos fora da Alemanha; o Senhor Hartmann não teve sequer ensejo de observá-los pessoalmente. E verdade que ele teve a coragem mui meritória de aceitar os testemunhos de outrem, porém ninguém poderá negar que em tal questão as experiências pessoais sejam de uma importância capital. Mais ainda, o limite, onde podem atingir esses fatos, está longe de ser traçado; a sua expansão, e o seu desenvolvimento são lentos, porém constantes; o que Hartmann exige deles, no ponto de vista da critica, deve ainda ser adquirido.

Como prova de que não opto pelo triunfo exclusivo de uma ou de outra das hipóteses espíritas, apelo para o fato seguinte: Deixei ao meu estimado colaborador, o Senhor Wittig, plena liberdade de publicar sobre os fenômenos em questão a sua idéias pessoais que tendem a procurar a sua explicação na teoria chamada psíquica, antes que na teoria espírita.

Mas professando uma tolerância inteiramente perfeita a respeito das diversas teorias propostas, não posso manter a mesma atitude passiva perante a ignorância dos fatos, o seu esquecimento, a sua supressão, desde que eles não parecem estar de acordo com a hipótese emitida. Aquele que deseja ser absolutamente imparcial no estudo de problema tão complicado, necessariamente nunca deve perder de vista a totalidade, o conjunto dos fatos já adquiridos; mas, infelizmente, um dos erros ordinários que cometem os promotores de uma hipótese é que, pretendendo a todo o transe dar razão ao seu sistema, esquecem ou passam em silêncio os fatos que precisamente se trata de explicar.

E nessa ordem de idéias que eu me vi forçado a sustentar uma polemica com o Senhor Wittig, o qual levou o desenvolvimento da sua hipótese até a falar da fotografia de uma alucinação, o que é uma flagrante contradictio in adjecto.

E provavelmente esta polêmica que visa o Senhor Hartmann quando diz que o Senhor Wittig não pôde elevar a voz para a defesa da sua teoria “senão em uma luta contra o próprio editor do jornal” (Spiritismo, pág. 2). Se houve luta, não foi empenhada em defesa da própria hipótese, porém pela, causa da lógica e da imparcialidade que se deve aos fatos.

A critica do Senhor Hartmann é inteiramente baseada sobre a aceitação provisória (condicional) da realidade dos fatos espíritas, à exceção dos fenômenos de materialização, que ele nega pura e simplesmente. Essa licença, por si só, não poderia ser deixada sem réplica. Mas, independentemente da materialização, há numerosos fatos que escaparam ao conhecimento do Senhor Hartmann, ou sobre os quais ele guardou silêncio, ou antes, cujas particularidades ele não apreciou devidamente. Ora, julgo do meu dever apresentar todos esses fatos, fazendo sobressair deles o seu justo valor. Aproveitar-me-ei dessa oportunidade para oferecer as conclusões às quais cheguei depois de longos estudos sobre esse assunto, conclusões que não publiquei antes do aparecimento desta obra.

RESUMO HISTÓRICOS DAS TEORIAS ANTIESPIRÍTICAS

Em relação às teorias, a obra do Senhor Hartmann nada apresenta de novo. A força neurítica, a transmissão do pensamento, o sonambulismo, tudo isso já tinha sido posto em foco, uma explicação natural, desde o começo, para dar dos fenômenos espíritas.

Mais tarde, quando se teve que contar com os fenômenos de materialização, recorreu-se ao argumento das alucinações.

O mérito capital do trabalho do Senhor Hartmann consiste no desenvolvimento sistemático desses princípios e na classificação metódica de todos os fatos que se referem a essa questão. Acredito entretanto que um olhar rápido sobre os trabalhos daqueles que precederam o Senhor Hartmann não seria sem interesse, nem para os leitores, nem para o próprio Senhor Hartmann.

Certamente seria bem difícil e inútil entrar em particularidades minuciosas. Sobre esses trabalhos só darei um breve resumo das principais obras que tratam da questão que nos interessa.

Procedendo por ordem cronológica, é preciso citar em primeiro lugar: The Daimonion, or the Spiritual Medium, its Nature, illustrated by the History of its Uniform Mysterious Manifestations when unduly excited. By Traverse Oldfield. (Boston, 1852, 157 páginas, em 89 pequeno.) (“O Demônio, ou o médium espiritual, e a sua natureza”, ilustrado com a história de suas manifestações uniformemente misteriosas quando ele é indevidamente excitado”.) O verdadeiro autor é G. W. Samson. O Spiritual Médium, de que se trata, é o princípio nervoso.

A melhor e mais sistemática obra elaborada nessa ordem de idéias é certamente esta: Philosophy of Mysterious Agents, Human and Mundane, or the Dynamic Laws and Relations of Man, embracing the Natural Philosophy of Phenomena styled: Spiritual Manifestations. (“Filosofia dos agentes misteriosos, humanos e terrestres, ou as leis e as relações dinâmicas do homem, compreendendo a explicação natural dos fenômenos designados como Manifestações dos Espíritos”.) Por E. C. Rogers. (Boston, 1853, 336 págs. em 8° pequeno.)

Ao aparecimento desta obra, houve uma discussão interessante nos jornais americanos The Tribune e The Spiritual Telegraph, entre o Doutor Richmond e o Doutor Brittan a respeito das manifestações espirituais. O primeiro sustentava que era possível explicar esses fenômenos sem admitir, para isso, a intervenção dos Espíritos. O segundo mantinha a opinião contrária. As quarenta e oito cartas publicadas pelas duas partes foram editadas em um volume, sob este título: A Discussion of the Facts and Philosophy of Ancient and Modern Spiritualism. By S. B. Brittan and B. V. Richmond. (Nova Iorque, 1853, 377 páginas, em 8° grande.)

Modern Mysteries Explained and Exposed. (“Mistérios modernos explicados e interpretados”), pelo Rev. A. Mahan, 1° presidente da Universidade de Cleveland. (Boston, 1855, 466 páginas, em 89.) Esta obra tem por fim desenvolver e defender as duas teses seguintes: 1° - “A causa imediata dessas manifestações é idêntica não somente à força ódica (8), mas ainda à força que engendra os fenômenos do mesmerismo e da clarividência” (pág. 106). 2° - “Possuímos provas positivas e concludentes de que essas manifestações provêm exclusivamente de causas naturais e não da intervenção de Espíritos destacados do corpo” (pág. 152).

Mary Jane, or Spiritualism Chemically Explained; also Essays by and Ideas (perhaps erroneous) of a Child at School. (“Mary Jane, ou o Espiritualismo explicado quimicamente; assim como ensaios e idéias (talvez errôneas) de uma colegial”.) (London, 1863, 379 páginas, em 8° grande, com figuras.) E um dos livros mais curiosos sobre essa matéria. O Autor, o Senhor Samuel Guppy, materialista consumado, se tinha proposto publicar um resumo de ensaios sobre diversos assuntos, tais como: Luz, Instinto e Inteligência, Elementos do homem, Geração espontânea, Princípios da inteligência humana, a Vida, a Astronomia, a Criação, o Infinito, etc. Ora, o seu livro já estava impresso até à página 300, quando em sua própria casa se produziram subitamente fenômenos mediúnicos dos mais extraordinários: deslocamento espontâneo de

objetos, escrita automática, respostas a perguntas mentais, toque de instrumentos de música, escrita direta, execução direta (sem o contacto de uma pessoa) de desenhos e pinturas, etc. O médium era a sua própria mulher.

Ou Force its Mental and Moral Correlates, and on that which is supposed to underlie all Phenonena; with Speculations on Spiritualismn and other Abnormal Conditions of Mind. ("Da força e suas correlações mentais e morais, e do que é suposto ser à base de todos os fenômenos; acrescentando aí especulações sobre o Espiritualismo e outras condições anormais do Espírito"). Por Charles Bray, autor do The Philosophy of Necessity, The Education of Feelings, etc. (Londres, 1867, 164 páginas em 89.)

Exalted States of the Nervous System in explanation of the Mysteries of Modern Spiritualism, Dreams, Trance, Somnambulism, Vital Photography, etc. ("Estados de superatividade do sistema nervoso no ponto de vista da explicação dos mistérios do Espiritualismo moderno, dos sonhos, do sonambulismo, da fotografia vital", etc.) Por Robert H. Collier, M.D. (Londres, 1873, 140 páginas em 8°.) Este livro não apresenta um trabalho sistemático; contém antes indicações, alusões a diversos assuntos interessando a essa questão.

Spiritualism and allied Causes and Conditions of Nervous Derangements, by William A. Hammond, M. D. Professor of Deseases of the Mind and Nervous System in the Medical Departement of the University of the City of New York. ("O Espiritualismo e as causas e condições congêneres das perturbações nervosas", pelo Doutor William A. Hammond, professor de moléstias mentais e de moléstias nervosas do Departamento de Medicina, na Universidade da cidade de Nova Iorque.) (Londres, 1876.) Um grande volume de 366 páginas em 8°, no qual o Autor não quer falar senão dos fatos que podem explicar-se de uma maneira natural.

Passemos às obras escritas em língua francesa. Não são numerosas. A primeira pertencente a essa categoria é a do Conde Agenor de Gasparin, publicada em Paris, em 1854, sob este título: Das mesas girantes, do sobrenatural em geral e dos Espíritos (2° volumes em 80, 500 páginas), na qual o Autor dá amplas informações sobre longa série de experiências físicas, tentadas por ele e por alguns amigos particulares, nas quais essa força se achava consideravelmente desenvolvida. Esses ensaios muito numerosos foram realizados em condições de exame dos mais rigorosos. O fato do movimento de corpos pesados sem contacto mecânico foi reconhecido, provado e demonstrado. Sérias experiências foram feitas para medir a força, quer de acréscimo, quer de diminuição de peso, que se comunicava assim às substâncias postas à prova, e o Conde Gasparin adotou um meio engenhoso, que lhe, permitiu obter uma avaliação numérica aproximativa do poder da força psíquica que existia em cada indivíduo. O Autor chegava a essa conclusão final: que podiam explicar-se todos aqueles fenômenos pela ação de causas naturais, e que não havia necessidade de supor milagres nem a intervenção de influências espirituais ou diabólicas.

Ele considerava como um fato plenamente comprovado pelas suas experiências que à vontade, em certas condições do organismo, pode agir, à distância, sobre a matéria inerte, e a maior parte do seu livro é consagrada a estabelecer as leis e as condições nas quais esta ação se manifesta.

Em 1855, o Senhor Thury, professor na Academia de Genebra, publicou uma obra sob o titulo: As Mesas Falantes (Genebra, Livraria Alemã de J. Kessemann, 1855), na qual passam em revista as experiências do Conde de Gasparin; ele entra em longas considerações sobre as pesquisas que fez ao mesmo tempo. Neste caso também, os ensaios foram feitos com o auxílio de amigos íntimos e conduzidos com todo o cuidado que um homem de ciência é capaz de empregar nessa matéria. O espaço não me permite citar os importantes e numerosos resultados obtidos pelo Senhor Thury, mas pelos títulos seguintes de alguns dos capítulos, ver-se-á que a pesquisa não foi feita superficialmente: Fatos que estabelecem a realidade dos novos fenômenos; - Ação mecânica tornada impossível; - Movimentos efetuados sem contacto; - Suas causas; - Condições requeridas para a produção e ação da força; - Condições da ação a respeito dos operadores; - À vontade; - E necessário que haja vários operadores? - Necessidades preliminares; - Condição mental dos operadores; - Condições meteorológicas; - Condições relativas aos instrumentos empregados; - Condições relativas ao modo de ação dos operadores sobre os instrumentos; - Ação das substâncias interpostas; - Produção e transmissão da força; - Exame das causas que a produzem; - Fraude; - Ação muscular inconsciente produzida por um estado nervoso particular; - Eletricidade; - Nervo-magnetismo; - Teoria do Senhor Conde de Gasparin, de um fluido especial; - Questão geral a respeito da ação do Espírito sobre a matéria. - Primeira proposição: Nas condições ordinárias dos corpos, a vontade só age diretamente na esfera do organismo. -

Segunda proposição: No próprio organismo há uma série de atos mediatos. - Terceira proposição: A substância sobre a qual o Espírito age diretamente, o psicodo, não é suscetível senão de modificações muito simples sob a influência da inteligência. - Explicações baseadas sobre a intervenção dos Espíritos.

O Senhor Thury refuta todas essas explicações e acredita que esses efeitos são devidos a uma substância particular, a um fluido ou a um agente, o qual - de uma maneira análoga à do éter dos sábios - transmite a luz, penetra toda a matéria nervosa, orgânica ou inorgânica, e que ele chama psicodo. Entra na plena discussão das propriedades desse estado ou forma de matéria, e propõe o nome de força ectênica (extensão) ao poder que se exerce quando o Espírito age, à distância, por meio da influência do psicodo (9).

Estudos experimentais sobre certos fenômenos nervosos, e solução racional do problema espírita, por Chevillard, professor na Escola Nacional de Belas Artes (Paris, 1872, 90 páginas, em 89). O fundo de sua teoria, que se refere somente às pancadas (raps) e ao movimento dos objetos, resume-se nestas linhas: As vibrações da mesa, desde que as suas partes se puseram em equilíbrio de temperatura, não são mais do que as vibrações fluídicas emitidas pela função mórbida que constitui o estado nervoso do médium. No estado normal, cada um emite fluido nervoso, porém não de maneira a fazer vibrar sensivelmente a superfície de um corpo sólido que se toca. O médium é sem dúvida tão auxiliado pela emissão natural dos assistentes crédulos, sempre numerosos, pois que toda emissão fluídica, mesmo muito fraca, para a mesa, deve repartir-se nela imediatamente, por causa da temperatura já conveniente. A mesa fica verdadeiramente magnetizada pela emissão do médium, e a palavra magnetizada não tem outro sentido além de fazer entender que ela é coberta ou impregnada de fluido nervoso vibrante, isto é, vital do médium. A mesa fica então como um harmônio que espera a martelada do pensamento daquele que a impregnou. O médium quer uma pancada em um momento em que ela se dá olhando atentamente o lápis correr sobre o alfabeto, e esse pensamento, fixando-se subitamente, engendra um choque cerebral nervoso que repercute instantaneamente, por intermédio dos nervos, na superfície tubular vibrante. O choque ressoa integrando as vibrações da mesa à maneira de um forte brilho ou faísca obscura, cujo ruído é a conseqüência dessa condensação instantânea feita no ar ambiente, páginas 25 e 26). - “Não há em todo o ato tiptológico (10) ou nevrostático mais do que condensações ou integrações de vibrações em faíscas obscuras” (pág. 38).

Quanto aos movimentos dos objetos, o Autor emite â teoria seguinte: “Os movimentos, chamados espíritas, de um objeto inanimado são um efeito real, porém neuro-dinâmico, dos pretendidos médiuns, que transformam o objeto em órgão exterior momentâneo, sem terem disso ter consciência (página 54). - Mais adiante, o Senhor Chevillard desenvolve mais esta mesma proposição: “A idéia da ação voluntária mecânica transmite-se pelo fluido nervoso do cérebro ao objeto inanimado suficientemente aquecido; depois do que, este executa rapidamente a ação na qualidade de órgão automático ligado pelo fluido ao ser voluntário, quer a ligação seja por contacto ou a pequena distância; porém o ser não tem a percepção do seu ato, visto como não o executa por um esforço muscular” (pág. 62). - Em suma: “os fenômenos chamados espíritas não são mais do que manifestações inconscientes da ação magneto-dinâmica do fluido nervoso” (pág. 86).

Ultimamente apareceu uma obra muito interessante, tendo por título: Ensaio sobre a Humanidade póstuma e o Espiritismo, por um positivista - Adolpho d'Assier (Paris, 1883, 30,5 páginas em 12).

A obra citada apresenta esse interesse: o Autor foi coagido, por sua própria experiência, a reconhecer a realidade objetiva de certos fenômenos, habitualmente designados como “sobrenaturais” e dos quais o Senhor Hartmann não faz menção no seu livro sobre “O Espiritismo”; e, entretanto, esses fenômenos têm uma relação imediata com o Espiritismo; eles impõem-se além disso, se quer estabelecer uma hipótese geral.

Em seu prefácio, o Autor expõe a evolução que se operou no seu espírito e dá uma idéia geral do seu trabalho. Daremos dela alguns extratos: “O título deste ensaio parecerá talvez a certas pessoas em desacordo com as opiniões filosóficas que professei em toda a minha vida e com a grande escola para a qual o estudo das ciências me tinha encaminhado. Fiquem essas pessoas tranqüilas: a contradição apenas é aparente. - As idéias que exponho afastam-se tanto das fantasias do misticismo quanto das alucinações dos espíritas. Não saindo do domínio dos fatos, não invocando causa sobrenatural para interpretá-los, acreditei poder dar ao meu livro a chancela do Positivismo. Eis, finalmente, como fui conduzido a pesquisas tão diferentes dos meus trabalhos ordinários.”

O Autor fala em seguida da sorte que tiveram os aerólitos, durante tanto tempo negados pela Ciência, e da resposta que Lavoisier deu certo dia em nome da Academia das Ciências: “Não há pedras no céu; por conseguinte elas não poderiam cair sobre a Terra”; também faz menção da narração dos sapos que caem com as fortes chuvas, narração que os sábios acolheram dizendo que “não havia sapos nas nuvens, por conseguinte eles não podiam cair sobre a Terra.” Depois disso o Senhor D'Assier continua:

“Era permitido supor que tais lições não ficassem perdidas e que as pessoas que se presumissem sérias se mostrassem de futuro mais circunspetas nas suas negações sistemáticas. Não sucedeu assim. As noções falsas que colhemos em nossos preconceitos ou em uma educação científica incompleta, imprimem ao nosso cérebro uma sorte de equação pessoal da qual não nos podemos libertar. Durante trinta anos, ri-me da resposta de Lavoisier sem me aperceber que invocava o mesmo argumento na explicação de certos fenômenos não menos extraordinários do que as chuvas de pedras ou de sapos. Quero falar dos ruídos estranhos que se ouvem às vezes em certas casas e que não se pode referir a nenhuma causa física, pelo menos no sentido vulgar que damos a essa palavra. Uma circunstância digna de nota vem duplicar a singularidade do fenômeno. E que esses ruídos não apareciam de ordinário senão depois da morte de uma pessoa da habitação. Sendo criança, vi em agitação todos os habitantes de um cantão. O abade”. Peyton, cura da paróquia de Sentenac (Ariège), acabava de morrer. Nos dias seguintes, produziram-se no presbitério ruídos insólitos e tão persistentes que o serventuário que lhe tinha sucedido esteve prestes a abandonar o seu posto.

“As pessoas da localidade, tão ignorantes quão supersticiosas, não achavam obstáculo para explicar esse prodígio. Declararam que a alma do morto estava em penitência porque ele não tinha tido o tempo de dizer antes da morte todas as missas cuja paga tinha recebido.” Quanto a mim, não estava de maneira alguma convencido. Educado no dogma cristão, eu dizia a mim mesmo que o abade Peyton tinha definitivamente deixado o Planeta por uma das três residências póstumas: o céu, o inferno, o purgatório, e eu supunha que as portas das duas penitenciárias eram aferrolhadas com bastante solidez para que ele tivesse a fantasia de retroceder. Mais tarde, tendo entrado em outra corrente de idéias, tanto pelo estudo comparado das religiões, quanto pelo das ciências, tornei-me ainda mais incrédulo, e tinha compaixão daqueles que pretendiam ter assistido a iguais espetáculos.

“Os Espíritos, eu não cessava de repetir, só existem na imaginação dos médiuns e dos espíritas; não se poderiam, pois, encontrar em outra parte. Em 1868, achando-me no Berry, encolerizei-me contra uma pobre mulher que persistia em afirmar que, em um albergue que ela habitara em uma Certa época, cada noite mão invisível lhe puxava os lençóis do leito, desde que apagava a luz. Tratei-a de imbecil, de parva, de idiota.

“Logo depois sobreveio o ano terrível. De minha parte, de lá saí com a perda da vista, e, coisa ainda mais grave, com os primeiros sintomas de uma paralisia geral. Tendo sido testemunha das curas maravilhosas que as águas de Aulus produzem, no tratamento de certas moléstias, principalmente quando se trata de despertar a energia vital, dirigi-me para ali pela primavera de 1871, e pude deter o progresso do mal. A pureza do ar das montanhas, tanto quanto a ação vivificante das águas me decidiram a fixar ali a minha residência. Pude então estudar de perto esses ruídos noturnos que só conhecia por ouvir dizer.

“Desde a morte do antigo proprietário das fontes o estabelecimento termal era quase todas as noites teatro de cenas desse gênero. Os guardas não ousavam mais deitar-se ali a sós. Às vezes as banheiras ressoavam no meio da noite como se as tivessem percutido com um martelo. Abriam-se as câmaras donde partia o ruído, ele cessava imediatamente, mas recomeçava em uma sala vizinha. Quando as banheiras ficavam em repouso, assistia-se a outras manifestações não menos singulares. Eram pancadas sobre os compartimentos, os passos de uma pessoa que passeava no quarto do guarda, objetos atirados de encontro ao soalho, etc. O meu primeiro movimento, quando me contaram essa história, foi, como sempre, a incredulidade. Entretanto,, achando-me em contacto diário com as pessoas que tinham sido testemunhas dessas cenas noturnas, a conversação recaia freqüentemente sobre o mesmo assunto. Certas particularidades acabaram por despertar a minha atenção. Interroguei o diretor e os guardas do estabelecimento, as diversas pessoas que tinham passado a noite nas termas, todas aquelas que em uma palavra, por um motivo qualquer, me podiam fornecer informações acerca desses misteriosos sucessos. As suas respostas foram todas idênticas, e as particularidades que me forneceram eram tão circunstanciadas que eu me vi encerrado nesse dilema:

acreditá-los ou supor que eles estavam loucos. Ora, eu não podia tachar de loucura cerca de vinte camponeses sérios que viviam pacificamente a meu lado, pelo único motivo de representarem o que tinham visto ou ouvido, sendo, demais, unânimes os seus depoimentos.

"Esse resultado inesperado me restituiu à memória circunstâncias do mesmo gênero que me tinham relatado em outras épocas. Conhecendo as localidades onde esses fenômenos se tinham dado, assim como as pessoas que tinham sidos testemunhas deles, procedi a novas pesquisas, e, dessa vez ainda, fui obrigado a curvar-me à evidência. Compreendi então que tinha sido tão ridículo quanto aqueles dos quais eu tinha zombado por tanto tempo, negando fatos que eu declarava impossíveis, porque não se tinham produzido debaixo dos meus olhos e porque eu não podia explicá-los. Essa dinâmica póstuma que, em certos pontos, parece à antítese da dinâmica ordinária, me deu que refletir, e eu comecei a entrever que em certos casos, aliás muito raros, a ação da personalidade humana pode continuar ainda por algum tempo depois da cessação dos fenômenos da vida. As provas que eu possuía me pareciam suficientes para convencer os espíritos não prevenidos. Entretanto, não me contentei com isso, e pedi notícias delas aos escritores mais conceituados de diversos países. Fiz então, uma escolha dentre as que apresentavam todos os caracteres de uma autenticidade indiscutível, baseando-me de preferência nos fatos que tinham sido observados por grande número de testemunhas.

"Cumpria interpretar esses fatos, quero dizer, desembaraçá-los do maravilhoso que encobre a sua verdadeira fisiognomia, a fim de referi-los, como todos os outros fenômenos da Natureza, às leis do tempo e do espaço. Tal é o principal objetivo deste livro. Perante tarefa tão árdua, eu não poderia ter a pretensão de dar a última palavra do enigma. Contentei-me em estabelecer o problema claramente e em indicar alguns dos coeficientes que devem entrar para pô-lo em equação. Os meus continuadores encontrarão a solução definitiva no caminho que eu lhes tracei...A idéia filosófica do livro pode pois se resumir assim: fazer entrar no quadro das leis do tempo e do espaço os fenômenos de ordem póstuma negados até o presente pela Ciência, por não poder explicá-los, e emancipar os homens da nossa época das enervadoras alucinações do Espiritismo." (Páginas 5, 6, 7, 8, 9 e 11).

No primeiro capítulo o Autor colhe de primeira fonte uma série de jatos que confirmam a existência póstuma da personalidade humana: ruídos insólitos, ressonância de passos, roçar de vestidos, deslocação de objetos, toques, aparecimento de mãos e de fantasmas, etc. No começo do segundo CAPÍTULO, o Autor diz: Demonstrada a existência da personalidade póstuma, por milhares de fatos observados em todos os séculos e entre todos os povos, cumpre procurar conhecer a sua natureza e a sua origem. Ela procede evidentemente da personalidade viva, da qual se apresenta como a continuação, com a sua forma, com os seus hábitos, com os seus preconceitos, etc.; examinemos pois se encontra no homem um princípio que, destacando-se do corpo quando as forças vitais abandonam este último, continua ainda durante algum tempo a ação da individualidade humana. Numerosos fatos demonstram que esse princípio existe, e que se manifesta algumas vezes durante a vida, oferecendo ao mesmo tempo os caracteres da personalidade viva e os da personalidade póstuma. Vou referir alguns dentre eles, colhidos nas melhores fontes, e que parecem concludentes (pág. 47).

Depois de ter citado notáveis fatos de aparição de pessoas vivas ou de desdobramento, o Autor termina assim esse CAPÍTULO: Inumeráveis fatos observados desde a antiguidade até os nossos dias demonstram em nosso ser a existência de uma segunda personalidade, o homem interno. A análise dessas diversas manifestações nos permitiu penetrar em sua natureza. No exterior, é a imagem exata da pessoa da qual é o complemento. No interior reproduz a cópia de todos os órgãos que constituem a estrutura do corpo humano. Vemo-lo, com efeito, mover-se, falar, tomar alimentos, preencher, em uma palavra, todas as grandes funções da vida animal. A tenuidade extrema das suas moléculas constitutivas, que representam o último termo da matéria orgânica, lhe permite passar através das paredes e das divisões dos compartimentos. Dai o nome de fantasma pelo qual é geralmente designado. Entretanto, como ele é ligado ao corpo donde emana por uma rede muscular invisível, pode, à vontade, atrair a si, por uma espécie de aspiração, a maior parte das forças vivas que animam esse último. Vê-se então, por uma inversão singular, a vida se retirar do corpo, que não apresenta mais do que uma rigidez cadavérica e dirigir-se toda para o fantasma, que adquire consistência, a ponto de lutar algumas vezes com as pessoas diante das quais ele se manifesta.

“Sã excepcionalmente ele se mostra durante a vida dos indivíduos. Mas desde que a morte rompeu os laços que o ligam ao nosso organismo, ele se separa de maneira definitiva do corpo humano e constitui o fantasma póstumo” (páginas 81 e 82).

“Mas a sua existência é de curta duração. O seu tecido se desagrega facilmente sob a ação das forças físicas, químicas e atmosféricas que o assaltam sem tréguas, e entra molécula por molécula no meio planetário” (pág. 298).

Eis o sumário do Capítulo IV: Caráter do ser póstumo. - Sua constituição física. - Seu modo de locomoção. - Sua aversão pela luz. - Seu modo de trajar. - Suas manifestações. - Seu reservatório de força viva. - Sua balística. - Todo homem possui a saca imagem fluídica. - A vidente de Prevorst.

Capítulo V: Fluido universal. - Fluido nervoso. - Analogia e dissemelhança desses dois fluidos. - Animais elétricos. - Pessoas elétricas. - Plantas elétricas. - Ação do fluido nervoso sobre a personalidade interna.

O fantasma humano não se revela sempre de uma maneira tão clara como nos exemplos que citei. Há também, às vezes, manifestações obscuras, de natureza muito variada, que o tornam uma espécie de Proteu intangível. Reproduzindo o mesmerismo manifestações análogas às do sonambulismo, no médium, no extático, etc., é muitas vezes difícil dizer se a causa primária desses fenômenos deve ser referida à personalidade interna ou ao fluido nervoso, ou antes ainda à ação combinada desses dois agentes. Em grande número de casos, sua ligação parece tão íntima que somos levados a perguntar se não é do segundo que o primeiro tira sua origem e as suas energias” (pág. 117).

CAPÍTULO VI: O éter mesmérico e a personalidade que ele engendra. - O sonambulismo. - O soníloquo. - O vidente.

Eis as conclusões do Autor:

“1° - O sonambulismo, espontâneo em alguns indivíduos, existe no estado latente em outros. Nesses últimos, não o entrevemos senão imperfeitamente, mas ele pode atingir toda a sua amplitude sob a influência de uma forte tensão de espírito, de uma comoção moral ou de outras causas fisiológicas. Essas manifestações freqüentes, porém incompletas, na infância, acentuam-se melhor durante a juventude, depois diminuem com a idade e parece extinguirem-se no velho.

“2°- As coisas extraordinárias que o sonâmbulo realiza, principalmente no domínio intelectual, acusam nele a existência de uma força ativa e inteligente, isto é, de uma personalidade interna. Essa personalidade parece completamente diferente da personalidade ordinária e ter por sede os gânglios nervosos da região epigástrica, assim como se viu na sonâmbula citada por Burdach, e como o encontraremos de maneira mais acentuada e mais precisa em outras manifestações do mesmerismo. Fica assim explicado porque o sonâmbulo não reconhece a voz das pessoas que lhe são familiares e não conserva recordação alguma do que se passou durante o seu sono. Explica-se da mesma maneira esse fato, que nunca se observou nele ato algum imoral, como se o seu guia misterioso estivesse livre dos laços da animalidade.

“3° - A personalidade que aparece no sonambulismo revela uma inteligência igual, às vezes mesmo superior à da personalidade ordinária. Mas, como essa última, ela também tem a sua equação pessoal, as suas obscuridades, os seus desfalecimentos. Para contentar-me com um exemplo, lembrarei esse sonâmbulo, citado por Burdach, que, depois de ter calçado as botas, escanchava-se sobre uma janela, e dava esporadas contra a parede para fazer caminhar um corcel imaginário.

“4° - O sonambulismo é devido a um desprendimento anormal do fluido nervoso; várias causas podem produzir esse resultado: terror, grande tensão de espírito, exuberância da juventude, etc., em uma palavra, tudo o que tende a romper o equilíbrio das funções fisiológicas que tem por sede o sistema nervoso. Quando o fluido é pouco abundante, os efeitos do sonambulismo só se dão de maneira obscura e parece confundirem-se com os do sonho. Mas desde que ele se desprenda em quantidade conveniente, vê-se aparecer

imediatamente à personalidade interna, e o sonâmbulo oferece então, os caracteres de um homem acordado, porque tem em si um guia que possui todas as energias da inteligência e do movimento" (págs. 149-151).

Eis-nos finalmente no CAPÍTULO VII, que trata especialmente do assunto que nos interessa; o seu sumário é: O éter mesmérico e a personalidade que ele engendra (continuação). - A mesa girante. - A mesa falante. - O médium.

Eis como o autor liga os fenômenos do Espiritismo à sua teoria do ser fluídico: "O agente misterioso que punha em desordem as mesas falantes era evidentemente o mesmo que animava o lápis móvel do médium, quero dizer, a personalidade mesmérica dos assistentes ou do próprio médium. Diferia-se em seus modos de ação, isso dependia unicamente da natureza dos intermediários pelos quais ele se manifestava. Não é com efeito difícil de ver que a mesa não é mais do que um instrumento passivo, uma espécie de silabário acústico posto em ação pelo fluido daquele que interroga. Em outros termos, é a personalidade mesmérica desse último que faz o ofício de apontador no diálogo da mesa" (pág. 183).

- "Comparou-se muitas vezes o médium a um sonâmbulo acordado. Essa definição nos parece perfeitamente justa. São os pólos extremos da cadeia mesmérica, dois modos de ação diferentes de uma mesma causa que passam de um a outro por graus insensíveis. Dir-se-ia uma transformação de força análoga à que se observa nos fluidos imponderáveis, calor, luz, eletricidade, magnetismo, que não são, como se sabe, senão manifestações diversas de um mesmo agente, o éter. Viram-se mulheres caírem em um sono magnético fazendo a cadeia em roda de uma mesa; fenômenos elétricos de atração e de repulsão manifestarem-se em pessoas que se entregavam à prática do Espiritismo; médiuns, sonâmbulos, e vice-versa; às vezes esses dois caracteres se apresentam ao mesmo tempo; de sorte que é difícil dizer se trata de um indivíduo acordado ou adormecido. Nada aliás, à exceção da maneira de proceder, diferencia o soníloquo do médium; um fala, o outro escreve, mas ambos confessam que estão sob a influência de um". inspirador misterioso que dita as suas respostas. Interrogado acerca da sua origem e da sua personalidade, esse apontador invisível se dá ora por um espírito sem nacionalidade, ora pela alma de um morto."

"Nesse último caso, ele se diz voluntariamente o amigo ou o próximo parente do médium, e vem auxiliá-lo com seus conselhos. Aqui, realiza-se um dos mais surpreendentes efeitos do mesmerismo. A personagem misteriosa, convidada a traçar algumas linhas por intermédio do lápis móvel ou da mão do médium, reproduz a escrita, as locuções, e até as faltas de ortografia que eram familiares ao amigo ou parente de quem se diz representante póstumo. Tal argumento parece à primeira vista irrefutável, e é sobre fatos desse gênero que se apoiaram para fundar a teoria do Espiritismo" (páginas 185-187).

"A evocação dos fantasmas pelo médium é, pois, uma miragem, mesmo quando revestem uma forma óptica, como sucede para certos médiuns privilegiados. Esses não deixam de ser o joguete de uma alucinação, análoga à dos sonâmbulos que vêem aparecer-lhes todos os fantasmas que apraz ao magnetizador lhes mostrar" (pág. 191).

"Como se acaba de ver, no médium ou no sonâmbulo, é o mesmo princípio que age, o fluido vital (fluido nervoso, éter mesmérico). Ele obtém o seu summum de energia no primeiro, pois é dele mesmo, quero dizer, do centro de produção, que este tira a força viva que engendra os efeitos mesméricos, enquanto que o segundo, tirando-o de uma fonte estranha, recebe-a limitada e minorada em sua ação. Por isso o Espiritismo reproduz todos os prodígios do sono magnético, aumentando-os ainda. Como o sonâmbulo, e melhor que o sonâmbulo, o médium, mesmo iletrado, torna-se poliglota, compõe poesias, escreve discursos segundo as regras da arte oratória; adivinha os pensamentos daqueles que estão perto dele, possui a faculdade da vista a distância, lê no passado e chega às vezes à presciência do futuro" (pág. 193).

Quanto aos autores alemães que trataram dessa questão, é inútil que eu deles faça aqui menção.

CAPÍTULO PRIMEIRO

FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO

Insuficiência, no ponto de vista dos fatos, da hipótese alucinatória emitida pelo Doutor Hartmann.

A semelhança entre a teoria de D'Assier e a do Doutor Hartmann salta aos olhos. A “personalidade mesmérica” do primeiro não é outra coisa mais do que a “consciência sonambúlica” do último: a hiperestesia (superexcitação) da memória, a transmissão do pensamento, a clarividência, tais são os pontos que lhes são comuns. Quanto ao que diz respeito ao conhecimento do assunto tratado e ao desenvolvimento sistemático da teoria, a obra de D'Assier não pode evidentemente ser comparada ao livro do Senhor Hartmann; em compensação, a hipótese de D'Assier leva uma vantagem indiscutível sobre a do Senhor Hartmann, a de admitir a realidade objetiva e independente, ainda que temporariamente, da personalidade mesmérica ou fluídica; isso lhe permite dar uma explicação bastante plausível de toda essa série de fenômenos, chamados místicos, para os quais a teoria do Senhor Hartmann não basta.

Era fácil encontrar uma resposta à opinião do Senhor D'Assier, de que “os fantasmas evocados pelo médium não são outra coisa mais do que alucinações, mesmo quando revestem uma forma óptica” (pág. 191). Não era mais do que um erro de lógica de sua parte, pois, desde o momento em que ele admitia a realidade do fantasma fluídico e o fato visível e tangível do seu “desdobramento”, logicamente não podia mais falar de alucinação. Sucede diversamente com a teoria do Doutor Hartmann, que nega a existência do ser humano fluídico, como lhe chama o Senhor D'Assier. Ele admite com efeito o fato da aparição, mas lhe recusa uma realidade objetiva. Essa realidade deve ser demonstrada de outra maneira que não seja pelo caminho das percepções dos sentidos do homem, os quais estão sempre sujeitos a ilusões.

E' precisamente por esse lado que começarei o meu estudo crítico das opiniões do Doutor Hartmann, visto como divergimos completamente sobre esse ponto, e, além disso, porque de todos os problemas do Espiritismo, é o que se presta melhor à verificação por meio de experiências físicas, mesmo no estado atual da questão.

Ora, eu afirmo que os fenômenos que em Espiritismo se designam habitualmente sob o nome de “materializações”, não são alucinações, “produtos da fantasia, privados de todo o elemento que os torne perceptíveis aos sentidos”, como os representa o Doutor Hartmann, baseando-se em fatos dos quais teve conhecimento; garanto que esses fenômenos são produções dotadas de uma certa materialidade passageira, ou antes, para empregar a expressão do Doutor Hartmann, possuindo elementos que os tornam perceptíveis aos sentidos. O Doutor Hartmann parece disposto a admitir essa realidade, com a condição de fornecerem em apoio provas suficientes, as quais, diz ele, podem ser fornecidas somente pela fotografia, e com a condição rigorosa de que o médium e a aparição sejam fotografados simultaneamente.

Em sua “conclusão”, o Senhor Hartmann é ainda mais explícito e entra em particularidades que julgo útil citar:

“Uma questão do mais alto interesse, do ponto de vista teórico, é saber se um médium tem a faculdade não somente de provocar a alucinação visual de uma forma em uma outra pessoa, porém, ainda de produzir essa forma como alguma coisa de real, posto que consistindo em uma matéria rarefeita, no lugar objetivamente real, onde se acham reunidos todos os experimentadores, e isto, desprendendo previamente do seu próprio organismo a matéria necessária para formar a imagem. Se os limites inacessíveis da esfera de ação de um médium fossem conhecidos, a realidade objetiva dos fenômenos de materialização teria podido ser estabelecida por meio de processos mecânicos de efeito duradouros, obtidos além da esfera de ação do médium. Mas desde o momento em que o caso não se realiza aqui e que as imagens materializadas nunca transpõem os limites da esfera de ação física do médium, só resta, parece, a demonstração fotográfica, para

provar que a imagem materializada possui, no espaço objetivamente real, uma superfície capaz de refletir a luz.

"A condição indispensável de uma igual prova fotográfica é, na minha opinião, que nem um fotógrafo de profissão nem o médium sejam admitidos a aproximar-se do aparelho, da câmara negra ou da placa, a fim de afastar toda suspeita, quer de uma preparação anterior da câmara negra ou da placa (ainda não coberta de colódio), quer de uma manipulação ulterior qualquer. Que me conste, essas medidas de prudência ainda não foram observadas; em todo o caso, não se faz menção disso nos relatórios, o que prova que os experimentadores ainda não reconheceram a sua importância. E, entretanto, sem a observância dessas medidas, os negativos sobre os quais aparecem ao mesmo tempo o médium e a imagem não fornecem a mínima prova; é ocioso dizer que as provas positivas tiradas sobre papel, e também as reproduções mecânicas feitas segundo essas placas, podem ainda menos servir de testemunho convincente. Um pesquisador, inspirando confiança absoluta, que trouxesse à sessão os seus próprios aparelhos e ingredientes e que operasse em pessoa, seria o único que poderia obter uma solução positiva e convincente desse experimentum crucis; também se deveria sempre, tanto quanto possível, procurar obter o concurso de semelhantes pessoas em toda a sessão de materialização."

A esse respeito, não posso deixar de notar que será escusado observar estritamente essas precauções, pois: nunca se há de chegar a desviar toda a espécie de dúvida, porque o valor da experiência dependerá sempre do ascendente moral do experimentador, que não se estende geralmente senão sobre o número limitado de pessoas que o conhecem bem. Não se podem traçar limites às conjecturas ou às suspeitas. Essas experiências só atingiriam toda a sua finalidade se os fenômenos mediúnicos fossem mais espalhados e por conseguinte melhor apreciados do que o são atualmente. O que se passa presentemente no domínio do hipnotismo pode servir-nos de exemplo.

Materialização de objetos escapando à percepção pelos sentidos. Fotografia transcendente.

Há dois gêneros de materialização: há em primeiro lugar a materialização invisível ao olho, e não apresentando mais do que um atributo físico, acessível ao nosso confronto: consiste na emissão de raios luminosos, que não produzem ação alguma sobre a nossa retina, porém agem sobre a placa sensível de um aparelho fotográfico; para os resultados, assim obtidos, proponho a expressão: fotografia transcendente.

Há de um outro lado a materialização visível, que é acompanhada dos efeitos físicos próprios ao corpo humano.

Acredito que se conseguíssemos estabelecer a realidade da primeira forma de materialização, teríamos adquirido argumentos sólidos para admitir a existência da materialização visível.

Efetivamente, se estabelece o fato de uma formação mediúnica extracorpórea, isto é, da formação de alguma coisa, fora do corpo do médium, se bem que imperceptível ao olho humano, mas possuindo certos atributos de uma existência real, então o fato da materialização visível e palpável se reduzirá a uma questão de grau de materialidade.

Eis porque eu ligo uma importância tão grande às experiências fotográficas feitas pelo Senhor Beattie, em Brístol, em 1872 e 1873. Essas experiências foram continuadas em condições que correspondem amplamente às exigidas pelo Doutor Hartmann.

Conheci pessoalmente o Senhor Beattie, e é de suas mãos que possuo a coleção de fotografias de que vou falar mais adiante e uma parte das quais se acha representada nas dezesseis fotografias que possuo. Ele mesmo tinha sido fotógrafo de profissão, mas tinha deixado de o ser na época em que fez as experiências em questão.

Possuímos quatro documentos que se referem a essas experiências: uma primeira carta do Senhor Beattie, publicada no "British Journal of Photography", número de 28 de Junho de 1872, e no "Photographic

News", de Londres; ela foi reproduzida no "Médium" de 5 de Julho de 1872; uma segunda carta do Beattie, a mais minuciosa, apareceu no "Spiritualist", Londres, 15 de Julho de 1872; uma terceira carta do Senhor Beattie, publicada no "British Journal of Photography" de 22 de Agosto de 1873 e reproduzida no "Spiritual Magazine" de Novembro de 1873, assim como no "Médium" de 29 de Agosto de 1873; finalmente o testemunho de um terceiro, o Doutor Thompson, que tomou parte nessas experiências; esse testemunho, em forma de carta, foi publicado no jornal "Human Nature", em Londres, 1874, pág. 390.

Para começar, façamos uma averiguação sobre o caráter do Senhor Beattie, a fim de verificar se ele pode corresponder à condição estipulada pelo Doutor Hartmann: "que o experimentador seja uma pessoa de reputação irrepreensível".

Eis as informações dadas por sua conta pelo Senhor Taylor, editor do "British Journal of Photography", em o número desse jornal de 12 de Julho de 1873, informações que reproduzo conforme o "Spiritual Magazine" (1873), pág. 374. "Todos aqueles que conhecem o Senhor Beattie atestarão espontaneamente que é um fotógrafo inteligente e instruído; é um dos homens mais difíceis de induzir em erro, pelo menos nas coisas referentes à fotografia, e um homem incapaz de enganar a outrem; é, entretanto, esse homem que nos vem afirmar, sob a fé de experiências feitas quer por ele mesmo, quer em sua presença, fatos que, a menos de se lhes recusar toda a significação, demonstram que, apesar de tudo, há alguma coisa no "espírito-fotografia"; que pelo menos figuras e objetos invisíveis para as pessoas presentes no aposento, e que não eram produzidos pelo operador, revelaram-se sobre a placa, com a mesma nitidez, às vezes mais nitidamente até do que as pessoas colocadas à frente do aparelho."

O jornal tinha tal confiança no Senhor Beattie que não hesitou em publicar as duas cartas nas quais ele dá a descrição das suas admiráveis experiências.

A primeira carta do Senhor Beattie foi ainda reproduzida em outro jornal especial, o "Photographic News", com essa nota da redação: "O Senhor Beattie, assim como o sabem numerosos leitores nossos, é um fotógrafo-retratista extremamente experimentado, e, além disso, um cavalheiro cuja sinceridade, probidade e talento ninguém pensaria pôr em dúvida. Interessando-se pela questão do Espiritismo e aborrecido com a fraude evidente das fotografias espíritas que tinha tido a oportunidade de ver, resolvera fazer pessoalmente pesquisas sobre essa questão.

"A sua narração dá o resultado dessas experiências. E preciso notar que no caso presente às experiências eram conduzidas por operadores sinceros, peritos em tudo o que diz respeito à fotografia, e que as tinham empreendido com o objetivo único de obter delas um conhecimento pessoal; por conseguinte, toda a causa de erro estava cuidadosamente afastada. Eles obtiveram um resultado absolutamente inesperado: as imagens obtidas em nada se assemelhavam aos fantasmas tão laboriosamente reproduzidos em fotografias fraudulentas. Quanto ao que diz respeito à fonte ou à origem dessas imagens, não podemos oferecer nenhuma explicação nem teoria." (Citação do "Médium", 1872, pág. 157.)

Mas ouçamos o próprio Senhor Beattie. Eis a primeira metade da sua carta dirigida ao "British Journal of Photography", com a descrição dos preparativos e do começo das experiências:

"Durante longos anos, tive ocasião de observar de perto os estranhos fenômenos, que, com poucas exceções, não eram considerados no mundo dos sábios como dignos de ser objeto de investigação; atualmente a existência desses fatos impõe-se a uma imparcial e minuciosa verificação.

"Há pouco tempo, o Senhor W. Crookes demonstrou que, sob certas condições, manifesta-se uma força mecânica, que esse sábio designa como "nova", e à qual ele deu uma denominação à parte.

"Se a teoria da "unidade das forças" é exata, obtendo-se uma força qualquer, deve-se obter também qualquer outra força; se é verdade ainda que o movimento, instantaneamente suspenso, transforma-se em calórico, em luz, em ação química, e vice-versa, então na força descoberta e demonstrada pelo Senhor W. Crookes encontramos ao mesmo tempo uma fonte de força elétrica e química.

"Não sou da opinião dos que supõem que toda a mudança não é senão o resultado de uma força, mas não de um fim. Sou, por conseguinte, forçado a acrescentar um elemento razoável à concepção da força - a força como tal não tem uma existência independente do princípio inteligente. As experiências que vou descrever não são talvez novas, mas os resultados obtidos (não acrescento: se são exatos, porque sei que eles o são) provam muitas coisas, principalmente que, em determinadas condições, produz-se uma força invisível,

possuindo a faculdade de suscitar uma, poderosa ação química; não é tudo: essa energia é regida por uma inteligência que não a das pessoas presentes, atendendo-se a que as imagens evocadas não podiam ser o resultado do pensamento dessas pessoas.

"Sem mais preâmbulo, vou proceder à descrição dessas experiências".

"Tenho um amigo, em Londres, que me mostrou, certo dia em que estava em minha casa, o que se chamava "fotografias espíritas". Eu lhe disse imediatamente que elas não o eram, e lhe expliquei de que maneira eram obtidas. Mas, vendo que muitas pessoas acreditavam na possibilidade dessas coisas, disse ao meu amigo que eu estava preparado para fazer algumas experiências com um bom "médium" que conhecia: o Senhor Butland. Depois de algumas razões, ele consentiu em consagrar um certo tempo a essas experiências. Combinei então com o Senhor Josty (fotógrafo em Brístol) para fazer as experiências em sua oficina, depois das seis horas da noite, e fiquei certo da participação do Doutor Thompson e do Senhor Tommy, na qualidade de testemunhas. Eu mesmo fazia todas as manipulações, à exceção de descobrir a objetiva, operação reservada ao Senhor Josty.

"A câmara escura, munida de uma objetiva Ross, era construída de maneira a que se pudesse obter três provas negativas sobre a mesma placa. Amortecia-se a luz, para poder prolongar a exposição até quatro minutos. O fundo era semelhante ao que se emprega ordinariamente, de cor parda carregada, e encostava na parede. O médium lhe voltava às costas; estava sentado e tinha uma mesa pequena à sua frente. O Doutor Thompson e o Senhor Tommy estavam sentados de um lado, à mesma mesa, enquanto eu me conservava defronte, durante a exposição.)"

A descrição das experiências é mesmo muito sumária nessa carta; citarei por isso a carta do Senhor Beattie, no jornal "Spiritualist".

Na primeira sessão, fizeram-se nove exposições sem resultado. Na segunda sessão, que se deu uma semana depois, obtivemos um resultado em a nona exposição. Se nada tivéssemos obtido, tínhamos decidido abandonar as experiências. Mas, ao revelarmos a última placa, vimos imediatamente aparecer uma imagem, semelhando-se vagamente a uma forma humana. Depois de muitas discussões, decidimos que o resultado obtido não podia ser atribuído a nenhum dos acidentes tão freqüentes em fotografia. Ficamos pois animados a prosseguir nas experiências. Farei observar que o Senhor Josty zombava até da própria idéia de fazer essas experiências; entretanto, o resultado obtido na segunda sessão fê-lo refletir.

Na terceira sessão, a primeira placa não deu resultado. Sobre a segunda placa, cada uma das três exposições produziu um resultado; depois das duas primeiras, um busto luminoso, conservando os braços levantados e cruzados; na terceira exposição, apareceu à mesma imagem, porém alongada. Diante dessa figura e acima dela se achava uma estranha forma recurvada, cuja posição e dimensão mudaram a cada nova exposição para a mesma placa. Depois de cada exposição sucessiva, a imagem aproximava-se cada vez mais da forma humana, enquanto que a forma que se achava acima dela se transformava em estrela. Essa evolução continuou durante as exposições seguintes, depois do que a estrela tomou a forma de uma cabeça humana.

"Presenciávamos uma das exposições dessa série, e o Senhor Josty estava sentado em uma cadeira perto do aparelho para abrir a objetiva, quando, de repente, sentimos que o obturador caía das suas mãos; apercebemo-nos de que ele estava mergulhado em profundo transe.

"No momento de voltar a si, ele manifestava grande emoção. Acalmando-se um pouco, disse que só se recordava de ter visto diante de nós uma forma humana branca, que lhe parecia ser a sua mulher. Pediu-nos que mandássemos imediatamente colher informações a seu respeito. Depois desse incidente, o Senhor Josty parecia dominado por um terror supersticioso e hesitava em tocar na câmara escura ou no caixilho; não ria mais.

"Na quarta sessão, os resultados obtidos foram mais admiráveis ainda. Obtivemos em primeiro lugar a imagem de um cone, de uma extensão de cerca de 2 milímetros e, acima, um outro cone mais curto; na segunda exposição, esses cones projetam uma irradiação para os lados; na terceira, o grande cone toma a forma de uma garrafa florentina, e o pequeno cone a de uma estrela; na quarta exposição, aparecem as mesmas imagens, e, demais, um duplo da estrela. Na quinta exposição, cada uma dessas imagens parece atravessada por um fio de magnésio aceso, a estrela assemelhando-se a uma ave luminosa voando, e a garrafa estava como se tivesse sido reduzida a estilhaços; é como uma explosão de luz.

“Na quinta sessão, tivemos dezoito exposições, sem o menor resultado. O dia estava muito úmido.

“Na sexta sessão, sábado 15 de Junho, obtivemos resultados muito estranhos, quer de natureza física, quer de natureza espírita. Descrevê-los-ei tão exatamente quanto possível. Doze exposições não deram resultado algum. Em seguida os Srs. Butland e Josty caíram em transe (sono letárgico). O Senhor Josty não pôde sair completamente desse estado letárgico durante todo o resto da noite; ele repetia de si para si: “Que significa isso?... Não me acho bem... Parece-me que estou atado.” Ele estava evidentemente no estado de semitranse. Na exposição seguinte, foi incumbido de abrir a objetiva; feito isto, aproximou-se rapidamente e colocou-se atrás de nós, o que nos admirou. Quando se passou o tempo necessário, correu para o aparelho e fechou a objetiva; sobre essa placa uma imagem branca tinha aparecido diante dele. Da pessoa do Senhor Josty não se via senão a cabeça.

“Até o presente, ele se recusa a acreditar que se levantou e se colocou diante do aparelho; evidentemente tinha agido em estado de transe.

“Na experiência seguinte, o Senhor Josty estava conosco e era o Doutor Thompson quem estava na objetiva. Durante a exposição, o Senhor Josty disse: “Vejo uma nuvem, igual a um nevoeiro de Londres.” Ao se revelar à chapa, para a segunda exposição, ele disse ainda: Presentemente nada vejo, tudo é branco.” E abriu os braços para assegurar-se de que estávamos ali. No momento da, retirada da placa para a terceira exposição, declarou. que via de novo o nevoeiro.

“O Senhor Butland, por sua vez, disse que via uma imagem. Farei notar que essas observações eram feitas durante a exposição. Desde que mergulhei a placa no revelador, obtive um resultado excessivamente estranho, direi: inconcebível.

“A primeira parte da placa representava um nevoeiro, diáfano, contínuo; as figuras sobre essa placa eram quer invisíveis, quer neutralizadas; por conseguinte, simultaneamente, um efeito era anulado, um outro era reproduzido. Sobre a parte seguinte da placa, a nebulosidade tinha-se tornado completamente opaca: sobre a terceira via-se um ligeiro véu e uma figura como a tinha visto o Senhor Butland.

“A sétima sessão, compreendendo dezesseis exposições, só deu um resultado: uma espécie de imagem, lembrando a forma de um dragão; não compreendi o que ela representava.

“Essa sessão foi seguida de uma série de sessões interessantes, no decurso das quais obtiveram-se placas marcadas por estranhas manchas luminosas, que foram, de cada vez, descritas minuciosamente pelos dois médiuns, durante a exposição, quanto ao seu número, sua disposição e sua intensidade.

“Houve ainda uma última sessão a 22 de Junho, à qual assistia o Senhor John Jones, de Londres.

“O Senhor Josty sofria de uma dor de cabeça violenta e o Senhor Butland estava fatigado pelos seus trabalhos quotidianos. Fizeram-se vinte e uma exposições, que não deram senão três resultados: em uma vez uma mancha luminosa, e em duas outras uma espécie de feixe ou de molho, regularmente reunido, com uma linha nitidamente traçada na frente e raios luminosos atrás.

“Nesse relatório, dei, tanto quanto me era possível, um esboço das nossas experiências; enquanto elas duravam, produziram-se muitas coisas que era preciso ver e ouvir. Essas experiências foram feitas para o nosso prazer pessoal. Todas as precauções tinham sido tomadas para evitar uma intervenção estranha. Operávamos atenta e conscienciosamente. Os resultados obtidos nos teriam satisfeito, ainda que nada mais tivéssemos conseguido.

“Junto uma série dessas fotografias. Estou persuadido de que reconhecereis imediatamente a sua grande importância sob o ponto de vista científico. Suponhamos que em lugar dessas imagens tivéssemos recebido retratos; nesse caso, por maior que fosse a nossa satisfação própria, as pessoas estranhas teriam acolhido de maneira diferente as nossas experiências e teríamos tido maiores probabilidades de serem acreditados?

“Assim como as fotografias do mesmo gênero, que vimos até o presente, denotavam claramente de que maneira tinham sido feitas, assim também, espero-o, percebereis imediatamente, depois de minucioso exame, gere essas imagens, no seu conjunto, trazem em si as provas da sua estranha e singular origem. No decurso de todas essas experiências, recebíamos, por intermédio da mesa, indicações exatas, que diziam respeito à luz, à abertura e fechamento da objetiva. Eu mesmo fazia o trabalho fotográfico. As imagens sobressaíam imediatamente, muito antes das imagens normais, e isso demonstra a energia particular da força que se produzia.”

Os testemunhos breves do Senhor Tommy, que assistia. às experiências, e do Senhor Jones, que tinha tomado parte em uma das sessões, estão publicadas no “Médium” de 5 de Julho de 1872.

Na sua terceira carta, reproduzida pelo jornal fotográfico, em 1873, o Senhor Beattie, depois de uma notícia interessante e preliminar, conta uma nova série de experiências que fez naquele ano com o auxílio das mesmas pessoas. Os resultados foram, em geral, semelhantes aos obtidos precedentemente; quanto aos que apresentavam particularidades notáveis, falarei deles mais adiante, em lugar oportuno.

Vou citar aqui a carta do Doutor Thompson, da qual se falou mais acima, carta que ele tinha escrito a pedido de um colaborador do jornal “Human Nature”, em 1874, numa época, por conseguinte, em que ele estava ainda sob a impressão recente dos fenômenos observados.

Além do fato de ser a comunicação do Senhor Thompson muito minuciosa, e porque completa a descrição do Senhor Beattie por diversas particularidades interessantes, tem um valor particular, nesse caso especial, porque é o testemunho de urna pessoa estranha que assistiu a todas essas notáveis experiências, tanto mais porque o Senhor Thompson é um distinto fotógrafo amador; é por essa razão que cito essa comunicação in extenso.

“Quando, há dois anos, o público começou a interessar-se pela fotografia espírita, meu amigo, o Senhor Beattie, pediu-me que o auxiliasse em algumas experiências, cujo objetivo era estabelecer a realidade desse fato, visto que todos os casos observados por ele, até aquele dia, traíam fraudes com maior ou menor evidência.

“Empreendemos essas experiências unicamente para a nossa própria instrução; ambos nos interessávamos pelo Espiritismo, em geral, e mais particularmente por essa questão especial; cada um de nós se tinha ocupado de fotografia durante perto de trinta anos - o Senhor Beattie, quando era o primeiro dos fotógrafos de Bristol, e eu como amador.

Um amigo comum, graças ao mediunismo do qual tínhamos freqüentemente sido testemunhas de diferentes fenômenos de transes e com a probidade do qual podíamos contar plenamente, ficou de boa vontade à nossa disposição. Começamos as nossas experiências no meado de Junho de 1872, reunindo-nos uma vez por semana, às 6 horas da tarde (hora que nos era imposta pelas ocupações pessoais do médium). Servimo-nos de uma objetiva de Ross, com foco de seis polegadas; a câmara negra era das que se empregam ordinariamente para a fotografia de formato de cartão de visita, com caixilho construído de maneira a se poderem obter três provas sobre a mesma placa. O banho de prata era preparado em um vaso de porcelana. O fundo era igual aos que se empregam ordinariamente, de ferro, montado sobre um caixilho e de uma cor tirando ao pardo. Começávamos cada sessão colocando-nos em roda de uma mesa pequena, a qual nos indicava, por movimentos, de que maneira devíamos operar. Seguindo essas instruções, o Senhor Beattie ocupava-se com a preparação e desenvolvimento da maior parte das placas, enquanto eu dirigia a exposição, cuja duração era igualmente indicada pelos movimentos da mesa, em roda da qual estavam sentados todos os experimentadores, à exceção de mim.

“Tiravam-se às placas dos banhos preparados de antemão, sem observar ordem alguma particular. Julgo importante mencionar esse fato, porque ele permite recusar grande parte das objeções, senão todas, tendentes a pôr em dúvida a autenticidade dessas fotografias. Além das precauções tomadas para a escolha das placas, tínhamos recorrido a outras, o médium não deixava a mesa, salvo se convidado para assistir à revelação; dessa maneira - admitindo-se mesmo que as chapas tivessem sido preparadas previamente - tornava-se absolutamente impossível saber qual seria a imagem que se obteria sobre a placa; entretanto, o médium nos descrevia essas imagens até em suas particularidades mínimas.

“As nossas sessões não duravam habitualmente além de duas horas. Na primeira sessão, fizemos nove exposições sem obter nada de insólito.

Reunimo-nos na semana seguinte, e, depois de oito exposições, igualmente infrutíferas, decidimos parar com as experiências se a nona não desse resultado favorável. Mas, desde que procedemos à revelação dá nona placa, vimos instantaneamente aparecer uma forma estranha, muito semelhante a uma figura inclinada. Quando nos reunimos pela terceira vez, a primeira placa nada apresentou de particular (em geral em quase todas as sessões ulteriores as primeiras exposições não deram resultado algum). Na segunda placa apareceu uma figura notável que se assemelhava à parte superior de um corpo feminino. A mesma imagem, porém

mais alongada, apareceu igualmente na terceira placa. Daí em diante, em lugar da forma da cabeça, obtivemos imagens que se aproximavam mais ou menos da forma de uma estrela. No começo da nossa sessão seguinte, tivemos a princípio doze insucessos, mas, quando as manifestações começaram, verificamos que as imagens tinham mudado e tomado à forma de cones ou de garrafa, que eram cada vez mais luminosas para o centro. Esses cones luminosos apareciam invariavelmente sobre a fronte ou sobre a face do médium, e eram geralmente acompanhados de uma mancha luminosa que se achava acima da sua cabeça. Em um caso havia duas estrelas desse gênero, uma das quais era menos brilhante e estava parcialmente encoberta pela outra. Essas imagens, por sua vez, cediam o lugar a outras: os cones e as estrelas transformavam-se em imagens, lembrando aves de asas abertas, enquanto os bordos primitivamente luminosos, das figuras, se confundiam gradualmente com o fundo.

Na sessão seguinte, vinte e uma exposições não deram resultado algum; foi durante essa noite que o médium, pela primeira vez, começou a falar em transe e a nos descrever o que tinha visto, quando as placas estavam ainda no gabinete; verificou-se que as suas descrições eram exatamente conformes às imagens recebidas ulteriormente. Uma vez, ele exclamou: “Estou rodeado por um nevoeiro espesso e nada posso ver.” Após a revelação da chapa utilizada nesse momento, nada se viu; toda a superfície estava velada. Em seguida, ele descreveu uma figura humana rodeada por uma nuvem; revelada a placa, pudemos distinguir uma imagem fraca, porém muito nítida, lembrando uma forma feminina. Em outra ocasião, no ano precedente, quando eu estava sentado à mesa, o médium fez a descrição de uma figura de mulher que deveria ter-se conservado perto de mim e cujo esboço sumário apareceu muito nitidamente após a revelação da chapa. Desde então as aparições foram quase todas descritas pelo médium durante a exposição e, em cada caso, com a mesma precisão. No ano passado essas manifestações se tornaram mais variadas na forma que as precedentes; uma das mais curiosas manifestações foi uma estrela luminosa do tamanho de uma moeda de três pente de prata, no meio da qual se achava um busto moldurado em uma espécie de medalhão, cujos bordos eram nitidamente traçados em negro, como o médium o tinha descrito.

No decurso dessa sessão, ele atraiu, repentinamente, a nossa atenção para uma luz viva e no-la mostrou; estava admirado de que nenhum de nós a visse. Quando a placa foi revelada, notava-se ali uma mancha luminosa e o dedo do médium que a indicava. Todos aqueles que estudaram a série inteira dessas fotografias notaram que a maior parte das imagens obtidas apresentavam, por assim dizer, um desenvolvimento sucessivo; começando por pequena superfície luminosa, que aumentava gradualmente, mudam de contornos, e a última fase de mudança consiste na fusão de duas imagens primitivamente independentes.

“O Senhor Beattie nos fazia freqüentemente observar a rapidez com a qual essas imagens apareciam à revelação, enquanto que as imagens normais só apareciam muito mais tarde. A mesma particularidade foi notada por outras pessoas que se ocupavam com semelhantes experiências e nos assinalou esse fato.

“Sucedia freqüentemente no fim da sessão, quando a luz era consideravelmente amortecida, não notarmos sobre as placas submetidas à revelação nenhuma outra coisa além das impressões dessas formações luminosas que tinham sido invisíveis aos nossos olhos. Esse fato demonstra que a força luminosa que agia sobre a placa, se bem que sem ação sobre a nossa retina, era considerável; por isso trabalhávamos às escuras, porque a luz visível, refletida pelos objetos que estavam no quarto, não podia produzir ação alguma sobre a camada sensível.

“Essa circunstância me sugeriu a idéia de experimentar se o raio ultravioleta do espectro tinha qualquer influência sobre essas formações; nesse intuito propus expor um pedaço de papel impregnado de uma substância fluorescente na direção em que o médium dizia ver as luzes. Para esse fim, tomei uma folha de papel mata-borrão, embebi uma metade dele em uma solução de quinina, deixando a outra metade não embebida, para melhor apreciar que efeito produziria a presença do quinina”.

“A meu pesar, fiquei privado de assistir à sessão em que se fez essa experiência. Foi a nossa última experiência, mas o Senhor Beattie expôs o papel, de acordo com as minhas indicações, sem obter entretanto resultado algum.”

Como se pode julgar pelos documentos precedentes, o Senhor Beattie tinha reunido, para essas experiências, um pequeno grupo de amigos, composto ao todo de cinco pessoas, entre as quais se achava, um médium, o Senhor Butland; é essencial fazer notar que ele não era médium de efeitos físicos e de

materialização, mas médium de transe (como vemos na carta mais minuciosa do Senhor Beattie, publicada pelo "Spiritualist" de 15 de Julho de 1872); repito-o, trata-se pois de um médium com o qual iguais fenômenos não se produzem geralmente, e o Senhor Beattie não tinha por conseguinte, convidando-o, probabilidade alguma de êxito; ele não podia formar suposição alguma sobre o gênero de fenômenos que se produziriam; os resultados obtidos foram pois relativamente fracos e muito vagos.

Mas o Senhor Beattie, vivendo em Brístol, não tinha grande escolha a fazer; e o Senhor Butland, por ser seu amigo íntimo, podia contar com a sua dedicação, o que não era para desprezar naquela circunstância, pois que foi só na décima oitava exposição que se obteve resultado.

Essas experiências não escaparam à atenção do Senhor Hartmann, e ele faz menção delas na página 46. Classifica-as sob a denominação de "aparições luminosas", que ele atribui a "vibrações do éter de uma refrangibilidade superior". Mas as palavras "aparições luminosas" são muito vagas; na página 49, o Doutor Hartmann fala ainda delas, nestes termos:

"As aparições luminosas mediúnicas, diz ele, apresentam também formas determinadas, mas são antes (??) formas cristalinas, ou, melhor, inorgânicas, por exemplo, cruzes, estrelas, um campo luminoso com manchas mais brilhantes, que têm mais semelhança com as figuras elétricas formadas de finas poeiras ou com as figuras do sorri (figuras Chladni), do que com formas orgânicas."

O Senhor Hartmann não viu as fotografias do Senhor Beattie, e não presta atenção alguma às palavras do Senhor Beattie, que não se harmonizam com a sua explicação, e nas quais se trata de figuras humanas. Mas, presentemente, quando os nossos leitores já podem formar uma idéia dessas fotografias, conforme as fotografias que foram publicadas, torna-se claro para cada um que nas fotografias em questão não nos achamos em presença de "formas cristalinas ou não orgânicas", mas que vemos, pelo contrário, aparições que tendem a tomar uma forma orgânica, a forma humana.

O que é de notar é que nas primeiras estampas (estampas I e II) a formação das imagens tem dois centros de desenvolvimento; vemos dois corpos luminosos: um se formando na região da cabeça do médium, o outro na região do peito.

Na primeira estampa, vê-se o médium sentado no meio, voltando-nos o rosto; à direita, está o próprio Senhor Beattie; à esquerda os Srs. Thompson e Tommy. Na estampa II, nota-se uma série de formações que se ficaria tentado a comparar a uma formação vertebral. Nas estampas III e IV, a reunião das imagens está por assim dizer consumada, e vemos figuras que não podem ser comparadas a outras coisas senão a formas humanas.

Além disso, o Senhor Beattie fala de uma sessão na qual "três exposições consecutivas deram bustos luminosos com os braços cruzados". ("Ps. Stud.", v. página 339.) Do mesmo modo as suas outras expressões, tais como "desenvolvimento de uma figura humana completa" (ibid.) "imagem luminosa produzindo-se sobre um lado" (vede pág. 14), "figura sombreada com cabelos longos, estendendo a mão" (Ps. Stud., 1881, páginas 256-257), não deixam dúvida alguma sobre esse ponto. O Senhor Thompson fala também de figuras humanas que se produzem freqüentemente.

Depois de tudo isso, pode concluir que nos achamos em presença, não de simples "aparições luminosas", mas de produções de uma matéria, invisível ao nosso olho e que é ou luminosa por si mesma ou reflete sobre a placa fotográfica os raios de luz a cuja ação a nossa retina é insensível. Que se trata aqui de uma matéria, está provado por esse fato: ela é às vezes tão pouco compacta que se vêem as formas das pessoas sentadas e a mesa, e que outras vezes ela é tão densa que encobre a imagem dos assistentes; o aparecimento das imagens humanas através da formação de matéria é visível na estampa IV, figuras 14 e 15; ela é mais visível ainda sobre as fotografias originais.

Ao mesmo tempo essa matéria é incontestavelmente dotada de tal energia foto-química que as suas impressões aparecem antes de todas as outras imagens, antes mesmo das figuras normais, cuja revelação é preciso esperar durante um tempo mais ou menos longo.

Dentre as experiências do Senhor Beattie, há uma que estabelece de maneira absoluta a impossibilidade de definir o resultado obtido pelas palavras "aparições luminosas", porque a forma que apareceu é negra. Reproduzo aqui as próprias palavras do Senhor Beattie:

"Depois de diversos insucessos, preparei a última placa para aquela noite. Eram 7h. 45. Quando tudo ficou pronto, o médium nos declarou que via, sobre o fundo de trás, uma figura de velho que estendia a mão. Um outro médium, que também estava presente, disse que percebia uma figura clara. Cada um dos dois médiuns fez a descrição da posição na qual via o fantasma. Essas figuras apareceram efetivamente sobre a placa, porém fracamente, de sorte que a tiragem não deu resultado. Reproduzi-as em positivo transparente, e depois em negativo muito forte, e então pude fazer a tiragem. Podeis ver que estranho resultado obtive. A figura mais negra parece representar uma personagem do XVI século; dir-se-ia que ela tem uma cota de malha e cabelos longos. A figura clara está apagada; não aparece, na realidade, senão como imagem negativa." (Ps. Stud. 1881, pág. 257.)

Mas não é tudo. Essas experiências deram um outro resultado, que é notável. As imagens de que falamos até o presente, e que foram reproduzidas sobre as nossas fotografias, podem ser consideradas como espontâneas ou originais. Há outras, que se poderiam designar como artificiais. Assim, o Senhor Beattie as compara, ora a "uma coroa, ornada de pontas e tendo a forma de espadas", ora a "um sol brilhante, no meio do qual se vê uma cabeça". Na sua terceira carta, ele faz a descrição seguinte dessa última experiência:

A experiência seguinte, a última, se bem que absolutamente única pelos seus resultados, pode ser descrita em algumas palavras: na primeira exposição dessa série obteve-se uma estrela; na segunda exposição, essa mesma estrela, porém maior; e, na terceira, essa estrela era transformada em um sol de dimensões consideráveis, um pouco transparente; conforme a descrição feita pelo médium, a mão mergulhada nesse sol sente um calor igual ao do vapor subindo de uma caldeira. Na quarta exposição, o médium vê um sol soberbo, cujo centro é transparente e mostra o perfil de uma cabeça semelhante às que se vêem sobre os shiliings. Depois da revelação, verificou-se que todas as descrições eram exatas. (Ps. Stud., 1881, pág. 257.)

Tenho em meu poder a série completa dessas fotografias. Na primeira distingue-se, acima da cabeça do médium, um corpo luminoso do tamanho de uma ervilha pequena; na segunda prova, ele triplicou de volume e apresenta o contorno de uma cruz esboçada, do tamanho de um centímetro e meio; vê-se a mão do médium dirigindo-se para esse corpo luminoso; na terceira fotografia, a imagem tomou uma forma oval, do mesmo volume, de fundo igual, guarnecida de protuberâncias no contorno; na quarta fotografia, a figura oval é ainda mais regular e assemelha-se a uma moldura de forma oval formada de pequenos rendados luminosos, e tendo meio centímetro de largura por 2 centímetros de comprimento; rio interior da moldura desenha-se, em tom mais carregado, o perfil de uma cabeça "como sobre um shilling", do tamanho de um centímetro.

O Senhor Beattie chega às conclusões gerais seguintes:

"As minhas experiências demonstram que existe na Natureza um fluido ou um éter, que se condensa em certas condições, e que, nesse estado, se torna visível às pessoas sensitivas; que, tocando a superfície de uma placa sensível, a vibração desse fluido ou desse éter é tão ativa que produz uma poderosa reação química, como só pode produzir o Sol em plena força. As minhas experiências provam que há pessoas cujo sistema nervoso é de natureza a provocar (no sentido físico) essas manifestações; que, em presença dessas pessoas, formam-se imagens com urna realidade que denotam a existência de uma força inteligente invisível. Porém, nas páginas do seu jornal, essa questão deve ficar num terreno puramente físico. O fato é que, fotografando um grupo de pessoas, obtivemos sobre as placa manchas nebulosas apresentando um caráter determinado e permitindo julgar da extensão, da largura e da espessura das formas assim fotografadas; essas formas têm luz própria e não projetam sombra alguma; denotam a existência de um objetivo; podem facilmente ser imitadas, mas é duvidoso que alguém as tivesse imaginado." (Extrato da carta do Senhor Beattie ao jornal "Photographic News" de 2 de Agosto de 1872, citada no "Spiritual Magazine", 1872, pág. 407.)

No final da sua carta publicada no "Spiritualist", o Senhor Beattie chega às mesmas conclusões e acrescenta:

"Essa substância é utilizada por seres inteligentes invisíveis e moldada por eles em diversas formas, como a terra glaise pelo artista; quaisquer que sejam, essas formas, colocadas diante da objetiva, podem ser fotografadas; as pessoas, cuja retina é bastante sensível para perceber essas formas, dão a sua descrição exata, antes que se tenham tornado visíveis ao olho normal, pela revelação da placa.

Na expectativa, deixemos de lado a questão dos “seres inteligentes invisíveis”, porque é matéria para discussão; detenhamo-nos nesse momento no fato irrecusável, demonstrado pelas experiências fotográficas, a saber, que debaixo de certas condições mediúnicas há formações materiais, invisíveis ao olho normal, que estabelecem a existência de uma força inteligente, agindo com um fim preconcebido, e que há evidentemente desenvolvimento progressivo de um tipo determinado.

E preciso notar que esse fato é estabelecido por uma dupla prova: de um lado o fenômeno é visto e descrito pelas pessoas sensitivas do círculo experimentador, no momento da sua produção; de outro lado, a fotografia dá uma prova material da realidade dos fenômenos observados e confirma a exatidão das descrições feitas por essas pessoas. O Senhor Hartmann não o nega (página 57). Possuímos, por conseguinte, a demonstração exigida pelo Senhor Hartmann, que quer que a placa fotográfica receba simultaneamente o médium e a aparição. Se as experiências fotográficas não tivessem dado esse resultado, o Senhor Hartmann teria podido colocar essas visões do médium no domínio das alucinações, como o faz sem hesitar em qualquer outra ocasião. Eis, por exemplo, os termos que certamente ele teria aplicado às experiências do Senhor Beattie se não fossem acompanhadas de fotografias: “Quando o médium tem a ilusão de que uma nuvem se desprende da cavidade do seu estômago e toma a forma de um Espírito, o espectador fascinado terá a mesma ilusão.” Desde que possuímos agora a prova fotográfica (pelas experiências do Senhor Beattie), de que não estamos em presença de alucinações, adquirimos um fato da mais alta importância; falaremos dele há seu tempo. E' útil igualmente fazer observar que esse mesmo fato demonstra que o resultado obtido sobre a placa fotográfica não pode ser atribuído unicamente à ação “de um sistema de forças lineares”, emanando do médium (hipótese pela qual o Senhor Hartmann explica as impressões de corpos orgânicos) e agindo apenas na superfície da placa; fica-se na obrigação de admitir, nesses casos, que objetos reais produziram os resultados fotográficos em questão.

Também é muito notável a conclusão do Senhor Beattie, de que tratamos nesse caso de uma matéria invisível, artificialmente fabricada; a mesma conclusão já tinha sido deduzida de numerosas observações sobre os fenômenos da materialização visível, e entretanto essa materialização visível, a princípio, dos rostos humanos, e depois do corpo inteiro, começava apenas a ser conhecida, quando em 1872 o Senhor Beattie chegou às mesmas conclusões das quais teremos ainda que falar, pesando o seu valor.

O Senhor Beattie não foi o único a querer verificar, em pessoa, com o concurso de um círculo de íntimos, as notícias sensacionais vindas da América, a respeito da fotografia espírita. Nos jornais ingleses de 1872 e 1873 (“Médium”, “Spiritual Magazine” e “Spiritualist”) encontram-se numerosas referências a semelhantes experiências, feitas por particulares no intuito de verificar esses fenômenos pelos seus próprios olhos. As primeiras fotografias desse gênero foram obtidas pelo Senhor Guppy, autor do livro “Mary-Jane”, do qual falamos em o nosso resumo histórico da literatura espírita. Nesse caso o médium era a Senhora Guppy. (Para as particularidades dessas experiências, ver “Spiritual Magazine”, 1872, página 154, e a descrição que fez delas o Senhor Wallace, que conhecia a Senhora Guppy, pessoalmente. Ver o seu livro, “A Defesa do Espiritualismo Moderno”. Semelhantes experiências foram feitas pelo Senhor Reeves, que até não tinha idéia alguma da arte fotográfica quando começou. Ele obteve igualmente imagens de objetos inanimados e de rostos humanos ((“Spiritual Magazine”, 1872, páginas 266 e 409); esse jornal faz menção de cinquenta e uma fotografias desse gênero. Citemos ainda as experiências do Senhor Parmes, sobre as quais interessantes particularidades “são publicadas pelo “ Human Nature” (1874, págs. 145-157), assim como no “Spiritua1ist” (1875, t. VI, págs. 162-165, e t. VII, págs. 282-285); do Senhor Russell, que fez experiências com pessoas da sua família e com médiuns de profissão, em sua casa (“Spiritual Magazine”, 1872, pág. 407); do Senhor Slater, óptico de Londres, cujo sensitivos eram também membros de sua família; ele próprio fazia todas as manipulações; encontra-se a sua comunicação no “Médium” de 1872, pág. 239 e seguintes. Teremos ainda que falar nele mais adiante. Finalmente mencionemos o Senhor Williams, professor de Direito, doutor em Filosofia, sobre as experiências a respeito do qual o Senhor Wallace se exprime nos termos seguintes:

“Uma confirmação não menos comprobatória foi obtida por um outro amador, o Senhor Williams, após tentativas que duraram um ano e meio. No ano passado, ele teve o ensejo de obter três fotografias, cada uma das quais com uma parte de figura humana, ao lado da pessoa em exposição; uma só dessas figuras tinha os traços do rosto claramente reproduzidos. Mais tarde, o Senhor Williams obteve ainda uma fotografia na

qual se achava uma forma de homem bem visível, ao lado da pessoa exposta; entretanto, depois dos banhos, essa imagem desapareceu do negativo. O Senhor Williams me certifica por escrito que essas experiências excluíam toda a fraude e toda a suposição de que essas imagens tivessem sido obtidas por qualquer processo conhecido." ("Defesa do Espiritualismo Moderno", pág. 54.) Não devemos também passar em silêncio a experiência pessoal do Senhor Taylor, redator do "British Journal of Photography". Sendo o testemunho do Senhor Taylor o de um homem que não só vivia isolado de todas as ocupações referentes ao Espiritismo, como ainda tinha qualificado a fotografia espírita de impostura vergonhosa, reproduzimos aqui textualmente a sua comunicação. Ele dirigiu-se a casa do Senhor Hudson, fotógrafo de profissão, em Londres, que também pretendia produzir fotografias espíritas. O próprio Senhor Taylor fez todas as manipulações e obteve resultados absolutamente concludentes.

Deixemos-lhe a palavra:

"Uma vez reconhecida à realidade do fato, achamo-nos em presença desta questão: Como se produzem essas imagens sobre a placa coberta de colódio? A primeira idéia é atribuí-Ias a uma exposição dupla, arranjada pelo fotógrafo, o Senhor Hudson. Mas essa explicação encontra um desmentido imediato: a presença do Senhor Hudson não é de maneira alguma indispensável ao êxito da experiência; devemos em verdade declarar que o seu gabinete negro estava à nossa inteira disposição todas as vezes que nos achávamos em seu atelier para fazer as experiências em questão. Empregávamos o nosso colódio e as nossas placas; durante todo o tempo da preparação, da exposição e da revelação, o Senhor Hudson conservava-se a uma distância de 10 pés do aparelho.

"E certo que em muitas placas obtivemos imagens fora do comum. Qualquer que seja a sua origem - por ora deixamos essa questão de lado - uma coisa parece evidente: é que o próprio fotógrafo não tem nisso parte alguma. Assim também, a suposição de que o resultado produzido era devido a placas que tinham servido anteriormente não é aceitável nesse caso, pois todas as placas eram novas, compradas na Casa Rouch & Cia., algumas horas antes da experiência; além disso, elas estavam durante todo o tempo debaixo de nossas vistas; o próprio embrulho só era aberto no começo da sessão." ("British Journal of Photography", 22 de Agosto de 1873, citado pelo "Spiritualist Magazine", 1873, pág. 374.)

E à mesma época que se referem às experiências que o Senhor Reimers fazia em um círculo íntimo; todas as manipulações eram feitas por ele próprio; os resultados obtidos estavam perfeitamente de acordo com as visões sensitivas do médium, bem como com as observações feitas pelo Senhor Reimers nas sessões de materialização, no decurso das girais aparecia à mesma, imagem que sobre as fotografias. ("Spiritualist, 1871, I, 238; "Psychischc Studien", 1874, pág. 516, 1876, pág. 489, 1879, pág. 399.)

Posso mencionar ainda experiências iguais feitas pelo Senhor Damiani, em Nápoles. Eis a sua comunicação Um jovem fotógrafo alemão ficou tão impressionado à vista da minha coleção de fotografias espíritas, que me propôs fazer algumas experiências sobre o terraço da minha casa, se eu me incumbisse de convidar um médium de aceitar a sua proposta. No meado de Outubro eu contava com seis médiuns que se puseram à disposição do fotógrafo: a Baronesa Cerápíca, o Major Vigilante, o Cônego Fiore e três senhoras ainda. Na primeira placa apareceu uma coluna de luz; na segunda, um globo luminoso por cima da cabeça de uma das senhoras, médium; na terceira, o mesmo globo, com uma mancha no centro; na quarta placa essa mancha era mais acentuada; na quinta e última, pode-se distinguir um esboço franco de cabeça no centro de uma mancha luminosa."("Spiritualist", 3 de Dezembro de 1875.) E fácil verificar nessas experiências os mesmos característicos que os que se produziram nas sessões do Senhor Beattie.

Não posso evidentemente entrar nas particularidades de todas as experiências que mencionei. Isso tornaria necessário um volume. As experiências do Senhor Beattie nos bastam, porque põem entre as nossas mãos os documentos necessários, e, ao demais, as condições nas quais essas pesquisas foram feitas correspondem às exigências da crítica mais severa. Repetimo-lo, essas experiências não tiveram outro intuito além de o de servir à convicção pessoal de um homem esclarecido, pesquisador estudioso, que era, além disso, um fotógrafo distinto. Ele não auferiu lucro algum material dessas experiências; as fotografias espíritas obtidas por ele nunca foram postas à venda; finalmente, nunca foram reproduzidas senão em um número restrito de exemplares, para serem distribuídos entre os amigos da causa; elas são conservadas, esperamo-lo, nos.maços de jornais de fotografia aos quais essas provas chegaram ao mesmo tempo em que os seus artigos.

Não é pois de admirar que essas fotografias sejam pouco conhecidas, em geral, e na atualidade esquecidas provavelmente, porque toda a atenção se dirigiu naturalmente para os fenômenos de materialização visível.

Achando-me em Londres, em 1873, dirigi-me a Brístol, com a resolução decidida de fazer conhecimento com o Senhor Beattie. De boa vontade ele me ofereceu trinta e duas fotografias da sua coleção. Para estudar essa questão seriamente, seria útil reproduzir em fotografia a série inteira das experiências do Senhor Beattie, por ordem cronológica. Ele próprio diz: "Essas fotografias, para serem bem compreendidas, demandam ser estudadas em suas séries consecutivas, porque é precisamente a sua evolução que é notável."

Não possuo, a meu pesar, a coleção completa; deixei de numerar os exemplares que me foram entregues pelo Senhor Beattie, segundo as suas indicações. Presentemente é muito tarde, porque o Senhor Beattie não é mais deste mundo. Por conseguinte fiz a,escolha de dezesseis fotografias conforme a ordem de sua série, segundo a descrição que os artigos dão a seu respeito. Acrescentarei que, na minha opinião, uma ordem rigorosamente cronológica não é de necessidade imprescindível, visto que as diversas fases da evolução não seguem de maneira absoluta a marcha do tempo, conforme pudemos julgar de acordo com os relatórios: elas estão, além disso, sujeitas às condições mais ou menos favoráveis que acompanham cada experiência.

Alonguei-me sobre as experiências fotográficas do Senhor Beattie, porque considero que os resultados que ele obteve são a base fundamental de todo o domínio fenomenal da materialização mediúnica, em geral, e da fotografia transcendente, em particular, que nos vai oferecer desenvolvimentos muito significativos, debaixo de outros pontos de vista.

O conjunto das fotografias do Senhor Beattie prova que, durante os fenômenos mediúnicos, produzem-se não somente fenômenos intelectuais, de uma: ordem particular - o que a crítica está resolvida a admitir, geralmente -, mas também fenômenos materiais, no sentido restrito da palavra, isto é: fenômenos de produção de certa matéria, tomando diversas formas, o que constitui o ponto essencial da questão; essa matéria apresenta-se a princípio sob a forma de vapor nebuloso, luminoso, unicolor, condensando-se pouco a pouco, e adquirindo contornos mais definidos, - como foi observado e assinalado por numerosas pessoas sensitivas ou clarividentes, principalmente pelos médiuns do Senhor Beattie. No seu último desenvolvimento, essa matéria se apresenta, nessas experiências, debaixo de formas que devem necessariamente chamar-se formas humanas, posto que não sejam ainda perfeitamente definidas. Teremos a prova, nos desenvolvimentos ulteriores desse fenômeno, demonstrada pela fotografia transcendente, de que nos achamos realmente em presença de formas humanas. Mas, não devo esquecer, respondendo ao Senhor Hartmann, que: me cumpre observar as condições difíceis e severas - em verdade perfeitamente racionais - que ele impôs como garantia da autenticidade do fenômeno de que se trata.

Felizmente, poderemos proceder mais adiante nas condições requeridas, que serão tão concludentes quanta a das experiências do Senhor Beattie.

Como grau intermediário entre uma forma humana indefinida e uma outra perfeitamente definida, apresenta-se a materialização definida de um órgão humano qualquer. Sabemos que os fenômenos de materialização, visíveis, consistiam - no começo do movimento espirítico - no aparecimento momentâneo de mãos humanas, visíveis, palpáveis, e provocando deslocações de objetos. O Senhor Hartmann coloca esse fenômeno no domínio das alucinações. Vemos, porém, na estampa V, a fotografia de mão - invisível para os assistentes - obtida pelo Doutor N. Vagner, professor de Zoologia na Universidade de S. Petersburgo. Reproduzo aqui extrato de um artigo que esse sábio publicou no "Novoïé Vremia" (Novo Tempo) de 5 de Fevereiro de 1886, sob este, título: "A teoria e a realidade"; esse artigo apareceu precisamente na ocasião da publicação de uma tradução russa do livro do Senhor Hartmann sobre o Espiritismo:

"Pois que o Senhor Hartmann pede provas objetivas do fenômeno da materialização das formas humanas, suponho que é oportuno publicar os resultados de uma experiência que fiz no intuito de obter, por intermédio da fotografia, a prova de um fenômeno desse gênero.

"Fiz essa experiência há cinco anos. Nessa época, preocupava-me em encontrar uma confirmação da minha teoria dos fenômenos hipnóticos, expostos por mim em três leituras públicas. Eu supunha que a individualidade psíquica, desprendendo-se do indivíduo hipnotizado, podia tomar uma forma, invisível para o experimentador, porém real em si mesma, que a placa fotográfica podia reproduzir, porque ela constitui um

aparelho muito mais sensível aos fenômenos da luz do que o nosso olho. Não falarei de toda a série de experiências infrutíferas que fiz nesse terreno; referirei apenas uma única experiência, que foi feita no mês de Janeiro de 1881 e que deu resultados absolutamente inesperados.

A Senhora E. D. de Pribitkof, a cuja complacência sou devedor da maior parte das minhas observações mediúnicas, me serviu de sensitiva para essa experiência. Na véspera, eu tinha preparado sete chapas fotográficas cobertas com a emulsão de colódio. A câmara escura que emprego, é a de Warnerke, construída por Dolmeyer; ela é estereoscópica, e eu a escolhi assim para que as duplas imagens se confrontassem umas pelas outras e para que se pudessem reconhecer as manchas acidentais que podem aparecer na chapa ao revelar-se o negativo. Essa câmara escura é de dimensões maiores que as usadas pelos fotógrafos da Rússia; por esse motivo, cada vez que preciso de novas chapas, tenho que encomendá-las ao fotógrafo ou ao vidraceiro; elas são cortadas em uma lâmina de vidro inteira, que nunca serviu para as manipulações fotográficas.

"Pelo processo psicográfico fomos informados: de que a experiência devia ser feita na manhã seguinte, quantas chapas devíamos expor, enfim, que na terceira chapa se produziria uma imagem mediúnica. Além da Senhora de Pribitkof, eu tinha convidado ainda um sensitivo hipnótico, um aluno de um ginásio de S. Petersburgo, com o qual tinha feito experiências de hipnotismo muito bem sucedidas; destinava-o a substituir a Senhora de Pribitkof no caso em que essa senhora desse mostras de fadiga ou de qualquer desordem nervosa. Eu tinha convidado uma pessoa a quem conhecia intimamente e com a qual fazia freqüentemente experiências de hipnotismo, o Senhor M. P. de Guedeonoff; a sua presença era necessária para adormecer o médium. O último dos assistentes era o meu velho colega de escola, o Senhor W. S. de Jacoby, que se ocupa de fotografia. Todos os meus convidados chegaram à hora indicada, meio-dia, e abrimos imediatamente a sessão. Encerramo-nos em um grande quarto da minha residência, com duas janelas e uma porta.

A médium foi colocada defronte de uma das janelas, e o Senhor de Guedeonoff, por meio de simples passes, mergulhou-a em breve em um sono hipnótico. Tínhamos externado o desejo de que, por meio de pancadas, nos fosse indicado quando seria tempo de abrir a objetiva, e de terminar a exposição. Não tivemos que esperar muito tempo: três pancadas muito fortes retumbaram no soalho e, depois de uma exposição que durou dois minutos, pancadas da mesma maneira nos advertiram que era tempo de fechar a objetiva.

"Nas duas primeiras chapas que tinham sido expostas - depois da revelação operada imediatamente no gabinete escuro, - só se viu aparecer o retrato da médium, adormecida na sua cadeira. A exposição da terceira chapa durou cerca de três minutos, e, depois da revelação, encontramos ali a reprodução de uma mão acima da cabeça da médium.

"Eis em algumas palavras a posição que ocupavam no quarto, no momento da exposição, as cinco pessoas que tomaram parte nessa experiência: o Senhor de Guedeonoff conservava-se perto da câmara escura; o jovem colegial de quem lhes falei estava sentado à parte, a quatro passos do aparelho; finalmente o meu amigo Jacoby e eu estávamos perto da câmara escura.

"Julgo inútil lembrar que o aparelho era estereoscópico e que na chapa apareceram duas imagens idênticas. A mão, reproduzida acima da cabeça da médium, não podia ser a mão de nenhuma das pessoas presentes.

Posto que a fotografia seja fraca e nebulosa - evidentemente porque não esteve exposta por tempo bastante -, vê-se ali a imagem muito distinta de uma mão saindo de uma manga de vestido feminino; mais acima se distingue o braço, mas apenas visível. A estrutura da mão é característica; é realmente mão de mulher, é disforme, porque o polegar se separa dos outros por profunda chanfradura. E evidente que essa mão não foi completamente materializada.

"Nenhuma dúvida pode subsistir: a mão fotografada é realmente um fenômeno mediúnico.

"Nas outras chapas que bati, nada de insólito apareceu. Fiz ainda, com o mesmo fim, uma série de experiências e expus, nas mesmas condições, dezoito chapas; porém nenhuma registrou novos fenômenos mediúnicos.

Por minha vez, acrescentarei que conheço pessoalmente todos os membros que assistiram a essa experiência, cujo resultado me foi comunicado imediatamente. O professor Wagner veio em pessoa trazer-me um exemplar da fotografia, que é reproduzida na estampa V. Isso se passava no mês de Janeiro de 1881. A

exceção do Senhor Jacoby, que eu tinha encontrado por muitas vezes em casa do Senhor Wagner, conheço particularmente a todas as outras pessoas: a Senhora de Pribitkof é mulher do redator do “Rebus”, capitão de Marinha, e desde muitos anos mantenho com ambos relações constantes. A Senhora de Pribitkof é um médium de efeitos físicos e por muitas vezes assisti às suas sessões; pancadas, reprodução na mesa de pancadas e de sons produzidos pelos assistentes, lançamento da mesa, escrita direta, deslocação de objetos em plena luz e às escuras: eis as principais manifestações de seu mediunismo.

Permita-me abrir aqui um parêntesis para assinalar uma experiência recente que foi mencionada no número 1° do “Rebus”, em 1886; no decurso dessa sessão, às escuras, uma campainha, colocada sobre a mesa em roda da qual estavam sentados os espectadores, foi levantada e começou a soar acima das cabeças. Um céptico, guiando-se pelo som, conseguiu apanhar destramente a campainha no momento em que ela tilintava perto de si. Ele apanhou bem a campainha, mas não a mão de cuja presença suspeitava. E' talvez essa mão intangível que é reproduzida na fotografia do Doutor Wagner. Qual teria sido a conclusão do nosso céptico, se tivesse sentido essa mão em estado de materialização mais grosseiro e com a manga por cima? Certamente teria concluído com “segurança” por uma fraude do médium, como se proclamou com freqüência em casos análogos; acabamos de ver, entretanto, que essa “certeza” está longe de ser absoluta; a fotografia dá testemunho disso.

Volto, porém, ao meu assunto: o segundo dos assistentes do Doutor Wagner, o Senhor Miguel de Guedeonoff, é capitão-tenente na Guarda Imperial; conheço-o há cerca de dez anos; depois de ter feito, na qualidade de oficial, a campanha da Turquia, está atualmente empregado no serviço civil, na Administração Central das Prisões.

O jovem colegial, que devia em caso de necessidade substituir a Senhora de Pribitkoff, chama-se Krassilnikof; depois ele foi estudante da Academia de Medicina.

Todas as pessoas receberam, como lembrança dessa sessão memorável, um exemplar da fotografia em questão; antes de publicar essas informações, interroguei a todas acerca de diferentes particularidades da experiência. O Senhor de Guedeonoff deu-me o seu testemunho por escrito, que reproduzo aqui a titulo de documento suplementar:

No mês de Janeiro de 1881, o professor Wagner me participou o seu projeto de fazer algumas experiências de fotografia de uma pessoa mergulhada no sono magnético, com a esperança de recolher uma prova objetiva da possibilidade do desdobramento da personalidade. Como, naquela época, eu me ocupasse muito de magnetismo, o professor Wagner propôs-me tomar parte nessas experiências na qualidade de magnetizador, e convidou, para uma sessão próxima, a Senhora de Pribitkof e o Senhor Krassilnikof, que ele desejava fotografar.

“Compreendendo toda a importância do projeto do Senhor Wagner, aceitei o seu convite; na véspera da sessão, dirigi-me a casa do professor Wagner para me entender definitivamente com ele acerca das particularidades da experiência e para assistir na minha qualidade de testemunha à preparação das chapas que tinham de servir para os negativos. Encontrei, em casa do professor, o Senhor Jacoby, que se encarregava da parte técnica da fotografia.

“Em nossa presença, as chapas foram cuidadosamente examinadas, lavadas, numeradas e cobertas com a emulsão necessária: depois foram encerradas pelo Senhor Wagner em uma caixa.

“No dia seguinte pela manhã, a Senhora de Pribitkof, o Senhor Krassilnikof, o Senhor Jacoby e eu, nos reunimos em casa do professor Wagner, no seu gabinete, na Universidade; procedemos imediatamente às experiências fotográficas. Para esse fim, a Senhora de Pribitkof sentou-se em uma poltrona, diante da janela; defronte dela, perto da câmara escura, conservavam-se o Senhor Wagner e o Senhor Jacoby; o Senhor Krassilnikof estava sentado à parte, perto de uma mesa. Tendo adormecido a Senhora de Pribitkof, por meio de passes magnéticos, no espaço de oito a dez minutos, dirigi-me para perto do Senhor Jacoby, e esperamos o sinal convencionado para descobrir a objetiva.

“Durante todo o tempo da exposição - que foi muito longa em razão da fraca luz -, evitei fixar constantemente o rosto da médium adormecida; mas, por duas vezes, fui obrigado a olhá-la com fixidez para torná-la completamente imóvel, porque destas duas vezes retumbaram pancadas no soalho, e eu temia que a posição do corpo fosse modificada, se a poltrona se pusesse em movimento, o que teria prejudicado a

experiência. Mas, desde o momento em que eu tomei lugar perto do Senhor Jacoby, defronte da Senhora Pribitkof, não me aproximei mais da médium; em suma, até o fim da exposição, ninguém se aproximou da médium e ninguém ficou entre a médium e o aparelho fotográfico. As experiências seguintes foram feitas nas mesmas condições, e sobre um dos negativos apareceu, acima da cabeça da médium, a imagem de mão de mulher, com manga larga, de feitio antigo.

"Depois dessa sessão, várias outras ainda se realizaram; mas o fim que o Senhor Wagner se tinha proposto não foi atingido, e em breve a moléstia da Senhora de Pribitkof nos obrigou a interromper essas experiências

Assinado: Miguel de Guedeonoff. S. Petersburgo, Janeiro de 1886. Foatanka, 52.

A fotografia de que se trata é notável por muitos títulos. O resultado obtido era inesperado: o alvo mirado pelo professor Wagner era obter um fenômeno de desdobramento psíquico, demonstrado pela fotografia, isto é: ele queria ver aparecer, com o médium, a forma transparente do seu duplo (verificaremos mais tarde que o fenômeno se produziu). Em vez disso, só apareceu na fotografia a mão, que se pode, querendo, considerar como uma parte desse duplo; mas assinalamos aqui uma particularidade que dissipa essa suposição: as aparições de duplo que foram observadas apresentam a imagem perfeita não só da pessoa em questão, porém ainda a reprodução do seu vestido. No caso que nos ocupa, temos a mão que não se assemelha à da médium, porque é disforme, e temos o fato positivo do seu aparecimento em manga de vestido feminino, que não era a manga do vestido que a médium trajava. Se essa manga se semelhasse à da médium, teríamos podido supor que se tratava do desdobramento perfeito da mão com a manga; essa semelhança, porém, não existe. Infelizmente a fotografia está ofuscada no lugar onde se achava o braço direito da médium, e não se podem distinguir as particularidades do feitio do vestido; mas informei-me especialmente a respeito dessa particularidade, e os quatros assistentes do Doutor Wagner que me afirmaram que a médium trajava um casaco de mangas estreitas, como se usam presentemente. Além disso pedi à Senhora de Pribitkof que me desse um desenho dessa manga; ela ma enviou imediatamente, juntando a notícia seguinte

"No começo do ano de 1881, fui convidada pelo professor Wagner a servir em experiências de fotografias, em minha qualidade de pessoa que possui faculdades mediúnicas. Cerca das onze horas da manhã, dirigi-me ao professor Wagner, em seu gabinete, onde encontrei o Senhor de Guedeonoff, o Senhor Krassilnikof e o Senhor Jacoby.

Logo que esse último acabou de preparar o aparelho fotográfico, o Senhor de Guedeonoff me magnetizou; adormeci e de nada mais sei. O vestido que eu trajava era pardo escuro, com enfeites de veludo preto; as mangas eram estreitas, e justas no braço até o punho, com um canhão de veludo na extremidade e um pequeno plissé, da mesma fazenda do vestido. Envio-lhe um desenho reproduzindo essa manga. Assinada: Elisabeth de Pribitkof.

Considero a aparição dessa manga como uma particularidade extremamente importante, debaixo de muitos pontos de vista. Sem essa manga, ter-se-ia pretendido sem dúvida alguma que a fotografia tinha reproduzido a mão de um dos assistentes, colocada por acaso entre a objetiva e a médium; essa explicação não era muito aceitável, porque seria preciso supor, para admiti-la, que a mão tivesse sido exposta intencionalmente pelo menos durante alguns segundos nessa posição; porém, por pior que seja, a explicação serviria, porque, uma vez dentro do caminho da negação sistemática, não há razão para que nos detenhamos.

A manga, que a luz não ocultou à sensibilidade das chapas fotográficas, destrói todos esses argumentos sutis. O resultado obtido só poderia ser explicado por fraude intencionalmente cometida pelo professor Wagner (preparando uma chapa antes da sessão), porém, ainda uma vez, admitindo a existência de uma fraude, não se pode acreditar que um dos assistentes tivesse tido a idéia de fazer aparecer à mão de um Espírito em uma manga: seria um meio seguro de fazer acreditar em uma farsa.

Mas a Natureza nos apresenta as coisas à sua maneira, e produz fenômenos que não se harmonizam absolutamente com os nossos raciocínios sobre a possibilidade de seu conteúdo objetivo. As aparições tradicionais trajam, ora uma roupagem branca, ora roupa comum; os duplos tradicionais aparecem sempre em um traje qualquer; e eis que a fotografia transcendente nos revela formas humanas vestidas! Veremos mais

adiante que esse fato se reproduz em todas as fotografias desse gênero, fato com o qual não poderíamos contar- de acordo com as nossas concepções ordinárias.

Tendo presentemente sob os olhos a prova indiscutível da fotografia transcendente de um objeto, que indubitavelmente tem a forma da mão humana, podemos ocupar-nos do desenvolvimento ulterior desse fenômeno: da revelação pela fotografia das figuras humanas invisíveis, e que serão não só perfeitamente definidas, como ainda reconhecíveis. Vamos dar uma prova do que avançamos, observando as condições absolutas de autenticidade exigidas pelo Doutor Hartmann.

Já mencionamos mais acima o nome do Senhor Slater entre as pessoas que fizeram experiências transcendentes para a sua satisfação pessoal. Para dar uma idéia dos resultados notáveis que o Senhor Slater obteve, não temos nada de melhor a fazer do que citar o testemunho do Senhor Wallace:

"O Senhor Tomás Slater, óptico, residente desde muito tempo no Euston Road, em Londres, e ao mesmo tempo fotógrafo amador, trouxe uma nova câmara escura de sua própria confecção, forneceu suas próprias chapas, e dirigiu-se à casa do Senhor Hudson. Seguia cuidadosamente tudo o que se fazia em casa do fotógrafo, e obtiveram o seu retrato com uma figura nebulosa a seu lado; depois ele mesmo fez experiências em sua casa e chegou a resultados notáveis. No decurso da sua primeira experiência, obteve o retrato de sua irmã entre duas cabeças, uma das quais era indubitavelmente o retrato do finado Lorde Brougham; a outra, menos parecida, foi reconhecida pelo Senhor Slater ser o retrato de Robert Owen, do qual tinha sido amigo íntimo até à morte. Em um dos negativos apareceu uma mulher com uma roupagem flutuante, preta e branca, que se conservava ao lado do Senhor Slater. Em outra chapa apareceu a cabeça e o busto dessa mulher, apoiando-se sobre a espádua dele. As figuras dos dois retratos eram de uma semelhança absoluta; os outros membros da família Slater reconheceram nelas a mãe do Senhor Slater, morta na época em que ele ainda era criança. Outro negativo trazia a imagem de uma criança, com vestido branco enfeitado que se conservava perto do jovem filho do Senhor Slater. Essas imagens são completamente idênticas às pessoas que se afirmaram reconhecer? A questão principal não é essa. O simples fato de aparecerem em negativos figuras humanas obtidas no gabinete particular de um oculista conhecido, que é ao mesmo tempo um fotógrafo amador, e que fez com suas próprias mãos todos os preparativos da operação - a qual, além disso, era feita somente na presença dos membros da sua família - é um fato verdadeiramente prodigioso. Sucedeu de uma outra vez aparecer uma imagem na chapa em que o Senhor Slater tirava o seu próprio retrato, estando absolutamente só. Sendo o Senhor Slater e os membros de sua família médiuns, não tinham necessidade de recorrer ao concurso de outras pessoas; é a essa circunstância que se pode atribuir o êxito particularmente favorável de suas experiências. Uma das fotografias dentre as mais extraordinárias produzidas pelo Senhor Slater, foi o retrato inteiro de sua irmã, no qual se via não uma outra figura, mas uma espécie de rendado transparente rodeando essa pessoa. Examinando mais de perto esse rendado, pode-se ver que ele consta de anéis de dimensões diversas que não lembravam de maneira alguma as rendas comuns que vi e das quais me fizeram a descrição. O próprio Senhor Slater me mostrou esses retratos, explicando-me as condições nas quais eles tinham sido feitos. Essas experiências foram feitas sem fraude alguma; nesse ponto não pode haver dúvida. Elas têm um alcance particular, consideradas como a confirmação dos resultados obtidos anteriormente pelos fotógrafos de profissão." ("A Defesa do Espiritualismo Moderno".)

Quando eu estive em Londres, em 1886, tive alguma dificuldade em encontrar o Senhor Slater. Ele não possuía mais fotografias; tudo o que me pôde mostrar foi uma série de negativos que tinha conservado.

A propósito do Senhor Slater e das fotografias de Lorde Brougham e de Robert Owen, acima mencionadas, eis uma interessante notícia explicativa de sua origem:

Em recente reunião de espiritualistas, em Londres, Gower Street, o Senhor Slater (óptico, Euston Road, 136) fez a narração seguinte, relativa à sua estréia no Espiritismo: "Em 1856, achando-se Robert Owen (11) em minha casa em companhia de Lorde Brougham, recebeu uma comunicação espírita por meio de pancadas; durante esse tempo eu estava ocupado com alguns aparelhos fotográficos. As pancadas comunicaram que chegaria um momento em que eu faria fotografias espíritas. Roberto Owen declarou que, se ele se achasse então em um outro mundo, apareceria na chapa. No mês de Maio de 1872, ocupei-me efetivamente em tirar fotografias espíritas. Fiz inúmeras experiências e em uma das chapas apareceram as figuras de Robert Owen e de Lorde Brougham, o qual, como se sabe, foi, durante longos anos, um dos amigos mais íntimos de Robert

Owen, e tinha vivo interesse por sua carreira pública." ("Spiritual Magazine", 1873, pág. 563; e ainda "Spiritualist", 1875, tomo II, pág. 309.)

Antes de tratar da última parte do capítulo da fotografia transcendente de formas humanas, parece-me útil citar as sábias palavras com as quais o Senhor Russel Wallace, na sua "A Defesa do Espiritualismo Moderno" faz preceder essa parte da obra que cogita da fotografia espírita; essas palavras reproduzem um argumento muito conhecido pelos espíritas, porém ordinariamente ignorado pela crítica. Ei-lo:

O Senhor Lewes aconselhou ao comitê da Sociedade Dialética que tinha sido incumbido de ocupar-se da questão espírita que distinguisse cuidadosamente entre os fatos e as deduções. Isso é particularmente necessário na questão das fotografias espíritas. Não sendo obra da mão humana, as formas humanas que aí aparecem podem ser de origem espírita sem que sejam por isso as imagens de "Espíritos". Muitas coisas militam em favor da suposição de que, em certos casos, essas imagens resultam da ação de seres inteligentes, invisíveis, mas que se distinguem deles. Em outros casos, esses seres revestem uma espécie de materialidade perceptível aos nossos sentidos; mas, ainda nesses casos, não se segue que a imagem criada seja a verdadeira imagem do ser espiritual. E' admissível que seja a reprodução da antiga forma mortal com os seus atributos terrestres aos quais o Espírito recorreu para estabelecer a sua identidade.") (Wallace - "On Miracle and Spiritualism", 1875, página 185.)

Pois que adquirimos agora, por três fontes (os Srs. Beatie, Wagner e Slater) perfeitamente seguras, - e nas condições exigidas pelo Senhor Hartmann - a prova irrefutável, por processo fotográfico, da possibilidade de formações materiais invisíveis aos nossos olhos e revestindo a forma humana, temos o direito de acompanhar o desenvolvimento desse fenômeno em todos os graus de perfeição que ele atingiu entre certos fotógrafos de profissão, aceitando a prova de sua autenticidade, não mais sob a única afirmação de um operador de boa fé, mas sob os testemunhos das pessoas às quais as fotografias se referem diretamente, e que são as únicas que podem decidir de seu valor intrínseco.

Não falarei do fotógrafo inglês Hudson, de Londres, porque as opiniões dos próprios espiritualistas se dividem a seu respeito: uns o acusam de fraude, outros enumeram casos em que a semelhança com a pessoa, havia muito tempo morta, era evidente, ou ainda casos em que a aparição da figura na fotografia, em posições ou com acessórios impostos mentalmente pela pessoa que se expunha, exclui toda a suposição de fraude.

Grande número de fenômenos deste gênero são enumerados no tratado do Senhor M.A. (Oxon): "A Fotografia Espírita", publicado no jornal "Human Nature", 1874, pág. 393 e seguintes. Prefiro referir-me a Mumler, cuja reputação ficou intacta durante a sua longa carreira profissional; a autenticidade das provas fotográficas obtidas por esse fotógrafo é estabelecida por uma prova cujo valor é igual ao de uma investigação científica.

As fotografias de Mumler motivaram um processo, e, apesar da animosidade dos detratores, escudados na opinião pública e por todo o poder do preconceito, elas saíram triunfantes dessa luta. Não posso entrar aqui em todas as particularidades do caráter de Mumler e de seu processo: é assunto que por si só daria matéria para uma obra completa. Entretanto, alguns dados nos são necessários, e é sobretudo interessante lembrar a origem das experiências fotográficas de Mumler; tiraremos a sua explicação da própria narrativa de Mumler, segundo a sua declaração perante o tribunal, depois do seu processo. E' útil notar que as manifestações de fotografia transcendente se produziram na época em que Mumler exercia a profissão de gravador e n;o tinha conhecimento algum de fotografia. Eis o que ele diz:

Em 1861, em Boston, onde eu exercia a profissão de gravador, freqüentava a casa de um moço que trabalhava no gabinete fotográfico dos Srs. Stuart, Washington Street; então eu era incumbido dos aparelhos e das substâncias químicas. Certo domingo, achando-me na galeria, procurei tirar meu retrato, e, revelando o negativo, notei, pela primeira vez, que a chapa apresentava uma segunda imagem. Nessa época, eu ainda não tinha ouvido falar em fotografia espírita, posto que me interessasse já pelo Espiritismo. O meu primeiro pensamento foi, como muitas pessoas o supõem até hoje, que a imagem que estava reproduzida ao lado da minha se achava já na chapa antes da operação. Era isso que eu respondia a todas as perguntas que me eram dirigidas.

“Entretanto, as experiências seguintes, que fiz em condições que excluíam essa suposição de um modo absoluto, me convenceram de que a força produtora dessas imagens existia fora do poder humano; peritos, chamados para trabalhar nas mesmas condições, nada de semelhante puderam produzir.

“Eu quisera aqui atrair a atenção para essa circunstância: quando revelei essas imagens, eu era inteiramente novel na arte fotográfica e nenhuma noção tinha das composições químicas que empregava; servindo-me de tal ou qual produto químico, mais não fazia do que imitar as manipulações do meu amigo. Depois de ter recebido as imagens de que falei, repeti essas experiências, segundo os conselhos de alguns amigos aos quais mostrei minhas chapas, e sempre obtive resultados surpreendentes. Resolvi então abandonar a minha profissão para consagrar-me à fotografia.” (“Spiritual Magazine”, 1869, págs. 256 e 257.)

O próprio fato da origem dessas fotografias é corroborado pelos testemunhos dados nessa época e que se acham nos artigos do “Herald of Progress” (1° de Novembro de 1862), editado por Davis, e do “Banner of Light” (8 de Novembro de 1862), que publicaram os primeiros relatórios sobre esse fenômeno inesperado; esses documentos foram acolhidos pela redação dos jornais acima mencionados, sem entusiasmo algum e antes com cepticismo e reserva.

E sobretudo interessante saber debaixo de que forma se produziram às primeiras fotografias transcendentes de Mumler. Sobre esse ponto, os dados nem são numerosos nem circunstanciados; entretanto, elas existem, e eis a descrição das duas primeiras fotografias, devida a um correspondente do “Banner”

“A primeira apresenta um retrato do médium, o Senhor Mumler, apoiando-se com uma das mãos sobre uma cadeira, enquanto que a outra sustém o pano preto que acabava de ser retirado da câmara escura. Em uma cadeira estava sentada uma forma feminina, que parecia ser uma menina de doze a catorze anos. Reconhecemos nela uma parenta morta; acima de sua cabeça, havia uma nuvem, efeito que ainda não tínhamos observado até então nas fotografias. Em outra chapa, a cabeça estava rodeada por um fraco disco de luz, como se raios luminosos brotassem em todos os sentidos e se perdessem a uma determinada distância. Em duas outras fotografias apareceu ainda o mesmo efeito, com a diferença de que o círculo luminoso era de um diâmetro tal que teria envolvido a forma inteiramente se a chapa tivesse sido maior.

Possuo uma prova dessa primeira fotografia de Mumler, e posso acrescentar que o contorno da parte superior do corpo salienta-se com certa nitidez, sendo a própria figura confusa e desfeita. Vê-se distintamente a cadeira através do corpo e dos braços, assim como a mesa na qual repousa um dos braços. Abaixo da cintura, a forma - que aparentemente está vestida com uma túnica decotada com mangas curtas - funde-se em uma espécie de nevoeiro, que não se vê mais abaixo da cadeira. Uma parte do encosto da cadeira é visível através do braço esquerdo; pequena parte do encosto fica completamente desfigurada pela espádua esquerda, que é tão opaca quanto o pescoço e o peito. Acima da cabeça distinguem-se uns vapores nebulosos esbranquiçado, que circunda a cabeça de uma a outra têmpora, desce até a mão de Mumler, que está apoiada sobre o encosto e que ela cobre. A fotografia que possuo é uma cópia feita em Londres pelo original e por conseguinte menos nítida.

“Na segunda fotografia acha-se a forma de uma mulher sentada em uma cadeira, tendo, por trás, uma espécie de massa branca indefinível, alguma coisa semelhante a dois ou três travesseiros.“(“Banner of Light”, 1862, 29 de Novembro, reproduzido no “Spiritual Magazine”, 1863, págs. 35 e 36.)

Podemos pois verificar esse fato notável: que as fotografias de Mumler mostram os traços dessas massas luminosas que vimos nas do Senhor Beattie, e que precederam a formação das figuras humanas. E mais que provável que o que se apresenta nessas duas fotografias como um “vapor nebuloso esbranquiçado”, um “disco de luz”, ou uma “massa branca assemelhando-se a dois travesseiros”, tivesse sido descrito por um sensitivo como se fosse massa luminosa.

Mas voltemos às origens. Desde que se espalhou a notícia de que essas fotografias tinham sido feitas, o Senhor J. A. Davis, que editava nessa época, em Nova Iorque, o “Herald of Progress”, mandou especialmente, a Boston, um fotógrafo seu amigo, o Senhor Guay, para fazer um inquérito acerca desse fenômeno e assegurar-se da sua autenticidade. O resultado dessa primeira investigação técnica foi publicado, in extenso, no “Herald” de 29 de Novembro de 1862, e, em resumo, em uma carta do Senhor Guay, publicada no “Banner” da mesma data, e que reproduzimos aqui:

“Boston, 18 de Novembro de 1862.

Senhor editor:

Tendo sido informado pelo Senhor Mumler de que o senhor desejava publicar os resultados das minhas pesquisas acerca das fotografias espíritas obtidas pelo Senhor Mumler, comunico ao senhor, com prazer, as minhas observações pessoais. Pode ficar persuadido de que, procedendo a pedido do Senhor Davis, eu me entreguei a minhas investigações com a firme determinação de conduzi-Ias o mais rigorosamente possível, a fim de que nada pudesse escapar à minha atenção. Depois de uma experiência ininterrupta de dez anos, durante os quais eu fazia negativos em vidro e impressões positivas em papel, julgava-me em condições de descobrir qualquer fraude.

Não me opondo o Senhor Mumler dificuldade alguma, eu mesmo fiz, na chapa escolhida para o meu retrato, todas as operações de banhos, viragem e montagem. Durante todo esse tempo, não perdi de vista a chapa, e não deixei aproximar-se dela o Senhor Mumler, senão depois de terminada a operação. Em seguida, submeti a minuciosa inspeção o gabinete escuro, o caixilho, o tubo, o interior das cubas, etc. E, apesar de tudo, obtive, com grande admiração, a minha fotografia acompanhada, por uma outra imagem.

Tendo continuado depois as minhas pesquisas, nas mesmas condições, com resultados ainda mais comprobatórios, vi-me obrigado, com toda a sinceridade, a reconhecer a sua autenticidade.

Aceite, etc.

W. Guay.

(The Spiritual Magazúte, 1863, págs. 34 e 35.)

Acrescentaremos somente que no papel negativo apareceu a imagem da falecida mulher do Senhor Guay, e, na segunda, a imagem de seu pai. E o Senhor Guay acrescenta: “E impossível que Mumler tenha obtido um retrato de minha mulher ou de meu pai.” (Herald , 29 de Novembro.)

Podemos passar agora em silêncio a longa série de todos os testemunhos dados a favor de Mumler e de todas as investigações empreendidas com o intuito de descobrir a fraude, como era natural supô-lo, mas que chegaram sempre a um resultado negativo. Bastar-nos-á reproduzir aqui um artigo do “ British Journal of Photography”, mandado a esse jornal pelo seu correspondente de Filadélfia, o Senhor C. Sellers, que não se pode acusar de predileção pelo Espiritismo. Eis esse artigo:

“Há alguns meses, certos jornais publicaram a comunicação de um fotógrafo de Boston que tinha obtido uma imagem dupla, sobre uma chapa, no decurso de experiências feitas durante os ócios do domingo; a imagem suplementar representava o retrato de um parente morto. Depois ele notou que todas ou quase todas as fotografias que tirava apresentavam a mesma imagem, mais ou menos distinta. Tendo-se espalhado por toda à parte os rumores desse prodígio, o seu gabinete foi em breve invadido por curiosos que desejavam obter os retratos de seus falecidos amigos. Os fotógrafos divertiam-se com isso e afirmavam que a fraude seria em breve descoberta. Fizeram-se muitas imitações com o auxílio do processo ordinário que a princípio tinha sido proposto por Sir David Brewster. Fez-se mais ainda: por meio de duas chapas superpostas, uma das quais continha à segunda imagem, e explicava-se o fenômeno por um desses dois processos; homens conhecidos por sua instrução científica ocuparam-se em procurar a sua explicação e não puderam descobrir a impostura.

No que diz respeito às imagens em si, elas se distinguem essencialmente de todas as que eu já tinha visto, e não conheço processo algum para imitá-las. O fantasma nunca aparece de pé; não se reproduz além da cintura ou, quando muito, até os joelhos, e não se pode entretanto dizer, com precisão, em que região do corpo a imagem desaparece. À primeira vista, muitas pessoas crêem distinguir claramente a imagem inteira, mas, depois de exame mais minucioso, ela parece menos distinta. Não vi os negativos; mas, julgando conforme as provas e conforme o tom fraco da imagem do “espírito”, seria tentado a afirmar que essa imagem devia ser a primeira a se revelar na chapa. Os contornos não são absolutamente distintos; os traços principais são muito visíveis, mas, à exceção do rosto, que é completamente opaco, as outras partes da forma são bastante transparentes para se poder ver claramente através. E entretanto nenhum desses traços se mostra com tanto vigor quanto sobre as imagens das segundas chapas nas falsificações de fotografias espíritas.

Verifica-se indubitavelmente que essas imagens não são formadas no foco quando se acham atrás da pessoa que se expôs, ou diante dela; são um pouco mais nítidas quando se acham no mesmo plano. Mas, em todos os casos, há excesso de exposição.

Os adeptos do Espiritismo explicam esse fato da maneira seguinte: Os "espíritos" não podem produzir sua própria imagem na chapa sensível; mas podem dar a forma desejada aos elementos mais sutis da matéria, e essa matéria, posto que invisível ao olho nu, pode refletir os raios químicos da luz e assim agir sobre a placa. Em apoio eles citam o que sucedeu com o retrato, que eu vi em casa do Doutor Child e que representa uma senhora que desejava ardentemente obter a imagem de uma guitarra em seus braços: a forma desejada, apareceu! Os espíritas dizem que, certamente, o "espírito" de um corpo inanimado não pode existir, mas que os "espíritos" podem formar iguais objetos, segundo o seu desejo; todas as imagens que aparecem não são pois senão modelos expostos pelos "espíritos", diante do aparelho, mas de maneira alguma os retratos dos próprios espíritos; eles afirmam igualmente que os "espíritos" tiram essas imagens da memória das pessoas presentes. Teria sido um assunto digno da pena de Bulwer; que maravilhosa história ele teria tirado desses estranhos fenômenos! - C. Sellers. "(Reproduzido no "The Spiritual Magazine", 1863, págs. 125 a 128.)

Abreviei a carta, que é um pouco longa; mas reproduzi as particularidades técnicas que têm seu valor e, sobretudo, a hipótese, já formulada nessa época, da matéria invisível trabalhada e moderada - hipótese que encontramos dez anos depois em Beattie e que terá para nós uma importância capital quando se tratar das materializações visíveis.

Para terminar com o que diz o "Journal of Photography", reproduzirei ainda uma nota que ele publicou na época do processo de Mumler, e que me parece ter o seu cabimento aqui:

"A propósito das fotografias espíritas de Mumler, disseram-se muitas coisas absurdas, pró e contra. Um autor dessa última categoria chegou a afirmar que tudo o que é visível para o olho do gabinete escuro, e por conseguinte suscetível de ser reproduzido em fotografia, deve necessariamente, por essa mesma razão, ser visível ao olho humano; esse autor não tem certamente noção alguma desse ramo importante das ciências físicas que compreende os fenômenos conhecidos debaixo do nome de fluorescência. Ora, há muitas coisas totalmente invisíveis ao olho físico, e que, entretanto, podem ser fotografadas. Por exemplo, em um quarto onde só têm acesso os raios ultravioleta do espectro solar, uma fotografia pode ser tirada por meio dessa "luz obscura". Em um quarto assim iluminado, os objetos são claramente visíveis à lente da câmara escura; em todos os casos, eles podem ser reproduzidos em uma chapa sensível, sem que por isso o menor átomo de claridade seja percebido no quarto por uma pessoa dotada da agudeza visual fisiológica. Por conseguinte a reprodução fotográfica de uma imagem invisível, a de um Espírito ou a de uma massa de matéria, não é cientificamente impossível; se ela não reflete senão a fluorescência ou os raios ultravioletas do espectro, a imagem será facilmente fotografada, sendo completamente invisível à vista mais penetrante."(Reproduzido no "The Spiritual Magazine", 1869, pág. 421.)

Eis-nos finalmente chegados ao processo que fez a glória de Mumler; ele lhe foi intentado pelo jornal "The World" de Nova Iorque, no mês de Abril de 1869. O Senhor Mumler foi detido por suspeita "de ter cometido fraudes e trapaças à custa do público, por meio de fotografias espíritas.

Eis os tópicos salientes do processo: Os queixosos produziram oito fotografias para provar que o Senhor Mumler era um impostor, e indicaram seis métodos diversos, por meio dos quais podiam-se obter essas pretendidas fotografias de Espíritas. Entretanto, nenhum dos queixosos tinha visto Mumler em trabalho nem inspecionado seu gabinete e seus aparelhos; finalmente, ninguém provava que as imagens de Mumler fossem produzidas por meio de qualquer dos processos indicados; pelo contrário, quatro fotógrafos, os Srs. Slee, Guay, Silver e Gurnay, que tinham estado em casa do Senhor Mumler e que o tinham visto trabalhar, testemunharam que nenhum dos seis métodos mencionados tinha qualquer relação com o método de Mumler, em tudo semelhante ao método ordinário. Melhor ainda, o Senhor Slee, fotógrafo em Poughkeepsie, tinha convidado o Senhor Mumler para ir a sua casa de Poughkeepsie, e, ali, produziram-se com o gabinete escuro do Senhor Slee, seus vidros e produtos químicos, os mesmos efeitos. O Senhor Guay passou três semanas com o Senhor Mumler para estudar esses fenômenos; ele atestou que tinha visto essas imagens se produzirem, quando ele mesmo dirigia as operações, desde a lavagem da chapa até a revelação. O Senhor Silver declarou que, quando o Senhor Mumler ia à sua galeria, e empregava os seus aparelhos e as suas

drogas, aparecia uma imagem ao lado do Senhor Silver; fotografias espíritas produziram-se mesmo quando o Senhor Silver, em pessoa, fazia todas as manipulações com os seus próprios aparelhos, em presença do Senhor Mumler.

Enfim, o Senhor Gurnay, fotógrafo conhecido de Nova Iorque (n° 707, Broadway), fez o depoimento seguinte: "Ocupo-me de fotografia há vinte e um anos; examinei os processos do Senhor Mumler, e, posto que eu tivesse ido com a intenção de fazer uma pesquisa rigorosa, nada descobri que se assemelhasse a uma fraude ou a uma trapaça. Seu modo de fotografar era o modo comum, e a coisa única que não combinava com a rotina do ofício, era que o operador colocava a mão sobre a câmara escura."

Porém, ainda outro fato foi peremptoriamente estabelecido pelas testemunhas: todos os fotógrafos chamados pelos queixosos, como peritos, estiveram de acordo em reconhecer que imagens de sombras, semelhantes às que apareceram na chapas, não podem ser refletidas de uma chapa negativa para a chapa sensível com outra luz a não ser a do gás, das velas ou do dia. E foi afirmado por meia dúzia de testemunhas - que tinham assistido às experiências de Mumler, em seu gabinete e no intuito de descobrir a fraude - que não tinham empregado em sua câmara escura nem a luz do gás, nem a das velas e das lâmpadas, nem a luz do dia, e que a luz única que penetrava no quarto provinha de pequena janela velada por um pano amarelo-escuro; entretanto, Mumler produzia suas imagens, e, em muitos casos, mostrava-as aos visitantes, alguns minutos depois da exposição.

No caso do Senhor Livermore. banqueiro conhecido em Nova Iorque, que era uma das testemunhas, o Senhor Mumler revelou três retratos de sua falecida mulher, em três posições diferentes, menos de dez minutos depois de o Senhor Livermore se ter exposto.

Não só o inquérito judiciário estabelece o fato da produção na chapa de figuras humanas invisíveis ao olho nu, porém doze testemunhas declararam ainda que tinham reconhecido nessas figuras as imagens de seus parentes ou amigos mortos. Ainda mais, cinco testemunhas, entre as quais se achava o juiz Edmonds, depuseram que se produziram imagens e foi reconhecido ainda que as pessoas que eram representadas nunca tinham sido fotografadas em vida.

Grande número de testemunhos semelhantes teriam podido ser obtidos, mas o juiz, julgando que os testemunhos produzidos eram suficientes, proferiu a sentença seguinte:

"Depois de ter examinado cuidadosamente a causa, tinha chegado a essa conclusão: que o detido devia ser posto em liberdade: ele verificava que ainda mesmo que o acusado tivesse cometido fraudes e trapaças, ele era obrigado, em sua qualidade de magistrado, a decidir que o réu não comparecesse perante o Tribunal Superior do Júri; pois, em sua opinião, a parte queixosa não tinha conseguido comprovar o fato." (Ver, para todas as particularidades, o relatório do processo nos jornais: o "Banner of Light", 1° e 8 de Maio, e 28 de Agosto de 1866, e "The Spiritual Magazine", 1869, págs. 241 a 260.)

Eis uma carta do Senhor Bronson Murray (12), publicada no "Banner of Light", de 25 de Janeiro de 1873:

Senhor Diretor:

Nos últimos dias de Setembro passado, a Senhora W. H. Mumler, de sua cidade (170, West Springfield Street), achando-se em estado de transe, no decurso do qual dava conselhos médicos a um dos seus doentes, interrompeu-se subitamente para me dizer que, quando o Senhor Mumler tirasse a minha fotografia, na mesma chapa apareceria ao lado do meu retrato a imagem de uma mulher, sustendo com uma das mãos uma âncora feita de flores; essa mulher desejava ardentemente anunciar a sua sobrevivência ao marido, e inutilmente tinha procurado até então uma ocasião de se aproximar dele; ela acreditava consegui-lo por meu intermédio. A Senhora Mumler acrescentou: "Por meio de uma lente, poder-se-á distinguir, nessa chapa, as letras: R. Bonner." Em vão lhe perguntei se essas letras significavam Roberto Bonner. No momento em que eu me preparava para tirar o meu retrato, cal em transe, o que nunca me tinha sucedido; o Senhor Mumler não conseguiu, apesar de todos os seus esforços, colocar-me na posição desejada. Foi-lhe impossível conseguir fazer-me ficar direito e apoiar a minha cabeça no sustentáculo. O meu retrato foi por conseguinte tirado na posição que a prova o indica, e, ao lado, apareceu a figura de mulher com a âncora e as letras,

formadas por botões de flores, assim como me tinha sido predito. Desgraçadamente eu não conhecia pessoa alguma com o nome de Bonner, ninguém que pudesse reconhecer a identidade da figura fotografada.

De volta à cidade, contei a muitas pessoas o que tinha acontecido; uma delas me disse ter encontrado recentemente um tal Senhor Bonner, da Geórgia; ela desejava mostrar-lhe a fotografia. Quinze dias depois, mandou-me pedir que passasse por sua casa. Alguns instantes depois, entrou uma visita, era um Senhor Roberto Bonner. Ele me disse que a fotografia era a de sua mulher, que a tinha visto em casa da senhora, de quem se fala, e achava a semelhança perfeita. Ninguém aqui contesta aliás a semelhança que essa fotografia apresenta com um retrato da Senhora Bonner, tirado dois anos antes de sua morte. (Nas provas fotográficas a semelhança é mais pronunciada do que nas fotografias.)

Mas, ainda não é tudo. Desde que o Senhor Bonner viu a minha prova, escreveu uma carta a sua mulher, à qual ele fazia diversas perguntas. Tomou todas as precauções para ficar convicto de que a carta não seria aberta e enviou-a pelo Correio ao Doutor Flint, em Nova Iorque. (13).

No dia seguinte a carta lhe chegou de volta, intacta, e com uma resposta de sete páginas.

Nessa comunicação - assinada com o seu apelido: Ella - a Senhora Bonner dizia a seu marido que tinha pedido a permissão de aparecer na chapa, como o tinha feito; ela lhe afirmava que os dois irmãos do Senhor Bonner, William e Hamilton, achavam-se com ela, assim como o seu velho amigo, o simples e bom Sam Craig; ela devia escrever, em breve, por intermédio do Senhor Flint, uma carta a seu jovem filho Hammie; acrescentava que o Senhor B. tratava-a bem e lhe pedia ainda que se dirigisse a Boston, à casa do fotógrafo espírita, afirmando que ela apareceria com ele na mesma chapa segurando uma coroa de flores em uma das mãos, trazendo uma segunda coroa na cabeça, enquanto que a sua outra mão apontava para o céu. Li tudo o que precede nessa carta. O Senhor Bonner acrescentou: “Amanhã irei a Boston, sem dizer meu nome a quem quer que seja.”

Quatro dias depois, o Senhor Bonner veio procurar-me. Ele tinha estado em Boston sem se ter dado a conhecer a quem quer que fosse, e, entretanto, tinha obtido a fotografia prometida, com a imagem de sua mulher, exatamente como ela o tinha descrito. A coroa que a sua mulher sustém na má (“é apenas visível na fotografia.

Todas as pessoas que desejarem convencer-se do fato podem ver essas fotografias em casa do Senhor Mumler, em Boston, ou em minha casa, em Nova Iorque. O Senhor Bonner é um homem muito conhecido na Geórgia e no Alabama... os que me conhecem sabem que não tiro lucro algum em publicar essa narração, cuja exatidão certifico.

238, West 52 d. Street, New York City, 7 de Janeiro de 1873.

Bronson Murray

A outra fotografia, na mesma estampa, representa o Senhor Moses A. Dow, morto em 1886, editor de uma revista muito conhecida na América: “ The Waverley Magazine”. Quanto à imagem da pessoa colocada a seu lado, ler-se-ão todas as particularidades que lhe são referentes, na carta seguinte do Senhor Dow ao Senhor A. (Oxon), residente em Londres, personagem que ocupa lugar saliente na literatura espírita:

Boston, 28 de Setembro de 1874.

Senhor:

A sua carta de 17 do corrente me foi entregue hoje de manhã. Em resposta vou procurar fazer-lhe um esboço das experiências de fotografia espírita de que fui testemunha. Nos escritórios da impressão e da redação do Waverley Magazine, emprego cerca de quinze moços; uns fazem a composição, outros são ocupados na máquina, na expedição ou na correção dos manuscritos. Entre esses últimos havia uma moça que foi empregada nos meus escritórios, de 1861 a 1870; ela adoeceu de repente e morreu na idade de 27 anos. Durante os últimos anos, ela se tinha desenvolvido muito e tornara-se uma senhora de muita inteligência, amável e de exterior muito agradável. O zelo e desinteresse de que dava prova em seu trabalho despertava em mim a mais viva admiração por ela; essa simpatia foi recíproca, como me disse ela por muitas vezes. Incluso vai um retrato seu, tirado duas semanas antes de sua morte. Não me alongarei sobre as circunstâncias que acompanharam o seu passamento e sobre a saudade que experimentei.

Sete dias depois da sua morte, estive com um médium, cujo Espirito-guia (uma moça indiana) me disse: “Uma pessoa bela vem ver-te; tem na mão rosas que são para ti; era a ti a quem ela mais estimava neste mundo, por teres sido bom para ela.” Fiquei muito surpreso com essas palavras, porque não acreditava que uma afeição terrestre se perpetuasse no espírito de nossos amigos mortos, depois de terem deixado o seu invólucro humano, admitindo, porém, a realidade de certas manifestações póstumas.

Um mês depois, dirigi-me a Saratoga, cerca de cinquenta léguas distante de Boston. Ali fiz conhecimento com o célebre médium Slade, que não me conhecia. No decurso de uma sessão que fiz, ele sustinha, em sua mão direita, uma ardósia comum por baixo da mesa; a mão esquerda estava colocada na mesa, em contacto com a minha. Ouviu-se imediatamente o ranger do lápis de pedra na ardósia. Quando essa foi retirada, continha estas palavras: “Estou sempre perto de ti”, com a assinatura.

De regresso a Boston, conforme me tinha aconselhado em Saratoga, dirigi-me à Senhora Mary M. Hardy, o médium de transe mais conhecido dessa cidade.

A minha amiga apresentou-se imediatamente e disse-me que me tinha dado uma prova demonstrativa em Saratoga, por intermédio do Senhor Slade, em uma ardósia. Ela acrescentou que estava constantemente presente, para me guiar e me aconselhar, não tendo estimado a ninguém tanto quanto a mim, durante a sua vida terrestre. Em outra sessão, ela me disse espontaneamente que desejava oferecer-me o seu retrato. Não prestei atenção alguma a essa promessa, supondo que o tal retrato seria executado a pincel por um pintor da cidade. Durante três meses fiz sessões com a Senhora Hardy, uma vez por semana, sem que se tratasse desse retrato. No fim desse lapso de tempo, perguntei-lhe se ela ia oferecer-me o seu retrato. Respondeu-me que estava pronta a fazê-lo. A minha pergunta: Como será obtido esse retrato? recebi a resposta seguinte: “Pela fotografia.” - Será o mesmo artista que te fotografou em vida? “Não, deve ser feito por um artista médium.”

Uma semana depois, a minha amiga me disse, por intermédio da Senhora Hardy, em estado de transe: “Vai à casa da Senhora Mumler e dize-lhe que voltarás para ser fotografado, uma semana depois, há 1 hora; irás ao meio-dia (hora habitual de minhas conversas com ela), e teremos então tempo de conversar.” Dirigi-me imediatamente à casa do Senhor Mumler, onde só encontrei a Senhora Mumler: disse-lhe que desejava obter uma fotografia espírita. Ela me perguntou quando eu voltaria e eu respondi: “De hoje há uma semana, a 1 hora. “Qual é o teu nome?”- Não desejo dizer-te o meu verdadeiro nome, mas podes chamar-me Senhor Johnson. Ela me disse que os desconhecidos pagavam adiantado. Paguei os 5 dólares pedidos e voltei para casa. Uma semana depois, voltei à casa da Senhora Hardy, conforme tinha sido combinado. Ela caiu em transe. A minha amiga, que já estava presente, me perguntou: “Como vai, Senhor Johnson?” Em seguida acrescentou: “Senhor Dow, eu nunca tinha notado, dantes, que tivesse vergonha de teu nome.” Eu lhe respondi: Desejo muito obter o meu retrato, mas não estou certo de obter o teu na mesma chapa. “Oh! que céptico!” exclamou ela.

Despedi-me e dirigi-me a casa do Senhor Mumler, chegando 15 minutos antes da hora convencionada. Encontrei-o só, e nos entregamos imediatamente ao trabalho. Quando me coloquei na posição indicada, ele pôs o aparelho a uma distância de sete pés, colocou a chapa e me indicou o ponto que eu devia fixar. A exposição durou dois ou três minutos; ele levou a chapa ao quarto vizinho e voltou pouco tempo depois, dizendo que nada tinha obtido; colocou uma segunda chapa; a duração da exposição foi à mesma. O Senhor Mumler disse-me que havia um contorno indeciso. A minha observação de que me tinham prometido um retrato, ele me respondeu que era preciso continuar as experiências, que lhe sucedia recomeçar cinco ou seis vezes antes de ser bem sucedido.

A terceira exposição durou justamente cinco minutos, marcados a relógio; ele me voltava às costas, tendo a mão sobre o aparelho.

Terminada a exposição, ele levou a chapa, e, enquanto estava ausente, a Senhora Mumler entrou; parecia estar em um meio transe. Perguntei-lhe se ela via alguém; ela me respondeu que via perto de mim uma bela moça. Em seguida, caiu em um transe completo, e a minha amiga me falou de novo: “Agora, disse, terás o meu retrato. Conservar-me-ei perto de ti, com a mão sobre o teu ombro; na cabeça terei uma coroa de flores.” Nesse momento o Senhor Mumler entrou com a chapa e me disse que daquela vez havia uma imagem, no negativo eu distingui claramente o meu retrato e uma forma feminina que se conservava perto de mim. O Senhor Mumler prometeu-me mandar uma prova no dia seguinte. Pedi-lhe que a mandasse dirigida

ao Senhor Johnson, posta restante. Dois dias depois, passei pelo Correio e recebi um embrulho dirigido ao Senhor Johnson. Abrindo-o, encontrei uma prova. De volta a casa, examinei-a com uma boa lente, através da qual a imagem me aparecia de tamanho natural: era um retrato excelente da minha amiga morta.

Escrevi ao Senhor Mumler para lhe dizer que eu estava satisfeito com a fotografia e assinei o meu verdadeiro nome. Considero esse retrato autêntico; além disso, a minha amiga me afirmou e por muitas vezes. As fotografias inclusas pô-lo-ão com a possibilidade de ajuizar da semelhança.

Aceitai, etc.

Moses A. Dow.

(Human Nature, 1874, págs. 486 a 488.)

Eis a carta que o Senhor Dow enviou ao Senhor Mumler:

Boston, 20 de Janeiro de 1871

Caríssimo Senhor Mumler.

No sábado passado fui ao Correio e lá recebi o embrulho com a prova que me mandaste. E' um retrato fiel da minha amiga. Incluso encontrarás uma fotografia sua, tirada uma semana antes de sua moléstia; ela tinha visto apenas o negativo. Sua moléstia durou justamente nove dias. Na quinta-feira passada, ao meio-dia, ela me dizia, pelo médium, que se conservaria a meu lado, com uma flor na mão e com o braço descansando sobre o meu ombro. Olhando para o meu ombro esquerdo, distinguirás uma fraca reprodução de sua mão, sustendo uma flor; mas, para ver bem, é preciso usar de uma lente.

Parece-me que o exame desses dois retratos pode convencer o espírito mais céptico. Deixo o pseudônimo de Johnson para assinar o meu verdadeiro nome.

Com a minha perfeita estima:

Moses A. Dow (editor do Waverley Magazine).

(Médium. 1872, n°- 104.)

Possuo um exemplar da fotografia de Mabel Warren, tirada em sua vida, que Dow mandou a Mumler para comparar as duas imagens; a semelhança é tão patente quanto na do Senhor Bonner.

No “Bonner” de 18 de Março de 1871, lê-se longa carta de Moses Dow, na qual ele conta, com as mais minuciosas particularidades, a história dessa fotografia; ele nos informa que a jovem senhora em questão chamava-se Mabel Warren, que morreu em Julho de 1870, e que foi só no começo desse ano que circunstâncias diversas puseram o Senhor Dow em presença de algumas manifestações espíritas; ele era tão ignorante dessas coisas que não compreendeu mesmo de que “retrato” se tratava, e, quando foi à casa de Mumler, não lhe disse o seu verdadeiro nome, acreditando, como muitos outros, que ele era um impostor.

Os espécimes que apresento das fotografias transcendentes de Mumler bastam para dar uma idéia do caráter geral desse fenômeno, obtido por meio de sua mediunidade. Tenho em minha coleção cerca de trinta fotografias dessas que confirmam as observações feitas pelo Senhor Sellers, correspondente do “British Journal of Photography”, observações que reproduzimos mais acima.

Acrescentarei, ainda - e esse fato é essencial para as nossas pesquisas ulteriores -, que geralmente uma espécie de vestimenta faz parte da imagem que aparece assim como se vê nas fotografias das senhoras Bonner e Mabel Warren; mui freqüentemente flores ornam a imagem; assim, em uma fotografia da Senhora Conant, célebre médium da redação do “Banner”, vêem-se três mãos perfeitamente formadas, com a metade dos braços, os quais aparecem acima da cabeça da médium e que parece lançarem sobre ela flores, uma parte das quais cai sobre a sua cabeça e peito, enquanto que a outra fica suspensa no espaço. Uma dessas mãos sai de uma manga, como o vemos na fotografia do professor Wagner - mas essa manga é estreita, espessa, e finalmente branca, como a própria mão.

Quero mencionar ainda três fotografias que têm uma importância especial: em uma delas vê-se uma senhora sentada, a Senhora Tinkham; no momento da exposição, ela viu uma parte da manga de seu braço

esquerdo levantar-se, e seus olhos dirigiram-se para aquele ponto; nota-se na fotografia, ao lado dessa senhora, a imagem - digamos: a imagem astral - de uma menina, na qual a Senhora Tinkham reconheceu a sua filha; vê-se perfeitamente que a manga do vestido da Senhora Tinkham está levantada pela pequena mão da menina. Possuímos pois a fotografia de um objeto material posto em movimento por mão invisível. (Vede "Médium", 1872, pág. 104.)

Na segunda fotografia vê-se de novo a Senhora Conant; no momento em que a chapa ia ser revelada, ela se voltou para a direita, exclamando: "Oh! eis a minha pequena Wash-ti!" (uma menina indiana que se manifestava com muita freqüência por seu intermédio) e estendeu-lhe a mão esquerda, como para lhe tomar a mão. Vê-se na fotografia a figura perfeitamente reconhecível da pequena indiana, com os dedos da mão direita na mão da Senhora Conant. Aqui temos pois a fotografia de uma figura astral assinalada e reconhecida pelo sensitivo, no momento da exposição, como em Beattie. ("Médium", 1872, página 104.)

Encontra-se a descrição de um fenômeno do mesmo gênero no relatório de um caso notável de fotografia transcendente, dirigido pelo professor Gunning (geólogo americano), à "Tribune", jornal de Nova Iorque, por ocasião do processo de Mumler, e reimpresso no "The Spiritual Magazine", de Londres (1869, pág. 260); essa carta contém fatos tão interessantes que citarei a sua parte essencial:

"Em Fevereiro de 1867, fiz conhecimento com um fotógrafo morador no Connecticut; entrando em seu gabinete para me fazer fotografar, notei que o fotógrafo estava particularmente inquieto enquanto eu me expunha. Quando a chapa foi revelada, achava-se ao lado da minha imagem uma forma feminina, clara, porém nebulosa. Eu ainda não tinha ouvido falar no Senhor de Mumler, nem, em geral, em fotografias espíritas. Perguntei ao fotógrafo como essa imagem tinha aparecido na chapa e ele me respondeu que a tal respeito nada sabia, mas que, ao me fotografar, tinha visto aquela imagem a meu lado. Ele não queria deixar sair esse retrato de seu gabinete, e pediu-me que a ninguém dissesse coisa alguma; então, contou-me que desde alguns anos lhe sucedia freqüentemente obter iguais fotografias, mas que não tomava parte alguma naquilo. Podia finalmente obtê-las quando queria; bastava-lhe para isso entregar-se à influência de seres a que ele chamava "Espíritos", mas que não desejava entreter relações com eles. Não queria que o seu nome se envolvesse no Espiritismo.

Eu estava tão persuadido da boa fé de meu amigo que tive desejo de estudar a virtude singular que ele tinha. Só depois de longas instâncias foi que consegui persuadi-lo a conceder-me algumas sessões e submeter-se aos "invisíveis". Eu tinha a intenção de recompensá-lo muito bem por essa perda de tempo, ele, porém, recusou todas as minhas ofertas, dizendo que não julgava ter o direito de explorar a sua força misteriosa com intuito mercantil. Aquiesceu em todas as condições imagináveis para as minhas experiências, e, por conseguinte, convidei um de meus amigos para a elas assistir. Durante quatro dias, todas as tardes do fotógrafo nos pertenceram; estávamos convencidos da sua boa fé, mas, entretanto, tomamos cautelas como se tratássemos com um hábil impostor. O preparo das chapas e a revelação delas se efetuavam em minha presença, e, em geral, não omitíamos medida alguma de prudência para evitar toda fraude. Em quase todas as sessões obtínhamos a imagem da mesma mulher; a mesma forma clara, porém nebulosa, aparecia quando eu estava só, ou para dizer melhor, quando eu supunha estar só. O fotógrafo caía em transe quase de cada vez. Que poderíamos dizer? E um homem cuja posição está bem sólida e que goza de irrepreensível reputação.

"Não posso admitir a menor dúvida acerca de sua probidade. Ele não tinha finalmente razão alguma para me enganar. Não queria negociar com o seu poder oculto, e, mesmo, se eu o suspeitasse de fraude, não estaria em condições de explicar a origem de suas fotografias.

"Só conheço dois meios para obter uma imagem fotográfica em uma chapa sensível: ou um objeto capaz de refletir a luz deve ser posto a uma distância determinada da objetiva, ou a chapa sensível é exposta à luz e coberta por uma outra fotografia. A luz que penetra através da fotografia superposta produz uma imagem turva; o fotógrafo também pode empregar uma chapa que já tivesse batido, e então a imagem antiga pode algumas vezes reaparecer. Essa explicação tinha sido proposta recentemente por um correspondente da "Tribune".

"Meu fotógrafo não empregava chapas servidas; por conseguinte, uma só das duas primeiras explicações indicadas lhe é aplicável; ora, eu sei, tanto quanto possível, que ele não colocou nenhum outro negativo sobre a chapa sensível. Assim sendo, ele obtinha essas imagens por outro meio. Resta ainda outra

suposição: não haveria, muito simplesmente, um objeto qualquer colocado defronte da máquina? Mas é certo que as únicas pessoas presentes eram o fotógrafo, meu amigo e eu; não é provável que tenhamos podido ser enganados tão grosseiramente durante quatro dias. E, admitindo mesmo que tivéssemos sido enganados, pergunta-se de que maneira o cúmplice misterioso, que representava o papel de Espírito, teria podido tornar-se tão transparente? Como podia apresentar-se suspenso no espaço, pois que em uma das fotografias aparece uma mulher nessa posição? Todas as imagens são tão transparentes como tecidos de gaze; como eram produzidas? Não me apressei em tirar conclusões.

Um outro caso chega ainda a meu conhecimento: uma moça de Chelsea se fez fotografar em casa de um fotógrafo de nomeada naquela cidade. Ela chegou no momento em que ele se preparava para fechar o seu gabinete. A moça colocou-se diante da câmara escura, e durante a exposição percebeu uma espécie de sombra que deslizava à sua frente. Falou nisso ao Senhor A., que estava perto do gabinete, e esse lhe respondeu que isso nada valia, que ela podia pestanejar, mas que não se devia mover. Na chapa revelada a moça apresentava duas mãos sobre o rosto. Essa fotografia é notável; examinei quatro provas dela, uma das quais está em meu poder. As mãos transparentes tocam a nuca; elas são visíveis até o punho, onde desaparecem em um vapor informe. Uma dessas mãos adianta-se até o queixo da moça, que se vê claramente através dessa mão. Todas essas fotografias oferecem uma particularidade comum: e a sua transparência.

"O juiz Edmonds garante que os Espíritos que lhe aparecem são transparentes; um outro de meus amigos, homem de grande instrução, disse-me que os tinha visto exatamente assim.

"E igualmente inadmissível que essas mãos tenham sido previamente fotografadas na chapa metálica. O fotógrafo me dizia que a chapa era nova, que nunca tinha sido usada; admitindo que ele não dissesse a verdade, não se pode entretanto compreender como essas mãos puderam aparecer diante da face. Pode-se admitir que ele as tivesse fotografado depois da moça? Pode-se ver que o dedo mínimo e o anular da mão esquerda estão colocados por baixo do colarinho, o que prova, com toda a evidência, que a moça e as mãos foram fotografadas simultaneamente. Admitindo mesmo que uma mulher tivesse deslizado imperceptivelmente e tivesse rodeado com as mãos a cabeça da pessoa em exposição, então como poderia ela ter escapado à vista do fotógrafo?

"Ele garante que no gabinete só estavam ele e a moça; admitindo por um momento que uma mulher tivesse entrado sem se saber de que modo, como pôde ela tornar as mãos transparentes e o resto do corpo invisível?

O fotógrafo é um homem que merece toda a confiança. Ele declara que nunca teve a intenção de fazer fotografias espíritas e que nunca cogitou de uma opinião teórica sobre essa questão; apenas sabe que não tomou parte no aparecimento dessas mãos.

Informações sobre esse último caso, inteiramente extraordinário, são dadas mais extensamente em uma carta do Senhor Gunning, ao "Banner", 6 de Julho de 1867, da qual só tirarei as duas linhas seguintes, que têm para nós um interesse especial: "A mão esquerda é mui distintamente visível, até o punho, e mais acima está envolta em um véu.

O redator do "The Spiritual Magazine" acrescenta que o professor Gunning, depois de um passeio a Londres, lhe confirmou de viva voz esses mesmos fenômenos e que lhe mostrou os daguerreótipos de que se tratava; a imagem de mulher, que tinha aparecido na primeira fotografia de que ele faz menção, era a de sua mulher, e é de semelhança incontestável. " The Spiritual Magazine, 1869, pág. 329.)

Falta-me mencionar finalmente uma fotografia de Mumler, na qual é representado o Senhor Herrod, um médium moço, dormindo em uma cadeira, em estado de transe. Vê-se atrás do médium a imagem astral de sua própria pessoa, ou de seu "duplo", conservando-se de pé, quase de perfil, com os olhos fechados, a cabeça um pouco inclinada para o médium. ("Médium", 1872, pág. 104.)

Outro caso de fotografia de um "duplo", em casa de outro fotógrafo, é confirmado pelo juiz Cárter em sua carta ao "Banner" de 31 de Julho de 1875, e reproduzida no "Human Nature", de 1875, págs. 424 e 425. Um terceiro caso de fotografia de um "duplo" é assinalado pelo Senhor Glendinning, e, como se produziu em um círculo privado, merece a nossa atenção, e aqui reproduzirei a sua descrição:

"Há cerca de vinte anos, um de meus amigos, bom médium, e eu nos ocupamos de fotografias espíritas. Nossas experiências foram coroadas de algum êxito.

"No começo, obtínhamos na chapa manchas bizarras. Se eu tivesse sido mais versado na questão, teria conservado certamente essas chapas para submetê-las a minucioso exame; todas as vezes que não obtivemos um resultado bem comprovado, esfreguei a chapa com os dedos e lavei-a em seguida. Os vidros e os produtos nos eram fornecidos pelo Senhor Methuish, secretário de uma sociedade fotográfica escocesa. Todos nós éramos de boa fé, como sói suceder entre homens que se prezam. Certo dia obtivemos o retrato do médium em posição que ele tinha ocupado dez ou quinze minutos antes da exposição, isto é, à meia distância entre a câmara escura e o fundo. Tínhamos nessa sala o que se chama prancheta, conhecida com o nome de indicador, que indicava com muita rapidez, por meio do alfabeto, o que devíamos fazer, porque os "Espíritos" nos diziam que eles próprios não sabiam ainda como produzir essas imagens; que era preciso fazer alguns ensaios; deram-nos o conselho de mesmerizar a câmara escura, os produtos químicos e tudo o mais. Seguimos essas indicações, tanto para nos divertirmos quanto por curiosidade. Quando lhes perguntamos porque tínhamos obtido o retrato do médium na posição que ele ocupava antes da exposição da chapa, responderam-nos que era nessa posição que ele tinha deixado a sua "influência", e que, se tivesse achado um clarividente na sala, ele teria percebido o médium precisamente nessa posição. Não compreendo isso, mas não obtivemos outra explicação." "The Spiritualist", n° 234, Londres, 16 de Fevereiro de 1877, pág. 76.)

Essas fotografias de "duplos" invisíveis ao olho humano são os precursores das fotografias de "duplos" visíveis e tangíveis de que nos ocuparemos mais tarde. Como vimos, os fenômenos da fotografia transcendente produziram-se com grande número de pessoas, tanto na América como na Europa. Há muitos casos dos quais não fiz menção; notarei somente, no ponto de vista histórico, até onde são fundadas as minhas pesquisas. Os primeiros indícios desse gênero de fenômenos remontam a 1855; encontro efetivamente, no "Spiritual Telegraph", editado em Nova Iorque, em casa de Brittan, no volume VIII, 1855, pág. 152, um artigo intitulado: "Daguerreotipia de imagens espíritas":

"Numerosas experiências foram feitas para saber-se formas e aparições espíritas podem ser reproduzidas pela daguerreotipia; mas todas foram infrutíferas, à exceção de um caso que foi comunicado ao redator por uma carta pessoal de um estimado amigo de Nova Orleães. Os principais fatos são os seguintes: o Senhor H., daguerreotipista e médium, quis, a 8 de Março, tirar o retrato de seu filhinho de dois meses de idade, e colocou-o nos joelhos de sua avó. Na terceira sessão, obteve um belo retrato; mas, coisa curiosa, acima do daguerreótipo, surge, de uma espécie de nuvem pequena, uma larga faixa luminosa, descendo até ao ombro da criança, onde desaparece. Essa faixa é larga e vigorosa, assemelhando-se a um raio de sol surgindo de uma abertura estreita... Depois de exame mais atento, observa-se que ela é um pouco transparente... Nenhum dos resultados precedentes tinha apresentado coisa semelhante, e a mais minuciosa observação dos objetos circunvizinhos não pôde fornecer uma explicação desse resultado, por pouco plausível que fosse."

Encontro um segundo caso mencionado na página 170 do mesmo volume:

"Alguns dias antes, o Senhor Henry Hebhard, desta cidade, tinha apresentado em nosso escritório de redação uma bela fotografia de seu filho, da idade de cerca de dez anos, a qual apresentava um fenômeno singular, que consistia em uma luz intensa, de forma elíptica, atravessando obliquamente a região do tórax, uma extremidade da qual termina no exterior, perto da espádua esquerda, e a outra abaixo do braço direito. A claridade é mais intensa no centro e diminui gradualmente, aproximando-se das bordas. Esse fenômeno estranho não pôde ser explicado; pelo menos, nem o fotógrafo nem as outras pessoas descobriram uma causa qualquer.

E fácil reconhecer nesses dois casos as mesmas particularidades que apresentam as primeiras experiências feitas pelo Senhor Beattie.

Não posso terminar o capítulo sobre a fotografia transcendente, sem citar o caso que se segue, um dos mais recentes. Quero falar das fotografias espíritas obtidas pelo Senhor Jay J. Hartman, Cincinnati (Ohio). Não poderia deixar em silêncio essas experiências, pelo fato de terem elas sido submetidas ao exame mais severo por uma comissão de fotógrafos e porque foram feitas em condições que o Doutor Hartmann não poderá recusar-se a achá-las concludentes.

Eis o que lemos no "Spiritual Scientist", de Boston, de 6 de Janeiro de 1876:

“Sabe-se que o Senhor Jay J. Hartman obteve fotografias espíritas no gabinete do Senhor Teeple (110, West Fourth Street, Cincinnati). Ele se tornou o alvo de violentos ataques dirigidos por pessoas cépticas, que o acusavam de praticar trapaças. Recentemente ainda, um jornal da manhã publicava um artigo de três colunas que continha diversos argumentos e arrazoados tendentes a demonstrar que tudo aquilo não passava de uma mistificação banal e que Hartman não era mais do que um charlatão cínico. Apesar das sessões de averiguação que ele organizava por intermédio de um círculo de íntimos, e que pareciam suficientemente convincentes, muitos dentre os seus amigos tiveram dúvidas quanto ao caráter das suas experiências. Foi por isso que ele inseriu, à semana passada, um anúncio dirigido ao público em geral e aos fotógrafos em particular, convidando-os a uma sessão pública gratuita, que se realizaria no sábado de manhã, 25 de Dezembro. Ele anunciava que a maneira de proceder com essas experiências seria determinada pelas pessoas que fizessem parte delas; as ditas pessoas escolheriam a sala para as experiências e teriam a liberdade de levar as suas chapas marcadas, a sua câmara escura e produtos químicos; finalmente, forneceriam tudo o que fosse necessário.

“O Senhor Hartman reservava para si somente o preparo das chapas, sob a vigilância de fotógrafos experimentados, a fim de evitar toda a suspeita.

“No dia do Natal, por um tempo claro e de manhã cedo, dezesseis pessoas estavam reunidas em casa do Senhor Hartman, cinco das quais fotógrafos nessa cidade. Deliberou de comum acordo dirigir-se ao gabinete do Senhor Van Cutter (28, West Fourth Street). Considerando que por muitas vezes o Senhor Cutter tinha descoberto as imposturas de pretendidos fotógrafos espíritas, e que o Senhor Hartman nunca havia ido a seu gabinete, as condições nas quais era chamado a trabalhar tornavam-se duplamente difíceis: ele se via em um gabinete estranho, e, além disso, rodeado de cépticos, homens da profissão, que facilmente teriam feito descobrir a menor fraude”.

“O Senhor Hartman acedeu a tudo de boa vontade, mas com uma só condição: abster-se-iam de toda discussão, brincadeira ou qualquer outra interrupção, por palavra ou por obra, o que poderia romper a calma e harmonia indispensáveis ao bom êxito das experiências. Essa condição do Senhor Hartman, perfeitamente justa, foi aceita sem dificuldade alguma e todos os associados se dirigiram à casa do Senhor Cutter.

“Ao entrarem na sala onde as experiências deveriam ser feitas, os assistentes foram convidados a sentar-se dos dois lados da câmara escura e a darem as mãos. O Senhor Hartman manifestou o desejo de lhe vendarem os olhos, mas essa cautela foi julgada inútil. O Senhor Hartman escolheu o Senhor Moreland para auxiliar e ao mesmo tempo testemunha da lealdade da operação. Escolheu-se, além disso, o Senhor Murhman, fotógrafo de profissão, um dos mais incrédulos. Os três entraram no gabinete escuro, levando o Senhor Murhman as suas próprias chapas. Quando essas foram preparadas, os três operadores voltaram para as proximidades da câmara escura; o Senhor Murhman colocou a chapa no lugar próprio e sentou-se para a exposição. Essa se fez em silêncio profundo, depois do que, levaram a chapa para o gabinete escuro, para onde também se dirigiu o Senhor Hartman. Pouco depois, ouviu-se a exclamação: “Não deu resultado.” Os cépticos estavam radiantes.

“Preparou-se uma segunda chapa; o Senhor Murhman continuava a vigiar todos os movimentos do Senhor Hartman. Ainda dessa vez o resultado foi nulo. O cepticismo triunfava.

“Depois disso as manipulações foram feitas pelo Senhor Cutter, proprietário do gabinete, um incrédulo consumado, e, parece, o melhor fotógrafo prático da cidade. Hartman parecia abatido; recusou entrar no gabinete e permaneceu perto do aparelho, engolfado em profunda meditação. Os peritos entraram pois, sem ele, no gabinete; foi o Senhor Cutter quem preparou a chapa. Entregaram o caixilho ao Senhor Hartman, que estava tão comovido que teve dificuldade em colocá-lo no lugar próprio. Ele pediu a dois dos assistentes que colocassem as mãos sobre a câmara escura, ao mesmo tempo em que ele. Essa terceira exposição foi tão estéril quanto as precedentes”.

“As coisas tomavam um aspecto mau para o pobre Senhor Hartman e seus amigos. Ele propôs, entretanto, expor ainda uma chapa, mas tornou-se ainda mais pensativo. O Senhor Murhman estava sentado perto da câmara e -do Senhor Hartman, escrutando todos os seus gestos, como tinha o hábito de fazê-lo durante a sua longa carreira de “desmascarar médiuns profissionais”.

“Quando o Senhor Cutter terminou os preparativos da quarta chapa no gabinete escuro, em presença do Senhor Moreland, saiu e entregou o caixilho ao Senhor Hartman.

“Era a vez da exposição do Doutor Morrow; um outro dos assistentes devia colocar a mão sobre a câmara escura. Durante a exposição da chapa, reinava sempre profundo silêncio. O Senhor Hartman tremia visivelmente e parecia absorver-se em uma prece muda. As mãos das pessoas que tocavam na câmara tremiam do mesmo modo, como se estivessem sob a influência de misteriosa força. Finalmente o Senhor Hartman interrompeu essa expectativa penosa, fechando a câmara escura. Então o Senhor Cutter retirou a chapa e dirigiu-se, acompanhado pelo Senhor Moreland, ao gabinete, para fazer a revelação. O Senhor Hartman tinha ficado perto do aparelho, mostrando na fronte grandes gotas de suor. Os demais assistentes aguardavam silenciosamente a sentença que devia destruir definitivamente as crenças mais caras dos espiritualistas.

Em breve tempo, porém, ouviu-se uma exclamação de admiração e de surpresa dos Srs. Moreland e Cutter: “Há um resultado!” A fisionomia do Senhor Hartman iluminou-se como um relâmpago, de satisfação; os seus amigos, que apenas ousavam acreditar na agradável notícia, assim como os incrédulos, acercaram-se do Senhor Cutter, que sustinha a chapa contra a luz. Efetivamente, perto da cabeça do Senhor Morrow, podia-se ver a forma de uma jovem inclinada para ele: e essa imagem era ainda mais visível e distinta do que o seu próprio retrato. Esse resultado inesperado encheu de pasmo a todas as pessoas. O Senhor Murhman e o Senhor Cutter olharam-se maravilhados. O último dos dois garantia que não tinha tomado parte no que sucedia; que aquela chapa era uma das suas e que ele sabia que ela nada continha quando ele a levou para o gabinete. Entretanto, a imagem estava ali. Quanto ao Senhor Hartman, nem sequer tinha tocado na chapa, nem mesmo tinha entrado no gabinete durante os preparativos. De que maneira se tinha produzido aquela imagem? Ele nada sabia a respeito; mas, realmente,.ela ali estava! Quer cépticos, quer espíritas, estavam surpresos com esse resultado notável, resultado decisivo.

“Decisivo nesse sentido é que os Srs. Cutter, Murhman e os outros, ainda que se tivessem recusado sempre a reconhecer uma origem espírita á imagem obtida, estavam todos, porém, de acordo sobre esse ponto: que, nas condições de que se tratava, o Senhor Hartman não tinha podido obter fraudulentamente aquele resultado, visto que ele não tinha entrado no gabinete e nem tocado na chapa. Todas as pessoas presentes aquiesceram em lhe passar um certificado, assinado com os seus nomes,,dando testemunho do resultado obtido.”

Certificado:

“Nós, abaixo assinados, tendo feito parte da sessão pública de fotografia espírita, organizada pelo Senhor Jay J. Hartman, certificamos pelo presente que seguimos minuciosamente todas as manifestações às quais foram submetidas as nossas próprias chapas sensíveis, que estavam marcadas; que fiscalizamos as operações no gabinete escuro assim como fora dele, e que não descobrimos o mínimo indício de fraude ou de prestidigitação empregada pelo Senhor Hartman. Certificamos também que durante a última experiência, no decurso da qual o resultado foi obtido, o Senhor Hartman não tocou na chapa e não entrou sequer no gabinete escuro.

Cincinnati, Ohio, 25 de Dezembro de 1875.

J. Slatter, C. H. Murhman, V. Cutter, J. P. Weckman, F. T. Moreland, T. Teeple, fotógrafos de profissão; E. Saunders, Wm. Warringtón, Joseph Kinsay, Benjamin E. Hopkbis, E. Hopkins, G. A. Carnahan, W. Wm. M. D. e James, P. Geppert, D. V. Morrow, Sullivan, Robert Leslie.”

(Reimpresso no “Spiritualist”, n. 179, vol. VIII, número 4, Londres, 28 de Janeiro de 1876, págs. 37 e 38.)

O público, porém, nunca julga as provas suficientes; sempre exige novas provas, e os testemunhos pessoais não são bastante quando se trata de fatos relacionados com o miraculoso. Alguns meses após haver recebido o certificado precatado, assinado por seis fotógrafos, o Senhor Hartman viu-se obrigado a publicar um novo convite, no “Cincinnati Enquirer”. Organizou-se uma nova comissão, com o mesmo intuito, tendo à

frente o Senhor Slatter; essa investigação foi um novo triunfo para o Senhor Hartman, como o prova o certificado que lhe foi dirigido, publicado no “Spiritual Scientist” de 25 de Maio de 1876, I, pág. 314.

O que expusemos no presente capítulo nos dá o direito, segundo me parece, de considerar a fotografia transcendente como um fato estabelecido de modo positivo; por conseguinte, a hipótese das alucinações, que serve de apoio às teorias do Doutor Hartmann, fica fortemente abalada.

Por minha vez, posso também me servir da frase que ele emprega, falando da insuficiência da hipótese espírita; posso dizer que “o terreno começa a fugir da hipótese das alucinações, e que só lhe resta um espaço acanhado, da extensão de um pé”. Veremos dentro em pouco, no final do capítulo sobre a materialização, se lhe resta alguma coisa desse “espaço acanhado”.

Noticia importante - Acabo de saber, muito tarde para mencioná-lo no corpo da obra, que o Senhor Taylor, diretor muito conhecido do “Jornal Britânico de Fotografia”, acaba de publicar nesse jornal, número de 17 de Março de 1893, um artigo intitulado: “A fotografia espírita”, no qual expõe suas experiências com M. D., médium escocês. Os resultados obtidos por ele confirmam peremptoriamente a possibilidade da fotografia transcendente. Será necessário insistir sobre a importância desse testemunho? A fotografia pode fornecer-nos todos os elementos requeridos para demonstrar que os fenômenos mediúnicos não apresentam sempre um caráter subjetivo, que um certo número dentre eles oferecem todos os atributos de realidade objetiva. Por esse meio se nos torna possível tirar a prova da existência de formas ou de seres invisíveis inteligentes. Foi também por esse motivo que considerei as experiências feitas pelo finado Senhor Beattie, em 1872, como pedra angular de todo o edifício. E eis que vinte anos depois de ter publicado em seu jornal o relatório das experiências do Senhor Beattie, cuja boa fé não era posta em dúvida por ele, o Senhor Taylor recomeçou as mesmas experiências.

O Senhor Taylor certamente teve que fazer seus ensaios em condições rigorosamente científicas.

Materialização e desmaterialização de objetos acessíveis aos nossos sentidos

No presente capítulo vamos ocupar-nos especialmente dos fenômenos de aparecimento efêmero de corpos ou de objetos acessíveis aos nossos sentidos, e de seu desaparecimento mais ou menos rápido.

Esses fenômenos são tão contrários a todas as crenças, a todas as probabilidades e mesmo tão diferentes da série dos fenômenos ordinários do mediunismo, que o próprio Doutor Hartmann, que admite a responsabilidade dos fenômenos ordinários, aceitando integralmente os testemunhos humanos citados, recusa-se a admitir esses testemunhos quando se trata dos fenômenos de que nos ocupamos. O Senhor Hartmann recusa a esses últimos todo o valor objetivo, e opina que é necessário transportá-los na íntegra para o domínio subjetivo.

Antes de passar ao estudo de fenômenos tão extraordinários, devemos procurar nos anais do mediunismo outros fatos mais simples, aproximando-se das idéias já admitidas e pertencentes ao mesmo domínio, que poderiam servir-nos de antecedentes para fazer admitir e compreender fenômenos mais complexos; foi assim que procedemos na demonstração da fotografia transcendente. Esses fenômenos mais simples existem, e são conhecidos geralmente debaixo do nome de “fatos de penetração da matéria”; eles se apresentam as mais das vezes sob a forma de transporte e de desaparecimento de objetos em um quarto fechado.

Os fatos desse gênero ocupam grande espaço no repertório dos fenômenos mediúnicos; eles se produziram, assim como os fatos de materialização parcial, desde o começo dos estudos espíritas. Mas o estudo desses fenômenos simples, comparativamente falando, já estava muito adiantado, quando os fatos de materialização se apresentavam ainda no estado rudimentar, admitindo-se a natureza complexa desses fenômenos e sua dependem ela de um princípio de evolução.

Posto que muito simples, na aparência, os fatos de penetração da matéria têm entretanto grande importância. E devemos preocupar-nos profundamente com a sua significação, porque eles nos fornecem a prova evidente e positiva de que estamos em presença de um fato transcendente, isto é, de um fenômeno produzido por forças que têm sobre a matéria um poder, mas cuja origem, natureza e extensão não conhecemos.

E' importante para a nossa crítica verificar que o princípio, que serve de base à demonstração desse fenômeno, já é admitido, ao menos tacitamente, pelo Doutor Hartmann.

Depois de ter falado da ação expansiva da força nervosa mediúnica, que ataca a coesão das partículas da matéria, o Senhor Hartmann passa em revista os fenômenos mediúnicos referentes à "penetração da matéria", que classifica em uma "categoria de fatos particularmente inverossímeis"; e cita as experiências concludentes feitas por Zóllner, entre outras o transporte de objetos de um quarto fechado, que foi observado freqüentemente, em condições que impõem a convicção.

E quando o Senhor Hartmann teve que se ocupar com os fenômenos de materialização e explicá-los por alucinações produzidas pelo médium, prevaleceu-se largamente do fato mediúnico da penetração da matéria, admitido pelos espíritas, para negar a objetividade real de todos os fenômenos de materialização observados durante a reclusão do médium: nenhum laço pode reter esse último em seu lugar, quer um saco, quer uma gaiola na qual o médium fosse encerrado, "pois que desde o momento em que o médium sonâmbulo pode penetrar aquela matéria, pode também se mostrar aos espectadores sob a forma de aparição, a despeito de todas as medidas de precaução".

Assim o Senhor Hartmann admite, como princípio, a possibilidade do fato mediúnico da penetrabilidade da matéria, como também admite a possibilidade de todos os outros fatos, baseando-se no testemunho de outrem. Mas, tratando desses fatos e prevalecendo-se deles para a sua teoria da alucinação, não nos dá a seu respeito explicação alguma; ele só tem em vista combater a hipótese da quarta dimensão do espaço, imaginada por Zollner, e pronuncia-se a favor de uma "comoção molecular das combinações da matéria" que pode mesmo ir até a uma explosão, como foi observado. Mas, uma vez que se admite o fato da penetração de um corpo sólido por um outro semelhante, ainda que como princípio, é certo que não podemos no-lo representar de outra maneira a não ser supondo uma desagregação momentânea da matéria sólida, no momento da passagem de um objeto, e sua reconstituição imediatamente depois, isto é - em linguagem mediúnica -, sua desmaterialização e sua rematerialização. Fica bem entendido que essa definição é apenas convencional - aceita na falta de outra melhor -, visto como não se aplica senão à aparência do fenômeno e não à sua essência.

E inútil multiplicar aqui os exemplos de iguais fenômenos, pois que o Senhor Hartmann cita um número suficiente deles. Citarei, entretanto, dois dentre eles, que têm o mérito de se terem produzido debaixo dos olhos do observador, não de maneira inesperada, mas em condições fixadas de antemão.

Eis um testemunho. devido ao Rev. Senhor Collex, em carta publicada no "Medium and Daybreak", ano de 1877, página 709, e relativa ao fato que demonstra a penetrabilidade da matéria. Depois de ter feito a narração de uma sessão com o médium Doutor Monck - no decurso da qual ele tinha verificado o desenvolvimento de uma força considerável, o que o tinha induzido a conservar por baixo da mesa uma ardósia com um pedaço de lápis ordinário (à falta de lápis de ardósia), na esperança de obter uma escrita direta - continua assim:

"Mas nenhum resultado foi obtido; não encontrei na ardósia senão uma espécie de curva, como para me fazer compreender que o lápis não podia servir. Esse lápis inútil tinha provavelmente irritado a Samuel (o inspirador invisível), porque ele me perguntou pela boca do médium, que estava em transe: - "E' preciso queimar ou mergulhar o lápis?" Mergulhá-lo! respondi. - "Coloca a mão sobre o gargalo da garrafa (a louça da ceia ainda não tinha sido retirada); agora olha atentamente!" O lápis estava sobre a ardósia, a meus pés, e o médium, que se achava a alguma distância, não tinha tocado nele, uma só vez. - "Muito bem! - replicou Samuel, falando pelo Senhor Monck, que ele tinha conduzido ao outro extremo do quarto, e cuja mão estava estendida na direção da garrafa - presta atenção, olha bem!" Em um abrir de olhos, o pequeno lápis, que não tinha mais de uma polegada de extensão, foi, por assim dizer, lançado através da minha mão até à garrafa, onde ficou, flutuando na água.

Londres, 1° de Novembro de 1877. - Thomaz Colley.

Algum tempo depois, o Rev. Senhor Colley publicou a experiência seguinte:

"Em uma sessão com o médium Monck, escrevi em uma ardósia: "Podes transportar esta ardósia ao quinto degrau da escada que vai dar no corredor?" Tendo deposto a ardósia no chão, com o lado escrito voltado para baixo, perguntei em voz alta se íamos obter uma comunicação escrita naquela ardósia. Apenas eu tinha voltado ao meu lugar e tomado as mãos do Senhor Monck entre as minhas, senti as pernas levadas para um lado sob o impulso de um corpo pesado, e divisei uma luz mais brilhante do que a dos dois bicos de gás que nos iluminavam, emergindo subitamente por baixo da mesa, na direção da porta fechada; no mesmo instante retumbou um estalido semelhante ao que tivesse sido produzido por uma ardósia violentamente atirada de encontro a uma porta, conforme verifiquei depois. Entretanto, apesar de termos visto a luz e ouvido o estalido, não pudemos acompanhar a deslocação da ardósia; foi só no momento em que se produziu o choque que senti um dos lados do caixilho (que tinha sido lançado para trás) dar de encontro à minha perna e cair no chão. O que acabava de passar-se fez-me supor que a ardósia tinha sido atirada, segundo o meu desejo, através da porta, que estava fechada à chave, e que eu era, por uma vez ainda, testemunha do fenômeno surpreendente da penetração de uma matéria por uma outra; levantei-me, aproximei-me da porta e abri-a, conservando sempre a mão do Senhor Monck; efetivamente, a ardósia estava no quinto degrau da escada! Levantando-a, pude verificar que a inscrição que ela continha estava perfeitamente de acordo com o fato misterioso que acabava de passar-se, pois que à minha pergunta: Podes transportar a ardósia ao quinto degrau da escada? encontrei a seguinte resposta: "Julga por ti mesmo - ei-la. Adeus!" ("Médium, 1877, página 741.")

A mesma experiência foi repetida por duas vezes ainda, em presença de outras testemunhas (idem, páginas 761 e 786); na segunda sessão, a ardósia foi instantaneamente transportada ao quarto de uma das pessoas presentes, à distância de duas milhas do lugar onde se achavam os experimentadores.

O fato da penetrabilidade da matéria - isto é, da desmaterialização e rematerialização momentânea de um objeto -, uma vez admitido, leva-nos logicamente a apresentar esta pergunta: Por que razão a força produtora daquela desmaterialização não teria o poder de dar aos corpos desmaterializados, rematerialização-os, outra forma diferente da que eles tinham dantes? Se a força que produz esse fenômeno é a força nervosa - como o Doutor Hartmann se inclina a admitir - devemos lembrar-nos que a força nervosa pode produzir, sobre os corpos, impressões persistentes, isto é, produzir certas mudanças moleculares, correspondendo não só à forma dos órgãos do médium, donde emana essa força, como ainda a qualquer outra forma estranha que aprouvesse à fantasia sonambúlica do médium dar semelhante impressão. Assim, pois, a força nervosa, por isso mesmo que é suscetível de desagregar um corpo qualquer, disporia à sua maneira de todos os átomos desse corpo, e, reconstituindo-o por intermédio desses átomos, poderia dar-lhe a forma que a vontade sonambúlica do médium se dispusesse a produzir. Essa conclusão não seria contrária à lógica da hipótese do Senhor Hartmann, e não descobrimos os motivos que ele poderia invocar para combatê-la - admitindo, repito-o, que estejamos aqui em presença da força nervosa com as propriedades que o Senhor Hartmann lhe atribui.

Baseando-nos no mesmo raciocínio, temos o direito de modificar essa conclusão da maneira seguinte: A força que exercesse sobre a matéria tal poder de desagregação não seria absolutamente obrigada a desagregar toda a massa de determinado objeto: bastar-lhe-ia utilizar certa quantidade de átomos dessa matéria para produzir, quer um simulacro de objeto, quer um objeto de outra forma. Efetivamente, o Espiritismo nos oferece esses dois gêneros de fenômenos conhecidos com o nome de desdobramento e com o de materialização no sentido próprio, e que se observa do mesmo modo nos objetos inanimados e nos animados. A linha de delimitação entre essas duas séries de fenômenos não pode, naturalmente, ser determinada com precisão, pois que se estaria sempre em presença de um certo grau de materialidade.

Em matéria de desdobramento de objetos inanimados, o observado mais freqüentemente foi o desdobramento das fazendas. E um fato muito freqüente ver - sendo os médiuns mantidos pelas mãos - o duplo da mão do médium com a manga do vestido. Posso citar, como fato mais bem verificado desse gênero, o que se deu depois da experiência elétrica do Senhor Crookes com a Senhora Fay. O Senhor Hartmann é de

opinião que esse exemplo é perfeito no ponto de vista da exclusão de toda a co-participação pessoal por parte do médium. “O controle por meio do contacto, com os eletrodos, como o aplicaram Crookes e Varley em sua sessão física com a Senhora Fay, pode ser considerado como uma garantia suficiente.” (Pág. 18.) Apesar disso, a mão que se mostrou entre as cortinas e que apresentou os livros aos assistentes estava revestida por um punho de seda azul, idêntico ao do vestido do médium; temos sobre esses pontos o testemunho do próprio Senhor Cox (“Spiritual Magazine”, 1875, pág. 151.) Segundo a hipótese do Doutor Hartmann, isso deveria ser o resultado de uma alucinação, ela, porém, não tem razão de ser aqui; sem dúvida. alguma o médium teria evitado produzir a alucinação do seu próprio vestido. Quanto aos assistentes, não contavam com aquela surpresa.

Outro fato desse gênero, igualmente precioso, produziu-se por várias vezes, em uma sessão de Davenport, feita às escuras: tendo sido aceso um fósforo, de repente, viu-se Davenport sentado em uma cadeira e ligado pelas mãos e pés, e o duplo perfeito de seu corpo - com a roupa - perdendo-se no corpo do médium. “SpirituaI Magazine”, 1873, págs. 154 e 470; Ferguson, “Supramondane Facts”, pág. 109; ver também o testemunho interessante de Cliford Smith, “ Spiritual Magazine”, 1872, pág. 489, e finalmente o mesmo jornal, 1876, I, pág. 189.)

Falando do desdobramento dos vestidos, somos levados naturalmente a mencionar, ao mesmo tempo, o desdobramento das formas humanas, do qual já encontramos antecedentes nos fenômenos da fotografia transcendente; abster-me-ei, porém, de fazer aqui um estudo minucioso desses fenômenos, pois que teremos de voltar, mais adiante, a esse ponto. Vamos passar imediatamente ao estudo da série dos fenômenos de materialização, e, antes de tudo, ao estudo da:

A) - Materialização e desmaterialização de objetos inanimados.

Não me esqueço de que devo tratar desse assunto somente sob o ponto de vista da teoria da alucinação. O Doutor Hartmann não admite os testemunhos harmônicos da vista e do tato, ainda que emanem de muitas pessoas simultaneamente; a materialização de um objeto debaixo da vista de testemunhas e a sua desmaterialização gradual,, observada pelas mesmas testemunhas - o que é para o julgamento e a experiência ordinária o summum da prova exigida e que se produziu freqüentemente nas sessões mediúnicas - é para o Senhor Hartmann a prova eo ipso da alucinação. Devo pois procurar provar o fenômeno por efeitos duradouros (pág. 96), os mais positivos dos quais fossem materializações, não efêmeras, porém permanentes. Entretanto, aqui, a prova mais perfeita deixa por isso mesmo de ser uma prova, pois que o objeto, uma vez materializado, não difere em coisa alguma de outro objeto. De maneira que a prova do fenômeno não poderia ter outra base além daquela sobre a qual se apóia. também o fenômeno da penetração da matéria, isto é, o testemunho humano. Baseando-me neste testemunho, espero poder exibir alguns exemplos suficientemente satisfatórios; é aqui que a fotografia transcendente vem em nosso auxílio; ela nos fornece uma prova positiva da materialização invisível de qualquer espécie de objetos inanimados, às mais das vezes fazendas e flores. As fazendas que se vêem nessas fotografias geralmente nada apresentam de distintivo, pois que não passam de um acessório; entretanto, algumas vezes elas oferecem particularidades notáveis; é assim que o Senhor Hallock atesta que em uma das fotografias de Mumler, que representa o Senhor Livermore com o retrato de sua mulher falecida (e que já mencionamos), as fazendas que rodeiam a figura são particularmente finas e de um belo desenho, principalmente vistas à lente; poder-se-iam compará-las a uma asa de borboleta (“Spiritualist”, 1877, I, 239.) Dissemos também mais acima que, em uma das fotografias obtidas pelo Senhor Slater, o retrato da pessoa que se tinha exposto estava artisticamente envolto em uma renda transparente; examinada de perto, aquela renda parecia formada por pequenos anéis de diversas dimensões, em nada semelhantes às rendas de confecção ordinária.

Apoiando-nos nesse antecedente, estamos no direito de supor que o fenômeno da materialização de semelhantes objetos deve dar-se também no domínio da materialização apreciável pelos sentidos. Efetivamente encontramos na categoria dos fenômenos mediúnicos numerosos exemplos da materialização dos tecidos e das flores. Os fatos de transporte desses objetos, em condições que excluem toda a possibilidade de fraude, são inumeráveis. Como o Doutor Hartmann não pôs em dúvida a realidade desse fenômeno, julgo inútil esforçar-me em dar aqui a sua demonstração citando algumas das experiências feitas. No começo havia disposições de atribuir uma origem supra-sensível aos tecidos usados pelas figuras materializadas; mas em breve chegou-se a discernir a diferença entre o "transporte" transcendente de um tecido e a sua materialização temporária, no sentido estrito dá palavra. Conforme acabamos de verificar o primeiro fenômeno é precursor do segundo, e é desse último que nos devemos ocupar nesse momento.

Fomos conduzidos logicamente à hipótese de que o fenômeno da materialização poderia produzir-se à custa de um objeto dado, sem o desmaterializar completamente. E é efetivamente o que sucede conforme a observação e o dizer das forças inteligentes que produzem esse fenômeno. A materialização temporária de um tecido produzir-se-ia, pois, à custa dos tecidos usados pelos assistentes; é o tecido que serviria de médium à materialização de um tecido. Eis o que encontrei a esse respeito em uma comunicação: "E impossível formar semelhante matéria a menos que uma matéria correspondente esteja em posse do médium ou dos assistentes, visto que qualquer coisa no mundo da matéria tem a sua qualidade correspondente no mundo espiritual. Geralmente, é a cor branca a escolhida; porém, se, na sala onde se realiza a sessão, se colocam cores vegetais, então quase cada um de nós poderia mudar a cor branca de sua roupa em uma das gradações representadas na sala. Esse fenômeno poderia, depois de uma série de experiências, ser produzido debaixo da vista dos assistentes, quer com a fazenda fabricada por nós, quer com um tecido fabricado em vosso mundo." ("The Spiritualist", 1878, I, pág. 15.)

Só conheço uma única experiência feita nesse sentido pelo Senhor Clifford-Smith, obtida pela fotografia transcendente. O fim era provar a materialização transcendente de um tecido natural, reproduzindo, como prova, o desenho desse tecido. Para fazer essa experiência, o Senhor Smith serviu-se de uma toalha de mesa e dirigiu-se com o médium Williams a casa do Senhor Hudson, fotógrafo. Eis a narração que ele fez dessa sessão:

"O Senhor Hudson tinha saído, mas voltou dentro em pouco. Dirigimo-nos imediatamente ao seu gabinete. O Senhor Hudson nunca tinha visto a toalha, e não podia conhecer as minhas intenções. Perguntei-lhe: "Esse desenho (da toalha) apareceria claramente em uma fotografia?" Ele me respondeu afirmativamente e me propôs fotografá-la. Consenti nisso com a intenção de estender simplesmente a toalha no encosto de uma cadeira; porém, na ocasião em que ele ia tirar a fotografia, tive a inspiração de pedir ao Senhor Williams que se colocasse ao lado da cadeira, fora do campo da fotografia, ficando inteiramente por trás da fazenda. Não desviei os olhos da toalha estendida sobre a cadeira. O resultado foi o aparecimento de uma forma espírita vestida de branco, cujo rosto era muito reconhecível através da fazenda; mas o fato característico era que sobre os ombros via-se um fac-símile da toalha de mesa, exatamente como eu a tinha colocado em minha casa, sobre o Senhor Williams; o desenho do tecido era muito visível, ainda mais fácil de distinguir sobre a forma espírita do que sobre a cadeira onde estava estendido, e entretanto ele tinha ficado à mostra sobre a cadeira durante todo o tempo." (" The Spiritual Magazine", 1872, pág. 488.)

Um dos casos mais autênticos de materialização de fazendas é o que se deu nas sessões do Senhor W. Crookes, com a Srta. Cook, pela forma materializada conhecida com o nome de Katie King. Eis como o Senhor Harrison, editor do "The Spiritualist", testifica esse fato:

A forma feminina, que se apresentava com o nome Katie, estava sentada no soalho, aquém da porta que comunicava com a sala que servia de gabinete escuro. Nesse gabinete podíamos ver, durante toda a sessão, aquela que julgávamos ser a Senhora Florence Cook; sua cabeça não estava voltada para nós, de maneira que não podíamos ver-lhe o rosto, mas podíamos distinguir-lhe os vestidos, as mãos e os sapatos. Katie estava no chão, fora do gabinete; muito perto dela estavam sentados, de um lado o Senhor W. Crookes, do outro o Senhor Tapp. Entre as pessoas presentes achávamos os pais da médium, a Senhora Ross Church, eu e ainda outras pessoas, cujos nomes me escapam. Katie cortou da aba de seu amplo vestido cerca de dez retalhos, e os distribuiu entre os assistentes; os recortes que fez em seu vestido eram de diversas dimensões, e podia-se

facilmente introduzir a mão em alguns. Irrefletidamente eu lhe disse: “ Katie, se pudesses reconstituir o tecido como fazias algumas vezes!...” E conveniente notar que tudo isso se passava à luz do gás e em presença de numerosas testemunhas. Apenas eu tinha externado o meu desejo, ela dobrou tranqüilamente a parte recortada de seu vestido com a que tinha ficado intacta e descobriu-a logo depois; aquela operação não durou mais de três ou quatro segundos. A aba de seu vestido estava inteiramente restaurada: não se via mais um só buraco. O Senhor Crookes pediu para examinar o tecido, no que acedeu Katie; ele apalpou toda a parte recortada, centímetro por centímetro, examinou-a atentamente, e declarou que não havia mais ali a menor solução de continuidade, recorte ou costura, nem vestígio de qualquer natureza. O Senhor Tapp pediu permissão para fazer outro tanto, e, depois de longo e minucioso exame, deu o mesmo testemunho. (“The Spiritualist”, 1877, n. 246, pág. 218.)

Convém ler também os testemunhos relativos ao mesmo fato, no “The Spiritualist”, 1876, I, págs. 235, 258 e 259. Semelhantes experiências foram feitas finalmente com outros médiuns por várias vezes (“The Spiritualist”, 1877, 1, pág 182; “ Light”, 1885, pág. 258.)

O Senhor Hartmann, mencionando esse gênero de fenômenos, concluiu que é claro que, nesses diversos casos, nos achamos em presença de uma combinação da alucinação da vista e do tato (págs. 102 e 103). Mas a objeção é que os retalhos de fazenda, cortados, não desaparecem, e eu vi em casa do Senhor Harrison o tecido que ele tinha cortado.

Estamos pois em presença desse dilema: ou o vestido era alucinatório, e nesse caso a fazenda não pôde ser cortada e subsistir; ou o vestido existia realmente e então o buraco não pôde ser reparado. Para sair dessa dificuldade, o Senhor Hartmann acrescenta: “Quando o fantasma manda cortar o vestido pelos assistentes, e os retalhos apresentam a resistência de tecidos terrestres, surge essa questão: Achamo-nos em presença de uma alucinação do tato, ou do transporte de um objeto real? ” (pág. 103.)

Como o Senhor Hartmann esclarece essa dúvida? Ele diz: “Se os retalhos de fazenda desaparecem ulteriormente, ou se não podem ser encontrados depois da sessão, é preciso considerar o seu caráter alucinatório como demonstrado; se, pelo contrário, esses retalhos subsistem e podem ser taxados segundo o seu valor, a pura realidade e proveniência terrestre tornam-se indubitáveis.” (Mesma página.) Mas como explicar essa proveniência terrestre? O Senhor Hartmann já nos disse que, se não é uma alucinação do tato, é o transporte de um objeto real.

Da parte do Senhor Hartmann essa palavra é imprudente; ele não tem o direito de falar em transporte para a explicação de um fenômeno mediúnico qualquer. O transporte é um fato transcendente, inexplicável - pelo menos o Senhor Hartmann não dá explicação alguma a tal respeito. Por conseguinte, explicar a origem de um tecido pela hipótese do transporte, é explicar o inexplicável pelo inexplicável, e o Senhor Hartmann tem o dever de nos dar explicações aceitáveis. Pouco nos importa que ele baseie a sua explicação sobre um fato admitido pelos espíritas: o transporte; ele não tem o direito de fazer essa concessão aos espíritas, porque lançou mão da pena para lhes ensinar “quais são os três princípios de método contra os quais o Espiritismo peca”, e o terceiro dos quais nos ensina “que é preciso permanecer tanto quanto possível nas causas naturais” (pág. 118) e para lhes demonstrar que no Espiritismo “não há a mínima justificação de ir além das explicações naturais” (pág. 106).

Um fato que provaria que uma fazenda materializada não é uma fazenda transportada - de proveniência terrestre - seria o seu desaparecimento gradual, não no decurso da sessão, quando a influência alucinatória do médium sobre os assistentes é predominante, porém fora dessas condições; e essa desmaterialização poderia ser verificada pela fotografia. E' uma experiência que deve ser feita. Por enquanto, ficaremos nas declarações, em número limitado, que justificam o fato da materialização de peças completas e em quantidade debaixo das vistas dos assistentes, na subtração de um retalho desses tecidos por meio de tesouras, em sua permanência durante alguns dias, na sua desmaterialização gradual e finalmente em seu desaparecimento.

Passaremos agora à materialização das flores. O seu transporte, a um quarto fechado, foi verificado por muitas vezes; mas o fenômeno de sua materialização produziu-se raramente. Os primeiros fatos desse gênero foram obtidos pelo Senhor Livermore, com a médium Srta. Kate Fox. (Ver as suas cartas no “The Spiritual Magazine”, 1861, 494 e passim.)

Conforme o testemunho do Senhor A. J. Davis, no “Herald of Progress”

“Em um dos círculos espíritas de Nova Iorque, produziam-se freqüentemente belas flores dotadas de vida momentânea, criadas artificialmente com o auxílio de elementos químicos esparsos na atmosfera. Esses espécimes da criação espírita eram em seguida oferecidos aos membros do círculo; cada uma dessas flores era por conseguinte posta ao alcance dos nossos sentidos; seu perfume impressionava diretamente o olfato; a haste e as folhas podiam ser tocadas, mantidas na mão. No decurso de uma dessas sessões, a comunicação espírita nos convidou a colocar uma daquelas flores em cima, do fogão, o que foi realizado por um dos membros do círculo que voltou imediatamente ao seu lugar. Aos olhos dos assistentes, que fixamente olhavam para a flor, ela desapareceu completamente, depois de doze minutos.” (“The Spiritual Magazine”, 1864, pág. 13.)

No livro de Wolfe, “Fatos surpreendentes” (páginas 508 e 538), lemos a passagem seguinte: “Por baixo da toalha da mesa, viu-se uma luz tornando-se cada vez mais intensa, até que uma bela flor se materializou completamente; então a flor foi atirada no quarto, a uma distância suficiente para que se pudesse ver completamente a mão que a segurava. Observada durante meio minuto, ela desapareceu, mas para apresentar-se de novo. A flor não estava a mais de 12 polegadas de nossos olhos. Por seu tamanho, forma e cor, a flor assemelhava-se a uma rosa mousseuse.

Sendo efêmeras, essas materializações não podem servir como resposta à teoria alucinatória do Senhor Hartmann; tenho todo o fundamento para supor que a fotografia teria podido dar a prova necessária de sua existência objetiva; não duvido de que essa experiência seja feita algum dia; mas não cito esses fatos senão porque eles são os antecedentes naturais da materialização das flores e dos frutos, produzida debaixo dos olhos, e com o caráter de materialidade permanente.

Os fatos mais notáveis desse gênero são os que se produziram pela mediunidade da Senhora Esperança, de Newcastle, e que são referidos, in extenso, no “Médium” de 1880, págs. 528, 538 e 542, e também no “Herald of Progress” de 1880, publicado em Newcastle. Esse fenômeno manifestou-se de três maneiras: 1° - em um copo d'água; 2° - em uma caixa com terra fresca; 3° - em uma garrafa com areia e água. Isso se passava em sessões de materialização; a médium se tinha retirado para um gabinete, e o operador era uma figura materializada que se apresentava como uma jovem árabe chamada Iolanda. Eis alguns pormenores sobre as três formas apresentadas pelo fenômeno, debaixo das vistas de numerosas testemunhas e por várias vezes:

1° - O Senhor Fitton tinha colocado na palma da mão um copo com um pouco d'água à vista de todos; nada mais havia no copo, porém, depois que Iolanda fez alguns passes, o Senhor Fitton viu um botão de rosa no copo; esse botão entreabriu-se em pouco tempo até o meio, e Iolanda tomou-o e entregou-o ao Senhor Fitton. Esse o mostrou durante alguns instantes à Senhora Fidler e, quando o recebeu de novo, viu que, nesse curto intervalo, a flor tinha desabrochado. “Médium”, 1880, pág. 466.)

2° - Para a reprodução de uma planta inteira, o operador misterioso pediu uma caixa com terra fresca e uma planta viva e sã que serviria de médium, o que foi fornecido por um dos assistentes. Na sessão de 20 de Abril de 1880, a caixa que continha a terra foi depositada no centro da sala, e a planta-médium, um pé de jacinto, perto da caixa. Iolanda regou a terra com a água que lhe deram, depois cobriu a caixa com um pano e retirou-se para o gabinete. Ela saía dali de instante em instante, fixava o pano durante alguns momentos ou fazia passes. em seguida retirava-se de novo. Depois de cerca de vinte minutos, o pano pareceu levantar-se e aumentar gradualmente em altura e largura. Então Iolanda retirou o pano e viu-se na caixa um grande e belo pelargonium, em toda a sua frescura, da altura de 25 polegadas, com folhas da largura de 1 a 5 polegadas; ele foi transplantado para um jarro ordinário e continuou a viver enquanto que a planta-médium não tardou em definhar. (“Médium)”, 1880, pág. 306.) Foi da mesma maneira que se produziu, na sessão de 22 de Junho, no espaço de cerca de meia hora, um belo morangueiro, apresentando frutos em diversos graus de maturação; a planta que serviu dessa vez de médium era um geranium. (“Médium”, 1880, pág. 466.)

3° - A produção de uma planta em uma garrafa, na sessão de 4 de Agosto, é descrita pelo Senhor Oxley, no “Herald of Progress” (n°. 8)

“Saindo do gabinete, Iolanda pediu, por meio de sinais, que lhe dessem uma garrafa, água e areia (o que acabava de ser obtido justamente antes da sessão); em seguida, agachando-se no soalho, perante todas as pessoas, chamou o Senhor Reimers, que, conforme as suas indicações, deitou na garrafa um pouco d'água e de areia. Iolanda depositou a garrafa no centro da sala, fez alguns passes, cobriu-a com um pano pequeno e leve e dirigiu-se para o lado do gabinete, a uma distância de cerca de 3 pés da garrafa. Naquele mesmo momento, percebemos que o que quer que fosse se levantava debaixo do pano e ampliava-se em todas as direções, atingindo uma altura de 4 polegadas. Quando Iolanda se aproximou e retirou o pano, verificamos que se tinha desenvolvido, na garrafa, uma verdadeira planta, com raízes, haste e folhas verdes. Iolanda tomou a garrafa entre as mãos, aproximou-se do lugar onde eu estava e me entregou. Recebi-a em uma das mãos e examinei-a juntamente com o meu amigo Cálder; a planta ainda não continha flores. Coloquei a garrafa no soalho, a 2 pés de mim. Iolanda entrou no gabinete, onde ouvimos o som de pancadas que tinham esta significação, segundo o alfabeto convencionado: “Agora, olhai para a planta.” Então Cálder, tomando a garrafa e suspendendo-a no ar, exclamou, cheio de admiração: “Vede, há uma flor!” Efetivamente a planta continha uma grande flor. Durante os poucos minutos em que a garrafa tinha ficado a meus pés, a planta tinha crescido 6 polegadas, lançando muitas folhas novas e uma bela flor de cor vermelho-dourada ou alaranjada.” (“Médium”, 1880, pág. 529.)

Esse fato não era uma alucinação, como o atesta uma fotografia da planta, feita pelo Senhor Oxley no dia seguinte. Verificou-se que a planta era uma Ixora crocata; o seu desenho está anexo ao artigo do Senhor Oxley, no “Herald”, bem como no livro da Senhora Emma Hardinge-Brittan, “Os Milagres do Século XIX”, e na edição alemã dessa obra.

O Senhor Oxley, a quem eu me tinha dirigido pedindo algumas informações, teve a bondade de me fazer aceitar, por ocasião de me responder, uma bela fotografia representando a planta inteira na garrafa, deixando ver as raízes e a areia na qual elas cresceram. Em sua carta, o Senhor Oxley confirma o fato da origem extraordinária daquela planta; ele diz entre outras coisas: “Nunca menos de vinte pessoas eram testemunhas desse fenômeno, que se deu à luz moderada, porém suficiente para se ver o que se passava. O pano tocava imediatamente no gargalo da garrafa, e pudemos mui distintamente vê-lo elevar-se gradualmente.” O Senhor Oxley teve a bondade de enviar-me uma parte da própria planta para ser comparada com a fotografia; era precisamente a parte superior, com a flor e três folhas, cortadas e postas abaixo de um vidro imediatamente depois da execução da fotografia. As folhas mediam de 17 a 18 centímetros de extensão e 6 centímetros de largura; quanto à flor, constava de um feixe de quarenta pistilos de uma extensão de 4 centímetros, e terminando cada um por uma flor composta de 4 pétalas. Como o Senhor Sellin, de Hamburgo, assistisse a essa sessão, tive naturalmente a idéia de conseguir o, seu testemunho e lhe escrevi a carta seguinte:

S. Petersburgo, hoje, 7/19 de Abril de 1886.

Já que o senhor assistiu, conjuntamente com os Srs. Oxley e Reimers, à sessão da Senhora Esperança, no decurso da qual se produziu o notável crescimento de uma planta que Iolanda entregou ao Senhor Oxley, o seu testemunho terá para mim um valor particular, pelo que venho pedir que se digne enviar-me uma resposta aos quesitos seguintes:

1° - Com que grau de luz se produziu esse fenômeno?

2° - O senhor está bem certo de ter visto o próprio vaso no qual a planta se desenvolveu, e está convicto de que não havia nesse vaso mais do que água e areia?

3° - Tem certeza de ter visto a planta elevar-se gradualmente da garrafa, para atingir as dimensões indicadas na descrição?

4° - Reparou bem que não havia flor na planta, quando ela foi entregue ao Senhor Oxley? que ela só apareceu mais tarde?

5° - Tem qualquer dúvida sobre a autenticidade do fenômeno, e, no caso contrário. como o explica? Ficar-lhe-ia muito-grato se me desse essas informações.

Queira aceitar, etc.”
Eis a resposta que o Senhor Sellin se dignou enviar-me:
Hamburgo, 5 de Maio de 1886.
Borgfeld, Mittelweg 59.

Senhor.

Peço-lhe desculpas de responder tão tarde à sua carta de 19 de Abril, que só me foi entregue a 27, em meu regresso da Inglaterra, onde passei duas semanas. Espero, entretanto, que a minha resposta lhe chegue às mãos a tempo.

Para melhor compreensão, junto à presente missiva uma planta da sala onde se realizaram as sessões, com a indicação do gabinete e dos lugares que ocupávamos. Nesse desenho, não observei uma exatidão rigorosa, o que, aliás, não tem grande importância; pretendo principalmente indicar o lugar onde eu me achava, lugar que me colocava, como o senhor pode verificá-lo, em condições particularmente vantajosas.

Quanto aos quesitos que o senhor me apresenta:

1° - E muito difícil determinar a intensidade da luz. A sala era iluminada a gás, através de uma janela disfarçada por uma cortina vermelha; a chama podia ser graduada no interior da sala; aumentava-se ou diminuía-se.

Enquanto durava o crescimento, a iluminação era fraca, porém suficiente, não só para poder-se ver Iolanda e distinguir a garrafa, coberta pelo pano branco, como ainda para acompanhar a elevação gradual daquele pano à proporção que a planta crescia. Conforme o indica o desenho, eu me achava a uma distância da planta que não excedia de 3 pés, e posso por conseguinte dizer com segurança que o pano branco se elevou a uma altura de 16 polegadas no espaço de 3 minutos. Quando em seguida Iolanda tirou o pano de cima da planta, o que eu não perdi de vista por um instante, julguei ver um Ficus no lugar da Ixora crocata, planta que eu não conhecia. A claridade existente me permitia distinguir cada folha, de maneira que pude reconhecer o meu engano antes que Iolanda tivesse entregado a garrafa com a planta ao Senhor Oxley.

2° - O vaso, empregado naquele caso (uma garrafa com um gargalo de menos de uma polegada de diâmetro), é absolutamente semelhante ao que é reproduzido por um desenho no Herald of Progress; vi-o quer antes, quer depois da sessão, e pude examiná-lo minuciosamente, pois, quando traziam a garrafa, a areia, a água e a folha de jornal, a luz foi aumentada. Essa circunstância não pode ser posta em dúvida de maneira alguma. Eis a ordem que se observou na sessão: quando no começo, Iolanda distribuiu as suas rosas, entrou no gabinete, e os objetos precatados foram pedidos por meio de pancadas que saíam do gabinete. O Senhor Oxley diz que antes da sessão ele tinha sido prevenido (provavelmente por meio de escritas automáticas) de que esses objetos deviam estar prontos de antemão. O Senhor Armstrong, de cuja honorabilidade não tenho dúvida, e que dirigia essas sessões, foi o próprio que ofereceu esses acessórios. A Senhora Esperança achava-se naquele momento em estado de transe provavelmente parcial, pois que, achando-se no gabinete, conversava e tossia. Logo que se diminuiu a luz, Iolanda saiu do gabinete, chamou com um aceno o Senhor Reimers e lhe fez sinal de colocar a folha do jornal no chão e de encher a garrafa, que foi colocada em cima, com areia até determinada altura, e para deitar nela uma certa quantidade de água. O Senhor Reimers fez o que se lhe pedia, conservando-se de joelhos na margem do jornal, enquanto Iolan estava defronte dele, do lado oposto, também de joelhos. Logo que o Senhor Reimers terminou, Iolanda lhe deu um beijo na testa e lhe fez sinal para que ele voltasse a seu lugar. Ela própria levantou-se e cobriu a garrafa com o pano branco. Donde o tinha ela tirado? Era uma parte de seu vestido, ou antes o tinha ela produzido naquela ocasião? Eu não desejaria aventurar uma opinião qualquer a esse respeito; mas posso dizer que, a contar do momento em que a garrafa foi coberta, eu estava no caso de examinar perfeitamente, quer a garrafa, quer o fantasma, até a ocasião em que ele retirou o pano.

3° - A resposta ao presente quesito já está dada no que precede.

4° - Posso garantir com toda a convicção que não havia flores na planta, no momento em que o pano foi retirado; a não se ter dado aquele incidente, certamente eu não poderia ter tomado por um ficas aquela grande flor de forma esferoidal, com as dimensões do punho e a forma de uma dália. Não posso, porém, afirmar que a planta não tinha botões; não os vi, mas, se havia um na primeira fase de desenvolvimento, era possível que eu não o notasse. Sobre esse ponto preciso louvar-me completamente no testemunho do Senhor Oxley e do respeitável John Cálder. Quando, decorridos alguns minutos, se aumentou à luz e todas as pessoas presentes examinaram a planta pela segunda vez, via-se já ali um botão completamente desenvolvido. Colocou-se a garrafa em cima de um armário, onde ela ficou até ao fim da sessão, no decurso da qual se formaram ainda cerca de meia dúzia de figuras materializadas, que saíam do gabinete e se aproximavam das pessoas presentes. Quando, no fim da sessão, o Senhor Oxley retirou a garrafa do armário para levá-la para casa, eu me aproveitei daquela oportunidade a fim de olhar para a planta ainda uma vez, e verifiquei que naquele ínterim tinham desabrochado mais três botões de cor amarelo-alaranjado. No dia seguinte, levando a planta à casa do fotógrafo, notamos que a copa inteira se tinha desenvolvido, conforme se vê na prova. Depois de exame mais minucioso das folhas, notei com surpresa que uma delas tinha uma dilaceração que tivera o tempo de endurecer. Na sessão de 5 de Agosto, na qual se formou da mesma maneira, em um jarro cheio de terra, um Anthurium Scherzerianum, uma planta da América Central, perguntei como semelhante dilaceração tinha podido fazer-se em uma planta que apenas acabava de nascer. Disseram-me em resposta que Iolanda, retirando o pano com muita precipitação, tinha deteriorado a folha, e que aquela dilaceração tinha cicatrizado em tão pouco tempo, graças ao crescimento rápido da planta.

5° - Conforme a maneira por que as coisas se passaram, não tenho a menor dúvida acerca da autenticidade dos fenômenos; entretanto, no começo, fiquei pouco favoravelmente impressionado pela dilaceração da folha. Quanto ao lugar em que se colocou a garrafa, eu o tinha inspecionado durante o dia, quando visitava o aposento da Senhora Esperança, e ali nada descobri que pudesse indicar a existência de um alçapão qualquer. Quanto ao que se refere à explicação dos fenômenos, acho-me naturalmente em presença de um enigma, como na maioria das manifestações espíritas. E possível que fosse um caso de “transporte”, como sucede com as rosas que ela tira do copo, para distribuir. Aquelas rosas eram de origem puramente natural; guardei-as durante algum tempo; e deitei-as fora quando murcharam. No presente caso, a grande dificuldade consistia em fazer a planta entrar na garrafa. O gargalo dela era tão estreito, que considero quase impossível introduzir nele as raízes de uma planta completamente formada, e implantá-las na areia úmida, dando-lhes uma direção inteiramente natural. Confesso que tal suposição me parece estar em contradição com a elevação gradual do pano, em sentido vertical, fato que pude observar com toda a perfeição.

Poder-se-ia ainda supor que, durante o tempo em que Reimers enchia a garrafa com areia molhada, ou antes, no momento de cobri-Ia com o pano, o fantasma tivesse introduzido uma vergôntea ou uma semente de ixora - não sendo botânico, não posso dizer qual das duas hipóteses é mais plausível -, e que depois, com o auxilio de uma força que nos é desconhecida, tivesse conseguido efetuar uma germinação e um desenvolvimento extraordinariamente rápido da planta. Detive-me nessa suposição, tanto anais porque ela apresenta alguma analogia com a aceleração do crescimento de uma planta por meio da eletricidade (experiência feita pelo Senhor Reimers).

Aceite, etc.

O. W. Sellin

Certamente nada se faz do nada, e aquelas plantas não se formaram do nada. Não nos achamos em presença de um simples (!) fenômeno de transporte, isso é evidente, pois que houve desenvolvimento gradual, o que é precisamente um dos caracteres do fenômeno da materialização, como se pode julgar pelas experiências acima descritas, nas quais o fenômeno se produziu debaixo das vistas de todos os observadores. Esse desenvolvimento gradual é cada vez mais evidente quando se verifica que a planta, depois de ter sido posta a descoberto e bem examinada, ainda cresceu 6 polegadas, produziu muitas folhas e uma grande flor de 5 polegadas de diâmetro, constando de cerca de cinquenta flores pequenas - o que prova que havia na parte da planta produzida na primeira fase uma grande concentração de vitalidade e de elementos materiais que

ainda estavam em estado latente. Como as plantas materializadas, de que acabamos de falar, não se assemelhavam às plantas que serviram de médium, e como a Ixora foi produzida, conforme parece, sem o concurso de nenhuma outra planta, somos levados a supor que assistimos aqui a um fenômeno misto de transporte e de materialização; poder-se-ia, pois, supor que essas plantas foram desmaterializadas na ocasião e que, sendo conservada a sua essência típica, elas foram gradualmente rematerializadas durante a sessão, com o auxílio da essência vital de outra planta, ou mesmo sem isso. Como quer que seja, trata-se sempre de um fato de materialização produzida debaixo dos olhos dos observadores, e o seu caráter não alucinatório fica estabelecido.

O insucesso de uma experiência desse gênero nos servirá para demonstrar que não se trata de simples transportes; para uma dessas sessões, tudo foi preparado como de costume: a caixa com a terra, a água, uma cobertura e a planta-médium. Iolanda apareceu, executou todas as manipulações habituais e finalmente repeliu a caixa com um aborrecimento tão manifesto que teria excitado a hilaridade em qualquer outra circunstância menos interessante. Ela nos disse, em explicação, que a terra era de má qualidade e cheia de bolor; que, por conseguinte, só se tinha produzido bolor sob sua influência (“Médium”, pág. 466). E evidente que um transporte nada teria tido de comum com a terra e com a sua qualidade.

Para completar a série de materializações de objetos inanimados, falta-me mencionar a materialização de um metal pela mediunidade de um metal. Encontramos o antecedente desse fenômeno nos transportes ou desaparecimentos e reaparecimentos de objetos metálicos, que se produziram muitas vezes durante as sessões; porém, em assunto de materialização, só conheço o exemplo seguinte, e como se trata de um anel de ouro, posso mencionar o seu antecedente especial: a desmaterialização de um anel de ouro, enquanto o conservavam na mão. Eis o que atesta o Senhor Cateau Van Rosevelt, membro do Conselho Privado da Guiana Holandesa, o qual, estando em Londres, teve uma sessão com a jovem Kate Cook (irmã da célebre Florence Cook), no decurso da qual se deu o seguinte fenômeno: A Senhora Cook, mãe da médium, entregou-me, diz o Senhor Van Rosevelt, dois anéis de ouro, que eu dei a Lili (forma materializada), que os meteu nos dedos. Eu lhe disse que ela, já que não podia usar aquelas jóias no mundo dos Espíritos, procederia mais acertadamente se mas devolvesse para que eu as restituísse à Senhora Cook. Ela tirou os anéis e eu os recebi com a mão direita: “Segura-os bem - disse-me ela - pois que eu vou dissolvê-los.” Eu apertava os anéis com força entre os dedos, porém eles se tornaram cada vez menores e desapareceram completamente no fim de cerca de meio minuto. “Ei-los”, disse Lili, mostrando-me os anéis em sua mão. Recebi-os e restituí-os à Senhora Cook.” (“The Spiritualist”, 1879, página 159.)

Passemos agora ao fato que se refere à materialização de um anel de ouro. Eis um fenômeno que foi observado em uma série de sessões, inteiramente íntimas, dadas por um círculo com um médium amador, o Senhor Spriggs; esse fenômeno é referido por um dos membros do círculo, o Senhor Smart, em carta publicada no “ Light” de 1886, pág. 94: “A mesma figura materializou certo dia um anel de ouro cuja dureza ela demonstrou, batendo com ele no abajur da lâmpada e comprimindo com ele as nossas mãos. O que há de curioso nesse fato, é que, para auxiliar a materialização, ela pediu a corrente de ouro de um assistente, colocou-a na mesa e fez passes da corrente à sua própria mão, como se quisesse tirar dela uma parte dos elementos mais sutis.” (Ver também o (“Médium”, de 1877, página 802.)

E' conveniente supor que aquele anel tenha desaparecido com a figura, e esse fenômeno não pode, por conseguinte, me servir de prova na minha resposta ao Senhor Hartmann; mas, para todos aqueles que não partilham da sua teoria de alucinação, ele terá uma significação particular. Não será a essa categoria de fenômenos que se liga o fato curioso a que se poderia chamar: desdobramento de um corpo, de que faz menção o Senhor A. R. Wallace em seu livro: “Defesa do Espiritualismo Moderno”?

Compreendo muito bem que tratando dessa questão das materializações de objetos inanimados, no ponto de vista da alucinação, as provas que mostrei aos leitores não são numerosas, e que não podem ser consideradas como perfeitamente satisfatórias, ou ainda menos produzidas em condições que correspondam às exigências de uma ciência positiva; conforme já disse, a dificuldade reside no próprio caráter do fenômeno a estabelecer e também na penúria de experiências feitas nesse sentido, tendo-se concentrado todo o interesse e toda a atenção, muito naturalmente, na materialidade das formas humanas. Só menciono fatos que se produziram por acaso, de tempos a tempos, e não como resultado de uma investigação sistemática e especial

com o fim de provar que não se trata de alucinações; eu as menciono porque, em todos os tempos, o testemunho dos sentidos e de muitas pessoas, que assistiram a um fenômeno, foi considerado como suficiente.

Meu objetivo foi somente demonstrar que, quando a fotografia transcendente nos apresenta o fenômeno surpreendente de imagens de objetos inanimados invisíveis aos nossos olhos, esse fenômeno pode encontrar a sua justificação no fenômeno correspondente e não menos estranho da materialização e da desmaterialização visível de objetos inanimados, e vice-versa. Eu ainda estou admirado de ter podido reunir, extraindo dos materiais existentes, os poucos fatos que me permitiram completar a série das analogias no conjunto desse domínio.

B) - Materialização e desmaterialização de formas humanas. - Incompatibilidade lógica da teoria da alucinação do Doutor Hartmann com a sua teoria da força nervosa.

No capítulo precedente, baseando-nos no fato transcendente, estabelecido pela experiência, da penetração de um corpo qualquer através de outro corpo, e na admissão da hipótese da desmaterialização e da rematerialização desse corpo, fomos logicamente levados a admitir a possibilidade de uma formação ou materialização, de maior ou menor duração, de outro corpo análogo à custa do corpo dado; e nossas pesquisas nesse domínio nos fizeram descobrir fatos de materializações não só temporárias, porém, ainda duradouras, de corpos inanimados, à custa de outros corpos análogos; vimos fatos de materialização de tecidos pela mediunidade de um tecido, de materialização de uma planta pela mediunidade de uma planta e de um metal pela mediunidade de um metal. Vamos passar agora ao exame dos fatos mais numerosos, mais desenvolvidos e mais extraordinários desse gênero: às materializações temporárias de formas humanas pela mediunidade do corpo humano.

A materialização de formas humanas compreende, por ordem cronológica de seu desenvolvimento, a mão, o rosto, o busto, o corpo inteiro.

O fato positivo da produção de semelhantes formas, posto que invisíveis aos nossos olhos, nos é fornecido pela fotografia transcendente. Ela nos revelou e fez verificar a presença de corpos vaporosos de diversas formas, tomando pouco a pouco a forma humana, a princípio difusa, depois de contornos humanos cada vez mais definidos, até que sejam finalmente reconhecíveis com perfeição. Vamos encontrar uma série de fatos correspondentes no domínio da materialização, que podem ser verificados pelo testemunho dos sentidos e que se traduzem por todos os efeitos que um organismo material pode geralmente produzir.

Sendo nosso intuito provar que esse fenômeno não é o resultado de uma alucinação, não temos necessidade de acompanhá-lo em todas as fases de seu desenvolvimento; por conseguinte, se chegarmos a provar a realidade objetiva da materialização de um só membro humano - digamos de mão ou de pé -, é quanto nos basta.

O caráter não alucinatório do aparecimento de mão pode ser provado:

1° - Pelo fato de ter ela sido vista por muitas pessoas ao mesmo tempo, unânimes em seus testemunhos;

2° - Pelo fato de ter sido vista e, simultaneamente, tocada por muitas pessoas, e porque as impressões desses dois sentidos concordam entre si;

3° - Por efeitos físicos, produzidos por essa mão, como, por exemplo, movimentos diversos de objetos, debaixo das vistas de testemunhas;

4° - Pela produção de efeitos físicos duradouros que certamente são as provas mais concludentes, e principalmente: a) pela escrita produzida em presença de muitas testemunhas; b) por impressões deixadas pela própria mão em substâncias pastosas ou enegrecidas; c) por certos efeitos exercidos sobre a mão pelas

pessoas presentes; d) por moldagens obtidas com a mão que aparece; e) pela fotografia das aparições desse gênero;

5° - Pela pesagem de uma aparição quando atinge o desenvolvimento de uma forma humana inteira. Todas essas provas existem nos anais do Espiritismo.

1° e 2° - O aparecimento das mãos visíveis e tangíveis foi verificado no começo do movimento espírita; há referências desse fenômeno que remontam a Fevereiro de 1850; por conseguinte, dois anos apenas depois das primeiras "pancadas de Rochester". (Ver Ballou, Manifestações dos Espíritos", editadas em casa de Stone, em Londres, em 1852, págs. 44 e 192-202.) Ele se produzia então, em plena luz, durante as sessões que se faziam à roda de uma mesa, e continuou a produzir-se até os nossos dias; as referências a esses fatos são inumeráveis e unânimes. Esse fenômeno é, segundo o Senhor Hartmann, uma alucinação, ou da vista só, ou antes uma alucinação combinada da vista e do tato. Mas, para não ficar em contradição com a sua explicação das impressões orgânicas, o Senhor Hartmann declara-se pronto a admitir uma explicação dupla: "No que diz respeito às alucinações do tato propriamente ditas subsiste a eventualidade de ser a pressão experimentada, como proveniente de mãos e de pés invisíveis, dependente de um sistema de linhas dinâmicas de pressão e de tensão, que determinam a sensação de uma superfície palmar, por exemplo, ainda que essa superfície não pertença a qualquer mão material."(Pág. 99.)

De maneira que a alucinação do tato não seria mais uma alucinação, mas uma sensação verdadeira produzida por linhas dinâmicas de pressão e de tensão ou antes uma ação dinâmica da força nervosa mediúnica.

Assim, quando seguro em minha mão uma outra mão materializada, a percepção visual dessa mão seria uma alucinação mas o contacto seria real: eu apertaria entre as mãos um sistema de linhas de força nervosa.

Procura-se indagar então por que motivo a vista da mão temporariamente aparecida deveria ser uma alucinação. Se um sistema de linhas de força nervosa pode tornar-se sensível ao tato, pode da mesma maneira tornar-se visível. Não seria lógico conceder à força nervosa a tangibilidade e recusar-lhe a visibilidade quando a afirmação e a negação dessas propriedades repousam sobre a mesma base. Ou, para nos exprimirmos de outra maneira, não seria lógico admitir uma causa real objetiva para a sensação tátil e rejeitar a mesma causa, igualmente real e objetiva para a sensação visual, quando se trata do mesmo fenômeno e do mesmo testemunho.

A conseqüência lógica dessa dupla explicação seria que, no que diz respeito aos fenômenos de materialização, a hipótese da alucinação que representa tão importante papel na filosofia mediúnica do Doutor Hartmann estaria antes de tudo em desacordo com os dados da sua hipótese da força nervosa, que ocupa nele uma parte igualmente grande, e esse desacordo, até aqui presumível, vai tornar-se - com os desenvolvimentos que o Senhor Hartmann dá aos fenômenos produzidos pela força nervosa - um fato positivo, como vamos vê-lo.

3°. As provas fornecidas pelos efeitos físicos:

Essas também não podem, segundo o Senhor Hartmann, servir de provas da materialização, pois que a percepção visual da mão não passa de uma alucinação, e o movimento de um objeto impresso por essa mão não passa de um efeito produzido pela força nervosa do médium de acordo com a alucinação que ele comunica aos assistentes:

O deslocamento de objetos, verificado após a sessão, pode servir de prova de que esse deslocamento foi real, objetivo. Se esses deslocamentos não se produzem fora da esfera da atividade da força nervosa do médium, isto é, se não excedem os limites dos efeitos que aquela força pode produzir quanto ao seu gênero e ao seu poderio, não há razão alguma para atribuí-los a uma outra causa. Nesse caso, o médium sonâmbulo combinou em sua imaginação a sua alucinação com o deslocamento de objetos a produzir. Efetuou inconscientemente esses deslocamentos, por meio da sua força nervosa mediúnica, acreditando de boa fé que são as imagens da sua fantasia que realizaram esses deslocamentos por seu próprio poder; fazendo os

assistentes participarem de sua alucinação, ele transmitiu-lhes ao mesmo tempo a convicção de que esses deslocamentos de objetos são devidos realmente aos fantasmas.” (Págs. 101 e 102.)

Temos aqui por conseguinte uma alucinação dupla de força nervosa. Mas é inútil nos determos por mais tempo nesse ponto; dever-se-á notar apenas que a inconseqüência lógica daquela explicação teria aumentado de um grau, enquanto que de um outro lado o testemunho da vista e do tato se acharia corroborado pela produção de um efeito físico correspondente. O Senhor Hartmann emprega freqüentemente as expressões “fora ou dentro da esfera de ação da força nervosa do médium”. Ele, porém, não nos indica os limites daquela força nervosa; está, por conseguinte, no caso de recuar esses limites à sua vontade, ou, melhor ainda, considerar aquela força como ilimitada. Em presença da falta de definição, é impossível verificar a teoria do Doutor Hartmann por fatos.

4° - Produção de efeitos físicos permanentes.

Em primeiro lugar apresenta-se: a) a escrita produzida por mão materializada, destacada na aparência de qualquer outro corpo, em plena luz, debaixo das vistas de testemunhas, e estando o médium visível durante todo o tempo. Segundo o Senhor Hartmann, esse fenômeno também não seria outra coisa mais do que uma alucinação dupla da força nervosa: “Não seria surpreendente ouvir falar em breve tempo de uma escrita mediúnica à distância, sendo visível pelos assistentes à mão escrevente, o que não se produziu ainda, que me conste, pelo menos nas sessões em pleno dia. Não haveria razão alguma para considerar aquela mão como outra coisa além da transmissão de uma alucinação da vista.” (Pág. 101.)

A – Escrita Direta

Sem nos determos nesse raciocínio, que não difere dos precedentes, passaremos à rubrica seguinte, onde ele atinge seu auge e torna-se uma impossibilidade. Faremos notar somente que o Senhor Hartmann, persuadindo-se de que esse fenômeno ainda não tinha sido observado à luz, fez bem em acrescentar: “que me conste”, pois que esse fenômeno foi verificado por várias vezes. R. Dale Owen, por exemplo, conta uma sessão com Slade na qual, em plena luz, uma primeira mão, saindo de baixo da mesa, escreveu uma comunicação em inglês, em uma folha de papel posto sobre uma ardósia, colocada nos joelhos do Senhor Dale Owen; depois uma outra mão escreveu na mesma folha de papel algumas linhas em grego. (Ver, para as particularidades, com o fac-símile da escrita , o “The Spiritualist”, 1876, II, pág. 162.) Olcott, em seu livro “Povo do outro Mundo” chega a dar o desenho de certa mão materializada escrevendo em um livro que lhe apresentam. E preciso ver também as numerosas experiências do Doutor Wolfe mencionadas em sua obra: “Fatos surpreendentes do Espiritualismo Moderno”, que apareceu em Cincinnati, em 1874, págs. 309, 475.

O Senhor Hartmann ilude-se dizendo: “As poucas referências acerca da escrita pela mão visível de um Espírito não têm importância alguma, porque são referentes a sessões sem luz, no decurso das quais ter-se-ia visto de maneira indistinta o delineamento confuso de certa mão esboçando-se sobre papel fosforescente.” (Pág. 53.) O testemunho do Senhor Crookes é sobre esse ponto categórico: “Mão luminosa desceu da parte superior do quarto e, depois de ter plainado durante alguns segundos a meu lado, tomou ò lápis, depois se elevou acima de nossas cabeças e desapareceu gradualmente nas trevas. (“ Psychische Studien”, 1874, pág. 159.)

Um fato semelhante, produzido em presença de várias testemunhas, é referido pelo Senhor Jencken no “The Spiritualist”, 1876, II, pág. 126, com o desenho da mão que escreve.

B) E muito natural que se tenha procurado desde muito tempo obter impressões de mãos que se viam momentaneamente aparecer e desaparecer nas sessões; pois que semelhante impressão devia servir para provar positivamente que se tratava, não de alucinações, porém de formações reais de um certo corpo. Não posso precisar quando foram feitas as primeiras tentativas desse gênero, mas possuo nas minhas notas uma indicação que remonta a 1867; uma impressão foi recebida sobre argila mole (“Banner of Light”, 10 de Agosto de 1867.) Mais tarde, fizeram-se impressões sobre farinha e papel coberto de negro de fumo.

Também temos, em relação a esse fenômeno, as experiências concludentes dos professores Zollner e Wagner (“Psychische Studien”, 1878, pág. 492; 1879, pág. 249.) E preciso mencionar também o fato análogo obtido pelo Senhor Reimers, referido nos “Psychische Studien”, 1877, pág. 401, e Jenken, “The Spiritualist”, 1878, II, pág. 134; “Médium”, 1878, pág. 609.

Nesses casos, a mão ou o pé que tinham produzido as impressões não foram vistos; mas as condições nas quais elas se produziram são tais, que excluem toda idéia de fraude; é assim que em casa do Senhor Zollner as impressões foram feitas entre duas ardósias que ele conservava em cima dos joelhos, e em casa do Senhor Wagner, entre duas ardósias lacradas.

Em outros casos, entretanto, a forma materializada que produziu a impressão foi vista durante a produção do fenômeno, e verificou-se que o resultado estava de acordo com a forma observada. “Aquela experiência, diz o Doutor V. Hartmann, não foi feita em parte alguma, que me conste; só conheço um relatório isolado que estabelece o fato da impressão de um pé de criança produzido em uma sessão de materialização; esse pé era visível, mas não tangível. (“ Psychische Studien”, VII, 397, pág. 100.) Esse fato requereria antes de tudo ser confirmado por experiências análogas feitas por outras pessoas.” (Págs. 100 e 101.) Posso fornecer essa confirmação: são as experiências que o Doutor Wolfe fez com a médium a Senhora Hollis. Essas experiências foram feitas durante sessões, em roda de uma mesa, em pleno dia. A mesa era guarnecida, simplesmente em seu contorno, por uma fazenda de algodão preto de franjas pendentes até o soalho e apresentando uma abertura de seis polegadas quadradas.

Na experiência que segue, o Doutor Wolfe estava só com a médium; damos-lhe a palavra:

A primeira experiência foi feita com um prato de farinha; coloquei o prato em cima de uma cadeira, diante da abertura, e pedi a Jim Nolan (um dos operadores invisíveis) que fizesse ali a impressão de sua mão direita. Dois ou três minutos depois apareceu uma certa mão elegante e delicada, assemelhando-se muito pouco à de Jim, e que desapareceu depois de ter plainado por alguns instantes acima do prato. Ela reapareceu cinco minutos depois e penetrou profundamente na farinha, deixando a sua impressão visivelmente desenhada na camada mole e branca como a neve. Mandei buscar em seguida um outro prato com farinha, por pedido de Jim, e dessa vez ele imprimiu ali a sua própria mão, que deixou uma impressão uma vez e meia maior do que a primeira. Depois de ter examinado minuciosamente a mão da Senhora Hollis, na qual não se encontrou a mínima partícula de farinha, pedi-lhe que colocasse a mão nas impressões obtidas. Em uma dessas últimas, aquela mão teria podido ser colocada duas vezes; verificou-se também que a outra era muito maior do que a sua mão a impressão que ela fez em seguida com a mão era menor e de forma muito diferente.” (“Startling Facts”, pág. 481.)

Eis o mesmo fato contado por outra testemunha, o Senhor Plimpton, um dos editores de um jornal de Cincinnati, em artigo publicado por ele no jornal “The Capital”, editado em Washington pelo Coronel Down Piatt. Conforme uma planta do quarto junto ao artigo, vê-se que a mesa se achava no meio do dito quarto; o médium estava de um lado e defronte dele, no outro, perto do ângulo da mesa, achava-se o Doutor Wolfe; a abertura na cortina que rodeava a mesa ficava no terceiro lado. Defronte dessa abertura achava-se o Senhor Plimpton, um passo distante da mesa. Eis o relatório daquela sessão. “O Doutor Wolfe levou um prato de farinha e perguntou se os operadores invisíveis podiam deixar ali a impressão da mão; as pancadas deram uma resposta afirmativa. A convite expresso pela escrita, o doutor manteve o prato diante da cortina, o mais distante que pôde da Senhora Hollis. A mão apareceu e fez evoluções de uma rapidez elétrica, deteve-se por um instante no prato e retirou-se depois de ter sacudido as partículas aderentes. Pediu-se à Senhora Hollis que aplicasse a mão sobre a impressão; os dedos marcados sobre aquela última eram mais longos, do que os seus, uma polegada. A impressão representava a mão de um homem feito, com todas as particularidades anatômicas. Convém acrescentar que se a Senhora Hollis tivesse empreendido a operação, teria sido obrigada a inclinar-se até o bordo da mesa para poder alcançar aquela distância. Ela, porém, não mudou de posição, e esse fato estabelece a impossibilidade material de sua intervenção pessoal. De outro lado, um homem não poderia ter-se escondido sob a mesa, que eu inverti imediatamente depois da produção da impressão. Houve acaso uma ilusão? Mas a impressão na farinha foi vista depois por outras pessoas; e eu estou tão convicto de ter visto a mão que produziu a impressão quanto estão convictas essas mesmas pessoas de terem visto aquela impressão. (Ibid., pág. 541.)

E dizer que para encontrar uma explicação para esse fenômeno o Doutor Hartmann não se afasta em nada de sua teoria... Ele admite com efeito que não é uma alucinação.

Ele não diz mais, como acima, falando do sentido do tato, que a possibilidade de um efeito real, produzido por uma causa objetiva, é excluída; ele chega a afirmá-lo de maneira positiva nesses termos: o As impressões obtidas oferecem uma prova comprobatória de que não nos achamos em presença do efeito de uma alucinação. (Pág. 52.) Mas que explicação ele dá desse fenômeno? Há fundamento em supor que ninguém, ainda que fosse o sábio mais positivo, possa negar que uma impressão obtida nas condições precatadas - com mais forte razão se a autenticidade do fenômeno é admitida - teve de ser produzida por um corpo temporariamente materializado, isto é, tendo tomado uma forma humana tangível. Mas o Doutor Hartmann tirou outra conclusão: para ficar fiel à sua teoria da força nervosa, ele dá a essa última um desenvolvimento extremo. Aquela força estaria no caso não somente de produzir o deslocamento de objetos, mas, também, efeitos plásticos. Segundo ele pensa, aquela impressão é produzida pela "força nervosa emanada do médium; essa se traduz por um sistema de radiações produzindo efeitos de tração e de pressão.("Ein System von Druck und Zuglinien der fernwir kenden nerven kraft", pág. 150.)

E quando o corpo (ou nesse caso a mão) que produz esse resultado é visível, é de novo, como nos casos precedentes, uma alucinação - a combinação de um resultado real com uma alucinação. Como o vemos, e como era fácil de o prever, a inconseqüência lógica na qual cai o Doutor Hartmann - inconseqüência que não passava de uma presunção, quando se tratava da aplicação de sua hipótese à explicação da sensação tátil - não deixou de aumentar, e quando ele quer aplicar a mesma hipótese à explicação das impressões, essa inconseqüência chega ao cúmulo e torna-se um fato.

Vejo tal mão aparecer: é uma alucinação. Vejo essa mão, toco-a, sinto-a: a sensação do tato pode ser real, mas a percepção visual é uma alucinação. Vejo essa mão mover um objeto, escrever: o efeito físico produzido é real, mas a percepção visual é uma alucinação! Vejo essa mão produzir uma impressão, estabelecendo que é realmente uma tal mão: a impressão é real, mas a percepção visual é uma alucinação!

Em virtude desse sistema, o testemunho de nossos sentidos é aceito por uma série de efeitos reais, mas é repelido por uma forma especial da impressão da vista, posto que um dos efeitos reais e permanentes obtidos - a impressão - provem a concordância dos testemunhos da vista e do fato, com aquele efeito real. Assim também, de outro lado, temos um fenômeno que apresenta todas as aparências de um corpo e cuja realidade é estabelecida por todos os efeitos que um corpo pode geralmente produzir: é visível, tangível, move um outro corpo, deixa vestígios permanentes, imprime-se em outro corpo; todas essas propriedades lhe são concedidas pelo Doutor Hartmann como reais, objetivas, menos a visibilidade. Porquê? Por qual raciocínio lógico?

Essa lógica nos parecerá ainda mais estranha, quando pedirmos ao Senhor Hartmann a definição de um corpo, em geral, segundo a sua própria filosofia.

A matéria, responderá, não é outra coisa mais do que um sistema de forças atômicas, um sistema de dinamides (" Philos. des Unbew.", 1872, pág. 474). Assim, quando tomo em minha própria mão uma outra mão natural, tomo, segundo o Doutor Hartmann, "um sistema de forças atômicas", e ele não lhe recusa a propriedade da visibilidade; ele não qualifica de alucinação esse testemunho de meus sentidos. Mas, quando conservo em minha mão semelhante mão materializada, que sinto e vejo, e à qual o Senhor Hartmann aplica a mesma definição, pois que a considera como sistema de linhas de força", nesse caso, diz-nos ele, a sensação do tato é real, mas a impressão da vista daquela mão é uma alucinação.

Porquê? Em virtude de que lógica?

Uma vez admitido que um sistema dinâmico é capaz de produzir, em nosso organismo, uma sensação tátil real e objetiva, onde, pois, está a dificuldade de admitir que o mesmo "sistema dinâmico" possa ocasionar a sensação de visibilidade real e objetiva, desde que o testemunho subjetivo em favor de uma ou da outra dessas sensações é o mesmo? Nunca o Doutor Hartmann poderá provar a lógica dessa negação. Assim, depois de todas as concessões que ele fez, admitindo a realidade do mesmo fenômeno para outras percepções sensoriais, sua hipótese da alucinação torna-se logicamente insustentável.

Quanto à explicação física que o Senhor Hartmann dá, acerca das impressões obtidas por via mediúnica, está em tal contradição com todas as leis físicas conhecidas, que a Física e a Fisiologia jamais

poderão aceitá-las; e o que é curioso é que o desenvolvimento lógico da explicação física do Senhor Hartmann nos conduz inevitavelmente a uma conclusão que ele repele com todas as forças. Para o provar, devo entrar em algumas explicações. Tendo grande importância o fenômeno das impressões de formas orgânicas - considero-o como o antecedente da prova absoluta da materialização -, devemos prestar toda a atenção à explicação que nos dá a seu respeito o Senhor Hartmann, que, por sua vez, julga que esses fenômenos "pertencem aos mais surpreendentes nesse domínio." (Pág. 52.) Eis a dita explicação:

"Figure-se uma outra disposição das radiações dinâmicas da força nervosa mediúnica, disposição que correspondesse à impressão produzida pela face palmar da mão estendida inteiramente sobre uma matéria plástica; então o deslocamento das partículas de matéria, produzido por semelhante sistema dinâmico, deveria estar em relação com o deslocamento produzido pela impressão da mão, isto é, deveria ser a reprodução de uma forma orgânica, sem que uma forma orgânica, que produzisse essa impressão, se achasse materialmente presente." (Página 50.)

Essa explicação apresenta, no ponto de vista da física, uma série de impossibilidades. Lembrarei aqui que as impressões de que se trata são de duas espécies, muito diferentes: elas se produzem ou sobre substâncias moles, como a farinha e a argila, reproduzindo em relevo, com perfeita exatidão, todas as particularidades anatômicas de um órgão, ou ainda sobre substâncias duras (superfícies enegrecidas) reproduzindo essas mesmas particularidades, em parte, pois que toda a superfície de um órgão não pode, sem dúvida, tocar a superfície plana de um corpo duro, a menos que sofra uma pressão extraordinária.

Vejamos agora as impossibilidades da hipótese do Doutor Hartmann, em primeiro lugar no que diz respeito às impressões em substâncias moles:

1° - Toda força de atração ou de repulsão propaga-se em linha reta; para desviar-se dessa direção, ela deve receber a ação de outra força emanando de outro centro de atividade. Aqui temos uma outra força física, chamada força nervosa, emanando de um órgão do médium, propagando-se, não em linha reta, mas em direções sinuosas das mais irregulares, para ir encontrar o corpo sobre o qual deve imprimir-se, e sobre o qual, para produzir esse efeito, deve agir perpendicularmente, pois, do contrário, a imagem do corpo a imprimir seria inteiramente irregular. Lembremo-nos das impressões de pés produzidas em uma ardósia colocada nos joelhos de Zollner. - Quais são essas outras forças que determinam as mudanças de direção da força nervosa? Ser-lhes-iam precisos também centros onde elas emanassem e agissem em determinada direção. Não podendo esses centros encontrarem-se no corpo do médium, onde se encontram?

2° - A direção dessas radiações dinâmicas da força nervosa, para produzir uma impressão, deve ser absolutamente paralela, sem o menor encontro dessas radiações; mas as desigualdades de um órgão humano, onde essa força tem a sua fonte, opõem-se a esse paralelismo, devendo a força nervosa irradiar-se em diversas direções, por causa dessas desigualdades.

3° - Todas essas linhas de pressão devem, para conseguir-se o resultado desejado, ser não somente da mesma extensão, porém ainda de determinada extensão, para corresponder, em distância conhecida, a todas as desigualdades do órgão cuja impressão deve produzir-se. Que é uma linha de pressão física de extensão determinada?

4° - Esse sistema de linhas de pressão consiste necessariamente em radiações que emanam inteiramente de cada ponto do órgão a reproduzir, e por conseguinte deve formar um feixe de linhas correspondentes em sua seção ao contorno da impressão obtida. Esse feixe de radiações dinâmicas teria pois determinada espessura?

5° - Desde o momento em que (segundo o Senhor Hartmann) a ação dinâmica da força nervosa mediúnica penetra livremente em qualquer espécie de matéria, do mesmo modo que a ação da força magnética, é claro que a força nervosa, que emana de um órgão do médium, não pode agir exclusivamente na superfície do corpo sobre o qual ela deve produzir uma impressão, porém, ainda, atravessá-lo. Por exemplo, a

força nervosa que emana da mão de um médium, colocada em uma mesa, passa através dessa mesa, mas, segundo o Senhor Hartmann, ela se detém na superfície da farinha, em um prato colocado sob a mesa - ou na superfície de um papel impregnado de negro de fumo, colocado entre duas ardósias, depois de ter também atravessado, sem obstáculo, a primeira ardósia. - Porquê? Seria preciso pois imaginar que em determinado ponto - porque e para que fim? - essa força adquire tal consistência que deixa de passar através da massa dos corpos. Assim, pois, tratar-se-ia aqui de uma força que teria certa consistência. Nunca uma força física teve iguais propriedades.

Se passarmos agora às impressões produzidas em superfícies duras e planas (papel impregnado de negro de fumo e colado em uma ardósia), encontraremos novas impossibilidades:

1° - Emanando as radiações da força nervosa de todos os pontos do órgão que deve imprimir-se, é evidente que todos os pontos desse órgão devem ser reproduzidos na impressão obtida. Mas tal não é o resultado: vemos nas imagens fotográficas duas impressões desse gênero - uma publicada pelo professor Zollner, e outra pelo professor Wagner (“Psychische Studien”, Junho de 1879), -, que as cavidades formadas pelo centro da planta do pé e pelos artelhos, e a cavidade formada pela palma da mão, não deixaram na impressão, nos lugares correspondentes, vestígio algum; nas impressões obtidas, essas partes ficaram em negro. Porquê, então? Nos casos em que a impressão se forma em substâncias moles, todas as linhas de pressão agem sobre a substância para deprimi-Ia; aqui, pelo contrário, ainda que um simples contacto bastasse - o que é mais fácil -, uma parte dessas mesmas linhas de pressão não age mais. As radiações da força nervosa não se teriam manifestado senão nos pontos salientes do órgão? Segundo a hipótese da materialização, é, pelo contrário, perfeitamente natural que sejam esses pontos salientes que tocam a superfície enegrecida.

2° - Esse sistema de radiações da força nervosa, para produzir uma impressão sobre papel coberto por uma camada de negro de fumo, deve retirar e fazer desaparecer uma parte desse negro de fumo, como habitualmente o observamos. Como compreender que uma força física, exercendo uma pressão, retire uma matéria qualquer e a faça desaparecer?

Se o Doutor V. Hartmann tivesse de responder às objeções dos parágrafos 1 a 4 pelo seguinte argumento: “No que diz respeito à disposição das linhas de pressão, ela é determinada pela imagem que o médium, em estado de sonambulismo, imagina” -, é claro que aqui não se trata. mais de uma força puramente física -, pois é assim que o Senhor Hartmann encara a força nervosa, porque a compara à gravidade, ao calor, ao magnetismo, e admite que ela pode ser transformada em luz, calor, eletricidade, etc.

Finalmente, quando o Senhor Hartmann nos diz que essa mesma força nervosa não está no caso de reproduzir somente impressões correspondentes aos órgãos do médium, como fonte dessa força, mas que pode produzir da mesma maneira todas as formas de membros humanos que aprouver à fantasia sonambúlica do médium criar, procuramos indagar por que motivo essa fantasia se limitaria a produzir membros humanos. Sem dúvida ela produziria também impressões de plantas, de animais e de outros objetos. Finalmente, o médium teria a preciosa faculdade de produzir impressões segundo a sua fantasia. E o Senhor Hartmann, para conservar-se fiel à lógica da sua hipótese, não poderia ter o direito de negá-lo.

Eis a que ponto nos leva a sua hipótese. Pelo que tomo a liberdade de lhe dizer que no ponto de vista da Física, a teoria da força nervosa, nas aplicações que ele lhe dá, é uma heresia evidente, e que, arriscando semelhante hipótese, o Senhor Hartmann peca contra os princípios metodológicos que ele próprio indicou, pois que não fica nos limites das causas, cuja existência é estabelecida, quer pela experiência, quer por deduções indubitáveis. (Pág.118.)

Acabamos de ver que a hipótese de uma força nervosa, que produz impressões, coage forçosamente a admitir que essa força tem uma extensão, uma espessura e uma consistência ou densidade, em outros termos, que ela possui as mesmas qualidades que servem para definir um corpo; somos pois coagidos a supor que essas impressões são produzidas pela ação de um corpo invisível, cuja substância é derivada do organismo do médium. O que me surpreende sobretudo é que seja precisamente o Senhor Hartmann quem considera “inútil” admitir a hipótese de uma “matéria que toma uma forma, mas que é invisível e impalpável” e que

precisamente ele considere essa hipótese como “não tendo base alguma científica”, ao passo que segundo a sua própria teoria filosófica, como o dissemos acima, uma matéria nada mais é do que um sistema de forças atômicas, e que a própria força não é outra coisa além da vontade, donde deduz o Senhor Hartmann que as manifestações das forças atômicas são atos individuais da vontade, cujo conteúdo consiste na representação inconsciente do ato que vai ser realizado. A matéria é assim decomposta em vontade e representação. A diferença fundamental entre o espírito e a matéria é, por isso, suprimida, e não pelo fato da morte do espírito, mas, pelo contrário, pela animação da matéria.” (“A Filosofia do Inconsciente”,, 1872, págs. 486 e 487.)

Segundo aquela filosofia, teríamos encontrado nos fenômenos mediúnicos de materialização uma demonstração ad oculos da “objetivação” da vontade e, principalmente, uma objetivação gradual, não uma transformação direta do espírito em matéria; está aí um fato particularmente importante, pois que essa gradação corresponderia à idéia de uma “matéria invisível e intangível, mas não informe.

Por conseguinte, esses fenômenos forneceriam precisamente uma “prova científica” às deduções especulativas daquela filosofia, e estamos convictos de que o Senhor Hartmann, quando tiver reconhecido a realidade desses fenômenos, não procurará outra explicação para eles.

C) Acabamos de ver que a mão materializada pode imprimir-se em papel coberto por uma camada de negro de fumo, e retirar uma porção desse induto. Aqui surge naturalmente essa questão: que destino têm as moléculas de negro de fumo, retiradas? De que maneira se forma a mão à custa do corpo do médium, quer ela emane dele e para ele volte, como foi observado freqüentemente, devemos concluir que o negro de fumo retirado pela mão deve encontrar-se no corpo do médium; e como a mão que aparece tem a sua origem na mão do médium, é naquela mão que devemos encontrar o negro de fumo. E o que sucede efetivamente. No intuito de desmascarar a fraude, freqüentemente se têm coberto os objetos que se deslocam na obscuridade com diferentes substâncias coloridas. Se tocaram diretamente com a mão, ela aparece, com uma dessas substâncias, as mais das vezes com o negro de fumo. E, quando as mãos do médium se achavam cobertas com a mesma substância, deduzia-se daí que a fraude era evidente, e os próprios espiritualistas o proclamavam triunfantemente - se bem que ele estivesse ligado de pés e mãos e que os nós se encontrassem intactos.

Porém mais tarde, quando se adquiriu mais experiência, quando se reconheceu que o fenômeno do desdobramento do corpo do médium representava grande papel nos fenômenos de materialização, ficou-se obrigado a reconhecer que o fato da transferência da matéria colorida para o corpo do médium não era absolutamente uma prova da má fé desse último, mas a conseqüência de uma lei natural. Essa conclusão está fundada evidentemente em experiências nas quais toda a possibilidade de fraude foi eliminada - sendo a mais concludente a que consiste em conservar, entre as nossas, as mãos do médium.

A primeira verificação desse fenômeno remonta, se não me engano, a 1865, e foi feita por ocasião da descoberta das pretendidas fraudes do jovem médium Allen; essas espécies de descobertas fizeram sempre o maior bem ao desenvolvimento dos fenômenos mediúnicos; é a uma circunstância desse gênero que devemos as experiências do Senhor Crookes e, enfim, a produção de uma série de materializações debaixo das vistas de testemunhas. Eis a narração da experiência com o “moço Allen” feita pelo Senhor Hall, publicada no “Banner of Light” de 1° de Abril de 1855, reproduzida depois no “ The Spiritual Magazine” (1865, págs. 258 e 259):

“Todos os nossos jornais da manhã exprimem sua satisfação a respeito da pretendida descoberta das fraudes do jovem médium Allen. Muitas pessoas, antes de se dirigirem à sessão, tinham enegrecido os cabelos; apareceu certa mão e puxou-lhes pelos cabelos; e notai, encontrou-se a mão do médium manchada com aquela mesma fuligem, e o médium foi reconhecido como impostor e charlatão.

“Não é a primeira vez, senhor redator, que se perde toda a confiança nos médiuns, porque suas mãos são manchadas com a matéria que recebeu o contacto da mão-fantasma. A freqüência desse expediente empregado para descobrir a impostura, e a identidade dos resultados obtidos, me sugeriu a idéia de que esse fenômeno poderia ter por causa uma lei desconhecida, uma lei que produzisse invariavelmente o mesmo efeito.Quando Allen foi “desmascarado”, resolvi pô-lo à prova, ao que acederam de boa vontade o Doutor Randall e o jovem Henry Allen, deixando-me toda a liberdade de ação.

Os resultados que obtive me convenceram da exatidão de minhas suposições; além disso, eles me persuadiram de que muitos outros médiuns tinham sido vítimas, sem razão, de suspeitas diversas a respeito dos fenômenos físicos que eles tinham produzido. Tenho a convicção de que qualquer matéria corante, recebendo o contacto da mão materializada, será infalivelmente transportada para a mão do médium, a menos que sobrevenha um obstáculo qualquer ao funcionamento perfeito daquela lei.

"Ontem à noite, em presença de muitos cidadãos conhecidos da nossa cidade, organizei uma sessão com Allen, no intuito de verificar a minha teoria. Eu estava sentado, como costumava, em uma poltrona; os instrumentos de música estavam colocados atrás de mim, em cima de uma espreguiçadeira; o jovem médium ficava à minha esquerda e segurava minha mão esquerda com ambas as mãos, estando a sua mão direita ligada a meu braço. O cabo da campainha tinha sido previamente coberto com uma camada de fuligem. A campainha soou, desde que externamos esse desejo. No mesmo instante retirei a manta que encobria as mãos do médium, e vi que os dedos de sua mão direita, a que estava ligada à minha, estavam enegrecidos, como se ele próprio tivesse segurado a campainha. Com o fim de tornar a experiência ainda mais comprobatória, as pessoas presentes ligaram as mãos do moço, previamente lavadas, à minha mão, por meio de um cordão forte, uma ponta do qual era segura por um dos assistentes, que o puxava com tanta força que me escoriava a pele.

"Era incontestável para todos que em tais condições o médium não podia deslocar as mãos, de um centímetro apenas. Minha espádua esquerda estava coberta por uma jaqueta que ocultava a minha mão e as do médium. Por cima da jaqueta coloquei ainda a mão direita sobre a dele, de maneira que não pudesse haver a mínima dúvida a respeito da imobilidade do médium. Logo que aprontamos tudo, os invisíveis começaram a tocar instrumentos, por trás de nossas costas, e a fazer as campainhas soarem. Imediatamente descobri as mãos do médium, que tinham ficado imóveis durante todo o tempo, como eu ó tinha sentido tão bem: uma das ditas mãos estava manchada de fuligem. Parece-me que essa experiência é tão convincente quanto possível. Aceitai, etc. "Portland, 23 de Maio de 1865. - Joseph Hall."

Tive a oportunidade de verificar esse fenômeno em uma experiência que fiz com a célebre Kate Fox (Jencken) quando veio a S. Petersburgo, em 1883. Eu estava sentado defronte dela em uma pequena mesa; como isso se passasse às escuras, eu tinha colocado as suas mãos sobre uma placa de vidro, luminosa no escuro, de tal maneira que as mãos eram visíveis: além disso, eu tinha posto as mãos sobre as dela. Em cima de uma outra mesa, a nosso lado, achava-se uma ardósia com um papel coberto de negro de fumo. Pedi que uma das mãos que apareciam produzisse uma impressão no papel. A impressão foi feita, e as extremidades dos dedos da médium foram encontradas enegrecidas.

Essas experiências nos dão a prova de que a mão que se vê aparecer e que produz efeitos físicos não é o resultado de uma alucinação, porém sim um fenômeno que possui certa corporeidade, tendo o poder de reter e de transportar substâncias aderentes a uma superfície. Mas essa transmissão não é absolutamente necessária nem invariável quanto à forma e lugar, pois não é sempre o mesmo efeito que se obtém; citam-se casos em que as mãos impregnadas de substâncias corantes nem sequer as transportaram ao corpo do médium.

Mas, para estabelecer a minha tese, não tenho que fazer pesquisas nesse sentido, pois que os fatos da natureza desses últimos seriam para o Doutor Hartmann a prova eo ipso de que a mão que apareceu não passava de uma alucinação.

Em compensação, os casos em que a transferência da matéria corante para o corpo do médium se opera em um local não correspondente ao lugar do órgão materializado, tocado pela substância, têm para nós uma grande importância. Lemos por exemplo no "The Spiritualist": "O Senhor Crookes deitou pequena quantidade de cor de anilina na superfície do mercúrio que tinha sido preparado para a experiência; a anilina é um poderoso corante, tanto assim que os dedos do Senhor Crookes conservaram vestígios dela durante muito tempo. Katie King mergulhou os dedos na matéria corante, e apesar disso os dedos de da Srta. Cook não ficaram manchados. Em compensação, viam-se vestígios de anilina nos braços da segunda das duas." (1876, v. I, pág. 176.)

O Senhor Harrison, diretor do "The Spiritualist", faz a narração de outra experiência desse gênero, obtida pela mesma médium: "No decurso de uma sessão com a médium Srta. Cook, tinha-se molhado a mão materializada, na superfície exterior, com um pouco de tinta violeta, e aquela mancha, de cerca do tamanho

de uma moeda de 5 francos, foi em seguida encontrada no braço da médium, perto do cotovelo." ("The Spiritualist", 1873, pág. 83.) Em teoria, poder-se-ia fazer a suposição de que, nos casos em que se produz o fenômeno do "desdobramento", há transferência da substância aplicada ao corpo materializado, enquanto que, nos casos de formação de corpos heteromorfos, há desaparecimento daquela substância.

Na mesma ordem de idéias, podemos citar o fato seguinte, que não se relaciona diretamente com o assunto tratado sob a rubrica 4. Trata-se da reação sobre o médium de uma sensação experimentada por um órgão materializado. Lemos no livro "The Scientific Basis of Spiritualism" (por Epes Sargent, Boston, 1881): "O Doutor Willis comunica os fatos seguintes, relativos à sua própria mediunidade. Em uma das sessões, um senhor tirou do bolso um canivete que tinha uma lâmina longa muito afiada; não tinha confiado as suas intenções a ninguém, e, em dado momento, vibrou com ele um golpe formidável em uma das mãos materializadas. O médium soltou um grito. Ele tinha sentido uma dor como se uma faca lhe atravessasse a mão. O senhor em questão saltou de alegria por ter "confundido" o médium, como o acreditava, persuadido de encontrar a mão do médium trespassada e coberta de sangue. Com grande surpresa e para sua confusão, não encontrou a mínima escoriação nas mãos do médium; esse tinha, entretanto, experimentado a sensação de uma faca atravessando-lhe os músculos e as articulações da mão; a dor só desapareceu no fim de muitas horas." (Pág. 198.) Esse fato nos prova que a mão que apareceu não era uma alucinação, nem a mão do médium.

D) Reprodução de formas materializadas por moldagens em gesso

Passo agora às experiências que considero como as provas mais positivas e mais concludentes do fenômeno da materialização. Não se tratam mais de impressão, porém de moldagens de um membro materializado, inteiro, por meio das quais faz-se em seguida um modelo de gesso, reproduzindo com perfeita exatidão todas as minudências da forma do corpo momentaneamente materializado. A operação pratica-se da maneira seguinte: preparam-se dois vasos, um com água fria, outro com água quente, na superfície da qual há uma camada de cera fundida. Pede-se que a mão que apareceu mergulhe primeiro na cera fundida, durante alguns instantes, depois na água fria, e isso por muitas vezes; dessa maneira, a mão é em pouco tempo coberta por uma luva de cera, de certa espessura e, quando a mão materializada se retira, conserva-se um molde perfeito que se enche em seguida de gesso; o molde, fundido em água fervendo, deixa uma moldagem em gesso com a forma exata do corpo que enchia o molde. Uma experiência desse gênero, feita nas condições requeridas para evitar qualquer fraude, nos dá uma prova absoluta: a imagem completa e permanente do fenômeno que se tinha produzido. O Senhor Hartmann não faz menção dessas experiências; a única passagem de seu livro que parece referir-se ao assunto não se aplica absolutamente aos fatos de que falo. O Doutor Hartmann diz: "Cada vez que a não-identidade do médium e da aparição não é baseada em outros argumentos além do isolamento material do médium, essa asserção deve ser rejeitada como carecendo de provas; tudo o que a aparição produz, nesses casos, deve ser atribuído ao próprio médium, assim, por exemplo, quando o fantasma deixa a impressão das mãos, dos pés ou do rosto na parafina fundida e os entrega em seguida aos espectadores." ("Psychische Studien", VI, 526; IV, 545- 548; "Spiritism", pág. 89.)

A primeira dessas citações do "Psychische Studien" (VI, pág. 526) refere-se a uma ligeira notícia relativa à impressão de um rosto deixado em parafina fundida (designada com o nome de cera), enquanto que eu falo da moldagem completa de um membro qualquer, o que não é absolutamente a mesma coisa; a segunda citação do "Psychische Studien" (IV, 545-548) refere-se à materialização completa duma forma humana, e não se trata de impressão nem de moldagem. Isso é tanto mais surpreendente, por isso que no mesmo volume do " Psychische Studien" podem-se ler muitos artigos do Senhor Reimers, que faz a narração de uma série de experiências, feitas com o maior cuidado, referindo-se à produção de moldagens de mãos materializadas; o Senhor Hartmann guarda silêncio sobre esses artigos! E' impossível considerar esse silêncio

como conseqüência do argumento precitado do Senhor Hartmann, a saber que o médium estava “preso” e que por conseguinte tudo o que a aparição tinha produzido devia ser atribuído ao próprio médium, visto que, no caso presente, a não identidade do médium e da aparição não está unicamente baseada no fato da reclusão do médium, mas ainda na diferença: verificada entre a forma da mão materializada que produziu o seu molde na parafina e a do médium.

Ora, considero a produção de moldagens pelas formas materializadas como a prova absoluta da realidade objetiva do fenômeno da materialização e, por conseguinte também, como a prova de que não há alucinação nesse fenômeno; devo pois dar aqui uma exposição das experiências desse gênero, com todas as particularidades necessárias.

A idéia de moldar as formas materializadas é do Senhor Denton (14), professor de Geologia muito conhecido na América, e foi em 1875 que ele obteve suas primeiras moldagens de dedos, como ele narra essa experiência em uma carta ao “Banner”, reproduzida pelo “Médium” (1875, pág. 674), do qual a copiamos:

“Soube recentemente que se mergulha um dedo em parafina fundida, essa se destaca facilmente do dedo, depois de resfriada; se enchermos o molde de gesso, obtém-se assim uma reprodução exata do dedo.

“Escrevi então ao Senhor Jahn Hardy dizendo que tinha encontrado um meio excelente de obter moldagens e pedi-lhe que organizasse uma sessão com a Senhora Hardy, para ensaiar obter as moldagens das mãos materializadas que apareciam freqüentemente no decurso de suas experiências. Nada comuniquei sobre o processo que desejava empregar.

“Depois do convite do Senhor Hardy, dirigi-me a sua casa, com uma provisão de parafina e de gesso. Logo depois de terminados os preparativos, procedemos às experiências.

“No centro da sala colocou-se uma grande mesa coberta com uma toalha acolchoada e com uma capa de piano, a fim de que o espaço debaixo da mesa fosse o mais sombrio possível. Por baixo da mesa colocou-se um balde de água quente, sobre a qual estava em suspensão uma camada de parafina fundida. A Senhora Hardy tomou lugar perto da mesa e colocou as mãos em cima. O Senhor Hardy e eu nos conservávamos aos lados da Senhora Hardy. Não havia outra pessoa na sala.

Em breve ouvimos um ruído proveniente da água posta em movimento; por meio de pancadas, pediu-se à, Senhora Hardy que dirigisse a mão na distância de alguns centímetros por baixo da mesa, entre a toalha e a capa, o que ela executou, e, depois de muitas repetições dessa manobra, obteve de quinze a vinte moldes de dedos, de diversos tamanhos, desde dedos de criança até dedos gigantescos. Na maior parte dessas formas, principalmente nas maiores ou naquelas que se aproximavam por suas dimensões dos dedos da médium, todas as linhas, as cavidades e os relevos que se vêem nos dedos humanos sobressaíam com muita nitidez. O maior desses dedos, o polegar do grande Dick (Big Dick) - como nos foi designado - tinha o dobro de meu polegar; a menor dessas formas, com uma unha distintamente desenhada, correspondia ao dedo rechonchudo de uma criança de um ano.

“Enquanto essas formas se produziam, a mão da médium estava a uma distância mínima da parafina, de dois pés, como posso afirmá-lo. Os moldes ainda estavam quentes, em grande parte, no momento em que a Senhora Hardy os retirava das mãos que lhe eram estendidas por baixo da mesa; sucedeu por mais de uma vez inutilizarem-se as formas em conseqüência de estar a parafina ainda muito mole.

“Desejaria atrair a atenção dos irmãos Eddy, do jovem Allen (Allen boy) e de outros médiuns de efeitos físicos, para esse método, que é o mais próprio para demonstrar aos cépticos a realidade das aparições e de sua. existência fora do médium. Se pudessem obter-se moldes de mãos excedendo as dimensões das mãos humanas - o que não ponho em dúvida de maneira alguma -, poder-se-iam dirigi-los a círculos espíritas distantes, como prova irrefutável. Wellesley, Mass., 14 de Setembro de 1875. - William Denton.”

Em carta ulterior, publicada no “Banner of Light” de 15 de Abril de 1876, o Senhor Denton, referindo-se à sua primeira carta, completa-a com essa particularidade importante: “No decurso da sessão, sucedeu-me por muitas vezes ver sair de sob a mesa dedos ainda cobertos de parafina.

A carta do Senhor Hardy, marido da médium, confirma esse fato e acrescenta algumas particularidades, que não são destituídas de importância, e que vamos reproduzir aqui, segundo o “Médium” (1875, pág. 647)

“A 15 do corrente, recebi uma carta do professor W. Denton, habitante de Wellesley, a 10 léguas de Boston, e que é muito conhecido por suas conferências sobre a Geologia e sobre o Espiritualismo. Ele

participava-me por escrito que tinha encontrado um meio muito simples de obter a moldagem das mãos e dos dedos materializados com a condição de ter à disposição um bom médium. Perguntava-me se a Senhora Hardy consentiria em prestar o seu concurso a essas experiências. Respondi-lhe imediatamente que nos julgaríamos felizes em auxiliá-lo em seus esforços, para demonstrar a realidade do fenômeno das materializações. Na volta do correio, ele me anunciou a sua chegada no dia seguinte, 16. Trouxe os seus preparativos, a respeito dos quais não nos tinha dado informação alguma. Procedemos imediatamente às experiências.

Uma mesa ordinária, de 4 pés de comprimento e 2 de largura, foi abrigada em seu contorno por uma toalha para obter-se um espaço sombrio em sua parte inferior. O Senhor Denton trouxe um balde com água fervendo que não o enchia até os bordos, deitou dentro um pedaço de parafina, que não tardou em fundir-se, sobrenadando. O Senhor Denton colocou o balde por baixo do centro da mesa; a Senhora Hardy tinha tomado lugar em uma das cabeceiras da mesa, tendo o Senhor Denton de um lado e a mim do outro. A fiscalização das mãos era supérflua, pois que todas assentavam na mesa, o que permitia vigiar a sua menor deslocação. Alguns minutos depois, ouvimos o ruído da água posta em movimento, e então os agentes invisíveis nos anunciaram o êxito da experiência e pediram que a médium estendesse a mão, para receber um objeto que lhe seria entregue. Só então a Senhora Hardy introduziu a mão por baixo da mesa: seu braço conservava-se visível durante todo o tempo, desde o punho, e a distância que separava os seus dedos da água nunca foi inferior a 2 pés. As mãos que mergulhavam na parafina dirigiam-se à médium para lhe permitirem tirar os moldes. Obtivemos, por esse meio, de quinze a vinte formas que mostravam distintamente o desenho das unhas e de todas as linhas que sulcavam a pele, Esses, dedos podem ser classificados em cinco categorias de dimensões: três ou quatro dentre eles pertenciam a crianças de um a três anos; as outras formas eram muito maiores; finalmente havia uma dentre elas que representava um polegar de tal tamanho como nunca tínhamos visto iguais, com a unha e todas as linhas muito claramente salientes.

Todos esses moldes se acham nesse momento em poder do Senhor Denton, que se propõe a publicar aquela experiência, minuciosamente, no próximo número do Banner, com a sua assinatura. Esses fatos falam por si mesmos e marcam uma conquista importante no progresso das coisas. Os fenômenos que cito produziram-se em pleno dia, se bem que as cortinas estivessem cerradas; não havia gabinete, e a médium não foi coberta com pano algum; tudo se passava na mesma sala, e nenhum movimento das pessoas presentes podia escapar aos outros assistentes.

Boston, 20 de Setembro de 1875.

John Hardy.

Obtiveram-se dessa maneira, em uma série de sessões, moldes de mãos e de pés completos e das mais variadas formas. As condições nas quais eram feitas essas experiências, assim como os resultados obtidos, parece deverem ter satisfeito a todas as exigências, mas a crítica completava a sua obra: desenvolvia o seu talento para desmascarar a fraude, pois que naquilo havia fraude. Começou-se por alegar que a médium podia levar à sessão moldes preparados de antemão e dá-los como resultado imediato das experiências. O professor Denton imaginou então a demonstração seguinte: pesava o pedaço de parafina que devia servir para a experiência; depois da sessão pesava o molde obtido, assim como o resto da parafina, e, adicionando esses dois últimos pesos, verificava que esse total correspondia exatamente ao peso primitivo da parafina. A prova da pesagem foi feita por muitas vezes em presença de numerosos assistentes, e à frente de comissões nomeadas pelo próprio público; essas experiências foram feitas em Boston, Charlestown, Portland, Baltimore, Washington, etc., e sempre com êxito completo.

Entretanto, a crítica não se considerava vencida; pretendia que a médium podia retirar com a mão ou com o pé a quantidade precisa de parafina e ocultá-la dessa ou daquela maneira. Pediram que a médium fosse introduzida em um saco! Essa condição foi aceita, e, em cerca de vinte sessões públicas, a médium foi introduzida em um saco que lhe amarravam em redor do pescoço. Os resultados foram os mesmos, e sempre sob a vigilância de uma comissão escolhida pelo público. Essas medidas de fiscalização não pareceram, porém, suficientes: chegaram até a dizer que a médium podia desmanchar e depois refazer parte da costura do saco, desde que tivesse as mãos livres, se bem que os membros da comissão não tivessem notado coisa alguma que pudesse justificar aquela suposição. Acordaram em uma combinação que devia fornecer a prova

mais convincente e mais absoluta: exigiram que o molde se formasse dentro de uma caixa fechada à chave. Nessas condições, a experiência tornava-se absolutamente concludente; por isso passo a citar in extenso o relatório que ela ocasionou e que foi publicado no "Banner of Light" de 27 de Maio de 1876, com a assinatura dos membros da comissão. Eis em primeiro lugar a descrição da caixa feita especialmente para a experiência, segundo as instruções do Doutor Gardner:

"Aquela caixa, de forma retangular, mede 30 polegadas de comprimento e da altura, por 24 de largura. O fundo, os quatro apoios dos cantos e a tampa de dois batentes são de madeira, bem como a parte superior das paredes, compreendida entre a tampa e a grade de arame; esse caixilho de madeira, de 8 1/2 polegadas de altura, é perfurado por orifícios espaçados de 1 polegada, e com 3/4 de polegada de diâmetro. Esses orifícios ficam reduzidos a 1/4 de polegada por um folheado colado no interior. O engradado de ferro que forma o corpo da caixa é composto por um único pedaço de arame, cujas duas pontas se reúnem em um dos apoios e ficam cobertos por uma tabuinha de madeira pregada no apoio. A tampa é composta de duas partes, abrindo-se para fora: um dos batentes fecha-se de dois lados por meio de ferrolhos; o outro se fechava primitivamente por uma simples tranca de alavanca. O engradado, muito sólido e muito espesso, produz malhas de 3/8 de polegada. Depois de muitas sessões bem sucedidas, mas às quais não tínhamos assistido, notaram-se alguns defeitos na caixa e mandaram fazer algumas modificações, a fim de que ela correspondesse a todas as exigências: os dois lados da tampa foram munidos de fechaduras, garantindo o fechamento absoluto da caixa. Se insistirmos tão longamente sobre as particularidades daquele aparelho, é porque ele deve servir para estabelecer de maneira peremptória a boa fé da médium."(Reproduzido no "The Spiritualist" de 9 de Junho de 1876, pág. 274.)

Eis agora o documento propriamente dito:

"Na segunda-feira, 1 de Maio de 1876, em uma sala do pavimento térreo ocupada pelo Senhor Hardy, Praça da Concórdia, n°. 4, achavam-se presentes as seguintes pessoas: o Coronel Frederick A. Pope, de Boston; John Wetherbee, J. S. Draper, Epes Sargent, a Senhora Dora Brigham e o Senhor e Senhora Hardy. A caixa foi submetida a escrupuloso exame. O Coronel Pope, perito em todos os trabalhos de marcenaria, virou a caixa em todos os sentidos e examinou-a por todos os lados, quer no exterior, quer no interior. Os outros assistentes acompanharam aquele exame e depois examinaram a caixa por sua vez. O engradado foi objeto de uma atenção muito particular, desejando os experimentadores verificar se havia um meio de alargar, com um instrumento de ferro, as malhas, a ponto de permitir a passagem de um objeto, que tivesse mais de meia polegada de espessura, e estreitá-las em seguida. O exame demonstrou a impossibilidade de semelhante operação sem que ficassem vestígios.

Quando todos os assistentes ficaram convictos da perfeita segurança da caixa, o Senhor Wetherbee tomou um balde cheio de água fria, muito transparente, e colocou-o na caixa, depois de o ter apresentado previamente à inspeção das pessoas presentes. O Coronel Pope lançou mão de um balde de água fervendo, na superfície da qual sobrenadava uma camada de parafina em fusão, e, depois de um exame, colocou-o igualmente na caixa. A tampa foi ferrolhada e fechada à chave. Para maior segurança colou-se selos em cada orifício de fechadura, ao longo da junta das duas tábuas da tampa e nos cantos, apesar de ser supérflua essa última cautela, uma vez que não devíamos arredar os olhos da médium durante todo o tempo da experiência. Estando a sala iluminada, podíamos verificar, através do engradado, que a caixa não continha outra coisa além dos dois baldes e seu conteúdo.

Para obter a escuridão necessária à produção do fenômeno, cobriu-se a caixa com um pano, e diminuiu-se a luz na sala; porém ficava sempre bastante claridade para podermos consultar os relógios e distinguir os rostos dos assistentes, inclusive o da médium. A Senhora Hardy tomou assento defronte do círculo que formávamos em frente, do lado esquerdo da caixa. O Senhor Hardy conservou-se à parte durante todo o tempo, por trás dos assistentes.

Nenhum constrangimento e nenhuma condição foram impostos aos assistentes. Eles não cantavam nem faziam rumor algum, mas a conversação à meia voz manteve-se durante todo o tempo. A Senhora Hardy estava em seu estado normal, não parecendo comovida, nem preocupada. Uma harmonia completa reinava na reunião; os olhos de todos estavam fixos na médium. De vez em quando, faziam-se perguntas ao operador invisível, que respondia por meio de pancadas.

Finalmente, depois de uma espera de quarenta minutos mais ou menos, ouvimos pancadas apressadas e animadas, anunciando-nos o êxito da experiência. Deixamos nossos lugares para ir retirar o pano que cobria a caixa, e, olhando-a através da grade de arame, divisamos a forma completa de uma grande mão flutuando na água fria. Examinamos os selos: estavam intactos. Passamos revista ainda uma vez na caixa e verificamos que tudo estava em ordem: madeira e grade não tinham experimentado a mínima mudança. Depois de ter retirado os selos, abrimos os ferrolhos, levantamos a tampa da caixa e retiramos de dentro o balde com a forma. Fomos coagidos - e ainda hoje o somos - a formular a' conclusão de que a forma foi produzida e colocada no balde por uma força que tem a faculdade de materializar órgãos humanos, em nada semelhantes aos da médium.

Na quinta-feira, 4 de Maio, fizemos outra sessão, na qual tomaram parte, além das pessoas já nomeadas: o Senhor J. W. Day (pertencente à redação do Banner of Light) e o Senhor J. F. Alderman. As experiências foram feitas nas mesmas condições, e com resultado mais admirável ainda do que o da sessão de 19 de Maio, visto que as formas obtidas eram de maiores dimensões e tinham os dedos mais separados. Tomaram-se as mesmas precauções, no começo e no fim da sessão: isto é, a caixa foi examinada por duas vezes pelas pessoas presentes. Tendo-se suscitado uma dúvida a respeito da solidez das dobradiças, fez vir uma chave de parafuso e experimentou-se a solidez dos parafusos, que foram apertados até o fim.

Além da forma que flutuava no balde, encontramos parte de outra forma no fundo da caixa.

Eis as conclusões a que chegamos:

1° - A forma exata de mão humana, de tamanho natural, produziu-se em caixa fechada, pela ação inteligente de força desconhecida.

2° - As condições nas quais a experiência se produziu põem fora de discussão a boa fé da médium; os resultados obtidos provam, ao mesmo tempo, de maneira indiscutível a realidade de seu poder mediúnico.

3° - Todas as precauções empregadas eram de uma simplicidade e rigor tais, que excluem qualquer idéia de fraude, assim como toda possibilidade de ilusão, de maneira que consideramos definitivo o nosso testemunho.

4° - Essa experiência confirma o fato - desde muito tempo conhecido pelos investigadores - de que mãos temporariamente materializadas, dirigidas por uma Inteligência e emanando do organismo invisível, podem tornar-se visíveis e palpáveis.

5° - A experiência da produção de formas de parafina, junta à chamada fotografia espírita, constitui uma prova objetiva da ação de uma força inteligente fora dos organismos visíveis, e constitui um ponto de partida sério para as pesquisas científicas.

6° - A questão de saber “de que maneira essa forma se produziu no interior da caixa” conduz a reflexões que exercem uma influência das mais consideráveis, quer sobre a Filosofia do futuro, quer sobre os problemas da Psicologia e da Fisiologia, e abrem um horizonte novo às pesquisas sobre as forças ocultas e o destino futuro do homem.

Boston. 24 de Maio de 1867.

J. T. Alderman - 46, Congress Street, Boston.

Mrs. Dora Brigham, - 3, James Street, Franklinest.

Coronel Frederick A. Pope - 69, Montgomery Street.

John W. Day - 9, Montgomery Place.

John Wetherbee - 48, Congress Street.

Epes Sargent - 67, Moreland Street.

J. S. Draper - Wayland, Mass.

Entre essas assinaturas, notar-se a do Senhor Epes Sargent, nome muito conhecido na literatura americana.

Temos; pois, aqui uma experiência feita em condições que correspondem amplamente às exigências do Doutor Hartmann: não há reclusão do médium, ele está sentado com as testemunhas da experiência em uma sala suficientemente iluminada; a forma produz-se em um espaço isolado, que torna impossível qualquer intervenção exterior. Estamos, por conseguinte, diante de um fato que prova de maneira irrecusável, objetiva,

e de vez, que as mãos que aparecem nas sessões espirítica não são o efeito de alucinações, que elas representam um fenômeno real, objetivo, ao qual é perfeitamente aplicável a designação de “materialização” sem que por esse termo pretendamos explicar a própria natureza do fenômeno.

Se ainda há lugar para alguma dúvida, seria que a experiência foi feita na América, pátria clássica do humbug. Para o caso presente, essa objeção não teria o mesmo fundamento como se tratasse de um fato isolado, novo, sem antecedentes. Ora, para aqueles que estudaram a questão mais de perto, essa experiência não é mais do que o coroamento de uma série completa de pesquisas realizadas com o mesmo objetivo. Demais, a experiência em questão reveste um caráter de autenticidade suficiente, levando-se em consideração as assinaturas e as pessoas que tomaram parte nela, principalmente o professor Denton, inventor do processo empregado; o Doutor Gardner, um dos representantes mais considerados do Espiritualismo na América, que teve a iniciativa da experiência com a caixa, e presidiu às primeiras sessões (Vede “Banner of Light” de 1 de Abril de 1876); o Senhor Epes Sargent, homem de letras e espiritualista muito conhecido, que escreveu ao diretor do “The Spiritualist”, em Londres, dirigindo-lhe o relatório da Comissão

“Tendo assistido às sessões em questão, posso dar garantia da exatidão escrupulosa do relatório.” (“The Spiritualist”, 1876, pág. 274.) Ele também comunicou àquela mesma revista a opinião do escultor O Brien, perito nesse gênero de formas (“The Spiritualist”, 1876, I, pág. 146.) Reproduzimos na íntegra esse interessante documento:

Washington, 20 de Janeiro de 1876.

Em vista de uma petição que me foi dirigida nesse sentido, certifico, pela presente, que sou modelador e escultor, exercendo a minha profissão há vinte e cinco anos, entrando nesse número muitos anos que passei na Itália para estudar as obras dos grandes mestres da pintura e da escultura; que habito atualmente em Washington, tendo meu gabinete no n° 345, Avenida Pensilvânia; que a 4 de Janeiro corrente um amigo me convidou a dirigir-me ao domicílio de um particular (1.016, 1° Street, N.W., Washington) para examinar ali moldagens em gesso sobre as quais devia dar a minha opinião.

Efetivamente um senhor que me foi apresentado com o nome de Senhor John Hardy, de Boston, me mostrou sete modelos de mãos em gesso, de diferentes dimensões; examinei-os à luz intensa, com a lente. Verifiquei que cada uma dessas provas era uma obra de maravilhosa execução, reproduzindo todas as particularidades anatômicas bem como as desigualdades da pele com tal delicadeza qual, até então, eu nunca o tinha verificado em nenhum modelo de mãos ou de qualquer outra região do corpo humano, a não serem as obtidas por moldagem direta em gesso, feita sobre a mão ou sobre outra parte qualquer do corpo e constando de muitos fragmentos, o que chamamos um molde em pedaços. Entretanto os modelos em questão não mostravam indício algum de soldagem e parecia saírem de um molde sem juntura. Entre esses gessos encontrava-se um que representava, disseram-me, a mão do finado vice-presidente Henry Wilson, e que teria sido obtido depois de sua morte. O gesso me pareceu assemelhar-se singularmente quanto à forma e tamanho, à mão do defunto, que eu tinha examinado pouco tempo depois da sua morte, na ocasião em que eu fora tirar o molde do seu rosto em gesso - único molde que foi tirado. Então eu tinha do mesmo modo a intenção de moldar a sua mão, mas fui impedido disso pelos cirurgiões, os quais tinham pressa em proceder à autópsia.

Acrescento sem constrangimento, a pedido, que se esse gesso da mão do Senhor Wilson tivesse sido obtido com o emprego de um processo qualquer de moldagem, faria honra ao primeiro artista do mundo.

No que diz respeito especialmente a esse ponto, não hesito em afirmar que, entre os escultores de nomeada, encontrar-se-ia talvez um em cem que pudesse empreender e realizar a moldagem de semelhante mão com todas as minudencia, e esse escultor ainda correria o risco de perder o trabalho, visto que, em nossa arte, o único processo para reproduzir os objetos em relevo convexo é o molde em pedaços, o que requer uma raspagem, para extinguir os acréscimos que indicam os encontros das diversas partes do molde - o que importa em considerável trabalho, a julgar pelo exame microscópico ao qual submeti as provas; o remate de um só objeto (supondo que o modelador possa prescindir do auxílio de um bom escultor) exigiria o trabalho de muitos dias.

Nesta mesma tarde e no mesmo lugar mostraram-me duas luvas ou moldes em parafina no gênero dos que teriam servido ao vazamento desses modelos. Examinei minuciosamente esses moldes e não pude descobrir neles nenhum vestígio de soldadura; parecia terem sido feitos de uma só vez, por um processo qualquer, por exemplo: sobre um modelo de semelhança perfeita à mão humana que em seguida tivesse sido mergulhada por muitas vezes em uma substancia semiliquida e adesiva como a parafina, e que em seguida tivesse sido retirado dessa luva, deixando-a intacta; mas a forma dessas luvas ou moldes (e, por conseguinte, das provas) com os dedos recurvados, e tendo a palma muitos centímetros maior largura do que punho, tornaria impossível, a meu ver, retirá-los intacto, de maneira que me recuso a formular uma teoria, ainda mesmo pouco satisfatória, acerca da maneira pela qual eles foram produzidos.

Pedem-me ainda que declare que não sou espiritualista, que nunca assisti a sessão alguma e que nunca estive em comunicação com os chamados “médiuns”, que me conste, pelo menos.

Nada entendo da filosofia do “espiritualismo moderno” além do ensino que lhe é atribuído relativamente à imortalidade da alma e à possibilidade de ter relações com os espíritos dos defuntos; a primeira dessas teses é para mim uma questão de fé, e, quanto à segunda, ainda não a considero baseada em provas suficientes para que tome a liberdade de pronunciar-me pró ou contra.

John O'Brien, escultor.

Em regra geral, admito sem esforço que as narrações que nos vêm da América são freqüentemente exageradas ou inexatas, por isso me apóio em minhas pesquisas espirítica de preferência nas fontes inglesas, como se pode verificá-lo, e tanto mais quanto conheço a maior parte das pessoas que tomam parte ativa nesse movimento na Inglaterra. E' por isso que abro espaço aqui para uma exposição circunstanciada das experiências desse gênero, feitas naquele país, experiências que talvez sejam ainda mais concludentes.

OUTROS EXEMPLOS DE MOLDAGENS DE FORMAS MATERIALIZADAS POR MEIO DA PARAFINA

Essas experiências podem dividir-se em quatro categorias, segundo as condições em que elas se produzem:

I. - O médium está isolado; o agente oculto fica invisível.

II. - O médium está em evidência; o agente oculto está ainda invisível.

III. - O médium está isolado; o agente oculto aparece.

IV. - O agente e o médium são simultaneamente visíveis aos espectadores.

I. - O médium está isolado; o agente oculto fica invisível.

As melhores experiências dessa categoria são, sem contradição, as que foram feitas pelo Senhor Reimers (em Manchester), a quem conheço pessoalmente e que, desde o começo, me tinha comunicado o resultado delas, de maneira mui circunstanciada, independentemente dos relatórios que publicou nas revistas inglesas. Os leitores do “Psychische Studien” tiveram conhecimento delas pelos artigos que o Senhor Reimers mandou inserir ali em 1877 e nos anos subseqüentes. Copio da carta do Senhor Reimers, datada de 6 de Abril de 1876, que está em meu poder, uma exposição circunstanciada da primeira experiência dessa espécie: “O médium - uma mulher mui corpulenta - era coberta por um saco de filó que ocultava a cabeça e as mãos; esse se fechava por meio de um cordão enfiado em uma bainha muito larga; esse cordão foi amarrado em torno da cintura da médium, de maneira que os braços, bem como toda a parte superior do tronco, estavam presos. Juntei as pontas desse cordão por meio de muitos nós bem apertados, que tornavam absolutamente impossível a saída da médium. Ligada de tal maneira, estava sentada em um canto de,meu

quarto. Intencionalmente torno saliente essa circunstância, porque exclui qualquer hipótese de uma porta secreta.

"Depois de ter pesado cuidadosamente a parafina, coloquei-a em pequeno balde que enchi em seguida com água fervendo; em pouco tempo a parafina estava fundida, e então coloquei o balde em cima de uma cadeira, ao lado da médium. Esse canto do quarto foi disfarçado por uma cortina de fazenda de algodão; o ângulo era completamente ocupado por uma étagère, duas cadeiras, um tamborete, pelo balde e por uma cesta para papéis, de maneira que não havia possibilidade alguma de se esconderem ali.

"A luz branda, sentei-me defronte da cortina e logo verifiquei que a médium se achava em estado de transe. Nenhuma figura aparecia, mas uma voz pronunciou estas palavras: "Deu resultado; pega com cautela no molde que ainda está quente e toma cuidado para não despertar a médium." Levantei a cortina e distingui uma figura que se conservava ao lado da médium, mas desapareceu imediatamente. O molde estava pronto. Tomei o balde e pedi à médium que mergulhasse a mão na parafina que ainda estava quente, a fim de obter o molde dela. Pesei em seguida os dois moldes juntamente com o resto da parafina. O peso era o mesmo, exceto uma pequena diminuição proveniente da aderência inevitável de um pouco de parafina nas paredes do balde. Antes de pôr a médium em liberdade, verifiquei cuidadosamente que os nós e ligaduras tinham ficado intactos. A porta única por onde se podia entrar no quarto, tinha sido fechada à chave, e eu não perdi de vista, por um só instante, o canto oculto pelo pano. E tão evidente que nenhuma espécie de fraude pôde ser praticada que julgo inútil insistir nesse ponto. A escolha de um saco de filó foi uma idéia muito feliz. Devo-a ao professor Boutleroff, que a tinha posto em prática nas sessões com o médium Bredif. Ainda mesmo que os braços e as mãos da médium ficassem livres, a dúvida seria impossível.

"Admitindo que a médium tivesse trazido ocultamente qualquer mão de gesso, de que maneira teria podido retirá-la sem quebrar ou pelo menos deteriorar a forma, que é muito delicada e friável? Mão fabricada com substância mole, elástica, não resistiria à temperatura do líquido, que era tão elevada que a médium não deixou de dar um grito de dor ao mergulhar a mão nele.

"Suponhamos ainda que um molde em parafina tenha sido levado já feito; mas então esse molde seria mais espesso, e a fraude teria sido facilmente descoberta pela pesagem."

Dessa maneira o Senhor Reimers obteve um primeiro gesso de mão direita, cuja conformação era igual à da que ele tinha distinguido durante alguns instantes, e da qual ele tinha anteriormente obtido uma impressão em farinha (Vede "Psychische Studien", 1877, página 401); essa mão diferia completamente, na forma e tamanho, da médium, que era uma mulher idosa, pertencente à classe operária.

Essa primeira experiência se fez a 30 de Janeiro de 1876, como se pode verificar pela carta que o Senhor Reimers dirigiu ao "The Spiritualist" a 11 de Fevereiro de 1876. (Encontrar-se-ão outros pormenores em seu artigo publicado em "Psychische Studien", 1877, págs. 351-401.)

O Senhor Reimers repetiu essa mesma experiência a 5 de Fevereiro, ainda em seu quarto, em presença de duas testemunhas: o Senhor Oxley e o Senhor Sightfoot, o primeiro dos quais enviou dela um relatório ao "The Spiritualist" (11 de Fevereiro de 1876.) Tinham-se tomado as mesmas cautelas. O Senhor Oxley externou o desejo de obter a mão esquerda, que completava o par com a mão cujo molde já se tinha obtido. Em pouco tempo ouviu-se a agitação da água, e, terminada a sessão, os assistentes encontraram no balde o molde, ainda quente, de mão esquerda, que deu um gesso completando perfeitamente o par com a mão direita, vazada no primeiro molde (Vede "Psychische Studien", 1877, págs. 491-493).

O Senhor Reimers mandou-me bondosamente o gesso dessa mão esquerda, que se distingue de todas as outras formas que ele obteve depois; na face dorsal, ela tem em relevo a forma de uma cruz que o Senhor Reimers tinha. dado a uma aparição que se mostrou em todas as sessões ulteriores, sob o nome de Bertie, sempre com aquela cruz. O Senhor Reimers mandou-me além disso o gesso da mão esquerda da médium, que foi feito imediatamente depois que se produziu o molde da mão de Bertie, como ele o comunica ao "Psychische Studien" (1877, p. 404.)

Os dois gessos, colocados juntos no foco do mesmo aparelho, foram fotografados em minha presença. As fotografias não reproduzem todas as minudências da fotografia; porém é bastante lançar um olhar para verificar a completa dessemelhança entre eles: a mão da médium é grande e vulgar, a de Bertie pequena e elegante; o que salta aos olhos particularmente é a diferença dos dedos e das unhas. Mas a diferença principal

está na extensão dos dedos, como o demonstra a medição: os dedos da médium têm um centímetro mais do que os de Bertie. A circunferência da face palmar da mão da médium, medida imediatamente abaixo da raiz dos dedos, isto é, em uma região em que a largura da palma é invariável, é um centímetro maior; a circunferência do punho da médium excede a da mão materializada em 2 centímetros. A reprodução fotográfica da mão de Bertie é tirada somente de uma cópia do gesso; mas o Senhor Reimers mandou-me também dois moldes em parafina, provenientes da moldagem das mãos de Bertie. A esse respeito, ele me escreveu em data de 4 de Abril de 1876:

O resultado notável que eu obtive conseguindo tirar o molde de mão materializada parece-me ter tal importância, que acredito proceder com acerto mandando-vos um exemplar do pequeno número dos que-podemos possuir. A mão que vos mando, foi obtida por nos nas mesmas circunstâncias em que obtivemos a primeira, em presença do Senhor Oxley e de um amigo (Vede "The Spiritualist") de 11 de Fevereiro de 1876.

"A história da cruz é curiosa a mais não poder; eu tinha feito presente dela à aparição que se tinha apresentado, quando a médium estava metida no saco de filó. Logo que a médium despertou, verificou-se que a cruz tinha desaparecido. Só desatei o saco depois de ter esgotado todos os esforços para encontrar a cruz. Na sessão seguinte, Bertie apareceu com a cruz pendente do pescoço. A conformação de suas mãos é tal qual, exatamente, a que vedes sobre a prova em gesso que vos mando. Posso afirmá-lo em minha qualidade de bom desenhista. Até hoje, tenho obtido duas mãos direitas, três esquerdas - todas em posições diferentes -, o que não impede que as linhas e os sulcos sejam idênticos em todos os exemplares; é indubitavelmente à mesma pessoa que essas mãos pertencem.

"Essa identidade de mãos, dotadas de vitalidade, é para mim uma prova decisiva de que nos achamos diante de um fenômeno de materialização.

O pacote já estava pronto para ser expedido, quando tive a lembrança de juntar-lhe ainda alguma coisa. Mando-vos agora duas formas em parafina, que obtive ontem. Eu tinha vestido na médium um saco de filó, como de ordinário, e, além disso, tinha prendido no vestido, a alfinete, as pontas do cordão, por trás das costas. Bertie apareceu em breve na abertura da cortina e acima do gabinete e desapareceu em seguida. Ouvi agitação na água e encontrei os dois moldes, resfriados, no balde... Enchei-os com uma solução de gesso muito fino, etc.; depois, tomai uma lente e comparai os gessos que tiverdes obtido com as mãos que vos mando: verificareis que provêm do mesmo indivíduo. Estou tão convencido disso que vos mando os moldes que acabo de obter agora mesmo. Sei de antemão que os resultados de vosso exame não conseguirão mais do que corroborar a minha asserção.

Efetivamente o gesso vazado na mão direita corresponde exatamente à mão esquerda moldada pelo Senhor Reimers. Quanto ao molde da mão esquerda, tive a imprevidência de conservá-lo em seu estado primitivo, isto é, sem enchê-lo de gesso, o que deu em resultado que ele se tivesse amassado. Só agora (dez anos depois) eu o encho de gesso. A palma está deformada, mas os dedos conservaram muito bem a sua forma; são os mesmos dedos; não há a menor dúvida.

Ultimamente pedi que me mandassem de Lípsia o gesso de um molde feito em uma sessão que se realizou a 17 de Abril de 1876 (falarei dele mais adiante) e que era destinado especialmente aos "amigos de Lípsia".

Se compara esse gesso da mão direita ao que estava em meu poder, é fácil reconhecer que eles se referem a uma só mão; só há pequena diferença na posição dos dedos, coisa particularmente interessante de verificar. Discutiu-se muito sobre a questão de saber em que condições a mão (ou outro órgão qualquer) deixa o molde. Será que ela se desmaterialize no molde que a envolve ou antes se retira de outra maneira? Parece, como certos dados o fazem supor, que um e outro caso se dão, e que isso depende da forma do molde.

Há motivo de admitir uma desmaterialização quando a posição dos dedos se opõe de maneira absoluta a que a mão seja naturalmente retirada do molde. Citarei mais adiante um caso desse gênero; mas haverá sempre divergências de opinião sobre esse ponto.

Para mim a questão essencial é verificar que esses moldes são produzidos em condições que excluem toda possibilidade de fraude. O gesso representa cópia exata da mão da médium - será um exemplo precioso de desdobramento; esse fato, bem verificado, nos oferece o primeiro esboço do fenômeno da materialização.

Se, pelo contrário, o gesso difere, pela forma, do membro do médium, achamo-nos em presença de um fenômeno muito mais complicado e que, forçosamente, nos conduzirá a conclusões de alcance muito diferente.

No ponto de vista das provas orgânicas, eu não poderia deixar em silêncio uma observação que fiz. Examinando atentamente o gesso da moldagem da mão de Bertie e comparando-a ao gesso da médium, notei com surpresa que a mão de Bertie, com o contorno completo da mão de uma mulher moça, apresentava por seu aspecto, na face dorsal, as rugas distintivas da idade. Ora, a médium, como eu o disse mais acima, era mulher idosa. Ela morreu pouco depois da experiência. Eis uma particularidade que nenhuma fotografia pode produzir, e que prova de maneira evidente que a materialização se efetua à custa do médium, e que esse fenômeno é devido a uma combinação de formas orgânicas existentes, com elementos normais introduzidos por uma força organizadora estranha, a que produz a materialização. Senti um prazer intenso ao saber que o Senhor Oxley tinha feito as mesmas observações, como consta de sua carta datada de 20 de Fevereiro de 1876 e relativa a provas de moldagem que ele me mandava e de que se tratará mais adiante.

"Coisa curiosa, escreve ele, reconhecem-se invariavelmente nesses moldes os sinais distintivos da mocidade e da velhice. Isso prova que os membros materializados, conservando inteiramente sua forma juvenil, apresentam particularidades que traem a idade do médium. Se examinardes as veias da mão, encontrareis ali indícios característicos e que se referem indiscutivelmente ao organismo da médium. (Trata-se da mão de Lili, da qual eu junto também uma fotografia)."

Citarei aqui um caso que se refere ao mesmo fenômeno, a moldagem de mãos absolutamente idênticas às precedentes, mas obtidas em condições muito notáveis: por obra de outro médium, pertencente mesmo ao outro sexo: o Doutor Monk. E verdade que a antiga médium, a Senhora Firman, assistia à sessão na qualidade de espectadora, de maneira que se poderiam atribuir os resultados obtidos à influência que ela exercia a distância.

Outra particularidade notável dessa sessão: as formas humanas emergiam de trás da cortina, e, depois de se ter retirado para proceder às moldagens, apareciam de novo apresentando os moldes aos assistentes, que os tiravam das mãos ou dos pés materializados. Eis em que termos o Senhor Reimers conta o fato:

"Em breve tempo a força oculta começou a agir; ouviu-se a agitação da água. Alguns minutos depois, fui convidado a levantar-me e estender as mãos, ficando em uma atitude inclinada para retirar os moldes. Senti o contacto de um molde em parafina, e o pé materializado desprendeu-se dela com a rapidez do relâmpago, produzindo um som bizarro e deixando o molde em minhas mãos. Nessa mesma noite, obtivemos também as duas mãos. Os três gessos mostram exatamente as linhas e traços característicos das mãos e pés de Bertie, como eu os tinha observado quando os moldes tinham sido obtidos nas sessões com a médium a Senhora Firman. "(Vede " Psychische Studien", 1877, pág. 549.)

Naquela mesma sessão, recebeu-se o molde de outra figura materializada, pertencente a um indivíduo que tomava o nome de Lili. Esse molde fornece uma nova e notável prova de autenticidade do fenômeno. Um relatório sumário daquela experiência, que se deu a 11 de Abril de 1876, foi publicado pelo Senhor Oxley, que tinha tomado parte nela, no "The Spiritualist" de 21 de Abril de 1876. Mais tarde, em 1878, ele comunicou àquela revista uma narração circunstanciada desses fenômenos, acrescentando ali os desenhos da mão e do pé, vazados por meio de moldes que ele próprio tinha retirado dos membros materializados. ("The Spiritualist" de 24 de Maio e 26 de Julho.)

O Senhor Oxley teve a fineza de me fazer chegar às mãos os gessos vazados nesses moldes; julgo útil citar o artigo que consagra à mão de Lili (incluso uma fotografia daquela prova, segundo uma fotografia feita em S. Petersburgo, em minha presença). Lemos pois no "The Spiritualist" de 24 de Maio de 1878:

A imagem do lado oposto reproduz exatamente o gesso da mão do Espírito materializado, que se apresentava com o nome de Lili, e que foi obtido por vazamento no molde deixado por esse Espírito na sessão de 11 de Abril de 1876, e isso em condições que tornavam qualquer fraude impossível. Como médium tínhamos o Doutor Monck; depois de o termos examinado, a seu próprio pedido, ele foi posto em um gabinete improvisado pela colocação de uma cortina através do vão de uma janela; a sala ficou iluminada a gás durante todo o tempo da sessão. Aproximamos uma mesa redonda da própria cortina e ali tomamos lugar, em número de sete.

“Logo depois duas figuras de mulher, que conhecíamos com os nomes de “ Bertie” e “Lili”, apareceram na lugar em que as duas partes da cortina se tocavam, e, quando o Doutor Monck introduziu a cabeça através da abertura, essas duas figuras apareceram acima da cortina, enquanto que duas figuras de homem (“ Mike” e “Richard”) a separavam dos dois lados e se faziam igualmente ver. Por conseguinte, divisamos simultaneamente o médium e quatro figuras materializadas, cada uma das quais tinha seus traços particulares que a distinguiam das outras figuras, como se dá entre pessoas vivas.

E escusado dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para prevenir qualquer embuste e que nos teríamos apercebido da menor tentativa de fraude.

“Além de que, a forma obtida e a prova em gesso falam por si mesmas: ali se distinguem nitidamente as menores saliências da pele, e a curvatura dos dedos não teria permitido retirar a mão do molde sem danificá-lo; a largura do punho era apenas de 1/4 X 2 polegadas, ao passo que a largura da palma entre o dedo índice e o mínimo era de três e meia polegadas. Levei essa forma à casa de um modelador, que fez o seu gesso.

Eu mesmo preparara a parafina e a tinha levado para o gabinete. Bertie entregou, em primeiro lugar e por sua própria mão, o molde ao Senhor Reimers e em seguida me deu o de seu pé. Depois disso, Lili me perguntou se eu desejava ter a forma de sua mão. Naturalmente ela recebeu resposta afirmativa. Mergulhou a mão na parafina (posso dizê-lo, porque ouvimos o ruído que produziu o deslocamento da água), e, um minuto depois, estendeu entre as cortinas, convidando-me a retirar a luva de parafina que a envolvia. Inclinei-me em sua direção, por cima da mesa: no mesmo instante sua mão desapareceu, deixando entre as minhas o molde pronto.

“A autenticidade desse fenômeno está fora de dúvida, porque o médium foi examinado antes de entrar para o gabinete, e porque a mesa, próximo à qual estávamos sentados em semicírculo, tinha sido colocada justamente de encontro à cortina; por conseguinte, era impossível penetrar ali e de lá sair alguém sem ser visto, por estar a sala suficientemente iluminada para que se pudesse ver tudo quanto se passava ali.

“No caso citado, a mão que serviu de modelo ao molde não era evidentemente nem a do médium nem a de qualquer dos assistentes. Então, desde que toda intervenção por parte de um ser humano ficava completamente excluída, é o caso de perguntar: Que mão serviu de modelo ao molde?

“Sabemos que a figura que apareceu é de semelhança perfeita com uma mulher viva; ela estendeu fora do gabinete a mão coberta pela luva de parafina, e essa luva ficou entre as minhas mãos depois que desapareceu a mão materializada.

“Se, em geral, se pode ter confiança no testemunho dos homens (e estamos prontos, todos sete, a confirmar a exatidão dessa narração), possuímos no presente caso uma prova irrefutável da intervenção de uma força estranha, não emanando do médium, nem das pessoas presentes; assim, acha-se estabelecida, de maneira indiscutível, a existência de seres que vivem fora da esfera terrestre.”

Até onde posso julgar nesse caso, a curvatura dos dedos, nessa moldagem, seria um obstáculo insuperável à saída franca da mão moldada; por conseguinte, esse gesso, que não apresenta vestígio algum de fratura, nem fenda, nem soldagem, deve por isso mesmo ser considerado como a prova material de sua origem supranatural.

A prova em gesso do pé de Bertie, que recebi do Senhor Oxley, apresenta também particularidades notavelmente convincentes: as concavidades formadas pelos artelhos, no nível de sua reunião com a planta dos pés, necessariamente tiveram que ficar cheias de parafina e deveriam ter formado saliências verticais que teriam sido infalivelmente fraturadas se o pé se tivesse retirado de maneira ordinária; ora, a forma dos artelhos ficou intacta. Outra circunstância significativa: não são somente as cavidades e depressões que são reproduzidas com perfeição, pois as linhas sinuosas que sulcam a pele são não menos claramente acentuadas na planta do pé - em número de cerca de cinquenta por polegada, como o verificou o Senhor Oxley.

Outra particularidade: o segundo artelho é mais levantado do que os outros e só tem 14 milímetros de largura na base, ao passo que mede 19 na região da unha, como verifiquei com minhas próprias medidas; e, entretanto, a forma do artelho e as menores saliências da pele acentuam-se com perfeita nitidez, principalmente no nível da base. Se o artelho tivesse sido retirado da forma, à maneira ordinária, todas essas minudências teriam desaparecido, e o próprio artelho teria adquirido uma espessura uniforme em toda a sua extensão.

A fim de dar idéia tão completa quanto possível da personalidade que aparecia com o nome de Bertie, ponho à disposição do leitor uma fotografia do modelo em gesso de seu pé; o Senhor Oxley publicou uma descrição circunstanciada a seu respeito, acompanhada de desenhos e de um esquema, no "The Spiritualist" de 26 de Julho de 1878, e também na obra da Senhora Hardinge Britten: "Nineteenth Century Miracles" (Manchester, 1884, pág. 204).

Por minha vez, posso acrescentar a particularidade seguinte: no decurso de minha correspondência com os Srs. Oxley e Reimers, na própria época em que se faziam essas experiências, o Senhor Oxley teve a bondade de mandar-me o contorno do primeiro modelo, vazado em gesso, do pé de Bertie, bem como o contorno do pé da médium, sendo ambos feitos pelo próprio Senhor Oxley. Colocando o gesso original do pé de Bertie sobre o primeiro desses desenhos, verifiquei que havia semelhança completa, sendo o comprimento do pé de 19,8 centímetros, em todo o caso não mais de 20 centímetros, enquanto que o pé da médium era 3 centímetros mais comprido.

Desejando possuir ainda alguns pormenores complementares sobre aquela notável sessão, escrevi ainda muitas cartas ao Senhor Oxley, apresentando-lhe diversos quesitos. Dou em seguida as suas respostas, que contêm documentos muito interessantes:

"Bury New Road n. 65, Higher Broughton, Manchester, 24 de Março de 1884.

Senhor:

Incluso lhe mando a planta da sala; ela só tem uma porta, cuja chave se retirava de cada vez no começo da sessão e ficava, quer em minha mão, quer nas do Senhor Reimers. E verdade que a sala ficava ao rés do chão e que a janela tinha sacada para o lado da rua, mas eu fazia todos os preparativos necessários para transformar o vão daquela janela em gabinete apropriado para as experiências; desciam-se as gelosias e fechavam-se as portas de dentro; mas, como a luz da rua penetrava sempre, pendurávamos defronte da janela um pano preto, que eu mesmo fixava por meio de pregos, subindo em uma escada.

Como pode compreender, a médium ficava na impossibilidade absoluta de transpor esses obstáculos, admitindo-se que o tivesse desejado, pois que qualquer tentativa nesse sentido teria produzido um ruído que seguramente chegaria aos nossos ouvidos, visto que estávamos sentados muito perto da cortina, como o indica o desenho.

Além disso, ainda mesmo que a médium tivesse subido a uma cadeira, não teria podido alcançar a parte superior da janela para pregar de novo o pano. Tenho pois razão de presumir que nenhuma negligência fora cometida em nossas medidas de precauções.

Demais, ouvimos sempre o ruído que produzia o objeto mergulhado na água. Para confronto, pesamos por muitas vezes a parafina antes de fazê-la fundir, e, quando os moldes estavam prontos, nós os pesávamos de novo com o resto da parafina; os dois pesos eram exatamente iguais; o que prova que os moldes foram feitos atrás da cortina.

Aliás, a prova em gesso traz em si a indicação de sua origem, e os que pretendem que ela pôde ser obtida por um processo de moldagem, sem uma única soldadura, não têm mais do que experimentar.

Em relação ao artelho saliente sobre o qual me questiona, posso dizer-lhe somente que o agente oculto deveria tê-lo conformado assim. O pé da médium não tinha aquela particularidade; os artelhos da Senhora Firman são mais compridos e não têm semelhança alguma com aqueles. Convém também que o senhor se recorde de que o pé materializado saiu de trás da cortina, envolto pelo molde e retirou-se imediatamente, deixando-o em minhas mãos.

Esse dados terão como resultado responder a todas as objeções. Espero que a minha missiva lhe chegue em breve e em bom estado.

Seu afeiçoado:

Wm. Oxley.

"Bury New Road n. 65, Higher Broughton, Manchester, 17 de Maio de 1886.

Senhor:

Acabo de chegar em casa depois de uma ausência de cinco semanas, o que lhe explicará porque não respondi mais cedo à sua prezada carta.

Em resposta a seus quesitos, responder-lhe-ei que os moldes em parafina achavam-se nas mãos e pés materializados, que saíam de trás da cortina. Vi distintamente uma parte descoberta da mão ou do pé acima do molde, e posso dar testemunho disso. Os fantasmas me diziam: "Tome", e, logo que eu tocava na parafina, os órgãos materializados desapareciam, deixando as formas em minhas mãos. A mão dirigia-se para mim até uma distância que me permitisse alcançá-la, inclinando-me por cima da mesa.

O que é mais curioso, é o próprio tamanho da mão. A aparição que reconheci ser a mesma invariavelmente "Lili", variava de tamanho: umas vezes a sua estatura não excedia a de uma menina bem desenvolvida; outras vezes apresentava as dimensões de uma senhora; até acredito que ela não apareceu duas vezes de maneira absolutamente idêntica, mas eu a reconhecia sempre e não a confundia nunca com as outras aparições. Eu sabia, por experiência, que a estatura e a aparência exterior das figuras materializadas são submetidas a condições dependentes das pessoas que fazem parte das sessões. Por exemplo, se uma pessoa estranha estava presente, eu notava certa diferença nas manifestações. Algumas vezes as figuras não se formavam completamente não se distinguia mais do que a cabeça e o busto; outras vezes se mostravam de pé, segundo as condições. Quanto à mão de Lili, apresenta uma mescla bizarra de juventude e de velhice, o que prova, a meu ver, que as figuras materializadas se utilizam, até certo ponto, dos traços característicos do médium.

Mas a própria mão da médium não tem a mínima semelhança com a que lhe mando, e a diferença entre elas é tão grande quanto possível. Sucedeu-me freqüentemente ver o Espírito que eu conhecia com o nome de Lili em outras casas e entre amigos, mas somente com os mesmos médiuns: quer com a Senhora Firman, quer com o Doutor Monck. Na casa de meu amigo o Senhor Gaskell, sucedeu-me de uma vez ver aquela figura materializar-se e se desmaterializar perante nossos olhos, com uma claridade muito intensa; ela se mantinha durante todo o tempo suspensa no espaço, sem tocar no soalho uma só vez. Toquei com a mão em seu corpo e em suas vestes. O médium era o Senhor Monck. Daquela vez, a sua estatura não excedia a três pés, mais ou menos. Mas essas particularidades em nada impugnam a autenticidade do fenômeno, que está provado para nós de maneira positiva.

Seu afeiçoado:

Wm. Oxley.

Antes de dar por terminadas as experiências do Senhor Reimers, citarei ainda o processo verbal de uma sessão rigorosamente fiscalizada, que foi organizada em Manchester, a 18 de Abril de 1876. O relatório competente foi publicado no "The Spiritualist" de 12 de Maio do mesmo ano, e em seguida no " Psychische Studien" (1877, págs. 550-553). Dentre as cinco testemunhas daquela experiência conheço três pessoalmente; são: os Srs. Tiedeman-Marthèze, Oxley e Reimers.

Eis esse processo verbal:

"Nós, abaixo assinados, certificamos pela presente que fomos testemunhas dos fatos seguintes, que se passaram, a 17 de Abril de 1876, no aposento do Senhor Reimers.

"Depois de ter tomado uma quantidade de parafina com o peso exato de três quartos de libra, pusemo-la em um balde; em seguida deitamos por cima água fervendo, que fundiu a parafina.

"Se mergulha a mão nesse líquido, repetidas vezes, ela se cobre de uma camada de parafina; retirando-se cuidadosamente a mão, obtém-se assim um molde que pode servir de forma para fazer modelos em gesso.

"Depois de ter enchido um segundo balde com água fria (para apressar o resfriamento das formas), colocamos os dois baldes em um gabinete quadrangular, formado em um ângulo do aposento por meio de dois pedaços de urna fazenda de algodão, medindo 6 X 4 pés e ligados a hastes metálicas: a parede exterior do aposento não fazia corpo com a casa vizinha, e todo o espaço compreendido no ângulo em questão estava ocupado por diversos móveis: a existência de uma porta dissimulada era inadmissível.

“Quando os baldes foram conduzidos para o gabinete, cobriu-se a médium com um saco de filó que lhe envolvia a cabeça, as mãos e todo o busto até à cintura; a corrediça foi apertada fortemente, e o cordão atado atrás das costas, por muitos nós, nos quais se tinha passado um pedaço de papel, que devia escapar-se ao menor esforço que se fizesse para desatar os nós; as pontas do cordão foram presas no saco por meio de alfinetes, nas costas, entre o pescoço e a cintura. Todas as testemunhas foram unânimes em reconhecer que era absolutamente impossível à médium soltar-se sozinha sem se trair. Assim presa, a médium foi ocupar o lugar que lhe tinha sido marcado no gabinete, o qual só continha móveis e os baldes, e nada mais, como nos asseguramos à viva luz do gás. Quando todas as testemunhas se reuniram, isto é, logo no começo desses preparativos, a porta foi fechada à chave. Então diminuímos a luz, que ficou, entretanto, bastante intensa para permitir distinguirem-se todos os objetos que se achavam no quarto; ocupamos nossos lugares, que estavam a uma distância de 4 a 6 pés do gabinete.

“Enquanto estávamos à espera, entoamos alguns cânticos; em pouco tempo divisamos, na abertura em forma de janela deixada na parte superior da cortina, uma figura que se mostrou a princípio na face anterior, depois ficou de lado. Todos os assistentes viram com igual clareza uma grinalda luminosa com um enfeite branco, na cabeça da figura, e uma cruz de ouro pendente de seu pescoço por uma fita preta. Uma segunda figura de mulher apareceu depois, trazendo do mesmo modo uma grinalda na cabeça, e ambas se elevaram acima da cortina, dirigindo-nos amáveis saudações com a cabeça. Uma voz de homem, partindo do gabinete deu-nos o bom dia e nos informou que ensaiava fazer modelagens. Em seguida, a primeira dessas figuras apareceu de novo na abertura da cortina e convidou o Senhor Marthèze a aproximar-se dela e lhe apertar a mão. Então o Senhor Marthèze pôde ver, ao mesmo tempo, o fantasma é a médium coberta com o saco e sentada na extremidade oposta. O fantasma desapareceu imediatamente dirigindo-se para o lado da médium. Quando o Senhor Marthèze voltou para o seu sugar, a mesma voz nos perguntou, por trás da cortina, qual a mão que desejávamos obter. Depois de algum tempo, o Senhor Marthèze teve que se levantar de novo para receber um molde de mão esquerda. Em seguida foi a vez de o Senhor Reimers aproximar-se para retirar o molde da mão direita, a que ele devia mandar aos amigos de Lípsia (como tinha sido prometido).

“Nesse momento, a médium começou a tossir. No começo da sessão, os acessos eram tão violentos que tivemos apreensões pelo bom êxito da experiência; entretanto, eles se acalmaram no decurso da sessão, que se prolongou por mais de uma hora. Logo que a médium deixou o gabinete, examinamos os nós e o mais, e verificamos que tudo se achava em seu lugar, mesmo o alfinete, que estava muito pouco introduzido na fazenda e teria facilmente podido soltar-se se a médium tivesse feito um movimento brusco.

“Retirada à parafina que havia ficado no balde, pesamo-la juntamente com as duas formas obtidas: o peso era um pouco mais do que três quartos de libra; mas esse excesso se explica naturalmente pela água que teve de ser absorvida pela parafina, em uma certa quantidade, como podemos verificá-lo, comprimindo o resíduo.

“Feito isso, estava terminada a nossa sessão. As provas em gesso, feitas nos moldes assim obtidos, distinguem-se completamente das mãos da médium, debaixo de muitos pontos de vista; elas trazem o cunho de mão perfeitamente viva, e outras particularidades indicam que elas provêm do mesmo indivíduo, o mesmo que por diversas vezes já tinha produzido moldes semelhantes em parafina, nas mesmas condições de rigorosa fiscalização.

“Manchester, 29 de Abril de 1877.
J. N. Fiedeman-Marthèze - 20, Palmeira Square, Brighton.
Christian Reimers - 2, Ducie Avenue, Oxford Road, Manchester.
William Oxley - 63, Bury Newroad, Manchester.
Thomaz Gashell - 69, Oldham Street, Manchester.
Henry Marsh - Birch Cottage, Fairy Lane, Bury Newroad, Manchester.”

Eis uma recapitulação sucinta dos fatos estabelecidos pelas experiências do Senhor Reimers:

1° - A médium estava isolada -em condições que ofereciam todas as garantias desejáveis; as outras medidas de fiscalização estavam igualmente combinadas de maneira a não deixar subsistir nenhuma suspeita de fraude. Quanto à opinião do Doutor Hartmann relativamente à nulidade absoluta das medidas de isolamento e de atadura, como provas da não identidade da médium com- o fantasma, voltarei a esse ponto no capítulo seguinte, que trata da fotografia das figuras materializadas.

2° - Além disso, nos casos examinados, as provas da realidade do fenômeno não se fundam apenas no insulamento da médium mas ainda na diferença anatômica entre os órgãos materializados e os membros correspondentes da médium, diferença verificada não só pelas testemunhas como ainda pela evidência das moldagens.

3° - O mesmo tipo de órgão materializado reproduziu-se em todas as sessões, que foram numerosas e às vezes feitas em lugares diversos, o que prova a presença de um mesmo agente. O número das formas obtidas atinge a cifra de 15.

4° - As provas em gesso correspondiam exatamente às mãos e aos pés materializados, que as testemunhas tinham visto e tocado por numerosas vezes antes, durante e depois da moldagem.

5° - A posição dos dedos é diferente em cada modelo.

6° - Por muitas vezes os moldes foram apresentados aos assistentes, enquanto revestiam os órgãos em roda dos quais se tinham formado.

7° - O mesmo tipo anatômico de membro materializado reproduziu-se, apesar da substituição do médium feminino por um médium masculino.

8° - Finalmente, algumas dessas provas em gesso testemunham claramente sua origem supranatural, pois não puderam ser obtidas por qualquer dos processos de moldagem.

O conjunto dessas particularidades dá uma importância excepcional às experiências do Senhor Reimers.

II. - O médium está perante os assistentes, o agente oculto conserva-se invisível.

A primeira experiência desse gênero foi feita pelo Senhor Ashton com a médium Annie Fairlamb. Ela é descrita no “The Spiritualist” de 6 de Março de 1877, página 126, nesses termos:

Senhor:

Muito me obsequiará publicando em sua conceituada revista este relatório de uma sessão a que assisti e que apresenta garantias excepcionais da autenticidade dos fenômenos. Aceitei como verdadeiro favor o convite de dirigir-me, com muitos amigos, a 2 de Março, sexta-feira, a uma das sessões hebdomadárias organizadas especialmente para o estudo dos fenômenos espíritas na sede da Society of Spirituatists, em Newcastle, com a médium Srta. Annie Fairlamb.

Penetrando no primeiro aposento, divisamos o Senhor Armstrong, presidente da Sociedade, ocupado em fazer fundir parafina em um balde em que havia água fervendo até às três quartas partes. Em uma sessão anterior, no decurso da qual fazíamos tentativas para obter formas em parafina, tinha-nos sido prometido

algum dia que “Minnie” (um dos guias invisíveis da Srta. Fairlamb) tentaria fazer para nós muitos moldes de suas mãos. Quando a parafina ficou em fusão, levaram o balde para o aposento designado para a sessão, e o colocaram no ângulo mais afastado do gabinete escuro. Puseram ao lado um outro balde com água fria.

O gabinete tinha sido preparado com o auxílio de dois pedaços de fazenda de lã verde, reunidos e fixados na parede em um gancho, donde a fazenda caía por cima de uma haste de ferro em semicírculo, cujas pontas estavam profundamente introduzidas na parede, e formavam uma espécie de tenda. Antes de baixar o pano, o Senhor Armstrong nos perguntou a que condição desejava submeter a médium. Propus que a médium entrasse para o gabinete, externando completamente a minha resolução; mas a Srta. Fairlamb objetou que nesse caso não teríamos uma prova suficiente da autenticidade do fenômeno que se produzisse. Então o Senhor Armstrong propôs que se cobrisse a cabeça e as espáduas da médium com um pedaço de fazenda de lã, a fim de abrigá-la da luz, o que foi feito.

Aquela coberta só envolvia a cabeça e as espáduas da médium, sem ocultá-la às vistas dos experimentadores, quatro dos quais estavam colocados de maneira que podiam observar o espaço que separava a médium do gabinete. A médium caiu em transe e começou a falar sob a inspiração de um de seus guias invisíveis, que exigiu desde logo que eu aproximasse a cadeira da poltrona ocupada pela médium, a 2 pés da cortina. Em seguida fui convidado a manter as duas mãos da médium, devendo o meu vizinho aproximar a sua cadeira da minha e colocar as mãos sobre as minhas espáduas. Ficamos nessa atitude durante toda a sessão, feita à luz bastante clara.

Tomadas essas disposições, propuseram-nos que entoássemos cânticos. Apenas tínhamos começado, ouvimos a agitação da água no gabinete. Abrimos a cortina e vimos dois moldes perfeitamente executados, representando as mãos de Minnie (guia principal da Srta. Fairlamb) no soalho, ao lado do balde que continha a parafina e que estava no centro do gabinete e não no extremo oposto onde o tínhamos colocado.

Certifico que não somente a Srta. Fairlamb não entrou no gabinete, mas ainda que nem antes, nem durante a sessão ela transpôs a distancia supra indicada que a separava dele. Desde o momento preciso em que ela entrou no aposento, foi rigorosamente vigiada.

Antes da sessão, eu tinha passado cerca de três horas em companhia da Srta. Fairlamb e a tinha acompanhado durante todo o trajeto até à cidade, cerca de três milhas inglesas; chegamos exatamente à hora fixada para a sessão. Estou com curiosidade de saber qual será a teoria que o Doutor Carpenter, sábio tão competente, imaginará para explicar os fenômenos espiriticos precitados.

Rutherford-terrace n. 8, Biker, Newcastle-on-Tyne, 6 de Maio de 1877.

Thomas Ashton.

Outra experiência, nas mesmas condições, foi organizada pelo Doutor Nichols com o médium Eglinton.

Essa sessão é tanto mais importante por isso que não só as pessoas presentes podiam vigiar os pés e as mãos do médium, mas ainda porque os moldes em gesso representavam mãos que foram reconhecidas.

Eis o artigo do Senhor Nichols, publicado no “Spiritual Record”, de Dezembro de 1883:

“Quando o Senhor Eglinton era meu hóspede em South-Kensington, tentamos obter moldes de mãos materializadas. Minha filha Willie, cujos escritos e desenhos vos são conhecidos pelos espécimes que vos comuniquei, nos prometeu tentar se poderia fazer o molde de sua mão. Por conseguinte, fizemos os preparativos necessários; adquiri duas libras de parafina, da que se emprega para o fabrico das velas, e que é uma substância branca, semelhante à cera, porém mais friável. Fundi-a na minha estufa e deitei-a em um balde de zinco, cheio de água quente até à metade, para conservá-la em fusão. Em seguida enchi um segundo balde com água fria.

“Tínhamos convidado uma roda escolhida, composta de doze pessoas, dentre as quais só havia um estranho, um doutor alemão, o Senhor Friese, que se interessava muito pelo Espiritualismo. O Senhor Eglinton tomou lugar por trás de uma cortina que isolava uma parte do aposento, em um dos extremos. Ele estava sentado no centro, no lugar em que as duas metades da cortina se reuniam e, defronte dele, aquém da cortina, assentou-se o doutor alemão que lhe segurava as mãos. O gás iluminava bastante, de maneira que podíamos perfeitamente ver-nos uns aos outros. Quando tudo ficou pronto, levei os dois baldes que estavam no meu aposento, um com água fria e o outro com água quente e a parafina em fusão; coloquei-os em um

ângulo do aposento, por trás da cortina, a uma distância de cerca de 6 pés do Senhor Eglinton, cujas mãos eram detidas, como já disse, pelas do Doutor Friese.

Os convidados sentaram-se em semicírculo, o mais distante possível da cortina. Cada um de nós era distintamente visível; ninguém estava perto dos baldes; do mesmo modo ninguém teria podido aproximar-se deles. No fim de alguns instantes, ouvimos vozes que saíam do lugar em que se achavam os baldes, bem como o revolver da água; imediatamente depois as pancadas de advertência. Então, aproximei-me e retirei os baldes de trás da cortina.

"Sobre a água fria, havia duas peças de parafina solidificada, uma das quais tinha a forma de uma luva branca espessa de alabastro, e a outra representava alguma coisa de análogo, porém muito menor. Retirei o mais volumoso desses objetos e percebi que ele era oco e que tinha a forma da mão humana. O outro objeto era o molde da mão de um menino. Uma senhora que fazia parte da sociedade notou naquela mão um sinal particular, ligeira deformidade característica que lhe fazia reconhecer a mão de sua filha, que tinha morrido afogada no sul da África na idade de cinco anos. Conduzi os dois baldes para o meu gabinete de estudos, deixando os moldes flutuarem na superfície da água. Fechei a porta e retirei a chave.

"No dia seguinte, fizemos aquisição de gesso muito fino e o introduzimos na forma grande. Para retirar dela o modelo, foi preciso sacrificar o molde. Esse modelo da mão da minha filha Willie, com seus dedos longos e afilados e aquele movimento gracioso que ela tinha adquirido mergulhando na parafina em fusão, quase na temperatura da água fervendo, até hoje eu o conservo em cima do pano de meu fogão, dentro de uma redoma. Todos ficam surpresos com a semelhança desse modelo com a minha própria mão, quando a coloco na mesma posição, à exceção da enorme diferença de tamanho.

"Aquela mão nada tem da forma convencional que os estatuários criam: é a mão puramente natural, anatomicamente correta, mostrando cada osso e cada veia e as menores sinuosidades da pele. E sem dúvida alguma a mão que eu conhecia tão bem em sua existência mortal, que depois eu apalpei tão freqüentemente quando se apresentava materializada.

"O molde menor foi entregue à mãe do menino. Ela conservou o seu gesso, não tendo a mínima dúvida a respeito da identidade daquela mão com a de sua filha.

"Posso afirmar, da maneira mais formal, que a prova em gesso que está guardada em cima do meu fogão foi vazada no molde da mão materializada de minha filha. De princípio a fim, a experiência foi dirigida por mim e submetida às mais rigorosas condições.

Se o molde tivesse sido tirado em mão viva, não teria podido ser retirado dela. A circunferência do punho é menor uma polegada e meia do que a da palma na região do polegar. Mão semelhante não poderia retirar-se do molde sem o quebrar em muitos fragmentos. A única explicação possível desse fenômeno seria supor que, deixando o molde, a mão se desfez ou se desmaterializou.

Pedi ao Doutor Roberto Friese - que os leitores do "Psychische Studien" conhecem e de quem o Doutor Hartmann faz menção em seu livro - que me mandasse à descrição daquela sessão, na qual ele tinha tomado parte tão ativa, tendo sido até o encarregado de manter as mãos do Senhor Eglinton.

Eis um resumo da carta que ele me escreveu a esse respeito, e que é datada de Elbing, em 20 de Março de 1886:

Senhor:

Satisfazendo a seu desejo, venho apresentar-lhe o relatório da sessão de 9 de Dezembro de 1878, organizada em Londres, em casa do Doutor Nichols, com o médium Eglinton.

Éramos doze pessoas; tomamos lugar ao longo de três das paredes do aposento, que tinha quatro metros de largura e cerca de cinco de comprimento. Uma cortina de tecido de algodão, dividindo o aposento de uma a outra parede, a reduzia de um metro, de maneira que o espaço que ocupávamos formava um quadrilátero de quatro metros de face.

No centro havia uma pesada mesa de acaju, que não tinha menos de um metro e meio de diâmetro; ao alto, um bico de gás ardia a toda a força...

Segue-se a descrição de diversos fenômenos que se deram no começo da sessão. Citarei aqui a passagem que se refere especialmente à produção dos moldes em parafina:

"A cortina, composta de duas partes que se reuniam no centro, tinha dois metros de altura. Tendo Eglinton tomado lugar por trás dela, defronte da abertura, propuseram-me que me sentasse defronte dele, aquém da cortina, e lhe segurasse as mãos com força. O gás estava completamente aberto. Colocaram dois baldes atrás da cortina, um com água fria, outro com água quente e parafina em fusão. Desde que tomei as mãos de Eglinton, ouvimos atrás da cortina a voz forte de Joey (um dos Espíritos-guia de Eglinton) dar ordens:

- Mergulha a mão. Assim mesmo. Outra vez. Pronto. Agora depressa na água!

A mesma voz deu ordem de repetir a operação:

- Mais profundamente! Então, está muito quente? Que tolice! Vamos! mergulha mais, assim; agora, de novo na água fria e depois ainda uma vez na parafina.

Em seguida ouvi o choque que produz o molde tocando no fundo do balde.

Depois daquela primeira forma, obteve-se ainda uma segunda, nas mesmas condições. Quando se abriu a cortina, no fim da sessão, todas as pessoas presentes puderam verificar que eu mantinha sempre as mãos de Eglinton e que além dele nenhuma outra pessoa estava atrás da cortina.

Retiramos os moldes que repousavam no fundo do balde de água fria e os examinamos cuidadosamente: eles eram mui delicados e friáveis, posto que de uma consistência suficiente para podermos apalpá-los, tomando algumas precauções.

O que nos surpreendeu, antes de tudo, foi notar que as duas formas apresentavam os moldes dos braços muito acima do punho. Para obter provas deles, basta enchê-los com uma solução de gesso.

Depois da recepção dessa carta, dirigi ainda alguns quesitos ao Doutor Friese, aos quais ele me respondeu em data de 5 de Março:

Senhor:

Em resposta aos quesitos que me apresenta, tenho a honra de lhe comunicar o que segue:

1° - Na parte do aposento isolada pela cortina, não havia janelas nem portas, o que aliás podia verificar-se a primeira vista, pois que ela estava suficientemente iluminada pelo gás que ardia no aposento, e nenhum outro móvel continha além de uma espreguiçadeira pequena.

2° - Durante a sessão, eu via do Senhor Eglinton apenas as mãos, colocadas fora da cortina, porém ele mas tinha apresentado antes que a cortina estivesse fixada por meio de cinco alfinetes; até aquela ocasião eu podia vê-lo inteiramente. Tendo tomado suas mãos, não as deixei até o momento em que a cortina foi aberta, e então todas as pessoas puderam certificar-se de que eram realmente as mãos do Senhor Eglinton que eu segurava, e não outra „Coisa qualquer.

Eu estava sentado defronte do médium, mantendo suas pernas entre as minhas, e podia ver as extremidades de seus pés durante todo o tempo.

3° - Ele se conservava calmo, mas nada indicava que estivesse em transe; o estado de transe se teria tornado patente infalivelmente, não só na atitude do médium como ainda na tensão de seus braços; finalmente ele estava sentado numa cadeira simples e não numa poltrona, cujos braços tivessem podido sustentá-lo em caso de abatimento.

4° - No momento em que me entregou as mãos, não se apoiava sequer no encosto da cadeira; se o tivesse feito depois, eu não teria deixado de perceber.

5° - Os dois moldes em parafina ficaram prontos no prazo de cerca de dez minutos.

6° - A altura do aposento era de mais de quatro metros; a cortina chegava à cerca de dois metros de altura. O gás ardia a toda a força, iluminando um e outro compartimento.

O Doutor Nichols teve a fineza de mandar-me também a fotografia do molde em gesso da mão de sua filha, da qual se tratou na experiência em questão. A senhora que obteve naquela mesma sessão a forma da mão de seu filho me enviou igualmente, por intermédio do Senhor Eglinton, uma fotografia da prova, na qual dois dedos são assinalados pela deformidade que serviu para estabelecer a identidade.

Uma terceira experiência, feita em análogas circunstâncias, realizou-se perante uma comissão reunida ad hoc. Desta vez, só o pé direito do médium (sempre o Senhor Eglinton) ficou visível aos assistentes durante todo o tempo da sessão; quanto às suas mãos, não estavam visíveis, mas tinham sido fortemente ligadas, assim como os pés.

Sendo a forma em parafina que se obteve nessa sessão precisamente a do pé direito, importa em ter sido o médium inteiramente visível, em razão do argumento pars pro teto.

Eis um artigo sobre essa sessão, publicado no “The Spiritualist”, de 5 de Maio de 1876 (pág. 202):

“A 28 de Abril, sexta-feira, 1876, era dia de sessão em casa do Senhor Blackburn, que tinha organizado uma série delas em Londres, 38, Great Russel Street. O médium era o Senhor Eglinton; os assistentes eram as pessoas seguintes: o Capitão James, o Doutor Cárter Blake, o Senhor Algernon Joy, Mrs. Fritz-Gerald, Mrs. Desmond Fritz Gerald, M. A. Vacher, F. C. S., Mrs. C., Srta. Kislingbury St. George Stock, M. A. e eu, signatário do presente relatório, funcionando na qualidade de delegado da comissão de organização das sessões.

“O Espirito-guia do médium, Jói, anunciou que ia fazer a experiência para obter moldes em parafina por meio de imersões repetidas do membro materializado no liquido preparado. Mandaram-se buscar duas libras de parafina, que foi fundida e derramada na superfície da água quente contida em um balde. Essa operação fora executada segundo as indicações do Senhor Vacher. Sendo o peso específico da parafina de 87°, e sua temperatura de fusão 110° F., a camada assim preparada devia ficar por bastante tempo no estado de liquefação. O balde com a parafina foi colocado de um lado do gabinete, perto de uma bacia cheia de água fria, destinada ao resfriamento das camadas sucessivas de parafina que compõem o molde. O médium foi instalado em uma poltrona de junco e amarrado solidamente pelo Senhor Algernon e pelo Doutor Blake, que solicitamente lhe ataram as mãos uma na outra, e os pés e em seguida os prenderam, bem como o pescoço, à poltrona.

“Farei observar que desde que o médium foi ligado puxaram por seu pé direito tanto quanto o permitiam os obstáculos, e que, tendo-se afastado a cortina, conseguiu-se ter á vista, até o fim da sessão, esse pé, ou antes, para explicar-me com rigorosa exatidão, a botina com que ele estava indubitavelmente calçado no começo da. experiência. Muitas pessoas - e eu fazemos parte desse número - se contentaram em observá-lo de tempos em tempos, não julgando que aquela exposição tivesse um caráter intencional, mas, depois da sessão, quatro dentre os assistentes me declararam que não tinham deixado de vista o pé exposto. Farei ainda salientar essa circunstância: o médium calçava meias de lã e botinas de elástico e que, em tais condições, não lhe teria sido possível descalçá-las dos pés sem que percebêssemos. Além disso, em dado momento, notou-se ligeira trepidação no pé, como se o médium tivesse convulsões.

“Apenas tinha começado a sessão, Jói nos pediu que abríssemos as duas janelas existentes no gabinete, provavelmente por causa da elevada temperatura que havia naquele espaço fechado. Depois de cerca de quarenta minutos, ouvimos por muitas vezes o choque da água, como se um objeto qualquer tivesse sido mergulhado nos baldes e, decorrida uma hora, Jói nos disse: “Agora podem entrar; acabamos de lhes dar uma prova de natureza particular: fizemos o melhor que pudemos. Vejamos se conseguimos satisfazer-lhes'.”

“Ao entrar no gabinete, verifiquei que o médium estava amarrado, como no começo da sessão, e divisei duas formas flutuando no balde que continha a água fria; elas estavam um pouco machucadas. Evidentemente esses moldes tinham sido feitos sobre o pé direito. O Senhor Vacher, auxiliado pelo Doutor Blake, encheu-as de gesso e obteve modelos que indicavam claramente que as duas formas tinham sido moldadas sobre um mesmo pé. Deve-se notar que as particularidades da superfície cutânea estão distintamente gravadas na face inferior dos moldes. O Doutor Blake tem a intenção de comparar esses

modelos com os pés do médium, com os quais poderiam apresentar certa semelhança, segundo as hipóteses adotadas.

"Para libertar o médium, tive necessidade de cortar os laços, não conseguindo desfazer os nós. Posso afirmar, sob palavra, que a posição do médium e o estado dos laços que o retinham eram exatamente os mesmos no fim da sessão, como no começo. - Desmond, G. Fritz Gerald, M. S. Tel. N:. (Membro da Sociedade de Engenheiros Telegrafistas). Em nome da comissão das sessões."

Algum tempo depois, a notícia seguinte apareceu no "The Spiritualist", na página 300.

"Desdobramento do corpo humano - O molde em parafina de um pé direito materializado, obtido em uma sessão, Great Russel Street, 38, com o médium Senhor Eglinton, cujo pé direito se conservou visível, durante todo o tempo da experiência, pelos observadores sentados fora do gabinete, verificou-se que era a reprodução exata do pé do Senhor Eglinton, como resulta do exame minucioso do Doutor Cárter Blake."

E um caso surpreendente de desdobramento do corpo do médium, verificado não só pelos olhos, mas estabelecido de maneira absoluta pela reprodução plástica do membro desdobrado. O exemplo não é único, mas se torna particularmente notável por causa das condições nas quais se produziu, principalmente porque a comissão de organização das sessões, que era constituída por pessoas de elevada instrução, já se tinha dedicado a uma série de experiências feitas com todo o cuidado, e sempre com a condição determinada de poder observar se não o médium todo, pelo menos uma parte do corpo, e que essa comissão está plenamente convicta não só da boa fé do médium Eglinton, que funcionou em todas essas sessões, como também do caráter de autenticidade dos fenômenos. Uma vez conseguida uma prova tão palpável do desdobramento, temos o direito de afirmar que, se sucede à figura materializada apresentar semelhança pronunciada com o médium - como no caso de Katie King -, não se segue daí necessariamente que essa figura seja sempre o médium in propria persona, em disfarce; podemos, pois, dizer que o Senhor Hartmann labora em erro quando nos assegura categoricamente que "onde não está provado que é uma alucinação, deve-se sempre considerar o fenômeno como uma ilusão." (*) Abordemos a terceira categoria de experiências.

(*) O Doutor Hartmann faz distinção, de acordo com a Psicologia, entre "alucinação" e "ilusão". O primeiro desses dois termos aplica-se aos casos em que as criações da fantasia não são baseadas em uma percepção qualquer de nossos sentidos, o segundo indica uma transformação que experimenta em nossa imaginação uma coisa realmente percebida por um de nossos sentidos. Por exemplo: julgam-se ver uma serpente enroscada em um prato; há alucinação; se tomar uma corda por uma serpente, é uma ilusão; acreditando ver uma figura nebulosa emanando do médium, estamos sujeitos a uma alucinação; se tomar o médium por uma aparição, experimenta-se uma ilusão. (Exemplo do Doutor H.) - O Tradutor.

III. - O agente oculto é visível, o médium está isolado

Citarei um exemplo que não deve ser desconhecido ao Doutor Hartmann, pois que é relatado no "Psychische Studien". E provavelmente o fato que o Doutor H. visa falando das sessões no decurso das quais o médium tinha sido encerrado em uma gaiola.

Efetivamente na experiência de que se vai tratar e que foi feita em Belper (Inglaterra), o Senhor W. P. Adshead empregou uma gaiola feita especialmente no intuito de encerrar nela o médium durante as sessões de materialização, com o fim de resolver definitivamente a questão seguinte: a aparição da figura materializada é ou não uma coisa, distinta da pessoa do médium?

Essa questão foi resolvida em sentido afirmativo.

Colocaram o médium, a Srta. Wood, em uma gaiola cuja portinhola foi fechada por meio de parafusos. As plantas do aposento e do gabinete, perto do qual a gaiola tinha sido colocada, são reproduzidas na página 296 do "Psychische Studien", de 1878. Foi em tais circunstâncias que se viram aparecer dois fantasmas: o de

uma mulher conhecida com o nome de Meggie e, depois, o de um homem chamado Benny. Um e outro se dirigiram para fora do gabinete (págs. 349, 354 e 451); essas figuras se materializaram em seguida e se desmaterializaram perante os assistentes, e, finalmente, entregou-se, uma após outra, à moldagem de um de seus pés, na parafina. Segundo a opinião do Senhor Hartmann, esses resultados se explicam de maneira muito simples: no começo, é o médium em pessoa, trajando uma vestimenta, quer alucinatória, quer levada pela força nervosa, que passa e torna a passar através da gaiola, sem a mínima dificuldade; é, em suma, uma semi-alucinação. A segunda fase desse fenômeno não passa da alucinação completa da figura e das vestimentas. A terceira fase é de novo uma semi-alucinação, porque os moldes reais que se têm obtido importam na intervenção pessoal do médium ("Spiritismus", pág. 89). Mas eis o ponto difícil que o Senhor Hartmann passou em silêncio: o fato é que um e outro fantasma deixaram o molde de seu pé esquerdo, de maneira que se obtiveram as formas de dois pés esquerdos, de dimensões e conformação diferentes; e é precisamente dessa particularidade que a experiência tira sua força demonstrativa.

Admitindo-se mesmo que não tivesse havido gaiola (durante a formação dos moldes deixaram-na entreaberta), a prova conservaria, ainda assim, todo o seu vigor, porque não é baseada na prisão do médium, mas na diferença dos moldes, circunstância que o Senhor Hartmann não podia ignorar, em razão da passagem seguinte, que cito textualmente:

"Foi Meggie quem tentou a operação em primeiro lugar. Andando fora do gabinete, aproximou-se do Senhor Smedley e colocou a mão no encosto da cadeira que ele ocupava. A pergunta do Senhor Smedley, se o Espírito tinha necessidade da cadeira, Meggie fez com a cabeça um sinal afirmativo. Ele se levantou e colocou a cadeira defronte dos baldes. Meggie sentou-se ali, conchegou seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternadamente na parafina e na água fria, continuando naquele mister até que a forma ficou pronta.

"O fantasma estava tão bem oculto por suas vestimentas que não nos foi possível reconhecer o operador. Um dos assistentes, enganado pela vivacidade dos movimentos, exclamou: "E Benny."

"Então o fantasma colocou a mão sobre a do Senhor Smedley, como se quisesse dizer-lhe: "Toca para ficares sabendo quem sou." "E Meggie, disse o Senhor Smedley, ela acaba de apresentar-me sua pequena mão.)"

"Quando a camada de parafina adquiriu a espessura conveniente, Meggie pousou o pé esquerdo em cima de seu joelho direito e conservou-se em tal posição cerca de dois minutos; depois retirou o molde, conservou-o em suspensão durante algum tempo e deu-lhe umas pancadas, de maneira que todas as pessoas presentes pudessem vê-lo e ouvir as pancadas; depois mo entregou, a meu pedido, e eu o guardei em lugar seguro. Meggie tentou em seguida a mesma experiência com o pé direito, mas, depois de tê-lo mergulhado por duas ou três vezes, levantou-se, provavelmente em conseqüência do esgotamento de forças, dirigiu-se para o gabinete e não voltou mais.

A parafina que lhe tinha aderido ao pé direito foi encontrada no gabinete, em cima do soalho.

"Chegou à vez de Benny. Ele fez um cumprimento geral e, segundo costumava, pousou sua grande mão na cabeça do Senhor Smedley. Recebeu a cadeira que lhe ofereciam e colocou-a defronte dos baldes; sentou-se e começou a mergulhar o pé esquerdo alternadamente nos dois baldes, como o fizera Meggie, porém muito mais aceleradamente. A rapidez de seus movimentos dava-lhe a aparência de uma pequena máquina de vapor, segundo a comparação de um dos assistentes.

A fim de dar aos leitores uma idéia exata das condições favoráveis nas quais se achavam os espectadores para acompanhar as operações, mencionarei que, durante a moldagem do pé de Benny, o Senhor Smedley estava sentado imediatamente à direita do fantasma, de maneira que esse lhe pôde colocar a mão em cima da cabeça e acariciar-lhe o rosto. Eu estava à esquerda de Benny e tão perto que pude receber o molde que ele me oferecia, sem deixar o meu lugar; as pessoas que ocupavam a primeira fila de cadeiras estavam cerca de três pés distantes dos dois baldes.

"Todas as pessoas podiam ver perfeitamente a operação, desde a primeira imersão do pé até a terminação do molde; o fenômeno em si é para nós um fato tão inegável quanto a claridade do Sol ou a queda da neve. Se um dentre nós tivesse suspeitado que a médium empregara um "artifício sutil" qualquer para nos oferecer o molde de seu próprio pé, pequeno, a suspeita teria desaparecido infalivelmente diante do aspecto

do molde que Benny me entregou, depois de tê-lo retirado do pé esquerdo, à vista de toda a assistência. Não pude então reter a exclamação: “Que diferença!”

“Quando Benny deu por terminada a moldagem, colocou de novo a cadeira em seu lugar e percorreu o círculo dos espectadores, apertando-lhes a mão e conversando com eles. De súbito, recordou-se de que, a pedido seu, a portinhola da gaiola tinha ficado entreaberta, e, querendo provar-nos que a despeito dessa circunstância a médium não tinha intervindo de maneira alguma na experiência, impeliu a mesa de encontro à portinhola da gaiola, depois de tê-la fechado, segurou meu braço com ambas as mãos, comprimiu-o com força sobre a mesa, como se desejasse dizer-me que eu não devia deixá-la desviar-se uma polegada; depois, ele se curvou para apanhar a caixa de música que encostou à gaiola em posição de declive, com uma aresta encostada na portinhola da gaiola, e a outra no soalho, de maneira que, se a portinhola se abrisse, infalivelmente atirasse a caixa no chão. Em seguida Benny se despediu e desapareceu.

“Falta-me declarar que a mesa não se moveu, que depois da sessão se encontrou a caixa de música encostada à gaiola, no mesmo lugar, e que a médium estava na gaiola, ligada à cadeira e em estado de transe. De tudo o que precede é preciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em circunstâncias tão concludentes quanto se a portinhola da gaiola tivesse sido fechada com parafuso. Admitindo mesmo que a experiência com a gaiola deixasse a desejar, os resultados obtidos não deixam de exigir uma explicação:

Em primeiro lugar, um indivíduo só tem um pé esquerdo, ao passo que os moldes obtidos por nós pertencem a dois pés esquerdos, dessemelhantes por suas dimensões e por sua conformação: tomando-se a medida, o pé de Benny tinha 9 polegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie, 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete era tão rigorosamente vigiado que nenhum ser humano teria podido penetrar ali sem ser imediatamente descoberto.

“Então, se as formas de que se trata não foram moldadas sobre os pés da médium - e isso me parece provado de maneira absoluta -, que pés serviram pois de modelos?” (“Psychische Studien”, Dezembro de 1878, págs. 545-548; “Médium”, 1877, pág. 195.)

E entretanto o Senhor Hartmann afirma resolutamente que: “Todos os relatórios dessa espécie, que deviam servir para provar a pretendida realidade objetiva dos fenômenos, têm o defeito de omitir a questão da identidade do médium e do fantasma, em virtude do isolamento ou do ligamento do médium.” (“O Espiritismo”, pág. 89.)

Desejando fazer a maior luz possível sobre o modo de produção dos moldes de que se acaba de tratar e sobre o grau de dissemelhança entre eles, dirigi-me ao Senhor Adshead, pedindo-lhe que mandasse tirar fotografias para mim, no caso em que os moldes ainda estivessem em bom estado de conservação. O Senhor Adshead acedeu imediatamente a meu desejo e me enviou duas fotografias tiradas pelo Senhor Schmidt, em Belper, as quais deixam ver os moldes sob duas faces: vistos de cima e de lado. Basta um olhar sobre essas provas para descobrir nelas a considerável diferença.

Mas, com o fim de poder julgar com certeza ainda maior, pedi ao Senhor Adshead que sacrificasse os moldes para obter deles provas em gesso, e que me mandasse às fotografias desses últimos, assim como as medidas exatas. O Senhor Adshead teve ainda a extrema fineza de aceder a esse pedido.

Colocando essas fotografias uma sobre a outra, é fácil notar a diferença de forma e de dimensões dos dois pés. Eis as medidas que me comunicou o Senhor Adshead: pé de Meggie, periferia da planta, 19 1/8 polegadas; comprimento, 8 polegadas; - pé de Benny, periferia da planta, 21 1/4 polegadas; comprimento, 9 polegadas; circunferência medida na base do pequeno artelho, 9 1/2 polegadas. Passemos à quarta série de experiências de moldagens:

IV. - O fantasma e o médium são simultaneamente visíveis aos espectadores

Eis algumas passagens tiradas de uma conferência do Senhor Aston, feita em Newcastle, a 19 de Setembro de 1877 e impressa no “Medium and Daybreak” (Londres) de 5 de Outubro de 1877, pág. 626:

“Fui testemunha de fatos notáveis que se deram com a médium Srta. Fairlamb e venho comunicar-lhes o que ocorreu na sessão de domingo, 8 de Abril passado, nos locais de nossa sociedade. Além da médium, a assistência constava de uma senhora e sete homens.

A chegada da Srta. Fairlamb, levaram à sala designada para a sessão dois baldes, um com parafina fundida, outro com água fria, e colocaram-nos defronte do gabinete, à distância de 2 pés. O gabinete era formado por meio de uma cortina de fazenda de lã verde, fixada na parede por uma de suas pontas, donde ela caía sobre uma barra de ferro curvada em semicírculo, formando uma espécie de tenda. Depois de ter feito uma investigação minuciosa do gabinete e dos baldes, instalou-se a médium no interior do gabinete. Tendo percebido na assistência uma pessoa que lhe era desconhecida, a Srta. Fairlamb pediu que se tomassem todas as precauções necessárias para desviar a menor dúvida sobre a autenticidade dos fenômenos que iam produzir-se. Entretanto, a maior parte das pessoas presentes estavam persuadidas da inutilidade dos meios habitualmente empregados para obter o isolamento da médium, a saber: as cordas ou fitas com as quais a ligavam, os sinetes apostos aos nós, a prisão em um saco ou em uma gaiola, etc., pois que as forças ocultas que se manifestavam nessas sessões parecia superarem todos os obstáculos materiais. Além disso, todas as pessoas depositavam completa confiança na Srta. Fairlamb e em seus guias invisíveis. Renunciamos pois às medidas de fiscalização e não tivemos motivos de queixa.

“Após cantarmos duas ou três árias, notamos que a cortina se abria lentamente e uma cabeça saía do gabinete; a figura tinha tez morena, olhos negros, e era ornada de barba e bigodes castanhos (a médium é loura, de olhos azuis). Via-se aquela cabeça ora aproximar-se até mostrar as espáduas, ora retirar-se, como se o fantasma quisesse certificar-se de que poderia suportar a luz. Subitamente a cortina se abriu, e diante de nossos olhos se apresentou à forma materializada de um homem. Trajava uma camisa ordinária de flanela de riscado, e uma calça de algodão branco; a cabeça estava envolta em uma espécie de lenço ou chalé. Era todo o seu trajo. O colarinho e as mangas da camisa eram abotoados. O homem me parecia ter 5 ou 6 pés de estatura, era magro, mas vigorosamente constituído, e seu conjunto dava a impressão de um galhofeiro esbelto e ágil. Depois de ter descrito com os braços alguns movimentos circulares, como se os quisesse desentorpecer, entrou no gabinete para aumentar a chama do gás, que estava disposto de maneira a poder ser graduado quer no interior do gabinete, quer do lado de fora. Em seguida ele apareceu de novo e se entregou a novos exercícios ginásticos, entrou por uma vez ainda atrás da cortina, aumentou a luz e dirigiu-se para o nosso lado com andar desembaraçado e vigoroso. Entregou-se dai em diante a alguns exercícios de corpo e procedeu aos preparativos de moldagem: abaixou-se, tomou os baldes e levou-os para mais perto dos espectadores... “Depois tomou uma cadeira que se achava ao lado do Senhor Armstrong e colocou-a de maneira que o encosto separasse a cortina cerca de 20 polegadas (o que permitiu a três pessoas da assistência ver a médium); sentou-se e começou a moldagem do pé. Durante os quinze minutos que durou a operação, os experimentadores podiam ver ao mesmo tempo o fantasma e a médium, iluminados mais que suficientemente.”, (The Medium, 5 de Outubro de 1877, pág. 626.)

Se eu posso ser juiz no caso, o conjunto dos fatos que reuni nesse capítulo constitui uma prova absoluta da objetividade real do fenômeno da materialização, e, desde o momento em que se me oferece a oportunidade de responder ao Senhor Hartmann, insisto mui particularmente no princípio que serve de base a essas demonstrações, a saber que, uma vez estabelecida à realidade do fato da formação de moldes por um ser materializado, esse fato prova de modo absoluto que o fenômeno de materialização não deve ser considerado como o efeito de uma alucinação.

Se o Senhor Hartmann não quer admiti-lo, ouviremos a sua réplica com o mais vivo interesse. Não se trata de tal ou qual experiência, é o princípio em si que será preciso refutar.

E – Fotografia de formas materializadas

Vou tratar de outra categoria de provas que devem servir para demonstrar a realidade objetiva do fenômeno de materialização: as experiências fotográficas.

Se a fotografia ainda não estivesse descoberta, os meios de verificar o fenômeno em questão estariam limitados aos fatos que acabo de expor, de maneira que a fotografia nos vem dar provas que devemos considerar como de luxo. Direi mesmo que no ponto de vista de sua importância intrínseca, ela não pode, sem restrição, ser colocada na mesma categoria que as experiências de moldagem: essas nos fornecem a reprodução plástica de um membro inteiro materializado, ao passo que a fotografia só nos pode transmitir uma simples imagem plana de uma de suas faces. Por isso não deixo de experimentar certa surpresa perante essa opinião do Senhor Hartmann, que somente a fotografia pode fornecer uma prova absoluta do fenômeno. A leitura do "Psychische Studiew" lhe deve ter demonstrado que se recorrera às experiências de moldagem como método de demonstração; por conseguinte, ele poderia, como o fez em relação à fotografia, precisar quais são as condições sine qua non a observar, segundo o seu modo de ver, para que tais provas se tornem concludentes. Mas desde que é à fotografia e não à moldagem que o Senhor Hartmann pede uma prova irrefutável, é forçoso que o acompanhemos nesse terreno.

Farei observar, com antecedência, que exigindo tal prova o Senhor Hartmann peca contra a lógica; ela não condiz com as hipóteses que ele emitiu para explicar outros efeitos permanentes, produzidos por fenômenos mediúnicos análogos. Tendo sustentado a hipótese dos feitos dinâmicos da força nervosa mediúnica (dyna, mische Wirkungen der mediumistischen Nervenkraft) para explicar as impressões feitas por corpos materializados sobre uma substância qualquer, em boa lógica o Senhor Hartmann deveria ter-se limitado àquela hipótese, desenvolvendo-a segundo as exigências, para afirmar que a fotografia de um corpo materializado não pode, em caso algum, provar a existência objetiva desse corpo, que ela não passa do resultado de uma força nervosa, agindo à distância. Convém não esquecer que, segundo o Senhor Hartmann, aquela força nervosa mediúnica é uma força física, como a luz, o calor, etc., que, por conseguinte, a objetiva do aparelho fotográfico poderia fazer convergirem sobre a placa sensível os raios daquela força; quanto à ação química necessária para produzir a imagem fotográfica, o Senhor Hartmann poderia admiti-Ia como suplemento.

Lembremo-nos ainda de que o Senhor Hartmann concede àquela força nervosa a surpreendente propriedade de produzir nos corpos todas a espécie de impressões, determinadas pela fantasia do médium, na fotografia, pois, como em outra parte, a disposição das linhas de tensão "teria sido regulada pela imagem criada na fantasia do médium sonâmbulo", com essa diferença que "o sistema de linhas de tensão, nesse caso, seria orientado segundo uma superfície plana, isto é: a placa sensível". Esse efeito poderia ser obtido, quer diretamente, na prova negativa, quer "pela ação, na objetiva do aparelho, de um sistema de forças agindo à maneira de uma superfície qualquer, sem a presença de um corpo". O Senhor Hartmann aquiesce em admiti-lo nas experiências com as impressões.

Mas não é a mim que compete desenvolver a hipótese do Senhor Hartmann, depois de ter demonstrado a sua insuficiência em relação às impressões.

Desejo apenas tirar dela a seguinte dedução: se, como o pretende o Senhor Hartmann, uma alucinação, cooperando com a força nervosa, pode deixar em um objeto um vestígio duradouro e semelhante "sem que exista uma forma orgânica material", essa alucinação - auxiliada pela força nervosa - deve igualmente produzir na chapa uma certa imagem, duradoura também, e igualmente conforme a própria alucinação, "sem que exista uma forma orgânica material." A segunda proposição não é mais do que o corolário da primeira, e a negação de uma importa na negação da outra. Por conseguinte, a fotografia de um corpo materializado não seria, segundo a teoria do Senhor Hartmann, mais do que uma nevro-dinamografia; e entretanto ele a considera como podendo fornecer uma prova absoluta!

Abrigando-me por trás desse argumento, eu poderia escapar à obrigação de procurar provas na fotografia, com tanto maior razão quanto encontrei outras e das mais concludentes; mas o Senhor Hartmann não quis dar à sua hipótese da força nervosa um desenvolvimento completo; ele acede em admitir que a

fotografia teria podido fornecer a prova irrecusável da realidade do fenômeno de materialização -, devemos pois examinar essas provas.

A condição sine qua non exigida pelo Senhor Hartmann seria que o médium e a forma materializada aparecessem conjuntamente na mesma chapa. Essa prova existiria desde há muito tempo se, para obtê-la, não se nos deparassem dificuldades dependentes de condições físicas: sabe-se que a fotografia exige uma luz intensa, enquanto que os fenômenos de materialização não suportam senão uma luz fraca; por conseguinte, para chegar a um resultado satisfatório, que se prestasse às observações, era preciso recorrer à combinação seguinte: colocava-se o médium em um compartimento completamente escuro - um gabinete ou um armário, - diminuía-se a luz que iluminasse o aposento, até um grau correspondente à força do fenômeno de materialização, que devia produzir-se no espaço escuro, para depois poder suportar a luz.

A obrigação de submeter-se a exigências tão complicadas devia naturalmente duplicar a vigilância dos experimentadores, receosos de serem vítimas de uma impostura, voluntária ou não, por parte do médium. Eis nos coagidos a adotar inumeráveis medidas de precaução, destinadas a colocar o médium na impossibilidade de oferecer-nos um simulacro de fenômeno, e eis de volta à questão do isolamento do médium, medida à qual o Senhor Hartmann recusa todo o valor demonstrativo para esse gênero de investigações, partindo desse argumento, que: “De todas as maneiras é claro que, se concede ao médium a propriedade de penetrar a matéria, tem-se necessidade de quaisquer outros meios, a não serem o isolamento ou a ligação do médium para provar a sua não identidade com a aparição.”

Antes de passar a essas “outras provas” exigidas pelo Senhor Hartmann, devo dizer algumas palavras sobre seu próprio raciocínio. Do mesmo modo que eu protestei contra esse argumento quando se tratava dos transportes, devo opor-me a ele aqui, a propósito do isolamento e do ligamento do médium. Que significa sob a pena do Senhor Hartmann esta frase: “desde o momento em que se aceita a penetrabilidade da matéria pelo médium”? Quem, pois, aceita? Convém supor que é o próprio Senhor Hartmann quem aceita, pois é nesse ponto que ele baseia suas explicações. Tendo admitido, condicionalmente, todas as outras manifestações físicas do mediunismo para dar delas uma explicação de acordo com as suas idéias, isto é uma explicação natural, ele admite, condicionalmente também, os fenômenos que os espíritas explicam pela penetração da matéria; por conseguinte, está na obrigação de dar do mesmo modo uma explicação natural desses fenômenos, pois que, eu o repito, o Senhor Hartmann escreveu o seu livro no intuito bem manifesto de provar que não há nada de sobrenatural no Espiritismo, “que o Espiritismo não fornece o menor dado que permita prescindirmos das explicações naturais”, e ensinar aos espíritas que podemos livrar-nos dele com causas naturais (118).”E eis que para os fenômenos da pretendida penetração da matéria, ele não dá explicação alguma. Aceita-as tais quais e as classifica nos fenômenos transcendentes. Ora, fazendo tal concessão, ainda que para uma única categoria de fenômenos, destrói completamente o edifício de seu sistema naturalista. Esse ponto é muito mais grave do que parece à primeira vista e eu fico admirado como a crítica ainda não se apoderou dele! Está aí a falha da couraça da teoria tão bem elaborada pelo Doutor Hartmann: é bastante lhe dar um golpe para fazer desabar o sistema inteiro.

Dizemos, pois, que, se o Senhor Hartmann tivesse querido ficar fiel a seu ponto de partida, não teria usado da licença de admitir em sua teoria do Espiritismo explicação que se baseia no princípio da penetrabilidade da matéria. Para ele, uma corda é uma corda, uma gaiola é uma gaiola, e se o médium está bem atado com uma corda, com os nós selados, ou se está preso em uma gaiola, são condições que o Senhor Hartmann deveria considerar suficientes para garantir a não intervenção pessoal do médium.

O fato de poder o médium “passar através” dos laços que o “retêm, atravessar a fazenda de um saco ou sair de uma gaiola, depois entrar de novo nesses laços ou nessa gaiola - são fenômenos de ordem transcendente que o Senhor Hartmann não poderia admitir sem “infringir os princípios metodológicos” - o que ele exprobra aos espíritas.

O Senhor Hartmann também não tem o direito de fazer pesar sobre os espíritas a responsabilidade de semelhante hipótese. Para certos fenômenos, os espíritas admitem realmente a intervenção dos Espíritos; para outros, a materialização temporária, porém real e objetiva, de um corpo; para outros ainda, a penetração da matéria; - mas o Senhor Hartmann se impôs precisamente à tarefa de lhes ensinar como é preciso haver-se para explicar esses diversos fenômenos sem sair dos limites do natural e de lhes demonstrar que não há

Espíritos, nem materialização, nem penetração da matéria; por conseguinte, se o Senhor Hartmann consente em admitir esta hipótese, está de acordo com os espíritas, e só lhe falta depor as armas.

Assim o Senhor Hartmann aceitaria essa hipótese, que um homem pode facilmente livrar-se, desvencilhar-se dos laços que o prendem e colocá-los de novo em seu lugar, atravessar a fazenda de um saco, atravessar as barras ou as paredes de uma gaiola? Semelhante concessão por sua parte é tanto mais surpreendente por isso que não se impunha na espécie, pois, nos casos igualmente difíceis, o Senhor Hartmann tem sempre pronta essa explicação: alucinação.

Eu também poderia demonstrar ao Senhor Hartmann que, ainda quando se admita o princípio da penetrabilidade da matéria, há meios absolutamente seguros para provar a presença do médium atrás da cortina; por exemplo, pode-se reter o médium em uma corrente galvânica, ou mais simplesmente ligá-lo com uma fita cujas pontas fossem mantidas pelos assistentes, ou, melhor ainda - como se praticou com a Srta. Cook - fazer os cabelos do médium passarem por uma abertura praticada na parede do gabinete, de maneira a deixá-los constantemente sob os olhos dos assistentes (ver “The Spiritualist”, 1873, pág. 133), etc., etc.

Mas seria inútil determo-nos nessa demonstração, pois que, como o lembrei mais acima, desde que a presença do médium no gabinete está indiscutivelmente estabelecida, objetam-nos com a alucinação.

Posso acrescentar, finalmente, que os fenômenos de materialização atingiram gradualmente um grau de desenvolvimento tal que é permitido não nos preocuparmos com a ligação do médium e considerar a sequestração como condição de importância secundária, visto que a materialização e a desmaterialização se produziram freqüentemente em presença do médium e dos espectadores, ou ainda, quando o médium estava seqüestrado, em presença dos assistentes.

Mas, qualquer que seja o valor de tal testemunho, é inteiramente inútil apelar para ele, pois que o Senhor Hartmann declara que o testemunho da vista, mais que qualquer outro, é sem valor para a verificação dos fatos. Eis-nos, pois, coagidos a voltar ao nosso ponto de partida e a procurar “outros argumentos” para reabilitar o testemunho coletivo dos homens, baseado no exercício de seus sentidos - testemunho ao qual o Senhor Hartmann recusa peremptoriamente toda a autoridade.

As provas que nos são dadas dos fenômenos de materialização, devem ser divididas em cinco categorias, segundo as condições nas quais elas são obtidas:

a) O médium é visível; a figura materializada é invisível ao olho, mas aparece na chapa fotográfica.

b) O médium é invisível; o fantasma é visível e reproduzido pela fotografia.

c) O médium e o fantasma são vistos ao mesmo tempo; apenas o último é fotografado.

d) O médium e o fantasma são ambos visíveis e fotografados ao mesmo tempo.

e) O médium e o fantasma são invisíveis; a fotografia produz-se às escuras.

****

a) O médium é visível; a figura materializada é invisível ao olho, mas aparece na chapa fotográfica.

Logicamente, é permitido supor que, se uma fotografia desse gênero pode reproduzir imagens de diferentes formações materiais invisíveis a nossos olhos, esse mesmo processo fotográfico deve, com mais forte razão, poder reproduzir uma forma que adquire, em certas condições, um grau de materialidade que a coloca ao alcance de nossos sentidos, ainda quando essa percepção sensorial não se dá no momento preciso da produção da fotografia; em outros termos, temos razão de acreditar que uma figura que se materializa durante as sessões pode - direi mesmo deve - aparecer em fotografia transcendente. Se a imagem obtida fotograficamente corresponde à forma materializada observada durante a sessão e descrita anteriormente por muitas vezes, a hipótese de uma alucinação torna-se inadmissível.

Esses fenômenos se produziram por muitas vezes. Efetivamente os médiuns com os quais se obtinha a materialização conseguiram freqüentemente produzir a fotografia transcendente de seus "guias", isto é, das individualidades que se materializavam habitualmente em suas sessões. Não citarei senão alguns exemplos, começando pela personagem bem conhecida de Katie King, cuja forma materializada, que apareceu sob a influência da médium a Srta. Cook, foi fotografada por muitas vezes, a princípio pelo Senhor Harrison com iluminação pelo magnésio, depois pelo Senhor William Crookes à luz elétrica. A mesma figura foi fotografada em fotografia transcendente pelo Senhor Parkes, médium que era bem sucedido especialmente nesse gênero de experiências, e de quem se falou mais acima.

Importa assinalar que as fotografias do Senhor Parkes oferecem a particularidade de terem sido obtidas à luz do magnésio. Eis em que termos essa experiência é exposta pelo Senhor Harrison, que é muito versado na técnica da fotografia em geral, e na fotografia espírita em particular

No que me diz respeito, não pude reconhecer nenhuma das figuras que apareceram nas chapas do Senhor Parkes. Mas eu variava, tanto quanto possível, as condições nas quais se operava a fotografia. Sem que o Senhor Parkes o soubesse, escrevi à Senhora Córner (Florence Cook), que habitava nas circunvizinhanças, e pedi-lhe que fosse na tarde daquele dia a casa do Senhor Parkes, para assistir a uma sessão de fotografia espírita. Eu estava persuadido de que a presença imprevista de um médium tão poderoso e tão perfeitamente digno de fé modificaria sem a menor dúvida o caráter das imagens que se obtivessem, o que não poderia suceder se essas imagens tivessem sido preparadas com antecedência sobre transparentes. Algumas horas depois da recepção de minha carta, a Senhora Córner dirigiu-se a casa do Senhor e da Senhora Parkes, que não na conheciam. Ela se deu a conhecer e expôs o fim de sua visita. A Senhora Parkes disse-lhe imediatamente: "Oh! desça conosco e tome posição para obter uma fotografia espírita. Estou persuadida de que obteremos uma prova perfeita." Cheguei nesse momento, com o atraso de um quarto de hora sobre a hora convencionada. O Senhor Parkes entrava nesse momento no aposento com um negativo que acabava de revelar e no qual se desenhava mui distintamente, ao lado da imagem da Senhora Córner, a da célebre Katie, envolta, como sempre, em suas amplas vestes brancas. Esse fato constitui uma excelente prova da lealdade do fotógrafo, porquanto, como o mencionei mais acima, a Senhora Córner se tinha apresentado em casa do Senhor Parkes imprevistamente, alguns minutos antes de minha chegada.(Ver "The Spiritualist", 1875, n. 136, pág. 162.)

E' útil notar que a imagem de Katie, tal qual foi obtida no decurso daquela sessão, assemelha-se mais aos retratos obtidos pelo Senhor Harrison - que operava constantemente com o magnésio -, do que com as obtidas pelo Senhor Crookes com a iluminação elétrica.

Possuo uma prova dessa fotografia, que me foi oferecida, em 1886, pela Senhora Cook, mãe da médium; há uma certa semelhança entre esse retrato de Katie e o reproduzido no "The Spiritualist" de 1873, página 200.

O segundo exemplo que quero citar refere-se a formas materializadas de personagens de raça exótica, e que apresentavam, por conseguinte, traços tão característicos que sua identidade podia facilmente ser verificada. Nas sessões dos médiuns senhoritas Wood e Fairlamb, de Newcastle, apareceram, entre outras, duas pequenas figuras de pele negra, que foram em pouco tempo conhecidas com os nomes de Pocha e Cissey. Essas personagens, em suas comunicações, declaravam que eram de raça negra. Os médiuns sensitivos ou clarividentes que assistiam a essas sessões verificaram igualmente que essas personagens eram negras. Para corroborar esses testemunhos, temos as fotografias das médiuns tiradas pelo Senhor Hudson, em Londres. Vê-se em uma delas, a da Srta. Wood, a figura negra de Pocha, que se materializava habitualmente

nessas sessões, e, sobre a da Srta. Fairlamb, a figura de Cissey. (Ver “Médium and Daybreak”, 1875, pág. 346.)

Em uma fotografia que possuo e que representa as senhoritas Wood e Fairlamb juntas, vê-se, ao lado da Srta. Wood, uma forma vestida de branco, sentada no chão: é Pocha; seu rosto negro está descoberto, e, à primeira vista, fica-se impressionado por seu tipo exótico mui característico. Em outra prova - que possuo também - distingue-se, ao lado da Srta. Fairlamb, uma forma vestida de branco, de rosto negro, que parece suspensa no espaço: é Cissey. Essas mesmas figuras, tais quais são reproduzidas pela fotografia transcendente, foram vistas, sob forma de materializações, por centenares de pessoas cujo testemunho citarei quando se tratar da fotografia simples dessas duas formas, em estado de materialização.

Nesse fenômeno, vemos realizadas todas as condições requeridas pelo Senhor Hartmann, a saber: que o médium e a figura materializada se achem reproduzidas na mesma chapa, mas por via transcendente. Citarei aqui um caso excepcional: a pessoa que se expunha diante do aparelho fotográfico não era a médium, era o Senhor Reimers; tinha-se considerado de interesse estudar a mesma manifestação em outras formas de objetivação. Já conhecemos a figura de Bertie, que aparecia nas sessões do Senhor Reimers, feitas com a concorrência de diferentes médiuns. O experimentador não tinha a mínima dúvida sobre a realidade daquela aparição, pois que recebera previamente a impressão de sua mão em farinha, e, mais tarde, o gesso daquela mão, como está reproduzido por uma fotografia junto a essa. Estando certo dia em casa de um médium de transe, a Senhora Woodforde, Bertie não tardou em manifestar-se, e o Senhor Reimers, depois de longa conversação, lhe pediu a sua fotografia. Ela respondeu: “Está bem. Espero que a experiência dê bom resultado. Vá amanhã a casa de Hudson; talvez me seja possível satisfazer a seu desejo. “No dia seguinte o Senhor Reimers se dirigiu à casa de Hudson. “Eu mesmo limpei as chapas, diz ele, e não desviei os olhos delas, até o momento em que foram colocadas na câmara escura.

Na primeira chapa apareceu, à esquerda do Senhor Reimers, uma forma flutuando no espaço, cujo rosto feminino se distingue perfeitamente; ela estava colocada de maneira que apareciam três quartas partes, olhando para o lado do Senhor Reimers; o resto da cabeça está envolto por uma faixa formando uma espécie de capuz cônico que desce sobre a nuca, à semelhança de um véu. Não vi aquele toucado em nenhuma das outras fotografias que o Senhor Hudson tirou. O busto da aparição é coberto por uma roupagem que, de um lado, cai até o chão: o corpo não existe; do lado oposto à roupagem é levantada até à altura do queixo, como se fosse mantida por mão dissimulada por baixo. Na segunda exposição, feita imediatamente depois da primeira, a mesma forma apareceu, porém, daquela vez, à direita do Senhor Reimers; ela flutua ainda no espaço, e o rosto está sempre voltado para o lado do Senhor Reimers. Sem a menor dúvida, é absolutamente a mesma figura; mas como era preciso que ela se voltassem para poder aparecer do lado direito, todas as particularidades da fotografia estão modificadas: a forma acha-se mais abaixo do que quando estava à esquerda do Senhor Reimers; também está mais próxima dele; é o mesmo rosto, porém visto de perfil, o mesmo toucado, com outras dobras na faixa, a mesma roupagem caindo até ao chão, mas do lado oposto; e aquela mão, que parecia manter a roupagem de encontro ao busto, desceu até à região inferior do peito, continuando a ficar disfarçada por baixo da fazenda.

Aquela experiência foi descrita pelo Senhor Reimers no “Psychische Studien”, 1877, pág. 212, mas os pormenores minuciosos que acabo de referir são tirados das próprias fotografias, que ele me tinha mandado. Em uma carta de 15 de Maio de 1876, o Senhor Reimers explica porque a princípio tinha vacilado em reconhecer a semelhança que há entre aquelas duas imagens:

“Raramente, diz ele, vi esse rosto distintamente, e por muito tempo fiquei em dúvida antes de reconhecer que me achava em presença da mesma personagem, apresentada debaixo de outro aspecto, tendo sido mudadas todas as condições da exposição. A extrema mobilidade da figura e a curta duração de seu aparecimento me impediram de reter bem os traços do rosto; mas, atualmente, ela aparece com freqüência sob uma forma igual a que é reproduzida nas fotografias inclusas, com um toucado da época da rainha Elisabet. Ontem ela se mostrou em uma verdadeira nuvem de gaze a elevar-se no espaço, como na fotografia.”

Acrescentarei que a objetividade da materialização de Bertie foi confirmada pelas experiências de fotografia transcendente feitas pelo Senhor Reimers, em sua casa, com o médium que servia habitualmente

para produzir aquela materialização. O Senhor Reimers fazia então, com suas próprias mãos, todas as manipulações fotográficas. Deixemos-lhe a palavra:

"Depois de minha estada em Brístol, fui visitar o Senhor Beattie, que tinha obtido tão notáveis resultados naquelas experiências; ali encontrei o Senhor Conselheiro de Estado Aksakof, que estudava igualmente esse fenômeno. Fiz aquisição dos aparelhos necessários, e em pouco tempo fiquei habilitado a produzir imagens. Conhecendo todas as fraudes às quais se tinha recorrido para falsificar essas experiências, resolvi fazer por mim mesmo todas as manipulações necessárias, de maneira a tornar impossível qualquer fraude. Eu mesmo dispus o fundo, a fim de impedir eventualmente a operação química que consiste em produzir, com o auxílio de um certo líquido, uma imagem invisível ao olho, mas que pode ser reproduzida na chapa sensível. Tendo feito esses preparativos, instalei o grupo em meu aposento, de maneira a poder observar todas as personagens, durante todo o tempo da experiência. Nas primeiras exposições somente foram reproduzidas nossas próprias imagens, mas nas sete últimas exposições apareceu à mesma figura que tínhamos visto em número incalculável de vezes. Um fato notável: no decurso dessas sessões, a Senhora L. (médium clarividente) disse-me por muitas vezes: "Vejo uma nuvem branca acima de sua espádua; agora vejo distintamente uma cabeça; conforme suas descrições,- deve ser a nossa Bertie ! " Efetivamente, em todas as fotografias, a cabeça aparece acima da minha espádua esquerda." ("Psychische Studien", Dezembro de 1884, pág. 546.)

Mais adiante veremos que o Senhor Reimers obteve daquela figura uma fotografia tirada em completa escuridão.

b) O médium é invisível; o fantasma é visível e reproduzido pela fotografia.

Passemos à fotografia ordinária das figuras materializadas, cujas imagens acabamos de ver reproduzidas por via transcendente, mas as condições serão invertidas, isto é, o médium será invisível, ao passo que a figura, visível aos assistentes, será reproduzida em fotografia.

Nessa parte, citarei duas experiências, a primeira das quais é publicada pelo "Medium and Daybreak" (1875, pág. 657); o artigo é do Senhor Barkas, homem de ciência positiva e geólogo consumado. Ele mora em Newcastle-on-Tyne, onde, de tempos em tempos, fazem conferências sobre a Astronomia, a Geologia, a óptica e a Fisiologia. Eis um extrato desse artigo

"A 20 de Fevereiro, sexta-feira, 1875, fui convidado a dirigir-me a uma casa particular, em Newcastle, para assistir a experiências fotográficas de figuras materializadas. Na primeira sessão, que se realizara a 6 de Fevereiro, tinha-se feito um primeiro ensaio que deu em resultado a fotografia de pequena figura velada. Era o Senhor Laws quem manejava o aparelho fotográfico nas duas sessões em questão. Essa primeira fotografia foi designada com o número 1, os negativos, obtidos em minha presença, têm os números 2, 3 e 4.

A 20 de Fevereiro, às 8 horas, reunimo-nos no salão de honra. A assistência constava de duas moças médiuns, quatro senhoras, catorze testemunhas e dois fotógrafos: o Senhor Laws e seu filho. O Senhor Laws não era espírita; nunca se tinha ocupado de semelhante assunto, e, antes de 6 de Fevereiro, sexta-feira, dia em que obteve a primeira fotografia, nunca tinha tido ocasião de observar tais fenômenos. Em um ângulo do salão, separada do resto do aposento por um biombo, colocaram-se dois travesseiros para as médiuns, que entraram nesse gabinete às oito horas e vinte e sete minutos; elas estavam vestidas de fazendas de cores escuras e usavam capas. O fogão e o espelho que ficavam por cima foram cobertos com um pedaço de fazenda verde-escuro, que devia ao mesmo tempo servir de fundo para a fotografia.

"À frente do fogão, a dois pés e meio da passagem que ia ter aos fundos do biombo, colocou-se uma cadeira. A lâmpada de magnésio estava em cima de uma mesinha perto do biombo; o Senhor Laws sênior tomou lugar em uma cadeira, muito perto, para acender o magnésio no momento oportuno. Colocou-se o piano no centro do aposento, pouco mais ou, menos, cerca de dez pés distante do fogão; foi em cima do piano que se colocou a máquina fotográfica. O foco foi calculado para o espaço que separava o biombo da cadeira.

Com o fim de determinar melhor a altura das figuras que teriam de aparecer, pregaram-se com alfinetes três folhas de papel branco no pano que cobria o fogão, a quatro pés do soalho, como se pode verificar nas fotografias. As pessoas presentes tomaram lugar em alas, à esquerda, à direita e por trás do piano, e em frente à passagem que dava acesso para o gabinete, lugar onde se esperava que aparecessem os fantasmas. Todos os assistentes tinham formado cadeia. A luz foi diminuída a ponto de nos deixar às escuras. Conservamo-nos assim cerca de uma hora, entoando de vez em quando canções populares. Às nove horas e três minutos, pediram-nos, por pancadas, e depois pelas palavras de um médium em estado de transe, que levantássemos a chama do gás e que acendêssemos uma lâmpada de álcool, a fim de atenuar, para a figura esperada, a transição à luz mais intensa do magnésio, que é indispensável para a fotografia; seguimos essas instruções; o aposento ficou por conseguinte suficientemente iluminado. Às nove horas e quarenta minutos, disseram-nos que conservássemos as nossas chapas prontas. Quando anunciamos que estávamos preparados, um lado do biombo se abriu e divisamos pequena forma feminina ou, pelo menos, um pequeno ser vivo, trajando vestes femininas. Ela se conservava perto do lado aberto, defronte do aparelho. Imediatamente, acendeu-se o fio de magnésio. Uma luz intensa iluminou toda a aparição, e pôde-se ver que ela estava inteiramente envolta por uma veste, que deixava a descoberto apenas o rosto e as mãos, que eram de cor escura carregada, quase negros, sendo uma das mãos mais clara do que a outra. Essa roupagem parecia ser de cassa ordinária, caindo em largas dobras até aos pés; ela tinha o aspecto de ser muito nova, não estando enxovalhada nem machucada. O rosto tinha a cor escura carregada dos pretos: os olhos eram grandes, ternos, as pálpebras abriam-se e fechavam-se pesadamente; eles eram sanguíneos, como os dos negros; o nariz era grande e chato e os beiços espessos e de um vermelho brilhante. Segundo as nossas idéias inglesas, esse rosto não era belo, certamente. Ela mostrava uma espécie da timidez e da surpresa que experimenta geralmente um homem inculto quando se acha subitamente transportado para um meio estranho. A claridade do magnésio distingui perfeitamente os traços desse rosto.

"Entretanto, o fantasma não podia suportar a luz e voltava-se pouco a pouco; por isso não se vê na fotografia número 2 mais do que uma parte do rosto, com as feições completamente apagadas. As sombras que sulcam as vestes são projetadas pelas dobras, por efeito da iluminação em sentido oblíquo. Em todas essas fotografias os pés parece faltarem, e supõe-se que o corpo é mantido por um sustentáculo. A exposição durou dez segundos mais ou menos. Quando o fantasma desapareceu, recebemos a promessa de que ele nos apareceria de novo.

"Depois de termos preparado a segunda chapa, esperamos pela volta da aparição. Dessa vez ela conseguiu olhar-nos de frente: seu rosto assemelhava-se perfeitamente ao que descrevi mais acima. Ela fazia esforços evidentes para conservar-se firme defronte do aparelho, mas, como da outra vez, acabou por ser coagida a desviar-se da luz, de maneira que a fotografia número 3 não é melhor que a precedente. A duração da exposição foi de doze segundos. Pedimos ao fantasma que voltasse uma vez ainda e que ficasse bem defronte do aparelho. Ele prometeu, mas com a condição de que todos os assistentes fechassem os olhos, à exceção do fotógrafo e de seu auxiliar. Essas condições foram aceitas.

"Procedeu-se ao preparativo da chapa; durante esse tempo, fomos avisados de que uma das médiuns seria obrigada a deslocar-se e a sentar-se em uma cadeira, com o fim de sustentar as forças do fantasma durante a exposição. Efetivamente uma das médiuns, que estava envolta em um manto preto, saiu de trás do biombo e colocou-se maquinalmente em uma cadeira. Terminados esses preparativos, a pequena figura mostrou-se de novo e colocou-se ao lado da médium. De acordo com a sua promessa, todos os assistentes fecharam os olhos, e a fotografia número 4 foi tirada. Vê-se ali o contorno indeciso de um rosto que se assemelha de maneira incontestável ao que eu tinha notado desde as suas primeiras aparições. Essa última exposição durou cerca de catorze segundos. O fantasma e a médium desapareceram ambos atrás do biombo. Eram 10 horas e 25 minutos. A perda de força mediúnica tinha sido tão grande que os médiuns só puderam voltar a seu estado normal uma hora depois.

A autenticidade desses fenômenos foi confirmada de maneira indubitável por um fato que se deu mais tarde. As duas médiuns se achavam em Londres, em caso do Senhor Hudson, que tinha obtido fotografias espíritas freqüentemente. Elas se tinham apresentado ali, no intuito de mandar tirar seus próprios retratos e também, mas eventualmente, das aparições que por acaso as acompanhassem. Em um dos retratos nota-se

pequena figura feminina, cujo rosto tem pronunciado semelhança com o que acabo de descrever." ("Medium and Daybreak", n. 289, 15 de Outubro de 1875, págs. 657-658.)

Em uma memória que dirigiu ao Congresso dos Espiritualistas de Londres, em 1877, o Senhor Barkas, depois de ter verificado que as médiuns empregadas nessa experiência eram as senhoritas Wood e Fairlamb, concluíram nos seguintes termos:

"Poderão objetar-me, e não sem visos de fundamento, que, no caso precedente, nenhuma medida de precaução foi tomada, isto é, que não se mudaram os vestidos das médiuns, que não foram amarradas, nem revistadas depois da sessão. Todas essas observações são muito justas, e entretanto, a despeito da ausência daquelas medidas de fiscalização, o fato do aparecimento de uma figura humana indubitavelmente viva e absolutamente dessemelhante das médiuns constitui por si só uma prova suficiente de que esse fantasma não era a pessoa de uma das médiuns, enquanto que, de outro lado, seu rosto móvel, dotado de todos os indícios da vida real, atesta de maneira evidente que não era uma máscara." ("The Spiritualist", n° 234, 13 de Fevereiro de 1877, pág. 77.)

Farei notar aqui que, segundo o Senhor Hartmann, quando uma aparição é absolutamente dessemelhante do médium, em tamanho, aspecto, cor, nacionalidade, não é mais possível admitir-se a transfiguração do médium, e convém procurar outra explicação desses fenômenos. Tal é o caso para a experiência de que aqui se trata; segundo o Senhor Hartmann, a aparição da pequena negra deve pois ser considerada como uma alucinação. Mas, de outro lado, a fotografia que dela foi tirada satisfaz a todas as condições impostas pelo Senhor Hartmann para a prova do contrário; ela deve por conseguinte ser aceita por ele como uma prova suficiente de caráter não alucinatório da aparição. Além de que eu poderia citar ainda muitas experiências desse gênero.

Na segunda experiência, de que tenho que falar, tratar-se-á ainda da aparição clássica de Katie King, fotografada a 7 de Maio de 1873, à luz do magnésio, pelo Senhor Harrison, editor do "The Spiritualist", que, na qualidade de fotógrafo amador, tinha feito por suas próprias mãos todas as manipulações. A descrição circunstanciada dessa experiência, a primeira desse gênero nos anais do Espiritismo, foi feita pelo Senhor Harrison no "The Spiritualist",, páginas 200-201; ela é acompanhada de uma gravura em madeira, reproduzindo a fotografia obtida.

Só tirarei dessa minuciosa descrição os pormenores que são úteis ao meu argumento.

A sessão foi feita em condições da mais severa vigilância. Antes de começar, a Senhora e a Srta. Córner, que assistiam à experiência, na qualidade de testemunhas, conduziram a médium (Srta. Florence Cook) a seu quarto de dormir, onde lhe despiram os vestidos, revistaram-na e lhe puseram uma capa impermeável pardo-escuro diretamente sobre as roupas de dentro, e conduziram-na em seguida para o aposento das sessões, onde o Senhor Luxmoore lhe atou solidamente os pulsos por meio de uma fita de linho. Todos os assistentes examinaram os nós, sobre os quais se colocaram selos; feito isso, instalaram-na no gabinete, que também tinha sido inspecionado previamente. Em carta particular, o Senhor Luxmoore diz que tinha examinado cuidadosamente o gabinete de urna extremidade a outra, enquanto as Sras. Córner, mãe e filha, estavam ocupadas em revistar a Srta. Cook. Ele verifica que naquele gabinete nada poderia ter sido disfarçado sem que tivesse sido descoberto. A fita era presa em um gancho de latão pregado no soalho; comunicava com o exterior por baixo da cortina, de maneira que, ao menor movimento da médium, qualquer fraude seria descoberta imediatamente. Podia-se depositar toda a confiança na solidez dos nós dados pelo Senhor Luxmoore: naquele mister ele se reconhecia na qualidade de marinheiro, que passava a maior parte do tempo a bordo de seu iate. Logo que a médium penetrou o gabinete, caiu em transe, e alguns minutos mais tarde Katie entrou no aposento, completamente vestida de branco, conforme o mencionei mais acima. No fim da sessão todos os assistentes examinaram os nós e os selos e os acharam intactos; só então os desfizeram. As ligaduras eram tão justas que deixaram marcas nos punhos da médium.

Quatro fotografias de Katie King foram tiradas em tais condições. Segundo o Senhor Hartmann, que está na obrigação de nos dar explicações naturais, é a própria médium quem foi fotografada. Mas o Senhor Hartmann esquece que há naquela experiência três fenômenos distintos que exigem por sua vez uma explicação baseada em causas naturais. Quanto ao primeiro fenômeno, se, de acordo com a tese do Senhor Hartmann, a médium atravessou os laços que a prendiam, penetrando depois nesses laços, que ficaram

intactos, achamo-nos em presença de um fato de penetração da matéria, fato transcendente, do qual o Senhor Hartmann não nos dá explicação alguma natural. Segundo fenômeno: a médium, vestindo uma capa impermeável de cor pardo-escura, aparece durante alguns minutos vestida de branco, coberta por um véu branco, com um cinto branco; por conseguinte houve, sempre segundo o Senhor Hartmann, transporte e desaparecimento desses vestidos; esse fato que o Senhor Hartmann admite igualmente, não deixa de ser transcendente, e acerca do qual ele não nos dá explicação alguma natural. Terceiro fenômeno: aparição da figura; a esse fato o Senhor Hartmann encontra uma explicação natural, afirmando que essa figura não é outra mais do que a da própria médium.

Por conseguinte o Senhor Hartmann nos explica um fenômeno natural apoiando-se em dois fenômenos sobrenaturais. Semelhante processo de discussão não poderia ser aprovado por uma crítica qualquer.

Conseqüentemente me é permitido dizer que enquanto o Senhor Hartmann não nos fornecer uma explicação simples e natural dos dois primeiros fenômenos, sua explicação natural do terceiro não será admissível, ainda mesmo no ponto de vista de sua argumentação.

Durante a experiência fotográfica de que se acaba de tratar, deu-se ainda um fato curioso: “lá para o fim da primeira sessão, Katie nos disse que suas forças diminuíam, que ela ia dissolver-se completamente. De fato, sob a influência da luz que se tinha deixado penetrar no gabinete, a parte inferior da aparição desapareceu, e ela diminuiu a tal ponto que tocava no chão com a região occipital; o resto do corpo já não existia. As últimas palavras que ela nos dirigiu eram para nos pedir que cantássemos durante alguns minutos, sem deixar os nossos lugares. Katie fez seu reaparecimento; ela tinha o mesmo aspecto que dantes, e nós conseguimos tirar ainda uma fotografia.”

Em outro lugar, o Senhor Luxmoore escreve: “Pouco depois da produção da primeira fotografia, Katie abriu a cortina e pediu-nos que a olhássemos; ela parecia não ter mais corpo; apresentava um aspecto dos mais estranhos: sua cabeça estava quase ao nível do chão e parecia sustentada apenas pelo pescoço; por baixo da cabeça, via-se sua vestimenta branca.

Se a figura de Katie não tivesse sido fotografada por muitas vezes durante aquela sessão, antes e depois de sua desmaterialização ad visum, certamente o Senhor Hartmann se teria prevalecido dessa circunstância para apresentar um argumento em favor de sua teoria favorita, segundo a qual a aparição de Katie não seria mais do que uma alucinação. Mas, desde o momento em que Katie foi fotografada, não havia alucinação; sua desmaterialização apenas seria uma alucinação provisória; assim, temos para o mesmo fenômeno duas explicações absolutamente contraditórias: em dado momento é a forma da médium que entra em cena; um momento depois, somos o joguete de uma alucinação. Mas, então, por quem é produzida essa alucinação? Pela médium? Assim, a médium, encerrada em um gabinete que tem apenas 37 polegadas de comprimento e 21 de largura, muda em um instante de trajo, veste de novo seus vestidos ordinários, entra em seus laços, despe suas vestimentas brancas (e suas vestimentas são reais, pois que foram fotografadas), depois exibe sobre essas vestimentas a alucinação de sua cabeça. Em vão se procuraria o sentido e os motivos de uma encenação tão bizarra.

Acabamos de estudar duas espécies de experiências de caráter diferente e que se completam reciprocamente: a fotografia de uma forma invisível é confirmada pela fotografia da mesma forma tornando-se visível e vice-versa. Isso quer dizer que a fotografia transcendente serviu para justificar a autenticidade da forma reproduzida pela fotografia ordinária. Mas esses fenômenos, se bem que bastante convincentes por si mesmos, ainda não preenchem as condições impostas pelo Senhor Hartmann vamos explorar agora uma série de fatos que se apresentarão em condições já mui satisfatórias para o comum dos mortais, mas não ainda para o Senhor Hartmann.

c) O médium e o fantasma são vistos ao mesmo tempo; apenas o último é fotografado.

Fotografia de uma forma materializada, sendo essa e o médium visível ao mesmo tempo. E preciso falar em primeiro lugar da nova experiência feita sempre à luz do magnésio pelo Senhor Harrison, cinco dias depois da primeira, isto é, a 12 de Maio de 1873.

O Senhor Harrison obteve ainda quatro fotografias de Katie nas mesmas condições de fiscalização; além disso, dessa vez, a médium se tinha conservado visível durante a; exposição da forma materializada de Katie.

Eis o texto desse relatório (“The Spiritualist”, 1873, pág. 217):

“Nós, abaixo assinados, desejamos testemunhar, uma vez mais, que na sessão da Srta. Cook, a 12 de Maio, Katie saiu do gabinete; ela tinha a estatura habitual, e fez ver sob as mesmas condições de fiscalização, no que diz respeito à ligação da médium, que na sessão de 7 de Maio corrente, e ainda mais: a Srta. Córner (que estava sentada à esquerda do gabinete, em um lugar que lhe permitia ver tudo quanto se passava ali) declarou que tinha visto a Srta. Cook e Katie ao mesmo tempo.

A posição ocupada pelos demais assistentes, que formavam o circuito, não lhe permitia ver o interior do gabinete. A não ser esse fato, teria sido inútil, talvez, publicar um testemunho que não passaria da repetição de nossas experiências anteriores.

Amélia Córner - 3, Saint-Thomas Square Hackney.
Carolina Córner - 3, Saint-Thomas, Square, Hackney.
J. C. Luxmoore - 16, Gloucester Square, Hyde Park.
William H. Harrison - Chaucer Road, Herne Hill.
G. R. Tapp - 18, Queen Margaret's Gro ve, Mildmay Park, London, N.

Na verdade, semelhante testemunho teria podido ser dado desde a primeira experiência pelo Senhor Luxmoore, pois que ele estava sentado perto do gabinete no qual se achava a médium, e porque, no momento em que Katie, abrindo a cortina, se apresentou para serem fotografada ele teria podido olhar para o gabinete e ver a médium (do mesmo modo que a Srta. Córner no caso precedente). Foi só a sinceridade escrupulosa do Senhor Luxmoore que pôde determiná-lo a não fazer imediatamente essa declaração, como se pode inferir de um trecho do discurso que pronunciou em Gower Street, em outubro de 1873, quando se tratava da fotografia espírita. (Ibid., pág. 361.)

As provas fotográficas mais positivas, referentes aos fenômenos classificados nesta categoria, são, indubitavelmente, as que devemos às experiências do Senhor Crookes.

Depois de as ter estudado atentamente, fica-se estupefato com a desenvoltura. afetada pelo Senhor Hartmann a respeito dessas experiências, que estabelecem o fenômeno da materialização de maneira a não deixar subsistir a mínima dúvida acerca de sua realidade.

Eis em que estranhos termos o Senhor Hartmann fala dessas experiências:

“Infelizmente, nessas experiências com a Srta. Cook, o Senhor Crookes não deu prova da circunspeção que se poderia exigir de um homem de ciência: ele julgava que a médium estava bastante fiscalizada por uma corrente galvânica; não fez distinção alguma entre uma materialização e a transfiguração da médium; não levou em conta a influência que exerce a transmissão de uma alucinação sobre a formação de uma transfiguração ilusória.”

Como não terei mais ensejo de falar das experiências do Senhor Crookes, sobre as quais o Senhor Hartmann tenta lançar o descrédito, direi a seu respeito algumas palavras neste lugar.

Da frase agressiva do Senhor Hartmann é preciso reter estas duas acusações dirigidas contra o Senhor Crookes:

1° - Ele se persuadiu de que a presença da médium Cook no gabinete estava suficientemente estabelecida por uma corrente galvânica;

2° - Ele não soube fazer distinção entre a forma materializada e a transfiguração da médium.

A primeira dessas acusações, que deveria ser bem fundamentada, só se baseia nessa breve observação:

"A fiscalização da médium por meio de eletrodos, como o fizeram Crookes e Varley nas sessões físicas da Senhora Fay, pode certamente servir de prova convincente, mas não se poderia dar a mesma importância à fixação nos braços, por esparadrapo, de moedas e de papel mata-borrão umedecido, visto que esses objetos podem ser deslocados e não constituem obstáculo algum aos livres movimentos da médium." ("Espiritismo", pág. 18.)

As três últimas linhas desta nota referem-se a uma experiência feita pelos Srs. Crookes e Varley com a Srta. Cook, no decurso da qual ela foi introduzida no circuito galvânico.

E é com essas três linhas que o Senhor Hartmann pretende negar o valor de experiências feitas com o máximo cuidado e com a mais rigorosa lealdade por dois físicos tão autorizados quanto o são os Srs. Crookes e Varley.

Examinemos imparcialmente essas experiências, para julgar se os fatos dão razão ao Senhor Hartmann ou justificam as suas temerárias acusações.

Parece-nos que basta ler as três linhas que escaparam da pena do Senhor Hartmann para verificar que ele não compreendeu nem o valor nem o alcance da experiência de que se trata.

Para formarmos idéia exata da maneira pela qual se realizou aquela experiência, tão engenhosa quão importante, enviarei o leitor às explicações circunstanciadas que dei no "Psychische Studien", 1874, págs. 341 a 349. Para aqueles que não têm esse volume à disposição, dou aqui um resumo dessa descrição:

"Para estabelecer se a Srta. Cook se achava no interior do gabinete enquanto Katie se apresentava aos assistentes da sessão, fora do gabinete, o Senhor Varley (15) teve a lembrança de fazer atravessar o corpo da médium por uma fraca corrente elétrica, durante todo o tempo em que a forma materializada era visível, e de confrontar os resultados, assim obtidos, por meio de um galvanômetro instalado no mesmo aposento, fora do gabinete...

"A experiência de que falamos foi feita no aposento do Senhor Luxmoore. O aposento de trás foi separado do da frente por meio de uma cortina, para impedir a entrada da luz; ele devia servir de gabinete escuro. Antes de começar a sessão, tomou-se à precaução de inspecionar com cuidado esse gabinete escuro e de fechar as portas à chave. O aposento da frente era iluminado por uma lâmpada de parafina com um anteparo que coava a luz. Colocou-se o galvanômetro em cima do fogão, à distância de 11 pés da cortina.

"Os assistentes eram os Srs. Luxmoore, Crookes, a Senhora Crookes e a Senhora Cook com sua filha; os Srs. Tapp, Harrison e eu (Varley).

"A Srta. Cook ocupava uma poltrona no aposento de trás. Fixou-se com esparadrapo, em cada um de seus braços, um pouco acima dos punhos, uma moeda de ouro, à qual estava soldada uma ponta de fio de platina. As moedas de ouro estavam separadas da pele por três camadas de papel mata-borrão branco, de grande espessura, umedecido em uma solução de cloridrato de amônio. Os fios de platina corriam ao longo dos braços, até as espáduas, e eram presos com cordões, de maneira que deixavam aos braços a liberdade de movimentos. As pontas de fora dos fios de platina eram reunidas a fios de cobre, cobertos de algodão, e iam ter ao aposento iluminado onde se achavam os experimentadores. Os fios condutores estavam ligados a dois elementos Daniell e a um aparelho de confronto. Quando tudo ficou pronto, fecharam-se as cortinas, deixando assim a médium (Srta. Cook) às escuras. A corrente elétrica atravessou o corpo durante todo o tempo da sessão...

"Essa corrente, originando-se nos dois elementos atravessava o galvometro, os elementos de resistência, o corpo da Srta. Cook e voltava em seguida à bateria.)"

Antes da introdução da Srta. Cook na corrente, quando estavam reunidas as duas moedas que formavam os pólos da bateria, o galvanômetro marcava um desvio de 300°.

Depois da introdução da Srta. Cook, as moedas foram colocadas nos braços da médium, um pouco acima do punho, e o galvanômetro não marcou mais de 220°.

Assim, pois, o corpo da médium, introduzido na corrente, oferecia uma resistência à corrente elétrica equivalente a 80 divisões da escala.

O objetivo principal daquela experiência era precisamente conhecer a resistência que o corpo da médium podia oferecer á corrente elétrica.

A menor deslocação dos pólos da bateria, que estavam fixados nos braços da Srta. Cook pelo adesivo, teria inevitavelmente produzido uma mudança na força de resistência oferecida pelo corpo da médium.

Ora, foi em tais condições que a figura de Katie apareceu por muitas vezes na abertura da cortina; mostrou as mãos e os braços, depois pediu papel, um lápis e escreveu perante os assistentes.

Segundo o Senhor Hartmann, teria sido a própria médium quem agiu, "podendo as moedas e o papel mata-borrão ser deslocados, em dois sentidos - para cima e para trás -, permitindo desse modo à médium mover-se livremente". Se as moedas e o papel mata-borrão tivessem sido repuxados até os ombros, de maneira a deixar em liberdade os dois braços da médium, o trajeto percorrido pela corrente elétrica no corpo da médium teria sido reduzido de metade, no mínimo; por conseguinte, a resistência oferecida pelo corpo da médium teria também diminuído de metade, ou 40°, e a agulha do galvanômetro teria subido de 220° a 260°. E entretanto foi o contrário que sucedeu: desde o começo da sessão, não só deixou de haver qualquer aumento de desvio, como, pelo contrário, ele diminuiu constantemente e gradualmente até ao fim da sessão, sob a influência do dessecamento do papel molhado; essa circunstância aumentou a resistência à corrente elétrica e diminuiu o desvio de 220° a 146'.

E fora de dúvida que, se uma das moedas tivesse sido desviada uma polegada apenas, o desvio teria aumentado, e a fraude da médium desmascarada; mas, conforme o disse, o galvanômetro não deixou de baixar.

Fica, pois, estabelecido peremptoriamente que as moedas de ouro aplicadas aos braços da médium não foram deslocadas de um milímetro, que os braços que apareceram e que escreveram não eram os braços da médium, que, por conseguinte, o uso da cadeia galvânica, para se ficar certo da presença da médium atrás da cortina, deve ser considerado uma garantia suficiente; enfim, que as explicações que o Senhor Hartmann apresenta para provar a sua insuficiência, revelam exame pouco aprofundado da experiência em questão.

Além desse erro capital cometido pelo Senhor Hartmann, e que é proveniente de sua ignorância acerca do princípio físico sobre o qual se baseava a experiência, é curioso verificar que o Senhor Hartmann não compreendeu absolutamente a sua extrema delicadeza, apesar de todas as explicações dadas no relatório publicado no "Psychische Studien"; é claro que, usando desse processo, não se tinha unicamente por objetivo conseguir que o aparelho aplicado às mãos da médium ficasse intacto (era a menor preocupação dos operadores), desejava-se, porém, mais que tudo confrontar, registrar os menores movimentos de suas mãos, ficando o aparelho intacto. As variações das condições às quais estava submetida a corrente elétrica, passando pelo corpo da médium, eram indicadas pelo galvanômetro-refletor, instrumento tão sensível que a corrente elétrica mais fraca, transmitida a 3.000 milhas por um cabo submarino, seria registrada.

Por conseguinte, o menor movimento da médium teria também provocado oscilações do aparelho; e a prova disso tirou-se antes da experiência, como se verifica pela passagem seguinte, extraída de um artigo do Senhor Varley, onde todos os movimentos do galvanômetro são consignados minuciosamente, minuto por minuto: "Antes de a médium cair em transe, pediu-se-lhe que fizesse movimentos com os braços; a mudança da superfície metálica, posta em contacto real com o papel e o corpo, produziu um desvio que se elevou de 15 a 20 divisões, e às vezes ainda mais; por conseguinte, se, no decurso da sessão, a médium tivesse feito o menor movimento com as mãos, seguramente o galvanômetro o teria indicado. Na espécie, a Srta. Cook representava um cabo telegráfico no momento do confronto." ("Psychische Studien", 1874, pág. 344.) E o Senhor Hartmann ousa pretender que as moedas e o papel umedecido podiam ter-se deslocado para cima ou para trás sem impedir a médium de aproximar-se do espectador!

Mas para fazer aquela operação e mostrar os braços nus, teria sido preciso que a médium arregace até aos ombros as mangas do vestido, com as moedas, o adesivo, os pedaços de papel, os fios de platina e os laços que mantinham esses fios de platina nos braços. Ela teria sido obrigada a fazer aquela operação a princípio para um braço, depois para o outro. Tudo isso não só sem interromper durante um só instante a corrente elétrica (se a corrente tivesse sido interrompida, ainda que fosse por um décimo de segundo, o galvanômetro teria feito uma oscilação de 290 divisões no mínimo), como ainda sem mesmo provocar outros desvios, além dos resultantes do simples movimento das mãos.

Mas não é tudo. A aceitar-se a explicação do Senhor Hartmann, a médium, antes do fim da sessão, teria posto em seu lugar as mangas do vestido, conservando os aparelhos nos braços. Vimos entretanto que às 7

horas e 45 minutos Katie repetia ainda a experiência da escrita, conservando o braço inteiramente fora da cortina; às 7 horas e 48 minutos, Katie apertou a mão do Senhor Varley e a sessão terminou. Durante esses três minutos o galvanômetro só registrou oscilações insignificantes, compreendidas entre 140° e 1501. Por conseguinte era impossível a médium fazer?s movimentos necessários para restabelecer o status quo ante.

Além Senhor Hartmann esqueceu-se, que Katie nunca aparecia sem uma roupagem branca que ia da cabeça aos pés. Naquela sessão, Katie levantou a cortina e mostrou-se por muitas vezes em seu trajo habitual. Segundo o Senhor Hartmann, isso prova simplesmente que a médium mudara de roupa.

E tudo aquilo se teria feito apesar dos fios de cobre que estavam ligados aos de platina e iam ter ao aposento iluminado.

As objeções que acabo de enumerar, estabelecem que o Senhor Hartmann só estudou mui superficialmente a bela experiência que se oferecia a seu exame. Mas tudo isso é tão claro, tão patente, tão preciso, que toda a discussão se torna supérflua, desde que o princípio físico sobre o qual se baseava a experiência (a apreciação da soma de resistência oferecida pelo corpo da médium à corrente elétrica) fique bem compreendido, e se levar em conta o fato de nunca ter diminuído a cifra que representava aquela força de resistência.

Mas ainda há outro fenômeno que se refere àquela categoria de experiências do Senhor Crookes, e a exposição de tal fato agravará a responsabilidade na qual incorreu o Senhor Hartmann emitindo com tanta leviandade seu juízo sobre o método aplicado pelo Senhor Crookes.

A experiência de que acabamos de falar foi repetida pelo Senhor Crookes sozinho, e, dessa vez, a médium foi introduzida na corrente e Katie King saiu inteiramente de trás da cortina. Eis a passagem do "Psychische Studien" que se refere àquele incidente, que o Senhor Hartmann teria podido ler na mesma página onde começa a narração da experiência do Senhor Varley:

Na segunda sessão, foi o Senhor Crookes quem dirigiu a experiência, na ausência do Senhor Varley. Ele obteve resultados semelhantes, tendo tomado em todo o caso a precaução de não deixar aos fios de cobre senão a extensão precisa para permitir à médium mostrar-se na abertura da cortina, no caso em que ela se deslocasse. Entretanto Katie caminhou cerca de 6 a 8 pés fora da cortina; ela não era retida por fio algum, e a observação do galvanômetro não fez verificar nada de anormal em momento algum. Além disso Katie, a instâncias do Senhor Crookes, mergulhou as mãos em um recipiente que continha iodeto de potássio, sem que resultasse por isso a mínima oscilação da agulha do galvanômetro. Se os fios condutores estivessem em comunicação com a sua pessoa, a corrente se teria dirigido pelo caminho mais curto que lhe oferecia assim o líquido, o que teria ocasionado um desvio maior da agulha." ("Psychische Studien", 1874, pág. 342.)

O Senhor Harrison, editor do "The Spiritualist", que assistiu àquela experiência, e que publicou em seu jornal o relatório que acabamos de citar, mandou inserir no Médium a notícia seguinte, com a aprovação dos Srs. Crookes e Varley:

Senhor Diretor:

Por causa de minha presença em muitas sessões recentes, no decurso das quais os Srs. Crookes e Varley dirigiram uma corrente elétrica fraca através do corpo da Srta. Cook, durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, quando Katie estava fora daquele, algumas pessoas que tomavam parte na sessão instaram para que eu lhe comunicasse os resultados obtidos naquelas experiências, na esperança de que essa cláusula dê em resultado proteger de acusações injustas uma médium leal e sincera.

Quando Katie saiu do gabinete, nenhum fio metálico aderia à sua pessoa; durante todo o tempo em que se conservou no aposento, fora do gabinete, a corrente elétrica não sofreu interrupção alguma, como teria sucedido inevitavelmente se os fios se tivessem soltado dos braços da Srta. Cook, sem que suas pontas fossem repostas em contacto.

Admitindo mesmo que tal fato se tivesse dado, a diminuição da resistência se, teria posto em evidência imediatamente pela agulha do galvanômetro. Nas experiências de que se trata, foi evidentemente demonstrado que a Srta. Cook estava no gabinete enquanto Katie se mostrava fora daquele.

As sessões efetuaram-se: umas no aposento do Senhor Luxmoore, outras no do Senhor Crookes. Antes de lhe dirigir a presente, fiz a sua leitura perante os Srs. Crookes e Varley, que deram a sua aprovação.

11, Ave Maria lane, 17 de Março de 1874.

William H. Harrison.

Aliás, o artigo do "Psychische Studien" devia bastar ao Senhor Hartmann se ele tivesse querido lê-lo com a necessária atenção. Como conseguirá ele provar "a insuficiência da fiscalização pela corrente galvânica"? Para onde, pois, as moedas e o papel umedecido puderam "deslizar"? Sem se ter dado ao trabalho de estudar a fundo e de procurar compreender as belas experiências dos Srs. Crookes e Varley, ele se apressa em tratar esses dois sábios físicos como se fossem crianças que considerassem a Ciência uma brincadeira. Para destruir o valor das experiências desses, ele dá as primeiras explicações que lhe passam pela mente. O que é permitido ao cronista que diverte o público, à custa da verdade, não fica bem no filósofo que pretende respeitá-la.

A propósito dessas experiências com a corrente galvânica, devo mencionar ainda outro meio de verificar a materialidade e, por conseguinte, a realidade objetiva de uma aparição.

Esse método, que tinha sido sugerido ao Senhor Crookes pelo Senhor Varley, foi posto em execução pelo primeiro dos dois sábios. Infelizmente só possuímos, acerca desse assunto, as poucas explicações seguintes do Senhor Harrison:

"Os pólos opostos de uma bateria foram postos em comunicação com dois vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou em força; mas quando a Srta. Cook saiu do gabinete e introduziu os dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou um desvio considerável. Katie King oferecia à corrente uma resistência cinco vezes maior do que a Srta. Cook."("The Spiritualist", 1877, pág. 176.)

Dessa experiência podemos concluir que a condutibilidade elétrica do corpo humano é cinco vezes maior do que a de um corpo materializado.

Passemos à segunda exprobração que o Senhor Hartmann dirige ao Senhor Crookes. Esse não teria sabido fazer a distinção "entre a formação de uma figura e a transfiguração da médium", e não teria "levado em conta à influência que exerce a alucinação sugerida na produção de uma transfiguração ilusória." (Pág. 18.) Examinemos pois o argumento do Senhor Crookes e o método, que ele emprega. Antes de admitir a formação material de Katie King, ele tinha tomado por princípio a necessidade de obter uma prova absoluta; essa prova devia fundar-se no fato seguinte: a médium e a forma materializada deveriam ser vistos ao mesmo tempo. O Senhor Crookes diz textualmente:

"Ninguém veio afirmar de maneira categórica, baseando-se no testemunho dos sentidos, que no momento em que a aparição, denominando-se Katie, era visível no aposento, que o corpo da Srta. Cook se achava ou não no gabinete. Parece-me que toda a questão se reduz na solução dessa alternativa. Demonstre-se o bom fundamento de uma ou de outra dessas suposições, então, todas as questões secundárias cairão por si mesmas; mas essa prova deve ser absoluta e não baseada em raciocínios, ou na pretendida integridade dos selos, dos nós e das costuras," ("Psychische Studien", 1874, página 290.)

Desde que o Senhor Crookes se tinha imposto um princípio tão rigoroso, andar-se-ia mal avisado acusando-o de "falta de circunspeção" e pretender que ele tivesse desprezado as cautelas de fiscalização necessárias para certificar-se de que não se achava em presença de simples transfiguração da médium. A prova absoluta que ele desejava tinha, precisamente por objetivo eliminar tal eventualidade.

Dois meses mais tarde, o Senhor Crookes nos escrevia:

"Sinto-me feliz em lhe poder informar que afinal consegui estabelecer a prova absoluta de que falei em minha precedente carta."

Eis a descrição que ele faz de sua experiência:

Katie declarou que supunha estar daquela vez no caso de mostrar-se ao mesmo tempo em que a Srta. Cook. Ela convidou-me a apagar o gás e a voltar com a minha lâmpada de fósforo, ao aposento que servia então de gabinete. Procedi de acordo com o seu desejo, depois de ter pedido a um de meus amigos, perito

estenógrafo, que escrevesse cada uma das palavras que eu pronunciasse, quando estivesse no gabinete; eu sabia quão pouco devia confiar na importância das primeiras impressões, e não desejava confiar na memória, além do que era lícito. As notas tomadas estão presentes. Andei com cautela no aposento, que então se achava às escuras, e procurei às apalpadelas pela Srta. Cook, que encontrei deitada no chão. Ã luz fosfórea, divisei aquela moça, vestida de veludo preto, como na primeira parte da sessão. Ela me parecia privada dos sentidos; não fez movimento algum quando lhe tomei a mão e aproximei-lhe a luz do rosto, e continuou a respirar tranqüilamente.

"Levantei a lâmpada, e, lançando um olhar em redor de mim, vi Katie em pé, justamente por trás da Srta. Cook. Ela trazia ampla túnica branca, como nos tinha aparecido havia pouco. Segurando sempre a mão da Srta. Cook, ajoelhado no soalho, dirigi alternativamente a lâmpada para cima e para baixo, a fim de iluminar a forma inteira de Katie e de me certificar assim de que tinha realmente diante de mim essa mesma Katie que eu tinha sustido em meus braços alguns momentos antes, e de que não era ludíbrio da ilusão de um cérebro sobrexcitado. Sem dizer coisa alguma, ela me fazia acenos com a cabeça e sorria para mim com semblante amável.

"Por três vezes, examinei cuidadosamente a Srta. Cook, deitada a meu lado, para ficar convicto de que a mão que eu segurava pertencia a uma mulher viva, e por três vezes dirigi o clarão da lâmpada sobre Katie, examinando-a com atenção ininterrupta, até que não me ficasse dúvida alguma acerca da sua realidade objetiva. Finalmente a Srta. Cook se moveu e imediatamente Katie me acenou para que eu me retirasse. Dirigi-me à outra extremidade do aposento e não vi mais Katie; porém só me retirei dali quando a Srta. Cook despertou e entraram, trazendo luz, duas pessoas que tinham tomado parte na sessão." ("Psychische Studien", 1874, págs. 388 e 389.)

Como é precioso para essa questão tudo quanto sai da pena do Senhor Crookes, dou aqui um testemunho suplementar dessa prova absoluta, contida em uma carta do Senhor Crookes ao Senhor Cholmondeley Pennell, escrita em resposta às dúvidas emitidas por esse último. O Senhor Pennell cita essa resposta em carta que publicou no "The Spiritualist" pág. 179. E desse jornal que a transcrevemos.

No decurso dessa experiência, eu estava mui profundamente compenetrado de sua importância para que desprezasse qualquer medida de averiguação que me parecesse de natureza a poder torná-la mais completa. Tendo conservado durante todo o tempo em minha mão a da Srta. Cook, ajoelhado perto dela, aproximando a lâmpada de seu rosto e vigiando sua respiração, tenho base suficiente para estar persuadido de que não fui mistificado por meio de um manequim ou de uma trouxa de vestidos; quanto à identidade de Katie, estou igualmente convencido. Sua estatura, seus modos, seu rosto, sua conformação, seu trajo, assim como seu sorriso gracioso eram indubitavelmente os mesmos que eu tinha visto por tantas vezes; o exterior de Katie me era tão familiar quanto o da Srta. Cook, pois que eu o tinha olhado freqüentemente durante muitos minutos, à distância de algumas polegadas apenas e perfeitamente iluminado.

Em seu terceiro artigo publicado no "Psychische Studien" 1875, pág. 19), o Senhor Crookes dá os pormenores seguintes: "Há muito pouco tempo é que permite Katie que eu faça o que desejo: tocá-la, entrar no gabinete e sair dele, como me apraz; acompanhei-a freqüentemente de perto quando ela entrava no gabinete. Então eu a via ao mesmo tempo em que a médium; porém, as mais das vezes só encontrava a médium, que estava imersa em transe e deitada no soalho, ao passo que Katie tinha desaparecido subitamente.

É, pois, de evidência perfeita, segundo as observações do Senhor Crookes, que não se poderia tratar de uma transfiguração da médium. E o Senhor Hartmann nos vem afirmar, apesar de tudo e com imperturbável seriedade, que o Senhor Crookes não soube fazer a distinção entre a produção de uma forma independente e a transfiguração da médium, quero dizer: ele tomou Katie King por uma forma independente, ao passo que tudo aquilo não passava de uma transfiguração da Srta. Cook. Afirmação bizarra, pois que as duas formas eram visíveis ao mesmo tempo!

Vê-se que, logicamente, o Senhor Hartmann, de acordo com a sua própria teoria, só poderia ter recorrido à alucinação para explicar as experiências do Senhor Crookes. Ora, é bom notar que o Senhor Hartmann, por um raciocínio inexplicável, evita obstinadamente acusar o Senhor Crookes de ter sido ludíbrio de uma alucinação; ele persiste em afirmar, pelo contrário, que os fenômenos em questão, que o Senhor

Crookes teria tomado por uma materialização, não eram outra coisa mais do que uma transfiguração da médium. Mas, de uma maneira instintiva,, adivinham-se facilmente as razões dessa lógica. O Senhor Hartmann sabia perfeitamente que teria de contar com as fotografias obtidas pelo Senhor Crookes. O que era ontem uma alucinação poderia tornar-se amanhã uma fotografia, com a qual ele seria obrigado a contar.

Eis-nos reconduzidos ao nosso assunto: a realidade das materializações está provada pelas fotografias tiradas enquanto a médium e o fantasma são visíveis ao mesmo tempo. Fiel a seu princípio de encontrar uma prova absoluta, o Senhor Crookes fez muitas experiências desse gênero. Damos aqui a seu respeito os pormenores essenciais:

"Na última semana antes de seu desaparecimento definitivo, Katie aparecia quase todas as noites, nas sessões que eu tinha organizado em minha casa a fim de achar-me em condições de fotografá-la com o auxílio de uma luz artificial. Para tal fim, prepararam-se cinco aparelhos fotográficos completos, para que a operação não sofresse demora; era eu mesmo, aliás, quem fazia todas as manipulações com o auxílio de um ajudante.

"Minha biblioteca servia de gabinete escuro. Uma porta de duas bandeiras conduz desse aposento a um laboratório. Uma das bandeiras foi retirada e substituída por uma cortina, a fim de permitir a Katie passar mais facilmente. Os amigos que assistiram àquela sessão instalaram-se nesse laboratório, defronte da cortina; as câmaras escuras eram dispostas por trás deles, todas preparadas para receber a imagem de Katie, à sua saída do gabinete, bem como tudo quanto se achasse no aposento, no instante em que se abrisse a cortina. Todas as noites três ou quatro negativos foram obtidos em cada uma das câmaras escuras, o que perfazia na média cerca de quinze fotografias diferentes, muitas das quais se inutilizou no ato de serem reveladas, algumas outras enquanto se graduava a intensidade da luz. Possuo ao todo quarenta e quatro negativos, muitos dos quais mal sucedidos, outros, sofríveis e alguns muito bem acabados.

Ao entrar no gabinete, a Srta. Cook deitava-se no soalho, com a cabeça sobre um travesseiro, e caía logo em transe. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça de sua médium em um chalé, para impedir que a luz desse em seu rosto. Muitas vezes levantei a cortina de um lado, quando Katie se conservava ao lado da Srta. Cook, então sucedia freqüentemente que todos os assistentes, em número de sete a oito, pudessem contemplar ao mesmo tempo Katie e a Srta. Cook, graças a uma intensa iluminação elétrica. Nessas ocasiões, não víamos, é verdade, o rosto da médium, por causa do chalé que o cobria, mas podíamos ver suas mãos e pés, observar seus movimentos, que denotavam incômodo sob a influência da luz, e podíamos ouvir os gemidos que ela dava às vezes. Possuo uma fotografia que as apresenta juntamente, mas Katie está sentada diante da Srta. Cook, de maneira que encobre sua cabeça. ("Psychische Studien", 1875, págs. 19-21.)

A prova absoluta que o Senhor Crookes procurava, obteve-a igualmente pela fotografia, e ela vem assim corroborar a que o testemunho dos sentidos lhe tinha dado anteriormente.

Do que precede, como concluir que em suas experiências, com a Srta. Cook, o Senhor Crookes não tenha sabido fazer a distinção entre uma formação material independente e uma transfiguração da médium?

Pois bem que diz o Senhor Hartmann sobre as fotografias obtidas pelo Senhor Crookes? E muito simples: ele afirma, com perfeita convicção, que a imagem reproduzida é a da médium, sem se dar ao trabalho de verificar qual podia ser a pessoa que se via por trás da cortina, enquanto se procedia do lado de fora à fotografia da forma materializada.

Ser-lhe-ia, entretanto, muito fácil dizer que aquilo não passava de uma modalidade da alucinação: a figura fotografada era a médium transfigurada; a que se via deitada no chão atrás da cortina, e que se tomava pela médium, não passava de uma alucinação sugerida pela médium aos assistentes. O método crítico aplicado nessa circunstância se apresentaria pois assim: quando não se trata de fotografias, e o médium e o fantasma são vistos ao mesmo tempo, o fantasma é uma alucinação; mas quando há experiência fotográfica, e se vê simultaneamente o médium e o fantasma reproduzidos na chapa, então é o médium que se torna uma alucinação.

O Senhor Hartmann teria procedido bem se nos dissesse se sanciona tal método de argumentação; mas ele nada nos diz a respeito.

Há também outro ponto de natureza a criar algumas dificuldades ao Senhor Hartmann. O Senhor Crookes define exatamente as dessemelhanças verificadas por ele entre a Srta. Cook e Katie: “A estatura de Katie King é variável: em minha casa eu a vi excedendo em seis polegadas a da Srta. Cook. A noite passada, ela era maior que a Srta. Cook apenas quatro polegadas e meia; estava descalça. Seu pescoço estava a descoberto, e eu pude verificar que ela tinha a pele sedosa e igual, enquanto que a Srta. Cook tem no pescoço a marca de larga cicatriz, muito visível e que se sente ao tato. As orelhas de Katie não são furadas; a Srta. Cook, pelo contrário, usa habitualmente brincos; Katie é muito loura, a Srta. Cook muito morena; os dedos de Katie são muito mais afilados que os da Srta. Cook, e seu rosto mais largo.” (“Psychische Studien”, Setembro de 1874, pág. 389.) Vejamos a explicação categórica que nos apresenta o Senhor Hartmann relativamente a esses pormenores.

“Enquanto se trata de dessemelhanças pouco importantes entre o fantasma e o médium (por exemplo como nas experiências do Senhor Crookes), a entrada do médium em cena não tem evidentemente por fim senão facilitar a transmissão da alucinação.” (Págs. 95 e 96.)

Deixaremos de lado a questão da oportunidade do emprego da expressão “pouco importantes”, contentando-nos em notar este fato principal: segundo o Senhor Hartmann, essas dessemelhanças ou “desvios” seriam pois alucinações que o médium teria produzido sobre si mesmo. Admitamos o fato. Mas o Senhor Hartmann esquece que entre esses “desvios” há um que foi verificado pelo Senhor Crookes, materialmente e de maneira permanente, a saber: a diferença na cor dos cabelos. Eis o que ele diz a respeito: “Tenho à vista um cacho proveniente da opulenta cabeleira de Katie; com a sua permissão, cortei-a, depois de ficar convicto, apalpando-o até as raízes, de que ele tinha nascido realmente em sua cabeça; esse cacho é de um castanho muito claro, ao passo que os cabelos da Srta. Cook são de um escuro que os faz parecer negros.” (“Psychische Studien”, 1875, pág. 22.) Essa prova material vale bem a evidência de uma chapa fotográfica! Ou antes, por acaso, quando o Senhor Crookes cortava aquela mecha “não teria ele reparado que precisamente aquela mecha apresentava uma coloração notavelmente diferente da cor do resto da cabeleira”? (“Spiritismus)”, pág. 89.) Talvez a alucinação se tenha limitado àquela mecha especial, como também a “cicatriz”, as “orelhas” e os “dedos”? O Senhor Hartmann esquece-se também de tomar em consideração entre essas “semelhanças” a estatura das duas pessoas, que foi medida. Uma diferença de quatro e meia a seis polegadas na altura não é uma quantidade para desprezar.

O Senhor Hartmann seria tentado a afirmar que a medição foi feita em estado alucinatório? Então ele iria de encontro a algumas dificuldades: O Senhor Crookes verificou essa diferença de estatura pela fotografia, lançando mão de um processo muito engenhoso e convincente. Eis o que lemos: “Uma das mais interessantes fotografias é aquela em que sou reproduzido ao lado de Katie. Ela estava de pé, com os pés descalços, em local determinado; depois da sessão, vesti na Srta. Cook uma roupagem semelhante a que era usada por Katie; coloquei-a exatamente na mesma posição em que ela estava e retomei o local que ocupava dantes; para fotografá-la fez-se uso dos mesmos aparelhos, com a mesma iluminação. Essas duas fotografias superpostas, são conformes quanto à minha estatura pessoal, porém Katie é maior que a Srta. Cook cerca de meia cabeça e parece uma senhora alta ao seu lado. Em muitas fotografias as dimensões de seu rosto a distinguem de sua médium de maneira notável; as mesmas imagens denotam ainda outras dessemelhanças.” (“Psychische Studien”, 1875, páginas 21-22.)

A metade de uma cabeça basta de sobra para provar que não houve na espécie uma “transmissão de alucinação”, como o pretende o Senhor Hartmann (“ Espiritismo)”, pág. 96). Qual é pois sua opinião a respeito dessa fotografia? Ele não fica embaraçado por tão pouca coisa: é sempre o próprio médium quem é reproduzido na fotografia. Ele diz textualmente: “Admitindo para os médiuns a faculdade de penetrar a matéria, é claro que somos coagidos a recorrer a outros processos além do isolamento do médium, para estabelecer a sua não identidade com o fantasma... Todas as experiências em que essa não identidade só é baseada no isolamento deve ser recusado por não fornecerem nenhuma prova convincente; tudo o que é produzido pela aparição, em tais condições, deve ser considerado como ato realizado pela médium: se, por exemplo, ela corta uma mecha de cabelos e os distribui pelos assistentes; passa-se no meio deles, conversa com eles, se deixa fotografar, etc., é sempre a médium.” (“Psychische Studien”, II, páginas 19-20, 22; “Espiritismo), págs. 88, 89”.)

As citações do “Psychische Studien” feitas pelo Senhor Hartmann se referem, como se vê, precisamente às experiências do Senhor Crookes, das quais se acaba de falar. Mas trata-se aqui de um “isolamento dos médiuns”? Aprova da não identidade do médium e do fantasma não se baseia, nessas experiências, precisamente sobre um principio completamente diferente?

Assim, pois, eis toda a atenção que o Senhor Hartmann aquiesce em prestar às experiências de materialização do Senhor Crookes, que gozam, com justa razão, entre os espíritas, da mais alta autoridade. Tínhamo-nos preocupado particularmente com a opinião que um filósofo, um pensador como o Senhor Hartmann, emitiria acerca de tais investigações; tínhamos a convicção de que essas experiências decisivas (o circuito galvânico e a fotografia) seriam especialmente e conscienciosamente examinadas por ele; e, pelo menos, quando vimos o Senhor Hartmann iniciar a discussão acusando o Senhor Crookes de ter carecido de “senso crítico”, esperávamos ainda que ele nos expusesse com todas as circunstâncias necessárias as razões pelas quais declara que as experiências do Senhor Crookes não correspondem às exigências impostas a um “pesquisador sério”.

Ao revés, não descobrimos, esparsas em seu livro, mais de umas vinte linhas, em que se vêem afirmações gerais arbitrárias, em contradição com os fatos, de maneira tal que o leitor, que não se desse ao trabalho de confrontar as afirmações temerárias do Senhor Hartmann com as afirmativas leais do Senhor Crookes, formaria uma idéia completamente falsa dos meios empregados por esse último para o estudo de fenômenos, inverossímeis até o mais alto ponto, e que devem ser tratados com muita circunspeção e prudência, por um homem de ciência que se respeita, e que sabe que empenha a sua reputação proclamando publicamente a existência de tais fenômenos.

Quando um filósofo, como o Senhor Hartmann, acusa um físico de primeira ordem, qual o Senhor Crookes, de não ter mostrado em suas experiências o grau de circunspeção que se pode esperar de um homem de ciência.(pág. 18), tem o dever, antes de tudo, de demonstrar que ele próprio deu prova dessa circunspeção cujas condições essenciais são: compreender a fundo o que se critica e explicá-lo com clareza.

Vejo-me na necessidade de verificar, com grande pesar, que o Senhor Hartmann não procedeu lealmente para com o Senhor Crookes e que a acusação de “carecer de senso crítico” deve-lhe ser devolvida.

Onde procurar a causa de tão estranhas condutas? O Senhor Hartmann acusa os espíritas “de se deixarem guiar em suas pesquisas unicamente por suas simpatias” (pág. 20). Que os espíritas se contentem com esta acusação; eles não são os únicos que se deixam fascinar por interesses de tal natureza.

Mas não terminamos ainda com as asserções errôneas do Senhor Hartmann a respeito das fotografias do Senhor Crookes, se bem que o Senhor Hartmann tenha a prudência de não nomeá-lo. E assim que na passagem seguinte (pág. 97) ele fala de novo dessas fotografias.

E certo que todas as experiências fotográficas feitas até hoje sobre aparições percebidas pelos assistentes testemunham contra a objetividade desses fenômenos, pois que todas elas deram resultados negativos, à exceção dos casos em chie a médium foi fotografada, e então as reproduções não têm nitidez suficiente para estabelecer se conseguiu fotografar, ao mesmo tempo em que a médium, a imagem ilusória que a envolve; por outra, se a fotografia obtida representa o próprio fantasma, e não a médium que ele reveste. (Pág. 97.)

Em toda essa passagem, muito confusa, apenas compreensível, de que pretende falar o Senhor Hartmann? Qual é a generalidade das experiências fotográficas feitas até hoje que teriam “dado resultado negativo”? E quais são as fotografias que “fazem exceção,? Porque não indica a fonte das informações sobre as quais baseia tal afirmação? Mas, já que o Senhor Hartmann (segundo os documentos de que dispunha e cuja fonte cita em seu livro) não pôde ter conhecimento de “outras experiências fotográficas feitas sobre aparições percebidas pela assistência”, além das publicadas no “Psychische Studien”, onde não são referidas senão as experiências fotográficas do Senhor Crookes, é evidente que a passagem acima citada não se refere senão a essas fotografias; e tanto mais certo que, imediatamente depois desse parágrafo ele fala da fotografia do Senhor Crookes, sobre a qual a médium e a forma materializada aparecem ao mesmo tempo. De tudo isso resulta que, na passagem citada, as palavras “todas as experiências fotográficas feitas sobre fantasmas vistos pelos assistentes... em todos os casos referidos até o presente, conduziram a insucesso” não têm sentido algum preciso, não se aplicam à coisa alguma: - não houve tentativas sem resultado”.

E do mesmo modo difícil compreender a segunda metade da mesma passagem, na qual o Senhor Hartmann afirma que nos casos em que o “resultado não foi negativo”, e em que “a própria médium foi fotografada”, as imagens são por demais indistintas para que se possa verificar se, além da médium, a fotografia também reproduziu as “vestimentas ilusórias nas quais estava vestida.

Que é preciso entender por “vestimentas ilusórias nas quais a médium estava vestida”?

Conforme o que se lê nas páginas 90 e 103, é preciso compreender que são as vestimentas brancas em forma de véus e “as peças de vestidos alucinatórios” por meio dos quais a médium produz a ilusão desejada. Em que se funda o Senhor Hartmann para dizer que sobre essas fotografias não se vêem as “vestimentas ilusórias que vestiam a médium”? Que fotografias ele viu? De quais ele fala? Ele no-lo deveria dizer com muita exatidão. As fotografias de formas materializadas não são numerosas; não se contam mais de algumas, poucas, e, por minha parte, não conheço aquelas às quais se possam aplicar as asserções do Senhor Hartmann.

Posso certificar, pelo contrário, que em todas essas fotografias - que eu possuo, compreendendo nesse número os exemplares que recebi do Senhor Crookes - “a ilusão que veste a médium”, de que fala o Senhor Hartmann, é perfeitamente fotografada e que por conseguinte a fotografia representa efetivamente o que o Senhor Hartmann chama só fantasma.

Farei aqui uma breve digressão, contando minha entrevista com Katie King, entrevista cuja narração nunca foi publicada pela imprensa estrangeira.

Era em 1873. O Senhor Crookes já tinha publicado seus artigos sobre a força psíquica, mas não acreditava ainda nas materializações, acrescentando que só acreditaria nelas quando tivesse visto, ao mesmo tempo, a médium e a forma materializada. Achando-me em Londres, naquela época, eu desejava naturalmente ver com os meus próprios olhos esse fenômeno, único então. - Tendo travado relações com a família da Srta. Cook, fui gentilmente convidado para assistir à sessão que devia realizar-se a 22 de Outubro. Reunimo-nos em pequeno aposento que servia para sala de jantar. A médium, a Srta. Florence Cook, tomou lugar em uma cadeira no ângulo formado pelo fogão e a parede, por trás de uma cortina suspensa em argolas. O Senhor Luxmoore, que dirigia a sessão, exigiu que eu examinasse perfeitamente o aposento e também as ligaduras da médium, pois julgava que essa última precaução era sempre indispensável. Em primeiro lugar, ele amarrou cada uma das mãos da médium, separadamente, com um cordão de linho, lacrou os nós; depois, reunindo as mãos por trás das costas, ligou-as conjuntamente com as pontas do mesmo cordão, e de novo lacrou os nós; depois, ligou-as ainda com uma longa fita que enrolou do lado de fora da cortina, em um gancho de cobre e que foi amarrada à mesa perto da qual ele estava sentado, de tal maneira que a médium não pudesse mover-se sem transmitir um movimento à fita. O aposento era iluminado por pequena lâmpada colocada por trás de um livro. Ainda não tinha decorrido um quarto de hora, quando a cortina foi levantada suficientemente de um lado, para descobrir uma forma humana, de pé perto da cortina, vestida completamente de branco, com o rosto descoberto, mas tendo os cabelos envoltos em um véu branco; as mãos e os braços estavam nus. - Era Katie.

Na mão direita segurava um objeto que entregou ao Senhor Luxmoore, dizendo-lhe: “E para o Senhor Aksakof; faço-lhe presente de tudo...” Ela me oferecia um pequeno púcaro de doce? E a entrega desse presente provocou um riso geral. Como se acaba de ver, o nosso primeiro encontro nada teve de místico.

Tive a curiosidade de perguntar donde vinha esse púcaro de doce.

Katie me deu esta resposta, não menos prosaica do que o seu presente:

- Da cozinha.

Durante toda essa sessão ela conversou com os membros do círculo; sua voz era fraca; não se percebia mais do que ligeiro cochicho. Ela repetia de instante a instante: “Façam-me perguntas, perguntas sensatas”. Então eu lhe perguntei:

- Não podes mostrar-me a tua médium?

Ela me respondeu:

- Sim, vem depressa e olha.

Imediatamente abri a cortina, da qual eu não distava mais de cinco passos; a forma branca tinha desaparecido e, diante de mim, em um ângulo sombrio, divisei a médium sempre sentada na cadeira; ela

trajava um vestido de seda preta e por conseguinte eu não podia vê-Ia mui distintamente, na sombra. Desde que voltei ao meu lugar, Katie reapareceu perto da cortina e me perguntou:

- Viste bem?

- Não muito bem - respondi -; está bastante escuro atrás da cortina.

- Então leva a lâmpada e olha o mais depressa que puderes - respondeu Katie.

Em menos de um segundo, de lâmpada em punho, cheguei ao lado de trás da cortina. Todo vestígio de Katie tinha desaparecido. Achei-me em presença da médium, sentada na cadeira, imersa em sono profundo, com as mãos amarradas por trás das costas. A luz da lâmpada, refletindo-se em seu rosto, produziu o efeito costumado: a médium gemeu, fazendo esforços para despertar; um diálogo interessante estabeleceu-se, por trás da cortina, entre a médium, que se esforçava em despertar completamente, e Katie, que desejava adormecê-la ainda; mas Katie teve que ceder: despediu-se dos assistentes e o silencio se fez. Estava terminada a sessão.

O Senhor luxmoore convidou-me a examinar atentamente os nós, os laços e o selos; tudo estava intacto; quando eu tive que cortar os laços, experimentei grande dificuldade em introduzir a tesoura por baixo das fitas, tão fortemente apertados estavam os punhos.

Examinei de novo o gabinete, logo que a Srta. Cook o deixou. Ele não media mais do que cerca de um metro de largura e menos de meio metro de fundos; as duas paredes eram de tijolo. Para mim era evidente que não tínhamos sido ludíbrio de uma mistificação por parte da Srta. Cook. Mas então donde tinha vindo e por onde tinha desaparecido essa forma branca, viva, falante - uma verdadeira personalidade humana?

Estou bem lembrado da impressão que experimentei naquele dia. Certamente eu estava preparado com antecedência para ver aquelas coisas, e, entretanto, experimentava dificuldades em dar crédito a meus olhos. O testemunho dos sentidos e a própria lógica coagiam-me a acreditar, ao passo que a razão se opunha a isso, tão certo é que a força do hábito subjuga todos os nossos raciocínios: quando estamos habituados com uma coisa, julgamos compreendê-la.

Um observador superficial suporá mui naturalmente que o papel de Katie foi representado por uma pessoa qualquer que se tivesse introduzido por uma abertura habilmente dissimulada.

Mas não esqueçamos que as sessões não se tinham realizado sempre no aposento ocupado pela família Cook. Assim, tive o ensejo, a 28 de Outubro, de tornar a ver Katie em uma sessão que foi organizada em casa do Senhor Luxmoore - homem de fortuna -, antigo Juiz de Paz. Os convidados eram em número de quinze.

Esperando a chegada da Srta. Florence Cook, examinamos o aposento que devia servir de gabinete escuro e que dava passagem para o salão. Havia ali uma segunda porta, que o Senhor Dumphey (redator do “Morning Post”) fechou à chave; ele guardou a chave no bolso. Em pouco tempo chegou a Srta. Florence, acompanhada por seus pais; fizeram-na sentar-se em uma cadeira, perto da porta que comunicava com o salão, e o Senhor Luxmoore amarrou-a, mas não da mesma maneira que na sessão precedente: a cintura e os braços estavam ligados separadamente; o cordão que prendia a cintura era ainda dessa vez passado por baixo de um gancho de cobre fixado no soalho, perto da cadeira ocupada pela Srta. Cook, que, em seguida, foi conduzida até o salão; os nós do cordão foram selados, como da primeira vez, pelo Senhor Luxmoore. Todos os convidados assistiram àquela operação, depois da qual passamos ao salão. As cortinas foram cerradas; tomamos lugar defronte, em semicírculo. O aposento estava iluminado suficientemente. Em breve, a cortina abriu-se cerca de um pé e a forma de Katie apareceu na porta, vestida como de ordinário, e sustentou suas conversações habituais. O cordel que jazia no soalho não se movia. Katie insistiu ainda para que lhe propusessem perguntas sensatas.

Externei o desejo que tinha de que ela se aproximasse mais de nós; que passeasse pelo aposento; que desse um passo apenas, como o tinha feito nas sessões precedentes; ela respondeu que não poderia fazê-lo naquela noite. Desapareceu por um instante e reapareceu segurando entre as mãos um grande jarro japonês que estava no quarto em que se achava a Srta. Cook, porém à grande distância da cadeira na qual ela estava amarrada. O jarro foi retirado das mãos de Katie, que girou três vezes em torno de um mesmo ponto. Por esses movimentos ela queria evidentemente demonstrar-nos que seu corpo e mãos estavam livres de obstáculos, e, por conseguinte, que não era a médium que se nos mostrava.

A sessão durou cerca de uma hora. Katie apareceu e desapareceu por muitas vezes. Finalmente a Srta. Cook começou a despertar; teve ainda uma conversa com Katie, e a sessão terminou como precedentemente. Um dos assistentes examinou os selos e os nós, cortou os cordéis e retirou-os.

Em meu canhenho de notas, encontro a seguinte noticia, referindo-se à época das experiências de que estamos tratando: Confesso que as sessões da Srta. Cook me impressionaram profundamente: por um lado eu hesitava em dar crédito a meus olhos, e entretanto a evidência dos fatos, as condições em que eles se tinham realizado, coagiam-me a aceitá-los. Mas não pude deixar de considerar todo aquele luxo de ligaduras pouco apropriado para inspirar confiança completa; seu resultado é infligir ao médium um incômodo penoso e enervador.

"A demonstração não seria por conseguinte mais convincente se a Srta. Cook estendesse um braço sem deixar o lugar onde estava, e pousasse a mão, por exemplo, em uma cadeira, fora da cortina, de maneira que o espectador pudesse ver simultaneamente o fantasma e aquela mão, ou ainda melhor - desde que nenhuma das partes do corpo da médium pode, diz-se, suportar a luz - se a própria Katie desviasse a cortina com a mão, visível a todos, fazendo-nos assim ver a médium, ainda que por um instante, como eu lhe tinha pedido que fizesse. Pretende-se que ela prometeu deixar-se fotografar algum dia no mesmo clichê juntamente com a médium."

Ela cumpriu essa promessa. Ninguém teria imaginado naquela época que essas experiências fotográficas tivessem de ser feitas pelo Senhor Crookes, que não acreditava ainda nos fenômenos da materialização.

No decurso de uma conversação que tive com Crookes, depois das sessões referidas, ele pediu minha opinião acerca dessas manifestações. Respondi-lhe que me julgava coagido a considerá-las autênticas. (Ele me replicou: "Nenhuma ligadura me fará acreditar nesse fenômeno; conforma posso julgar, a ligadura não oferece obstáculos à força em atividade; só me darei por convencido quando vir ao mesmo tempo à médium e a figura materializada.)"

Foi algum tempo depois de minha partida de Londres que ocorreu o incidente que pretendeu ter conseguido "desmascarar" a Srta. Cook e que deu em resultado colocá-la nas mãos do Senhor Crookes. Sabem-se como as coisas se passaram. Um espírita muito céptico resolveu tirar o assunto a limpo: no momento em que a forma de Katie saiu de trás da cortina, ele se atirou para frente e segurou-a... Houve uma confusão completa. Mas o incrédulo se obstinava em sua opinião: "A figura materializada não era outra senão a própria médium." Foi então que os pais da Srta. Cook dirigiram ao Senhor Crookes a súplica de tomar a filha sob sua fiscalização absoluta, pois que todas as pessoas queriam ter o espírito tranqüilo a tal respeito. Por ocasião de minha entrevista seguinte com o Senhor Crookes, em 1875, ele me mostrou a série de fotografias que tinha obtido.

Por conseguinte me é permitido testemunhar, em desacordo com a afirmação do Senhor Hartmann (pág. 97), que nas fotografias de Katie King "a aparição ilusória que tinha transfigurado a médium" foi do mesmo modo "reproduzida na fotografia", que "as fotografias obtidas" têm "perfeita semelhança com o fantasma", que eu próprio, assim como outras pessoas, vimos por muitas vezes.

d) O médium e o fantasma são ambos visíveis e fotografados ao mesmo tempo.

Passemos agora à quarta categoria de fenômenos, àqueles que se acham nas condições absolutas impostas pelo Senhor Hartmann, isto é, que a médium e a forma materializada sejam fotografadas ao mesmo tempo, em uma mesma chapa.

Em primeiro lugar, devo mencionar aqui uma das fotografias do Senhor Crookes, aquela a cujo respeito ele diz: Possuo uma fotografia na qual a médium e a forma materializada são reproduzidas ao mesmo tempo, porém Katie está colocada adiante da cabeça da Srta. Cook." E verdade que essa fotografia não é satisfatória; tive oportunidade de vê-Ia no verão passado, em Londres: a médium está deitada no chão; não se lhe vê a

cabeça, que está coberta por um chalé, não se lhe vêem também os pés, porque a fotografia não reproduziu a forma senão até à metade da saia; finalmente, no meio, vê-se o contorno, muito indeciso, de uma forma branca, que parece estar de cócoras.

Mas o Senhor Hartmann, que não viu essa fotografia, tem outros motivos que não tenho para considerá-la incompleta e pouco satisfatória. E eis como ele fala a respeito dela: "A fotografia tirada por Crookes, na qual se vê ao mesmo tempo a médium e o fantasma ("Psychische Studien", II, 21) deixa suspeitar com fundamento que, em lugar do pretendido fantasma, foi à médium quem foi reproduzida, enquanto que no lugar da médium não se teriam visto mais do que seus vestidos repousando em um travesseiro, e meio disfarçados." ("Espiritismo)", págs. 97-98).

O Senhor Hartmann não nos explica o que pôde motivar sua "profunda suspeita"; essa explicação seria entretanto necessária para compreender-se de que modo o testemunho de seus olhos pôde enganar as sete ou oito pessoas que assistiam à sessão. Assim, durante todo o tempo em que Katie se conservava fora do gabinete para ser fotografada, por muitas vezes, essas pessoas viam os pés e as mãos da médium e também os movimentos que ela fazia sob a influência do mal estar que lhe ocasionava a luz muito intensa; depois, repentinamente, a única vez em que Katie se abaixou perto da médium para permitir que as fotografassem conjuntamente, essas mesmas pessoas deixaram de vê-la e só divisaram em seu lugar um volume de vestidos sustentados por um travesseiro colocado por baixo.

Será preciso pelo menos explicar esse fato, se deseja que "suspeitas" desse gênero sejam tomadas a sério.

Por meu lado, tomo a incumbência de provar a todas as pessoas que têm fé na palavra do Senhor Crookes que essa suspeita do Senhor Hartmann é sem fundamento, e que o Senhor Crookes, posto de sobreaviso contra semelhantes interpretações, se tinha convencido seguramente de que não era uma boneca que ficava no gabinete.

Possuímos sobre esse ponto o próprio testemunho do Senhor Crookes, conforme carta que ele escreveu ao Senhor Ditson, da América, e que vamos reproduzir. A primeira parte dessa carta fornece-nos um complemento importante à carta que ele tinha escrito ao Senhor Cholmondelly Pennell, que citamos mais acima, e, na segunda parte, encontraremos os pormenores necessários sobre a fotografia de que se trata. Eis o conteúdo dessa carta:

Senhor:

A citação feita pelo Senhor Pennell, em sua carta ao The Spiritualist, é tirada efetivamente de uma carta que eu lhe dirigi. Em resposta a seu quesito, tenho a honra de confirmar que vi simultaneamente a Srta. Cook e Katie, à claridade da lâmpada de fósforo, que era suficiente para me permitir distinguir com perfeição tudo o que descrevi. O olho humano tende naturalmente a abraçar um ângulo tão grande quanto possível; por isso as duas figuras se achavam ao mesmo tempo em meu campo visual; mas, sendo a luz fraca, e a distância entre as duas figuras de muitos pés, eu era coagido a dirigir a minha lâmpada e também os olhos, ora sobre o rosto da Srta. Cook, ora sobre o de Katie, conforme desejava ter um ou outro no ponto mais favorável do campo visual. Desde então, Katie e a Srta. Cook foram vistas simultaneamente por mim mesmo e por oito outras testemunhas, em minha casa, à plena luz elétrica. Nessa ocasião, o rosto da Srta. Cook não era visível, porque a cabeça estava envolta em um chalé espesso; mas verifiquei de maneira indubitável que ela se achava ali realmente. A tentativa que se fez de dirigir a luz sobre o seu rosto, quando ela estava em transe, produziu conseqüências sérias.

Não é talvez sem interesse, para o senhor, saber que antes que Katie se tivesse despedido de nós consegui obter dela várias fotografias muito boas, tiradas à luz elétrica.

Londres, 28 de Maio de 1874.

William Crookes.
(The Spiritualist, n. 99, 1874.)

Foi por aquela época, durante os anos de 1872-76, que se ocuparam mais de fotografias mediúnicas na Inglaterra, e, se me não engano, foi o Senhor Russel, de Kingston-on-Thames - de quem falei a propósito das fotografias transcendentes -, quem primeiro conseguiu fotografar ao mesmo tempo a forma materializada e o médium. Possuo mesmo uma pequena fotografia representando o médium William e a figura de John King, que encontrei em Londres, em 1886, na coleção de fotografias do Senhor H. Wedgwood, membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, e que teve a complacência de ma oferecer; essa fotografia data de 1872. O Senhor Russel já não vive; mas o Senhor William, o médium, certificou-me de que é realmente uma das fotografias tiradas pelo Senhor Russel; entretanto, nos jornais da época não encontrei informações sobre essa fotografia; convém dizer que as experiências desse gênero eram feitos, naquele tempo, pelos pesquisadores, para sua satisfação pessoal e que não lhes davam a publicidade necessária.

Estando em Londres, dirigi-me ao Senhor W. J. Champernowne, amigo do Senhor Russel, que habitava do mesmo modo em Kingston, para obter dele algumas informações circunstanciadas; ele me respondeu:

Eu me achava perto do Senhor Russel na época em que ele fez suas experiências fotográficas, e eu me lembro de que ele obteve a reprodução perfeita de figuras materializadas ao mesmo tempo em que o retrato da pessoa que se expunha, ou, para dizer melhor, do médium; as duas imagens se revelaram claramente. Mas não sei o que é feito dessas fotografias. Recordo-me de que me ocupava da aquisição das placas de vidro, que o mercador cortava do tamanho que se queria, etc.

Não posso pois fazer menção dessa experiência senão a título de antecedente histórico; acrescentarei entretanto esta observação importante, que nessa fotografia a forma de John King é um desdobramento perfeito do médium; que o retrato de John King, feito por um artista à luz do dia, enquanto o médium estava no gabinete, seguro pelas mãos, e que foi publicado no “Médium” de 1873, página 345, também representa os traços de William, mais embelezados; que na fotografia de John King materializado, obtida em casa do Coronel Greek em 1874 (“Médium”, 1874, pág. 786) à luz do magnésio, e que tenho sob os olhos, há ausência total de semelhança; que o rosto é muito diferente, é realmente gordo- O Senhor Greek, que mora atualmente em Moscou, e ao qual pedi algumas informações, explica essa deformidade por um efeito da luz do magnésio, o que é muito possível.

Foi nessa época que se fizeram em Liverpool sessões de materialização verdadeiramente extraordinárias; essas sessões se realizavam em um círculo de amigos, e o médium, o Senhor B., não consentiu que o seu nome fosse publicado; é por isso que não encontramos na imprensa espírita inglesa senão algumas notas acerca dessas sessões; o fato é bastante mais lamentável, por isso que nessas reuniões foram tiradas inúmeras fotografias de Espíritos materializados que foram perfeitamente reconhecidos; na maior parte delas, o médium era também fotografado. Achando-me em Londres, vi em casa do Senhor Burns (editor do “Médium)” muitas dessas fotografias em positivos, sobre vidro; ele só possui negativo de uma fotografia tirada durante a única sessão a que ele próprio assistiu em companhia de sua mulher; é à sua delicadeza que eu sou devedor de ter obtido um positivo, em papel, daquela fotografia. Como se pode ver ali, não só a forma materializada, como ainda o médium, pedi ao Senhor Burns que me redigisse um relatório circunstanciado daquela sessão, o que ele teve a bondade de fazer. Reproduzo aqui esse relatório inédito.

Há cerca de dez anos, um médium mui poderoso para os fenômenos físicos dava em seu domicílio, em Liverpool, sessões particulares, no decurso das quais se produziam notáveis e muito curiosas manifestações de materialização. Apesar do caráter privado dessas sessões, elas se divulgaram, e o médium foi assaltado por pedidos de admissão; pessoas ricas lhe faziam mesmo ofertas pecuniárias. Mas, intransigente, o médium recusava todas as propostas e só abria a sua porta aos íntimos; de caráter independente, evitava a publicidade, e isso impedia que seus amigos comunicassem à imprensa os relatórios das manifestações que se produziam em suas sessões. Esses pormenores têm importância relativamente à narração que se segue. Nessas sessões, o médium não tinha motivo algum para praticar fraude, porque não auferia lucro pecuniário e não procurava nomeada. O presente artigo não pode de maneira alguma lhe ser útil nesse sentido, porquanto desde há muito tempo ele não se interessa por essa questão.

“Essas manifestações, se não tiverem outro mérito, têm pelo menos o de seu valor intrínseco.

“Eu conhecia um pouco o médium: creio, além disso, que meus trabalhos deram em resultado pô-lo nesse caminho. O finado Senhor Henry Pride, o poeta, um de meus melhores amigos, era membro desse círculo de pesquisadores. Um outro dentre meus amigos, o Senhor W. S. Balfour, de Liverpool (Saint John's Market), assistia igualmente a essas sessões. Durante uma curta estada do Senhor Balfour em Londres, foi decidido que a Senhora Burns e eu tomássemos parte nas experiências. Convencionou-se do mesmo modo que se obtivesse do Espirito-guia desse círculo que ele fornecesse uma ocasião favorável a um de meus guias espirituais de se manifestar. Algum tempo depois, informaram-nos de que o Espírito em questão tinha conseguido a faculdade de manifestar-se, e fixou-se o dia da sessão. O médium era um homem robusto, enérgico e tinha conhecimentos científicos reais; tinha inventado uma pólvora explosiva que permitia tirar fotografias instantâneas. Por esse meio, tinham-se fotografado freqüentemente as formas materializadas, o médium e os assistentes, e havia todo o fundamento para acreditar-se que esse processo também daria resultados satisfatórios à nossa sessão.

“O médium morava em um arrabalde, a uma distância considerável do escritório onde era empregado como administrador de importante casal. Em seu domicílio nada deixava supor quaisquer preparativos que tivessem por fim mistificar os experimentadores. Os membros desse pequeno círculo chegavam ordinariamente um pouco antes da hora fixada para a sessão e reuniam-se em roda de uma mesa para tomar chá e conversar familiarmente. A dona da casa era uma senhora muito simpática; as crianças eram de tenra idade e contavam, em família, que os Espíritos encantavam a casa, e até iam adormecer as crianças na ausência da mãe. As sessões faziam-se em um pequeno aposento que dava para o pátio, e que não media mais de 12 pés quadrados. O gabinete destinado ao médium era preparado em uma saliência da parede; a janela tinha sido condenada. Esse gabinete era formado por meio de muitos pedaços de fazenda de lã, suspensos de um varão metálico recurvado em forma de ferradura de cavalo e preso à parede. Atrás dessa cortina havia espaço bastante para duas Pessoas. Era ali que se produziam as materializações. Na Parede oposta, muito perto da porta, estava uma lâmpada de parafina com um refletor. A iluminação não era muito intensa, mas suficiente para permitir ler em qualquer lugar do aposento, ver distintamente tudo o que aí se achava, e, por conseguinte, distinguir as formas que aparecessem.

“No começo da sessão, o médium entrou no gabinete, e, quando a cortina foi corrida, caiu em um transe que se prolongou até ao fim da experiência. Os assistentes formaram um semicírculo, cujo centro se achava na parede, por baixo da lâmpada, tocando as duas extremidades na parede oposta. Em um lado do aposento havia uma mesa com livros, jornais, etc. Todas as pessoas tinham o rosto voltado para o gabinete, e as costas para a lâmpada. Apareceram seis a sete formas materializadas que saíram do gabinete, uma após outra. Nesse número estava um mancebo de gestos muito vivos e ágeis; ele tomou uma folha de papel de cima da mesa, enrolou-a e pôs-se a nos bater na cabeça com ela, dando de cada vez um salto para trás, com grande ligeireza. Depois apareceram alguns parentes dos donos da casa, os quais se mostravam habitualmente nessas sessões, entre outros uma senhora idosa, mãe de um dos cônjuges. Ela usava um toucado com plissés. Tinham-na fotografado já por diversas vezes, e freqüentemente o retrato era muito semelhante. Entre os fantasmas, houve ainda uma irmã, senhora de bela aparência.

“Uma fotografia que possuo representa um irmão que se conserva de um lado do gabinete, entre as cortinas; no outro extremo, vê-se o Senhor Archibald Lamont, falecido recentemente. Por conseguinte, grande parte dos Espíritos materializados eram amigos íntimos dos assistentes. O Espirito-guia da sessão era um velho que tinha longa barba branca; ele se acha em uma das chapas, com o Doutor Hitchman, um dos assistentes. No decurso da sessão na qual figurei, grande parte do tempo e das forças foi empregada para evocação de meus amigos espirituais. Um dentre eles trajava longa vestimenta, à antiga, presa na cintura; ele se dava por um filósofo e escritor da antiguidade.

“Outro Espírito era “Robert Bruce”, que esperávamos com o maior interesse. Eu estava em comunicação com ele havia muitos anos, e éramos atraídos por uma pronunciada simpatia, que continua ainda. Ele era dotado de um poder considerável e conseguia ficar conosco por muito tempo. Quando saiu do gabinete, convidaram-me a ir para o seu lado. Ele me apertou a mão entusiasticamente e com tanta força que eu ouvi estalar uma das articulações de seus dedos, como sucede quando apertamos a mão com força. Esse fato anatômico era corroborado pelo sentimento que eu experimentava de segurar aquela mão perfeitamente

natural. Minha mulher também o tinha cumprimentado da mesma maneira, e não foi uma aparição fugitiva; foi suficientemente prolongada para permitir uma investigação minuciosa.

"Certos pormenores daquela entrevista ficarão sempre em minha memória. Bruce aproximou-se da lâmpada e retirou-a da parede; conduziu-a para o gabinete, aumentou a chama e dirigiu a luz sobre o médium; ao mesmo tempo levantou a cortina à altura bastante para que pudéssemos vê-los a ambos. Depois diminuiu a chama e repôs a lâmpada em seu lugar. Ele tinha certa dificuldade em fazer entrar o prego no orifício, pois que aquela parte da lâmpada estava na sombra projetada pelo refletor. Uma senhora que estava colocada justamente por baixo da lâmpada, de maneira que Bruce era obrigado a inclinar-se por cima dela, quis auxiliá-lo a pô-la no lugar, mas ele não aceitou o auxílio e continuou em seus esforços com persistência; finalmente acertou.

"Depois de ter prosseguido por algum tempo nessas experiências, no decurso das quais todos os assistentes puderam ver por muitas vezes o médium e as formas materializadas ao mesmo tempo, procedeu-se aos preparativos para fotografar juntamente o médium, as aparições e os assistentes. Trocaram os lugares: em vez de formar um semicírculo, toda a assistência se colocou em ala, defronte da porta e voltando as costas para o gabinete. A câmara escura tinha sido instalada, antes da sessão, em um ângulo do aposento, com o foco dirigido para o gabinete; ao lado havia uma mesa pequena, em cima da qual estava uma quantidade de pó de magnésio que, inflamando-se, devia produzir uma luz bastante intensa para permitir tirar-se uma fotografia instantânea. Os acessórios fotográficos estavam na cozinha; como as chapas secas ainda não eram usadas, foi preciso lançar mão de chapas frescas, que foram preparadas pelo Senhor Balfour, ria cozinha; sem ser fotógrafo de profissão, tinham bastantes conhecimentos dessa matéria para fazer as manipulações necessárias.

"Acompanhei o Senhor Balfour à cozinha e observei todos os seus movimentos; o próprio médium tinha pedido que me certificasse de que tudo se passava corretamente. Em seguida entramos de novo no aposento das sessões, e o caixilho que continha a chapa foi introduzido no aparelho. Todos os assistentes estavam no lugar onde os tínhamos deixado, compreendendo nesse número o médium e o fantasma. Para conservar a chapa depois da exposição, apagou-se a lâmpada. A forma materializada conservava-se nesse momento por trás de nós, com uma das mãos sobre a minha cabeça e a outra sobre a de minha mulher; esta teve um calafrio quando o Espírito se inclinou para ela e lhe disse, em verdadeiro dialeto escocês, que não tivesse medo. Em seguida o fantasma tomou posição para ser fotografado, e logo depois se deu o sinal de acender a mecha posta em contacto com a pólvora; o jacto de luz foi rápido como um relâmpago.

"O Senhor Balfour apressou-se em tirar o caixilho. Experimentei certa inquietação a respeito de minha mulher, que pareciam prestes a perder os sentidos. Durante esse tempo o aposento estava imerso nas trevas e cheio dos gases nauseabundos da pólvora queimada. O fantasma não tinha deixado seu lugar; aproximou-se de meu ouvido e, no mesmo dialeto escocês, com voz um pouco rude e senil: "Vá buscar o retrato", disse ele, fazendo-me assim compreender que ia ficar perto de minha mulher. Acompanhei o Senhor Balfour à cozinha. Ele procedeu à revelação da chapa, mas a excitação que experimentava fazia tremer-lhe a mão; entornou o líquido por sobre a chapa em vez de deixá-lo gotejar, o que foi causa de que o tom geral da prova carecesse de nitidez e de que a figura de minha mulher ficasse quase velada. O líquido endurecido foi retirado em parte, mas não podiam retirá-lo completamente sem apagar a imagem da Senhora Burns. De outro lado, a luz parece ter sido muito intensa, pois que a chapa apresenta indícios de um excesso de exposição. Felizmente a reprodução do fantasma foi bem sucedida. A faixa carregada que lhe atravessa o peito obliquamente representa um plaid escocês. A imagem do médium aparece fracamente no recanto que ele ocupava. Os assistentes, que estavam colocados ao lado do gabinete, não são visíveis. A prova que possuo é somente da parte central recortada.

"Quando o aposento foi iluminado, o médium despertou, aturdido ainda pelo efeito de um transe prolongado. Ele acolheu a narração de nossa experiência com sua indiferença habitual. Em outras fotografias obtidas por nós, o médium sobressai muito melhor; propriamente falando, a fotografia de que se trata aqui é, de uma série inteira, a menos perfeita, mas, em razão do caráter extraordinário dos resultados que obtivemos, essa fotografia é inestimável como prova da realidade dos fenômenos, pois que esses resultados não podem, de maneira alguma, ser considerados como produzidos por uma fraude, nem ser explicados por uma

alucinação. Não é mais do que uma experiência tomada em uma série inteira de experiências semelhantes, que se confirmam umas pelas outras, da maneira mais positiva.

Spiritual Institution, 15, Southampton - Row, Londres, 19 de Julho de 1886.

J. Burns.

Falta-me dizer ainda que nessa fotografia, muito grande, pois que mede 5 polegadas sobre 6, vê-se muito bem, apesar de certas faltas técnicas, um grupo de sete pessoas, entre as quais se distingue a forma materializada, vestida de branco, de pé, perto do gabinete; a metade da cortina diante da qual ela se conserva está repuxada; vê-se, no gabinete, o médium sentado, só com metade do rosto visível, seus cabelos e barba negra confundindo-se com a sombra que havia nesse gabinete.

Mas, para essa fotografia, a presença do médium na chapa era supérflua, pois que não há semelhança alguma entre ele e a forma materializada; o médium é um homem moreno, de trinta anos; a forma materializada é a de um velho inteiramente calvo, com uma longa barba grisalha, e seu rosto, largo e redondo, é completamente diferente do médium: ele olha de frente; os olhos estão abertos, vendo-se-lhes as pupilas. No ponto de vista da nitidez, essa fotografia é mais interessante do que a que eu tinha tirado com Eglinton; é de notar que essas aparições suportam, sem fechar os olhos, a luz deslumbrante do magnésio.

Não se encontram na imprensa inglesa senão dois relatórios sobre os fenômenos de materialização produzidos em presença desse médium; eles são devidos à mesma pena, à da Senhora Luísa Thompson Nosworthy, e refere-se a uma mesma sessão. Eu reproduzirei aqui um desses dois relatórios, porque, nessa sessão, foi tirada não só a fotografia da forma materializada, como também a do médium. O primeiro relatório aparece no “The Spiritualist” de 28 de Julho de 1876, página 530; citarei dele as passagens seguintes:

“SESSÕES CURIOSAS EM LIVERPOOL - por E. Luísa S. Nosworthy. - Seria talvez interessante para os leitores do “The Spiritualist” conhecer que ao mesmo tempo em que os pesquisadores faziam experiências com médiuns profissionais e obtinham provas irrecusáveis da realidade das materializações temporárias de formas humanas, que adquirem consistência material comparável à do nosso corpo, esses mesmos fenômenos surpreendentes eram observados em um círculo intimo, estritamente privado, em Liverpool. Tendo tido por muitas vezes ocasião de fazer parte dessas sessões, envio-lhe um relatório dos fatos de que fui testemunha.

“Era no mês de Setembro do ano passado. Meu pai, o Senhor Georges Thompson, tinha ido visitar-me e manifestou ardente desejo de assistir a uma sessão de materialização. Conseguintemente, obtive a permissão de introduzi-lo no círculo em questão. O Doutor William Hitchman assistia à mesma sessão. O aposento onde as experiências se realizaram é muito pequeno, medindo cerca de 10 pés quadrados. Desta vez, como de ordinário, fomos convidados a dispormo-nos em semicírculo e a entoar cânticos, depois que o médium se retirou para trás da cortina. A lâmpada de parafina dava bastante luz para permitir ver-nos uns aos outros.

“Pouco depois do desaparecimento do médium, a cortina abriu-se e na abertura se divisou uma espécie de nevoeiro com a vaga semelhança de uma forma humana. Esse vapor se tornou cada vez mais denso; destacou-se dele a forma de uma cabeça e mão. A mão começou imediatamente a agitar a massa nebulosa que se achava abaixo e fez uma forma humana, a de um homem de grande estatura, vestido de branco. Esse fantasma, posto que saído de um nevoeiro e formado a nossos olhos, por assim dizer, em pouco tempo nos deu provas de que não era mais composto de um vapor impalpável: dirigiu-se para o meio do aposento e nos apertou fortemente a mão a cada um de nós. Aumentou-se a luz, e pudemos ver um velho majestoso, de olhar severo, com a barba e cabeleira branca e flutuante. Ele se conservou por bastante tempo fora do gabinete improvisado com um pano, como se disse mais acima, voltou em seguida ao lugar onde se tinha formado, e, desviando a cortina com a mão, fez sinal a todos os assistentes, um após outro, para que se aproximassem dele e se conservassem a seu lado, perto do médium. O velho olhava a cada um muito de perto. Meu pai pôde notar sua pele fresca, quase rosada, assim como a expressão digna de sua fisionomia.

Não se poderia esquecer essa aparição imponente que se conservava de pé, perto da cortina, desviando-a com a mão e mostrando com a outra o médium imerso em profundo transe. Meu pai disse-me, depois, que tinha experimentado profunda comoção à vista desse espetáculo, sobretudo no momento em que, em

presença do fantasma, tocando-o quase, ouviu saírem dos lábios desse ser pertencente a um outro mundo as palavras seguintes, pronunciadas com voz fraca: “Que Deus te abençoe.”

“Duas ou três outras figuras mostraram-se em seguida, nas mesmas condições, mais ou menos; elas faziam a volta em torno dos assistentes, apertavam-lhes a mão, permitindo tocar e examinar suas vestimentas. Uma dessas aparições apresentou a cada um de nós uma pimenta, coisa que não havia na casa.

No fim dessa memorável sessão, a primeira forma apareceu de novo, e, então, tirou-se-lhe a fotografia, conjuntamente com a do Doutor Hitchman...

“O Senhor Carlos Blackburn descreveu outra sessão feita pelas mesmas pessoas e à qual eu assisti também. Ele examinou, de acordo com o arquiteto, o aposento em que se faziam as sessões, e verificou que esse aposento não estava situado por cima de uma cava; que tocava imediatamente no chão. Sucedia freqüentemente, nessas experiências, vermos aparecerem três fantasmas diferentes. Pergunto se um céptico qualquer conseguirá encontrar uma teoria, fora da do Espiritismo, para explicar esses fenômenos, em todos os seus pormenores!”

Outro relatório da mesma sessão, pelo mesmo autor, é publicado no “Psychological Review”(1878, t. I, pág. 348), sob o titulo: “Memórias de George Thompson, por sua filha Luísa Thompsom”. Nessa narração, lê-se, entre outros pormenores, que na primeira fotografia tirada à luz do magnésio se vê não só o fantasma como também o médium.

Nesses dois relatórios há uma contradição no que diz respeito às fotografias: no relatório de 1876, diz-se que o fantasma foi fotografado conjuntamente com o Doutor Hitchman; a carta escrita em 1878 diz que o médium é quem foi fotografado na mesma chapa que a figura materializada.

Desejando ter um esclarecimento sobre essa contradição, escrevi ao Doutor: Hitchman, que me respondeu pela carta seguinte:

Liverpool, 26 de Abril de 1887.

Senhor:

Tenho a honra de acusar a recepção de sua estimada carta de 18 do corrente. Relativamente aos diversos quesitos que ela encerra, farei observar que por muitas vezes houve mais de uma sessão. na mesma noite, e no decurso dessas experiências fotográficas o médium (Senhor B.) era ora reproduzido, ora não. Por conseguinte, há ali necessariamente uma “contradição”.

Aceite, etc.

William Hitchman, M. D.

Para completar as relações referentes às experiências fotográficas feitas com esse notável médium, não tinha nada melhor a fazer do que me dirigir ainda a esse mesmo Senhor Hitchman, sábio distinto, doutor em Medicina, presidente da Sociedade de Antropologia de Liverpool e autor da “Fisiologia das Inflamações”, da “Natureza e Profilaxia da Tísica”, etc., etc.; era a pessoa mais competente do círculo íntimo em que se produziam os fenômenos em questão. Eis a carta que me escreveu em resposta:

Liverpool, Pembroke Place 62, 24 de Julho de 1886.

Senhor:

Respondendo à sua amável carta datada de ontem, venho dizer-lhe que, absorvido por diversos trabalhos muito urgentes, lamento não poder presentemente comunicar-lhe todas as particularidades que me pede, no ponto de vista científico e filosófico.

Quanto às fotografias das figuras materializadas, foram obtidas à luz elétrica.

Muitos aparelhos completos estavam preparados especialmente para nossas experiências; eles tinham muitas câmaras escuras, que permitiam respectivamente empregar a chapa inteira, a meia chapa ou o quarto; havia também câmaras binoculares e estereoscópicas; colocavam-nas por trás dos espectadores, o que permitia não só assestá-las para o fantasma, segundo a linha visual dos assistentes, como ainda fotografar ao

mesmo tempo o médium, quando as personagens aparecidas consentiam, a pedido nosso, em desviar a cortina. Em regra, nunca tínhamos insucesso em nossas operações.

Empregavam-se banhos de revelação e fixagem, e as chapas eram preparadas de antemão, a fim de evitar qualquer demora. Sucedia-me freqüentemente entrar no gabinete no encalço de uma forma materializada, e então eu a via ao mesmo tempo em que o médium (o Sr, B.). Em vista disso, creio ter adquirido a certeza, mais científica que é possível obter, de que cada uma dessas formas aparecidas era uma individualidade distinta do invólucro material do médium, pois que as examinei com o auxílio de diversos instrumentos; verifiquei nelas a existência da respiração e da circulação; medi sua estatura, a circunferência do corpo, tomei seu peso, etc. Essas aparições tinham o ar nobre e gracioso no moral e no físico; pareciam organizar-se gradualmente, à custa de uma certa massa nebulosa, ao passo que desapareciam instantaneamente e de maneira absoluta. Sou de opinião que deve haver ali uma existência espiritual qualquer, em qualquer parte, e que os seres inteligentes que se apresentavam em nossas sessões tomavam uma "aparência corpórea", possuindo uma realidade objetiva, mas de natureza diferente da "forma material", que caracteriza nossa vida terrestre, sendo incontestavelmente dotados de uma consciência, de uma inteligência semelhante à nossa, e apresentando o dom da palavra, a faculdade de locomoção, etc. Tendo tido por muitas vezes o ensejo (perante testemunhas competentes) de conservar-me entre o médium e o "Espírito materializado", de apertar a mão desse último e conversar com ele durante cerca de uma hora, não me julgo mais disposto a aceitar hipóteses fantasistas, tais como as ilusões da vista e do ouvido, a cerebração inconsciente, a força psíquica e nervosa e o mais que se segue; a verdade, no que diz respeito às questões da matéria e do espírito, só poderá ser adquirida d custa de pesquisas.

Tenha a bondade de desculpar-me por não oferecer ao senhor senão essas observações mui superficiais e escritas à pressa, atendendo às circunstâncias em que me acho.

Queira aceitar, etc.

William. Hitchman.

Não tendo mais a fotografia à sua disposição, o Doutor Hitchman teve a bondade de mandar-me a reprodução fotográfica de um desenho que representa uma das sessões do Senhor B. Vêem-se ali todas as pessoas que faziam parte do circulo; no centro, nota-se a forma materializada de um velho vestido de branco, com a cabeça descoberta, de pé, próximo à cortina do gabinete, que ele levanta com a mão direita, mostrando-nos o médium que está sentado, imerso em profundo transe. Entre a cavidade do peito da forma materializada e a do médium vê-se uma espécie de feixe luminoso ligando os dois corpos e projetando um clarão sobre o rosto do médium.

Esse fenômeno foi observado freqüentemente durante as materializações; comparam-no ao cordão umbilical. O Senhor Hitchman faz acompanhar a sua oferta com as linhas seguintes:

26 de Julho de 1886.

Caro Senhor:

Depois que lhe dirigi a minha última carta, pude, após minuciosas pesquisas, encontrar o desenho que acompanha a presente. Talvez sirva para o senhor formar uma idéia mais completa de toda a série das sessões do Senhor B. Garanto a fidelidade do desenho. A forma materializada que aí se vê, dava-se como sendo o Doutor W., de Manchester. E de uma inteligência muito desenvolvida... O fantasma desenhou meu retrato... Em minha opinião, só pesquisas experimentais sérias e pacientes, no domínio dos fatos objetivos ou dos fenômenos físicos do Espiritualismo, poderiam convencer os filósofos alemães, ou a outros, de sua realidade e de seu valor, como manifestações da vontade divina, ou antes como um efeito da evolução natural, produzindo-se em condições convenientes.

Os esforços da razão, da lógica, da argumentação, etc., sem investigação prática, não passam de uma perda inútil de tempo e de energia.

Seu devotado:

"P. S. - No Physiological Review do mês de Abril de 1879, um lugar de honra foi reservado a um artigo meu, intitulado Ourselves and Science ("Nós mesmos e a Ciência") e no qual exponho os resultados de minhas observações tão cientificamente como nunca o foram os trabalhos químicos de laboratório ou outros quaisquer.

W. H.

Querendo obter a prova absoluta que o Senhor Hartmann exigia, e decidido a submeter-me a todas as condições por ele impostas, em uma experiência que eu mesmo deveria dirigir, organizei duas séries de sessões fotográficas com o médium Eglinton. Em 1886, convidei-o a vir a São Petersburgo. A despeito de todas as nossas fadigas, não pudemos dessa vez obter resultado satisfatório. Essas experiências são descritas no "Psychische Studien" (Agosto de 1886). Para a segunda série de experiências que se fez pouco tempo depois, dirigi-me a Londres. Desta vez o resultado excedeu às minhas esperanças. O relatório foi publicado no "Psychische Studien" (de Março de 1887) e no "Rebus" (número 58, 1886); reproduzo-o em extenso, juntando-lhe a fotografia que representa Eglinton em transe, sustentado pela figura materializada. Examinando essa imagem, distingue-se imediatamente uma figura humana, viva, de pé, ao lado do médium.

Depois de tudo quanto eu disse para provar a realidade objetiva dos fenômenos de materialização, poder-se-ia facilmente conceder aos resultados que eu mesmo obtive o caráter de autenticidade ao qual eles têm direito, e entretanto sou o primeiro a reconhecer até que ponto é difícil admitir a realidade dessa espécie de fenômenos!

Acrescentarei, para instrução dos leitores que não tiveram conhecimento de meus artigos publicados no "Rebus", que as experiências de que se vai tratar foram organizadas em Londres, em casa de um rico particular, em um prédio que ele tinha recentemente feito construir; que o nosso círculo se compunha do dono da casa, de sua mulher, de Eglinton, do Senhor N., de um amigo da casa e de mim. Essas pessoas desejam que seus nomes não sejam dados à publicidade. Eis o artigo:

"Nós nos reunimos às 7 horas da noite, a 22 de Julho, e, depois de ter jantado com os nossos hospedeiros, começamos os preparativos. Para uma sessão na qual se tratava de obter a fotografia do médium ao mesmo tempo em que a da figura materializada, era-nos preciso um aposento onde se pudesse improvisar um gabinete escuro atrás de uma cortina. O salão foi o único local conveniente, com a entrada separada do resto do aposento por uma larga cortina de pelúcia que se podia levantar por meio de uma forte corda de seda. Foi essa parte do salão que se decidiu transformar em gabinete escuro: ela media 10 pés de largura por 14 de comprimento. Havia uma, porta e uma janela; essa porta, a única em todo o aposento, abria-se para um corredor: ela fechava muito bem. A janela dava para uma passagem que separava, o prédio da casa vizinha. Para obter a escuridão, os postigos das janelas foram fechados, e, no interior, cobriu-se a madeira desses postigos com um encerado e com cobertores de lã, seguros por pregos pequenos; havia nesse compartimento algumas cadeiras, uma étagère e um piano. Esse salão, bem como os outros aposentos onde fazíamos as nossas sessões, achava-se no terceiro andar.

"Nosso hospedeiro começou por dispor seu aparelho; Eglinton sentou-se defronte da abertura da cortina. O foco estava a uma distância tal que a forma inteira podia ser reproduzida na chapa. Cerca de quatro passos da cortina, defronte da abertura, que não ficava inteiramente no centro, colocou-se pequena mesa redonda, à esquerda da qual ficava o aparelho. A fim de proteger o aposento escuro da ação direta da luz do magnésio, tinha-se colocado em cima da mesa um amplo anteparo de papelão, na curvatura do qual se colocou um refletor côncavo de metal, de 7 polegadas de diâmetro.

"Nós nos tínhamos consultado por mais de uma vez para saber como iluminaríamos o salão; a luz devia ser fraca, porém suficiente para se ver o que se passava; devia, além disso, estar ao nosso alcance para nos permitir acender o magnésio no momento preciso. Decidimo-nos por uma pequena lâmpada de álcool, com uma mecha espessa de algodão; ela dava uma luz suficiente para as nossas necessidades. Essa lâmpada foi colocada sobre a pequena mesa, ao abrigo do refletor, e ao lado colocamos muitos cordões de magnésio, formados com fios tecidos desse metal e compostos cada um de três rolos; esses cordões tinham cerca de

cinco polegadas de Comprimento. Estavam amarrados com fio de arame a bastonetes de vidro. Foi o Senhor N., amigo do nosso hospedeiro, quem foi incumbido de acender na lâmpada o cordão de magnésio, a um sinal dado, e de conservar o cordão aceso diante do centro do refletor, tendo o cuidado de que os objetos a fotografar estivessem no campo da luz projetada. Nas experiências anteriores, que mencionei mais acima, nós nos tínhamos assegurado de que, com o emprego do refletor, esses rolos triplos de magnésio produziam uma luz bastante forte para obter um bom resultado.

"Quando tudo ficou pronto, retirei-me com o dono da casa para o gabinete escuro. A claridade de uma lanterna vermelha, tirei duas chapas e marquei-as; meu companheiro colocou-as no caixilho. Voltamos ao salão, fechando a porta de entrada após a nossa passagem. O hospedeiro entregou-me a chave, que eu guardei na algibeira. Tomamos lugar em semicírculo diante da cortina, a uma distância de 5 a 6 passos, como o mostra o esboço junto.

"Acendemos a lâmpada de álcool e apagamos o gás. Eram 10 horas da noite. Eglinton sentou-se a princípio em uma poltrona defronte da cortina, depois se retirou para trás dela, onde havia uma outra poltrona para ele. Conservou-se ali por mais de meia hora sem que nada se produzisse. Finalmente caiu em estado de transe e começou a falar sob a direção de um de seus Guias; ele exprimiu o pesar pelo insucesso da experiência. Acrescentou que não seriam precisos menos de dez sessões para obter o resultado desejado, e que eles estavam em dúvida se tinham o direito de impor ao médium semelhante esgotamento; que fariam entretanto um último esforço. Se alguém aparecesse, seria o próprio Ernesto, guia principal do médium. Essa particularidade referia-se a uma suposição que eu tinha externado anteriormente no decurso de nossa conversação, dizendo que nessa espécie de experiência era provável que aparecesse outra figura. Alguns instantes depois, Eglinton voltou a si e a sessão terminou.

"A segunda sessão dessa série, a última de todas, foi fixada para 26 de Julho. O resultado negativo da sessão precedente confirmou minhas apreensões; eu es tava cada vez mais convencido de que nada se produziria nessa última tentativa.

"Nós nos reunimos à mesma hora; como da outra vez, retiramo-nos, nosso hospedeiro e eu, para o gabinete escuro; quando os preparativos terminaram, retirei de minha carteira duas chapas que tinha trazido, marquei-as em russo: "A. Aksakof, 14 de Julho de 1886" (estilo antigo), e o hospedeiro meteu-as no caixilho; antes de entrar no salão fechamos a porta à chave. Sentamo-nos na mesma ordem; acendemos a lâmpada de álcool e apagamos o gás. Eglinton sentou-se em uma poltrona, defronte da cortina, caiu em pouco tempo em transe e começou a falar. Foi-nos comunicado pelo seu órgão que os nossos preparativos estavam aprovados, e tivemos a promessa de que nenhum esforço seria poupado para obter-se êxito, sem que, entretanto, nos fosse permitido contar com ele infalivelmente; o momento de acender o magnésio seria indicado ao Senhor N. por via de sugestão; ele pronunciaria a palavra: "agora". Intimaram-nos além disso, em caso de insucesso no. começo, a irmos ao gabinete escuro, para tirar fotografia às escuras; eles se esforçariam então por evocar uma forma feminina.

Às 10 horas menos cinco minutos, Eglinton retirou-se para trás da cortina: eu podia ver a hora à claridade da pequena lâmpada. Em breve Eglinton saiu e começou a recolher forças; aproximava-se de cada um de nós, fazendo passes de nossas cabeças para o seu corpo; depois disso, retirou-se de novo para trás da cortina, saiu outra vez e sentou-se na poltrona defronte da abertura da cortina, com o rosto voltado para o nosso lado. Ele fazia movimentos agitados, levantava e abaixava os braços. Alguma coisa branca apareceu acima de sua cabeça... ouviram-se pancadas... Estávamos em dúvida; as pancadas repetiram-se. "- E preciso acender?" "- Sim", foi à resposta, sempre por pancadas. O magnésio foi aceso, e o hospedeiro descobriu a objetiva; divisei nesse momento a forma de Eglinton banhada em deslumbrante luz; ele parecia dormir tranqüilamente, com as mãos cruzadas sobre o peito; em sua espádua esquerda via-se uma terceira mão com um pedaço de fazenda branca, e sobre sua cabeça, muito perto da testa, apareceu uma quarta mão. Essas mãos eram vivas: mãos naturais; não tinham essa brancura toante como em S. Petersburgo; não desapareceram no fim da exposição, porém atraíram Eglinton para trás da cortina. O hospedeiro virou imediatamente o caixilho e descobriu a segunda chapa. Eu pensara que a sessão terminaria naquele ponto, mas o hospedeiro tinha apenas retomado o seu lugar quando uma grande forma masculina, vestida de branco e de turbante branco emergiu de trás da cortina e deu três ou quatro passadas no aposento. "- E Abdullah,

observei.” “- Não, observou-me o hospedeiro, essa forma tem as duas mãos.” (A forma de Abdullah, que tinha aparecido nas sessões de Eglinton, em São Petersburgo, só tinha metade do braço esquerdo.) Como para confirmar essa última observação, o fantasma, fez um movimento com os dois braços e os cruzou sobre o peito, depois nos fez uma saudação e desapareceu por trás da cortina.

“Alguns segundos depois, Eglinton mostrou-se acompanhado por uma figura vestida de branco, a mesma que acabávamos de ver. Ambos se colocaram diante da cortina e uma voz pronunciou: “Light!”(Luz!). Pela segunda vez o magnésio se inflamou, e eu olhei, com estupefação, para essa grande forma humana que rodeava e sustinha com o braço esquerdo a Eglinton, o qual, imerso em profundo transe, tinha dificuldade em manter-se de pé. Eu estava sentado a cinco passos de distância e podia contemplar perfeitamente o estranho visitante. Era um homem perfeitamente vivo; distingui nitidamente a pele animada de seu rosto, sua barba negra, absolutamente natural, suas sobrancelhas espessas, seus olhos penetrantes e severos que fixaram a chama durante cerca de quinze segundos, enquanto ela brilhou.

“O fantasma trajava uma vestimenta branca que descia até ao chão e uma espécie de turbante; com o braço esquerdo ele rodeava Eglinton; com a mão direita segurava as suas vestimentas. Quando o Senhor N. pronunciou: “Agora!,”, para advertir que era preciso fechar o obturador, o fantasma desapareceu atrás da cortina, mas sem ter tido o tempo de levar consigo o médium; este caiu no chão como um corpo inerte, diante da cortina. Nenhum de nós se moveu, pois sabíamos que o médium estava sob a influência de uma força que escapava à nossa fiscalização. A cortina abriu-se imediatamente; a mesma figura apareceu ainda uma vez, aproximou-se de Eglinton, e, inclinada por cima dele, começou a fazer-lhe passes. Silenciosos, olhávamos com admiração aquele espetáculo estranho. Eglinton começou a levantar-se lentamente; quando ficou de pé, o fantasma o rodeou com o braço e arrastou-o para o gabinete. Então ouvimos a voz fraca de Joei (um dos guias do médium) que nos convidava a conduzir Eglinton para o ar livre e lhe umedecer a fronte com água. Eram 10 horas e 30 minutos. A sessão tinha pois durado, ao todo, 35 minutos.

A dona da casa apressou-se em ir buscar água, e, encontrando a porta fechada, dirigiu-se a mim para receber a chave. Recusei, desculpando-me: as circunstâncias exigiam que eu mesmo abrisse a porta; antes de fazê-lo, penetrei no gabinete com uma luz e assegurei-me de que ela estava bem fechada. Eglinton estava abatido em sua poltrona, em profundo transe; não se podia pensar em fazê-lo manter-se de pé; conduzimo-lo pois à sala de jantar e o instalamos em uma poltrona, perto de uma janela aberta. Apenas o tínhamos instalado nessa posição, ele caiu no chão, em convulsões; tinha sangue nos lábios. Começamos a friccioná-lo vigorosamente e lhe fizemos respirar sais. Só no fim de um quarto de hora ele pôde ser instalado de novo; respirou profundamente e abriu os olhos.

“Confiei-o em tal estado ao cuidado de nossos hospedeiros e voltei com o Senhor N. ao gabinete escuro, para revelar as chapas. Desde que vi desenhar-se, em uma delas, os contornos das duas formas, tive pressa em ir dar parte dessa notícia agradável a Eglinton, que, não se achando em estado de ir em pessoa, manifestava grande impaciência em conhecer o resultado da sessão. Sabendo do êxito, suas primeiras palavras foram: “Está bem, é suficiente para o Senhor Hartmann?” Eu lhe respondi: “Ficam terminadas, presentemente, as alucinações.

“Mas esse triunfo custou muito a Eglinton. Decorreu mais de uma hora para que ele adquirisse bastante força para dirigir-se penosamente à estação do caminho de ferro subterrâneo. O Senhor N. incumbiu-se de reconduzi-lo a casa e de instalá-lo no leito. Chegando a casa, Eglinton teve novo acesso de convulsões acompanhadas de hemorragia pulmonar. Ele tinha insistido para que os incidentes da noite se conservassem ocultos a seus parentes; mas no dia seguinte seu aspecto inspirou inquietações à sua família, e veio a minha casa para indagar o que se tinha feito com Eglinton, na véspera, para colocá-lo naquele estado de esgotamento que nunca se lhe tinha observado.

“As fotografias assim obtidas eram muito boas, ainda que preparadas à pressa; a melhor é aquela em que se vêem as mãos pousadas sobre Eglinton.

“Em uma sessão semelhante, em S. Petersburgo, o médium não tinha conservado toda a imobilidade requerida para uma boa exposição, o que deu em resultado não serem as mãos reproduzidas tão nitidamente como nessa última experiência. A segunda fotografia é, infelizmente, menos nítida. Isso resultou, evidentemente, de as duas formas, estando de pé, fazerem movimentos, imperceptíveis à vista. Entretanto,

para o fim que nos propúnhamos, essas fotografias são inteiramente suficientes: Eglinton é facilmente reconhecível, se bem que sua cabeça esteja um pouco dirigida para trás, apoiada contra a mão pela qual ele é sustentado; a seu lado conserva-se a mesma grande forma de homem que todos tínhamos visto. A barba e as sobrancelhas destacam-se distintamente; os olhos são velados. Um dos traços particulares desse rosto é seu nariz curto, completamente diferente do de Eglinton. Nas duas fotografias distinguem-se as marcas que eu fiz nas chapas. Todos os negativos estão em meu poder.

"Posso, pois, considerar meus esforços em Londres coroados de êxito. Esse êxito, devo-o inteiramente ao círculo que se prestou às minhas experiências.

"Eu sabia que a condição essencial para obter bons resultados mediúnicos, é um meio apropriado; sabia que tudo depende do meio, mas até então não tinha tido ensejo de verificá-lo de maneira tão evidente.

A facilidade, a prontidão e a nitidez com que os fenômenos se produziam estavam acima de toda a comparação com o que tínhamos visto em S. Petersburgo. Independentemente da composição escolhida do círculo no qual eu tinha sido admitido, éramos favorecidos pela condição importante de que nesse círculo já se tinham obtido fotografias transcendentes, e que, por conseguinte, a presença do elemento mediúnico necessário já tinha preparado o terreno precisamente para as experiências que eu havia proposto. Não insisto na importância e vantagem que me oferecia uma casa particular para as experiências desse gênero: em Londres, não é fácil a um estrangeiro encontrar para isso um local conveniente. Se eu as tivesse organizado no aposento de Eglinton, elas teriam perdido grande parte de seu valor. Os bons serviços que me foram oferecidos tão graciosamente, por nosso hospedeiro, tinham para mim um grande valor; pelo que tenho a satisfação de lhe testemunhar aqui minha sincera gratidão, tanto por minha parte quanto em nome de todos aqueles que tomam interesse pela causa espírita.

"E necessário acrescentar aqui que ninguém em Londres, à exceção dos íntimos de nosso hospedeiro, sabe coisa alguma acerca das fotografias que se produziram nesse círculo. Essas sessões são inteiramente privadas, e nenhuma narração a tal respeito foi publicada na imprensa espiritualista inglesa. Depois de minha admissão nesse círculo, estava convencionado que eu não publicaria os nomes de seus membros. Mas, quando nossas sessões terminaram, nosso hospedeiro decidiu dizer-me. à vista dos resultados notáveis que tínhamos obtido, que não se julgava mais no direito de prolongar seu anonimato no caso em que eu julgasse útil nomeá-lo. Eu lhe respondi que a indicação da casa em que se tinham realizado as experiências era certamente desejável para tornar a narração completa, e lhe agradeci a dedicação; pois, é preciso dizê-lo, no estado atual da questão, essa expressão não é exagerada. Mas, refletindo, e levando em consideração os exemplos fornecidos por Crookes e Wallace, que por sua vez não tinham conseguido conquistar a confiança pública a tal respeito, externei ao Senhor X. minha intima convicção de que a divulgação de seu nome e endereço não seria de utilidade alguma para a causa, do mesmo modo que nos casos precedentes, e que ninguém daria crédito aos resultados de nossas experiências, a não serem as pessoas que já acreditam nesses fenômenos ou as que conhecem o Senhor X.; aleguei ainda que ele teria que suportar todas as variedades de zombaria e aborrecimentos. Propus entretanto anunciar que eu tinha autorização de comunicar o seu nome em particular às pessoas especialmente interessadas no assunto e que eu julgasse dignas de confiança. Assentamos nessa decisão.

"A propósito de incredulidade, é costume suspeitar de fraude os médiuns profissionais, como materialmente interessados nisso. Nas experiências relatadas é evidente que Eglinton não teria podido realizar por si só todas as manipulações de que uma fraude necessita; ficar-se-ia coagido a admitir que ele tinha compadres entre os assistentes. Ora, o Senhor X. o hospedeiro, goza de situação independente, muito rico mesmo, e está em posição social equivalente à minha. Antes de admitir que ele tivesse podido tornar-se culpado de uma fraude, coisa que teria necessitado muitos preparativos, não seria sem importância que se procurasse descobrir o motivo de semelhantes manobras: desde o momento em que o interesse material deve ser posto fora de discussão, pergunto: que motivo teria podido levá-lo a enganar seus convidados? E por que motivo seria ele e não eu o mistificador? Seria verdadeiramente mais lógico supor que uma fraude tivesse sido cometida por mim; aqui, o motivo se apresentaria por si mesmo: tendo-me manifestado publicamente a favor do Espiritismo, eu era coagido a defendê-lo a todo o custo.

“Mas a incredulidade não me surpreende nem me desanima. Ela é inteiramente natural e desculpável. As convicções não se impõem; são a resultante de opiniões anteriores que concorreram para a sua formação no decurso dos séculos. Quanto à crença nos fenômenos da Natureza, ela não se adquire com a razão e com a lógica, mas pela força do hábito. Só o hábito pode fazer que o maravilhoso deixe de parecer um milagre.

“Quanto ao mais, no que diz respeito com maior particularidade às experiências descritas aqui, empreendi-as no intuito especial de responder a um escritor que respeita o testemunho dos homens, reconhece o seu valor, e que convida até os propagadores dos fenômenos mediúnicos a realizar semelhantes experiências.

“Para lembrança, citarei aqui as palavras dele, ainda uma vez:

“Uma questão do mais elevado interesse teórico, é saber se um médium possui a faculdade não só de produzir em outra pessoa a alucinação de uma imagem qualquer, mas ainda de dar a essa imagem uma consistência material, de uma materialidade muito fraca, é verdade, mas tendo ao mesmo tempo uma existência real no espaço objetivo do aposento onde se dão as sessões, admitindo-se que, para realizar essa criação, o médium projete uma parte da matéria que compõe seu próprio organismo para fazê-la tomar essa forma determinada...” “Pois que a reclusão material do médium não oferece garantia alguma para a autenticidade do fenômeno, é indispensável ver o médium e o fantasma fotografado simultaneamente na mesma prova, antes de conceder a objetividade às aparições percebidas somente pela vista dos assistentes... “A meu ver, a condição essencial de tal demonstração fotográfica consiste em não se deixar aproximar-se nem um fotógrafo de profissão nem o médium, do aparelho, do caixilho ou da chapa, a fim de evitar toda suspeita de preparativos prévios ou de manipulações ulteriores..” “A solução definitiva dessa questão capital não poderá vir senão de um experimentador cuja integridade esteja acima de toda suspeita e que traga à sessão seus próprios aparelhos e acessórios e execute pessoalmente todas as manipulações.” (Hartmann - Espiritismo).

Tomo a liberdade de opinar que essas condições foram observadas em sua plenitude e que o Senhor Hartmann, depois de ter pesado todas as particularidades da experiência requerida, no ponto de vista moral e físico, confessará que ela é suficiente para estabelecer a realidade dos fenômenos da materialização.

e) O médium e o fantasma são invisíveis; a fotografia produz-se às escuras.

Chego à última categoria das provas de objetividade da materialização por via fotográfica, e isso em Condições muito curiosas: em escuridão absoluta.

Não se trata mais de saber onde se acha o médium. Seria escusado que ele se transfigurasse, pois isso não lhe daria o meio de reagir sobre a chapa sensível às escuras. E entretanto é fato que uma forma materializada pode ser fotografada na escuridão absoluta, e é mesmo essa circunstância que demonstra sua origem transcendente.

As primeiras notícias relativas a esse gênero de fotografias nos vieram da América, em 1875 (vede “The Spiritualist”, 1875, 11, pág. 297; 1876, 1, págs. 308, 313); porém, a série mais notável de experiências de fotografia na escuridão foi organizada em Paris, em 1877, pelo Conde de Bullet, com o médium Firman (“The Spiritualist”, 1877, II, págs. 165, 178, 202). O Senhor Bullet publicou a esse respeito e em seguida um relatório circunstanciado na revista precitada, em 1878 (tomo II, pág. 175.)

Nos artigos do Senhor Reimers encontramos a narração de experiência semelhante, sempre com o mesmo médium, e é ainda “Bertie” quem completa a série de provas que ela lhe forneceu de sua individualidade objetiva, reproduzindo sua imagem por processo fotográfico que destrói todas as conjecturas que tendessem a atribuir o resultado obtido a manipulações fraudulentas, a menos que se acuse o próprio Senhor Reimers de as ter praticado. Eis o fato que ele relata:

No decurso deste inverno, tive o ensejo de fazer uma experiência fotográfica, única em seu gênero, e que não se presta à explicação alguma pelos processos conhecidos. Fiz aquisição de uma chapa seca.

introduzi-a no caixilho, às 9 horas da noite, e pousei as mãos em cima da câmara escura até o momento em que o médium se instalou atrás da cortina; então apaguei a luz. O sinal convencionado, para abrir a objetiva e para fechá-la de novo alguns instantes depois, foi dado pela voz do agente invisível. Acompanhado pelo médium, que tinha despertado, fui ao gabinete escuro; em todo o tempo da revelação, não deixei de olhar para a chapa, e vi desenhar-sé nela, pouco a pouco, a imagem de Bertie, com sua cruz no pescoço, tal qual ela aparecia ordinariamente em suas materializações.

E dizer que é a reprodução fotográfica, em completa escuridão, de uma forma que evidentemente projetou sobre a chapa sensível raios que para nós são invisíveis, isto é, de encontro a todas as leis naturais conhecidas! Somente essa imagem é visível sobre a chapa que não apresenta o menor indício das coisas circunvizinhas; é preciso concluir, daí, que esses raios emanavam da própria figura, que não era uma luz refletida." ("Psychische Studien", 1879, pág. 399.)

Pedi ao Senhor Reimers alguns pormenores suplementares e recebi dele a resposta seguinte:

"Wellington Parade, Powlett Street. E. Melbourne (Austrália), 8 de Junho de 1886.

Senhor:

Creio não ter descrito a experiência fotográfica às escuras de maneira suficientemente circunstanciada; é útil pois que eu esclareça mais os pontos importantes.

Dirigi-me a Londres com Alfred Firman, e fiz aquisição de chapas secas, no ângulo das quais fiz uma marca. Chegados que fomos a Richmond, preparamos o gabinete e dispusemos o aparelho de maneira que o foco se achasse no lugar em que a forma devia aparecer, segundo as indicações que nos tinham sido dadas. Chegada à noite (eram cerca de 9 horas; estávamos no mês de Setembro), Firman entrou no gabinete, enquanto fiquei perto do aparelho, conservando durante todo o tempo à mão pousada em cima dele; eu tinha colocado, no lugar apropriado, a chapa que tinha ficado em minha algibeira desde que tínhamos deixado a loja. John King nos disse, pela voz do médium, que nos conservássemos prontos a descobrir a objetiva à sua ordem. Durante algum tempo houve silêncio tão completo que a mais leve passada do médium teria sido ouvida. De repente ouvimos a voz de John King dando esta ordem: "Agora, abra"; e, alguns minutos depois: "Feche". Acendi a vela, tirei a chapa, e. quando Firman preparou o banho, entreguei-lhe; olhando por cima de seu ombro, acompanhei os progressos da revelação. No negativo há uma figura com uma cruz no pescoço; é a imagem de Bertie, como me aparecia ela habitualmente, apenas porém mais escura e sobre um fundo pardo.

Depois desse resultado admirável, comecei a passar em revista, como o faço no fim de cada sessão, todas as combinações imagináveis de fraude às quais se poderia recorrer para obter esse resultado, e cheguei a esta conclusão: que não somente era impossível imitar a marca que eu tinha feito na chapa, mas que, com mais forte razão, é inadmissível que outra chapa, já impressionada, lhe tenha sido substituído. Seria coisa materialmente impossível para o médium retirar a chapa do caixilho e introduzir ali outra, sem fazer o menor ruído, e, isso, em completa escuridão, principalmente pelo fato de estar a minha mão sobre o aparelho. Não tendo além disso perdido de vista a chapa, desde o momento em que a tinha retirado do caixilho, deixo que outros façam conjecturas...

Seu dedicado:

C. Reimers

As experiências de fotografia às escuras, feitas por mim mesmo, me convenceram de que esse fato é possível. Tratou-se de tal assunto nos primeiros números do "Psychischen Studien" daquele ano. A inglês de uma dessas fotografias acha-se no jornal inglês "Light" (número de 23 de Abril de 1887).

5° - Aqui termina a demonstração da natureza não alucinatória das materializações, por intermédio de efeitos físicos duradouros produzidos por essas aparições; entretanto, devo mencionar ainda um modo de confronto ao qual se recorreu para ter a segurança de que a materialização é um fenômeno que possui os

atributos de uma corporeidade real, e não constitui uma alucinação - quero dizer que se pesou a forma materializada e o médium enquanto o fenômeno se produzia. O próprio Senhor Hartmann admite que essas experiências parecem “muito aptas para elucidar a questão”.

Mas então a força nervosa não possui a faculdade miraculosa de produzir todos os efeitos da gravidade? Ela pode, efetivamente, tornar o médium mais leve que o ar e fazer um fantasma pesar tanto quanto o médium, e o Senhor Hartmann termina naturalmente por concluir que “por essa via nada se pode pois verificar de maneira positiva”. Aqui estaria para mim uma razão de não insistir sobre essa categoria de provas em minha “resposta” ao Senhor Hartmann, se não se lesse, imediatamente depois da frase junta, a observação seguinte:

“No caso único em que, conforme me consta, um fantasma foi pesado, seu peso era igual ao do médium (“Psychische Studien”, VIII, pág. 52), donde se conclui que era o próprio médium que se tinha colocado em cima da balança.”

Comparei essa frase com a passagem acima mencionada no “Psychische Studien”, e eis o que encontrei em meu diário: é um extrato da carta do Senhor Armstrong ao Senhor Reimers:

“Assisti a três sessões organizadas com a Srta. Wood, nas quais se empregou a balança do Senhor Blackburn. Pesou-se a médium e conduziram-na depois ao gabinete (que era disposto de maneira a colocar a médium na impossibilidade de sair dele no decurso da sessão).

“Apareceram três figuras, uma após outra, e subiram à balança. Na segunda sessão, o peso variou entre 34 e 176 libras (*); essa última cifra representa o peso normal da médium.

(*) Uma libra equivale a 453 gramas.

Na terceira sessão, um só fantasma apareceu; seu peso oscilou entre 83 e 84 libras. Essas, experiências de pesagem são muito concludentes, a menos que as forças ocultas tenham zombado de nós.

“Seria entretanto interessante saber: que pode realmente restar do médium, no gabinete, quando o fantasma tem o mesmo peso que ele? Comparados a outras experiências do mesmo gênero, esses resultados se tornam mais interessantes ainda.

Em uma sessão de confronto com a Senhora Fairlamb essa foi, por assim dizer, cosida em uma rede cujos sustentáculos eram providos de um registrador que marcava todas as oscilações do peso da médium, e isso aos olhos dos assistentes. Depois de pequena espera, pôde-se verificar uma diminuição gradual do peso; finalmente apareceu uma figura e deu a volta em torno dos assistentes. Durante esse tempo, o registrador indicava uma perda de sessenta libras no peso da médium, metade de seu, normal. Enquanto o fantasma se desmaterializava, o peso da médium aumentava, e no fim da sessão, como resultado final, ela tinha perdido de três a quatro libras. Não é uma prova de que, para as materializações, uma certa quantidade de matéria e tirada do organismo do médium?” (“Psychische Studien”, 1881, págs. 52-53.)

Essa carta nos indica que na “terceira sessão”, com a Srta. Wood, o peso da forma materializada era igual, durante todo o tempo da sessão, a cerca da metade do peso normal da médium; na experiência com a Srta. Fairlamb, a médium tinha perdido ainda cerca da metade de seu peso normal, ou 60 libras. Que relação à observação do Senhor Hartmann pode ter com o fato que ele cita? Convém procurar a fonte desse erro no domínio do “Inconsciente”?

E a diminuição do peso da médium, indo até 3 e 4 libras, depois da sessão, é ainda um efeito da força nervosa? O Senhor Hartmann nos fica devedor de uma explicação dessa particularidade.

As pessoas que desejarem ter mais amplas informações sobre o histórico desse método de experimentação, aplicado aos fenômenos da materialização, podem consultar as publicações seguintes: “People from the Other World”, por Olcott, Hartford, 1875, págs. 241-243, 487; “The Spiritualist”, 1875, I, págs. 207, 290; 1878, 1 págs. 211, 235, 268, 287; II, págs. 115, 163; “Light” 1886, págs. 19, 195, 211, 273.

Aqui termina a primeira parte de meu capítulo sobre os fenômenos da materialização; ele tinha por objetivo demonstrar a insuficiência da hipótese alucinatória do Senhor Hartmann, no ponto de vista dos fatos. Encontramos todas as provas necessárias para nos convencermos de que a materialidade, posto que temporária, que caracteriza esses fenômenos, é uma coisa real, objetiva, idêntica à materialidade dos corpos que existem na Natureza, e não o efeito de uma alucinação.

Por conseguinte eu me arrogo o direito de dizer que a teoria das alucinações não só perdeu “a vereda estreita” na qual caminhava penosamente, mas ainda que “lhe foge o próprio terreno”.

Tenho a convicção de que a alucinação não tem influência nos fenômenos de materialização; quanto à imaginação, à ilusão, é outra coisa; mas, dando como admitido que essas tiveram sua parte de influência, é justo dizer que era nos primeiros tempos dessas experiências somente, e todas as pessoas estavam de acordo para julgar o fato muito natural e desculpável.

Atualmente a experiência adquirida já produziu seus frutos, e os espiritualistas encaram hoje esses fenômenos notáveis de maneira muito mais calma e razoável.

A segunda parte deste capítulo será consagrada ao lado teórico da mesma questão.

Insuficiência da teoria alucinatória do Doutor Hartmann sob o ponto de vista teórico (16)

A primeira parte deste capítulo tomou um desenvolvimento que eu não tinha previsto, Mas não hesitei em recolher e em utilizar todos os materiais que se me ofereciam, à medida que prosseguia em meu trabalho, pois considero o fenômeno da materialização como o resultado mais notável, mais elevado que atingiu o Espiritismo. Por isso, a demonstração da realidade objetiva desse fenômeno - em oposição com as hipóteses negativas do Doutor Hartmann - era de importância capital para a minha refutação.

Atingi o alvo que me tinha proposto? Ignoro-o. Geralmente os filósofos ficam namorados de suas teorias, e as defendem apaixonadamente. Mas como a obra inteira do Senhor Hartmann é fundada na suposição da realidade dos fenômenos, ouso esperar que ele aquiesça em formular também um juízo “tendo um valor condicional” acerca dos fatos de que fiz menção neste capítulo, e que ele não conhecia dantes; prefiro acreditar que ele não evitará as conclusões que se fica coagido a tirar de ditos fatos, entrincheirando-se especialmente na presente ocasião por trás do argumento, aliás, muito fácil, da fraude!

Certamente os fatos são à base de qualquer investigação no domínio da Natureza, e, para responder ao Senhor Hartmann, o melhor método que eu tinha a seguir era apoiar-me em fatos, apresentando-os, tanto quanto me era possível, nas condições impostas por meu contraditor ou que pareciam necessárias para refutar a hipótese da alucinação.

Depois de todas as provas que acumulei na secção a do capítulo precedente, para estabelecer pela lógica dos fatos o caráter não alucinatório do fenômeno da materialização poderia dispensar-me de estabelecer aqui uma discussão teórica.

Mas a hipótese do Senhor Hartmann apresenta, mesmo sob o ponto de vista teórico, inconseqüências tão flagrantes, que não posso deixá-las completamente em silêncio. Serei breve, porque as discussões de princípio nada resolvem, e um simples fato tem cem vezes mais valor que argumentos longos e complicados; é por isso que não dou grande importância às discussões teóricas, e eu me deterei aqui, mesmo porque as teorias do Senhor Hartmann são fundadas na entrada em cena de agentes aos quais ele empresta, à vontade de sua pena, virtudes mágicas, porém contrárias às exigências da sã lógica, a despeito de sua encenação artística.

Detenhamo-nos antes de tudo nos princípios gerais da teoria do Senhor Hartmann tais quais ele os estabelece. Sua primeira tese é que o médium tem a faculdade de pôr-se a si mesmo em estado de sonambulismo e de sugerir a si mesmo em tal estado a alucinação desejada. Não me preocuparei com a primeira parte, mas perguntarei ao Senhor Hartmann em que o pode fundar essa asserção que o médium em estado de transe pode alucinar-se por si mesmo?

Se interrogarmos os médiuns e sobretudo aqueles com os quais as materializações não se traduzem somente por formas estereotipadas, eles nos responderão que adormece sem pensar nas formas que podem aparecer, que não dão direção alguma à sua consciência sonambúlica e que ao despertarem não se recordam de coisa alguma.

Objetar-se-ão que esses testemunhos não podem ser aceitos, pois que, além de ser permitido suspeitar de sua boa fé, é admissível também que a auto-sugestão se faça inconscientemente, como resultado da consciência sonambúlica.

Verifiquemos a teoria do Senhor Hartmann pelo exame do estado do médium em sono. Os sensitivos hipnóticos ou sonambúlicos, quando têm alucinações, manifestam sempre por sinais exteriores o que se passa neles, mas o médium em transe, pelo contrário, parece inanimado; não se lhe escapa uma palavra, ele não faz um gesto que possa deixar supor que vê qualquer coisa, é ainda menos a figura materializada, que entretanto é vista por todos os assistentes. Se lhe falam, não responde. Ora, que vem a ser uma alucinação durante o sono, senão um sonho cuja realidade aparente é levada até o grau supremo de intensidade, lançando o dormente em um estado de superexcitação tal, que ele desperta em sobressalto e, ao seu despertar, julga-se ainda vítima desse sonho aterrador? Muito freqüentemente pessoas adormecidas falam e gesticulam, o que prova que elas "vêem" sonhando. Com o médium em transe, nada de semelhante se verifica; ele dorme profundamente, pacificamente. Então em que se funda essa proposição fundamental do Senhor Hartmann, de que o médium adormecido tem alucinações que seriam mesmo de uma intensidade extraordinária? (Pág. 31.) Essa suposição é absolutamente gratuita.

A segunda tese geral do Senhor Hartmann é que o médium, adormecido e alucinado, transmite aos assistentes a alucinação que ele próprio experimenta, e que ele experimenta "um desejo imperioso de fazer que as pessoas presentes partilhem da percepção dessa realidade imaginária, isto é, impõe-lhes as mesmas alucinações que se apresentam a ele próprio".

Eis o que é fácil de dizer em termos gerais, examinemos, porém, mais de perto o que se passaria na realidade nesse caso. O médium, colocado atrás da cortina, dorme, e vê uma figura que julga real. Então lhe ocorre à idéia (pois que ele não esquece o seu papel de médium) de que os assistentes devem ver também essa figura, porque é o objetivo da sessão. Segundo o seu desejo, a figura sai do gabinete sombrio para apresentar-se aos observadores; é assim que as coisas se dão habitualmente. Desde que a figura saiu do gabinete, o médium não a vê mais, pois não tem mais alucinação, e, por conseguinte, os espectadores nada vêem também, porque o médium não lhes pode sugerir uma alucinação que não tem mais!

Se o Senhor Hartmann me responder que a alucinação é um fenômeno subjetivo que se impõe ao cérebro dos assistentes, que ele não pode ser limitado por um gabinete ou por uma cortina, que o médium pode continuar a experimentar a alucinação - do outro lado da cortina - sustentarei o contrário, porque toda encenação deverá corresponder à realidade; o médium deverá ver-se no gabinete sombrio atrás da cortina; deverá ficar convencido de que está em presença de uma figura real que ele não mais verá logo que ela saiu do gabinete; se ele continuasse a vê-la através da cortina, o fato seria contrário às leis da realidade: ele compreenderia então que é o joguete de uma alucinação, e, uma vez feito esse raciocínio, a alucinação não mais existiria.

Demais, não devemos esquecer que se a consciência no estado de vigília sugeriu ao médium que durante a sessão uma figura deve aparecer aos espectadores, essa mesma "consciência no estado de vigília" lhe sugere que durante essa aparição ele estaria em transe, atrás da cortina, e que nada veria - tal é a tradição dos círculos espíritas. Escravo dessa sugestão, sua alucinação (se há alucinação) não poderia ir além da cortina. Assim, essa segunda hipótese do Senhor Hartmann é destruída pela própria lei das alucinações sugeridas.

Vejamos sua terceira tese. De que maneira o médium impõe suas alucinações aos assistentes? O Senhor Hartmann no-lo explica assim: "Um médium universal deve ser mais que um auto-sonâmbulo: deve ser ao mesmo tempo um poderoso magnetizador" (pág. 34): "E certo, diz ainda o Senhor Hartmann, que os médiuns, no estado de sonambulismo latente ou aparente, dispõem de uma quantidade de força nervosa, tirada de seu próprio organismo, ou do organismo dos assistentes, muito superior a que um magnetizador pode desenvolver no estado de vigília; é pois não menos certo que os médiuns devem possuir, em grau mais elevado que aquele, a faculdade de utilizar essa força nervosa para produzir nos assistentes um estado de sonambulismo latente ou aparente." (Pág. 55).

Essa explicação não concorda com os dados da experiência. O médium é um ser passivo, sensitivo, sujeito a todas as espécies de influências; quando ele entra em transe ou, segundo o Senhor Hartmann, em

sono sonambúlico, passa ao estado de completa passividade. Qualquer sono, finalmente, é um estado passivo, cujo caráter distintivo é a ausência de vontade. Isso é tanto mais verdadeiro a respeito do sono sonambúlico provocado, quanto à vontade do sonâmbulo é completamente aniquilada, pois que pertence ao magnetizador. No médium auto-sonâmbulo, é a vontade consciente que faz às vezes de magnetizador e que dá à sua consciência sonambúlica a "direção" para a sua alucinação quase automática. Mas, uma vez dado o impulso, desde que a transformação é realizada, o médium é mais que um autômato, um escravo da alucinação, que o invadiu e subjugou. E o Senhor Hartmann pretende que esse autômato, sem deixar de ser alucinado, torna-se subitamente ativo, torna-se por sua vez magnetizador e dispõe de uma força considerável, subjugando os espíritos dos assistentes sem pronunciar uma palavra, sem fazer um gesto, sem mesmo mostrar-se, ele mergulha-os em "um estado hipnótico sem sono", a que o Senhor Hartmann chama "estado de sonambulismo latente", para impor-lhes suas próprias alucinações.

O magnetizador-sonâmbulo age com discernimento. Só quando ele julgou que "todos quantos tomam parte na sessão caíram sob seu domínio", é que põem em jogo suas alucinações. Ele delibera acerca do gênero de alucinação que ele próprio terá e que sugerirá aos outros. Aparecerá ele próprio no papel de John King, ou será um morto que apresentará à assistência (págs. 94, 95), e também que sentidos serão afetados pela alucinação? (Pág. 100.)

Aqui o Senhor Hartmann se esqueceu de dizer-nos de que maneira o médium auto-sonâmbulo modifica suas alucinações. Donde vem a nova "direção"? Suponhamos que ele tem a alucinação de ser ou de ver John King e que impõe essa alucinação aos assistentes; depois bruscamente essa alucinação cede o lugar ao "desejo imperioso de transmitir ao indivíduo que se acha ao seu alcance sua alucinação da presença do espírito de um morto"; como se opera essa mudança? Na prática magnética ou hipnótica, para obter-se a mudança das alucinações sugeridas, se desperta o sensitivo, depois ele é outra vez adormecido, sugerindo-se-lhe a nova alucinação. O Senhor Hartmann imaginou que o auto-sonâmbulo faz tudo sozinho. Depois de ter sugerido a si mesmo e de ter sugerido aos outros que, por exemplo, ele era John King, julga que é chegada a ocasião de mudar o objeto de sua alucinação; volta a um estado de sonambulismo sem alucinação, examina o estado de sonambulismo latente dos assistentes; depois, tendo percebido por meio da leitura dos pensamentos, na memória hiperestésica de um dos assistentes à imagem de um morto, ele sugere a si próprio a alucinação e transmite-a ao mesmo tempo à consciência sonambúlica latente desse assistente e à de todos os outros... para recomeçar em breve com outra alucinação.

Assim o médium-sonâmbulo é um ser ao mesmo tempo ativo e passivo, alucinado e alucinando os outros, alucinado e consciente de sua alucinação, alucinado e ficando senhor de suas alucinações, que ele oferece em espetáculo aos assistentes como em um teatro de bonecos. Tudo isso não passa de uma série de contradições psíquicas insustentáveis. E é em vão que o Senhor Hartmann apelará para esse agente mágico, a consciência sonambúlica do médium, o deus ex machina de sua hipótese. Mas esse deus - por mais deus que seja - não pode, apesar disso, fazer tantas coisas ao mesmo tempo!

Quarta tese: O médium auto-sonâmbulo não se satisfaz em alucinar-se e em alucinar os assistentes juntamente consigo, ele também faz que as personagens dessas alucinações realizem atos físicos: elas escrevem, deslocam objetos, fazem moldagens, produzem impressões, etc. Esses movimentos são produzidos pela força nervosa do médium, que ele dirige segundo a vontade de sua consciência sonambúlica. (Págs. 54, 102, 103.)

Assim, pois, à dupla atividade psíquica que a consciência sonambúlica. do médium já tinha desenvolvido, juntam-se uma terceira: uma atividade inteiramente física, pois que ela é a natureza da força nervosa, segundo o Senhor Hartmann. Essa teoria de nosso contraditor é tão fácil de emitir quão difícil de defender, pois ela corresponde ainda menos que as outras à doutrina da unidade do ato físico. Efetivamente, a operação da transmissão da auto-alucinação a muitas pessoas seria por si só, da parte do médium, um esforço que absorveria toda a sua energia psíquica; mas, de maneira alguma, segundo o Senhor Hartmann, ela se realiza ao mesmo tempo em que um esforço da vontade, que "emite a força nervosa mediúnica ou magnética que se acha no sistema nervoso e a dirige de certa maneira sobre objetos animados ou inanimados." (Pág. 54.) Aqui retenho uma palavra que dá que pensar. Que quer dizer: "de certa maneira?" O Senhor Hartmann não no-la explica.

E entretanto vejamos o que se passaria na realidade: Aparece uma forma, eu lhe ofereço papel e lápis; ela os recebe, escreve no papel e coloca-o em cima da mesa. Para produzir esses movimentos, o operador invisível (o médium, ou sua consciência sonambúlica) deve ser clarividente. Não é uma simples "leitura" ou "transmissão" de pensamentos que pode dar ao operador uma idéia da forma e das faculdades atuais do fantasma. Oh! não, isso não bastaria para fazer coincidirem os movimentos da figura alucinatória com os fatos tais quais se passam realmente no espaço objetivo; é preciso para isso uma clarividência direta de tudo o que se acha nesse espaço. Eis o que significa a expressão "de certa maneira".

E, desse modo, a atividade desenvolvida pelo médium auto-sonâmbulo seria quadruplicada. Essa multiplicidade de ações simultâneas impostas pelo Senhor Hartmann à unidade psíquica apresenta uma confusão de afirmações fantasistas diante da qual todo espírito crítico recua e renuncia a discutir.

Quinta tese: Os assistentes devem, durante a sessão, achar-se em um estado de sono sonambúlico latente é o médium quem os mergulha nesse estado, porque isso é indispensável para que ele lhes possa sugerir suas alucinações. (Págs. 55, 56.) E sempre, segundo o Doutor Hartmann, a condição nine qua non da percepção do fenômeno da "pretendida materialização". Qual é pois esse estado de sonambulismo latente? Por que sintomas exteriores ele se distingue do estado normal? Por nenhum, diz-nos o Senhor Hartmann. (Págs. 30, 57.) Assim, por que motivos lhe chamam "estado sonambúlico"? O Senhor Hartmann não no-lo explica. Pode-se, ao menos, saber como ele se produz? E' muito simples: o médium retira-se para trás da cortina, passa ao estado de sono sonambúlico aparente, magnetiza pela força de sua vontade todos os assistentes, depois desenvolve neles o estado de sonambulismo latente. (Págs. 55, 56, 91.) Mas, e a prova? Ei-la, dizem-nos, e ela é clara: os assistentes vêem uma "figura materializada" que não pode ser senão uma alucinação; por conseguinte, eles estão alucinados, se bem que não durmam; por conseguinte, estão em estado de sonambulismo latente! Não está aí uma prova?...

Não, isso não é uma prova. Comparemos esses processos com os que são empregados na prática magnética ou hipnótica para provocar uma alucinação.

Antes de tudo, o sensitivo deve ser adormecido; ora, está admitido que a metade, no mínimo, dos indivíduos é refratária à influência magnética, e que, para a outra metade, o grau de submissão a essa influência varia para cada indivíduo. Sendo o sensitivo adormecido, uma certa relação se estabelece entre ele e o operador: esse último pode sugerir-lhe uma alucinação por meio da palavra, ou por outro meio exterior; para fazer cessar a alucinação, ele deve despertar o sensitivo, e, ao despertar, esse último não se lembra de coisa alguma. Como sabemos, nada de semelhante se produz nas sessões de materialização. E' verdade que o Senhor Hartmann nos fala também de uma "relação estreita que deve previamente estabelecer-se entre o médium e os assistentes para que as transfigurações e materializações possam ser bem sucedidas" (pág. 91), e, segundo ele, essa relação se estabelece pela freqüência das sessões do médium no mesmo grupo de pessoas.

Admitindo-se que uma relação possa estabelecer-se nessas condições, é certo também que em numerosos casos semelhante relação não existiu. Reúnem-se cerca de dez pessoas que nunca foram hipnotizadas, muitas das quais nunca assistiram às sessões do médium, outras nunca assistiram à sessão alguma, outras, finalmente, ali foram com a firme convicção de que nada se produziria- isso não impede o médium de subjugar, sem o menor processo magnético, todos os membros dessa reunião heterogênea, sem os adormecer, e de impor a todos uma única e mesma alucinação, da qual eles se lembrarão com toda a exatidão! Assim, eu mesmo vi pela primeira vez em minha vida a materialização de uma figura (Katie King) na primeira sessão que me deu a Srta. Cook. Segundo o Senhor Hartmann, eu fui joguete de uma alucinação (e não de uma transfiguração do médium), pois que levantei a cortina imediatamente depois do desaparecimento da figura, e verifiquei o status quo do médium ("Psychische Studien", 1887, pág. 448).

Acrescentarei que não sou sensitivo e que nunca experimentei influência alguma magnética ou hipnótica. E preciso notar também que, contrariamente às afirmações do Senhor Hartmann, os círculos espíritas privados, constantes, homogêneos, são a exceção, e que os mais numerosos são círculos públicos, variáveis, heterogêneos.

Devo mencionar ainda uma particularidade que demonstrará a diferença que existe entre os processos mediúnicos e uma magnetização qualquer. Todas as pessoas sabem que para magnetizar ou hipnotizar com

êxito, é preciso que o indivíduo consinta nisso, isto é, que não se oponha à experiência, finalmente que se coloque nas condições favoráveis para ser magnetizado, isto é, que se imponha por alguns minutos silêncio e recolhimento. Em uma sessão mediúnica, vê-se o contrário. Diz-se geralmente - e o Senhor Hartmann repete-o - que os fenômenos mediúnicos se produzem em conseqüência de uma excitação psíquica provocada por uma "espera longa e contínua". Os que o supõem e afirmam-no não têm conhecimento algum prático da questão. Pelo contrário, todos aqueles que adquiriram alguma experiência nessas matérias, sabem muito bem que é em condições opostas que se obtém a manifestação dos fenômenos, que é precisamente a concentração dos pensamentos que deve ser evitada quando se assiste a uma sessão, sobretudo quando as manifestações ainda não começaram. Seja em uma sessão com luz ou sem ela, para efeitos físicos ou para materializações, a mesma condição é sempre imposta pelo médium ou pelas forças invisíveis: nada de recolhimento - música, cântico, ou uma conversação fácil. O que prejudica àqueles que assistem pela primeira vez a uma sessão, é justamente a excitação, o desejo e a espera de alguma coisa extraordinária.

As pessoas que têm o hábito de tomar parte nessas sessões sabem que é no decurso de uma conversação familiar, sem relação alguma com o Espiritismo, que se dão os fenômenos mais notáveis. E, segundo o Senhor Hartmann, é em um círculo onde se faz música, onde se canta, onde se conversa da maneira mais indiferente, que virá impor-se a todos as alucinações que aprouver ao médium adormecido criar!

A que se reduz, pois, a teoria do Senhor Hartmann sobre os fenômenos de materialização? Apesar de todas as complicações que ele acumulou penosamente sobre os princípios gerais que acabo de enumerar, ela se resume na fórmula seguinte: o médium dorme e sonha e os assistentes partilham de seus sonhos, mas sem dormir.

E aí está o que o Senhor Hartmann chama "ponto de vista da ciência psicológica";

Vejamos agora como se comporta a teoria do Senhor Hartmann a respeito das origens históricas do Espiritismo.

Em seu CAPÍTULO consagrado às materializações, ele estabeleceu a sua teoria examinando esses fenômenos nas condições em que eles se apresentam geralmente em nossos dias; e essas condições são: 1° - a aparição de uma figura inteira; 2° - uma luz fraca ou uma semi-escuridão; 3° - o médium invisível, colocado atrás da cortina; 4° - o médium em um estado de sono mais ou menos anormal. Colocados nessas condições, os fenômenos prestam-se até certo ponto à hipótese do Senhor Hartmann, a saber: que o médium é um auto-sonambulo, etc.

Mas, se remontarmos às origens do Espiritismo, isto é, aos anos 1848-1850, verificamos que nessa época as experiências se faziam à luz, que o médium tomava parte na assistência, que não caía em transe, nem em um estado de sono qualquer, que ele próprio era espectador e que apesar disso todos os fenômenos mediúnicos que se produzem atualmente produziam-se já então com todo o seu vigor. Não havia ainda materializações de figuras inteiras, porém toques, aparições de mãos, com ou sem deslocamento de objetos. Acrescentemos que os primeiros médiuns foram crianças, meninas de dez a doze anos. Como se harmonizará esse estado de coisas com as palavras seguintes do Senhor Hartmann?

"E justamente essa faculdade de colocar-se a si próprio em sonambulismo a todo o instante, que exige ser longamente exercitada, antes que se possa pô-la em ação com segurança, à vontade de terceiras pessoas" (págs. 31, 36); e, mais adiante: "Em uma sessão mediúnica, cada um deve ter em vista que está sob a influência de um muito poderoso magnetizador, que, sem se aperceber, tem todo o interesse em mergulhá-lo em um sonambulismo latente, a fim de lhe impor suas próprias alucinações" (pág. 56). Mais adiante lemos ainda: "Em regra, os médiuns caem em estado de sonambulismo aparente nas ocasiões seguintes: a princípio durante o falar involuntário, depois, quando se trata de produzir fenômenos físicos que exigem considerável esforço da força nervosa, e, em terceiro lugar, pela sugestão de alucinações às pessoas presentes, o que parece importar em uma intensidade particular das alucinações do próprio médium" (pág. 31). "Parece que a sugestão de alucinações aos assistentes só se pode efetuar a uma luz branda." (Pág. 10.)

Onde encontramos "o exercício prolongado", "o magnetizador poderoso" "o sonambulismo aparente" e uma luz branda nas meninas médiuns de 1849, sobre as quais os fenômenos mediúnicos se abateram, pode-se dizer, como uma surpresa, como uma avalanche? Apesar de todos os esforços que elas fizeram para desfazer-se deles, esses fenômenos acompanharam-nas sem tréguas, expondo-as a numerosos dissabores. Nada pôde

detê-los. “Anunciai essas verdades ao mundo!” Tal era a ordem que as forças invisíveis intimaram pela primeira mensagem obtida pelo alfabeto, e as jovens médiuns, apesar de toda a sua resistência, foram constrangidas a submeter-se e a entregar esses fenômenos à investigação pública. Sou levado a crer que, se os fenômenos de materialização tivessem continuado a produzir-se nas mesmas condições em que se davam nessa fase primordial, o Senhor Hartmann não teria encontrado elementos suficientes para edificar a sua teoria da alucinação. E entretanto o fenômeno era o mesmo!

O estudo dos fenômenos de materialização nos revela essa lei geral, que, por si mesma, refuta completamente a teoria da alucinação.

As primeiras manifestações da materialização com um médium, as formas materializadas oferecem uma semelhança frisante com certas partes do corpo ou com toda a pessoa do médium.

Mais tarde - se o médium continua no desenvolvimento desse gênero de experiências - essa semelhança pode, sem desaparecer, ceder o lugar, freqüentemente, a materializações de figuras extremamente variadas; outros médiuns não podem sair do limite das primeiras experiências, e todas ás suas materializações apresentam com a sua pessoa uma semelhança tal que se é conduzido mui naturalmente a supor que é o médium transfigurado - até o dia em que podemos convencer-nos por provas suficientes que estamos em presença de um desdobramento do médium.

E assim que nos fenômenos clássicos de materialização de Katie King e de John King, que se produziram na Inglaterra e que foram submetidos às mais variadas experiências, verificou-se de cada vez uma semelhança mais ou menos pronunciada, e algumas vezes completa, entre as formas materializadas e o médium. John King aparecia à luz do dia, e seu retrato foi desenhado enquanto o médium, colocado atrás da cortina, era seguro pelas mãos (“Médium”, 1873, pág. 346); ou antes, ele aparecia às escuras, iluminado por sua própria luz, enquanto o médium era seguro pelas mãos no grupo ou fora do grupo dos assistentes. - Katie King aparecia enquanto uma parte do corpo da médium era visível; outras vezes desaparecia momentaneamente, quando era acompanhada por uma pessoa que queria ver a médium no gabinete. Esses casos, segundo o Senhor Hartmann, são provas evidentes da alucinação e não da transfiguração.

Mas, se assim fosse, porque essa semelhança com os médiuns? Essa semelhança fazia seu desespero! Certamente, se eles tivessem podido provocar alucinações à sua vontade, seguramente teriam evitado representar nessas alucinações sua própria imagem, o que fazia somente gerar a suspeita e fornecia pretextos a toda espécie de medidas de fiscalização com o objetivo de desmascarar a impostura.

Acontece o mesmo com as materializações que se produzem aos olhos dos assistentes. Como alucinação, esse gênero de fenômeno agrada ao Senhor Hartmann; mas, no ponto de vista do fenômeno objetivo, o processo lhe desagrada, e, para provar que o médium não é “o produtor inconsciente do fantasma”, o Senhor Hartmann exige outra demonstração; ele diz: “Nos casos em que havia separação - absoluta, em que o fantasma era observado desde a sua formação até o seu desaparecimento, verificou-se que ele emanava todo do médium e fundia-se de novo com ele, e isso, não como uma imagem inteiramente formada, enchendo-se gradualmente de matéria e esvaziando-se em seguida, mas como uma massa nebulosa informe que só toma forma gradualmente e se desagrega em seguida da mesma maneira.” (Pág. 110.)

Se verdadeiramente esse fantasma não fosse mais do que uma alucinação, a fantasia do médium teria ultrapassado todas as exigências do Doutor Hartmann: “imagens inteiramente formadas”, correspondendo a mais arrojada imaginação, teriam aparecido e desaparecido subitamente.

Mas apresentarei aqui ainda outra observação: se as materializações não passam de alucinações produzidas pelo médium e se ele tem a faculdade de ver todas as imagens armazenadas nas profundezas da consciência sonambúlica latente dos assistentes, e de ler todas as idéias e todas as impressões - que se acham no estado latente em sua memória - ser-lhe-ia muito fácil contentar a todos aqueles que assistem à sessão, fazendo aparecer sempre a seus olhos às imagens de pessoas falecidas que lhes fossem caras. Que triunfo, que glória, que fonte de riqueza para um médium que atingisse esse alvo! Mas, com grande pesar dos médiuns, as coisas não se passam assim: para o maior número dentre eles, são figuras estranhas que se apresentam, figuras que ninguém reconhece, e os casos em que a semelhança com um morto era bem verificada, não só quanto à forma, mas também quanto à personalidade moral, são extremamente raros; os primeiros são a regra, os outros, a exceção.

Esses resultados negativos, que estão longe de satisfazer a todas as esperanças e a todos os desejos, são para mim a prova de que nos achamos realmente em presença de fenômenos naturais, submetidos a certas leis e a certas condições para poder manifestar-se, e cujo verdadeiro sentido nos é desconhecido ainda.

Se seguirmos de mais perto a história da materialização de certas figuras que apareceram regularmente durante um tempo mais ou menos longo, encontraremos alguns casos que têm especial importância para a teoria desses fenômenos e provam, à sua maneira, que não são simples alucinações.

E à série das aparições de Katie King que tiro o primeiro exemplo de um fenômeno dessa espécie, e deter-me-ei aí porque ele é atestado pelos testemunhos mais sérios. Desde as suas primeiras aparições, Katie King tinha anunciado que não poderia materializar-se senão durante três anos e que, na expiração desse termo, sua missão estaria terminada: que ela não poderia mais se manifestar fisicamente, visivelmente e tangivelmente, que, passando a um estado mais elevado, não poderia comunicar com o seu médium senão de maneira menos material. (“The Spiritualist”, 1874, I, pág. 258, II, pág. 291.)

O prazo anunciado expirava em Maio de 1874; a última sessão foi fixada por Katie King para 21 de Maio; ela se realizou em casa do Senhor W. Crookes. Eis de que modo, segundo as palavras desse último, se operou a desaparição de Katie:

Ao aproximar-se o momento em que Katie devia deixar-nos, pedi-lhe que se fizesse ver por mim, no último momento. Convidou umas após outras todas as pessoas presentes a aproximar-se dela e disse a cada uma algumas palavras; depois deu certas indicações gerais sobre a proteção e cuidados de que devíamos no futuro rodear a Srta. Cook. Terminadas essas recomendações, Katie convidou-me a acompanhá-la ao gabinete e autorizou-me a ficar até o fim. Puxou a cortina e falou-me durante algum tempo ainda; depois, atravessou o aposento até o lugar em que a Srta. Cook estava deitada sem conhecimento no soalho. Inclinando-se para ela, Katie disse-lhe: - Desperta, Florie, desperta. Agora, devo deixar-te. A Srta. Cook despertou e rogou a Katie, chorando, que ficasse ainda por um pouco. - Não posso, minha cara, minha missão está cumprida. Deus te abençoe, respondeu Katie, e continuou ainda a falar com a Srta. CooK. Essa conversação se prolongou por muitos minutos; as lágrimas sufocaram a Srta. Cook. Então, conformando-me com as recomendações de Katie, aproximei-me da Srta. Cook para ampará-la, pois ela tinha caído no chão com um acesso de soluços histéricos. Quando olhei em volta de mim, Katie tinha desaparecido.

O Senhor Harrison, editor do “The Spiritualist”, que fez parte dessa sessão, acrescenta os pormenores seguintes:

Katie disse-nos que nunca mais poderia falar nem mostrar o rosto, que os três anos durante os quais produzira essas manifestações físicas tinham sido para ela um tempo penoso, uma triste expiação de seus pecados, e que naquela ocasião ia passar a um estado de existência espiritual mais elevado. Declarou que não poderia daí em diante comunicar com a médium senão a intervalos longos, e isso pela escrita, mas que a médium poderia divisá-la a qualquer hora, desde que se deixasse magnetizar.

Não posso insistir bastante sobre a significação moral desse fato. Como explicar, de maneira racional, no ponto de vista das teorias da transfiguração, da alucinação e mesmo pela impostura, essa cessação voluntária da aparição e da materialização de Katie King? Se a produção desses fenômenos só dependesse da médium, por que motivo teria ela posto termo às manifestações? A Srta. Cook, a médium, estava nessa época no apogeu de sua nomeada; o amor-próprio dos médiuns - sobretudo quando eles entraram nesse caminho especial - desenvolve-se mui naturalmente até um grau muito elevado, pois que sua extraordinária faculdade lhes abre as portas da mais alta sociedade, e tornam-se o objeto da atenção geral, o que não pode deixar de lisonjear-lhes a ambição. A Srta. Cook era então o único médium com o qual se produzia a materialização de figuras inteiras. Por que motivo então teria ela voluntariamente descido do pedestal sobre o qual a elevavam, para cair de novo no esquecimento? Ela não podia conhecer a sorte reservada a suas faculdades mediúnicas, prever se atingiria os mesmos resultados, e por que motivo além disso teria ela trocado o certo pelo incerto?

O Senhor Crookes, por seu lado, dava grande importância a essas experiências e só desejava completar suas observações.

Pergunto de novo qual podia ser o motivo bastante poderoso para decidir a médium a tomar essa resolução? Se as manifestações só dependessem da sua vontade, era bastante continuá-las para colher novos louros.

Poder-se-ia atribuir essa resolução a um enfraquecimento das faculdades mediúnicas da Srta. Cook e não ver nas despedidas de Katie King - ainda que elas tenham sido previstas três anos antes - mais do que um meio de evitar um insucesso penoso para o seu amor-próprio. Porém, nós sabemos que pelo contrário os fenômenos foram progredindo e que eram mais perfeitos, mais decisivos ainda nos últimos tempos; sabemos também que depois da desaparição de Katie King as faculdades mediúnicas da Srta. Cook não enfraqueceram e que, pouco tempo depois, uma nova figura apareceu "com igual perfeição" -, como no-lo informa a carta do Senhor Crookes publicada no "The Spiritualist" de 1875, tomo I, pág. 312.

Finalmente, esse, fato da cessação de uma materialização de figura aparecida durante certo lapso de tempo não é único nos anais do Espiritismo. Poderia citar ainda muitos. (Vede por exemplo o "Médium", 1876, página 534.)

Em minha opinião, tudo isso demonstra peremptoriamente que, nesses diversos casos, ao menos, tratávamos com uma vontade diferente da do médium e que o fenômeno tinha, por si mesmo, uma realidade objetiva.

Para acabar de vez com o lado teórico dessa questão, devo renovar uma objeção que já emiti na primeira parte deste CAPÍTULO, quando se tratava das impressões produzidas por partes do corpo materializadas. Essa objeção deveria figurar aqui - na parte teórica de minha argumentação, mas eu me deixei levar pela "inconseqüência lógica" que sobressaía da teoria do Senhor Hartmann, quando tratei especialmente desse gênero de fenômenos (págs. 115 e seguintes).

Lembrarei em algumas palavras o assunto de que se trata, porque essa inconseqüência que dimana da tese do Senhor Hartmann não se limita evidentemente à explicação pela alucinação do aparecimento de uma parte do corpo humano, mas refere-se igualmente à aparição de uma forma humana inteira materializada.

O Senhor Hartmann foi coagido a nos fazer uma concessão relativamente à aparição das mãos: elas podem não ser uma simples alucinação da vista, mas ter um substrato objetivo real na força nervosa, cuja concentração pode ser tal que a mão possa ser sentida ao tato, e será então uma percepção real, e não uma alucinação, o que é provado pela impressão que essa mão produz sobre papel enegrecido. Mas a vista dessa mão será, para a mesma pessoa que a tocou, uma alucinação. Eis onde reside "a inconseqüência lógica" que se estende ao conjunto da teoria da alucinação emitida pelo Senhor Hartmann para explicar as materializações.

Quando uma figura inteira aparece, produz diversos efeitos físicos, deixa-se tocar e apalpar, o Senhor Hartmann admite de boa vontade que isso pode ser um efeito real, não alucinatório, um efeito produzido pela força nervosa mediúnica que representa o análogo da superfície da mão que produz lima pressão, sem que haja, por trás dessa superfície, um corpo material. (Pág. 99.)

Por que motivo, pois, ele não admite que esse mesmo "análogo de uma superfície que exerce uma pressão", possa produzir um efeito visual ?

Assim, para uma série de efeitos produzidos pelo mesmo fenômeno, o Senhor Hartmann admite que eles são provocados por "uma coisa material (em si), existindo no espaço objetivo real e que afeta os órgãos sensoriais dos assistentes", e para uma outra série de efeitos - sentidos e acusados pelo mesmo indivíduo - ele declara que essa causa "não é uma coisa material, mas uma alucinação subjetiva do médium". (Pág. 96.)

E impossível não ver a contradição evidente dessas duas explicações. A inconseqüência é tanto mais saliente, porquanto o próprio Senhor Hartmann afirma que a força nervosa pode tomar formas visíveis que não são alucinações. Assim ela poderia "transformar-se em efeitos de luz" (pág. 47), e então "revestir formas determinadas, mas principalmente formas de cristais, ou antes, formas de objetos inorgânicos, tais como cruzes, estrelas, um campo claro semeado de pontos luminosos." (Pág. 50.)

Nesse caso, a força nervosa torna-se visível e não é uma alucinação. Porque, pois, essa mesma força, por se tornar visível sob a forma orgânica de uma materialização (que algumas vezes também é luminosa), se torna uma alucinação? Como o Senhor Hartmann poderá responder a essa pergunta?

A teoria da alucinação é destruída pela análise lógica de suas próprias hipóteses.

CAPÍTULO II

OS FENÔMENOS FÍSICOS

Já tendo tratado da questão das materializações e tendo-a resolvido no sentido de um fenômeno real objetivo, minha resposta ao Senhor Hartmann, no que diz respeito aos fenômenos físicos, compreende-se facilmente. E claro que, se minha tese é admitida para o fenômeno da materialização, a maior parte dos fenômenos físicos complexos explicam-se pela simples suposição de que eles são produzidos por órgãos materiais invisíveis.

Mas isso não quer dizer que todos os fenômenos físicos devam explicar-se dessa maneira e que nenhuma força física desconhecida represente aí um papel; creio, pelo contrário, que é razoável admitir que os fenômenos físicos simples não são freqüentemente mais do que o produto de uma força física desconhecida, emanada de nosso organismo.

Chamo fenômenos simples aos fenômenos físicos obtidos com ou sem imposição das mãos, quando eles se produzem em linha reta, horizontal ou vertical, e quando têm o simples caráter de repulsão ou de atração; tal é, por exemplo, o fenômeno da elevação de uma mesa com mãos simplesmente colocadas em cima, que eu observei muitas vezes, e que sempre me impressionou pelo movimento perfeitamente vertical de todo o móvel, os quatro pés deixando o solo ao mesmo tempo, e a mesa caindo de uma só vez, como se fosse sobre um pé somente.

Eu mesmo vi a mesa, depois de se ter levantado a um ângulo de 45°, retomar a posição horizontal enquanto estava suspensa no espaço e cair de novo verticalmente sobre os quatro pés.

Quanto aos fenômenos físicos complexos, descrevendo o objeto uma linha curva, por exemplo, parece serem produzido por um órgão físico invisível, dirigido por uma vontade e por uma razão que lhe são próprias; mas, por assim dizer, essa idéia nem sequer teve o tempo de ficar no estado de hipótese, pois desde que os fenômenos físicos extraordinários se produziram - no começo do movimento espírita - as mãos que os efetuavam foram freqüentemente vistas e sentidas.

Demonstrei, no primeiro capítulo deste livro, que a objetividade real dessas mãos foi verificada por todos os meios imagináveis. O meio mais simples de verificar a ação direta dessas mãos é untar os objetos que se quer fazer deslocar com o bálsamo luminoso de Balmain. E assim que, quando eu segurava pelas mãos a médium Kate Fox, no decurso de uma sessão às escuras, vi distintamente sobre uma campainha que eu tinha colocado em cima da mesa, perto de mim - e que era perfeitamente visível, graças à substância luminosa com a qual eu a tinha untado -, destacar-se a sombra de muitos dedos que tomaram essa campainha e fizeram-na tilintar no espaço. As mãos da médium e as minhas pousavam em cima de uma tábua igualmente luminosa, de maneira que as mãos da médium, mantidas entre as minhas, podiam ser vigiadas constantemente.

Que as mãos que deslocam objetos, à luz, sejam algumas vezes invisíveis, só depende evidentemente do grau de materialização; que a materialização invisível existe, temos a prova pela fotografia transcendente. Em uma das fotografias de Mumler, verifica-se mesmo um efeito físico produzido por uma forma invisível: o levantamento visível da vestimenta tinha sido produzido por mão invisível ao olho, porém reproduzido pela fotografia.

Segundo o Senhor Hartmann, todos os fenômenos físicos do mediunismo - simples ou complexos - são produzidos pela força nervosa do médium, que por sua vez não passa “de uma força física emanada do sistema nervoso do médium”; o Senhor Hartmann insiste muito nessa definição e declara que não compreende “por que motivo Cox a designa sob o nome de força psíquica e não sob o de força nervosa, definição que pode ocasionar confusão (pág. 37)”.

Mas cada vez que o Senhor Hartmann tenta explicar por essa força um fenômeno físico complexo, que vemos? E sempre à vontade do médium que "dirige" essa força (pág. 42), que "a domina" (pág. 49); é a "fantasia do médium que coordena as linhas de tensão" (pág. 51).

No fim de seu artigo sobre os fenômenos físicos, o Senhor Hartmann julga necessário explicar-nos que "não é somente à vontade do magnetizador, como tal, que produz essas manifestações em outros indivíduos, por sua ação puramente psíquica, e não é de maneira alguma à vontade do médium só, que, por sua ação puramente psíquica, produz, em corpos inanimados, os fenômenos físicos de que se acaba de tratar; em um e outro caso, o efeito imediato da vontade limita-se a libertar a força nervosa, magnética ou mediúnica, do sistema nervoso e projetá-la de determinada maneira sobre objetos animados ou inanimados". Uma vez que essa "projeção de determinada maneira" deve a cada instante mudar de direção para produzir uma linha curva ou um sistema de "linhas de tensão" (na escrita direta, por exemplo), é evidente que à vontade do médium é inseparável dessa força. Podemos, pois, por nossa vez, admirar-nos pelo fato de o Senhor Hartmann querer ver ai unicamente uma força física? Acredito, além disso, que os partidários da força psíquica nunca tiveram a intenção de pretender que essa força atuasse fisicamente, sem substrato algum de força física.

Afirmando e reafirmando que a força nervosa mediúnica é uma força física, tendo analogia com a eletricidade e com o magnetismo, o Senhor Hartmann julga "muito simplesmente incrível e de péssimo presságio para os interesses do Espiritismo sob o ponto de vista científico, que ninguém tenha ainda feito tentativa para resolver essa questão".

Está ainda aqui uma alegação sem fundamento. O professor Hare e o físico Varley fizeram muitas pesquisas nesse sentido, mas nunca puderam descobrir vestígio algum de uma afinidade qualquer entre a força mediúnica e a eletricidade ou o magnetismo terrestre. (Ver:Hare,"Pesquisas Experimentais)", págs. 98-109; Varley, "Relatório da Junta da Sociedade Dialética)"; "The Spiritualist, 1876,II, 205.)

E preciso citar também uma brochura que apareceu em 1853 em Gota sob este título: "As mesas girantes; sessenta e quatro novas experiências físicas, com indicação dos resultados obtidos", na qual o autor, o Senhor Chr. Elisa Hering, professor agregado de Matemática e de Física no Seminário de Gota, chega a esta conclusão: "Segue-se daí que a força recentemente descoberta é o oposto do magnetismo, por conseguinte um antimagnetismo; parece até que ela é a verdadeira força neutralizante." (Pág. 57).

Tratando, no capítulo 1° das impressões produzidas - segundo o Senhor Hartmann - pela força nervosa, demonstrei suficientemente a contradição que existe entre esses efeitos e as noções que temos do que se pode chamar uma força física. Vejamos agora que valor tem essa teoria da força nervosa empregada para a explicação dos fenômenos mediúnicos complexos, tais como o movimento de objetos no espaço, o toque de instrumentos de música, a escrita direta, etc.

A Física nos ensina que toda a força de atração ou de repulsão se exerce em linha reta, e que um corpo, posto em movimento por uma dessas forças, não pode descrever uma curva senão pela intervenção de outras forças que, a cada instante, se acrescentassem à primeira. Assim, um objeto colocado à distância do médium, saturado de força nervosa, não pode ser atraído ou repelido pelo médium senão em linha reta; ele poderia ainda - admitindo que essa força "modifique as relações dinâmicas que existem entre a Terra e os objetos)" - se elevar verticalmente e ser atraído em linha reta pelo médium. Mas nunca, a menos que se neguem todas as leis conhecidas da Física, esse objeto poderá ser dirigido à direita e à esquerda, descrever as curvas mais fantasistas, os movimentos mais complicados, e isso com um intuito racional. Seria preciso para isso que esse objeto experimentasse a ação de forças que emanassem de outros centros que não o médium.

De que maneira se produz pois os fenômenos de que falamos? E' muito simples. Segundo o Senhor Hartmann, o médium é um centro de força nervosa a irradiar-se em todas as direções; ele carrega com essa força todos os pontos de um aposento e tudo o que ele contém, de tal maneira que qualquer objeto se torna por sua vez um centro de força que age segundo a à do médium.

Apliquemos esse processo do Senhor Hartmann a uma das sessões que conhecemos. Tomemos, por exemplo, uma das sessões de Home, às quais assisti com freqüência.

Muitas pessoas tomam lugar em roda de uma mesa, com o médium; colocam-se duas velas em cima da mesa; todas as mãos pousam sobre essa mesa, mas sem juntar-se, em oposição ao que afirma o Senhor

Hartmann, página 47; nem vestígio de sonambulismo aparente, ao contrário do que diz o Senhor Hartmann, página 31, no médium, que toma parte na conversação geral.

Ao cabo de dez ou quinze minutos, é preciso supor que a sociedade está suficientemente carregada de força nervosa e imersa em estado de sonambulismo latente. Os fenômenos começam. Sinto-me tocar nos joelhos, introduzo a mão por baixo da mesa e sinto dedos deslizarem em roda do meu anel, como para mo tirarem são correntes de força nervosa com sugestão da alucinação de um contacto produzido por dedos. Meu vizinho abaixa-se para olhar por baixo da mesa; o médium, notando esse movimento, sugere-lhe imediatamente uma alucinação da vista e meu vizinho exclama que viu mão humana.

Anuncio que o meu anel é tirado; entretanto, ele não cai: flutua no ar. O médium, sempre atento, apressa-se em carregar de força atrativa os joelhos da pessoa que se acha defronte de mim, e o anel, atraído por esse centro de atração vai tocá-la; essa pessoa coloca a mão por baixo da mesa, e o anel lhe é restituído.

Meu vizinho toma uma campainha, conserva-a por um instante em baixo da mesa; declara que sente o contacto de dedos que lhe tiram o objeto; a campainha flutua por um instante e tilinta por muitas vezes, Para obter esse resultado, o médium carregou simplesmente de força nervosa os pés de meu vizinho e os do membro do círculo que estava defronte dele; a campainha, carregada igualmente de força nervosa, acha-se pois entre dois centros de atração, e o médium nada mais tem a fazer que regular seus movimentos para fazê-la tilintar.

Meu vizinho da frente toma um lenço; conserva-o por baixo da mesa; sente os mesmos contactos e diz que lhe arrebatam o lenço - isso não passa de uma bagatela; um pequeno centro de atração criado exatamente no soalho, por baixo do lenço; - mas eis que o lenço é arrebatado e imediatamente restituído, por baixo da mesa, ao meu vizinho, que verifica que deram nele dois ou três nós. Isso não é muito difícil de explicar de maneira alguma: estando o lenço muito carregado de força nervosa, o médium carrega igualmente o soalho, a mesa e os pés dos assistentes; ele forma centros de atração de intensidade diferente, se bem que, sendo o lenço atraído de todos os lados, o médium não tenha mais a fazer do que regular seus movimentos, e os nós são dados.

Enfim, o médium toma um harmônio em uma das mãos, deixando a outra em cima da mesa: conserva o instrumento suspenso por baixo da mesa, entre ele e o seu vizinho, deixando livre o teclado; ouve-se uma melodia perfeitamente executada. O processo é o que há de simples: um centro de atração no soalho toca no harmônio e detém o fole. Mas isso não faria dar mais que um som, e, para executar uma melodia, é preciso comprimir as teclas por uma ação transversal. Para obter esse efeito, o médium distribui cerca de uma dúzia de centros de atração ou de repulsão pelos pés de sua cadeira, ou pelo seu próprio pé, e faz agirem esses centros de força unicamente sobre as teclas - “regula” essa forças -, e eis a melodia.

E preciso concluir daí que, se todos esses objetos tivessem sido entregues a si mesmos, depois de terem sido carregados de força nervosa, sem que seus movimentos fossem “regulados” pelo médium, eles se teriam posto em movimento por si mesmos e nos teriam oferecido o espetáculo de uma sarabanda mui divertida. E' preciso acreditar, também, que um médium poderia carregar de força nervosa uma bola com que as crianças brincam e, lançando-a ao ar, fazê-la girar de maneira mais fantasista; ou antes ainda fazer mover uma figurinha de papelão, fazer seus pés e suas pernas moverem-se sem puxar por fio algum. Estariam aí fenômenos extremamente simples, mas que os médiuns espíritas ainda não conseguiram produzir.

Nessa aplicação da teoria, acredito ter-me conservado rigorosamente fiel à definição da força nervosa tal qual o Senhor Hartmann no-la apresenta para explicar os fenômenos que se produzem nas sessões espíritas. Posso prescindir de comentários e reservo-me somente, com o fim de completar a análise dessa hipótese e de apreciá-la em seu exato valor, o direito de precisar a definição dessa força maravilhosa, dando-lhe todo o seu desenvolvimento, pois que o Senhor Hartmann se absteve cautelosamente de fazê-lo.

Que é, por conseguinte, na opinião do Senhor Hartmann, essa força nervosa mediúnica?

E uma força física que produz todos os efeitos físicos que pode produzir um corpo humano, incluídos aí os efeitos plásticos.

Visto que freqüentemente esses efeitos físicos coincidem com os fenômenos de materialização, é necessário acrescentar, à definição que precede, a desse último fenômeno.

Que é pois uma materialização, segundo o Senhor Hartmann?

A materialização é a alucinação de uma forma humana concordando exatamente com os efeitos físicos produzidos pela força nervosa mediúnica e tendo, por conseguinte, todas as aparências e atribuições de uma forma humana real.

Por ter recorrido a semelhante tautologia, apresentando-a como uma teoria científica, é preciso realmente que se experimente horror à simples idéia da existência de uma forma humana transcendente; pois, em verdade, é difícil estabelecer uma diferença qualquer entre semelhante "alucinação" e o que os espíritas chamam uma forma humana materializada. Isso não passa de um jogo de palavras; suprimamos a expressão "alucinação" e o sentido ficará sendo o mesmo. Efetivamente, pela palavra materialização, os espíritas entendem alguma coisa mais bem determinada do que o Senhor Hartmann com a sua alucinação dupla de força nervosa? Mas teoricamente a diferença é enorme, pois que a hipótese que emiti no começo deste CAPÍTULO é, relativamente falando, de grande simplicidade, e nada representa que não seja muito racional, desde que ela decorre mui naturalmente dos dados que nos oferecem as experiências e a observação direta dos fatos, enquanto que as duas hipóteses do Senhor Hartmann são fantásticas, complicadas em extremo, e violentam a razão e a Ciência.

Aqui eu me vejo coagido a dirigir contra o Senhor Hartmann uma acusação formal, de muito maior gravidade do que as críticas que emiti contra suas teorias. E permitido a todos defenderem suas teorias o melhor que puderem. Mas a exprobração que lhe faço diz respeito ao próprio método que seguiu em sua argumentação; ora, os princípios de qualquer método de investigação, em qualquer domínio da Natureza, são imutáveis. No que diz respeito ao Espiritismo, o Senhor Hartmann formulou admiravelmente "os princípios metodológicos gerais" sobre os quais queria basear sua investigação científica, e que são os seguintes:

"Há princípios metodológicos gerais que não se pode desrespeitar impunemente. Em primeiro lugar, não convém sem necessidade multiplicar os princípios, isto é, procurar um segundo enquanto podemos contentar-nos com o primeiro. Em segundo lugar, convém que fiquemos tanto tempo quanto for possível nas causas cuja existência é justificada pela experiência ou baseada em deduções certas, e não procurar causas cuja existência é duvidosa e sem provas, e cujo valor só consiste em servir de hipótese para explicar os fenômenos em questão. Em terceiro lugar, convém restringirmo-nos, tanto quanto possível, às causas naturais e não nos decidirmos a ultrapassar esses limites senão no último extremo. O Espiritismo peca contra esses três Princípios. Reconhecendo sem contestação uma categoria de causas naturais, fornecidas pela experiência e que se nos apresentam na pessoa dos médiuns, o Espiritismo admite outras causas, que não derivam dos dados da experiência, que são de ordem supranatural, e cuja existência necessita ser provada precisamente pelos fenômenos pertencentes a esse domínio problemático." (S., págs. 117, 118.)

"Se os espíritas desejam que se classifique essa segunda categoria de causas na mesma ordem em que as primeiras, devem empregar todos os seus esforços em traçar a linha de demarcação exata além da qual as causas naturais deixam de bastar à explicação dos fatos, tendo o cuidado de submeter a uma crítica das mais severas essas provas da insuficiência de tais causas, além desses limites. Enquanto essa linha de demarcação não for estabelecida distintamente, e a demonstração em questão não for dada, nada de positivo poderá ser afirmado, quanto à realidade da intervenção dessa segunda ordem de causas.

"O Espiritismo ainda não fez a menor tentativa para resolver esse problema." (S., 118.)

Nada há a objetar a esses princípios; eles são efetivamente "inatacáveis em absoluto", assim como o próprio Senhor Hartmann o declara em sua carta ao Senhor Massey (Vede "Light", 1885, pág. 432). Mas aí ainda há um quarto princípio metodológico, que o Senhor Hartmann deixou de assinalar em sua enumeração, é este: "Toda hipótese ou teoria, concebida no intuito de explicar fenômenos de determinada ordem, deve abranger o conjunto dos fatos que se lhe referem." Prefiro acreditar que o Senhor Hartmann julgará esse princípio metodológico tão inabalável quanto os outros.

Examinemos se o Senhor Hartmann observou esse princípio no decurso de suas investigações no domínio do Espiritismo. O próprio Senhor Hartmann está persuadido, ao que parece, de ter-se conformado com ele, pois que afirma da maneira mais formal: "De outro lado, nós vimos que, submetendo a um juízo crítico imparcial a ordem de fenômenos que estudamos, nada encontramos, à exceção da clarividência propriamente dita, que forneça o menor motivo para ir além das explicações naturais; a aparência do

contrário repousa em um erro compreensível sob o ponto de vista psicológico, porém insustentável em matéria de ciência." (S., pág. 106.)

Esse raciocínio é justo? Em primeiro lugar, o Senhor Hartmann admite por sua vez suma exceção"; voltaremos a esse ponto mais adiante. Mas é realmente a única exceção? Pode-se afirmar que ao contrário" não passa de uma "aparência", engendrada por um "erro"? Por minha parte, sustento da maneira mais categórica que o "motivo para ir além das explicações naturais" existe. No número dos fenômenos espíritas, há um que se designa comumente sob o nome de "penetração da matéria". O Senhor Hartmann menciona-o em seu tratado e cita alguns fenômenos dessa ordem, tais como: passagem de um anel de ferro através do braço do médium; penetração de moedas, de fragmentos de ardósia, etc., em caixas hermeticamente fechadas; anel enfiado em um pé de mesa; formação de nós em cordas e correias cujas pontas estavam lacradas; transporte, para o aposento onde se realizavam sessões, de objetos vindos de outros aposentos ou de outras casas, e de flores frescas que crescem em pleno campo, etc.

Por conseguinte, diz o Senhor Hartmann, os espíritas aceitam, de maneira geral, que um médium em sonambulismo possui a faculdade de libertarem-se de todos os laços, e de entrar neles de novo, e isso por meio da penetração da matéria. (Pág. 45.)

Desde que o Senhor Hartmann menciona esses fatos, é inútil enumerar as outras experiências que foram feitas para estabelecer a sua realidade.

Que pensa, pois, o Senhor Hartmann desses fenômenos? Eis aqui: (As comunicações relativas à penetração da matéria transportam-nos a um domínio de fatos particularmente inverossímeis (pág. 44). Acreditais que ele os renega, como inverossímeis? Absolutamente não. Ele os aceita condicionalmente, como a todos os outros fenômenos; serve-se até em larga escala desses fatos para apoiar suas teorias da transfiguração do médium e da alucinação, tratando das materializações, como de uma coisa muito natural, Ele explicou, por acaso, ou pelo menos tentou explicar, o fenômeno da penetração da matéria por meio de uma teoria natural, como o fez para com os outros fenômenos? Nada. Ele não fez ensaio algum desse gênero. E entretanto menciona esses fenômenos e aproveita-se deles, como se nos tivesse dado a sua explicação.

E nesse ponto que acuso o Senhor Hermann de ter pecado contra o método. De duas coisas uma: ou ele nega os fenômenos da penetração da matéria, ou não os nega. Negá-los, seria desconhecer o quarto principio, e, nesse caso, ele deveria deixá-los de lado em suas explicações. Se, pelo contrário, ele os aceita, deve considerá-los como fenômenos naturais, e dar deles uma explicação em harmonia com a sua teoria, conforme o segundo e terceiro princípios metodológicos. E' o que ele não fez. Nesse ponto nada há, aliás, que não seja muito compreensível, pois os fenômenos da penetração da matéria são daqueles que não podemos explicar pelas leis naturais conhecidas; sob o ponto de vista de nossa ciência, são fatos de ordem transcendente, ou, se apraz ao Senhor Hartmann, supranatural. Por conseguinte, não se comete "erro" algum aceitando que o "motivo para transpor os limites das causas naturais" existe. Segue-se daí que, aceitando como princípio um fato tal como a penetração da matéria, quando se trata de explicar os fenômenos da materialização (aceitando por exemplo que um médium possa passar através dos laços que o prendem, ou através de uma gaiola, para apresentar-se em espírito, ou que as vestimentas das aparições possam ser "transportadas", atravessando as paredes), o Senhor Hartmann atenta contra os "princípios metodológicos" que ele próprio estabeleceu.

O Senhor Hartmann nos responderá, bem entendido, que só admite "condicionalmente" a penetração da matéria, para colocar-se no ponto de vista dos espíritas, e a fim de ensinar-lhes como é preciso raciocinar. Mas tal resposta ficaria ao lado da questão. Esse raciocínio, há muito tempo que os espíritas mesmos o fizeram. Trata-se aqui do próprio argumento do Senhor Hartmann, que diz: "O que é certo, é que, se concede ao médium a faculdade de penetrar a matéria, fica-se na obrigação de recorrer a quaisquer outros meios que não a sequestração material do médium para demonstrar sua não identidade com o fantasma" (págs. 78-80). Responderei a isso: O que é certo, é que, se concede aos médiuns a faculdade de penetrarem a matéria, o Senhor Hartmann não tem mais o direito de dizer que no Espiritismo "mão existe o menor motivo para ir além das explicações naturais", Ele não tem o direito de exprobrar aos espíritas por "recorrerem sem necessidade a uma segunda ordem de causas, a causas supranaturais, que a experiência não justifica, e cuja existência requer provada precisamente pelos fatos pertencentes ao domínio em questão" (página 269).

Por conseguinte, o Senhor Hartmann não tem o direito de acusar os espíritas de “não terem feito a menor tentativa de traçar a linha de demarcação além da qual as explicações naturais não bastam” (pág. 118).

Essa lacuna nas teorias do Senhor Hartmann sobre os fenômenos da penetração da matéria, isto é, o silêncio que ele guarda quanto à sua explicação, é uma prova fornecida por ele próprio de que essa linha de demarcação existe; pois que, apesar de todo o poder de sua dialética, a despeito de todas as virtudes mágicas de sua “força nervosa”, ele não se decidiu a transpô-la. E o Rubicon diante do qual ela depôs as armas, e eu tenho o dever de consigná-lo.

Assim estabelecido, é preciso reconhecer que um método de investigação que não abrange todos os fatos que pretende explicar, ou que os admite sem explicá-los, condena-se a si mesmo.

CAPÍTULO III

DA NATUREZA DO AGENTE INTELIGENTE QUE SE MANIFESTA NOS FENÔMENOS DO ESPIRITISMO

Exame do princípio fundamental do Espiritismo; apresentam-no fenômenos cuja causa deva ser procurada fora do médium?

Entro agora em um terreno no qual as divergências de opinião entre mim e o Senhor Hartmann - e acredito representar a esse respeito à maioria dos espiritualistas sensatos - são muito menos freqüentes do que quando se tratava do assunto de que me ocupei no capítulo precedente; é porque as teorias emitidas pelo Senhor Hartmann para explicar a natureza do agente inteligente que se manifesta nos fenômenos espíritas são inteiramente admissíveis em grande número de casos. As observações que eu apresentar terão por fim unicamente aprofundar se essa teoria pode realmente explicar todos os fatos espirítica, sem exceção, assim como o Senhor Hartmann o afirma.

A teoria do Senhor Hartmann baseia-se nesta tese geral:

“A consciência sonambúlica é a fonte única que se oferece às nossas investigações sobre a natureza das manifestações espirítica intelectuais.”(Pág. 59.)

Os elementos que compõem a consciência sonambúlica são:

“l° - A atividade simultânea da consciência em estado de vigília;

“2° - A memória hiperestésica das partes do cérebro que são a sede da consciência em estado de vigília;

“3° - A transmissão mental das idéias dos assistentes ao médium;

“4° - Enfim, a clarividência propriamente dita.

“Se acrescentardes ainda a esses quatro elementos o concurso da percepção sensorial, verificareis que todas as manifestações intelectuais do Espiritismo tiram dali a sua origem.” (S., págs.116, 117.)

Em outro ligar, diz o Senhor Hartmann:

“Quem concebe todo o alcance dessas diversas fontes intelectuais da consciência sonambúlica não mais será tentado a procurar em outra parte a explicação da natureza das manifestações mediúnicos.”(Pág. 60.)

Quanto a mim, deixo-me resolutamente arrastar por essa “tentação” e pretendo verificar se não há efetivamente lugar para outra explicação.

Apenas desejo dar mais extensão à minha tese. O ponto essencial do Espiritismo, aquele pelo qual é preciso começar, se quiser levantar a questão teórica, pode ser resumido assim:

Pode-se explicar todo o conjunto dos fenômenos mediúnicos por atos conscientes ou inconscientes, emanando da natureza do próprio médium, isto é, por causas que residem no médium: causas intramediúnicas: ou antes, há manifestações que deixem supor a ação de uma força exterior ou extramediúnica? Se a resposta for afirmativa, o problema a adotar será estudar a natureza provável do agente extramediúnico.

A primeira dessas questões não diz respeito evidentemente apenas às manifestações intelectuais, mas ainda às materializações e aos fenômenos físicos em geral.

Devemos, bem entendido, procurar antes de tudo explicar os fatos mediúnicos por todos os meios "naturais" que pudermos imaginar, sem sair dos limites do razoável, pois, enquanto é possível atribuir-lhes uma causa "natural", seria irracional desejar encontrar a sua solução no domínio do "sobrenatural".

E escusado acrescentar que essas causas "naturais" são as que o Senhor Hartmann nos oferece, e eu convenho em que grande parte dos fenômenos mediúnicos pode ser explicada por elas, conforme expus em minha crítica à obra do Senhor D'Assier, que apareceu um ano antes da publicação do livro do Senhor Hartmann sobre o Espiritismo. Devo, entretanto, fazer observar que não estou de acordo com o Senhor Hartmann sobre o emprego da palavra "sobrenatural" pela qual ele designa uma causa "espirítica" no sentido etimológico dessa palavra.

O Espiritismo recusa de maneira absoluta o epíteto de "sobrenatural" que desejam impor-lhe; se os fenômenos em questão são realmente produzidos por "espíritos", porque pretender pois que um efeito atribuído à ação de um homem vivo fosse devido a uma causa mais "natural" do que aquele que é produzido por um homem morto ou por um ser inteligente invisível?

De outro lado, compreendo que não se poderia admitir um fato de tão enorme importância qual a existência dos "espíritos", e considerá-lo como demonstrado pela experimentação e pela observação direta, antes de ter tentado todos os esforços para lhe achar uma explicação "natural".

Além disso, os próprios representantes do Espiritismo, mais em evidência - médiuns e os próprios clarividentes -, foram os primeiros a afirmar que uma metade dos fenômenos mediúnicos devia ser atribuída a causas residentes no próprio médium. Rendo-lhes a homenagem de citar suas palavras.

Assim, Davis, desde o começo do movimento espírita na América, escrevia já em seu livro "The Present Age and Inner Life" ("O Século Presente e a Vida Interior"). (1863): "Nas páginas seguintes, encontrar-se-á uma tabela explicativa formando um resumo sistemático das "causas dos fenômenos mediúnicos" e que demonstrará que numerosos dentre eles, considerados de origem supranormal, são simplesmente o resultado de leis naturais que regem a existência humana, e têm por causa, principalmente, a combinação de elementos físico-psíquico-dinâmicos invisíveis - a transmissão e a ação recíproca das forças conscientes e inconscientes de nosso espírito, causas que devem forçosamente entrar em linha de conta, como o reconheci formalmente mais acima, e devem necessariamente, aos olhos de um analista sincero, representar um papel, ainda mesmo inferior, no vasto campo das manifestações da vida espiritual." (Páginas 160 e 161.)

Conforme a classificação dessa tabela, vê-se que, segundo o autor, 40% somente dos fenômenos são "realmente de origem espiritual", devendo os outros correr por conta "da clarividência, do cérebro-simpatia, da neuro-psicologia, da eletricidade vital, da neurologia e do erro voluntário (volontary deception)." (Pág. 197.)

Mais adiante ele diz: "A razão principal das contradições provém da percepção simultânea de impressões emanantes das duas esferas da existência, isto é, das inteligências pertencentes à humanidade terrestre e das que fazem parte do mundo supra-sensível. Os médiuns, os clarividentes, os sensitivos, etc., devem possuir grande soma de experiência e de conhecimentos psicológicos para ficarem em estado de distinguir, até certo ponto, entre as impressões que recebem das inteligências deste mundo e as que são produzidas pelos espíritos de esfera mais elevada. Vou tornar mais compreensível meu pensamento por um exemplo: um médium pode tirar idéias do espírito de uma pessoa que se acha em lugar distante do globo, enganando-se absolutamente sobre a sua proveniência. Pois que para tudo quanto diz respeito às sensações originais internas e às provas subjetivas, essas impressões são, para a percepção do médium, identicamente as mesmas que as que são produzidas por um espírito livre do invólucro terrestre.

"Assim sucede porque as leis da simpatia das almas são as mesmas aqui na Terra como no Mundo dos Espíritos. E por essa. razão que certos médiuns e clarividentes, assim como espíritos absortos na prece, recebem freqüentemente, a seus pensamentos e a suas preces, respostas de fonte terrestre, emanadas de espíritos encarnados, se bem que eles tenham a convicção de que essa resposta emana de uma inteligência supranatural, de um ser invisível." (Pág. 202.)

Em razão das considerações e "possibilidades" que precedem, podemos ficar certos de que as contradições atribuídas por muitos crentes a instâncias "de Espíritos malfazejos", que vivem fora de nossa esfera, são imputáveis, em todos esses casos, a influências terrestres e à intervenção de agentes que vivem na Terra. O espírito humano é tão maravilhosamente dotado e dispõe de meios tão variados de atividade e de manifestação, que um homem pode inconscientemente deixar reagir sobre si mesmo e em si próprio suas forças orgânicas e suas faculdades cérebro-dinâmico.

"Em certas disposições de espírito, as forças conscientes concentradas no cérebro entram em ação involuntariamente e continuam a funcionar sem a menor impulsão por parte da vontade e sem serem sustentadas por ela. A hipocondria e a histeria são exemplos desse estado intelectual, do mesmo modo que a dança de São Guido, a catalepsia e a alienação mental.

"Conclui-se de minha tabela que 16% das manifestações modernas devem ser referidas a essa causa. Fundando-se em uma tal base, é que muitas pessoas se persuadem de que são médiuns de efeitos físicos e de manifestações gesticulatórias e mímicas de diversos Espíritos célebres que deixaram a Terra há longo tempo." (Pág. 205.)

O Senhor Hudson Tuttle, célebre médium americano e escritor filosófico por intuição, já tinha falado da comunicação espiritual entre seres vivos, em seus "Arcana of Nature" ("Mistérios da Natureza"), obra publicada em 1862. Mais tarde, em seus "Arcana of Spiritualism" (1871), ele se exprime nesses termos sobre o mesmo assunto:

"Quando um Espírito tem um médium submisso ao seu poder, obedece às mesmas leis que um magnetizador mortal. E por esse motivo que os fenômenos resultantes dessa intervenção são de natureza mista. E porque com médiuns incompletamente desenvolvidos é difícil diferençar o magnetismo que emana dos assistentes do que pertence ao Espírito que guia o médium, a maior prudência é necessária para evitar que nos iludamos. Quando o médium se acha em estado de extrema suscetibilidade que caracteriza as primeiras fases de seu desenvolvimento, reflete simplesmente os pensamentos dos assistentes; o que, nesse caso, é tomado por uma comunicação espírita, não passará de um eco de suas próprias inteligências".

"O mesmo estado que torna um médium apto para receber a influência de um Espírito submete-o, no mesmo grau, à de um ser humano, e, em razão da semelhança de todas as influências magnéticas, é difícil distinguir um agente oculto de um magnetizador. Os grupos espíritas são assim freqüentemente o joguete de uma ilusão, iludidos por suas próprias forças positivas. Eles afastam os mensageiros espirítico, substituindo-lhes o eco com seus próprios pensamentos, e então verificam contradições e confusões que atribuem complacentemente à intervenção "de Espíritos malfazejos".

A causa da Verdade nada pode ganhar com a verificação errônea de um fato, ou com a exageração de sua importância com detrimento de outro fato. Os próprios que abordam sem idéia preconcebida o problema do Espiritismo sem ter estudado o magnetismo animal, são levados a explicar todos os fenômenos que se apresentam, no decurso de suas pesquisas, por uma ação espirítica, ainda que, segundo toda a probabilidade, a metade, pelo menos, dos fatos que eles observam, seja devida a causas puramente terrestres. "(Págs. 194-195.)".

"Para sermos bem compreendidos, faremos observar que o nosso objetivo é traçar uma linha de demarcação definida entre os fenômenos de origem realmente espirítica e os que devem ser imputados a ações de ordem terrestre. Podemos rejeitar com toda a confiança a metade ou mesmo as três quartas partes de todas as manifestações que passam por fenômenos espíritas. Porém o resto não deixará de ser muito precioso. Não é com acúmulos de fatos inúteis que se defende eficazmente uma causa: mais facilmente ela ficaria desacreditada; muito freqüentemente a refutação de alguns desses fatos serve de pretexto para derribarem o conjunto deles." (Pág. 196.)

“E uma regra prudente não atribuir aos Espíritos nada que possa ser explicado por causas terrestres. Os fatos que ficarem, depois dessa seleção, têm tanto valor real para o céptico, como para o pesquisador.

“O homem em seu invólucro terrestre e um espírito da mesma maneira que quando liberto dele, e, como tal, está submetido às mesmas leis. O estado magnético pode ser conduzido pelo próprio indivíduo ou por um magnetizador, homem ou Espírito, quer se trate do estado de sonambulismo, de transe ou de clarividência.

“Quando nos capacitamos bem desse estado de coisas, facilmente formamos uma idéia da tendência extrema, do observador, para confundir essas influências.

“Se, após a formação de um grupo, um dos membros que o compõem é afetado de espasmos nervosos, não se segue daí necessariamente que ele esteja sob a influência de um Espírito; poder-se-á afirmá-lo de maneira positiva somente quando o Espírito tiver provado que só ele está ativo. Não se pode adquirir um conhecimento preciso das leis do Espiritismo se não se submeter os fenômenos a uma critica rigorosa. Os amadores do maravilhoso ficam com a liberdade de atribuir a uma fonte única todas as manifestações, sem exceção, desde a contração involuntária de um músculo, a remoção de um mal pela aplicação das mãos, as frases incoerentes de um sensitivo em estado de transe sob a influência das pessoas presentes, até as manifestações autênticas de seres pertencentes a um outro mundo; mas isso não pode satisfazer às exigências da Ciência que desejar pesquisar e coordenar todos os fatos e todos os fenômenos.” (Pág. 197.)

O Senhor Tuttle tratou ainda do mesmo assunto em um artigo sobre “o funcionamento do cérebro” publicado no “Religio Philosophical Journal” do 1° de Dezembro de 1883.

Vamos pois cogitar da questão principal e examinar se esse resto existe realmente, e se os espíritas têm o direito de pretender que existem fenômenos que têm causas extramediúnicas.

Segundo o Senhor Hartmann, a consciência sonambúlica tem por sede as partes médias do cérebro, e acha-se por conseguinte sob a dependência da crosta do cérebro, onde reside a consciência em estado de vigília.

O funcionamento dessas partes médias só tem valor em regra geral como ato preparatório, ou antes executivo (pág. 26), e é a consciência em estado de vigília e sua vontade consciente que determinam de maneira geral o gênero das manifestações desejadas e esperadas (pág. 33).

Como a consciência sonambúlica - esse grande fator de todos os fenômenos mediúnicos - dá provas de atividade intelectual, e ainda de atividade voluntária (“inteligência e desejo”, pág. 26), é preciso concluir daí que essas duas atividades não formam mais que uma única, e que concordam não só entre si, mas ainda com as mesmas atividades da consciência em estado de vigília - o que quer dizer que a inteligência e a vontade da consciência sonambúlica acham-se de perfeito acordo com a inteligência e com a vontade da consciência em estado de vigília.

E evidentemente no mesmo sentido que se devem compreender estas palavras do Senhor Hartmann:

“E isso mesmo que explica porque a consciência sonambúlica escreve palavras e frases; porque ela responde a perguntas e realiza desejos que são ditados ou impostos à consciência no estado de vigília, quer antes, quer depois do começo do estado de sonambulismo latente” (pág. 59); e mais adiante: “o nível intelectual das comunicações está geralmente abaixo do nível intelectual do médium e dos assistentes; mui raramente ele se eleva à mesma altura, e nunca a excede” (pág. 116).

Em tudo o que precede, vimos, com efeito, que as manifestações obedecem à vontade da consciência sonambúlica que está de acordo com a vontade e com as representações da consciência do médium em estado de vigília. Mas, antes de nos ocupar com “a natureza intelectual das manifestações”- à qual o Senhor Hartmann consagrou um capítulo especial -, e antes de examinar se essas “manifestações” estão, por sua natureza, acima ou abaixo do nível intelectual do médium, devemos compenetrar-nos do papel da vontade nessas manifestações, pois que aqui nos achamos perante esta questão: E verdade que a consciência sonambúlica “se conforma sempre com os desejos que são sugeridos ou impostos à consciência no estado de vigília”? Não sucede algumas vezes que as manifestações não obedeçam aos desejos e às idéias que nascem na consciência no estado de vigília, e até mesma que elas lhe sejam diametralmente opostas? Supondo que semelhante desacordo possa produzir-se, a que ficará reduzida então a teoria da consciência sonambúlica?

Ora, fatos desse gênero existem realmente, e eu vou passar em revista desde já os que são contrários à vontade, para examinar em seguida os que são contrários às convicções e ao caráter do médium.

1. - Manifestações que são contrárias à vontade do médium. - Notamos as gradações seguintes:

a) Todos os espíritas sabem que as manifestações não dependem da vontade do médium, quer se trate de manifestações intelectuais ou de manifestações físicas; o médium não pode provocá-las à vontade. Não falo das manifestações que se produzem em sessões ocasionais, num círculo de neófitos ou de composição heterogênea; quero falar das manifestações que se produzem durante uma série de sessões realizadas pelo mesmo círculo e coroadas de melhor êxito. Sendo todas as condições absolutamente as mesmas, sucede freqüentemente que, em determinada sessão, quando nada mais se deseja do que assistir aos fenômenos obtidos na sessão precedente, não se obtenha resultado algum, nem sequer o mínimo movimento da mesa ou do lápis que o médium segura. E' notório que freqüentemente um desejo intenso só sirva para prejudicar as manifestações.

b) As manifestações, se alguma se produz, não podem continuar, à vontade dos assistentes. Assim, quando o Espírito que se manifesta por uma comunicação escrita anuncia que acabou, o lápis pára - ou cai da mão do médium se esse está em transe -, e debalde repetireis as perguntas -, a mão não se move mais. Do mesmo modo, em uma sessão de efeitos físicos, desde que a terminação é anunciada (pelas palavras está terminado, por exemplo, como era de uso na família Fox - “Missing Link”, pág. 53), a mesa fica imóvel, e é em vão esperar, tentar fazê-la mover-se: nem um som, nem um movimento se produz mais.

c) As manifestações não podem também ser interrompidas ou detidas à vontade dos assistentes, e ainda menos por violência. Se, por certas razões - o estado de sofrimento do médium, por exemplo - desejardes pôr termo à sessão, tentai retirar o lápis da mão do médium em transe, não o conseguireis: sua mão se contrairá, não entregará o lápis ou reclama-lo-á com tanta insistência que sereis obrigados a repô-lo em sua mão; ou então movimentos da mesa e pancadas reclamarão com insistência o alfabeto, ao passo que julgáveis a conversação terminada.

d) Do mesmo modo, o caráter das comunicações não depende da vontade do médium. O Senhor Hartmann tem razão em dizer que na maior parte das sessões preocupam-se sobretudo “com os interesses do coração”. O que mais se deseja, é entrar em comunicação com os mortos que nos são caros, e é precisamente o que sucede com maior raridade - se não pretendemos deter-nos em manifestações das mais superficiais.

A questão da identidade dos Espíritos é, como se sabe, o ponto difícil do Espiritismo. E, entretanto, se fosse preciso nos referir à teoria do Senhor Hartmann, nada seria mais fácil de estabelecer com fatores tão poderosos quanto a hiperestesia da memória e a transmissão do pensamento.

E assim que eu conheci um círculo, fundado por um viúvo, com o intuito único de obter comunicações de sua falecida mulher, e esse só se compunha desse homem, da irmã e do filho de sua mulher, ao todo, de três pessoas que conheciam intimamente a personalidade desejada. Entretanto, esse círculo - recebendo em todo o caso comunicações mais ou menos notáveis, muitas das quais emanavam de pessoas conhecidos ou parentes dos três experimentadores - nunca recebeu comunicação alguma em nome da mulher do viúvo, o que entretanto devia ser tão fácil.

e) E vice versa, comunicações feitas em nome de certas personalidades, uma ou muitas vezes, não podem ser continuadas à vontade; por exemplo, desejaríeis receber uma comunicação de A., como em uma sessão precedente, mas é B. quem vem, e A. não mais reaparece.

E assim que, em um círculo que eu tinha fundado, no decurso de uma série de comunicações banais sobreveio um interlocutor que deu prova de tanto espírito, senso crítico e filosofia, que suas respostas nos

davam verdadeiro prazer; mas ele apareceu raras vezes, e, como tivéssemos manifestado o desejo de ouvi-lo mais freqüentemente, respondeu-nos que não sabíamos conversar com ele, que perdia o seu tempo em nossa companhia, e não voltou mais.

f) A escolha dos nomes, o que freqüentemente caracteriza uma comunicação, não depende igualmente do médium. As comunicações mais banais são assinadas com os nomes mais ilustres, o que prova que essas comunicações não podem ser atribuídas àqueles aos quais se empresta a sua paternidade. Porém, freqüentemente, quando a comunicação se refere a assunto mais elevado, o interlocutor recusa-se a dizer o seu nome e a provar a sua identidade; aquele de quem falei no parágrafo precedente jamais quis esclarecer-nos acerca de sua personalidade. Do mesmo modo as comunicações notáveis recebidas pelo Senhor A. Oxon (17) e publicadas sob o título de "Spirit Teachings" (*), ficaram anônimas, apesar de todas as instâncias do médium para penetrar nesse mistério. E' preciso notar também que às vezes se revelam nomes, ainda que o médium não queira de modo algum que eles sejam pronunciados.

(*) Ensinos Espiritualistas, de Moses, edição da FEB.

Eu fui testemunha do incidente seguinte: em um círculo em que minha mulher funcionava como médium, as pancadas reclamaram o alfabeto, e um nome começava a ser soletrado; desde que as primeiras letras foram pronunciadas, minha mulher adivinhou o nome inteiro, que era a revelação de um segredo de família; ela se opôs com todas as forças à revelação das últimas letras desse nome; entretanto, com grande desespero seu, foi soletrado o nome inteiro, composto de dez letras.

g) Até o modo de comunicação não depende da vontade do médium. Alguns exemplos: Tendes a prancheta, e é a mesa que responde; ou antes, tendes a mesa e é a prancheta que é reclamada. Recitais o alfabeto russo, e reclama-se o alfabeto francês, e, quando há confusão, sucede que pelo alfabeto russo recebem-se palavras francesas ou inglesas; ou antes ainda, em vez de letras recebereis cifras das quais nada compreendeis, se a mesma Inteligência que vos guia não vos der a chave das cifras correspondentes às letras; algumas vezes são anagramas, palavras escritas de trás para diante, ou com transposições e complicações que vos aborrecem, mas a comunicação vai até ao fim; a ortografia é abreviada e simplificada da maneira mais curiosa e isso com tal rapidez que, ainda que transcrevendo literalmente a mensagem, achais dificuldade em conservar essa ortografia estranha, e continuais em vossa maneira ordinária de escrever.

Citarei o caso de uma jovem que tinha a faculdade de escrever mediunicamente, e que recebia comunicações de sua mãe; ela assistia freqüentemente às sessões de um círculo em que as comunicações eram dadas pela tiptologia, e esforçava-se em obter respostas de sua mãe por esse meio; nunca, porém, sua mãe quis corresponder-se por aquela maneira, e, de cada vez que ela se manifestava, dizia à sua filha: "Escreve".

h) Sucede freqüentemente que o Espírito comunicante entre em oposição direta com a vontade do médium. Uma pessoa que conheço, o Senhor J. J. Moussine Pouchkine, depois de se ter assegurado em uma sessão privada da realidade dessas manifestações, desejou experimentar se tinha faculdades mediúnicas. Imediatamente se ouvem pancadas, e ele recebe uma comunicação de sua mãe que, depois de lhe ter falado em tom de censura acerca de suas relações com a família e de suas convicções religiosas, termina dizendo-lhe: "Não deves ocupar-te de Espiritismo, isso te é prejudicial." E, depois, de cada vez que ele procurou obter manifestações, elas se reproduziam, mas ele só podia obter estas palavras: "Não te ocupes de Espiritismo"

i) Uma vez verificadas as faculdades mediúnicas, a força em atividade toma a incumbência de fazer a educação moral e física do médium. Ela luta contra suas más inclinações.

Citarei o caso de uma jovem que escrevia, em estado sonambúlico, perante amigos, e que denunciava, por sua própria mão e com grande vexame, atos que ela nunca teria resolvido confessar em estado de vigília. Essa mesma força pode fazer com que o médium observe o regime necessário para a conservação e desenvolvimento de suas faculdades, e, quando o médium é refratário, a força em atividade manifesta sua oposição diretamente e emprega mesmo a violência para obter a obediência do médium.

Citemos o testemunho do Doutor Nichols:

"Os médiuns recebem de seus guias instruções quanto ao regime que devem seguir e o conselho de se absterem de bebidas alcoólicas e de narcóticos; esse gênero de vida é indispensável para obter manifestações de ordem elevada.

"O melhor médium que conheço não come carne há quarenta anos; durante esse período, só raramente tomava vinho e nunca café nem chá. Na América conheço um excelente médium de fenômenos físicos; - o Espirito-guia desse médium tinha tomado à sua conta curá-lo de sua paixão pelo fumo. A esse respeito houve uma luta séria entre ambos. Em certo dia, o médium disse a seu Guia: "Se me tirares o cigarro, deixarei de fumar." O cigarro que ele tinha na boca lhe foi tirado imediatamente e desapareceu. Mas não se deixa facilmente um hábito inveterado; o médium continuou a fumar e acabou por perder suas qualidades mediúnicas.

Um dos médiuns mais poderosos para fenômenos de diversos gêneros foi obrigado a passar por uma escola severa, sob a direção de seus protetores espirituais, que resolveram conseguir que ele deixasse seus maus hábitos, purificar sua vida e prepará-lo para sua nova vocação. Ele era jovem e de tal incontinência em matéria de mesa, que sua saúde ressentia-se disso. Recebeu a proibição de fazer uso de carne, de chá, de café e de fumo; em conseqüência de uma moléstia do fígado, dos rins e da pele, foi-lhe prescrito reduzir ao mínimo a absorção de leite, de manteiga e de sal. Sempre que o médium se dispunha a transgredir esse regime, recebia uma advertência por meio de pancadas na mesa em que comia. Se lhe sucedia persistir em suas veleidades pantagruélicas, a mesa punha-se em oposição direta contra ele, e sucedia até ouvir a voz de seu Guia que o exortava a seguir às prescrições higiênicas.

A saúde do médium restabeleceu-se completamente e ele produziu fenômenos notáveis.

O fumo exercia sobre ele uma fascinação muito particular, como sucede com muitas pessoas. Aconteceu-lhe de uma vez, no mar, aceder em fumar um cigarro. Saltando em terra, foi castigado severamente: durante um transe foi lançado sobre o soalho, e a ponta de um cigarro grosso foi introduzido à força em sua boca. Ele adquiriu por isso uma aversão profunda pelo fumo." ("Light",1881, pág. 79.)

j) Quando o médium abusa de suas faculdades e se entrega a excessos que podem ter conseqüências funestas, os Espíritos que se servem dele recorrem algumas vezes a outros expedientes para reconduzi-lo à razão, como se verá pelo exemplo seguinte que nos cita o Senhor Brackett ("Light", 1886, pág. 368):

"Uma senhora que tinha passado algum tempo em uma casa de saúde em Somerville, Massachusetts, conta o fato seguinte, do qual ela foi testemunha: Era uma viúva rica, que tinha recebido excelente educação, e fazia parte da melhor sociedade de Boston e dos arredores. Logo no começo do movimento espírita, tornou-se médium escrevente. Entusiasmada com o novo modo de comunicar com os mortos, abriu as portas com toda a franqueza a todos aqueles que desejassem fazer uso de suas faculdades mediúnicas, sem exigir paga de entrada nem remuneração alguma. Sucedia-lhe passar dias inteiros, de manhã à noite, a dar consolações, conselhos e instruções a todos que vinham procurá-la. O estado de superexcitação, no qual ela se achava, começava a arruinar-lhe a saúde, e seus amigos invisíveis lhe aconselharam que moderasse o zelo e não sobrecarregasse suas faculdades. Ela não prestava atenção a esses conselhos, considerando que a obra a que se tinha votado era muito gloriosa para que a desprezasse.

"Ela tinha um irmão, médico, que morava na vizinhança. De acordo com a maior parte de seus colegas, ele encarava o Espiritismo com olhar céptico; acompanhando de perto as ocupações de sua irmã, chegou à conclusão de que ela se entregava à perigosa ilusão e deu-lhe a entender que ela acabaria por entrar para um asilo de alienados, se continuasse no mesmo gênero de vida. Ora, os amigos invisíveis dessa senhora convidaram-na a descer ao subsolo. "Para quê, então?", perguntou. Eles lhe responderam que ela receberia uma resposta quando se tivesse dirigido ao lugar indicado. Ela se apressou contra a vontade e divisou uma grande tina. As vozes misteriosas lhe ordenaram que colocasse a tina de fundo para baixo. "Mas para quê?" perguntou ela ainda. "Verás", responderam-lhe. "Agora, entra." Ela recusou a princípio obedecer a essa estranha proposta, mas deixou-se persuadir pelas instâncias e promessas de seus interlocutores ocultos. Apenas se tinha instalado nesse bizarro alojamento, entrou seu irmão. Ele a tinha procurado inutilmente em

seu quarto, tendo vindo, como costumava, informar-se de sua saúde, e, notando que estava aberta à porta que dava para a cava, desceu e encontrou a irmã em posição incontestavelmente ridícula.

"Ele olhou-a fixamente, manifestou sua admiração e afastou-se. Nesse mesmo momento ela experimentou uma espécie de ausência da influência misteriosa que a impressionava e teve o pressentimento de uma crise em sua vida; desse modo, não manifestou surpresa alguma quando, alguns minutos mais tarde, seu irmão voltou e insistiu com ela para dar um passeio de carro em sua companhia. Ela tinha adivinhado perfeitamente a sua intenção, mas dirigiu-se, apesar disso e a instâncias dele, convencida de que toda oposição seria inútil. Pouco depois, desceram à porta da Casa de Saúde Mc. Lean, em Somerville, onde seu,irmão a colocou na qualidade de doente afetada de alienação mental.

"Quando ela se achou a sós no aposento que lhe destinaram, exprobrou seus amigos espirituais o tê-la exposto a semelhante infortúnio. A resposta que eles deram foi: "Nós fizemos isso com intenção deliberada e para teu bem. Não quiseste seguir nossos conselhos e advertências; por isso te atraímos àquele lugar para arrancar-te à ruína certa, quer moral, quer física, para a qual caminhavas obstinadamente."

"Ela compreendeu o acerto desse raciocínio e, resignada, conformou-se com a sua situação. Felizmente o Asilo Me. Lean achava-se então sob a direção de nosso velho amigo, o Doutor Lutero Bell, que se ocupava de pesquisas espíritas; ele acreditava nelas até certo ponto e conhecia muito bem as diversas manifestações da mediunidade. Compreendendo em pouco tempo a situação de sua cliente, percebeu que ela não estava de maneira alguma acometida de moléstia mental; que era simplesmente médium, e realizou com ela algumas sessões interessantes. Depois de muitas semanas de repouso e de tranqüilidade necessária à sua saúde, ela teve alta. Entrando de novo em casa, mostrou dai em diante muito mais reserva em suas idéias."

k) Sucede também que o Espírito que produz essas manifestações se ligue a uma pessoa, apesar de sua resistência, e obrigue-a a ceder à sua influência. Encontraremos na experiência feita pelo Senhor Dexter um exemplo dos mais notáveis desse fenômeno. E pelo Senhor Dexter que foram recebidas as comunicações publicadas pelo juiz Edmonds em seu livro "Spiritualism", e o testemunho do Senhor Dexter tem tanto mais valor por isso que emana de um doutor em Medicina, isto é, de uma pessoa particularmente competente para a observação e análise desses fenômenos. Eis como, em seu prefácio ao primeiro volume da obra citada, refere sua luta contra as forças que fizeram dele um médium:

"Cerca de dois anos decorreram desde que as manifestações espíritas atraíram minha atenção. Eu era incrédulo a tal ponto que denunciei o movimento espirítico em seu conjunto como a maior patifaria do mundo. Se, apesar disso, aceitei a proposta que me fez um amigo, de assistir às sessões de um circulo espirítico, é que eu obedecia a dois motivos diversos: em primeiro lugar, era minha curiosidade pessoal que eu pretendia satisfazer; em segundo lugar, eu tinha concebido a idéia de que os fenômenos em questão, se não eram o produto de uma fraude ou de uma ilusão, podiam depender muito bem de uma causa natural, e que, por conseguinte, eu poderia talvez chegar a descobrir a fonte dessa ilusão ou o princípio em virtude do qual esses fenômenos se produziam (pág. 82).

"Depois de ter satisfeito minha curiosidade por observações quotidianas dessas manifestações, e quando fiquei absolutamente convicto de que nas ditas manifestações, quer físicas, quer morais, não havia ali nem escamoteação, nem mistificação, fui coagido a convir que nenhuma das leis naturais ou psíquicas conhecidas até aquele dia podia fornecer a explicação desses fenômenos. E entretanto, apesar das provas freqüentes e irrecusáveis que se me ofereciam - isso poderá parecer estranho -, eu persistia em minha incredulidade. Mesmo depois de ter estudado minuciosamente esse problema durante meses, sem conseguir resolvê-lo; depois de ter estado por muitas vezes a ponto de declarar-me espiritualista convicto, fiquei céptico apesar disso. Eu não podia admitir a idéia de que um Espírito, isto é, um ser intangível, insubstancial, etéreo, como sempre se me tinha afigurado, pudesse entrar em relação com o homem; parecia-me sobretudo incrível que um Espírito, que, segundo a idéia que essa palavra evoca comumente, não deve ser mais do que uma espécie de nada atenuado, fisicamente intangível, tivesse a faculdade de deslocar mesas, de dar pancadas na parede, de levantar homens, em uma palavra, de manifestar-se materialmente nesta mesma Terra que ele havia deixado para sempre. Classificando os fatos, um após outro, fazendo justiça a todas as provas acumuladas, eu devia, sinceramente, submeter-me a essa convicção que, para ser aceita em qualquer outra

questão duvidosa, a metade das provas que me eram fornecidas, nessa ocasião, teria sido suficiente de sobra. Mas eu sabia que isso não podia ser, e, por conseguinte, não lhe dava crédito. (Pág. 88.)

"Nem minha vontade, nem meus desejos me impeliam ao desenvolvimento de minhas faculdades mediúnicas; pelo contrário, opunha-se a isso, e, quando pela primeira vez, senti em mim um poder semelhante ao que eu tinha visto se revelar em outros médiuns, tentei resistir-lhe com todas as minhas forças físicas e morais. (Pág. 89.)

"Era muito tarde da noite; eu estava em meu gabinete de trabalho, sentado na poltrona, com a mão direita descansando no braço do móvel. Minhas idéias estavam longe do Espiritismo; pensava em uma leitura que acabava de fazer. De repente senti no braço uma impressão estranha, como se duas mãos o tivessem segurado perto do ombro; tentei levantar o braço, mas em vão: a cada um de meus esforços, os dedos contraíam-se em roda do braço da cadeira e o apertavam com força. Depois a mão começou a tremer-me, e eu notei que ela era agitada violentamente.

"Nesse momento, ouvi soarem duas pancadas muito distintas na parte superior da parede, e tive a impressão de que essa força invisível, cuja ação eu tinha observado freqüentemente sobre outras pessoas, queria submeter-me. "Estas pancadas são produzidas por Espíritos?", perguntei em voz alta. Ouvi soarem ainda três pancadas. Perguntei de novo: "Os Espíritos têm a intenção de exercer sua influência sobre mim?)" As três pancadas foram repetidas. Em seguida, levantei-me, arrumei meus livros e deitei-me.

"Enquanto eu estava ocupado em arrumar a mesa, a sensação desagradável do braço tinha desaparecido, mas, desde que me deitei, ouvi de novo soarem pancadas, desta vez na madeira da cama, e a mão recomeçou a tremer, mas resisti com todo o poder de minha vontade e consegui libertar-me da força misteriosa que me obcecava. Eu desejava verificar a que lei natural era preciso atribuir esse fenômeno estranho. Pessoalmente, eu nada tinha feito por certo para provocá-lo.

"As idéias que me absorviam nada tinham de comum com o Espiritismo; menos ainda poderia eu acreditar que estivesse sendo por minha vez o alvo de semelhantes manifestações. Por que motivo as pancadas se fizeram ouvir precisamente naquela ocasião, e porque se transportaram depois para meu quarto de dormir? Devo confessar que aquela ação, inteiramente particular e exercida sobre o meu organismo, me inquietava um pouco. Até então eu acreditava que os fenômenos chamados espirítico eram o efeito de uma força qualquer que emanava do corpo material ou do espírito dos assistentes, e que exercia uma ação física sobre o médium; mas não podia deixar de reconhecer que, para as impressões que eu acabava de experimentar em minha própria pessoa, meu espírito não tinha exercido ação alguma, e, como não havia nenhuma outra pessoa no quarto, naturalmente eu não podia atribuir as manifestações à influência moral de uma terceira pessoa.

"Convencido como eu estava, e de maneira absoluta, de ter combatido essas influências e de ter-me armado com toda a minha vontade contra as sensações que experimentava no braço, não podia atribuí-Ias a qualquer outra causa a não ser à intervenção de uma força inteligente provindo de uma fonte invisível cujo objetivo era submeter-me à sua interferência e que tinha conseguido isso perfeitamente. (Págs. 89-90.)

"Em vista dessa intenção dos Espíritos, manifestada claramente, de adaptar meu organismo às condições requeridas para entrar em relação com o nosso mundo, impunha-se à questão seguinte: é indispensável que o indivíduo fique completamente passivo para que a influência de uma vontade sobre outra pessoa possa estabelecer-se, e se uma afinidade elétrica ou psíquica entre um certo número de indivíduos pertencentes ao mesmo círculo dos experimentadores é necessária igualmente para que esse agente de um gênero particular possa entrar em atividade, como então pôde suceder que meu braço, apesar de minha incredulidade e de minha resistência em aceitar a possibilidade de semelhantes manifestações, tenha podido cair sob o poder desse agente? Certamente eu não era passivo, e desde o momento em que meu espírito era hostil a essa força, elétrica ou psíquica, eu deveria, como parece, ser refratário a sua influência, moralmente e fisicamente. Proponho a solução desse problema àqueles que procuram atribuir as pretendidas manifestações dos Espíritos à ação de forças materiais. (Pág.91.)

"Em conseqüência dessas tentativas, deixei de freqüentar as sessões espíritas, supondo assim pôr-me ao abrigo de todas as perseguições. Sucedeu o contrário: meu braço foi sacudido enquanto eu dormia, e despertei em sobressalto. Durante o período em que me abstive de tomar parte nas experiências dos círculos

espíritas, fui suspenso por duas vezes de meu leito e mantido no espaço. A primeira vez foi no dia em que mudei de quarto de dormir: eu ainda não dormia e tinha plena consciência do que se passava em torno de mim; estava deitado, esperando pelo sono, quando, de repente, fui acometido de um calafrio em todo o corpo. Procurei levantar um braço, mas não consegui movê-lo; os olhos fecharam-se-me e eu não pude reabri-los; minha inteligência estava entretanto em plena atividade, e eu tinha conhecimento de tudo o que se passava, com mais clareza do que nunca. Minha sensibilidade física também tinha aumentado em agudeza. Conservando-me deitado assim, impotente para fazer o menor movimento, meu corpo foi levantado e conduzido suavemente para a borda do leito com o lençol que me cobria; deixaram-me ali durante alguns instantes e depois completamente removido e suspenso no espaço durante muitos segundos. Nesse mesmo momento ouvi o toque de rebate, e eu senti-me imediatamente transportado a meu leito e colocado de novo na mesma posição que ocupava dantes, com um pequeno sobressalto, como um corpo solto das mãos que o seguravam. Readquiri então o uso dos membros, levantei-me do leito e examinei os lençóis e o cobertor: eles tinham sido repuxados para o mesmo bordo do leito donde eu tinha sido retirado e arrastavam-se no chão, (Págs. 91 e 92.)

"Essa prova evidente da existência de um poder oculto produziu em mim uma impressão profunda. As tentativas anteriores me tinham tornado indiferente desde que deixei de experimentar o seu efeito; é que outrora só meu braço servia de objetivo a esses esforços, presentemente meu corpo inteiro estava sujeito a essas influências, apesar de toda a minha resistência... Pela primeira vez me veio à idéia que, prestando-me a essa influência, que parecia claramente manifestar o desejo de fazer de mim um médium, eu poderia ter probabilidades de descobrir a verdade sobre as relações entre Espíritos e homens". Alguma coisa me impeliu em certo dia a formular esta pergunta: "Há alguém no quarto?" e ouvi dar distintamente três pancadas afirmativas.

"Eu estava muito comovido para continuar nesse diálogo e deitei-me de novo, pensando nessas provas irrecusáveis que acabavam de me ser dadas sobre a ingerência dos "Espíritos" na vida dos homens." (Página 92.)

"Um fato análogo produziu-se uma outra vez, enquanto me achava em passeio no campo: fui levantado do leito em que estava deitado e suspenso no espaço, exatamente da mesma maneira. Dessa vez como da primeira, eu era vítima das mais estranhas sensações, e, como então, o acontecimento se deu inteiramente de improviso; dir-se-ia que o agente oculto tinha assumido a incumbência de suspender-me no momento em que eu pensasse menos nisso. Essa faculdade que tinham os Espíritos de exercer sobre mim a sua influência, sem que eu tivesse feito previamente preparativos qualquer, demonstrou-me a íntima relação que existe entre os seres deste mundo e os de um outro, e foi para mim uma prova de que essas relações podem ser estabelecidas em qualquer circunstância e em todas as condições. Com o intuito de obter provas ainda mais certas de seu poder sobre mim, esses seres me fizeram ver que tinham o dom de, servindo-se de meu organismo, manifestar a inteligência de que eles eram dotados como seres racionais e sensíveis. E' assim que depois de ter aprendido a conhecer seu poder físico, procurei ocasiões favoráveis para ampliar a esfera de minhas experiências. Quando eu tomava parte em sessões com esse objetivo especial, a mesma força oculta apoderava-se de minha mão para obrigar-me a escrever. No começo, as frases eram curtas e só exprimiam idéias sem nexo; mas, à medida que minhas faculdades se desenvolveram nesse sentido, obtive páginas inteiras de escrita, tratando de teses e de assuntos mui variados. Mas em tudo o que foi escrito por minha mão, nessa época, nada deixava ainda supor qualquer intenção de produzir dessa maneira uma obra completa."(Págs. 92 e 93.).

L) Um dos exemplos mais admiráveis da brusca invasão dos fenômenos espíritas e da maneira pela qual se impõe a força em atividade, apesar de todas as oposições e da resistência dos médiuns, apresenta-se no começo do movimento espírita; trata-se da mediunidade das filhas da família Fox, em 1848. E' inútil recordar todos os episódios dessa série de manifestações, pois que se pode encontrar a sua narração circunstanciada nas obras especiais: "Modern Spiritualism, its Facts and Fanaticisms", pelo Senhor Capron, Boston, 1855; "The Missing Link in Modern Spiritualism", por Lea Underhill, uma das irmãs Fox, Nova Iorque, 1885; só darei, para memória, a exposição cronológica dos principais incidentes dessa curiosa série de fenômenos.

Foi em 1848, em Hydesville, que se ouviram pancadas pela primeira vez; elas se repetem todos os dias, não deixando a família descansar, e intimidando as crianças; como não pudessem conservar em segredo essas manifestações, os vizinhos vão presenciá-las, e as perseguições começam. Pouco depois os Fox são denunciados como impostores ou como fazendo comércio com o diabo. A Igreja Episcopal Metodista, da qual os Fox eram adeptos notáveis, os excomunga. Descobre-se a natureza inteligente das pancadas, que revelam que um assassínio fora cometido na casa e que a vítima fora sepultada na cava, o que se verificou mais tarde. Em Abril de 1848, a família Fox transporta-se para Rochester, para a casa da Senhora, Fish, filha mais velha do Senhor e da Senhora Fox, que era professora de música. Mas os fenômenos se reproduzem e mesmo se desenvolvem consideravelmente. As pancadas juntam-se o deslocamento e a projeção de toda espécie de objetos, sem contacto, aparições e contactos de mãos, etc. Curiosos invadem a casa da manhã à noite e são testemunhas desses fenômenos. “A desordem torna-se tão grande que a Senhora Fish não pôde continuar a dar lições de música e tornou-se impossível ocuparem-se com o serviço doméstico.” (Capron, página 63.) “Um ministro metodista propôs-se a exorcizar os Espíritos” (pág. 60), mas isso não serviu de coisa alguma. Finalmente o acaso fez descobrir a possibilidade de comunicar com os Espíritos, pelo alfabeto. Depois de ter declarado, com grande surpresa da família, “que eles eram amigos e parentes” (Capron, pág. 64), os Espíritos exigiram que o estudo dos fenômenos se tornasse público. “Deveis proclamar estas verdades ao mundo.” Tal foi à primeira comunicação (“Missing Link”, página 48). Ao.que a família Fox se recusou obstinadamente.

Para que o leitor possa capacitar-se da situação em que a família se achava naquela época, vou reproduzir aqui uma parte da narração da Senhora Lea Underhill:

“Desejaria pôr em evidência que os sentimentos de toda a nossa família, de todos nós, eram hostis a essas coisas bizarras e incongruentes; nós as considerávamos uma desgraça, uma espécie de calamidade que caía sobre nós, sem se saber donde nem porquê! De acordo com as opiniões que nos chegavam de fora, nossas próprias inclinações e as idéias que nos tinham sido inoculadas na infância nos levavam a atribuir aqueles acontecimentos ao “Espírito maligno”; eles nos tornavam perplexos e nos atormentavam; demais, lançavam sobre nós certo descrédito na localidade. Nós tínhamos resistido àquela obsessão e lutado contra ela, fazendo preces fervorosas para a nossa libertação, e entretanto estávamos como que fascinados por essas maravilhosas manifestações, que nos faziam suportar, contra a nossa vontade, forças e agentes invisíveis, aos quais éramos impotentes para resistir; que não podíamos nem dormir, nem compreender. Se nossa vontade, nossos mais sinceros desejos e nossas preces tivessem podido ter a preponderância, todas essas coisas teriam terminado naquela mesma ocasião, e ninguém, além da nossa vizinhança mais próxima, jamais teria ouvido falar dos “Espíritos batedores” de Rochester, da desventurada família Fox. Mas não estava em nosso poder deter ou dominar os acontecimentos. (Pág. 55.)

“Em Novembro de 1848, os “Espíritos” informaram a família de que não podiam mais lutar contra a resistência que lhes opunham, e que em conseqüência da insubmissão dos médiuns às perguntas dos Espíritos, estes seriam obrigados a deixá-los. Os médiuns responderam que não tinham objeção alguma a fazer a isso, “que nada lhes poderia ser mais agradável, e que eles só queriam a partida dos Espíritos” (Capron, pág. 88). Efetivamente, as manifestações detiveram-se; durante doze dias não se ouviu mais dar uma só pancada. Mas nesse ínterim produziu-se uma brusca mudança nas idéias dos membros da família; eles tiveram profundo pesar por terem sacrificado às considerações mundanas um dever que lhes tinha sido imposto em nome da Verdade, e, quando, a pedido de um amigo, as pancadas soaram de novo, foram saudadas com alegria. “Parecia que recebíamos amigos antigos, escreve Lea Underhill; amigos que não tínhamos sabido apreciar dantes, tanto quanto era preciso” (pág. 60). Entretanto, do mesmo modo que outrora, as pancadas não deixavam de repetir imperiosamente: “Tendes um dever a cumprir; queremos que torneis públicas as coisas de que sois testemunham (Capron, pág. 90). Os interlocutores invisíveis traçaram o plano de operações que devíamos adotar, com os mais minuciosos pormenores; era preciso alugar a grande sala pública “Corinthian Hall”; os médiuns deviam subir ao estrado em companhia de alguns amigos; as pessoas designadas para ler a conferência eram G. Willets e C. W. Capron (autor do livro acima citado); esse último devia fazer o histórico das manifestações; uma junta composta de cinco pessoas, designadas pela assistência, devia fazer uma investigação nessa matéria e redigir um relatório que seria lido na sessão

seguinte. Os Espíritos prometiam patentear-se de maneira a serem ouvidos em todas as partes da sala. Essa proposta teve uma recusa categórica. “Não tínhamos de maneira alguma o desejo,. diz o Senhor Capron, de nos expormos ao riso público e não procurávamos angariar uma celebridade desse gênero... Mas garantiram-nos que era o melhor meio de impor silêncio às calúnias e de fazer jus à verdade, e que prepararíamos assim o terreno para o desenvolvimento das comunicações espirituais, que se efetuaria em futuro próximo.” (Págs. 90 e 91.).

Mas o temor da opinião pública preponderava sempre, e ninguém se decidia a tomar a iniciativa dessas sessões; então os “Espíritos” propuseram estabelecer audiências em casas particulares, em grandes salas, para que pudessem convencer de sua faculdade de darem pancadas, perante um público muito diverso. Decorreu um ano inteiro antes que as instâncias e as exortações de sins triunfassem das escusas dos outros. Finalmente, fez-se o ensaio, e o Senhor Capron começou as experiências em casas particulares; “elas deram bom resultado, e as manifestações foram sempre interessantes e distintas” (pág. 91). Foi só então, após numerosos ensaios, que decidiram tentar a grande prova, e um meeting público foi anunciado para a noite de 14 de Novembro de 1849, no “Corinthian Ha”, em Rochester. O êxito foi completo. Três meetings consecutivos deram os mesmos resultados, e o movimento espirítico nasceu!...

m) Nos dois parágrafos precedentes, vimos que as manifestações, posto que contrárias à vontade do médium, visavam entretanto um alvo que tendia para o bem ou cujas causas são compreensíveis e justificáveis pelo resultado. Mas nem sempre é esse o caso; é assim que nas simples manifestações de escrita automática ou por efeitos físicos, sucede mui freqüentemente que as comunicações se componham somente de zombarias, de graças de mau gosto, das quais os médiuns são as primeiras vítimas; os Espíritos parece aprazerem-se em mistificá-los. Comunicações que tinham curso regular e satisfatório - provenientes sempre das mesmas personalidades, querem conhecidas em vida pelo médium, quer conhecidas apenas em conseqüência de uma série de comunicações - podem ser subitamente interrompidas pela interferência de um Espírito que só diz banalidades, faz declarações de amor, ou profere invectivas ou obscenidades; o que aborrece e encoleriza o médium; e não há outro meio de ficar-se livre de tal Espírito senão parar com as sessões.

Sucede o mesmo com as manifestações físicas; freqüentemente o médium é vítima dos mais lastimáveis gracejos; tiram-lhe os objetos de que ele tem necessidade, tiram os lençóis de seu leito, atiram-lhe água, atemorizam-no com diferentes ruídos (“Light”, 1883, página 31); nas sessões às escuras, essas manifestações apresentam algumas vezes um caráter tão violento, tão agressivo, tão hostil, que se torna perigoso continuá-las, e deve-se imediatamente encerrá-las. Às vezes as manifestações fazem erupção no seio de uma família, sem que nunca tenham sido provocadas. Eis-nos em presença do grupo de fenômenos conhecidos sob o nome de “perseguições”; essas manifestações violentas, desagradáveis, estabelecem-se em uma casa, fazem fugir dela os habitantes, ou, antes, ligam-se a uma família e assumem o caráter de verdadeira perseguição, da qual é vítima não só a família do médium, como ele próprio.

Citarei apenas dois exemplos de “perseguições”. O primeiro deu-se em Stratford, nos Estados Unidos, na família do reverendo Eliakim Phelps, D. D., em 1850 e 1851, e é minuciosamente descrito no livro do Senhor Capron, “Modern Spiritualism”;. As manifestações anunciaram-se, como sempre, por pancadas, deslocações e projeções de objetos na casa; posto que as portas fossem fechadas à chave, desapareciam objetos. Via-se uma cadeira elevar-se no ar e em seguida tornar a cair no soalho por muitas vezes consecutivas, com uma força tal que se sentia a casa estremecer e o choque repercutir nas construções vizinhas. Um grande candelabro de braço foi arrancado da chaminé e levado de encontro ao forro da casa, por muitas vezes, com tal violência que chegou a quebrá-lo. Foi à primeira vez que um objeto se quebrou”) (pág. 141). Sucedeu algumas vezes degenerarem as pancadas em gritos terríveis. (Ibid.)

“Viam-se aparecer no meio do aposento figuras formadas de diversas peças de roupa, provenientes de todas as partes da casa e destendidas de maneira que se assemelhavam a formas humanas.” (Pág. 143.)

Naquela época ainda não se sabia o que era um médium, mas notou-se entretanto que os fenômenos se ligavam particularmente ao filho do Doutor Phelps, Harry, um menino de onze anos. Seu chapéu e sua roupa foram rasgados por muitas vezes em pequenos retalhos (página 142). “Certo dia ele foi atirado dentro de um

poço; de outra vez foi amarrado e pendurado a um ramo de árvore." (Pág. 146). "Quando o mandaram à escola, em Pensilvânia, foi por muitas vezes beliscado ou picado com alfinetes e incomodado de todas as maneiras"; sua roupa e livros foram rasgados; as pancadas acompanhavam-no até na escola. A família de quem ele era pensionista alarmou-se e não quis mais recebê-lo; de maneira que se tornou preciso retirá-lo de lá. (Pág. 170.)

Entrou-se em breve no período das "perseguições" materiais; o vasilhame e principalmente objetos de vidro e de porcelana foram quebrados; diariamente, durante muitas semanas, vidros foram quebrados; ao todo 71 objetos diversos tinham sido inutilizados. O Doutor Phelps afirma que viu uma escova, que estava no pano da chaminé, precipitar-se para a janela e atravessar o vidro, quebrando-o com estalido; afirma também ter visto um copo sair da mesa de trabalho, em cima da qual estava, atirar-se para a janela e quebrar o último vidro que tinha ficado intacto; entretanto, declara que Harry e ele estavam a sós nesse aposento, e apressa-se em acrescentar que Harry, durante todo o tempo em que se davam essas deslocações estranhas, tinha ficado a seu lado, no vão de uma porta, a uma distância muito grande da chaminé e da mesa de trabalho, para que pudesse ter posto em movimento os dois objetos de que se trata, sem ser notado. (Pág. 148.)

"Em meados do mês de Maio, o Doutor Phelps e Harry dirigiram-se a Huntingdon, a 7 milhas de sua residência. Eles tinham percorrido cerca de uma milha quando uma pedra do tamanho de um ovo caiu no carro; foi uma espécie de sinal, pois que em pouco tempo cerca de doze pedras foram atiradas ainda; depois desse apedrejamento, cujos autores eram invisíveis, o Doutor Phelps, de regresso, contou dezesseis pedras que tinham caído no carro." O doutor tinha guardado em uma gaveta de sua mesa de trabalho dois canhenhos; no maior dos dois, ele inscrevia diariamente a narração circunstanciada de todas as manifestações que se produziam; certo dia notou que todas as páginas em que escrevera essas notas tinham sido arrancadas e desapareceram. Depois de muito procurar, encontraram-se algumas dessas folhas no porão; quanto às folhas nas quais o Doutor Phelps havia feito a cópia de diversas escritas, tinham desaparecido sem deixar vestígio. Na gaveta de uma mesa de toucador, o doutor conservava certo número de escritos feitos por agentes misteriosos; certo dia, todos esses documentos se inflamaram, e o incêndio só se denunciou pelo fumo que se escapava; da gaveta, quando os papéis já estavam consumidos a tal ponto que não era possível utilizá-los mais (pág. 163). Na noite de 18 de Julho, ainda outros papéis, dentre os quais vinte cartas, guardadas na secretária do Doutor Phelps, foram queimados completamente antes que se tivesse descoberto o incêndio. Ao mesmo tempo verificava-se que o fogo tinha começado nos papéis conservados em dois armários, em baixo da escada, e foi ainda o fumo que denunciou o fogo (pág. 165). Quando o Senhor Phelps, a instâncias do Senhor Capron, acedeu finalmente em comunicar-se com as forças em atividade, teve-se a explicação desses estranhos acidentes, e os misteriosos correspondentes, conseguido o intento deles, cessaram com as manifestações.

Outro caso que quero mencionar, e que se refere do mesmo modo à combustão espontânea de objetos, deu-se à leste da Rússia, numa herdade do distrito de Ouralsk, antiga fronteira da Ásia. O proprietário da herdade, Senhor Schtchapov, comunicou ao "Rebus", em 1886, a narração minuciosa das perseguições misteriosas às quais sua família esteve exposta durante seis meses, desde o mês de Novembro de 1870. Esse caso, que é tirado da vida russa; apresenta tanto interesse, é tão notável e edificante, sob o ponto de vista da comparação com outros fatos análogos, de fonte estrangeira, e, demais, a narração do Senhor Schtchapov é acompanhada de pormenores tão precisos, que não me posso abster de dar muitas de suas passagens in extenso:

"Hoje, completam-se quinze anos da época memorável em que nossa pacífica vida de família foi subitamente perturbada por um acontecimento tão insólito, estupefaciente, que desafiava qualquer explicação natural; acabaram então por atribuí-lo a fraude, e fomos nós a quem acusaram de tê-la praticado, a nós que nenhuma parte tínhamos tomado em tudo aquilo; foi em virtude de tal imputação que o acontecimento foi levado ao conhecimento público, no "Mensageiro do Ouralb." (1871).

"Se bem que eu tivesse adquirido, depois da época dessas manifestações, alguns conhecimentos teóricos acerca dos fenômenos chamados mediúnicos, pela leitura de tudo quanto existia publicado sobre esse assunto em língua russa, e que tivesse chegado a capacitar-me, até certo ponto, do gênero de manifestações que se tinham produzido em meu domicílio, devo declarar que, na realidade, as coisas que sucederam não

deixam de produzir impressão muito diversa da que se experimenta em uma leitura ou em uma narração, pois que não há meio de fazer-nos duvidar daquilo que presenteamos.

"Efetivamente, que partido se deve abraçar quando se procurou inutilmente deixar a depressão moral que pesa sobre o espírito em presença de acontecimentos extraordinários e anormais, quando se empregam esforços contínuos para encontrar uma solução que se aproxime por pouco que seja da ordem natural das coisas - e quando, entretanto, os fatos observados levam por assim dizer à perplexidade, porque violentam ao pretendido bom senso?

Acrescente-se a isso que nessa época nem sequer suspeitávamos da existência de uma força mediúnica, que essas bizarras e caprichosas manifestações eram assinaladas, do meio para o fim, por uma tendência evidentemente hostil, como se fossem dirigidas contra nossa tranqüilidade. Suporto os dissabores do descrédito, da maledicência e das calúnias que nos granjearam esses acontecimentos, de nossa vizinhança, em um raio de 150 quilômetros.

E verdade que eu mesmo era a causa dessa vociferação, pois que narrava e descrevia esses incidentes a qualquer adventício que vinha à procura de explicações. Vinham a minha casa, faziam investigações, ouviam e olhavam as coisas, que se passavam à vista de todos; mas quanto à explicação, sempre nada. Dentre os visitantes, havia pessoas esclarecidas, algumas mesmo de grande erudição; e todos procuravam dar uma explicação natural "qualquer" (sic). Deixamo-nos embalar por essas "sabedorias", segundo as quais as manifestações que se produziam eram devidas ora à ação da eletricidade atmosférica, do magnetismo, ora a um estado mórbido - uma espécie de mania zombeteira - de minha mulher que se aprazia em nos mistificar, rindo in perto de nossa ingenuidade.

"Aceitávamos de boa fé uma e outra dessas explicações, mas, no fim de alguns dias, todas essas teorias se desfaziam sob a evidência dos fatos. E' preciso ter feito a experiência por si mesmo, é preciso ter visto e ouvido, ter passado noites sem dormir e experimentado moralmente e fisicamente tormentos até o esgotamento das forças, para chegar finalmente à convicção inabalável de que há coisas das quais os sábios nem sequer suspeitam.

"Era a 16 de Novembro de 1870, ao cair da noite; eu entrava em casa depois de uma viagem de alguns dias que havia feito a uma pequena cidade, distante 30 verstas de nossa herdade, perto do moinho; habitávamos ali havia ano e meio; minha família constava de duas senhoras idosas - minha mãe e minha sogra, ambas de sessenta anos - de minha mulher, que tinha então vinte anos, e de minha filha, uma criança de peito. Logo depois das primeiras palavras de saudação, minha mulher informou-me que nas duas últimas noites quase não se tinha dormido em casa, em conseqüência de um ruído estranho, pancadas no celeiro da casa, nas paredes, nas janelas, etc. Ela tinha chegado à conclusão de que a casa estava simplesmente assombrada pelo diabo."

O Senhor Schtchapov refere em seguida que ele próprio, durante cinco noites consecutivas, ouviu pancadas estranhas que se produziam quase sem interrupção, quer na janela, quer nas paredes; que essas pancadas se renovaram a 20 de Dezembro e prolongou-se por muitos dias, que os objetos começaram a deslocar-se, e, coisa curiosa, que "os corpos moles caíam com um ruído igual ao que produz um corpo duro, ao passo que objetos sólidos não ocasionavam choque algum". Na véspera do ano de 1871, as pancadas retumbaram de novo; dessa vez os fenômenos foram observados por uma reunião numerosa. "Às pessoas que estavam do lado de fora as pancadas pareciam darem-se no interior, as que estavam no aposento supunham que o ruído era produzido nas paredes, do lado de fora." O Senhor Schtchapov continua:

A 8 de Janeiro, depois de numerosas manifestações, tais como pancadas, deslocamentos de objetos, etc., minha mulher divisou um globo luminoso que saía de baixo de seu leito, a princípio de pequena dimensão, e depois, conforme ela dizia, aumentando de volume até o tamanho de uma sopeira, com muita semelhança com um balão de borracha vermelha; ela ficou tão assustada que perdeu os sentidos. Desde então, encarávamos esses fenômenos com olho hostil, com terror mesmo, tanto mais porque, no dia seguinte, esses sinistros ruídos se fizeram ouvir mesmo na janela do quarto de minha mulher, em pleno dia, cerca das três horas, na ocasião em que ela se preparava para repousar. Desse dia em diante, esses ruídos a acompanhavam por toca parte aonde ela ia. E assim que certo dia, quando tomava o chá das cinco horas, ouviu soarem pancadas no braço da espreguiçadeira em que estava sentada, e, quando tomei o seu lugar, as

pancadas foram dadas perto do lugar em que ela se colocou, no encerado da espreguiçadeira, e às vezes mesmo nas dobras de sua saia de lã; elas a acompanhavam até o armário do aparador, o guarda-comida, etc. Francamente, começávamos a ter medo; essa inflexível realidade dos fenômenos, produzindo-se à claridade do dia, tão exclusivamente ligados aos passos de minha mulher, nos afligia a ambos; ela chegava a chorar.

Apreensiva pelas conseqüências funestas para a sua saúde e sobretudo para o seu estado mental (ela sentia uma fraqueza geral e necessidade de dormir todas as vezes que as manifestações iam produzir-se, e se, nesse momento, achava-se no leito, um sono profundo apoderava-se dela), decidi mudar de residência por um mês e transportei-me com a família para a cidade vizinha, onde possuíamos uma casa. No mesmo dia de nossa chegada, encontramos um de nossos amigos, o Senhor Ch., médico, que estava ali em serviço. Depois de ter ouvido minha narração, deu sua opinião, que afastava, bem entendido, toda a idéia de uma explicação misteriosa ou sobrenatural dos fenômenos que eu lhe expunha: ele fazia tudo correr por conta da eletricidade e do magnetismo, que agiam, dizia, sob a influência de uma composição particular do terreno sobre o qual era edificada a nossa casa, ou de faculdades especiais inerentes ao organismo de minha mulher. Essas explicações, se bem que insuficientemente claras e pouco em relação com os fatos, nos pareceram concludentes, a nós pessoas pouco versadas nas questões científicas; em todo o caso, elas exerceram sobre nós um resultado tranqüilizador: tudo isso nos parecia muito vago; mas, parecia-nos compreender que se tratava de leis da Natureza; era um verdadeiro achado; desejávamos a todo o custo desembaraçar-nos da obsessão diabólica (não conhecendo outro termo, é assim que tínhamos a princípio qualificado a força oculta).

"Mas qual não foi a nossa surpresa, direi mesmo nosso terror, quando no dia primeiro de Janeiro, ao recolher-nos, tarde da noite, e quando minha mulher se deitou, as pancadas recomeçaram, e os objetos foram de novo lançados através dos aposentos, e até objetos perigosos: por exemplo, uma faca de mesa, que estava em cima do fogão, foi arremessada com força de encontro à porta. Pusemos em lugar seguro todos os objetos cortantes ou pesados, mas era trabalho perdido: sucedia durante a noite dispersarem-se por todo o aposento todas as facas e garfos, cuidadosamente fechados por nós no armário; alguns chegaram até a penetrar na parede, perto de nosso leito. Confesso que eu começava a temer seriamente essas manifestações, que se tornavam ameaçadoras, e que acolhia com um sentimento de gratidão as pessoas que nos iam visitar nessa época e que passavam a noite em nossa casa, levadas pela curiosidade.

"Disse que a teoria elétrica do doutor estava pouco em relação com os estranhos fenômenos que tínhamos observado até então; mas, para as manifestações que se produziram a contar de 24 de Janeiro, ela devia ser considerada como absolutamente insustentável. Nessa noite recebemos a visita de um de nossos amigos, o Senhor L. Alekseieff. Minha mulher e ele achavam-se em um aposento que dava para aquele em que eu passeava a passos largos, com minha filhinha nos braços, cantando diversas árias para distraí-Ia. Fiquei um pouco surpreso com o pedido que minha mulher e Alekseieff me fizeram de continuar uma canção que eu acabava de interromper. Fiz o que eles pediam. Depois, pediram-me que cantasse uma outra ária; comecei a cantar "A Figurante" e fui ter com eles. Fui informado de que minha canção foi acompanhada de pancadas na parede, marcando o compasso muito perto do lugar em que eles estavam sentados. Recomeço a canção e, efetivamente, ouço as pancadas como se fossem produzidas pelas unhas da mão, marcando precisamente cada compasso da canção; essas pancadas foram do mesmo modo ouvidas do lado de fora, como tivemos a cautela de verificar. Meu amigo cantou, para experimentar, algumas árias muito lentas, interrompendo-as de tempos em tempos - e entretanto o ritmo das pancadas continuava a seguir o compasso, se bem que as interrupções intencionais produzissem certa confusão. Experimentou-se cantar em voz cada vez mais baixa, terminando em cochicho, em simples movimento de lábios, chegou-se até a cantar mentalmente - e então o acompanhamento foi completamente de acordo. A força que produzia esse fenômeno era evidentemente dotada de senso musical e possuía o dom da adivinhação!

"Os rasgos de inteligência, de que a força oculta deu prova, impressionaram-nos vivamente, e resolvemos continuar essas experiências naquela mesma noite. Com o fim de obter sons mais precisos e mais claros, convidamos minha mulher a sair do leito que ocupava e ir para um outro, que estava perto de uma porta envidraçada. Nossa esperança realizou-se: logo que ela se acomodou nesse lugar, as pancadas sucederam-se rapidamente nos vidros. Nessa ocasião as pancadas não se limitavam a bater o compasso de

diversas árias: marchas, polcas, mazurcas (o hino nacional foi entoado com certo entusiasmo) - elas nos demonstravam que a força que as produzia podia bater um número qualquer pensado".

"Cumpre-me afirmar, uma vez ainda, que tomávamos as cautelas mais minuciosas para garantir-nos contra qualquer mistificação e que não perdíamos de vista a pessoa que representava o principal papel - minha mulher, que durante todo o tempo dormia profundamente.

"Decidi-me a comunicar tudo o que se passava ao Doutor Ch., o mesmo que tinha aventado a teoria elétrica para explicar os fenômenos em questão. Além disso eu tinha uma razão para dirigir-me a ele: a secção de Orenbourg da Sociedade Imperial de Geografia acabava de pedir ao Major Pogorelov, comandante dos cossacos de Iletzk, que dessem informações acerca dos fenômenos meteorológicos nesse raio, e principalmente sobre o globo luminoso do qual falei mais acima. Enviei pois um exemplar de minha descrição à Sociedade de Geografia e outro ao Senhor Ch., pedindo-lhe, bem entendido, que me desse um esclarecimento.

"Em pouco tempo tivemos a satisfação de receber a visita de três pessoas que nos eram muito conhecidas por suas excelentes qualidades e elevada competência: o Senhor A. Akoutine, engenheiro-químico, amigo do governador de Orenbourg; o Senhor N. Savitch, homem de letras; e o médico em questão, o Senhor Ch.

"Esses senhores declararam-nos a princípio terem vindo por iniciativa própria, na qualidade de amigos, curiosos de estudar os fenômenos. Depois eu soube que foram enviados oficialmente para esse fim, pelo governador, o General Verevkine."

O Senhor Schtchapov pôs-se inteiramente à disposição dos visitantes; sua mulher também se impôs certos incômodos com o fim de facilitar a seus hóspedes a incumbência que tinham ido desempenhar; assim: ela os autorizou a visitar seu quarto em qualquer ocasião; toda a roupa supérflua foi retirada; o pessoal da casa afastou-se tanto quanto era possível.

"Começou-se por submeter a casa a um exame minucioso. Só ocupávamos no prédio três aposentos, incluindo nesse número o vestíbulo; o resto da casa só era habitado durante o estio e servia de desafogo no inverno.

"Como não tínhamos sido incomodados havia já alguns dias, eu não podia afirmar que as manifestações se produziriam. Mas, desde o primeiro dia, tivemos ensejo de ouvir pancadas, de ver a projeção de diversos objetos, etc. No dia seguinte foram instalados os aparelhos de física levados por nossos visitantes; foi preciso levantar parte do soalho no quarto de minha mulher, para assentar longa haste metálica, uma ponta da qual foi enterrada no chão, e a outra, munida de uma ponta, terminava exatamente defronte da porta envidraçada na qual as pancadas eram dadas habitualmente; sobre a vidraça dispôs-se um condensador com lâminas de estanho; esses senhores tinham ainda uma garrafa de Leida, instrumentos científicos cujo emprego eu desconhecia; mas nenhum desses aparelhos serviu para o que quer que fosse, e nada, em todas as suas experiências, permitiu supor que existisse o menor traço de afinidade entre os fenômenos que eles estudavam e a eletricidade ou o magnetismo. As reações químicas que o Senhor Akoutine realizou não indicaram de maneira alguma qualquer tensão particular da eletricidade atmosférica no interior da casa, nem estado algum de saturação de ozona no ar ambiente. Finalmente, seus esforços nesse sentido não chegaram a resultado algum, e, entretanto, as manifestações prosseguiam em seu curso, regularmente, todas as noites; nós escrevíamos sistematicamente a sua narração, em ordem cronológica, em um registro especial, e revezávamos a vigília no quarto de minha mulher, onde as pancadas ordinariamente começavam.

"Procuramos em primeiro lugar submeter os fenômenos a uma classificação qualquer, dispô-los por categorias, e de cada vez, como se tivesse havido um propósito (e talvez houvesse um), os fatos deram-nos um desmentido. Por exemplo, no começo de nossas observações, seguíamos com a vista os objetos que se elevavam da mesa diante da qual estávamos sentados, tomando o chá, e fizemos a observação de que esses objetos: colheres, tampas de bules, etc., dirigiam-se em todos os sentidos, afastando-se do lugar em que minha mulher se achava; concluímos daí que ela devia ser dotada de uma força repulsiva, uma espécie de corrente negativa; eis que subitamente tivemos que verificar o inverso: ela aproximou-se do armário, e apenas o abriu uma multidão de objetos se escapou de dentro e caíram-lhe em cima, dirigindo-se em seguida para ponto distante. Mas, acercando-nos completamente de minha mulher, nunca nos foi possível verificar

em que momento o objeto deixava seu lugar - nós o percebíamos somente no decurso de seu trajeto ou quando caía. Persistindo em nosso intuito, convidamos minha mulher a tocar nos objetos que estavam no armário, um após outro. Enquanto olhávamos, nenhum deles se movia. De repente uma peça qualquer, um castiçal ou uma quartinha, colocado em um canto do armário e para o qual ninguém olhava, atira-se para minha mulher, passa por cima de nossas cabeças e cai no chão a considerável distância. Nessas condições, foi efetivamente preciso atribuir à minha mulher uma força atrativa. A cada instante se nos deparavam fatos de tal maneira contraditórios que desorientavam todas as nossas suposições.

"Não posso dizer com exatidão quantos dias passamos dessa maneira, quando se produziu uma coisa mais enigmática ainda do que tudo o que havíamos presenciado até então. Uma noite em que Akoutine estava de vigia perto de minha mulher, chamou-nos baixinho com voz inquieta e nos contou que, ouvindo por muitas vezes repetir-se um roçar estranho no travesseiro e no lençol de minha mulher, tinha tido a lembrança de arranhar com a unha o travesseiro e os lençóis, e que, com surpresa sua, esse ruído foi repetido no mesmo lugar. Ele pediu que nos certificássemos, pois que não pretendia confiar em si próprio. Efetivamente ouvimos, todas as vezes que ele arranhava com a unha no lençol, esse ruído repetir-se imediatamente no mesmo ponto. Se ele passava o dedo duas vezes sobre a fronha do travesseiro, o som repetia-se duas vezes. Sucedia o mesmo exatamente quando ele fazia variações; por exemplo, quando dava duas pancadas fortes e a terceira fraca. Qualquer que fosse o número de pancadas, algumas vezes apenas perceptíveis, dadas quer no travesseiro, quer no lençol, quer na madeira do leito ou numa cadeira, mesmo em lugar distante, eram repetidas o mesmo número de vezes, com a mesma força e no mesmo lugar, ao passo que minha mulher dormia durante todo o tempo, imóvel. Akoutine teve a idéia de perguntar: "Qual de nós bateu?" e nomeava em seguida as pessoas presentes. De cada vez os sons foram repetidos precisamente no momento de pronunciar o nome daquele que os tinha produzido. Durante todo o tempo vigiávamos de perto minha mulher, que dormia sem fazer o mínimo movimento; sua cabeça estava mesmo voltada para a parede, de maneira que ela não teria conseguido ver-nos, ainda mesmo no caso em que tivesse conservado os olhos entreabertos, o que, aliás, não nos teria passado despercebido, pois o quarto estava suficientemente iluminado.

"Akoutine estava perplexo. Começou a passear pelo quarto a passos largos e em silêncio. Quando se tranqüilizou, começou a fazer diversas perguntas relativas à política, à literatura, etc. Entre outras, pediu pormenores acerca da guerra franco-alemã, e as respostas que recebia, em relação com os acontecimentos e com as pessoas, por intermédio de pancadas, eram tão precisas e exatas que só um homem muito versado na política e acompanhando atentamente os jornais, teria podido fornecê-las; o que certamente não era o caso que se dava com minha mulher., pois que ela nunca lia jornais; aliás nós não os recebíamos naquela época. Outra particularidade: todas as vezes que insistíamos em receber uma resposta à pergunta propositadamente falsa, não se produzia o mínimo ruído. Akoutine fez ainda perguntas em línguas estrangeiras - em francês e em alemão, e a resposta se dava invariavelmente apropriada e exata, segundo o testemunho do interrogador, pois que os demais desconheciam essas línguas... Interpelei diretamente Akoutine, pedindo uma explicação qualquer dessas coisas: se todo esse arranhar era realmente produzido por minha mulher (nós ainda não estávamos certos do contrário), como era possível que ela, que nunca lia jornais, conhecesse os episódios da guerra, as personagens salientes e em geral diversos acontecimentos dos quais nunca tinha ouvido falar? Ou, ainda melhor, como explicar que ela pudesse responder com exatidão às perguntas em francês e em alemão, ao passo que, na escola, só tivesse aprendido, da língua francesa, apenas o alfabeto (quanto ao alemão, era língua que não lhe tinha sido ensinada absolutamente)? Akoutine parecia mais impressionado que todos nós; pediu-nos que o deixássemos só e ficou o resto da noite a passear no quarto, em profunda meditação.

"No dia seguinte, tomando o chá, propositadamente dirigiu a conversação para o terreno da política, e interrogou minha mulher acerca de pormenores universalmente conhecidos relativos à guerra, e pôde verificar que ela estava em completa ignorância acerca das respostas obtidas na véspera por intermédio de arranhaduras, e que apenas sabia que tinha havido uma guerra entre os franceses e os alemães. Efetivamente, desde o seu casamento, minha mulher só cuidava dos filhos e do serviço doméstico.

"Akoutine foi pois coagido a convir em que os fenômenos não podiam ser produzidos pela eletricidade ou pelo magnetismo, mas que podiam ser o resultado de uma força análoga qualquer; supôs que, durante o

sono, minha mulher se achava em um estado particular de clarividência; que ao receber as impressões vindas do exterior, a elas respondia, por assim dizer, interiormente, psiquicamente. Isso era bem extraordinário, para Alçoutine como para todos nós, pois naquela época não se falava em fenômenos psíquicos.

"Akoutine declarou: visto que esses fenômenos não podiam ser classificados em nenhuma das categorias definidas pela Ciência, visto que os fatos eram evidentes e que a realidade deles era indiscutível, abstinha-se, naquela ocasião, de aplicar-lhes uma teoria científica qualquer e limitava-se a designá-los sob o nome de " Helenismo", de acordo com o nome de minha mulher: Helena. Ele tinha a intenção de mandar a esse respeito um artigo para um jornal alemão. A fim de tornar os fatos mais concludentes ainda, pediu-nos que transferíssemos as experiências para a povoação de Iletzk, e, por conseguinte, nos instalamos ali em nossa casa. Ali as mesmas manifestações se produziram, porém mais fracamente; as pancadas só se faziam ouvir no soalho, nas proximidades de minha mulher, como se utilizassem dela. Nas paredes de tijolos nada se ouvia...

"Mas, por ocasião de nosso regresso à herdade, logo nos primeiros dias de Março, as manifestações recomeçaram com maior desenvolvimento, e dessa vez se produziram independentemente da presença de minha mulher. Certo dia, à tardinha, vi uma pesada espreguiçadeira dar saltos para o ar e cair de novo sobre os quatro pés, enquanto minha mulher estava deitada em cima dela, com grande terror seu, naturalmente. Dou a esse caso uma importância especial, porque até então, se bem eu não tivesse mais dúvida, sentia-me um pouco sob a influência das pessoas estranhas que observavam os fatos ao mesmo tempo em que eu; mas eis que em pleno dia, quando eu podia ver distintamente a espreguiçadeira e capacitar-me de que ninguém se achava debaixo dela e que minha mãe estava deitada nela, tranqüilamente, e só eu e o criado de recados nos achávamos no aposento, estando esse último no corredor perto da porta - eis que essa espreguiçadeira, de 90 a 100 quilogramas, começa a dançar, elevando-se completamente no espaço, com minha mãe' Isso não era certamente uma alucinação.

"Nessa mesma tarde - ou no dia seguinte -, quando nos tínhamos reunido na sala nobre, uma faísca azulada apareceu embaixo do lavatório, no aposento vizinho, dirigindo-se para o quarto de minha mulher (que não estava lá naquela ocasião), e simultaneamente nos apercebemos de que alguma coisa se tinha inflamado nesse último aposento. No mesmo instante. me dirigi precipitadamente para ali e vi que ardia um vestido de algodão que estava em confecção. Minha sogra, que se achava no aposento, me tinha precedido e estava ocupada em apagar o fogo: ela havia atirado uma bilha d'água. Detive-me na entrada, não deixando que ninguém passasse, e comecei a examinar se o -fogo tinha sido produzido por uma outra causa que não a faísca que tínhamos visto, por uma vela, por exemplo, ou um fósforo; mas não pude descobrir coisa alguma. Um cheiro ativo de enxofre enchia o quarto, exalando-se do vestido queimado, cujas partes carbonizadas ainda estavam quentes e desprendiam vapor, como se acabasse de borrifar um pedaço de ferro aquecido ao rubro.

"Certo dia, fui obrigado a ausentar-me por causa de um negócio urgente. Foi com grande pesar que deixei minha família em momento tão precário, e, para maior tranqüilidade, pedi a um moço de nossa vizinhança, o Senhor P., que ficasse em casa durante minha ausência.

"Depois do meu regresso, encontrei minha família prestes a fechar as malas: os trastes estavam arrumados em carroças e prontos para a partida. Declararam-me que era impossível habitar por mais tempo naquela casa: os objetos inflamavam-se uns após outros, e, de mais, o vestido de minha mulher tinha começado a arder na véspera; o Senhor P., que se tinha precipitado para apagar o fogo, ficara com as mãos queimadas. Notei, efetivamente, que ambas as suas mãos, envoltas em panos, estavam cobertas de empolas. O Senhor P. fez-me a narração seguinte: Na noite de minha partida, as manifestações eram acompanhadas de globos luminosos que apareciam defronte da janela que se abria no corredor externo; apareceram muitos, de tamanho que variava entre uma batata grande e uma noz; eram de cor vermelha intensa e violeta clara, antes opacos que transparentes. Esses meteoros se sucederam duraste muito tempo. Acontecia que um desses globos de fogo, aproximando-se da janela, girava durante algum tempo do lado de fora dos vidros e desaparecia sem o menor ruído, e que, imediatamente, ele era substituído por outro globo, que chegava do lado oposto do corredor, e assim por diante. Apareciam mesmo muitos deles ao mesmo tempo.

“Esses globos, tais como fogos fátuos, parecia terem tendências a penetrar na casa. Minha mulher não dormia ainda. Aconteceu na noite seguinte, quando minha família estava acomodada nos degraus da entrada exterior (a estação tornava-se quente), que o Senhor P., entrando em casa, visse um dos leitos ardendo. Ele gritou por socorro, apressou-se em atirar ao chão cobertor e lençóis e, depois de ter apagado o incêndio que começara a fazer progressos, e verificado cuidadosamente se tinha ficado uma faísca qualquer, saiu para dar parte do que tinha acontecido. Estávamos comentando como o fogo tinha podido atear-se, não havendo no quarto nem vela, nem fósforo, nem charra qualquer... quando começamos a sentir subitamente um cheiro de incêndio que saía do quarto. Dessa vez era o colchão que ardia por baixo e o incêndio já tinha destruído a crina a tal ponto que era impossível atribuí-lo a uma falta de cuidados, no momento da primeira aspersão.

“Fatos ainda mais graves se verificaram, em conseqüência dos quais a permanência naquela casa se tornava impossível daí em diante; era preciso a todo o custo mudar de residência imediatamente, apesar dos obstáculos que teríamos de afrontar em virtude do degelo e das enchentes que tinham sobrevindo.

“Cito as palavras do Senhor P.: “Eu estava sentado tranqüilamente, tocando guitarra. Um vizinho, o moleiro que tinha ido visitar-nos, acabava de deixar-nos. Alguns instantes depois, Helena Efimovna (minha mulher) saiu também. Apenas ela tinha fechado a porta após a sua passagem, meus ouvidos foram impressionados por uma espécie de gemido queixoso e surdo, que parecia vir de longe. Julguei reconhecer aquela voz, e, depois de um momento de torpor, sob a impressão de vago sentimento de terror, precipitei-me para o vestíbulo de entrada, e divisei uma coluna de fogo no meio da qual se achava Helena Efimovna; seus vestidos ardiam pela parte inferior, e ela estava rodeada de chamas,

“Compreendi, à primeira vista, que o fogo não podia ser muito intenso. Como o vestido era muito fino e leve, precipitei-me para apagá-lo com as mãos, porém, senti um calor atroz, como se tocasse em cera em fusão... Subitamente um estalido se fez ouvir em baixo do soalho, que se abalava e vacilava durante todo o tempo. Nesse momento, o moleiro correu em meu auxílio, e ambos conseguimos transportar minha mulher, que tinha perdido os sentidos.

“Eis agora a narração de minha mulher: Quando ela transpusera a entrada da porta que se abria para o vestíbulo, o soalho cedeu sob seus passos; um ruído ensurdecedor retumbou no aposento, e ela viu aparecer uma faísca azulada, semelhante a que tínhamos visto sair de sob o lavatório. Ela teve apenas tempo de dar um grito e viu-se imediatamente envolta em chamas. Perdeu os sentidos. Coisa curiosa, ela não apresentava nenhuma queimadura, mas seu vestido estava queimado, até acima dos joelhos.

“Que nos restava a fazer? Examinando as mãos queimadas do Senhor P. e o vestido de minha mulher consumido em parte, sem poder descobrir ali vestígio algum de um líquido inflamável, decidi que efetivamente nada mais tínhamos a fazer do que fugir daquela casa, o que resolvemos naquele mesmo dia. Provemo-nos de móveis em casa de um habitante da aldeia vizinha, um cossaco, onde permanecemos, sem incidente de qualquer natureza, até o fim da estação das chuvas”.

“Depois do regresso a nossa casa, os fenômenos não se reproduziram mais. Entretanto, resolvi mandar demolir o prédio.”

Citarei ainda uma observação mui interessante acerca das materializações, feita pelo Senhor Schtchapov no final de seu artigo. Esse caso não se refere precisamente ao assunto de que me ocupo nesse lugar; mas tem grande valor em razão da sua raridade:

Eu me tinha esquecido de mencionar que por duas vezes tive ocasião de verificar o que se chama presentemente fenômenos de materialização (nós chamávamos àquilo - diabruras).

“Certo dia minha mulher divisou pela janela, do lado de fora, mão rósea, delicada, como a de uma criança, de unhas lustrosas, que tocava tambor nos vidros. Na mesma janela, em outro dia, ela se surpreendeu com o aparecimento de duas pequenas formas vivas que tinham muita semelhança com sanguessugas; essa aparição desagradável produziu-lhe uma impressão tal que ela perdeu os sentidos. De outra vez fui testemunha de fenômeno semelhante: eu estava só em casa, minha mulher dormia, e eu acabava de passar muitas horas à espreita, para descobrir o autor das pancadas que ouvia dar no soalho do quarto de minha mulher (tinha a suspeita de que ela mesma podia produzi-Ias, fingindo estar completamente adormecida). Por muitas vezes deslizei de mansinho até à sua porta, mas, todas as vezes que eu olhava furtivamente para

dentro do quarto, o ruído cessava, para recomeçar desde que eu me afastava, ou mesmo desde que desviava os olhos. Era como de propósito para incomodar.

"Mas, de uma vez - foi à vigésima, se não me engano - fiz uma entrada brusca no quarto, no momento em que as pancadas recomeçavam... e estaquei, gelado de terror: uma pequena mão rósea, quase infantil, elevou-se subitamente do soalho, desapareceu entre o cobertor de minha mulher adormecida e escondeu-se nas dobras, perto de sua espádua, e eu pude ver, distintamente, o cobertor ondular de maneira inexplicável, desde sua extremidade até o lugar, perto da espádua, onde a mão se tinha contraído. Não havia, parece, motivo para um terror exagerado, e entretanto, repito-o, fiquei petrificado de terror, pois essa mão não era a de minha mulher (se bem que a sua também fosse pequena). O que eu tinha visto, vi-o mui distintamente. Aliás, a posição na qual minha mulher estava deitada (sobre,o lado esquerdo, voltada para a parede), sem fazer movimento algum, não lhe teria permitido levar a mão até o chão, e muito menos levantá-la tão rapidamente, em linha reta para a espádua. Que era pois? Uma alucinação? Não. Mil vezes não! Não sou sujeito a essa espécie de coisas. Talvez fosse uma mistificação da parte de minha mulher, obedecendo a uma inclinação mórbida de enganar? Mas a forma, a cor, a exigüidade da mão aparecida, não me permitiam deter-me nessa suposição. E depois a minha defunta era uma mulher de princípios, de caráter sério, esposa e mãe exemplar, religiosa, e não sofreu de espécie alguma de acessos até à morte (ela faleceu em Abril de 1879, de complicações de parto).

"Entretanto, a maior parte dos fenômenos que se produziram: deslocamento de objetos, pancadas, ocultavam-se por assim dizer atrás dela, razão pela qual muitas pessoas estavam persuadidas de que essas manifestações eram obra sua, não querendo levar em conta numerosos casos em que sua intervenção teria sido materialmente impossível, por exemplo, quando os diversos objetos e utensílios eram arremessados do interior de armários fechados, de cofres, etc., nos quais ela não tocava naquela ocasião. Certo dia em que acabávamos de sentar-nos em roda da mesa com os três membros da comissão, dos quais já falei, e com outros convidados, e quando minha mulher, voltando do guarda-comida, conduzindo muitos púcaros com peixe de salmoura, se preparava para abrir a porta exterior do vestíbulo, precisamente defronte da mesa, nesse momento exato recebemos uma multidão de objetos miúdos, tais como: balas de chumbo, pregos velhos enferrujados, e outras coisas usadas que tinham sido atiradas numa velha caixa em um quarto que servia de dispensa (como tive ocasião de lembrar-me mais tarde), e que iam naquele momento cair com uma rapidez fulminante em cima da mesa diante da qual estávamos sentados. O criado, que acompanhara minha mulher, afirmou formalmente que ninguém havia tocado naquela caixa. Além disso, ter-lhe-ia sido impossível atirar todos esses objetos através do aposento que nos separava, tanto mais quanto ela estava com as mãos ocupadas.

"E curioso notar que, apesar da força com a qual esses objetos pesados caíram em cima dos pratos, não se quebrou um só. Apesar de tudo, as circunstâncias eram de natureza a fazer desconfiar que minha mulher nos tinha pregado aquela peça, se bem que nenhum de nós a tivesse visto fazer o mínimo gesto de esforço necessário para produzir esse resultado. Repito-o, aquela força misteriosa parecia insistir em comprometer a médium.

No "Rebus", podem ler-se numerosos exemplos análogos, que se deram na Rússia, e onde as manifestações mediúnicas tiveram o caráter de verdadeiras perseguições. Citarei ainda um caso, que não deixou de atrair a atenção geral, porque é único no gênero, pois que os fenômenos foram verificados por um inquérito administrativo e judiciário. O fato passava-se em 1853, em Lipzy, perto de Kharkov. Os autos desse caso tinham sido conservados nos arquivos (atualmente suprimidos) do batalhão da guarnição de Kharkov; tinham por título: "Processo no Tribunal do Distrito de Kharkov: manifestações que ocorreram no aposento do chefe do corpo de ranchos a cavalo, em Lipetzk, o Capitão Jandatchenyo; incêndio que se declarou em conseqüência dessas manifestações, a 25 de Julho de 1853, na povoação de Lipzy." O "Rebus" publicou em 1884 (pág. 4) um resumo desse processo, segundo os documentos autênticos que estão em meu poder.

Mencionarei ainda um exemplo de "perseguições" semelhantes; ocorreu em 1862, em Tachilk, pequena povoação do Governo de Kiev, na família da Senhora Plot. Uma descrição circunstanciada desse caso foi comunicada ao "Rebus" (1888, pág. 120), pelo Doutor Kousnetzov.

Coisa curiosa, no mesmo ano, perseguições da mesma natureza, sofridas pela família do respeitável Senhor Joller, na Suíça, coagiram-no a abandonar a casa de seus pais. No caso da Senhora Plot, a prece mudou completamente o caráter das manifestações; mas, em casa do Senhor Joller, não se recorreu à prece (apesar das instâncias dos Espíritos), e os resultados foram completamente diversos. Os leitores encontrarão a esse respeito pormenores interessantes na pequena brochura do Senhor Joller: "Darstellung selbsterlebter mysticher Erscheinungen", Zurique, 1863. Veja-se também, acerca do mesmo assunto, os artigos publicados no "The Spiritual Magazine", 1862, pág. 499, e 1863, pág. 48; "Human Nature", 1875, página 175, e um artigo sobre "O Espírito batedor" (Polter-Geist), em "Light", 1883, pág. 125.

Não compreendo de que maneira os fenômenos que acabo de enumerar poderiam harmonizar-se com as teorias do Senhor Hartmann, pois que, segundo a sua opinião, todas as manifestações espíritas não passam de manifestações da consciência sonambúlica, produzindo-se, quer por intermédio dos músculos do médium, quer por intermédio de sua força nervosa. A consciência sonambúlica não é, como o vimos, mais do que uma função das partes médias do cérebro, e acha-se sob a dependência "dessa parte da crosta cerebral, que é a sede da vontade consciente"..."o funcionamento dessas partes médias só tem importância como ato preparatório ou executivo"; mais adiante o Senhor Hartmann diz também: "ainda que essas partes médias do cérebro sejam a sede da memória, da inteligência e dos desejos, os resultados de seu funcionamento podem muito bem ser considerados como se emanassem de uma individualidade inteligente", pois que, "em certas naturezas anormais, as partes médias do cérebro podem atingir um grau bastante elevado de independência, em relação à sede da vontade consciente". (Pág. 26.)

Como se acaba de ver, essa teoria não permite que se atribua às partes médias do cérebro mais que uma "independência relativa" que reveste as aparências de uma personalidade inteligente e sensível, distinta do médium. E o que admitimos também para grande parte das manifestações. Mas não se pode compreender nem admitir: que as partes subalternas do cérebro se revoltem contra as partes superiores e que não obedeçam às "solicitações" da consciência desperta, enunciadas de maneira categórica;, que a consciência sonambúlica declare-se em oposição direta à consciência normal; e, finalmente, que a vontade inconsciente prepondere sobre a vontade consciente, e não só com o desejo do bem, mas ainda com o desejo do mal, a ponto de perseguir e maltratar o indivíduo autoconsciente.

No livro do Senhor Hartmann, a passagem seguinte é a única que poderia referir-se à categoria dos fenômenos de que acabo de falar:

"Sucede freqüentemente ouvirem-se em uma casa, há horas mortas, em dias determinados, ou em certas semanas, o tilintar de campainhas...ou um prédio ser positivamente atacado por pedradas, fragmentos de carvão ou por outros objetos existentes nas imediações... As autoridades, bem como os particulares, inclinam-se mais a atribuir essas desordens a assombrações de fantasmas do que à ação inconsciente de um médium."(Página 42.) Esta passagem nada explica; não se compreende como o médium procede para carregar de força nervosa as pedras que estão na rua e lhes faz descrever parábolas, e muito menos ainda porque ele ataca com essas pedras sua própria casa; e depois, uma "desordem" não é uma manifestação positivamente contrária à vontade do médium nem uma perseguição dirigida contra sua própria pessoa.

Uma outra dificuldade: segundo o Senhor Hartmann, é certo que o grau de "independência relativa" das funções sonambúlicas produz-se à custa da consciência em estado de vigília, isto é, o grau máximo de independência da personalidade sonambúlica produz-se no mais baixo grau da consciência em estado de vigília, isto é, quando essa consciência está entorpecida; o próprio Senhor Hartmann não declara que "os fenômenos físicos, que exigem uma tensão extraordinária da força nervosa, se produzem quando os médiuns caem em estado de sonambulismo aparente."(Pág. 31.) Não se contestará que as manifestações em casa dos Fox, Phelps, Schtchapov, etc., deveriam ter exigido o desenvolvimento do mais alto grau de "tensão da força nervosa", e, entretanto, elas nem sempre são produzidas, enquanto os médiuns estavam em seu estado normal. Deveríamos, pois, admitir, conforme o Senhor Hartmann, uma atividade simultânea, plena e completa de duas consciências, lutando uma com a outra, e até supor que a consciência sonambúlica prepondera sobre a consciência em estado de vigília para lhe fazer experimentar todas as espécies de sofrimentos!...

2. - Manifestações que são contrárias às convicções do médium.

As manifestações desse gênero são numerosas nos anais do Espiritismo. Toda a Doutrina Espírita se formou de acordo com as comunicações contrárias às opiniões religiosas habituais dos médiuns e das massas; haveria nesse ponto matéria para um estudo especial. Vejamos, por exemplo, o que diz, em seu prefácio, o Doutor Dexter, que se tornou, como sabemos, médium a seu pesar:

"Não desejava submeter-me à idéia de que os Espíritos se imiscuíssem com esses acontecimentos... Esse pensamento, de que as almas de nossos amigos falecidos pudessem comunicar conosco na Terra, era incompatível com as noções que me tinham sido incutidas pela educação, contrária a todas as minhas opiniões anteriores e às minhas crenças religiosas... E preciso notar que todas as comunicações, fossem por escrito, quer por fenômenos físicos que são obtidas por meu intermédio, quer esteja só, quer assista a uma sessão de Espiritismo, são absolutamente isentas de qualquer participação de meu próprio espírito... Afirmo-o uma vez mais, a fim de que se compreenda bem que os preceitos, pensamentos e propósitos enunciados nesse volume, e que foram traçados por minha mão, estavam em desacordo completo com as minhas idéias naquela época. (Pág. 95.)

O Senhor A. (Oxon), personagem muito conhecida na literatura espírita, apresenta-nos do mesmo modo um exemplo curioso dessas manifestações; ele publicou muitos artigos no "Spiritualist" de 1874, e dos anos seguintes; depois, esses fragmentos foram reunidos em um volume, que apareceu em 1883, sob o titulo de Spirit Teachings (Ensinos Espiritualistas). Essa obra tem o mérito especial de nos desvendar todas as peripécias da luta intelectual sustentada pelo médium com a força que o coagia a transmitir, por sua mão, as comunicações que ela lhe impunha; contém as réplicas, objeções e perguntas que lhe suscitavam essas comunicações. Esse médium é um homem de elevada cultura intelectual; suas idéias religiosas eram bem precisas no momento em que suas faculdades mediúnicas se manifestaram, e sua surpresa e consternação foram grandes quando descobriu que as coisas escritas por sua própria mão eram diametralmente opostas às suas convicções mais firmes. Eis como o Senhor A. (Oxon) formulou sua profissão de fé, conforme as idéias que tinha antes dos acontecimentos de 1873:

Sob o ponto de vista que eu aceitava naquela época, devia qualificar as comunicações que recebia de ateístas ou de diabólicas; em qualquer dos casos, eu as considerava como pertencentes ao "livre pensamento", pois minhas crenças se aproximavam muito da doutrina ortodoxa. Para acompanhar bem a polêmica que eu ia começar, o leitor deve lembrar-se de que eu tinha sido educado nos princípios da Igreja Protestante, que estudara muito as obras de Teologia das Igrejas Romana e Grega, e que aceitara os princípios do rito inglês, chamado anglicano, como os mais conformes, no meu modo de ver pessoal... Na espécie, eu era, para empregar a expressão usada, um consumado high churchman (adepto da Igreja do Estado.) (Pág. 53.)

Seria impossível reproduzir os pormenores da controvérsia, mas citarei muitas passagens dos raciocínios que o médium-autor opôs aos argumentos de seus interlocutores invisíveis. Eles bastarão para caracterizar essas conversações. Eis por exemplo uma réplica do médium a um argumento comunicado por meio da escrita automática:

"Objetei que essa asserção, que, aliás, não se harmonizava de maneira alguma com as minhas convicções, era incompatível com os ensinos das Igrejas ortodoxas, e ia de encontro a muitos dogmas fundamentais da fé cristã... Os pretendidos "contra-sensos" que parece teres a intenção de querer "dissipar" são precisamente os que os cristãos de todas as idades estão de acordo em considerar a base de suas doutrinas... A fé na divindade do Cristo e em sua expiação pode apenas ser considerada de origem humana." (Pág. 59.)

Este raciocínio provocou uma comunicação de longo alcance, que, entretanto, não parece ter sido mais convincente do que as outras, pois o médium lhe respondeu, como se segue:

“Eu não estava satisfeito. Empreguei o tempo em examinar cuidadosamente o que me tinha sido dito, pois que minhas idéias se opunham a essa maneira de ver... Respondi que semelhante profissão de fé seria reprovada por qualquer adepto da Igreja cristã, que estava em contradição com a letra da Bíblia, e que até mesmo estava sujeita ao qualificativo de anticristã.”(Pág. 72.)

Responderam por uma nova comunicação, à qual o médium deu a réplica seguinte:

“Não posso fazer compreender melhor o embaraço no qual me acho, do que declarando que teus raciocínios subjugam, é certo, meu espírito, mas que a fé cristã, depois de ter subsistido por mais de mil e oitocentos anos, não pode ser derribada por meio de raciocínios, por mais concludentes que eles possam parecer-me, desde que não são enunciados por uma individualidade que eu possa analisar. Podes dizer-me nitidamente que lugar assinala a Jesus-Cristo? Por que meio podes justificar o poder que te arrogas, quer de derribar, quer de desenvolver os ensinos que são assinalados com o seu nome, de substituir um evangelho novo ao antigo? Podes dar-me uma prova demonstrativa da realidade da missão de que pretendes estar incumbido, uma prova ao alcance dos homens de bom senso? Não posso aceitar uma teoria que me parece tão revolucionária como uma coisa de origem divina, nem lhe reconhecer autoridade sob a simples palavra, nem de quem quer que seja, ainda mesmo um homem ou um anjo. E' preferível não exigirem isso de mima (Pág. 80.)

Tendo recebido outras comunicações tendentes a dissipar suas dúvidas, o médium fez as reflexões seguintes:

“Relendo toda essa série de comunicações, eu estava mais que nunca compenetrado de sua beleza, tanto pela forma, quanto pelo fundo. Quando considero que esses escritos foram executados com prodigiosa rapidez, e sem que conscientemente eu tivesse tomado parte alguma neles; que estão isentos de qualquer defeito, de qualquer imperfeição, de qualquer incorreção gramatical, e que não se descobre neles intercalação alguma, nem acréscimo do princípio ao fim; não podia deixar de admirar essa impecabilidade da forma. Quanto ao conteúdo dessas comunicações, eu ainda tinha hesitações. Uma parte dos argumentos merecia minha simpatia, mas estava obcecado pela idéia de que, efetivamente, eles abalavam as bases da fé cristã... Os dogmas fundamentais pareciam-me mais particularmente atacados. Eu considerava o ponto discutido como a própria essência da religião cristã.

“Tinha a convicção de que espiritualizando, ou por outra forma, procurando explicar esses pontos, eu vibrava um golpe fatal em minha crença numa revelação divina qualquer. Depois de longas e pacientes reflexões, vi que era impossível chegar logicamente a outra conclusão, e recuei diante dessas asserções, que eu devia aceitar sob a fé de um ser de quem sabia tão pouco.” (Pág. 101.)

E inútil aprofundar mais e examinar mais longamente as peripécias dessa controvérsia intelectual, de tão palpitante interesse, cujo resultado foi uma revolução nas idéias religiosas do médium, e sabemos, entretanto, que suas crenças eram das mais tenazes, pois que datavam de sua primeira educação. As citações que acabo de fazer são suficientes para o alvo, que eu visava. Aqueles que desejarem informações mais minuciosas poderão ler o texto inglês. (*)

(*) Ou em português, no livro Ensinos Espiritualistas.

Posso também assinalar uma série de experiências feitas com a convicção de que as manifestações espíritas não passavam de fenômenos de ordem física e que deram resultados absolutamente contrários a essa convicção. Tal foi, por exemplo, a experiência feita pelo Senhor E., descrita pelo professor Wagner no “Psychische Studien” de 1879. O Senhor E., a quem conheço pessoalmente, é químico e engenheiro de minas, empregado em um estabelecimento especial do Estado; recebi de sua própria boca a afirmação de que nem ele, nem membros de sua família se tinham ocupado em qualquer ocasião com o Espiritismo; que suas convicções se tinham oposto completamente às doutrinas espíritas, e que a experiência que ele tentou era feita precisamente para demonstrar que esses fenômenos nada têm de místicos, ainda que não desse como demonstrada a existência deles. Eis alguns extratos do artigo do “Psychische Studien”, onde se encontrará exposto o resultado inesperado da primeira sessão:

“Esse pequeno círculo de pesquisadores cogitou das sessões espíritas na esperança de que conseguiriam demonstrar que os fenômenos mediúnicos não eram mais do que o desenvolvimento de fenômenos físicos conhecidos. Com tal intuito, dispôs-se a mesa em roda da qual as experiências deviam realizar-se, sobre

isoladores de vidro, enrolou-se em torno dos pés dela um arame cujas pontas foram presas a um galvanômetro. Sem que nenhuma outra manifestação física se tivesse produzido, a mesa reclamou, desde a primeira sessão, o alfabeto, e por meio de pancadas, dadas por um pé móvel, a conversação seguinte foi soletrada:

- Sofro porque não tens fé!

- A quem se dirige esta frase? - perguntaram os assistentes.

- A Catarina L.

- Quem és pois? - perguntou a pessoa designada. - Sou tua amiga, Olga N.

"A Senhora L. ficou profundamente impressionada e perturbada por esta comunicação; é preciso notar que Olga N., uma de suas amigas mais íntimas, tão ateia quanto ela, tinha falecido havia um ano."

Outro exemplo, que prova à evidência que a comunicação pode ser contrária à vontade e às convicções do médium, nos é dada pelo seguinte fato, referido pelo professor Roberto Hare:

Certo dia tirei da algibeira um pequeno alfarrábio que o médium nunca tinha visto, e abri-o na página que trazia como título: "Prefácio do editor". Levei-o assim aberto para perto da mesa, de maneira tal que a médium só pudesse ver a capa do volume. Soletrada a primeira sílaba, a flecha parecia não poder continuar; a médium, uma senhora, voltou-se por um instante para acalmar seu filho e, durante esse tempo, a flecha acabou de soletrar a palavra inglesa editor. A médium declarou-me que em sua idéia a palavra devia ser: "edição", que até ela tinha querido fazer um esforço muscular para ir ao auxílio do Espirito-guia, mas que, no momento em que sua atenção foi desviada para seu filho, o correspondente invisível tinha terminado a palavra."(Hare"Pesquisas experimentais sobre as manifestações espíritas", páginas 61 e 62.)

3. - Manifestações contrárias ao caráter e aos sentimentos do médium.

Seria difícil falar com alguma precisão acerca desse gênero de fenômenos se não houvesse um símbolo externo e permanente do caráter do homem: a escrita.

A escrita contém de maneira original e segura o cunho de seu autor. É, por assim dizer, a fotografia do caráter do homem. A grafologia, se bem esteja apenas em começo, estabeleceu que a escrita é a expressão fiel dos movimentos inconscientes que caracterizam o indivíduo. ("Revista Filos." de Novembro, 1885.) No domínio do hipnotismo, experiências recentes permitiram verificar que a sugestão de uma personalidade provoca na escrita do indivíduo mudanças correspondentes ao caráter da personalidade sugerida. Achando-me em Paris, em- 1886, tive ensejo, graças à bondade do professor Charles Richet, de assistir a experiências desse gênero; a escrita e a ortografia do indivíduo - conservo seus espécimes (18) - modificavam-se segundo os papéis sugeridos; e, entretanto, é fácil verificar que nada mais era do que uma modificação da escrita normal do indivíduo correspondendo - assim como seus gestos e suas palavras - ao tipo sugerido.

No domínio do Espiritismo, está verificado que os médiuns empregam freqüentemente uma escrita que se distingue da sua escrita normal. Do mesmo modo que, para grande parte das manifestações mediúnicas, admito com o Senhor Hartmann que elas são o produto de nossa atividade inconsciente, assim também, nesse caso, admito de boa vontade que a mudança de escrita mediúnica pode não ser, em muitos casos, mais do que uma alteração inconsciente da escrita normal do médium, segundo as personalidades imaginárias que são evocadas por suas faculdades inconscientes. Como, porém, em todos os fenômenos espirítico se observam uma gradação, relativamente à complexidade dos fatos e à dificuldade de aplicação das hipóteses, devemos do mesmo modo tomar em consideração as razões pelas quais um médium, escrevendo automaticamente em nome de uma personalidade A, escreve com a sua escrita ordinária, e em nome de B e de C, com uma escrita que lhe é estranha?

No ponto de vista sonambúlico ou hipnótico, as condições favoráveis ou desfavoráveis à mudança de escrita deveriam ser as mesmas em todos os casos e deveriam dar os mesmos resultados.

A dificuldade é ainda maior quando B, C e D conservam sempre sua escrita com uma identidade matemática, pois que, se B, C e D não passam de papéis, criados de momento, de que maneira sua escrita poderia reproduzir-se constantemente com idênticas gradações de caráter, traduzindo-se por idênticas gradações de escrita? Os estados psíquicos, subjetivos e inconscientes não são quantidades invariáveis (considerados como entidades individuais), e seu reaparecimento não poderia ser idêntico; não há sonhos que se repitam exatamente, e os fatos muito raros desse gênero são sempre classificados entre os casos excepcionais que é preciso atribuir a uma intervenção especial oculta.

Também temos casos em que a escrita automática difere completamente da escrita do médium; ora, criar uma escrita original, de improviso, e reproduzi-la identicamente, constitui uma ação que se presta dificilmente à explicação por essa mesma teoria.

Finalmente é preciso mencionar ainda os casos em que se reconhece na escrita automática a de uma pessoa que o médium nunca viu. Nesse caso não se pode apelar nem para a sugestão por parte de um hipnotizador, nem para uma atividade inconsciente!... Voltarei, com maior número de pormenores, a esse assunto, no capítulo seguinte.

Mas a própria natureza das manifestações também pode ser contrária ao caráter do médium. Assim, que explicação se deverá dar dos casos em que imprecações, blasfêmias e obscenidades são proferidas pela boca de uma criança ou escritas por sua mão?

Citarei dois fatos característicos: o Senhor Podmore escreve ao “Light” de 1882 (pág. 238): “Um pastor batista que morava em Egham, perto de Oxford, recebia pela mão de seva filhos comunicações de sua mulher, por escrito. Essas comunicações continham muitas coisas consoladoras para ele e apresentavam muitas provas de identidade. Durante algum tempo, o pastor teve a convicção de estar em comunicação com sua mulher. Subitamente, sem motivo algum plausível, o caráter das comunicações mudou, os textos bíblicos e as palavras de simpatia e de afeto foram substituídos por imprecações e blasfêmias, e o infeliz marido teve de concluir que durante todo o tempo tinha sido vítima da malevolência de um inimigo invisível.” O leitor encontrará informações minuciosas, acerca desse caso notável, no “ Human Nature”, de 1875, pág. 176.

Outro fato da mesma natureza me foi contado pela própria pessoa que serviu de agente: “Pouco tempo depois da morte de sua mulher, uma de suas parentas próximas, de doze anos, começou a aplicar-se à psicografia; as comunicações apresentavam muitos pontos de semelhança com as do exemplo precedente, eram provenientes da pretendida esposa falecida, e continham muitas alusões a acontecimentos que sua mulher e ele eram os únicos a conhecer e alusões a conversações que se tinham dado sem testemunhas. Porém, desejando o meu amigo obter provas mais decisivas ainda, apresentou as mais minuciosas perguntas: então, com grande surpresa, apercebeu-se de que a memória e o saber do seu interlocutor não iam além das seis semanas que precederam o falecimento de sua mulher, e que ignorava tudo quanto se tinha passado antes daquela época. Quando se queixou a esse interlocutor de ter sido induzido em erro, esse lhe respondeu por invectivas e maldições tais que ele ficou aterrado. Não esqueçamos que tudo isso era escrito pela mão de uma menina que não podia ter ouvido pronunciar essas palavras e ainda menos compreender a sua significação.”

Outro correspondente do mesmo jornal refere: “Notei uma coisa estranha na escrita por intermédio da prancheta: é que o caráter das comunicações está freqüentemente em contradição completa com as convicções do médium. E' assim que eu vi escrever as mais terríveis blasfêmias pela mão de pessoas que teriam preferido morrer a empregar semelhante linguagem.” (“Light”, 1883, pág. 124.)

4. - Comunicações cuja natureza está acima do nível intelectual do médium.

E só aqui que abordaremos o capítulo especial que o Senhor Hartmann consagra assim: “Todas as comunicações têm um valor intelectual correspondente ao nível intelectual e às convicções do médium.” E,

mais adiante: “O valor intelectual das manifestações estão geralmente abaixo do nível intelectual do médium e dos assistentes, algumas vezes atinge o mesmo grau, porém nunca está acima.” (Pág. 116.)

Vimos nas páginas precedentes que as comunicações não correspondem sempre às convicções do médium.

Vamos examinar agora se a primeira parte desse aforismo do Senhor Hartmann é exata.

E preciso reconhecer, antes de tudo, que em sua maioria as comunicações espíritas constam efetivamente de trivialidades, de respostas sem importância, de raciocínios cujo valor não está acima das faculdades normais do médium, ou antes ainda de banalidades absolutas. E inútil dizer que seria desarrazoado indagar da causa real dessas manifestações em outra parte que não na atividade psíquica inconsciente do médium.

Esse gênero de comunicações explica e justifica, em parte, essa afirmação, comum aos detratores do Espiritismo, de que suas manifestações não vão nunca além do nível intelectual do médium.

Mas a palavra nunca é demais nesta afirmação. Assim formulada, ela prova mui simplesmente da parte de seu autor um conhecimento insuficiente da literatura especial ou ausência de conhecimentos práticos nesse domínio; pois que a literatura espírita contém bastantes fatos que provam que as comunicações podem estar acima do nível intelectual do médium, e todos os espíritas um pouco experimentados puderam convencer-se disso pessoalmente.

Porém a prova objetiva desse fato é difícil de dar. Como precisar o nível intelectual de um indivíduo? Como precisar o grau de elevação intelectual que o cérebro pode atingir, sob a influência de causas ocasionais e que faz que ele produza um trabalho fora do comum, sem que pudéssemos por isso arrogar-nos o direito de atribuí-los a outros fatores além das faculdades do próprio indivíduo?

Outra dificuldade se encontra ainda na contingência em que nos achamos de apelar quer para o testemunho do médium, quer para o das pessoas que o conhecem, o que equivale a uma opinião pessoal, baseada no conhecimento íntimo da pessoa, mas que não tem valor para os estranhos. Finalmente, para poder julgar ou provar, e preciso ter documentos à vista, é preciso apresentar fatos concretos e palpáveis - o que nem sempre é fácil. A amplitude da instrução e a soma de conhecimentos científicos parece poderem fornecer a medida mais segura para a apreciação séria dos fenômenos em questão.

Se pudesse estabelecer que um médium, em suas produções mediúnicas, blasona de um saber positivo que não possui no estado normal, isso provaria suficientemente que a afirmação do Senhor Hartmann é mal fundada!...

Entre os fenômenos desse gênero, temos as produções mediúnicas de Hudson Tuttle e principalmente seu primeiro livro: “Arcana of Nature”, que ele escreveu na idade de dezoito anos, e cujo primeiro volume foi publicado na Alemanha sob este título: “História e Leis da Criação”, pelo Doutor Acker, em Erlangen, no ano de 1860, e do qual Büchner tirou muitas passagens sem suspeitar que era a obra inconsciente de um jovem abegão, sem educação científica de espécie alguma, que o tinha escrito nas solidões do Condado de Eriè, no Estado de Ohio! (Veja-se “Psychische Studien”, 1874, página 93: “Entrevista do Doutor Büchner com Hudson Tuttle na América”.)

Poder-se-ia objetar que essa manifestação de caráter científico impessoal teve por fonte a clarividência, apoiando-se no exemplo de A. J. Davis, o qual afirma que seu livro “Princípios da Natureza” não tem outra origem; antes de tudo, aqui, a afirmação de um médium qualquer não pode considerar-se prova suficiente; mas, eis outro exemplo de produção mediúnica cujo caráter individual impede a possibilidade de explicação pela clarividência: quero falar do romance de Carlos Dickens: “Edwin Drood”, deixado por terminar pelo ilustre autor e completado pelo médium James, um jovem sem instrução. Diversas testemunhas presentearam o modo de produção da obra, e juízes competentes apreciaram-lhe o valor literário.

Passo a dar alguns pormenores acerca dessa produção única nos anais da literatura.

Quando se espalhou o boato de que o romance de Dickens ia ser terminado por tão extraordinário e insólito processo, o “Springfield Daily Union” expediu um de seus colaboradores a Brattleborough (Vermont), onde habitava o médium, para fazer uma investigação, no local, de todos os pormenores dessa estranha empresa literária. Eis alguns trechos do relatório em oito colunas publicado por esse jornal, a 26 de

Julho de 1873, reproduzido a princípio pelo " Banner of Light" e depois parcialmente pelo "The Spiritualist" de 1873, página 322, ao qual os tiramos:

"Ele (o médium) nasceu em Boston; aos catorze anos, foi colocado como aprendiz em casa de um mecânico, ofício que até hoje exerce; de maneira que sua instrução escolar terminou na idade de treze anos. Se bem que não fosse nem destituído de inteligência, nem iletrado, não manifestava gosto alguma pela literatura e nunca se tinha interessado por ela.

"Até então, nunca tinha experimentado publicar, em qualquer jornal, o menor artigo. Tal é o homem de quem Carlos Dickens lançou mão da pena para continuar "The Mistery of Edwin Drood" e que chegou quase a terminar essa obra.

"Fui bastante feliz por ser a primeira pessoa a quem ele próprio participou todos os pormenores, a primeira que examinou o manuscrito e fez extratos.

"Eis como se passaram as coisas. Havia dez meses, um jovem, o médium que, para ser breve, designarei pela inicial A (pois que ele não quis ainda divulgar seu nome), tinha sido convidado por seus amigos a sentar-se perto de uma mesa para fazer parte de uma experiência espírita. Até aquele dia, sempre havia zombado dos "milagres espíritas", considerando-os fraudes, sem suspeitar que ele próprio possuía dons mediúnicas. Apenas começou a sessão, ouviram-se pancadas rápidas e a mesa, depois de movimentos bruscos e desordenados, cai sobre os joelhos do Senhor A. para fazer-lhe ver que é ele o médium. No dia seguinte, à noite, convidaram-no para tomar parte em uma segunda sessão; as manifestações foram ainda mais acentuadas. O Senhor A. caiu subitamente em transe, tomou um lápis e escreveu uma comunicação assinada com o nome do filho de uma das pessoas presentes, de cuja existência o Senhor A. não suspeitava. Mas as particularidades dessas experiências não são de interesse particular neste lugar...

"Em fins do mês de Outubro de 1872, no decurso de uma sessão, o Senhor A. escreveu uma comunicação dirigida a si mesmo e assinada com o nome de Carlos Dickens, com o pedido de organizar para ele uma sessão especial, a 15 de Novembro.

"Entre Outubro e o meado de Novembro novas comunicações lembraram-lhe aquele pedido por muitas vezes. A sessão de 15 de Novembro, que, segundo as indicações recebidas, se realizou às escuras, em presença do Senhor A. somente, deu em resultado uma longa comunicação de Dickens, que externou o desejo de terminar, com o auxílio do médium, seu romance não acabado.

"Essa comunicação informava que Dickens tinha procurado por longo tempo o meio de conseguir esse intento, mas que até aquele dia não tinha encontrado médium apto para realizar semelhante incumbência. Ele desejava que o primeiro ditado fosse feito na véspera do Natal, noite que prezava particularmente, e pedia encarecidamente ao médium que consagrasse àquela obra todo o tempo de que pudesse dispor, sem prejudicar as suas ocupações habituais... Em breve tornou-se evidente que era a mão do mestre que escrevia, e o Senhor A. aceitou com a melhor boa vontade essa estranha situação. Esses trabalhos, executados pelo médium, fora de suas ocupações profissionais, que lhe tomavam dez horas por dia, produziram, até Julho de 1873, duzentas folhas de manuscrito, o que representa um volume in-octavo de quatrocentas páginas."

Fazendo a crítica dessa nova parte do romance, o correspondente do "Springfield Daily Union" exprime-se assim:

"Achamo-nos aqui em presença de um grupo inteiro de personagens, cada uma dos quais tem seus traços característicos, e os papéis de todas essas personagens devem ser sustentados até o fim, o que constitui um trabalho considerável para quem em sua vida não escreveu três páginas sobre um assunto qualquer; pelo que ficamos surpresos em verificar desde o primeiro CAPÍTULO uma semelhança completa com a parte desse romance que estava publicada. A narração é recomeçada no ponto preciso em que a morte do autor a tinha deixado interrompida, e isso com uma concordância tão perfeita que o mais consumado crítico, que não tivesse conhecimento do lugar da interrupção, não poderia dizer em que momento Dickens deixou de escrever o romance por sua própria mão. Cada uma das personagens do livro continua a ser tão viva, tão típica, tão bem caracterizada na segunda parte como na primeira. Não é tudo. Apresentam-se-nos novas personagens (Dickens tinha o hábito de introduzir atores novos até nas últimas cenas de suas obras) que não são absolutamente reproduções dos heróis da primeira parte; não são bonecos, porém caracteres tomados ao vivo, verdadeiras criações. Criadas por quem?..." (Pág. 323.)

O correspondente prossegue:

"Eis uma multidão de pormenores de incontestável interesse. Examinando o manuscrito, notei que a palavra traveller (viajante) era escrita sempre com dois 1, como é uso na Inglaterra, ao passo que entre nós, na América, não se usa mais de um 1, em geral.

"A palavra coal (carvão) é escrita invariavelmente,coals, com um s, como se usa na Inglaterra. E' interessante também notar no emprego das minúsculas as mesmas particularidades que se podem observar nos manuscritos de Dickens; por exemplo, quando ele designa o Senhor Grewgious, como an angular man (um homem anguloso). Também é digno de nota o conhecimento topográfico de Londres, de que dá prova o autor misterioso em muitas passagens do livro. Há também muitos torneios de linguagem usados na Inglaterra, porém desconhecidos na América. Mencionarei também a mudança súbita do tempo passado em tempo presente, principalmente em uma narração animada, transição muito freqüente em Dickens, sobretudo em suas últimas obras. Essas particularidades, e outras ainda que poderiam ser citadas, são de importância secundária, porém é com semelhantes bagatelas que se teria feito malograr qualquer tentativa de fraude."

E eis a conclusão do artigo citado:

"Cheguei a Brattleborough com a convicção de que essa obra póstuma não passaria de uma bolha de sabão, fácil de rebentar. Depois de dois dias de exame atento, parti de novo, e, devo confessá-lo, estava indeciso. Neguei em primeiro lugar como coisa impossível -, como qualquer um tê-lo-ia feito depois de um exame - que esse manuscrito tivesse sido escrito pela mão do jovem médium Senhor A.; ele me disse que nunca tinha lido o primeiro volume; particularidade insignificante, a meu ver, pois que estou perfeitamente convencido de que ele não era capaz de escrever uma só página do segundo volume. Isso não é para ofender.o médium, pois que não há muitas pessoas no caso de continuar uma obra não acabada de Dickens!

"Vejo-me, por conseguinte, colocado nesta alternativa: ou um homem qualquer de gênio se utilizou o Senhor A. como instrumento para apresentar ao público uma obra extraordinária, de maneira igualmente extraordinária; ou antes esse livro, como o pretende seu autor invisível, foi escrito, efetivamente, sob o ditado de Dickens. A segunda suposição não é mais maravilhosa que a primeira. Se existe em Vermont um homem, desconhecido até o presente, capaz de escrever como Dickens, certamente ele não tem motivo algum para ter recorrido o semelhante subterfúgio. Se, por outro lado, é o próprio Dickens "quem fala, se bem que tenha morrido", para que surpresas não devemos preparar-nos? Atesto, sob palavra de honra, que, tendo tido tempo suficiente de examinar com liberdade todas as coisas, não pude descobrir o mínimo indício de embuste, e, se eu tivesse a autorização de publicar o nome do médium-autor, era o suficiente para dissipar todas as suspeitas aos olhos das pessoas que o conhecem, por pouco que seja. (Página 326.)

Eis ainda algumas informações hauridas da mesma fonte:

No começo, o médium só escrevia três vezes por semana, e nunca mais de três ou quatro páginas de cada vez; depois, porém, as sessões se tornaram bi-quotidianas, e ele escrevia finalmente dez ou doze páginas, às vezes mesmo vinte. Não escrevia com a sua caligrafia normal, e, feito o confronto, havia nela alguma semelhança com a de Dickens. No começo de cada sessão, a escrita era bela, elegante, quase feminina, mas, à proporção que o trabalho progredia, a escrita tornava-se cada vez mais grossa, e, nas últimas páginas, as letras eram cinco vezes maiores, pelo menos, do que no começo. Essas mesmas gradações se reproduziram em cada sessão, permitindo assim classificar por séries as quinhentas folhas do manuscrito. Algumas das páginas começam por sinais estenográficos, dos quais o médium não tinha o mínimo conhecimento. A escrita é tão rápida, às vezes, que se leva tempo para decifrá-la.

A maneira de proceder nas sessões é muito simples: preparam-se dois lápis bem aparados e grande quantidade de papel cortado em tiras; o Senhor A. retira-se só para seu aposento. A hora habitual era às seis horas da manhã ou às sete e meia da noite, horas em que ainda havia claridade durante aquela estação; entretanto, as sessões da noite prolongavam-se freqüentemente além das oito horas e meia e mesmo mais tarde, e, então a escrita continuava, apesar da escuridão, com a mesma nitidez. Durante o inverno todas as sessões se realizaram às escuras.

O "secretário" de Dickens coloca o papel e os lápis ao seu alcance, põe as mãos em cima da mesa, com a palma para baixo, e espera tranqüilamente. Tranqüilidade relativa, entretanto, pois que, não obstante os fenômenos terem perdido sua novidade, e ele já se ter habituado a eles, o médium confessa não poder eximir-

se a um sentimento de terror durante essas sessões, no decurso das quais ele evoca, por assim dizer, um fantasma.

"Ele espera assim - algumas vezes fumando seu cigarro - durante dois, três, cinco minutos, as vezes dez, mesmo durante uma meia hora; mas, de ordinário, se as "condições são favoráveis", não mais de dois minutos. As condições dependem principalmente do estado do tempo. Se o dia é claro, sereno, ele trabalha sem interrupção: tal seria uma máquina elétrica que funcionasse melhor com um tempo favorável; um tempo tempestuoso produz perturbação, e, quanto mais violenta é a tempestade, tanto mais se acentua a perturbação. Quando o tempo é inteiramente mau, a sessão fica adiada.

"Depois de se ter conservado à mesa durante o tempo preciso, segundo as circunstâncias, o Senhor A. perde gradualmente os sentidos, e é nesse estado que escreve durante uma meia hora ou uma hora. Aconteceu-lhe certo dia escrever durante uma hora e meia. O fato único de que o médium se recorda, passado o estado de transe, é a visão de Dickens que volta de cada vez; o escritor - diz ele -está sentado a seu lado, com a cabeça apoiada nas mãos, imerso em profunda meditação, com expressão séria, um pouco melancólica, no rosto; não diz uma palavra, mas lança às vezes sobre o médium um olhar penetrante e sugestivo. "Oh! que olhar!"

"Essas recordações ocorrem ao médium da mesma maneira que um sonho que se acaba de ter, como uma coisa real, mas ao mesmo tempo intangível. Para indicar que a sessão está terminada, Dickens pousa de cada vez sua mão fria e pesada sobre a do médium.

"Nas primeiras sessões, esse contacto provocava da parte do Senhor A. exclamações de terror, e, ainda nesse momento, ele não pode falar nisso sem estremecer; esse contacto fazia-o sair de seu estado de transe, porém de ordinário lhe era preciso o auxílio de uma terceira pessoa para levantar suas mãos da mesa, à qual elas estavam por assim dizer aderentes por uma força magnética. (19) Readquirindo os sentidos, ele vê, esparsas pelo soalho, as tiras escritas durante essa sessão.

"Essas tiras não são numeradas, de maneira que o Senhor A. é obrigado a classificá-las segundo o texto. Durante algum tempo, depois dessas sessões, o médium sentia uma dor mui intensa no peito, mas não era de longa duração, e são as únicas conseqüências desagradáveis que ficavam das sessões. O nervosismo extremo de que ele sofria, antes do desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, deixou-o completamente; jamais foi ele tão robusto."

Podem-se ler outros pormenores na página 375 do "Spiritualist" de 1873 e página 26 de 1874, onde o Senhor Harrison, pessoa mui competente nessas matérias, assim se exprime: "E difícil admitir que o gênio e o senso artístico com que esse escrito está marcado e que têm tanta semelhança com o gênio e com o senso artístico de Carlos Dickens tenham induzido o seu autor, qualquer que ele seja, a só se apresentar ao mundo como hábil falsificador."

Em um livro intitulado: "Essays from the Unseen, delivered trough the mouth of W. Z., a sensitive, and recorded by A. T. T. P." (Londres, 1885) ("Ensaios sobre o mundo invisível, proferidos pela boca de W. Z., um sensitivo, e recolhidas por A. T. T. P."), encontrar-se-á igualmente uma série de comunicações atribuídas a diversas personagens históricas, filósofos, teólogos, etc., feitas pela boca de um operário que só conhecia as coisas de seu Estado, só tendo apenas a instrução ordinária, das pessoas de sua classe, e que as transmitia em estado sonambúlico, sem pausa nem hesitação, tão rapidamente que o autor da obra tinha dificuldade em escrevê-las em estenografia.

Poder-se-ia objetar que esses diversos casos não apresentam provas suficientes, porque não excluem a possibilidade de um trabalho preparatório ou de uma falsificação sagaz; mais eis outros exemplos, nos quais se trata de comunicações que apresentam o mérito de terem sido recebidas sem delonga e de improviso, em resposta a perguntas inesperadas: o Senhor J. P. Barkas, F. G. S. (20) de Newcastle - a quem tenho o prazer de conhecer pessoalmente, bem como à médium de quem se vai tratar - publicou no "Light", 1885, págs. 85 e seguintes, uma série de artigos sob este título: "Respostas improvisadas a assuntos científicos, por uma médium, mulher de educação comum", e lemos:

"Em 1875, fui convidado a fazer parte de uma série de sessões que deviam realizar-se no aposento modesto de uma senhora moça, médium não profissional, que mora em Newcastle-on-Tyne. Todas as perguntas eram inscritas em um caderno no mesmo instante de serem enunciadas, e a médium escrevia as

respostas ali, imediatamente. Todos esses cadernos estão em meu poder, e ponho-os à disposição das pessoas que desejarem vê-los.

"Eis o problema principal que se apresenta nesse caso: uma mulher de instrução comum deu respostas a diversos assuntos científicos cuidadosamente elaborados no decurso de trinta e sete noites, prolongando-se a sessão por três horas de cada vez; essas respostas são tais, que provavelmente não se encontra um homem na Inglaterra que pudesse fazer outro tanto, isto é, dar respostas tão precisas, nas mesmas condições, a todos os assuntos que foram apresentados.

"Um relatório circunstanciado dessas sessões, uma autobiografia da médium, assim como exemplos dessas perguntas com as respostas, acham-se na " Psychological Review" de 1878, (t. I, pág. 215).

"Não se deve perder de vista que a médium é uma senhora de instrução medíocre, que estava rodeada de pessoas que a observavam com atenção; que as perguntas eram inscritas e lidas em alta voz, durante a sessão; que as respostas eram escritas pela mão da médium nesse mesmo caderno, mui rapidamente; que eram improvisadas, sem a mínima correção ulterior; também não se deve esquecer de que essas perguntas referiam-se a diversos assuntos científicos e outros geralmente pouco familiares às mulheres; que a médium, como ela própria o confessa, é completamente ignorante nessas matérias; que escrevia automaticamente, sem se preocupar se suas respostas eram exatas. As pessoas que a conhecem intimamente garantem que ela nunca teve predileção pelas ciências, e que nunca tinha lido livros científicos."

As perguntas eram em grande parte escritas pelo Senhor Barkas, sem que nenhum dos assistentes as conhecesse.

A médium escrevia em estado de vigília e às escuras. Dentre as perguntas feitas, escolherei algumas que foram traduzidas, a pedido meu, por músicos de profissão.

"Pergunta - De que maneira a percepção do som chega à nossa consciência?

"Resposta - E um assunto muito controverso. Sabes sem dúvida que o som, assim como a luz e o calor, é o resultado de um movimento vibratório, e que é devido à vibração das moléculas aéreas. O que chamas amplitude vibratória nada mais é do que a excursão total do movimento de vaivém, ou da oscilação dessas moléculas de ar, donde resulta a formação de uma onda sonora que se propaga sucessivamente; essa onda atinge a concha da orelha, que a conduz à membrana do tímpano, cuja vibração é transmitida às extremidades do nervo auditivo: é assim que a sensação do som chega finalmente ao sensório.

"P. - Porque dois sons idênticos podem fazer silêncio, ao passo que dois sons não idênticos não produzem esse resultado?

"R. - Porque duas ondas sonoras idênticas e de sentido oposto, encontrando-se, aniquilam reciprocamente seu movimento vibratório. Toma em cada mão um diapasão igual, percute esses diapasões com igual força e apóia seus ramos sobre dois ângulos de uma mesa; verás então as duas ondas, caminhando uma para outra, absorverem-se reciprocamente por seus ápices. Estas experiências merecem muito que as façam.

"P. - Que diferença há entre os harmônicos de um tubo aberto de 8 pés e os de um tubo fechado de 4 pés?

"R. - Nos tubos abertos, o primeiro nó vibratório acha-se no meio; o primeiro harmônico superior se formará pois à igual distância entre esse primeiro nó e a abertura do tubo, os outros achar-se-ão a distâncias correspondentes a 1/4, 1/6, 1/8, 1/10. Nos tubos fechados, a extremidade forma um nó que corresponde ao que se encontra no centro de um tubo aberto; a onda sonora refletida forma um primeiro nó a uma distância, da extremidade, igual a 1/3; outros nós se seguem em intervalos de 1/5, 1/7, 1/9, etc." (" Light", 1875, página 128.)O Senhor Barkas continua:

"Entre as pessoas que assistiram à sessão de 30 de Agosto achava-se um professor de Música muito erudito a quem eu tinha rogado que me acompanhasse para apresentar perguntas que dissessem respeito à Música, às quais não pudesse responder, sem ter previamente estudado o assunto, uma pessoa que só tivesse conhecimentos ordinários nesse ramo. O professor apresentou as perguntas na ordem em que elas se.seguem; eu as inscrevi no caderno, e, depois de ter sido feita a leitura delas em voz alta, a médium começava a dar-lhes a resposta rapidamente. Apresento aqui a reprodução textual das perguntas e respostas. Não sou assaz competente para dizer se essas respostas são ou não exatas, mas, certamente estão em relação com as

perguntas dificílimas feitas, e não creio que um músico dentre cinco mil pudesse dá-Ias tão bem, nas mesmas condições. Efetivamente ainda não encontrei músico que tenha podido responder a essas perguntas tão rapidamente e tão, bem; não encontrei dentre eles muitos que as tivessem compreendido bem, segundo o sentido das respostas que lhes foram dadas."

Dentre as vinte e cinco perguntas citadas pelo Sr Barkas, escolho duas:

P. - Podes dizer-me como é possível calcular a. relação que liga entre si os batimentos específicos do ar tomado sob o volume constante e sob pressão constante segundo a velocidade observada no som e a velocidade determinada por meio da fórmula de Newton?

"R. - Essa relação só pode ser calculada da seguinte maneira: suponhamos que se percutem simultaneamente duas cordas ou dois diapasões; se a intensidade do som é a mesma, ou quase a mesma para as duas, os batimentos produzir-se-ão da seguinte maneira: admitindo-se que o número das vibrações seja de uma parte de 228, e de outra parte de 220 por segundo, o número dos movimentos que impressionarem o ouvido será de 228 - 220 = 8 por segundo. Isso fará 8 movimentos por segundo; é o número máximo de movimentos que podem impressionar o ouvido.

"P.- Podes explicar-me a origem dos movimentos resultantes das consonâncias imperfeitas?

"R. - Esta questão entra, propriamente falando, no domínio da acústica. Todo som, movimento ou pulsação, é percebido graças ao movimento vibratório que imprime ao ar; muitos sons produzem muitas ondas, e os sons que se originam em determinado lugar do aposento enchem o ar em sua proximidade imediata, o que faz que as ondas se entrecruzem e por suas interferências dêem lugar abatimentos ou pulsações mais ou menos claras, se os sons diferem muito pouco. ("Light", 1885, pág. 189.)

"P. - Queres dar uma descrição popular do olho humano, se não conheces as teorias de Helmholtz?

"R. - Não conheço esse senhor, nem suas teorias, nem suas obras. O olho humano é um corpo convexo, cuja parte anterior, saliente, constitui a córnea. Ele é recoberto por três membranas, ou antes quatro, o que não é admitido por todos: a esclerótica, a coróide, e a retina, que não é uma membrana propriamente dita, porém uma expansão do nervo óptico. No exterior, a esclerótica é recoberta por uma membrana que se estende igualmente sobre a córnea; ela é conhecida pelo nome de membrana adnata ou conjuntiva. A coróide forra a esclerótica pela face interna; é impregnada por uma matéria corante escuro-carregado - o pigmento coroidiano - e serve para absorver todos os raios luminosos inúteis. Falemos em primeiro lugar da córnea - a janela do olho; - é uma substância luminosa, transparente, semelhante ao talco, no interior da qual se encontra o humor aquoso contido em um pequeno saco; por trás dessa, acha-se o íris, que funciona como anteparo desviando todos os raios luminosos exteriores, que de outra maneira penetrariam através da pupila. O cristalino é um corpo lenticular convexo, ou antes biconvexo, mais recurvado do lado do corpo vítreo, humor que enche a grande cavidade do olho e faz que todos os raios luminosos, que entram pela pupila, se tornem convergentes; esses raios se reúnem em um foco situado sobre a retina, onde formam uma espécie de fotografia dos objetos donde emanam; a retina, impressionada pelos raios que penetram no olho, reage sobre o nervo óptico que transmite ao cérebro a impressão recebida. O olho propriamente não vê, como sucede também com um aparelho óptico qualquer: ele apenas reflete e fotografa os objetos. Não sei se esta descrição é suficientemente clara. Poderia dar-te uma descrição melhor da estrutura do órgão." (Light, 1883, pág. 202.)

A conferência que o Senhor Barkas fez em 1876, em Newcastle (publicada no "Spiritualist" do mesmo ano, H, págs. 146, 188), termina por essas considerações:

As perguntas e as respostas, das quais- lhe fiz a leitura, formam apenas a mínima parte do que a médium obteve durante as sessões. Todos convirão em que essas respostas só podem emanar de uma pessoa mui versada nos diversos ramos difíceis da ciência às quais elas se referem. Não é um montão de trivialidades. Pelo contrário, essas respostas vão ao fim das perguntas, e mesmo adiante. Além dessas respostas sucintas dadas a perguntas formuladas acerca de diversos assuntos, a médium obteve tratados completos sobre o calor, a luz, a fisiologia das plantas, a eletricidade, o magnetismo, a anatomia do corpo humano, e pode-se dizer que cada um desses tratados faria honra a um adepto da Ciência. Todos esses tratados são improvisos, executados sem a mínima hesitação e aparentemente sem estudo preparatório.

“Durante todo o tempo das sessões a médium parecia estar em seu estado normal. Essa senhora conversava conosco durante todo o tempo e respondia com ar inteiramente natural quando lhe dirigiam a palavra, em matéria de simples conversa. A influência oculta que a dominava só se traía no movimento automático da mão.

“Atesto que concebi e apresentei, eu mesmo, a maior parte das perguntas, que a médium não podia, por conseguinte, ter conhecimento delas previamente: além de mim mesmo, nenhum dos assistentes conhecia o seu conteúdo; essas perguntas foram apresentadas freqüentemente sem premeditação, e as respostas foram escritas pela médium, à nossa vista; ter-lhe-ia sido materialmente impossível munir-se de antemão de informações quaisquer acerca das respostas a dar.

“Acrescentarei que ela nunca recebeu um penny de remuneração por todas as horas - cem pelo menos - que consagrou com tanto desinteresse ao estudo de seus notáveis fenômenos mediúnicos.”

A Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, a cuja.atenção essas experiências foram recomendadas, negou-lhes todo o valor em conseqüência de um certo número de erros que as respostas continham. Os erros são sempre possíveis e o Senhor Barkas não apresentou essas respostas como espécimes de infalibilidade científica. O interesse principal dessas experiências não se baseia nisso.

Admitamos mesmo que cinquenta per cento dessas respostas não estejam isentas de inexatidões - e a crítica publicada no jornal da Sociedade não menciona mais de uma dúzia delas - ficaria ainda por explicar a origem das outras respostas, não criticadas, cujo número se eleva a mais de cem.

Segundo essa critica, tudo se explicaria por uma excelente memória para os termos técnicos, pela leitura de um artigo de muitos anos passados, acerca da acústica, e de qualquer manual popular moderno. Está aí mais um exemplo dessa crítica fácil que se sai de embaraços apelando para a fraude; o escritor nem sequer se preocupa em explicar essa escolha estranha de “um tratado antigo”. Seria talvez para melhor pôr em relevo a individualidade invisível que inspirou essas respostas à médium? Porém, nesse caso, uma palavra inconsiderada tirada de um “manual moderno,” teria feito trair a fonte facilmente.

Segundo o Senhor Hartmann é nas misteriosas operações da “leitura cerebral” que é preciso procurar a explicação desses fatos. Esse argumento é mais sério, certamente, que o do crítico inglês; pelo que me apressei em escrever ao Senhor Barkas para pedir-lhe algumas explicações, com a intenção de examinar se a hipótese do Senhor Hartmann pode ser aplicada no caso que se apresenta. Ele me mandou a carta seguinte:

Newcastle-on-Tyne, 8 de Fevereiro de 1888.

O senhor pergunta-me em primeiro lugar se eu mesmo estava no caso de responder de maneira tão precisa, quanto à médium o fez, às perguntas de Física que eu lhe dirigi; em seguida, deseja saber além de que pontos as respostas recebidas por intervenção da médium não poderiam mais ser consideradas um efeito da leitura cerebral. No que diz respeito à Física, devo dizer que eu poderia responder a um certo número das perguntas apresentadas à médium, porém menos bem de que ela o fez; tratando de certas especialidades, eu não teria recorrido, naquela época, a uma fraseologia tão técnica e precisa; isso dia respeito mais particularmente à descrição do cérebro e da estrutura do sistema nervoso, à circulação do sangue, à estrutura e funcionamento dos órgãos da vista e do ouvido. As respostas recebidas pela médium eram, em geral, notavelmente superiores aos meus conhecimentos científicos de então, e são superiores às que eu poderia dar atualmente - isto é, depois de doze anos - se eu tivesse de escrevê-las sem me preparar de antemão para isso.

Estudei cerca das três quartas partes dessas perguntas antes de as submeter à médium; e entretanto devo confessar que eu não teria podido redigir minhas respostas com a mesma exatidão e com a mesma elegância de linguagem com que eram as transmitidas pela médium.

Essas respostas contêm muitos termos técnicos que certamente eu não teria tido a lembrança de empregar, por falta de uso. De outro lado, há naquelas respostas expressões que me eram totalmente desconhecidas, por exemplo à expressão: “membrana adnata” (adnata) para designar a conjuntiva; aliás eu só encontrei um único médico aqui que conhecia esse termo.

Compreendo toda a dificuldade que tenho em informá-lo de maneira mui satisfatória sobre os pormenores que lhe interessam, visto que sou obrigado a tratar de minha sinceridade e a fazer alusões a meu

apreço individual para ajuizar do que eu sabia e do que não sabia na época em que se fizeram as sessões. Posso, entretanto, afirmar sob palavra que eu não estava no caso de responder, de modo tão minucioso, a grande parte das perguntas de Física que eu apresentara sem tê-las comunicado, desde o principio, a outras pessoas, e havia ali centenas de perguntas nas quais eu não teria podido responder absolutamente.

E' exato que eu não teria sabido responder às perguntas sobre Música. Realizaram-se três sessões consagradas às ciências musicais; foi às duas últimas que assistiu o professor de música. Na primeira, fui eu quem apresentou todas as perguntas: dois dias antes, eu tinha pedido encarecidamente a um dentre meus amigos, perito em matéria musical, que mas formulasse, e não tentei compreendê-las sequer; apresentei-as à médium, que escreveu imediatamente, sem a mínima hesitação, as respostas que o senhor leu, e ainda outras. Nem um só músico se achava naquela sessão. A própria médium só tinha noções muito elementares de música. (21)

Nas outras duas sessões, a maioria das perguntas que tratavam de critica musical foram apresentadas pelo professor de música; fui eu quem apresentou as outras- eu as tinha obtido de alguns músicos dentre meus amigos. Parece-me que, dentre as respostas dadas às perguntas do professor, algumas não combinavam com as suas opiniões. Quanto as que se referem às perguntas apresentadas por mim, eu ignorava então se eram ou não exatas.

Eu ficaria bem satisfeito em conhecer, ao menos um só caso bem averiguado, de um sensitivo iletrado que, sem ser mesmerizado, tivesse respondido por escrito, em estilo correto e científico, a perguntas acerca de música e de ciência, por meio da leitura de pensamentos ou pela ação da vontade exercida por um sábio ou por um músico vivo.

Desejaria que o Senhor Hartmann tentasse a experiência e que submetesse essas mesmas perguntas a um de seus sensitivos, mesmerizados ou não. Seria preciso ainda, para que a experiência fosse leal e valiosa, que o sensitivo lesse não só no espírito do magnetizador, porém ainda no das pessoas estranhas com as quais não estivesse em relação magnética.

Pede-me o senhor que indique as perguntas às quais nem eu nem nenhum dos assistentes teríamos podido responder" Na primeira das sessões consagradas à música, nenhuma das pessoas presentes era capaz de dar uma resposta coerente. Ninguém do mesmo modo teria podido responder s perguntas de Química. de Anatomia, as que diziam respeito ao olho, ao ouvido, à circulação do sangue, ao cérebro. ao sistema nervoso e a muitas outras, relacionadas com as ciências físicas. A exceção do Senhor Bell, que tinha algumas noções de Química prática, mas não se exprimia com facilidade, e de mim, que conhecia rudimentos da Física, as pessoas que assistiam às sessões eram absolutamente alheias a essas matérias.

Aceite, etc.,

P.T. Barkas

Eis ainda outro fato que parece triunfar de todas as objeções: ele foi comunicado ao "Light" (1884, página 499) pelo General-major A. W. Drayson e publicado sob este título: The Solution of Scientific Problems by Spirits (Solução de Problemas Científicos pelos Espíritos). Eis aqui a sua tradução:

"Tendo recebido do Senhor Georges Stock uma carta em que me perguntava se eu podia citar, ao menos um exemplo, em que um Espírito, ou um que o pretendesse ser, tivesse resolvido, durante uma sessão, um desses problemas científicos que preocuparam os sábios do século passado, tenho a honra, de comunicar-lhe o fato seguinte, do qual fui testemunha ocular.

"Em 1781, William Herschel descobriu o planeta Urano e seus satélites. Observou que esses satélites, ao contrário de todos os outros satélites do sistema solar, percorrem suas órbitas de oriente para ocidente. J. F. Herschel diz em seus "Esboços Astronômicos": "As órbitas desses satélites apresentam particularidades completamente inesperadas e excepcionais, contrárias às leis gerais que regem os corpos do sistema solar. Os planos de suas órbitas são quase perpendiculares à eclíptica, fazendo um ângulo de 70° 58, e eles os percorrem com movimento retrógrado, isto é, sua revolução em roda do centro de seu planeta efetua-se de este a oeste. ao invés de seguir o sentido inverso."

"Quando Laplace emitiu a teoria de que o Sol e todos os planetas se formaram à custa de uma matéria nebulosa esses satélites eram um enigma para ele.

“O Almirante Smyth menciona em seu “Ciclo Celeste,” que o movimento desses satélites, com surpresa de todos os astrônomos, é retrógrado, ao contrário do movimento de todos os outros corpos observados até então.

Na “Gallery of Nature”, diz-se do mesmo modo que os satélites de Urano descrevem sua órbita de este a oeste, anomalia estranha que faz exceção no sistema solar.

“Todas as obras sobre a Astronomia, publicadas antes de 1860, contêm o mesmo raciocínio a respeito dos satélites de Urano.

“Por meu lado, não encontrei explicação alguma a essa particularidade; para mim, era um mistério do mesmo modo que para os escritores que citei.

Em 1858, eu tinha como hóspede, em minha casa, uma senhora que era médium, e organizamos sessões quotidianas. Certa noite ela me disse que via a meu lado uma pessoa que pretendia ter sido astrônomo durante sua vida terrestre. Perguntei a essa personagem se estava mais adiantada presentemente do que durante sua vida terrestre. “Muito mais” - respondeu ela.

Tive a lembrança de apresentar a esse pretendido Espírito uma pergunta a fim de experimentar seus conhecimentos: - Podes dizer-me, perguntei-lhe, porque os satélites de Urano fazem sua revolução de este para oeste e não de oeste para este?

“Recebi imediatamente a resposta seguinte: - Os satélites de Urano não percorrem sua órbita de oriente para ocidente; eles giram em roda de seu planeta, de ocidente para oriente, no mesmo sentido em que a Lua gira em roda da Terra. O erro provém de que o pólo sul de Urano estava voltado para a Terra no momento da descoberta desse planeta; do mesmo modo que o Sol, visto do hemisfério austral, parece fazer o seu percurso quotidiano da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita, os satélites de Urano moviam-se da esquerda para a direita, o que não quer dizer que eles percorram sua órbita de oriente para ocidente.

Em resposta a outra pergunta que apresentei, meu interlocutor acrescentou: - Enquanto o pólo sul de Urano estava voltado para a Terra, para um observador terrestre parecia que os satélites se deslocavam da esquerda para a direita, e concluiu-se daí, por erro, que eles se dirigiam do Oriente para o Ocidente; esse estado de coisas durou cerca de quarenta e dois anos. Quando o pólo norte de Urano está voltado para a Terra, seus satélites percorrem o trajeto da direita para a esquerda, e sempre do ocidente para o oriente.

“Em seguida perguntei como tinha sucedido não se ter reconhecido o erro quarenta e dois anos depois da descoberta do planeta Urano por W. Herschel?

“Responderam-me: - E porque, eis a regra, os homens não fazem mais do que repetir o que disseram as autoridades que os precederam; deslumbrados pelos resultados obtidos por seus predecessores, não se dão ao trabalho de refletir.

“Guiado por essa informação comecei a resolver o problema geometricamente, e apercebi-me de que a explicação respectiva era exatíssima, e a -solução muito simples. Por conseguinte, escrevi sobre essa questão um tratado que foi publicado nas Memórias do Ensino Real de Artilharia, em 1859.

“Em 1862, dei essa mesma explicação do pretendido enigma em uma pequena obra sobre a Astronomia: “Common Sights in the Heavens” (Olhar pelos Céus); mas a influência da “opinião autorizadas é tão funesta, que só em nossos dias os escritores que se ocupam de Astronomia começam a reconhecer que o mistério dos satélites de Urano deve ser atribuído à posição do eixo desse planeta.

“Na primavera do ano de 1859, tive ainda por uma vez oportunidade de, por intervenção da mesma médium, conversar com a personalidade que se apresentava como o mesmo Espírito; perguntei-lhe se podia esclarecer-me acerca de um outro fato astronômico ainda desconhecido. Naquele tempo eu possuía um telescópio com uma objetiva de 4 polegadas e de uma distância focal de 5 pés. Fui informado de que o planeta Marte tinha dois satélites que ninguém tinha visto ainda e que eu poderia descobrir em condições favoráveis. Aproveitei-me da primeira ocasião que se apresentou para fazer observações nesse sentido, mas não descobri coisa alguma. Participei essa comunicação a três ou quatro amigos com os quais eu fazia experiências espirítica, e ficou decidido que guardaríamos segredo acerca do que se tinha passado, pois que não possuíamos prova alguma em apoio às alegações de meu interlocutor, e corríamos o risco de expor-nos à risada geral.

"Durante minha estada nas Índias, falei nessas revelações ao Senhor Sinnett, não posso dizer com exatidão em que época. Dezoito anos mais tarde, em 1877, esses satélites foram descobertos por um astrônomo, em Washington."

5. - Mediunidade das crianças de peito e das crianças muito novas.

O Senhor Hartmann diz-nos: "Só um médium que sabe escrever pode obter escrita automática ou escrita à distância" (sem o auxílio da mão) (pág. 49).

E' evidente que as crianças de peito não sabem escrever, e que, se escrevem, é uma prova concludente de que nos achamos em presença de uma ação inteligente que está acima e fora do organismo da criança. Ora, nos anais do Espiritismo, há muitos exemplos desse gênero.

Somente é de lamentar que não se tenha prestado mais atenção a esses fenômenos, e que não se tenham feito nesse sentido as experiências seguidas e bem organizadas. Não temos que recolher, senão observações feitas ocasionalmente, simples menções; porém, por mais breves que elas sejam, não deixam de oferecer-nos um interesse capital.

O primeiro fato desse gênero é citado no livro de Capron, "Modern Spiritualism", página 210; ocorreu em 1850, e Capron conta-o assim:

"Em nosso círculo íntimo, refere o Senhor Leroy Sunderland, nunca qualquer das perguntas apresentadas ficou sem resposta. Essas respostas se obtinham ordinariamente por intermédio de minha filha, a Senhora Margarida Cooper, e algumas vezes por intermédio de sua filha, minha neta, que apenas tinha dois meses. Enquanto eu conservava a criança nos braços, não havendo ao lado nenhuma outra pessoa, obtínhamos respostas (por meio de pancadas) que os nossos correspondentes invisíveis diziam produzirem-se por intervenção desse pequeno médium.

Tirarei à obra de Mrs. Hardinge: "Modern American Spiritualism", o exemplo seguinte:

"Apercebendo-se de que os fenômenos espirítico tornavam-se cada vez mais freqüentes em Waterford, perto de Nova Iorque, os pastores protestantes do lugar dirigiram-se ao General Bullard, pedindo-lhe que examinasse essa questão em companhia de alguns outros cidadãos, a fim de pôr um termo a esse escândalo. A comissão formada para esse fim dirigiu-se a casa do Senhor Attwood, onde, segundo os boatos, se produziam coisas admiráveis pela mediunidade de seu filho. Os membros da comissão receberam bom acolhimento e foram introduzidos em um aposento onde viram a criança, que se divertia com brinquedos. A chegada dos visitantes não parecia agradar-lhe de qualquer maneira, mas os doces triunfaram finalmente de seu mau humor, e ela se deixou acomodar em uma cadeira alta, perto da mesa. Em breve esse pesado móvel se pôs em movimento, os visitantes foram deslocados com suas cadeiras, pancadas violentas fizeram ouvir-se, e por seu intermédio obtiveram-se diversas comunicações que parecia emanarem de parentes das pessoas presentes. Entre outras, o irmão falecido do General Bullard manifestou o desejo de comunicar-se.

"Com o fim de verificar o fenômeno, o general pensou:"Se é verdadeiramente meu irmão, aproxime de mim esta criança com a cadeira."

"Qual não foi sua surpresa e a de todos os assistentes, quando a cadeira na qual estava à criança defronte do general, na outra extremidade da mesa, foi levantada com a criança, e, fazendo meia volta, colocou-se suavemente a seu lado. O general era o único a compreender o sentido daquele ato, e, com grande confusão dos membros da comissão, ele exclamou, sob o impulso de um sentimento irresistível: "Juro que tudo isso é verdadeiro!"

Um dos exemplos mais bem verificados da mediunidade das crianças nos é fornecido pelo filho da Senhora Jencken (ex-Srta. Kate Fox), em casa de quem se produziram às primeiras manifestações, quando ele apenas tinha dois meses. Encontramos a narração desse fato no "Spiritualist" de 1873, página 425:

“Certo domingo, a 16 de Novembro de 1873, interessantes fenômenos espíritas produziam-se na casa do Senhor Jencken, que nos comunica o que se segue:

“Voltando de uma expedição a Blackheath, para onde me tinha dirigido em companhia de minha, mulher, sou informado pela ama de leite que cuidava da criança que durante nossa ausência se tinham dado coisas estranhas: cochichos tinham-se feito ouvir acima do leito da criança, passos tinham ressoado por todo o aposento. A ama mandou buscar a criada de quarto, e ambas afirmaram ter ouvido vozes e o roçagar de vestidos.

“Esses testemunhos são tanto mais preciosos quanto nem uma nem outra conheciam o poder mediúnico de minha mulher. No mesmo dia de minha chegada, enquanto eu tinha a criança nos braços, na ausência de minha mulher fizeram ouvir-se pancadas - prova evidente das faculdades mediúnicas dessa criança.”

Uma semana depois, e Senhor Jencken fazia ao “Spiritualist” a comunicação seguinte: “O desenvolvimento das faculdades mediúnicas de meu filho continua sempre. A ama de leite conta ter visto, ontem à noite, muitas mãos fazendo passes sobre a criança.

Esse caso é particularmente interessante no ponto de vista da teoria do Senhor Hartmann, que deverá explicar-nos como um magnetizador de dois meses, por conseguinte inconsciente, pode sugerir à sua ama de leite a alucinação de mãos fazendo passes em torno de si!...

Aos cinco meses e meio, a criança começou a escrever. Encontramos as informações seguintes a esse respeito no jornal “Medium and Daybreak” (8 de Maio de 1874):

Na primeira página desse número, sob o título: “Maravilhosas faculdades mediúnicas de uma criança”, lemos esse fac-símile: (“Amo essa criança. Deus a abençoe. Aconselho a seu pai que volte sem falta para Londres, na segunda-feira. - Susana. Por baixo da assinatura encontra-se a menção seguinte: “Estas palavras são escritas pela mão do filhinho do Senhor Jencken, quando ele tinha a idade de cinco meses e quinze dias. Estávamos presentes, e vimos como o lápis foi colocado na mão da criança pela mesma força invisível que conduziu sua mão.” Seguem-se as assinaturas: Wason K. F. Jencken e uma cruz feita pela mão da Senhora Mc Carty, iletrada, a ama de leite que conservava a criança sobre os joelhos.

Citarei ainda o testemunho seguinte do Senhor Wason, publicado no mesmo número:

“Os esposos Jencken tinham vindo de Londres a Brighton por causa da saúde da mãe da criança.

A 6 de Março, dia em questão, havia mais de três dias que eles tinham chegado; eu era seu hóspede naquela época, ou, para melhor dizer, ocupávamos um aposento comum. A saúde da Senhora Jencken e de seu filho tinha melhorado visivelmente, mas o Senhor Jencken, pelo contrário, sentia-se indisposto: ele era vítima de dores de cabeça, acompanhadas de nevralgias, e sofria cada vez mais do estômago e dos órgãos digestivos.

Eu atribuía sua moléstia à atividade continua em que ele vivia entre sua residência de Londres (em Tiple) e Brighton, o que lhe custava quotidianamente um percurso de 105 milhas, e, para todo o tempo de sua estada no campo, isto é: no prazo de quatro meses, nunca menos de 8.000 milhas. O Senhor Jencken não partilhava de minha opinião a respeito das causas de sua moléstia e consultou um médico alemão de sua amizade, que lhe deu razão, contra mim; de maneira que tive de abandonar a esperança de convencê-los de que suas viagens quotidianas em caminho de ferro, em ônibus e em cabriolés lhe eram funestas.

Era pois a 6 de Março, cerca de 1 hora da tarde; a ama de leite estava sentada, conservando a criança sobre os joelhos, no salão, perto da chaminé; eu estava escrevendo em uma mesa, muito perto da ama, e a Senhora Jencken achava-se no aposento vizinho; a porta estava aberta. De repente a ama exclamou: “A criança tem um lápis na mão!” Ela não disse que esse lápis tinha sido posto na mão da criança por uma força invisível; por conseguinte não prestei atenção alguma ao que a ama disse, conhecendo por experiência a força com que uma criança nos segura o dedo, e continuei -a escrever. Mas a ama exclamou imediatamente com maior admiração ainda: “A criança está escrevendo!” o que intrigou a Senhora Jencken, que foi para o quarto.

Levantei-me também e olhei por cima do ombro da Senhora Jencken, e vi, efetivamente, que a criança tinha um lápis na mão e que esse assentava sobre a extremidade do papel com a comunicação, da qual tomamos uma fotografia imediatamente. Devo dizer aqui que “Susana” era o nome de minha mulher falecida, a qual, em vida, queria muito às crianças e cujo Espírito (como o supúnhamos) se tinha manifestado por

muitas vezes por meio de pancadas e de escrita automática, por intermédio da Senhora Jencken; antes de seu casamento essa última usava o nome, bem conhecido no mundo espírita, de Kate Fox, e foi em sua família que se produziram, nas circunvizinhanças de Nova Iorque, as primeiras manifestações mediúnicas, as pancadas de Rochester, que inauguraram o movimento espiritualista de nosso século.

Quanto ao conselho de Susana, convidando o Senhor Jencken a voltaria segunda-feira para Londres, os leitores lhe darão o seu justo valor quando souberem que depois de ter aceitado esse conselho, e posto termo à sua atividade contínua, ficou rapidamente curado e tornou-se tão sadio e robusto quanto dantes.

Aceite, etc.

James Wason, Solicitador
Wason's Buildings - Liverpool.

Eis aqui outros pormenores acerca do desenvolvimento das faculdades dessa criança, publicados por seu pai no “Spiritualist” de 20 de Março de 1874:

“A faculdade de escrever que tem meu filho parece continuar. A 11 de Março, quando minha mulher e eu estávamos à mesa, e a ama sentada com a criança de fronte de mim, colocou-se um lápis na mão direita da criança. Minha mulher pôs uma folha de papel em cima dos joelhos da ama, por baixo do lápis. A mão do pequeno escreveu imediatamente esta frase: “Estimo muito este menino. Deus abençoe a sua mãe. Sou feliz. - J. B. F.”

“Externei o desejo de que a criança dirigisse algumas palavras a sua avó, que tem mais de noventa anos, e, alguns minutos depois, a força invisível tirou um pedaço de papel de uma mesa e colocou-o sobre os joelhos da ama; ao mesmo tempo um lápis se achou colocado na mão de meu filho e esse traçou rapidamente estas palavras: “Estimo minha avó.” O papel e o lápis foram atirados ao chão e pancadas avisaram-me de que o meu desejo tinha sido satisfeito.

“Outra manifestação do dom extraordinário de meu filho deu-se nessas poucas semanas passadas. Entrei no quarto da criança para acender a lamparina. Aproximando-me do leito, notei que a sua cabeça estava rodeada por uma auréola que envolveu em pouco tempo todo o seu corpo, lançando reflexos sobre a colcha e lençol do leito. Soaram pancadas, soletrando: “Vede a auréola.” A Senhora Jencken não se achava no aposento, nem no mesmo andar da casa, de maneira que essa manifestação não pôde ser atribuída à sua ação magnética; além de mim, só estava presente a ama de leite.

Um estudo acerca do desenvolvimento da mediunidade dessa criança, com circunstanciada narração desse último caso, apareceu no “Psychische Studien”, 1875, páginas 158-163.

O Senhor Hartmann não fez menção alguma desses fenômenos, sem dúvida porque os explicaria pela ação inconsciente da mediunidade da mãe que estava na casa. Mas, do conjunto dos fenômenos relatados anteriormente e recapitulados nas páginas 159 e 160 do “Psychische Studien” e que reproduzi aqui em parte, segundo as fontes primitivas dos que se produziram na ausência da mãe e de todos aqueles que vou citar mais adiante, resulta que somente a mediunidade da criança estava em ação. Assim lemos, três meses mais tarde, uma nova comunicação do Senhor Jencken (“ Spiritualist”, 1874, I, página 310; veja-se também o “Médium”, 1874, pág. 408).

“A faculdade de escrever não desaparece na criança. Em uma dessas últimas noites, notei que seus olhos tinham um brilho particular; conforme o movimento de suas mãos, a mãe compreendeu que ela devia escrever preparam-lhe uma grande folha de papel que ela encheu completamente com uma longa comunicação, da qual não lhe dou somente parte, em razão de seu caráter privado. Uma outra vez, ela escreveu uma comunicação muito breve, abaixo da. qual assinou suas iniciais: T. L. J. Nessa tarde minha mulher estava ausente.

“Enquanto eu brincava com meu filho que se distraía em puxar minha corrente de ouro, ouvi brandamente dar pancadas que soletraram comunicações, testemunhando a presença constante dos mesmos seres que nos rodeiam sempre e agem sobre nós por meios ainda incompreensíveis.

“Minha mulher disse-me que lhe é preciso às vezes empregar uma resistência enérgica para impedir seu filho de escrever e que ela preferiria pôr-se em oposição com os seres ocultos do que comprometer a saúde de seu filho.”

Que dirá o Senhor Hartmann do caso seguinte:

"Na noite de 2 de Fevereiro de 1874, o Senhor e a Senhora Jencken faziam uma sessão com o Senhor Wason, no salão. A Senhora Jencken teve de repente um desejo invencível de ir ver seu filho. No quadrilátero que separava o salão do aposento da criança, ela avistou uma figura humana que ia ao seu encontro conduzindo a criança nos braços. Trêmula de emoção, recebeu-a, e no mesmo momento o fantasma desapareceu. O Senhor e a Senhora Jencken entraram no quarto da criança, onde encontraram a ama dormindo em sua cama e ignorando completamente o que se tinha passado." ("Médium", 1874, 8 de Maio, páginas 167 e 290.)

Mais tarde, em 1875, o Senhor Jencken comunica ao "Spiritualist" (13 de Agosto, pág. 75):

"A noite passada, o pequeno Freddy foi retirado do berço, transportado através do quarto e colocado nos braços da mãe com tanta precaução, que as nossas exclamações de surpresa nem sequer perturbaram seu sono."

A comunicação seguinte nos foi transmitida por pancadas: "Retiramo-lo para o livrar da influência nociva de forças estranhas.)"

O Senhor Hartmann dirá talvez que esse efeito foi produzido pela força nervosa da médium, a mãe? Seria um bizarro capricho da parte de uma mãe!

Do conjunto dos fatos que cito aqui resulta indubitavelmente que o pequeno Jencken era o instrumento de outras forças a não ser a influência inconsciente de sua própria mãe; para estabelecer este fato, são bastantes as pancadas dadas na ausência de sua mãe. O pai não era médium absolutamente.

De outro lado, porque a "força nervosa" da mãe teria escolhido por instrumento seu próprio filho, um recém-nascido, quando essa força nervosa não deixava de produzir as mesmas manifestações pelo organismo da mãe? Esta suposição é tanto mais fundada, quanto à mãe se opunha, com todas as forças, ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas de seu filho, com o receio legítimo de que elas podiam prejudicar-lhe a saúde.

Citarei ainda alguns exemplos de crianças médiuns, porque eles são tão raros quão preciosos. A neta do Barão Seymour Kirkup escreveu na idade de nove dias; eis a carta que o barão dirigiu, a esse respeito, ao Senhor J. Jencken:

"Minha filha era médium na idade de dois anos; atualmente ela tem vinte e um anos; sua filha escrevia automaticamente quando tinha nove dias apenas. Conservei as comunicações escritas por ela, e mandei-lhe uma fotografia dessa escrita.

"Sua mãe deu-a a luz no sétimo mês, e a criança era muito pequena. A mãe segurava-a com a mão, em cima do um travesseiro, tendo na outra mão um livro sobre o qual tinha colocado uma folha de papel; não se sabe por que meio o lápis foi ter à mão da criança. O certo é que Valentina (é seu nome) conserva-o firme em seu pequeno punho.

"A princípio ela escreveu as iniciais de seus quatro Guias: R. A. D. J., depois do que o lápis caiu. Eu estava persuadido de que ela tinha acabado, mas minha filha Imogenes exclamou: "Ela tem o lápis de novo!

Então a criança traçou as palavras seguintes, com escrita incerta, por cima das letras já escritas: Non mutare questa, è buona prova, fai cosa ti abbiamo detto: addio. (Não alteres coisa alguma, é uma boa prova, faze o que te dissemos: adeus.) Verá isso na fotografia.

"Redigi igualmente uma minuta que lhe mando. De acordo com o conselho dado pelos guias invisíveis, mandamos a criança com a ama para o campo, logo no dia seguinte, mas pouco tempo depois mandamo-la vir de novo, com o fim de ver se poderíamos obter uma fotografia espírita, pois eu conhecia um fotógrafo médium. Dirigimo-nos à sua casa, e tentei fazer fotografar a criança com o lápis na mão, ela, porém, lançou-o fora. Envio-lhe o grupo tal qual pôde ser obtido; nota-se nele o retrato de sua avó Regina, falecida havia vinte anos, na idade de dezenove anos. A fotografia é perfeitamente fiel, assim a dela, como a de minha filha e a da criança."

O Senhor Jencken acrescenta de seu lado: "A carta que recebi de Kirkup era acompanhada por uma fotografia da escrita da criança, por uma ata com sete assinaturas de testemunhas e por um excelente retrato espírita da avó, a célebre Regina." ("Spiritualist", 1875, I, página 222.)

E' de lamentar que não tenham declarado de que gênero era a mediunidade da mãe da criança. Parece que ela não produzia manifestações físicas; nesse caso ela seria completamente estranha às manifestações gráficas de seu filho.

No “Médium” de 1875, página 647, encontro este artigo: “Outra criança médium”. Trata-se, no caso, do pequeno Artur Omerod, de sete semanas de idade, e cujo rosto se transfigurava e tomava a expressão do rosto de seu avô, no dia da morte; essa criança respondia às perguntas, abrindo e fechando os olhos um número de vezes convencionado, ou antes por sorrisos e inclinações de cabeça e apertando as mãos. Não se encontra vestígio algum de mediunidade nos demais membros da família.

No “Banner of Light” de 1876, lemos a notável narração do fenômeno seguinte: “Escrita em ardósia por um menino-médium de dois anos de idade. Essa narração foi reproduzida no “Spiritualist” de 1876, 11, página 211.

“O Espírito de Essie Mott, filha de J. H. Mott, em Mênfis (Missouri) deixou seu invólucro mortal a 18 de Outubro de 1876, na idade de cinco anos e onze meses, depois de longa moléstia. Esse tinha um desenvolvimento intelectual acima de sua idade, e por sua mediunidade deram-se numerosos fatos maravilhosamente convincentes. Com a idade de dois anos apenas, sucedia-lhe, segurando em uma ardósia colocada por baixo da mesa, obter comunicações e respostas escritas, quando ninguém se conservava a seu lado e quando ainda não conhecia a primeira letra do alfabeto.

“Durante os dois últimos anos de sua vida, seus pais não consentiam que a utilizassem como médium, persuadidos de que sua saúde, já mui delicada, sofreria muito com isso. Fui convidado por telegrama de Iowa para assistir ao seu enterro. - Warren Chase.”

O testemunho do respeitável Senhor Warren Chase basta para garantir a autenticidade desse fato; ele foi publicado no Psychische Studien de 1877, página 467. O Senhor Hartmann não lhe dá valor algum, e, entretanto, que é que falta a esse testemunho?

Mais tarde encontrei, ainda por acaso, o testemunho do Senhor Mc' Call Black, que se converteu à crença dos fatos espiríticos precisamente em conseqüência de comunicações que obteve por intermédio de um seu filho de dois anos. (Veja-se “Religio-Philosophical-Journal”, 1890, 25 de Janeiro.)

No “Spiritualist” de 1880, na página 47, fez-se menção de um menino-médium de dois anos, filho da Senhora Markee, em Búfalo, a qual por sua vez tinha sido médium de nomeada.

Os pormenores contidos nesse artigo não são assaz importantes para que eu os reproduza. Admito de boa vontade que os fatos citados não bastam para estabelecer de maneira absoluta a existência de uma mediunidade independente nas crianças de pequena Idade, mas é certo que com o tempo, quando se tiverem estudado esses fenômenos de maneira séria, elas constituirão uma prova indubitável da existência de forças inteligentes, extramediúnicas. Na expectativa, o presente parágrafo deve servir para atrair a atenção para a grande importância desses fatos, cuja existência pode ser considerada como admissível.

Para encerrar essa monografia da mediunidade nas crianças de peito, farei notar que não é raro que as criancinhas vejam aparições; tomemos por exemplo o caso dessa criança de dois anos e meio que brincava com o Espírito de sua irmãzinha falecida (“Light”, 1882, pág. 337). Posso citar ainda esse exemplo de minha própria experiência, em que uma criança de dois anos, filha de um médium russo muito conhecido, via, ao mesmo tempo em que seu pai, o fantasma de uma pessoa a quem conhecia e esfregava as mãos de contentamento, repetindo: “tia, tia!”

Mencionemos ainda essas crianças - entre as quais havia crianças de peito - que, durante as perseguições dos protestantes de França, eram “possessos de um espírito”, segundo a expressão da época; elas falavam e profetizavam em francês correto e não no dialeto de seu país, as regiões remotas das Cevenas.

Uma testemunha ocular desses acontecimentos, João Vernet, refere que viu uma criança de treze meses, falar distintamente o francês e com uma voz muito forte para a sua idade, não podendo ainda andar absolutamente e nunca tendo pronunciado uma única palavra; ela se conservava deitada em seu berço, bem envolta em faixas, e pregava as obras de humildade, em um estado de “arrebatamento”, do mesmo modo que outras crianças, que o Senhor Vernet tinha visto. (Vede Figuier: “História do Maravilhoso”, 1860, 11, págs. 267, 401, 402 e os “Fanáticos das Cevenas”, por Eugênio Bonemère.)

O Senhor Figuier diz: “A circunstância de exprimirem-se os inspirados em seu delírio sempre em francês, língua desusada em seus campos, é mui notável. Ela era o resultado dessa exaltação momentânea das faculdades intelectuais que constitui um dos caracteres da moléstia dos convulsionários das Cevenas.”

Como vamos vê-lo, de acordo nesse ponto com os Srs. Hartmann e Ennemoser, a “exaltação das faculdades intelectuais” não pode fornecer explicação o semelhante fenômeno.

6. - Médiuns falando línguas que lhes são desconhecidas.

Abordamos uma categoria de fatos que provam de maneira absoluta, em minha opinião, que se dão manifestações de caráter intelectual mais elevado do que o do médium e cuja fonte se acha fora desse último. A definição que o Senhor Hartmann dá desses fenômenos não está de acordo com a realidade.

Ele diz que ao dom das línguas, verificado nas primeiras comunidades cristãs, não é mais do que uma linguagem inconsciente no êxtase religioso. (“Espiritismo”, pág. 29.) E no mesmo sentido que se devem compreender essas palavras: “Certos médiuns manifestam, no decurso de suas transfigurações mímicas, o dom de falar línguas” (pág. 87). Mas apesar de todas as faculdades maravilhosas que o Senhor Hartmann atribui à consciência sonambúlica, ele não lhe concede o dom das línguas senão nos limites da faculdade. de “repetir sons, palavras e frases em línguas estrangeiras, ouvidos anteriormente, mas aos quais o médium não prestou atenção alguma.”(S., pág.60.)

Em outro lugar ele diz: tOs sonâmbulos podem pronunciar e escrever palavras e frases em línguas que não compreendem, se o magnetizador ou outra pessoa qualquer, posta em relação com eles, pronunciam essas palavras e essas frases mentalmente, com o intuito de lhas sugerir; os sonâmbulos chegam até a compreender-lhes o sentido, contanto que a pessoa que lhes transmita a sugestão o compreenda e aposse-se dele enquanto aquele pronuncia a mensagem, quer em voz alta, quer mentalmente. Tem-se a prova disso no fato de os sonâmbulos darem respostas coerentes, em uma língua que lhes é familiar, a perguntas que lhes são apresentadas em língua desconhecida, mas que as respostas só são dadas quando a pergunta é feita em língua desconhecida ao interrogante. (Pág.66.)

Por conseguinte, no fundo, esse fato não passa de uma leitura do pensamento, ou antes, - como o diz o Senhor Hartmann - um caso de transmissão do pensamento espiritualizado (ibid.). Nesse caso o Senhor Hartmann tem toda a razão; nunca um sonâmbulo falou em uma língua que não conhecia. O Senhor Ennemoser verifica-o do mesmo modo em seu livro “O Magnetismo” (Stuttgard, 1853). E, de acordo com Eschenmayer, ele considera a opinião contrária uma quimera (pág. 27).

Eis seu raciocínio: “Admitindo mesmo que os sonâmbulos possam penetrar em uma língua que lhes é desconhecida, da mesma maneira que podem penetrar nas idéias de outrem, não se poderia, em todos os casos, atribuir a essa faculdade senão a percepção do conteúdo e do sentido dessa língua e não a forma da enunciação, pois que essa última é toda convencional, isto é, estabelecida pelo uso, e necessita um estudo prévio.

“O falar é uma arte técnica, da mesma maneira que o tocar um instrumento de música. E aquele que não se adestrou na aplicação de uma língua qualquer, ainda mesmo de maneira rudimentar, esse não poderá sequer repetir essa linguagem e ainda menos falar essa língua, da mesma maneira que não poderia repetir um trecho de música se não desenvolveu essa faculdade pelo estudo.

Um músico genial criará novas obras, reterá talvez os trechos que tiver ouvido uma só vez, mas não poderá reproduzi-los senão à sua maneira, em seu próprio instrumento. Sucede o mesmo com as línguas; os órgãos do falar são instrumentos que devem ser exercitados para o uso geral e especialmente para cada língua. (Págs. 451 e 452.)

Assim, pois, se acharia demonstrada - segundo o Senhor Hartmann - a impossibilidade para um sonâmbulo de falar uma língua que não conhece, ou de fazer música, sem conhecer quer essa língua, quer a

música. E entretanto no Espiritismo os fatos dessa natureza são muito conhecidos. Citaremos em primeiro lugar um testemunho indiscutível, o do juiz Edmonds, que observou esse fenômeno em sua própria família, na pessoa de sua filha Laura. (22) No prefácio do segundo volume de sua obra intitulada “Espiritualismo”, publicada em 1855, encontramos informações interessantes acerca do desenvolvimento das faculdades mediúnicas de sua filha, que ele ainda não mencionava naquela época.

“Era uma jovem que havia recebido uma boa educação, uma católica fervorosa. A Igreja lhe ensinava que não desse crédito algum ao Espiritismo, e ela se recusava a assistir a essas manifestações, se bem que elas se renovassem freqüentemente em sua vizinhança.

“A casa em que morava acabou por tornar-se o que se chama “mal-assombrada”. Cerca de seis meses se tinham passado assim: ela ouvia constantemente ruídos estranhos e presenciava fenômenos não menos estranhos que se davam sem intervenção humana, como o tinha verificado, e que, entretanto, pareciam serem guiados por uma Inteligência. Sua curiosidade foi despertada e ela começou a freqüentar as sessões. Em pouco tempo viu quanto bastava para ficar convencida da presença de um agente inteligente e tornou-se médium por sua vez. Há cerca de um ano que o fato se deu; depois, sua mediunidade atravessou diversas fases. Eu acompanhava tudo isso com o maior interesse.

No começo, tinha estremecimentos convulsivos; pouco tempo depois, escrevia automaticamente, isto é, independentemente da vontade e sem ter consciência do que escrevia.

Dotada de vontade tenaz, podia a qualquer momento interromper a sessão. Depois, tornou-se médium falante. Não caía em transe como muitas outras: isto é, no estado passivo; pelo contrário, tinha consciência de tudo o que dizia e de tudo o que se passava ao redor de si... Depois começou a falar diferentes línguas. Ela não conhece nenhuma outra língua a não ser a materna e o francês, tanto quanto conseguiu aprender no colégio; e entretanto falou nove ou dez línguas, algumas vezes durante uma hora, com facilidade e bem estar perfeitos.

Estrangeiros puderam conversar por seu intermédio com seus amigos falecidos, na língua deles: deu-se o fato seguinte: um de meus hóspedes, um grego, tinha tido algumas sessões com ela, no decurso das quais ele conversava em língua grega, durante muitas horas, e obtinha por ela respostas quer em grego, quer em inglês. E entretanto, até àquela ocasião, ela nunca tinha ouvido pronunciar uma única palavra em neo-grego.

“Na mesma época desenvolveram-se suas faculdades musicais. Sucedia-lhe freqüentemente cantar em diversas línguas - italiana, indiana, alemã, polaca, e na atualidade canta freqüentemente em sua língua materna, improvisando as palavras e a música; é preciso dizer que a melodia é particularmente bela e original e que as palavras são de um sentimento muito elevado.” (Página 45.)

Mais tarde, em 1858, o Senhor Edmonds publicou uma série de tratados: “Spiritual Tracts” cujo texto tem por título “O falar em línguas desconhecidas no qual ele dá mais amplos pormenores acerca dessa forma da mediunidade de sua filha; ele não oculta o nome da moça e fala acerca de muitos outros casos análogos.”

O “Spiritual Tracts”, número 10, contém cartas publicadas pelo Senhor Edmonds em 1859, no “New York Tribune”, e cuja oitava é intitulada: ao falar em línguas desconhecidas ao médium”. Nessa carta ele cita mais de cinquenta exemplos desse fato. Publiquei todas essas cartas em língua alemã, em 1873, em uma brochura: “O Espiritismo Americano. - Pesquisas do juiz Edmonds.”

Encontram-se aí numerosos pormenores dos quais reproduzo aqui os mais notáveis, porque dou grande importância a esse gênero de fenômenos. O Senhor Hartmann passou-os em silêncio, da mesma maneira que a moldagem de formas materializadas. Comecemos pelos fatos observados pelo próprio Senhor Edmonds:

“Certa noite, conta ele, vi chegar a minha casa uma jovem, vinda dos Estados de Este. Tinha vindo à Nova Iorque para tentar fortuna; recebera a educação em uma escola primária. Era médium e servia às manifestações de uma personagem desconhecida que se dizia francesa e que a inquietava continuamente. Ela só podia servir-se da língua francesa. Minha filha conversou mais de uma hora com essa personagem por intermédio da moça, a Srta. Dowd. Ambas só falavam o francês, e tão corretamente como se tivessem nascido em França. O dialeto empregado pela Srta. Dowd era uma espécie de dialeto meridional, ao passo que minha filha se exprimia em “parisiense puro”. Isso se passava em meu gabinete de trabalho, em presença de cinco ou seis pessoas.

De outra vez, foram muitos senhores polacos da boa sociedade que pediram para conversar com Laura, que não os conhecia. No decurso dessa entrevista, ela falou por diversas vezes a língua deles, sem conhecê-la. Esses senhores falavam a sua língua e recebiam as respostas quer em inglês, quer em polaco. Esse caso só pode ser confirmado pela própria Laura, porque seus interlocutores se retiraram sem dizer seus nomes.

"Eis em que condição se deu à conversação com o grego: Certa noite em que cerca de doze pessoas estavam reunidas em minha casa, o Senhor Green, artista desta cidade, veio acompanhado por um homem que nos apresentou sob o nome do Senhor Evangelides, da Grécia.

"Esse último falava mal o inglês, mas exprimia-se corretamente em sua língua materna. Em pouco tempo, manifestou-se uma personagem que lhe dirigiu a palavra em inglês e lhe comunicou grande número de fatos que demonstravam que era um amigo, falecido havia longos anos, em sua casa, mas cuja existência nenhum de nós tinha conhecido.

De tempos a tempos, minha filha pronunciava palavras e frases inteiras em grego, o que permitiu ao Senhor Evangelides perguntar se ele mesmo podia falar em grego. A conversação continuou em grego, por parte do Senhor Evangelides, e, alternadamente, em grego e em inglês, por parte de minha filha. Essa não compreendia bem o que era dito por ela - ou por ele em grego; mas sucedia algumas vezes que ela compreendia o que era dito, se bem que ambos falassem em grego. Em certa ocasião, a emoção do Senhor Evangelides era tão intensa que atraía a atenção dos assistentes; nós lhe perguntamos o motivo, mas ele se esquivava de responder.

Foi só no fim da sessão que ele nos disse que, até então, nunca tinha sido testemunha de manifestações espíritas e que, no decurso da conversação, tinha-se entregado a diversas experiências para apreciar a natureza desse gênero de fenômenos. Essas experiências consistiam em abordar diversos assuntos que certamente minha filha não podia conhecer e em mudar freqüentemente de assunto, passando bruscamente de questões de ordem privada, a questões políticas, filosóficas ou fisiológicas, etc.

"Em resposta a nossas perguntas, ele nos afirmou que a médium compreendia a língua grega e a falava corretamente.

"As pessoas presentes eram os Srs. Green, Evangelides, Allen, presidente do Banco de Boston, dois senhores, empresários de caminhos de ferro em um dos Estados de Oeste, minha filha Laura, minha sobrinha Jennie Keyes, eu e outras pessoas cujos nomes não me ocorrem.

"Depois, o Senhor Evangelides fez ainda com minha filha muitas outras experiências, no decurso das quais a conversação foi sustentada em língua grega.

"Minha sobrinha - de quem acabo de falar -, que é igualmente médium, cantava freqüentemente em italiano - língua que ela não conhece -, improvisando as palavras e a música. Posso citar grande número de casos semelhantes.

Certo dia, minha filha e minha sobrinha foram ao meu gabinete de trabalho e começaram a falar-me em espanhol: uma delas começava a frase, a outra a terminava. Elas se achavam, conforme fui informado, sob a influência de uma pessoa que eu tinha conhecido viva na América Central. Ela fez alusão a coisas que me tinham sucedido e das quais elas tinham tão pouco conhecimento quanto da língua espanhola. Não passamos de três os que podemos testemunhar este fato.

"Minha filha falava-me também na língua indiana, em dialeto Chippewa e Monomonic, que eu conheço bem, por ter passado dois anos entre os índios.

"Assim assinalo vários casos em que minha filha falou em língua indiana, espanhola, francesa, polaca e grega. Também lhe ouvi falar o italiano, o português, o húngaro, o latim e outras línguas que não conheço. Esses casos são muito numerosos para que eu possa recordar-me do nome das pessoas presentes.

"Passo à enumeração de experiências feitas por pessoas estranhas em minha presença.

"A Srta. Helena Leeds, moradora em Boston, 45, Carver Street, médium muito conhecida nesta cidade, falava mui freqüentemente o chinês, e entretanto ela apenas tinha uma educação mui rudimentar e nunca ouvira falar essa língua. Isso lhe sucedeu tão freqüentemente, em certo período de sua mediunidade, que julgo não me enganar dizendo que cerca de mil testemunhas a ouviram. Eu mesmo assisti umas cem vezes, pelo menos, às suas sessões".

Da mesma maneira ouvi muito freqüentemente a Senhora Sweet, uma das médiuns de nossa cidade, pessoa não muito instruída, falar o francês e até o italiano e o hebraico.

"Também assisti a um fenômeno análogo, dando-se as comunicações por meio de pancadas, em língua estrangeira, ao passo que o médium só conhecia o inglês.

Em minha casa ouvi a filha do Senador Tallmadge conversar em língua alemã.

"Eis minha experiência pessoal nessa questão; ela, porém, apenas constitui pequena parte do que se produziu nesse gênero.)" ("Tract", n° 6.)

O juiz Edmonds, compenetrado da importância dessas manifestações, fez aparecer no "Banner" um apelo a todos aqueles que tivessem conhecimento de fatos daquela natureza para lhe comunicar. Em menos de um mês, ele recebeu cerca de vinte cartas, que lhe davam informações acerca de casos semelhantes. Essa série de experiências forma o conteúdo do apêndice de seus, "Tract", ou cerca de cinquenta páginas. Tiro desse apêndice alguns dos casos mais bem observados e autenticados.

Cookville, 9 de Abril de 1859.

Senhor Editor:

Tendo lido no Banner o convite que o juiz Edmonds fez para lhe comunicarem os fatos mediúnicos referentes ao uso de línguas desconhecidas, venho dar-lhe parte de um fato que se deu há dois anos. Durante três meses, tivemos sessões todos os domingos à noite. Os médiuns eram dois moços, um dos quais era meu genro e o outro meu amigo. Em uma das sessões à qual assistia um desses dois médiuns, aquele último caiu em transe, e em pouco tempo começou a falar uma língua que nenhum de nós conhecia, mas que meu pai e meu irmão reconheceram ser a língua chinesa. Tendo passado algum tempo na Califórnia, eles tinham estado em relação com grande número de chins, mas não falavam sua língua. Na sessão seguinte, os dois médiuns falaram a mesma língua, e, depois de uma conversação de alguns minutos, os interlocutores parece terem-se reconhecido, e a manifestação da alegria de se encontrarem de novo tornou-se tão turbulenta que o locatário da outra parte da casa - um não-espirita - foi verificar se havia chins em nossa casa, pois que, tendo comerciado com eles, na Califórnia, conhecia muito os seus costumes.

Desde então, os dois médiuns caíam freqüentemente sob a mesma influência. Um deles cantava às vezes em chinês, o outro traduzia o texto dessas canções. Nenhum dos assistentes falava essa língua, e o médium nunca tinha visto chim algum. Nosso circulo era acessível a todos, e o aposento ficava repleto às vezes. Cada qual era coagido a verificar que se ouvia uma língua estrangeira e reconhecia ao mesmo tempo em que os médiuns eram pessoas sérias que não podiam ser suspeitas, de maneira que nenhuma explicação desse fenômeno pôde ser encontrada.

Aceite, etc.

S. B Hoxie.

Flushing, L. J., perto de Nova Iorque, 16 de Abril de 1859.

Senhor:

Li nos jornais que desejava ter informações acerca das pessoas que falaram línguas que não conheciam. Ouvi Susana Hoyt pronunciar um discurso patriótico em língua italiana; esse discurso foi traduzido, à medida que ia sendo pronunciado, durante a sessão, por um americano que compreendia o italiano. Estudei essa língua e posso afirmar que foi realmente a língua empregada.

Citarei ainda um homem que mora perto do lago Hempatead, nos arredores de Newtown; ele tem 35 anos de idade e chama-se, se não me engano, Smith. A família Hoyt poderá informá-lo por conta própria. Por muitas vezes ouvi esse homem fazer discursos declamatórios em língua italiana, o que lhe sucede mui freqüentemente. Ele vai muitas vezes a casa dos Hoyt; à primeira vez que eu o ouvi, perguntei a uma das pessoas presentes se ele sabia falar outra coisa além do italiano. Quando Smith voltou a si, afirmou-me nunca ter conhecido nem lido nenhuma outra língua a não ser o inglês.

Aceite, etc.

Wm. P. Prince.
Braintrie, Vermont, 29 de Março de 1859.

Senhor:

Tendo lido o aviso publicado no Banner oj Light, tenho a honra de levar ao seu conhecimento os fatos seguintes:

Em Fevereiro de 1858, eu morava em Leicester, Vermont, no andar da casa do Senhor John Paine. A Senhora Sara Paine, sua nora é médium. Naquela época achava-se em nossa cidade um francês, que tinha vindo aqui estudar o Espiritualismo. Católico convicto, não lhe dava crédito e até o combatia. Organizou-se uma sessão, e, depois de alguns minutos de espera, a médium caiu em transe e começou a falar com o visitante francês, em sua língua materna, de maneira que esse último pudesse compreendê-lo perfeitamente. A conversação durou certo tempo sem que nenhum dos assistentes compreendesse o que diziam os dois interlocutores. O francês pediu que a médium escrevesse seu nome, o que ela realizou sem demora; escreveu também os nomes de seu pai e de sua mãe falecidos. Ele nos afirmou que ninguém nos Estados Unidos conhecia esses nomes.

A Senhora Paine nunca tinha visto esse senhor antes. Não conhecia outra língua além de sua língua materna, o inglês.

Só me recordo de algumas das pessoas presentes naquela sessão: os Srs. Joseph Morse, Doutor S. Smith, Issak Morse, John Paine, Edouard Paine, todos de Leicester, o Senhor e a Senhora Nathaniel Churchill, de Brandon, e seu devotado servo.

Nelson Learned.

Lynn, Mass., 24 de Março de 1859.

Srs. Editores:

Respondendo ao convite que os senhores publicaram no Banner, posso comunicar-lhes os fatos seguintes: a Sra, John Hardy é uma médium que fala inconscientemente em estado de transe; não conhece nem o francês nem dialeto algum indiano, nunca os tendo estudado. Ela se acha sob a influência de um Espírito indiano, Sachma, que fala pelo seu órgão e que realizou muitas curas por seu intermédio. Ele mesmo traduz suas comunicações para o inglês, bem ou mal. Esse fato é muito comprobatório.

Ela se achava também sob a influência de um outro Espírito, o de uma jovem francesa, Luisa Dupont, que tinha sido atriz, conforme parece. Falou em presença de um professor de línguas, que julgou seu estilo e seu falar muito corretos. Esse professor apresentou à Senhora Hardy uma pergunta inconveniente, segundo confessou mais tarde, e recebeu uma resposta tão enérgica, que tomou o chapéu e retirou-se.

Comunico-lhes os nomes das pessoas presentes a essa sessão, sem poder autorizá-lo a publicá-los.

O Senhor Juiz Edmonds poderá informar-se diretamente dessas pessoas.

Aceitem, etc.

John Alley V.

North Common Street, n° 8, Lynn, Mass.

Milan (Ohio), 4 de Abril de 1859.

Senhor Juiz Edmonds:

Senhor Juiz:

Em resposta a seu apelo publicado no Bamier of Light tenho a honra de comunicar-lhe o que se segue:

No mês de Fevereiro de 1857, dirigi-me em companhia da Senhora Warner, a casa do Senhor Lewis, em Troy (Ohio). Certa noite em que a Senhora Warner estava incomodada por ligeiro resfriamento, caiu sob a influência do Espírito de um índio que se esmerava em lhe prescrever remédios. Nesse ínterim, entrou no aposento um jovem alemão, que era conhecido na casa sob o nome de Milton. Ele sofria de violenta dor de-cabeça, mas não fez alusão algumas em presença da Senhora Warner. Essa última se aproximou dele alguns instantes depois, e livrou-o de sua dor de cabeça pela simples aplicação das mãos. Depois, disse-lhe em

língua inglesa pronunciando-a mal, à maneira indiana - que via um “Espírito pálido”, que tinha deixado seu invólucro terrestre além das “grandes águas” e que desejava falar-lhe. Depois de pequena pausa, ela começou a falar o alemão e lhe repetiu, entre outras coisas, as últimas palavras pronunciadas por sua mãe no leito de morte.

O jovem, que tinha sido até então um obstinado céptico, desfez-se em lágrimas e deu-se por convencido.

A pedido dos membros da família Lewis, ele repetiu essas palavras, que eram as seguintes: “Meus queridos filhos, não posso mais vos dar pão.” Warner nunca tinha ouvido falar na família desse moço e não conhecia outra língua além do inglês.

O Senhor Pope, cidadão dos mais respeitáveis de Troy, e os numerosos membros de sua família, entrando nesse número o jovem alemão, confirmarão a exatidão desse conto. Eis seu endereço: Welchfield, Geauga County, Ohio.

Em Setembro de 1857, a Senhora Warner foi a Milan para fazer ali uma série de conferências públicas. No fim da última conferência, ela pronunciou um pequeno discurso em língua indiana e fez a sua tradução. Era um apelo caloroso em favor das tribos indianas. Um cidadão de Milan, o Senhor lylerrill, membro influente da Igreja Presbiteriana, que se achava ali, ficou tão satisfeito da autenticidade da língua indiana que declarou que todas as suas dúvidas estavam dissipadas. Ele tinha vivido até à idade de dezoito anos entre os índios e falara correntemente essa língua. Eis seu testemunho:

“Certifico que os fatos referidos pelo Senhor E. Warnee são exatos e que em conseqüência de minhas relações com a médium adquiri a persuasão de que em seu estado normal ela ignora completamente todos os dialetos indianos; estou ao mesmo tempo convencido de que, sob a influência “de um Espírito” ela pode, efetivamente, falar indiano. Milan, Abril de 1859. - James Merrill.”

Autorizo-o a fazer uso da presente se lhe parecer útil.

Ebenezer Warnee.
Chicago, 5 de Abril de 1859.

Em resposta ao seu apelo publicado no Banner of Light, posso levar a seu conhecimento os fatos seguintes:

Há cerca de quatro anos, organizei em minha casa sessões com o intuito de estudar o “Espiritualismo moderno”, e apercebi-me de que minha mulher era médium. Essa descoberta incomodou-a vivamente, e ela teria dado muito para que tal não tivesse sucedido. Lutou por muito tempo contra a força oculta que a lançava em estado de transe e que falava por intermédio de seu organismo, mas seus preconceitos acabaram por dissipar-se... Do mesmo modo que muitas outras pessoas pertencentes à classe operária, ela não tinha recebido outra instrução além da que se recebe nas escolas Primárias. Eis, entre outras coisas, o fato de que fui testemunha:

Em uma sessão em casa do Doutor Budd, à qual assistiam os Srs. Miller, Kimball, Kilburne e outros; ouvimos um concerto vocal, em língua espanhola, que durou mais de duas horas. Pouco depois de termos dado às mãos, minha mulher, uma jovem (a Srta. Scongall) e um moço que elas viam pela primeira vez caíram simultaneamente em estado de transe e começaram, a conversar correntemente entre si, em espanhol.

Depois de cerca de um quarto de hora de conversação, o trio levantou-se e entoou uma ária difícil, com palavras igualmente em língua espanhola; cada um cantava sua parte, e todos estavam de acordo perfeito. Eles nos fizeram ouvir doze trechos diversos, discutindo com animação, nos intervalos, acerca do novo trecho que tinham de cantar em seguida.

Depois da audição, os três médiuns voltaram a si e manifestou grande surpresa sabendo do que se tinha passado. O moço caiu de novo em transe, mas sob o domínio de outra influência, e deu-nos a explicação do que tínhamos visto: o concerto nos tinha sido oferecido por três espanhóis, irmão e duas irmãs, que tinham exercido a profissão de cantores durante sua existência terrestre, para ganhar a vida. Nessa noite, eles não se tinham manifestado unicamente para satisfazer a nossa curiosidade e nos instruir, mas também para provar que a festa de Pentecostes ainda estava em vigor.

Devo acrescentar que não é difícil estabelecer, da maneira mais absoluta, que nenhum dos três médiuns conhece, em seu estado normal, outra língua além da materna.

Durante algum tempo minha mulher se achou sob a influência de “Espíritos” alemães; ela falou e cantou em alemão em muitas noites consecutivas. Ninguém do nosso circulo compreendia essa língua. Desejoso de assegurar-me do fato, convidei um doutor alemão, o Senhor Euler, a ir a minha casa e dar-me sua opinião. Ele foi por duas vezes e conversou com a médium, em alemão, durante mais de uma hora em cada visita. Sua surpresa era grande, porém ainda maior a alegria por poder falar a língua materna.

Além do alemão, minha mulher falou o italiano, língua que lhe é igualmente desconhecida.

John Young.
Toledo, 9 de Abril de 1859.

Ao Senhor Juiz Edmonds.
Senhor:

Para dar andamento a seu desejo de conhecer exemplos de médium que fale em diversas línguas, venho informá-lo de que eu próprio sou médium e que me sucedeu estar sob a influência do Espírito de um índio e falar essa língua, que desconheço; não posso por conseguinte julgar até que ponto é correta minha pronúncia, mas, nesses últimos dias, fiz relações com um senhor que confessava ser céptico e não acreditar na existência de relações com o mundo dos Espíritos. Meu Espirito-guia lhe falou em língua indiana. No estado de clarividência, fiz-lhe a descrição de um chefe índio que tinha morrido, segundo o que me disse, dois ou três dias antes de sua partida de Jowa. Meu Guia reconheceu o Espírito do morto e apresentou muitas provas que estabeleciam sua identidade. O senhor de quem falo é mui versado na língua dessa tribo, que ele designou como a dos Pawnees. Inclusa vai uma carta particular que esse senhor me endereçou ao seu regresso a Jowa e da qual pode extrair as passagens que julgarem úteis.

Aceite, etc.
Sarah M. Thompson.

Eis as passagens mais interessantes da carta em questão:

Vinton (Jowa), 17 de Fevereiro de 1859.

Senhora:

Como sabe, não acredito nas teorias espíritas; estou persuadido, como dantes, de que isso não é outra coisa mais do que a manifestação da influência que o espírito de um homem exerce,sobre o de outro. Não me tendo ocupado muito com essas questões, não poderia dizer a que conclusões chegariam se me desse às pesquisas aprofundadas nesse sentido; mas há um fato que não consigo explicar a -mim mesmo, é o seu falar em língua indiana; essa linguagem era tão correta e característica, quanto a que se ouve nos bivaques índios...

Jacob Wetz.

Para os outros fatos do mesmo gênero, dos quais tive conhecimento, limitar-me-ei a breves indicações. No primeiro jornal espírita, o “The Spiritual Telegrapha,” edição em 8°, publicado em Nova Iorque por partridge (vol. III, 1854, pág. 62), encontra-se a narração seguinte:

“William Brittingam, cuja visita recebemos em nosso escritório, há alguns dias, comunicou-nos um fato interessante. Um certo Senhor Walden, médium falante, de Ellicotville, dirigiu-se recentemente as Springs (Fontes) pertencentes ao Senhor Chase. Na ocasião de sua chegada; enquanto ele ainda se achava no paiol, viu caminhar em sua frente uma jovem criada da casa, sueca, com a qual começou a conversar. Nenhuma das pessoas presentes compreendia a língua que falavam; o médium também não tinha consciência do que dizia. A moça, ouvindo que lhe dirigiam a palavra em sua própria língua, tinha tomado parte na conversação; ela parecia profundamente interessada, e sua emoção se tornou tão intensa que ela se desmanchou em pranto. Quando o Senhor Brittingam lhe perguntou pela causa de sua emoção, respondeu sumariamente: “Este homem conhece tudo quanto diz respeito a meus falecidos pai e mãe; perdi meu pai há seis meses; minha

mãe morreu há oito anos. Acabam de dizer-me que eles me falam por intermédio deste homem e que me poderão falar por outros médiuns."

"A moça, que nunca tinha visto coisa alguma semelhante, ficara perplexa; perguntava a si mesma como podia suceder que o Senhor Walden, um americano, que não conhecera sua família e ignorava completamente a língua sueca, lhe falasse de maneira tão misteriosa."

Em 1873, o Senhor Allen Putnam publicou a "Biografia da Senhora J. H. Conanb, médium falante, outrora muito conhecida na América, a qual transmitia centenas de comunicações, publicadas depois no. "Banner of Light".

A Senhora Conant era a primeira a desconfiar das comunicações que transmitia durante seu estado de transe. Sucedia-lhe freqüentemente estar sob a influência de Espíritos indianos que lhe deram o nome de "Tulular", isto é, "alguma coisa para ver através". "Como saber, dizia ela, se os sinais e as palavras empregados por Springflower e por outros são verdadeiros e corretos? Não tenho consciência do que digo, e nenhuma das pessoas presentes poderia decidir se há senso comum no que os Espíritos indianos me fazem dizer." Desejosa de saber o que havia de verdadeiro nessas manifestações, ela se aproveitava de todas as ocasiões favoráveis para verificá-las...

"Certo dia recebeu a visita do Coronel Tappan, membro da junta de Pacificação dos índios dos Estados Unidos (U. S. Indian Peace Commission), que era acompanhado por muitos senhores, um dos quais havia exercido, durante perto de quinze anos, as funções de agente, por parte do Governo, dos negócios referentes aos índios, e dizia conhecer a maior parte dos dialetos falados pelos aborígines. Era para ela unia excelente ocasião de realizar seus projetos de verificação. Springflower manifestou-se imediatamente e pôde conversar livremente com o antigo agente; ela parecia mesmo ter certa vantagem sobre esse último, pois que lhe sucedia algumas vezes procurar as palavras, ao passo que sua interlocutora parecia estar inteiramente à vontade. A Senhora Conant perguntou a esse senhor se ele acreditava que ela fosse compreendida pelos índios dessa tribo falando sob a influência de Springflower. Ele respondeu que em sua opinião não podia haver nisso a menor dúvida."

Passo em silêncio todas as comunicações escritas em línguas desconhecidas pelos médiuns. Os casos desse gênero são muito numerosos, mas, em regra, essas comunicações se reduzem a citações de diversos autores, mesmo algumas palavras destacadas, e pode-se sempre dizer que esses fragmentos foram conhecidos, ouvidos ou copiados, conscientemente ou não. Outras vezes são frases curtas que permitem sempre levantar uma dúvida acerca de sua origem. Deram-se realmente numerosos casos em que a convicção íntima dos assistentes era que o médium ignorava de maneira absoluta a língua que escrevia - e posso citá-los de minha própria experiência - mas são convicções pessoais, que é impossível fazer partilhar por um terceiro; esse gênero de manifestações não apresenta, por conseguinte, mais que um valor mui limitado, em comparação com a linguagem falada, da qual acabo de citar exemplos.

E preciso citar na mesma categoria de fatos as comunicações transmitidas pelos sinais telegráficos, ignorados pelo médium, o que equivale a escrever uma língua desconhecida. Podem ler-se pormenores a esse respeito no "Startling Facts", páginas 247-255. Um exemplo! interessante desse fenômeno encontra-se na "Biografia da Senhora Conant", de quem se falou mais acima, e cuja tradução é a seguinte:

"Depois de sua estada em Cummings House, em Boston, a Senhora Conant recebeu a visita de um desconhecido, o qual declarou que estudava os fenômenos espiríticos e desejava muito obter de seu amigo uma prova de identidade que ele ainda não tinha conseguido obter; acabava de ver um médium que morava em arrabalde afastado da cidade e que o tinha recomendado a Senhora Conant, declarando que em uma sessão com ela seu desejo seria satisfeito... Tomaram lugar... Subitamente a mão da Senhora Conant começou a executar movimentos bruscos, levantando-se e abaixando-se de maneira bizarra e irregular, de sorte que o lápis batia em cima do papel pancadas destacadas, repetidas com pressa. A Senhora Conant nada compreendia do que se passava, e, desesperada por obter um resultado qualquer e perturbada por tal insucesso, disse a seu hóspede: "E' inútil continuar. E claro que nenhum Espírito que possa comunicar convosco se acha aqui por ora. Há realmente alguém, mas não acha o meio de manifestar-se." Qual não foi sua surpresa quando o visitante lhe declarou que estava muito satisfeito, pelo contrário; que a sessão tinha dado bom resultado e que finalmente ele tinha obtido de seu amigo a prova desejada, que ele próprio a

escrevera, sem que ela se apercebesse disso. Dadas as explicações, a médium ficou sabendo que o visitante desconhecido era telegrafista de profissão, do mesmo modo que o amigo de quem ele esperava a comunicação para prova de sua identidade, ele devia comunicar consigo por meio de sinais telegráficos, e é o que a Senhora Conant acabava de fazer de maneira inteiramente mecânica, pois que ela não tinha a mínima idéia do alfabeto telegráfico, admirando-se da sessão não dar resultado algum. O visitante pôde convencer-se, dessa maneira, que a intermediária da comunicação, isto é, a médium, ignorava absolutamente o seu conteúdo."

O Senhor Crookes refere um fato muito notável, do mesmo gênero:

Em uma sessão com Home, a pequena régua aproximou-se de mim, deslizando sobre a mesa, à plena luz, e transmitiu-me uma comunicação, dando-me uma pequena pancada sobre a mão na letra precisa do alfabeto, que eu recitava. A outra ponta da régua repousava sobre a mesa, perto das mãos de Home.

"As pancadas foram dadas tão distintamente e tão nitidamente, e a pequena régua parecia estar tão por completo sob o domínio da força oculta que dirigia seus movimentos, que me julguei habilitado a perguntar: "A Inteligência que dirige os movimentos desta régua pode mudar o caráter desses movimentos e me dar uma comunicação telegráfica por meio de pancadas em minha mão, empregando o alfabeto de Morse?" (Tenho todo o fundamento de acreditar que o alfabeto Morse era desconhecido de todas as outras pessoas presentes; eu mesmo só o conhecia imperfeitamente.) Imediatamente o caráter das pancadas mudou e a comunicação prosseguiu pela maneira pedida. As letras me foram ditadas mui rapidamente, e só pude tomar nota de algumas palavras que consegui aqui e ali, de modo que o sentido da comunicação se perdeu para mim, mas o que eu tinha visto me indicou claramente que um bom telegrafista se achava na outra extremidade da linha, onde quer que fosse.s (Ver Crookes, "Researches", pág. 95.)

Para encerrar esta série de fatos, citarei ainda esse caso de uma criança que executou um trecho de música sem que nunca tivesse aprendido aquela arte, como a testemunha o Senhor N. Tallmadge, antigo senador e governador do Wisconsin, pai do médium. No prefácio de um livro que ele editou: "The Healing of Nations" (Cura das Nações), por Linton, Nova Iorque, 1858, diz:

No mês de Junho de 1853, ao meu regresso de Nova Iorque, onde observara diversas manifestações espiríticas, fui a casa de um médium-escrevente que morava em minha vizinhança e recebi uma comunicação na qual me aconselhavam que organizasse um círculo íntimo em minha casa, predizendo-me que um médium, que 1iavia de exceder a todas as minhas previsões, ia formar-se. Externei o desejo de conhecer o nome desse a médium, e recebi em resposta que seria minha filha. Qual? perguntei, pois tenho quatro. "- Emília", responderam-me. Convidaram-me em seguida para pôr ao piano minha filha Emília, quando as sessões fossem organizadas. "- Ensinar-lhe-eis a tocar?", perguntei. A resposta foi: "- Verás."

"Emília era minha filha mais moça, de treze anos. Observarei que ela não conhecia música, e nunca tinha tocado uma ária qualquer, pela simples razão de, na época de nossa chegada aqui, termos encontrado o país quase desabitado; era impossível ter um professor de música. Tudo quanto ela sabe, aprendeu-o comigo ou com alguém da família. Consegui em pouco tempo organizar um pequeno círculo íntimo. Apresentei a Emília uma folha de papel e um lápis. Sua mão começou a traçar linhas retas que formavam uma série de cinco linhas. Depois ela fez as notas e acrescentou os sinais. Feito isso, deixou cair o lápis e começou a bater sobre a mesa como sobre as teclas de um piano. Lembrei-me então que devia sentá-la diante de um piano; depois de um momento de hesitação, ela aceitou o meu convite e sentou-se ao piano com a firmeza de um artista consumado. Bateu resolutamente no teclado e executou a "Grande Valsa" de Beethoven, em estilo que teria feito honra a um bom músico. Depois tocou muitas árias conhecidas, tais como: "Sweet Home", "Bonnie Doon", "The Last Rose of Summer" (Última rosa do estio), "Hail to the Cheef" (Glória ao Chefe), "Lilly Dale", etc. Executou ainda uma ária desconhecida, cantando ao mesmo tempo as palavras improvisadas que se lhe referiam." (Pág. 61.)

Que dirá o Senhor Hartmann dos numerosos exemplos que acabo de citar? E' evidente que os fenômenos que se produzem contra a vontade e convicções do médium, e principalmente o emprego de uma língua que ele não conhece, nada têm de comum nem com a hiperestesia da memória, nem com a transmissão do pensamento, nem finalmente com a clarividência, que determinam a natureza da consciência sonambúlica. Essa última categoria de fatos tem uma importância capital em vista do veredicto categórico do Senhor

Hartmann, proclamando que iguais fenômenos não existem. Está aí, no domínio dos fatos intelectuais, o rubicão que o Senhor Hartmann não poderá transpor e, - do mesmo modo que para os fatos físicos da penetração da matéria - dessa vez ainda ele deverá depor as armas.

Como esses fenômenos não podem ser explicados por uma ação da consciência normal do médium nem por nenhuma ação da consciência sonambúlica, é preciso necessariamente procurar um terceiro fator. E, como não podemos descobri-lo no médium, somos coagidos a concluir que esse terceiro fator se acha fora do médium.

Mas, antes de ocupar-me com os fenômenos para cuja explicação o Senhor Hartmann julga necessário fazer exceção aos seus princípios metodológicos e recorrer a unia explicação metafísica sobrenatural (pág. 81), isto é, ao Absoluto, devo mencionar aqui fenômenos de caráter complexo que completarão e ilustrarão, por assim dizer, as conclusões que acabo de enunciar.

7. - Diversos fenômenos de gênero misto-composto.

O Senhor Hartmann nos diz: “A escrita em questão só é relativamente inconsciente, é consciente para a consciência sonambúlica latente; vemos a prova disso no fato de o médium, posto no estado de sonambulismo aparente, recordar-se do que escreveu em estado inconsciente e fornecer mesmo, a tal respeito, explicações verbais” (pág. 58); e mais adiante: “Se um médium, achando-se em estado sonambúlico, pode comunicar de viva voz o conteúdo exato de uma comunicação escrita, à distância, e acerca da qual não tinha conhecimento algum em estado de vigília, encontramos aí a prova absoluta de que a consciência sonambúlica do médium não é alheia à sua atividade mediúnica, que participa dela, de certa maneira.)” (Pág. 113.)

Por conseguinte, se um médium escreve em estado sonambúlico, e se não pode reproduzir de maneira exata, precisa, o que ele próprio escreveu, quer em estada sonambúlico, quer quando tiver voltado ao estado normal, ficaremos no direito de pretender que está aí “a prova irrecusável” de que a consciência sonambúlica do médium foi alheia à sua atividade mediúnica e de que não teve naquilo parte alguma.

Encontramos essa prova no fato seguinte:

“Um correspondente que se assina F.E. B., tenente do Exército Real, membro da Sociedade Real asiática, publicou no jornal “Knowledge” de 2 de Março de 1883 a narração seguinte referente à escrita por meio da prancheta:

“Pus-me a fazer, há algum tempo, experiências com a prancheta: eu estava convencido, então, de que essa escrita era produzida pela atividade inconsciente da pessoa que colocava as mãos em cima do aparelho (sendo excluída toda a possibilidade de fraude). Esta explicação, se é exata, deve fornecer curiosos esclarecimentos acerca da atividade do cérebro. Eu conhecia, por felicidade, uma pessoa com a qual a pequena régua escrevia sempre admiravelmente bem, de maneira que me pude entregar a diversas experiências interessantes. Quando eu colocava a sua mão sobre o pequeno aparelho (que eu mesmo tinha feito, e que constava de uma régua na qual eu tinha feito um orifício para nele fixar o lápis) e apresentava uma pergunta, a resposta era dada com admirável presteza, com maior rapidez que se empregaria em escrevê-la pelo processo natural; a escrita era mui legível, se bem que o seu caráter mudasse freqüentemente, diferindo sempre absolutamente da escrita do médium; considero esta particularidade como muito significativa. Essa senhora ignorava o que escrevia até à ocasião de fazer a sua leitura. Em muitos casos, a comunicação, assim transmitida, só era conhecida por mim ou por uma outra pessoa somente, das que estavam presentes, e não podia ser devida, segundo a teoria da ação inconsciente, senão a um efeito da leitura de pensamentos.

“Mas é principalmente a experiência seguinte que eu desejaria assinalar à vossa atenção: magnetizei essa senhora por muitas vezes. Como é o caso habitualmente, ela podia responder a diversas perguntas

durante seu estado de sono; mas ao despertar não se recordava mais de coisa alguma. (Farei notar, de passagem, que, se lhe sucedia perder um objeto qualquer no estado de vigília, ela podia indicar de cada vez, estando adormecida, o lugar em que tinha posto esse objeto.) Tive pois a lembrança de colocar suas mãos sobre a régua enquanto ela estava imersa em sono magnético. Recebi, como sempre, uma resposta à minha pergunta; antes de a ler, perguntei,à médium o que ela tinha escrito; estava persuadido de que mo diria imediatamente. Porém, não pôde fazê-lo.

"Não é uma prova de que as palavras escritas por ela não eram produto de seu cérebro, nem em sua atividade normal, nem no estado especial que caracteriza o sono mesmérico? Devemos, por conseguinte, ou admitir um terceiro estado, desconhecido até o presente, ou pelo contrário apelar para a idéia de um agente exterior, que não estou muito disposto a aceitar." ("Light", 1883, pág. 124.)

O erro do Senhor Hartmann provém de ter querido generalizar sua afirmação; pois, pelo fato de em grande número de casos a escrita ser obra da consciência sonambúlica, não resulta necessariamente que, em outros casos, ela não obedeça a uma sugestão de fonte estranha. A possibilidade dessa última origem é aparente no fenômeno seguinte, exposto pelo Senhor Young, a quem já conhecemos pelas citações que fizemos do "falar em línguas estrangeiras".

O Senhor Young refere o fato seguinte, que se deu por intermédio de sua mulher:

"Em uma sessão organizada em casa do Doutor Haskel, em presença do Doutor Budd e dos Srs. Kimball, Miller, Kilburne e outros, minha mulher falava em estado de transe, em nome de uma italiana que dizia chamar-se Leonor. Como minha mulher se prestasse freqüentemente a essas experiências magnéticas, um dos assistentes emitiu a suposição de que o "Espírito" que se manifestava não era outro senão o espírito do próprio magnetizador, que ali estava presente, entre os visitantes; ele propôs, conseguintemente, que o médium fosse subtraído àquela influência: o magnetizador devia mergulhá-la em sono mesmérico e tentar implantar-lhe a mesma personalidade.

"A médium foi imediatamente chamada ao estado normal e em seguida magnetizada. Obedecendo à vontade do magnetizador, ela começou a cantar com muito sentimento a ária bem conhecida de "Annie Laurie". Esse resultado encheu de satisfação às pessoas cépticas que acreditavam ver ai a demonstração de sua teoria. Mas o triunfo foi de curta duração: quando ela estava na metade do último verso, a força estranha arrancou-a subitamente à influência do magnetizador, que, desde aquele momento, não teve mais poder sobre ela. Todos os esforços que empregou para coagi-la a terminar a canção foram vãos. Então ele desejou, pelo menos, livrá-la daquela influência que a dominava; mas, pela primeira vez, perdeu toda a influência sobre o seu sensitivo. Vendo o caminho inesperado que tomava a experiência, um dos assistentes externou este desejo: desde que a médium se acha sob a influência do "Espírito" de uma italiana, sugiram-lhe que cante uma ária nessa língua. Por mais surpreendente que isso possa parecer, esse desejo foi realizado sem demora, e os assistentes ficaram encantados pela excelente execução do trecho. Não havia italianos entre nós, mas algumas pessoas sabiam essa língua muita bem para poderem julgar dela. Essas experiências foram repetidas por muitas vezes, e pudemos ouvir minha mulher falar italiano."

Neste caso, vemos que a sugestão do magnetizador visível teve que ceder à sugestão de um magnetizador mais poderoso, se bem que invisível.

Mas eis outro exemplo, ainda mais curioso: foi o magnetizador invisível que teve que ceder o lugar a outro magnetizador, igualmente invisível; talvez também uma comunicação ditada pela consciência sonambúlica da médium fosse subitamente interrompida por uma comunicação proveniente de outra fonte. Em carta publicada pelo "Religio Philosophical Journal" o Senhor Brittan, escritor espiritualista conhecido, refere assim esse fenômeno:

Em 1852, em certa manhã, eu assistia a uma sessão, em Greenfield, Mass., com o médium D. D. Home, que se tornou tão célebre mais tarde. Um dos assistentes recitava o alfabeto, e as comunicações faziam-se por meio de pancadas. Em dado momento, essas pancadas se tornaram muito fortes, e o sinal convencionado (cinco pancadas) nos advertiu de que o alfabeto era reclamado. Alguém fez a observação de que esse pedido não tinha sentido algum, visto que o alfabeto já estava sendo recitado. O mesmo sinal foi repetido, ao mesmo tempo em que a mesa dava violentos balanços, o que deu ocasião a que um dentre nós fizesse a reflexão de que a harmonia tinha sido substituída por medonha desordem. Acreditando ter adivinhado de que se tratava,

fiz notar que não era necessariamente uma desordem, que, talvez, outra individualidade tivesse interrompido a comunicação, tendo provavelmente que nos comunicar alguma coisa urgente. Minha suposição foi imediatamente confirmada por pancadas dadas em diversas partes do aposento, e por grande estremecimento da mesa. Comecei a recitar o alfabeto e recebi esta confirmação: “Volta para casa, teu filho está doente, parte imediatamente, ou então chegarás tarde.” Tomei a mala de mão e parti. Apenas me achei na rua ouvi o silvo do trem que chegava à estação; era o último trem pelo qual eu podia ir para casa naquela noite. Eu estava distante da estação cerca de um oitavo de milha; comecei a correr o melhor que pude e cheguei no momento em que o trem se punha em movimento. Apenas tive o tempo preciso de saltar para a plataforma de trás do último vagão. Ao chegar em casa, verifiquei a exatidão rigorosa da, comunicação espírita.”(“Light)”, 1881, pág. 260.)

Qual poderia ser, segundo o Senhor Hartmann, a causa dessa interrupção de comunicação? E' evidente que ela não residia no médium. Seria talvez um “despacho telegráfico” da consciência sonambúlica de um dos membros da família Brittan? Mas o Senhor Hartmann não admite as comunicações a grande distância, a não ser sob a forma de alucinação - tese que discutiremos mais tarde -, ao passo que no caso considerado ela se efetuou por meio de pancadas e de movimentos da mesa. Além disso, de que maneira a consciência sonambúlica teria tido conhecimento da aproximação do trem? Eis ainda um caso semelhante. A causa da interrupção não é determinada; entretanto nada permite acreditar que essa causa deva ser procurada no próprio médium. Tiro a narração do fenômeno de que se trata ao reverendo Adin Ballou, em uma citação do professor Rob. Hare (“Experimental Investigation of the Spirit Manifestations”, 1602).

“Os agentes ocultos me haviam convidado a fazer, em lugar indicado e em determinada ocasião, um sermão sobre um tema qualquer, com a promessa de manifestar sua aprovação por meio de pancadas; o que foi executado com rigorosa exatidão. Certo dia, no decurso de uma sessão, a pergunta seguinte foi soletrada, sem que a lembrança de tal coisa tivesse ocorrido a quem quer que fosse: - “Escolheste o tema de teu sermão do domingo próximo?” - “Sim, um só, respondi; não me indicarás um tema para meu sermão da noite?” - “Sim” - “Qual?”. A comunicação começou pela letra O, e deteve-se. Eu ainda estava a admirar tal interrupção, quando outra individualidade invisível se manifestou, mas substituindo as pancadas por movimentos da mesa. Ela me informou que seu predecessor, o Espírito batedor, tinha sido chamado a outra parte, por pouco tempo, e que não tardaria em voltar. Efetivamente, um quarto de hora depois, meu primeiro interlocutor recomeçou a comunicação interrompida e terminou-a assim: segundo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, versículos 12 e 13. Nenhum dos assistentes podia recordar-se do texto designado, que se verificou ser muito apropriado a um sermão naquele dia.”

Se essa interrupção fosse obra da consciência sonambúlica, a que razão plausível é preciso atribuir a substituição das pancadas por movimentos da mesa?

Eis outro caso, finalmente, em que nos é forçoso escolher entre a admissão de um terceiro fator e o álibi da consciência sonambúlica:

“A jovem Mary Banning, médium, achando-se em casa do Senhor Moore, em Winchester (Conn.) a 14 de Junho de 1852, tinha chamado o Espírito de seu irmão, Josiah Banning; mas, contra seu hábito, ele próprio não se manifestou. O convite foi repetido durante toda à noite, porém em vão. Finalmente, a última hora, na ocasião em que todas as pessoas presentes iam retirar-se para se deitar, a presença de Josiah Banning foi bruscamente anunciada. O Espírito declarou que não atendera aos chamados que lhe dirigiram na primeira parte da noite, porque ele passara todo o dia na companhia de sua irmã Edith. A moça Edith Banning estava em Hartland (Conn.), a 16 milhas dali, como mestra de escola. Pouco tempo depois Mary Banning recebia uma carta de sua irmã Edith, escrita no dia seguinte pela manhã do dia em que se tinha realizado em casa do Senhor Moore a entrevista espírita da qual acabo de falar, e a moça Edith dizia que dosiah tinha passado perto dela todo o dia precedente e que sua visita a tinha impedido de dormir durante toda à noite.” (S. R. Brittan e Richmond, Uma discussão sobre os fatos e a filosofia do Espiritualismo antigo e moderno”, Nova Iorque, 1853, página 289.)

Eis duas irmãs médiuns, as moças Mary e Edith Banning, cujas consciências sonambúlicas deveriam estar de perfeito acordo, agir harmonicamente, e às quais o pretendido Espírito de Josiah Banning, seu irmão,

deveria ter-se manifestado ao mesmo tempo! Entretanto, da narração que acabamos de citar, resulta que sucederam as coisas de modo diverso.

Ainda posso fazer menção aqui de uma experiência que foi feita em minha presença, em círculo íntimo; esse fato pertence antes à primeira série, mas coloco-o aqui como introdução, ao que se segue, onde figurarão as mesmas personagens.

A 17 de Outubro de 1873, terça-feira, eu assistia em Londres a uma sessão dada por uma médium de profissão, a Senhora Olívia; um dos Espíritos que ela invocava, Hambo, que pretendia ter sido um negro da Jamaica, dirigiu-me a palavra e disse-me entre outras coisas que gostava de ocupar-se da formação dos médiuns. Notando a esmeralda do anel que eu tinha no dedo, disse-me "que não apreciava a esmeralda, porque suas emanações são más"; porém acrescentou que essa pedra não me prejudicava, por ser lembrança de um amigo, o que era verdade: esse anel me tinha sido dado por V. J. Dahl. Disse também que ele e os Espíritos em geral preferem o brilhante como símbolo da pureza. -"Sua mulher, diz ele, tem um brilhante no anular da mão esquerda" (o que era exato). "Estás vendo-o?", perguntei-lhe. "Sim, é uma médium notável (o fato também era exato), uma excelente mulher: sua mão esquerda ignora o que dá a direita" (o que era verdade ainda).

Hambo prometeu ir visitar-nos em São Petersburgo a fim de contribuir para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas de minha mulher, e combinamos em que sua primeira visita fosse na quinta-feira a contar de 17 de Outubro, isto é, a 20 de Novembro, às 8 horas da noite, e que ele se comunicaria por pancadas, pois que minha mulher não falava, em estado de transe. Eu tinha escolhido a terça-feira porque era o dia em que tinha o hábito de fazer com ela sessões inteiramente íntimas. Logo depois de meu regresso a São Petersburgo, recomeçamos nossas sessões; a ninguém eu tinha dito coisa alguma acerca da promessa que Hambo me tinha feito, e, quando comecei a sessão de 20 de Novembro, estava naturalmente preocupado com essa idéia, e, quando perguntei a mim mesmo se Hambo realizaria ou não a promessa, inclinava-me pela afirmativa. Entretanto, nada sucedeu. Essa falta não era de minha mulher, parecia-me evidente, pois que essa sessão não deixou de dar resultados e porque tivemos uma comunicação proveniente de outra parte. Assim, pois, sua consciência sonambúlica funcionava, e era realmente o momento de ler em nossos pensamentos e de fazer com que Hambo falasse.

As condições eram das mais favoráveis, pois que, como o diz o Senhor Doutor Hartmann, um médium tem sempre grande interesse em adivinhar os pensamentos, conscientes e latentes, dos espectadores, pois que seu interesse é fazer comunicações surpreendentes, e nada impressiona mais ao "bom senso" dos assistentes do que ver comunicar coisas que eles acreditam ser os únicos a saber, ou que escapam mesmo à sua consciência no estado de vigília. E preciso, pois, supor sempre no médium a vontade de perceber. Sucede-se ao médium trabalhar perante pessoas que, de seu lado, têm igualmente interesse em que se dêem fenômenos admiráveis, então o desejo de apoiar o médium e de lhe aplainar tanto quanto possíveis todas as dificuldades, deve necessariamente desenvolver-se nessas pessoas, o que dará em resultado incitar a vontade inconsciente a transmitir a idéia. Além disso, no decurso das sessões as mãos dos vizinhos se tocam, condição muito favorável à transmissão dos pensamentos. (Pág. 72.)

Por que razão, pois, essa transmissão não se deu, pois que as condições requeridas estavam ali reunidas?

Como quer que seja, a experiência não deu resultado; não fiquei surpreso, sabendo quão pouco nos devemos fiar dessas espécies de fiscalização, e não pensei mais em tal coisa. Não tendo que me felicitar com os resultados de minha tentativa, a ninguém falei nisso. Na terça-feira seguinte, fizemos uma pequena sessão de três pessoas, em companhia do professor Boutlerow. Apaguei a luz, ficando o aposento suficientemente iluminado pelo gás da rua. O alfabeto inglês foi pedido; repeti-o, e escrevi as letras indicadas pelas pancadas do pé da mesa em roda da qual estávamos reunidos. Não podendo acertar com o sentido das palavras traçadas, parei para acender a vela e orientar-me; minha mulher já estava em estado de transe, e, no papel, li as letras seguintes:

"**gamhereanewaslasttemewthyou."**

Compreendi que se soletrava alguma coisa que poderíamos compreender mais tarde; por conseguinte, tornei a apagar a luz e comecei a recitar o alfabeto; entretanto, não conseguia descobrir o sentido das sílabas

reunidas. Finalmente, quando terminou a comunicação, acendi a vela, e examinei o que tinha escrito durante esses últimos instantes, e li o que se segue:

As I promised, but I cannot yet take entirely control over her. - Hambo. (Como o tinha prometido, mas não posso tomá-la ainda completamente à minha conta. - Hambo.)

As letras tinham sido indicadas muitas vezes por pancadas dadas na mesa, e na última palavra essa executou movimentos violentos. Minha mulher, que tinha estado em transe durante toda a sessão, voltou a si placidamente no final da comunicação.

Então comecei a decifrar a primeira frase, e, substituindo algumas letras, obtive a frase seguinte: I am here and was last time with you. (Estou aqui e estava perto de ti na última vez.)

Porque então a consciência sonambúlica da médium descobria em meu cérebro a imagem de Hambo e a personificava, quando essa imagem não mais se achava em meu cérebro, a não ser em estado latente?

Já que acabo de falar de Hambo, posso agora citar uma experiência absolutamente única nos anais do Espiritismo e que encontra o seu lugar neste capítulo:

Na sessão seguinte éramos ainda três e aguardávamos a vinda de Hambo; mas, em vez do alfabeto inglês, pediu-se o alfabeto russo. Depois de algumas frases referentes à mediunidade de minha mulher, todas as quais interpretamos, pedem de novo o alfabeto. Eu tinha apagado a luz, e recitava e inscrevia as letras russas, sem poder lê-Ias, e fiz observar que eu tinha escrito em letras russas y u h (*), que provavelmente era a palavra inglesa which, e que era preciso recitar o alfabeto inglês. (E' preciso explicar aqui que as três letras russas pronunciam-se u, i, tsch, ou, juntamente, como a palavra inglesa which.) Comecei por conseguinte a soletrar em inglês; imediatamente a comunicação parou. Acendi a vela, e vi que tinha escrito de maneira absolutamente correta Youh wife, “sua mulher” (na escrita, a letra r é igual ao h russo).

(*) Nota da Editora - Por não possuirmos o tipo, representamos por um “h” a letra russa, mais ou menos semelhante a um “h” invertido.

Assim não eram, como eu o tinha pensado a princípio, as letras russas y u h, porém a palavra inglesa your, e era essa palavra que tinha sido soletrada enquanto eu recitava o alfabeto russo; por conseguinte, aquele que ditava se tinha servido da forma das letras russas que se refletiam em meu pensamento, à proporção que eu repetia as letras, para compor dessa maneira uma palavra inglesa.

Eu já tinha tido oportunidade de ver por muitas vezes darem-se comunicações em língua estrangeira com letras russas, segundo sua semelhança de som com letras estrangeiras, quando era o alfabeto russo que era soletrado, - e foi por essa razão que tomei as letras russas y u h pela palavra inglesa which, - mas foi a primeira e única vez em que vi servirem-se da forma das letras russas, correspondendo à forma das letras de outra língua. Repito-o, não encontrei em parte alguma a narração de um fato semelhante, e acredito poder acrescentar que não há outro nos anais do Espiritismo.

Pode-se indagar por que motivo a consciência sonambúlica de minha mulher, que dispunha igualmente do alfabeto russo e do alfabeto inglês, não pediu imediatamente o alfabeto inglês, ou, finalmente, porque não soletrou as palavras inglesas servindo-se de letras russas que tivessem a mesma consonância; a palavra your, por exemplo, reproduz-se facilmente e mui exatamente por outras letras russas. Porém, não! o alfabeto russo foi utilizado exatamente da mesma maneira que o teria feito um estrangeiro que não conhecesse tal alfabeto e escolhesse somente letras que se assemelhassem pela forma às letras de sua língua.

Fenômenos desse gênero, que permitem supor a intervenção ativa de um terceiro fator, são numerosos no Espiritismo, mas deram-lhe geralmente pouca importância. Veja-se o que diz o Doutor Wolfe acerca do célebre médium Mansfield, que escrevia com ambas as mãos ao mesmo tempo em que falava:

“Vi o Senhor Mansfield escrevendo na mesma ocasião duas comunicações, uma com a mão direita, a outra com a esquerda, e isso em língua que desconhecia por completo. Enquanto se entregava a essa dupla ocupação, conversava comigo acerca de assuntos diversos ou prosseguia em uma conversação começada antes de seu trabalho gráfico a duas mãos, dessa maneira, enquanto me falava de modo mui sensato, suas mãos também conversavam.

“Recordo-me com muita exatidão de que certo dia o Senhor Mansfield, enquanto escrevia com as mãos, em duas línguas, disse-me: “Wolfe, conhece na Colômbia um homem chamado Jacobs?”Respondi afirmativamente. Ele continuou:“Ele está aqui e deseja anunciar-lhe que deixou o invólucro mortal hoje de

manhã.”Tive a confirmação dessa notícia. O fato passou-se a uma distância de algumas centenas de milhas. Que explicação se pode dar dessa tríplice manifestação intelectual?”(Wolfe “Startling Facts in Modern Spiritualism”, Cincinnati, 1874, pág. 48.)

O reverendo J. B. Fergusson, na página 57 de seu livro “ Supramundane Facts” (Londres, 1865), dá testemunho de um fato semelhante. Um caso análogo, dado recentemente, é referido nos “Proceedings” (Memórias) da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, do ano de 1887, pág. 222.

O Senhor Crookes conta um caso semelhante: “Vi a Srta. Kate Foi (mais tarde Senhora Jencken) escrever automaticamente uma comunicação dirigida a uma das pessoas presentes, ao mesmo tempo em que fazia uma comunicação a outra pessoa, sobre assunto inteiramente diverso, por meio do alfabeto interpretado por pancadas, conversando, durante esse tempo, com uma terceira pessoa, acerca de coisas que nada tinham de comum com essas comunicações.” (Crookes, “Pesquisas”, pág. 95.)

Finalmente, eu mesmo me recordo de que certo dia estando a Senhora Jencken em minha casa, em meu gabinete de trabalho, sentada à mesa, recebeu uma comunicação por escrito, e ao mesmo tempo se faziam ouvir pancadas perto dela, à direita e à esquerda, não alternativas, porém simultâneas.

Em fenômenos físicos, há numerosos exemplos em que um trecho de música foi tocado em muitos instrumentos (até seis) ao mesmo tempo, o que permite concluir pela pluralidade de centros agindo conscientemente. Vede, por exemplo, o número 372 de “Light”.

Vou fechar este capítulo, mencionando um fato dos mais extraordinários, que se deu no começo do movimento espírita e cuja narração foi publicada no “ Rochester Daily Magnet”, de 26 de Fevereiro de 1850, com a assinatura das oito pessoas que tinham estado presentes. Encontrei esta narração no livro do Senhor Capron, “Espiritualismo Moderno” (págs. 82-87); porém só publicarei aqui um breve resumo.

Trata-se de uma comunicação idêntica dada, ao mesmo tempo, por pancadas, em dois aposentos da mesma casa, afastados um do outro.

O Senhor Draper tinha em sua família uma clarividente; dirigiu-se por seu intermédio ao Espírito de Benjamim Franklin, que ela pretendia ver, e apresentou-lhe esta pergunta: “Podem-se receber comunicações por meio de pancadas, em dois lugares separados?”

Depois da resposta afirmativa de Franklin e observando as instruções que ele tinha dado, as duas moças Catarina e Margarida Fox foram convidadas pelo Senhor Draper, assim como por alguns de seus amigos, a reunir-se a 15 de Fevereiro seguinte. Uma parte da assistência, com um dos médiuns, ficou no salão; e a outra, com o segundo médium, dirigiu-se a um aposento situado no extremo oposto da casa. Ouviram-se pancadas ao mesmo tempo nos dois grupos.

Mas como se dessem interrupções a cada instante pela entrada de recém-chegados, os assistentes que se conservavam no salão receberam pouco depois esta comunicação: “As coisas não estão organizadas como pedi, eis porque não podem fazer a experiência atualmente. Não devem estar mais de quatro pessoas em cada aposento.”

Quando o primeiro grupo se juntou ao segundo, verificou-se que as comunicações recebidas dos dois lados eram absolutamente idênticas.

Uma segunda sessão foi fixada para 20 de Fevereiro, e dessa vez as instruções de Benjamim Franklin foram seguidas à letra. O primeiro grupo recebeu esta comunicação: “Agora estou pronto, meus amigos. Grandes transformações produzir-se-ão no XIX século. As coisas que lhes parecem obscuras e misteriosas tornar-se-ão compreensíveis. O mundo ficará esclarecido. Assino meu nome: Benjamim Franklin. Não entrem no outro aposento.”

O segundo grupo tinha recebido a mesma comunicação; somente a última frase estava modificada assim: “Vão à sala de visitas, e confrontem as notas que tomaram.” (Pág. 86.)

Que explicação natural se pode dar deste fato? E uma transmissão inconsciente de pensamentos entre dois médiuns distanciados um do outro? Devendo os dois médiuns funcionar ao mesmo tempo, as transmissões de impressões deveriam entrecruzar-se e juntar-se confusamente. Supondo-se que uma comunicação seja dada a princípio por um médium e reproduzida imediatamente pelo outro, as dificuldades não seriam menores. E' preciso suspeitar que os médiuns tinham preparado as duas comunicações idênticas,

antes da sessão? Mas não se deve esquecer que os médiuns eram duas crianças e, além disso, que nunca médium algum produziu pancadas à vontade!

Todas essas tentativas de explicações se desfazem perante o fato preciso de que na primeira reunião os médiuns não sabiam nem sequer que eram convidados para uma experiência especial e que ignoravam em que ela devia consistir, - assim como o afirmou formalmente o Senhor Draper. (Pág. 84.)

8. - Comunicação de fatos desconhecidos do médium e dos assistentes.

Vamos estudar agora uma série de fatos para cuja explicação o próprio Senhor Hartmann reconhece "que é preciso recorrer a uma explicação metafísica, transcendente" (pág. 81). Trata-se de "comunicações transmitidas a grande distância, e da clarividência propriamente dita". Mas não se compreende a relação que o Senhor Hartmann pretende encontrar entre essas manifestações e o Espiritismo.

Falando da transmissão a grande distância, ele diz que o Espiritismo "não apresenta ainda nenhum documento desse gênero" (pág. 73), e, tratando da clarividência, procura explicar - para uma parte dos fatos - por suma mediação sensorial qualquer", que "age sobre a percepção dos sentidos" (pág. 74); tais são,os fatos de emanação individual dos homens ou dos. animais, por exemplo: a sensação da presença de um gato que ninguém vê; a designação entre muitos copos cheios d'água daquele no qual o magnetizador mergulhou o dedo; a indicação exata da hora na qual se fez parar um relógio ao acaso, estando ele fechado; leitura de divisas ou pensamentos em folhas de papel encerradas em avelãs; leitura de palavras escolhidas ao acaso e que se ocultam com o dedo; escrita direta reproduzindo o texto de uma página qualquer de um livro fechado; designação pelos sonâmbulos da moléstia de uma pessoa que não conhecem e da qual se lhes faz tocar uma mecha de cabelos; visões de multidões de elefantes e de erupção de vulcões, provocadas pelo contacto de um fragmento de dente de elefante ou de um bloco de lava, etc.

Para um outro grupo de fatos, o Senhor Hartmann pretende que "a relação é estabelecida não por uma percepção sensorial, mas por um ato da vontade (afeição profunda, amizade, patriotismo, nostalgia, etc.); por exemplo: as visões de acontecimentos que se dão em lugar muito distante (guerras, incêndios, tremores de terra); as visões de acontecimentos futuros: previsão de mortes com pormenores insignificantes; as visões de cortejos fúnebres; previsão de um incêndio, de uma fulminação, etc." (Págs. 76-77.)

Todos esses fenômenos - à exceção da leitura sem o auxílio dos olhos - e principalmente os da última categoria, que o Senhor Hartmann apresenta como fatos de "simples clarividência" (pág. 79), têm pouca relação com os fenômenos espíritas; pertencem ao domínio da segunda vista e da clarividência magnética.

O Senhor Hartmann não indicou quais são, em sua opinião, as comunicações espíritas que devem ser explicadas pela clarividência, e não se deteve em nenhum dos exemplos citados para entrar em explicações e para aplicar-lhes sua teoria.

Devemos, pois, supor que esses fatos são todos aqueles que não se podem explicar pela hiperestesia da memória. Por conseguinte, é preciso examinar esses fenômenos para ver como a hipótese do Senhor Hartmann lhes pode ser aplicada. Comecemos pelos únicos fatos aos quais o Senhor Hartmann faz alusão e que explica pela clarividência, recorrendo a "uma mediação sensorial qualquer".

a) A visão às escuras e em lugares fechados.

O fenômeno da leitura sem o auxílio dos olhos foi positivamente provado pelas numerosas experiências feitas no domínio do sonambulismo; é certo que é o resultado de uma espécie de clarividência. Mas a teoria da clarividência tal qual é exposta pelo Senhor Hartmann é a única possível e pode aplicar-se indiferentemente a todos os fatos? - Eis a questão. Temos sempre necessidade de recorrer à "onisciência do Espírito Absoluto" (79), o que não passa de um recurso in extremis para a divindade?

Para nos podermos orientar nessa questão, é-nos preciso voltar a certos fenômenos físicos do mediunismo ou antes insistir sobre certas particularidades desses fenômenos, por exemplo: eles podem produzir-se em escuridão completa com absoluta precisão. E' assim que, para as manifestações físicas é de uso fazer completa escuridão durante as sessões; é mesmo uma condição essencial para obter-se a produção desses fenômenos. Nessas sessões, como se sabe, instrumentos de música giram acima da cabeça dos assistentes, sem nunca se chocar com eles; grandes caixas de música deslocam-se, vão pousar em uma cabeça, mui suavemente, com perfeita precisão; quando os assistentes são tocados por mãos, o contacto se faz sem a menor hesitação, segundo sua própria fantasia ou segundo as indicações dadas pelo assistente indicado. Fica-se convencido imediatamente de que a força produtora das manifestações vê, às escuras tão distintamente quanto nós mesmos à luz..

Por muitas vezes verifiquei este fato em segredo. Assim, no decurso de uma sessão feita às escuras em casa do Senhor Everitt, em Londres, um dos Espíritos-guia, John Watt, tinha o hábito de entreter longas conversações viva voce por meio de um tubo de papelão colocado sobre a mesa, e sua voz saía desse lugar. Achando-nos sentados em roda da mesa, completamente às escuras, e sem fazer a cadeia, levantei o braço direito, desejando que minha mão fosse tocada pelo tubo, tudo isso sem dizer coisa alguma a meus vizinhos. No momento preciso em que estendi o braço, os dedos receberam na extremidade muitas pancadas dadas com o tubo. De outra vez, em uma sessão às escuras com a Srta. Kate Cook, formávamos a cadeia; não podendo mover a mão, apenas levantei o index com o desejo de que ele fosse tocado; o resto da mão estava imóvel; imediatamente,dois dedos me tomaram a unha e apertaram-na.

Em minhas experiências com Bredif, quando ele estava em transe atrás de uma cortina de fazenda, sucedeu-me freqüentemente aproximar a mão da cortina e imediatamente sentia que no espaço sombrio dois dedos vinham através da fazenda chocar-me a mão ou apertá-la. O próprio aposento estava meio escuro, e teria sido impossível para um olho ordinário ver através da cortina o movimento e o lugar de minha mão. Admitindo-se mesmo que meu desejo tenha sido conhecido pela "leitura do pensamento", isso não bastaria para explicar como se podia conhecer exatamente o local onde eu colocaria o dedo e a mão. Pode-se fazer interessante experiência do mesmo gênero traçando um esboço em papel que se colocará em cima da mesa, com uma tesoura, durante uma sessão às escuras; ouvir-se-á a tesoura cortar o papel e recortar exatamente a figura desenhada.

No "Light" de 1886 (pág. 604) encontrar-se-á uma narração interessante de experiências desse gênero, instituídas em Moscou, pelo Senhor Yarkorski, com o médium Eglinton. São bem conhecidas as experiências de escrita direta e de leitura, realizadas no escuro; até mesmo se podem notar casos de leitura de um texto desconhecido de todos os assistentes. Vejam-se também as experiências elétricas às escuras, feitas por Varley ("Relatório da Sociedade de Dialética", parte H).

O Senhor Hartmann falou extensamente acerca de todos esses fenômenos; ele explica a sua parte física pela força nervosa do médium e a parte intelectual por sua consciência sonambúlica. O que ele não explica, porém, é a ação e a visão às escuras.

Ser-se-ia tentado a imaginar que essa faculdade tão característica da visão às escuras é uma das virtudes extraordinárias da consciência sonambúlica; mas é preciso, parece, concluir pela negativa, pois que, se assim fosse, o Senhor Hartmann não teria procurado explicar pela clarividência este fato: "que um médium pode ler uma palavra que o magnetizador encobre com o dedo" (página 75), - experiência feita pelo Senhor Crookes com uma senhora que escrevia por meio da prancheta ("Pesquisas acerca dos fenômenos do Espiritualismo", pág. 168) - ou ainda, "casos de cópia de uma página de um livro fechado" (pág. 75). A explicação desses fenômenos não deveria ser mais difícil de encontrar do que a de todos os outros, pois que a força nervosa penetra a matéria sem dificuldade alguma (ver as experiências de Zoellner quanto às impressões e a escrita obtida entre duas ardósias) e porque o médium, em estado de transe, atrás da cortina, vê perfeitamente os

assistentes e os objetos que ele faz moverem-se, segundo suas alucinações; por conseguinte, ver através de um dedo ou das páginas de um livro fechado não é mais difícil, e equivale à leitura às escuras sem o auxílio dos olhos.

Como quer que seja, é evidente que a produção desses fenômenos às escuras implica um gênero de clarividência, e toda a questão consiste em saber como explicá-lo.

Temos que escolher dentre duas teorias. Em primeiro lugar a do Senhor Hartmann, que opina por um "saber absoluto" que seria uma das faculdades da "alma individual" e que não é, em última análise, mais do que uma função do "indivíduo absoluto" (pág. 79). Dessa maneira, quando na escuridão completa a força nervosa recorta a figura desenhada em papel e escolhe-se, dentre muitos lápis de cores colocados entre duas ardósias, o indicado para escrever, - a clarividência necessária a essa operação é uma função do indivíduo absoluto! Mas, segundo a teoria que reconhece em nós a existência de uma individualidade transcendente, a ação física a distância é produzida pelo desdobramento ou pela projeção de um membro do organismo do indivíduo transcendente, e a visão às escuras nada mais é do que uma de suas funções, pois que suas faculdades de percepção são transcendentes sem que por isso sejam funções do absoluto. Esta teoria refere o fenômeno a uma causa natural, simples e racional, e tem o mérito de não se fundar no "sobrenatural", ao qual o Senhor Hartmann se julga coagido a ter recorrido.

Que a faculdade de clarividência não é uma função do absoluto, porém uma função orgânica transcendente - mais ou menos defeituosa, ou mais ou menos perfeita, segundo a qualidade do organismo transcendente -, pode-se verificar por uma série de experiências feitas em certa ordem, isto é, eliminando pouco a pouco as possibilidades de explicação por outras hipóteses.

Nessa ordem de idéias, fiz algumas experiências muito interessantes. Vai para dez anos, assisti a uma série de sessões mediúnicas, organizadas em um círculo rigorosamente íntimo, que constava de minha cunhada, senhora idosa, de meu genro e de mim mesmo. Nosso intuito era obter, não fenômenos físicos, que eu tinha tido freqüentemente ocasião de ver, porém manifestações intelectuais, para estudá-las a fundo. Naquela circunstância, toda suspeita de fraude foi evitada incontestavelmente; empregamos por conseguinte um modo de experimentação inteiramente primitivo e que deu resultado em grande número de casos: um alfabeto impresso é colado em um pedaço de papelão; pequena régua, pontuda de um lado, é colocada em cima do papelão, e serve de indicadora; os experimentadores colocam as mãos por cima, e ela se põe em movimento, indicando as letras.

Meus dois parentes em questão nunca tinham feito de experiência acerca de sua mediunidade. Era sua estréia. Instalei-os na mesa, indagando se essa sessão podia dar resultados quaisquer. Verificou-se que eles tinham faculdades mediúnicas notáveis. No começo, houve inclinações da mesa, e foi por esse meio que nos foram indicadas as letras do alfabeto que um de nós recitava. Esse processo nos pareceu muito moroso, e tivemos que recorrer a outro meio. Quanto a mim, não possuo a menor mediunidade, e meu concurso resumia-se a inscrever, em uma outra mesa, as letras que me ditavam.

Essas sessões deram resultados muito interessantes. Eram organizadas no intuito de estabelecer até que ponto as "comunicações" podiam ser atribuídas à nossa ação pessoal inconsciente e se elas são de natureza a coagir-nos a admitir a existência de um agente exterior, inteligente. Sucedia-nos receber comunicações incoerentes; às vezes nossos esforços eram completamente estéreis; porém, em outras vezes obtínhamos manifestações notáveis. Publiquei algumas dessas comunicações em meu jornal "Psychische Studien" sob o título: "Enigmas filológicos, por via mediúnica".

Neste lugar, citarei um fato a que se poderia chamar enigma psico-fisiológica. De tempos em tempos chegavam-nos comunicações inteiramente distintas das que recebíamos habitualmente, quer pelo conteúdo, quer pelo estilo e ortografia. Nosso correspondente misterioso começou em pouco tempo a simplificar singularmente a ortografia russa, não prestando atenção às consoantes dobradas, etc. Apesar de todas as nossas instâncias, recusava-se a se dar a conhecer; não dizia o nome e acolhia ironicamente os esforços que eu empregava para procurar definir a individualidade dessa Inteligência que se nos manifestava; entretanto, ele se prestava às experiências que eu propunha.

Eis o diálogo que se estabeleceu entre nós em uma sessão, a 10 de Março de 1882: - Tu nos estás vendo?

- Sim.
- Vês também as letras do alfabeto?
- Sim.
- Com teus olhos ou com os nossos?
- Com uns e outros.
- E, se os médiuns fechassem os olhos, poderias ver as letras?
- Sim, isso pouco importa; é um pouco mais difícil. - Tens um órgão especial para a vista?...

Nesse momento os médiuns fecham os olhos; a régua faz movimentos que acompanho atentamente, sem tocar na mesa, e indica com correção a resposta seguinte

- Temo-lo.
- E um órgão corpóreo?...

Os médiuns fecham os olhos de novo; a régua indica uma série de letras com as quais não consegui formar uma palavra qualquer; o alfabeto estava às avessas para mim; coloquei-me do outro lado da mesa e pedi que a palavra fosse repetida; a régua fez exatamente os mesmos movimentos, mas eu não consegui ainda compor uma palavra. Então pedi aos médiuns que abrissem os olhos e a meu interlocutor que soletrasse ainda uma vez a mesma palavra. A régua indicou a palavra

- Certamente.

A confusão tinha sido causada pelo fato de a régua ter-se detido precedentemente em uma letra vizinha. Sucede freqüentemente, nessas espécies de sessões, a régua não chegar até à letra precisa; fato análogo pode dar-se igualmente quando as letras são indicadas por meio de pancadas pelo pé da mesa.

Numerosas experiências desse gênero foram feitas pelo professor R. Hare, que trata delas em seu livro; ele tinha construído seus instrumentos de tal maneira que o médium não podia ver o alfabeto. Eu mesmo, em minhas primeiras sessões de Espiritismo, procedi da mesma maneira; no meio de uma comunicação feita com um alfabeto de papelão colocado em cima da mesa, levantei o alfabeto e mantive-o muito elevado, à altura dos olhos, continuando a indicar as letras, de tal maneira que só eu podia vê-Ias; entretanto, a comunicação continuou. Recentemente encontrei a narração de uma experiência semelhante no volume XI das “Memórias da Sociedade de Pesquisas Psíquicas”, pág. 221. Para maior precaução - quando os olhos do médium foram vendados -, tinha-se feito uso de outro alfabeto, que o médium não tinha visto antes e cujas letras estavam dispostas sem ordem alguma. O resultado foi o mesmo.

Em todos esses casos há entretanto olhos que vêem, - os olhos dos assistentes. Poder-se-ia pois supor que o médium opera por transmissão telepática inconsciente as letras que os assistentes vêem; mas essa suposição não é razoável, pois que os assistentes não vêem senão o conjunto do alfabeto, e sua atenção só se fixa em uma letra quando ela já está indicada pelo médium; supondo por um instante geie a comunicação emane de maneira inconsciente do cérebro de um dos assistentes, letra por letra, não teria havido por parte do médium mais do que uma leitura de pensamento; ele teria repetido essas letras, mas isso não o teria auxiliado a encontrar e a. indicar essas letras sobre o alfabeto impresso; em todo o caso, um certo grau de clarividência é entretanto necessário; em minha experiência, por exemplo, eu só olhava para o alfabeto quando a régua parava em uma letra.

Continuo a narrar as experiências que fiz, organizando-as de maneira a excluir toda participação possível dos olhos de quem quer que seja. Aproveitei-me da primeira oportunidade que se apresentou para terminar minhas investigações. Em uma sessão que se realizou a 28 de Abril, disse a meu interlocutor:

- Diversas questões e dúvidas suscitam-se a respeito de tua faculdade de ver. Disseste que podias ver, que não tens necessidade do órgão visual de quem quer que seja; ora, o primeiro ensaio foi muito satisfatório, porém, na segunda experiência, mesmo quando um dos médiuns conservava os olhos abertos, não conseguiste ler o alfabeto. Desejaria muito verificar tua faculdade de visão independente e proponho-te esta experiência: tomarei ao acaso algumas moedas, sem olhá-las, e as colocarei atrás da cadeira de um dos médiuns. Podes indicar-me o número?
- Venda-lhes os olhos. Tentarei.
- Que experimentarás, precisamente?
- Indicar as letras.

Os olhos dos médiuns são vendados; acompanho as indicações cia prancheta e inscrevo as letras. Obtemos algumas frases em língua russa, sempre de ortografia singular, depois do que, digo:

- Deu muito bom resultado, mas é preciso organizar a experiência de maneira tal que ninguém possa ver o objeto da experiência. Volto, pois, à minha proposta com as moedas colocadas atrás de uma cadeira. Poderás vê-las?

- E mais difícil.

Tentamos a experiência, e por três vezes sucessivas ela deu mal resultado.

- E' admirável - observei -, vês as letras na mesa, e não podes ver as moedas colocadas atrás da cadeira!

- O espaço que separa os médiuns é o que me é mais favorável; venda-lhes os olhos e coloca tuas moedas sob a mesa.

Vendei os olhos dos médiuns com uma larga faixa que descia até à ponta do nariz; fechando os olhos por minha vez, tirei da carteira muitas moedas e, sem contá-las, coloquei-as no bordo extremo do papelão, onde as letras estavam marcadas; depois, cobri os olhos de modo que só visse o alfabeto. A prancheta pôs-se em movimento, e, como eu não pudesse dar com a palavra indicada, coloquei um folheto em cima das moedas, e então todos abrimos os olhos.

- Fala agora - disse eu. - Seis!

Levantei o folheto. “Seis!” exclamamos todos à uma só voz. Porém em seguida notamos que havia ali na realidade sete moedas, pois que duas moedas de 10 kopeckes estavam superpostas; eu tinha colocado as moedas com precipitação em cima da mesa, para não contá-las involuntariamente, e foi assim que se deu o erro por causa da própria disposição das moedas.

Repeti a experiência. Dessa vez todas as indicações da prancheta foram exatas.

- Coloca-as de melhor modo.

(Passo a mão por cima das moedas a fim de separá-las.)

- Novamente, seis.

Olhamos, era exato. Desejo recomeçar imediatamente, mas a prancheta dita esta frase:

- Coloca-as sobre uma folha de papel branco.

Vendo os olhos dos médiuns, coloco as moedas em cima de uma folha de papel, sem olhar para elas, e pergunto:

Nossa curiosidade tinha aumentado. Olhamos; o número era ainda exato.

- Coloca o relógio - disse o nosso interlocutor. Tirei de cima de minha mesa um pequeno relógio-despertador e coloquei-o na mesa onde estavam os médiuns, porém, voltando-o de maneira tal que ninguém pudesse ver os ponteiros.

- Eu preferia um relógio de algibeira. Coloca-o horizontalmente.

Concluí que era preciso colocar o relógio com os ponteiros para cima; por conseguinte, vendei de novo os olhos dos médiuns e coloquei o relógio horizontalmente, sem olhar para ele, bem entendido. Depois de um quarto de minuto, a prancheta indica:

- Seis horas, menos cinco minutos.

Olhamos; era exato e ao mesmo tempo não era exato, pois que o ponteiro do despertador marcava seis e o dos minutos e o dos segundos estavam superpostos em onze; à primeira vista, parecia que eram seis horas menos cinco minutos.

- Experimentemos agora o relógio de algibeira, como manifestaste o desejo.

- Coloca-o em cima do papel.

- Coloquei-as bem desta vez? - Perfeitamente. Há sete.

Depois de ter procedido como precedentemente, soletrou-se:

- Onze horas e quatro minutos.

Olhamos: eram onze horas e cinco minutos.

- Por conseguinte, quando olhaste para o relógio, eram onze horas e quatro minutos, e um minuto foi: empregado para o ditado?

- Sim, agora coloca moedas, farei a contagem; será a última coisa, porque estou fatigado.

Vendei os olhos dos médiuns e coloquei em cima da folha de papel muitas moedas sem olhar para elas; a prancheta indicou:

- Um rublo de prata.

Olhamos. A soma estava certa; havia ali quatro moedas de quinze kopekes, uma de vinte e duas de dez. O mesmo interlocutor voltou a 5 de Maio, e eu lhe disse:

- Tenho que fazer-te duas perguntas relativas às nossas experiências com as moedas: 1° - Disseste-nos que vias por ti mesmo, que tens teu órgão visual; entretanto é preciso concluir de nossas experiências que estás submetido a certas condições dependentes de nós; 2°. - Quais são essas condições?

- Em relação à primeira pergunta: Eu disse que eu mesmo via; disse também: E' coisa diversa ver para mim e ver para transmitir-te o que vejo; nossas percepções, inclusive as da vista, são independentes dos sentidos, e por isso mesmo elas são qualitativamente e quantitativamente diferentes; para comunicá-las a alguém, uma certa assimilação ou comunhão é necessária. Em relação á segunda pergunta: A esfera de minha atividade, em minhas relações contigo, é certamente limitada; se desejo entrar em comunhão externa contigo, o melhor meio é aproveitar-me do médium; em roda dele há por assim dizer sua atmosfera, a parte mais espiritualizada de cada um; é pois a própria extensão dessa atmosfera que é a condição de minha atividade, e é ela que determina o seu limite; essa atmosfera deve ser continua: é uma periferia.

- Assim, tua vista depende das condições mediúnicas?

- De maneira alguma. Que sabes a esse respeito? Quando te vejo à minha maneira e para mim, de nada preciso, de auxílio algum, é evidente; mas desde que desejo não só ver completamente, como vês, à tua maneira, mas ainda dizer-te o que vejo, é outra coisa.

As respostas de nosso interlocutor têm, como se vê, profundo senso filosófico. Se verdadeiramente ele pertence ao mundo dos números, donde vê as coisas do nosso mundo, não como se apresentam a nós, mas como são em si mesmas, ele deve, conseguintemente, vê-Ias à sua maneira. Mas desde que é coagido a vê-las à nossa maneira, deve entrar no mundo dos fenômenos e submeter-se às condições de nossa organização; pois que tal é a organização, tal a idéia que formamos do mundo.

- Ainda uma pergunta: Porque pediste que a moeda fosse colocada em cima de uma folha de papel branco?

- Isso é subjetivo; não lhes sucede, também, às vezes, pensar que assim viam melhor? Conosco, isso se produz mais freqüentemente.

Relendo esta explicação percebo agora que ela se refere ao momento em que as moedas estavam atrás de uma das pessoas presentes; foi provavelmente pelo mesmo motivo que nos pediram também que colocássemos o relógio horizontalmente, com o mostrador para cima; de outra maneira o corpo do objeto teria encoberto os ponteiros. E entretanto as pálpebras dos médiuns, assim como o lenço que lhes vendava os olhos, encobriam da mesma maneira as moedas, o alfabeto e o relógio; eles formavam uma “periferia”; por que motivo, pois, esses anteparos não apresentavam obstáculo algum? Não tive, na ocasião, a lembrança de pedir o esclarecimento daquele ponto.

Compreendo perfeitamente que uma simples venda sobre os olhos, por mais escrupulosamente que seja colocada, não pode servir de prova absoluta de exclusão de toda a percepção da vista ordinária; as vendas mais complicadas não poderiam fornecer essa prova, porque deixam sempre margem para diversas manobras fraudulentas. Todo o valor das experiências que acabo de referir assenta na convicção moral de sua perfeita autenticidade. Fizemo-las não para tirar delas uma vanglória, mas por estarmos interessados na solução do problema que nós mesmos nos tínhamos proposto; e, se vendávamos os olhos dos médiuns, era unicamente para impedir qualquer abertura involuntária das pálpebras, por menor que fosse; finalmente, para ver com as vendas sobre os olhos, teria sido precisa uma ação voluntária, um estratagema intencional.

Que demonstram esses fatos? Quem é que lia, contava, via a hora?

Essas operações eram o resultado de uma atividade inconsciente emanando de nós mesmos ou eram devidas a uma atividade consciente, e, nesse caso, qual era? Todo o interesse está aí.

Se aceitarmos a tese de que “o inconsciente não tem necessidade de nenhum dos órgãos que servem para transmitir as coisas à consciência” (foi assim que o nosso interlocutor se exprimiu em uma ocasião), tese que devemos considerar como absolutamente exata no ponto de vista da lógica, - o próprio Senhor Hartmann

define o inconsciente como “onisciente e infalível” - então ele se torna incompreensível porque esse inconsciente não vê os objetos quando são colocados de maneira a subtraí-los aos olhos abertos das pessoas que assistem à sessão; porque ele está confinado nos limites de certo espaço, de uma periferia; é ainda mais difícil de explicar, nesse caso, porque a visão fica incerta mesmo quando as condições do espaço são observadas, o que se conclui dos erros cometidos ao indicar as letras, erros por assim. dizer aceitáveis, pois que o indicador parava então ao lado da letra precisa; ainda mais incompreensíveis são as inexatidões que essa visão cometeu nas experiências com o relógio e com as moedas; ela toma duas moedas superpostas por uma só, o ponteiro do despertador pelo das horas e os dois ponteiros do mostrador, superpostos, pelo ponteiro dos minutos. Isso quer dizer que ela apresenta todos os defeitos de função de um órgão visual ordinário. Tudo isso permite, acredito, concluir que se trata não de uma faculdade inconsciente de nosso cérebro - que deveria manifestar-se independentemente de qualquer órgão -, mas de uma faculdade consciente, dependente de um órgão visual. Mas nossa atividade consciente assim como o funcionamento de nossos órgãos visuais, supressos no presente caso, enquanto que o fato da visão é inegável, há fundamento para admitir que temos aqui a manifestação de uma atividade consciente estranha proveniente de outro organismo, isto é, de nosso ser transcendente.

Vamos adiante, e encontraremos outros casos em que. a periferia não será mais um obstáculo à penetração da vista. E' assim que o próprio professor Hare imaginou apresentar atrás do médium algumas cartas tomadas ao acaso em um baralho e cuja ordem ninguém podia conhecer. Em certos casos, as cartas foram adivinhadas; em outros, com mudança da influência oculta, essa experiência não dava resultado. (Hare - “ Experimental Investigation”, § 112, pág. 33.)

O Senhor Capron, autor do “Modern Spiritualism”, narra assim uma de suas experiências de Espiritismo

“Achando-me, em outra ocasião, em companhia do Senhor Isaac Post, de Rochester, tentei fazer a seguinte experiência: tomei um punhado de conchas em um cesto, e pedi que me indicassem o número delas por melo de pancadas. O número obtido era exato. Mas, como eu já sabia o número exato de conchas que tinha na mão, desejei repetir essa experiência evitando toda a possibilidade de uma co-participação qualquer por parte de minha consciência. Tomava grandes punhados de conchas, sem contar; as respostas eram sempre exatas. Pedi então ao Senhor Post, que estava a meu lado, que tomasse muitas conchas, sem contá-las, e que as pusesse em minha mão, que eu fechei imediatamente, de maneira que ninguém tinha podido conhecer o conteúdo. A quantidade de conchas era ainda indicada com a mesma exatidão. Entregamo-nos por muitas vezes a essas experiências e invariavelmente com o mesmo resultado. (Pág. 75.)

Segundo a teoria do Senhor Hartmann, haveria aí a princípio transmissão de pensamento, depois, um instante depois, um salto ao absoluto.

Eis a experiência do Senhor Crookes:

“Uma senhora escrevia automaticamente por intermédio da prancheta. Tentei descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não era devido à ação inconsciente do cérebro. A prancheta, como costuma sempre, afirmava que, se bem que posta em movimento pela mão e braço dessa senhora, a Inteligência que a dirigia -era a de um ser invisível, que se servia do cérebro da senhora como de um instrumento de música, e fazia assim mover seus músculos.

“Digo então a essa Inteligência:

“- Vês o que está neste quarto?

“- Sim - escreve a prancheta.

“- Vês este jornal e podes lê-lo? - acrescentei, colocando o dedo em cima de um número do “Times” que estava sobre a mesa, atrás de mim.

“- Sim - respondeu a prancheta.

“- Bem - digo. - Se podes vê-lo, escreve a palavra que está agora coberta por meu dedo, e acreditarei em ti.

“A prancheta começou a mover-se lentamente, e com multa dificuldade escreveu a palavra however. Voltei-me e vi que a palavra however estava coberta pelo ponta de meu dedo.

“Propositadamente eu tinha evitado olhar para o jornal, e era impossível à senhora, ainda que tivesse tentado, ver uma só das palavras impressas, pois que estava sentada em uma mesa, o jornal estava em cima de outra mesa, e meu corpo lho ocultava à vista. “ (William Crookes - “Força Psíquica”, Paris, Livraria das Ciências Psicológicas.)

São conhecidas as experiências de Eglinton sobre a escrita direta reproduzindo uma linha qualquer, indicada, de um livro fechado.

As primeiras experiências desse gênero foram feitas em 1873 pela mediunidade do Senhor A. (Oxon), que tivemos freqüentemente ocasião de citar nesta obra. Essas experiências têm a vantagem de terem sido organizadas em um círculo íntimo, de família, para instrução especial dos pesquisadores. Lemos a esse respeito no “Spiritualist” de 1873, na página 293 (ver também: “Spirit Identity”, pelo Senhor A. Oxon, pág. 79)

Na sessão de 22 de Maio de 1873, o próprio médium escrevia as perguntas; as respostas eram dadas por meio de um processo que o Doutor Carpenter teria designado como “funcionamento inconsciente do cérebro que dirige os movimentos da mão”. O diálogo seguinte começou:

“- Podes ler?

“- Não, meu amigo, não posso, mas Zacarias Gray e R. o podem. Não tenho a faculdade de materializar-me e de dominar os elementos.

“- Um desses Espíritos acha-se aí?

“- Vou conduzir um para aqui. R. está presente.

“- Disseram-me que podias ler. E' verdade? Podes ler um livro?

“(Nesse momento a escrita muda.)

“- Sim, porém com dificuldade.

“- Queres escrever-me o último verso do primeiro livro da “Eneida”?

“- Espera... Omnibus errantem terris et fluctibus estas.

“Estava exato. Mas era possível que eu conhecesse esses versos.

“- Podes escolher na estante o penúltimo volume, na segunda prateleira, e ler-me o último parágrafo da página 94? Não vi esse livro e nem sequer conheço o seu título.

- Demonstrarei por uma narração histórica que o papado é uma inovação que surgiu e desenvolveu-se gradualmente desde a época do Cristianismo puro...

“Feita a verificação, vi que era uma obra mui curiosa, tendo por título: “Antipopepriestian by Rogers” (O Antipapal e o Anticlerical, do escritor Rogers.)

A citação era exata, à exceção de uma palavra: “recit” (narrativa) que tinha sido substituída por “relatório” (account).

Como é possível que eu tenha acertado em uma passagem tão a propósito?

“A esse respeito nada sei, é uma coincidência. Foi por descuido que substituí uma palavra; percebi-me disso imediatamente, mas não quis retificar.

- Como procedes para ler? Escrevias muito mais lentamente, parando com freqüência.

- Eu escrevia à proporção que me lembrava do que tinha lido. Essa leitura exige um esforço extraordinário e só pode servir para demonstração. Teu amigo tinha razão ontem, ao dizer que podemos ler, mas somente em condições favoráveis. Vamos ainda ler e escrever, e te diremos em seguida em que livros se acham as respectivas passagens. (A mão do médium escreve:),Pope é o escritor mais em evidência, pertencente a essa escola de poesia da inteligência, ou antes da “inteligência unida à fantasia”. A citação é exata. Olha o undécimo livro na mesma prateleira; ele se abrirá na página,precisa. Lê e admira o nosso poder e a bondade de Deus que nos permite demonstrar nosso poder sobre a matéria. -Glória a Ele. Amém.”

Procurei o livro indicado; era intitulado: “A Poesia o Romantismo e a Retórica”. Ele se abriu na página 45, que continha, com efeito, a passagem citada, textualmente. Até então eu nunca tinha visto esse livro e não tinha a menor idéia do que ele podia conter. “

Nos últimos casos que acabamos de examinar, a visão sem o auxílio dos olhos produz-se em condições muito absolutas; mas a faculdade dessa visão, não obstante ser produzida pelo próprio médium, na mesma sessão, não é sempre a mesma: suas variações correspondem às mudanças das forças inteligentes que se

manifestam, umas das quais declaram possuir essa faculdade e o provam, e as outras confessam não possuí-Ia, o que tende a fazer acreditar que essa faculdade não deve ser atribuída sempre ao indivíduo transcendente cujas condições de manifestação não se modificaram no. momento dado.

Essa faculdade de visão através da matéria e dos corpos opacos parece, segundo os casos que conhecemos, pertencer mais particularmente aos médiuns chamados universais, isto é, àqueles. cuja mediunidade não fica restrita às manifestações intelectuais, mas compreende também as manifestações físicas; a penetração da matéria pertence a esse gênero de mediunidade, e a relação entre esse fenômeno e a visão é evidente. Minhas experiências não chegaram até tal ponto, porque eram feitas com o concurso de pessoas cujas faculdades mediúnicas eram inteiramente elementares.

Atribuí essa faculdade de visão ao indivíduo transcendente, porque é por ele que é preciso começar; mas, como o veremos mais tarde, essa entidade psíquica pode manifestar-se quer em estado de encarnação passageira, quer fora desse estado; é apenas questão de particularidades e de circunstâncias.

b) Fatos conhecidos independentemente dos órgãos que servem habitualmente à percepção.

- Debaixo dessa rubrica, devo mencionar em primeiro lugar um caso dos mais notáveis que se deu em uma de minhas sessões íntimas, no mesmo grupo de três pessoas (minha cunhada, meu genro, um moço de vinte anos e eu), no qual se tinha feito a experiência de visão sem intervenção da vista, dos quais acabo de falar. Foi nesse mesmo grupo que recebi as comunicações publicadas no “Psychische Studien”, sob o título: “Minhas experiências pessoais. Problemas filológicos apresentados por via mediúnica” (1883, pág. 547; 1884, págs. 1, 49, 153, 564; e 1885, pág. 49.) O Senhor Hartmann citou por duas vezes essas experiências, e é uma razão a mais para que eu fale delas; porém só me ocuparei da última, que apresenta particularidades excepcionais. Sendo essa experiência a única no gênero, feita por mim, e como lhe dou grande importância, vou reproduzir aqui sua narração completa, tal qual foi feita em meu jornal.

Deu-se o fato a 10/22 de Fevereiro de 1882. Era a qüinquagésima sessão. A mesa pôs-se em movimento imediatamente. O alfabeto russo foi pedido. Observarei que nessa sessão recorremos a um processo que podia simplificar nossas relações com o nosso interlocutor invisível e por isso mesmo ampliar a esfera de tais relações; em vez de nomear, todas as letras, na ordem alfabética, até à letra precisa, propus que se fizesse uso de uma folha de papelão, sobre a metade da qual fossem coladas as letras do alfabeto russo, e, sobre a outra as letras francesas; a pequena régua ou prancheta. serviria de indicador. De acordo com tais disposições, colocamos o papelão em cima de uma mesa pequena, e os dois médiuns, sentados um defronte do outro, colocaram a mão direita sobre a prancheta, que devia pôr-se em movimento e indicar as letras. Antes de começar a experiência com o papelão, tínhamos o hábito de, colocar-nos à mesa para nos assegurarmos da presença da força oculta, e só recorremos ao papelão a um pedido nitidamente formulado.

Ora, foi o alfabeto russo o reclamado nesse dia. Depois de algumas frases ditadas por nosso correspondente, reconhecemos nele o recém-vindo que se tinha manifestado na sessão precedente sem ter acedido em dizer o nome. Teria sido impossível não reconhecê-lo por seus ditos espirituosos e pelo estilo que lhe era peculiar. Depois de ter soletrado algumas frases em língua russa, a prancheta começou a indicar letras do alfabeto francês. Nessa ocasião, como habitualmente, eu não tomava parte alguma na sessão, no ponto de vista da. mediunidade: estava sentado perto,de outra mesa e apenas me ocupava em tomar nota das letras que as outras pessoas me ditavam; entretanto, era eu quem dirigia a conversação. As letras seguintes me foram nomeadas:

“emekhabaccha”

- Mas isso não tem senso comum.
- Acreditas?
- Em francês não existe palavra alguma semelhante.

- Quem te disse que é francês?

- Dize, então, que língua é?

- Não sabes, tanto melhor. Devias entretanto sabê-lo; em russo, isso quer dizer “vale de lágrimas”. E o teu domínio.

- E ainda uma nova mistificação.

- Quem conhecer o hebraico poderá verificar minhas palavras.

- Por conseguinte, é hebraico?

- Sim.

- Soletra-me a mesma palavra em letras russas. (Devo dizer que os médiuns, nomeando-me uma série de letras que não tinham para eles nenhum sentido, naturalmente não teriam podido repeti-Ias; quanto às notas que eu tomava, eles não as viam; e, da mesma maneira, a mesma palavra me foi ditada em letras russas.) - Dize-nos a primeira dessas palavras?

- e m e k.

- De que proveniência é esta frase?

- E a sentença de um doutor judeu português

- Seu nome?

- Creio que se chamava Sardovy

- Nunca ouvi falar nele.

- Lamento-o.

Em seguida começou uma longa discussão filosófica que é inútil reproduzir aqui. A sessão foi interrompida pelo chá da noite, e aproveitei-me dessa interrupção para consultar um dicionário hebraico acerca da significação das palavras que eu tinha inscrito. Trinta anos antes, tinha-me ocupado um pouco com essa língua e sabia a tal respeito o suficiente para fazer as pesquisas em questão. No radical (bacha) - ele chorou -, encontrei a locução (emek habbaca), - vale de lágrimas. Li nesse dicionário que esta expressão só se encontra uma vez no Antigo Testamento: no 83° salmo, versículo 7. Eu conhecia essa passagem tanto menos quanto meus estudos sobre a língua hebraica só tinham compreendido a Gênesis e os dez primeiros salmos. A citação era, pois, exata, salvo a ortografia latina, segundo a qual se deve escrever habbaca e não habaccha.

No que diz respeito ao nome “Sardovy”, não o encontrei em meus dicionários de biografia.

Comuniquei o resultado de minhas pesquisas à minha pequena sociedade, e depois do chá recomeçamos a sessão. Os médiuns sentaram-se à mesa de experiência antes de minha chegada, e, logo que puseram as mãos sobre a prancheta, receberam esta comunicação em língua russa:

- Procura no dicionário o nome de B. Cardósio. (O nome foi ditado em letras latinas.)

Nesse momento entrei e soube do que se tinha passado. Sentei-me e disse:

- Acabo de consultar o dicionário; a citação é exata.

- Bem sei que ela é exata e que a procuraste; lembrei-me que o nome não é “ Sardovy”, porém “ Cardovy”..., não; ainda não é isso... “Cardosiob”.

Que significa o b?

- Seu sobrenome: B. Cardósio. Um sábio doutor. Muito célebre em seu tempo.

- Porém que relação tem ele com as palavras hebraicas?

- E um adágio célebre.

Depois disso a conversação tomou de novo uma feição filosófica. Para dar uma idéia da dialética de nosso interlocutor, citarei- algumas de suas respostas às minhas perguntas.

- Podes dizer-nos sob que forma existes?

- A compreensão da essência da forma é precisamente vossa parte fraca.

- Não falo da essência, quero falar da forma.

- Que vem a ser a forma segundo o vosso modo de entender? Para mim a questão de saber se alguma coisa existe ou se acha sob qualquer forma nem sequer pode propor-se, pois que a forma é uma representação indispensável quando se trata de uma existência.

- Não pergunto se revestes uma forma; estou perguntando “que forma” revestes?

- Queres, por conseguinte falar da essência da forma; acabo de dizer que a forma não passa de uma idéia e estavas de acordo comigo.

Uma discussão animada travou-se então entre mim e o professor Boutleroff, que estava presente a essa sessão. Eu acusava o nosso interlocutor de procurar furtar-se a uma resposta direta. A prancheta pôs-se em movimento, compondo esta frase:

- Compreendei bem: afirmo antes de tudo que a forma é uma idéia. Digo ainda que a forma, como idéia nos é necessária sempre que se trata de uma coisa que existe; finalmente, tudo o que existe corresponde a idéias que estão em relação com a sua existência, e por conseguinte à idéia da forma, ou melhor, para exprimir-me como filósofo, à idéia do fenômeno.

Esse pensador esquisito exprimia-se sempre em tom irônico, um pouco desdenhoso mesmo. Zombava dos esforços que empregávamos procurando encontrar provas da identidade de um Espírito; afirmava que tal prova não existia. Em nossas discussões, ele levava sempre vantagem sobre nós, e ficávamos maravilhados pelo vigor de sua dialética cheia de senso filosófico e ao mesmo tempo impregnada de sarcasmo.

Ele conversou conosco cerca de doze vezes, externando em cada sessão a esperança de nos tornarmos mais inteligentes; mas deixou de manifestar-se com o pretexto de que não sabíamos conversar com ele - no que tinha razão.

No final da sessão de que se trata, apressei-me em fazer novas pesquisas em diversos dicionários, e eis o que encontrei na “Nova Biografia Universal” de Didot:

“Cardoso (Fernando), médico português, nascido em princípios do XVII século, falecido na segunda metade. Celorico é a verdadeira pátria dessa personagem singular, que tinha granjeado muita nomeada em sua profissão e distinguiu-se nela. Ele foi à Espanha e obteve em Madrid o título de Físico Maior (médico-chefe). O que houve verdadeiramente notável na vida desse sábio, é que abandonou a religião cristã, na qual tinha sido educado, para entrar no seio do Judaísmo, do qual se tornou um fervoroso apóstolo, etc.”

Por conseguinte o nosso informante tinha dado prova de boa memória, desta vez. O nome e os traços característicos eram exatos. Apenas o sobrenome não começa por um B, pormenor aliás sem importância. Quanto ao que diz respeito à divisa, não pude verificar se provinha realmente de Cardoso; para isso eu teria sido coagido a procurar em suas obras que não deve encontrar-se em nenhuma das nossas bibliotecas. Como quer que seja, o caso é mui notável, mesmo independentemente desse pormenor.

Para fenômenos desse gênero, o Senhor Hartmann propõe a explicação seguinte: “Na consciência sonambúlica latente de um dos assistentes - se o intento desse último é dirigido a determinado assunto -, ele pode despertar a recordação de frases em língua estrangeira, lidas ou ouvidas em época anterior. O médium pode adivinhar a representação dessas recordações e comunicá-la pela escrita involuntária ou por intermédio de pancadas sem que a consciência em estado de vigília da pessoa em questão reconheça suas próprias recordações nas frases assim transmitidas.” (Págs. 70-7l.)

Publicando essa narração no “Psychische Studien” (em 1885) e depois na edição alemã desta obra em fins de 1888, eu podia afirmar peremptoriamente que as explicações do Senhor Hartmann não lhe podiam ser aplicadas, pois que é certo que nenhum de nós tinha lido nem ouvido recitar aquela epígrafe hebraica.

Inesperadamente, em Dezembro de 1888, meu secretário e tradutor em Lípsia, o Senhor Wittig, me escreveu que o enigma Cardoso explicava-se, pois que tinha lido no “Salon) de 1885 (n. 6) um artigo acerca da “Poesia das divisas e provérbios”, onde a epígrafe Emek habbacha era mencionada e atribuída a Cardoso, “médico português muito conhecido”, com uma referência à obra de Wichmann, “A poesia dos provérbios e divisas” (Dusseldorf, 1882). Obtive esse livro o mais rápido que pude e no fim do volume, na parte inferior da página 312, li as linhas seguintes:

“Porém voltemos à terra e terminemos pela única epígrafe hebraica do sábio médico israelita português, B. Cardosio:

“Emek habbacha.” “O vale de lágrimas.”

E claro que a epígrafe que nos tinha sido ditada foi tirada desse livro; todas as particularidades se encontram ali; o erro cometido no nome é comprobatório mais que tudo; encontra-se ali Cardosio em lugar do verdadeiro nome: F. Cardoso.

E fácil admitir que a epígrafe tenha sido lida por um de nós nesse livro e reproduzida na sessão por uma operação da consciência sonambúlica. E' difícil demonstrar que não leste tal coisa, ainda quando a fonte fica desconhecida; isso se torna ainda mais difícil quando te colocam abaixo dos olhos um livro no qual pudeste tirar a citação. E, entretanto, sustentar o contrário não é também tão fácil como poderia parecer a princípio: nossa sessão realizou-se a 10/22 de Fevereiro de 1882; o livro tem a data de 1882; suponhamos que, aparecido no fim de 1881, tenha sido importado em S. Petersburgo imediatamente com os livros novos do dia de Ano Bom. Por conseguinte, foi no espaço de dois meses, quando muito, que um de nós teria tido ensejo de ver o livro e de folheá-lo. Mas esse livro tem aspecto muito particular: linda encadernação, dourado nos bordos das folhas, cada página encaixilhada, o texto enfeitado com citações curtas no meio da página em diversos caracteres, etc.; desde que o abrimos, é difícil esquecê-lo completamente, sobretudo em menos de dois meses, e esquecê-lo a ponto tal que nenhum de nós se tenha lembrado de ter visto um livro com epígrafes e não tenha pensado em ir procurar ali o que nos tinha intrigado tanto. Eu próprio, que sou bibliômano, nunca tinha suspeitado da existência de semelhantes coleções de divisas. Logo que recebi o volume, fui mostrá-lo àqueles que tinham tomado parte em nossas sessões; eles me afirmaram nunca tê-lo visto: e o Senhor Boutlerof, que estava presente à sessão, não teria deixado certamente de mencionar essa fonte se tivesse visto naqueles dois meses um livro daquele gênero. Foi só alguns anos mais tarde, quando vi anunciar o livro de Buchmann: “Palavras aladas. Repertório de citações alemãs”, 1882, que pensei imediatamente em procurar ali as citações latinas, gregas e italianas que obtínhamos em nossas sessões. Porém, nada encontrei acolá. O acaso tinha permitido do mesmo modo que eu não conhecesse coisa alguma até então do livro de Wichmann.

Mas o livro aí está. E' preciso pois admitir que ele foi visto, aberto maquinalmente nas páginas 312 e 313, depois esquecido completamente; mas, um olhar maquinal não bastaria para reter as palavras emelc habbacha que não são das que se impõem à memória; elas nada nos dizem; é preciso lê-Ias e relê-Ias, para conservá-las de memória; depois, ler a sua significação e procurar, na página seguinte, sua proveniência histórica com pormenores precisos. Um olhar descuidoso não bastaria; seria preciso uma leitura atenta, por conseguinte novo argumento contra a hipótese da transmissão inconsciente.

Mas eis o que é mais curioso ainda: de posse do livro desejei naturalmente verificar se ele não continha outras epígrafes ou provérbios comunicados em nossas sessões. Não tendo o livro tabela nem índice, folheei-o página por página. Meu trabalho foi em breve recompensado; na página 62, descobri ainda duas sentenças que - lembrei-me delas imediatamente - tinham sido empregadas por nosso interlocutor misterioso. Eis as passagens do livro:

“Mais tarde, o nome desse papa (Gregório XIII) serviu de base à divisa:

Ipsyopel

(Eu velo)

(Não passa de um jogo de palavras baseado na diferença entre as palavras:

Ipyyopsi é Ipyyopes

A Academia della Crusca, criada em Florença em 1584, com o fim de depurar, a língua italiana, tinha tomado por divisa

II piu bel flor ne coglie

(Assim fica o mais puro)

E eis o que encontro em meu canhenho de notas: Na sessão de 3 de Março de 1882, a primeira na qual o mesmo interlocutor se manifestou, aproveitei-me da ocasião que se apresentava para lhe perguntar qual era o motivo para fazer a citação em hebraico? Ele respondeu

- Há para isso uma razão direta. Foi intencionalmente que fiz a pergunta relativamente ao incêndio (uma mistificação de sua parte pela qual tivemos de passar no decurso de nossas sessões); pensei que era uma questão fútil; mas vendo que procuráveis nela a solução de um problema, eu disse comigo mesmo: Deplorável vida a vossa! A que pobres meios de convicção estais reduzidos! Eu desejava bater-vos em vosso próprio terreno.

Às perguntas que lhe fizemos sobre o sentido desses raciocínios, respondeu-nos:

- Podemos ver o que está oculto para vós. “piu bel fior ne coglie.”

- Que significa essa frase italiana?
- “O mais puro sobrevive”.
- E' o complemento da frase italiana?
- Deveis contentar-vos com a vossa prisão corpórea; nós somos a flor fina.
- Muito bem. Passemos agora à filosofia.

Então nos foi ditado em letras russas: “gregorei”.

- Isto em que língua? - perguntei.
- Em grego.
- Que significa esta palavra?
- E' um conselho para todos vós, pois não sabeis nem o dia nem a hora; mas é preciso preparar-se.
- E' esta a significação da palavra: gregorei?
- Sim, custodite.

Encetamos então as questões filosóficas. Nem minha cunhada, nem meu genro conheciam o italiano; a frase foi indicada pelo alfabeto francês, sem o menor erro; ela significava: “colhe-se a flor fina”. A palavra grega era desconhecida de meu genro que tinha estudado o grego no colégio; no dicionário das “concordâncias” gregas, só encontrei, repetida por muitas vezes, a palavra: “gregoreite” traduzida nas versões latinas por “ vigilate”.

Na sessão seguinte, a 10 de Março, manifestando-se o mesmo interlocutor, aproveitei-me da oportunidade para lhe perguntar:

- Podes dizer-me a forma gramatical da palavra grega da última sessão?
- Segunda pessoa do imperativo, no singular.
- E da palavra latina?
- No plural.
- Porque essa diferença?
- Não é a mesma coisa
- Admiro-me disso, porque no Novo Testamento todos os imperativos desse verbo estão no plural!
- Li isso em brasões.
- Conheces o grego?
- Mal.
- Entretanto fazes a análise gramatical.
- Muito pouco.
- E o latim, conheces bem? Sim.
- E o italiano?
- Não.
- De quem é tirada a citação?
- Do Tasso, creio.
- Conheces o hebraico?
- Não.
- Entretanto o citas?
- Há coisas de que nos recordamos; não conheço, porém, o hebraico.

Mais tarde meu genro confirmou-me que “gregorei” era realmente a segunda pessoa do singular do imperativo e que o verbo significava velar, e que por conseguinte a palavra ditada significava “vela”.

Agora é mais certo ainda que foi o livro de Wichmann que forneceu as três epígrafes; esta conclusão é inevitável. Mas por outro lado se torna mais difícil ainda admitir que um de nós três (23) tivesse tido entre as mãos o livro de Wichmann e tivesse lido nele maquinalmente essas três epígrafes para reproduzi-las em nossa sessão, alguns dias ou algumas semanas mais tarde, sem lembrar-se de ter visto esse livro. Não se trata de uma palavra, de uma linha em língua conhecida que se tivesse gravado subitamente e inconscientemente em nosso cérebro. Três epígrafes, escolhidas em três páginas diferentes, em três línguas estrangeiras, desconhecidas dos dois médiuns, com a tradução de seu sentido respectivo, não se retêm maquinalmente e momentaneamente a ponto de não deixar a menor recordação na consciência normal durante o curto espaço

de algumas semanas no máximo. Não é permitido pretender que a memória inconsciente pudesse realizar um esforço tão extraordinário, ao mesmo tempo em que a memória consciente nem sequer tivesse conservado uma recordação vaga da existência do livro do qual a memória inconsciente tinha tão bem "tomado conhecimento". Empregando as palavras "tomado conhecimento", desejei insistir sobre esta verificação: não se pode razoavelmente admitir que o livro só tenha sido aberto nas três páginas e que os olhos só tenham visto essas três epígrafes!

Ainda há outras dificuldades, porém. Resulta das considerações seguintes que, em minhas experiências, não há mais de uma impressão inconsciente. O primeiro nome obtido foi: "Sardovy"; depois a sessão foi interrompida, para tomar-se o chá e procurar o nome em um dicionário; logo que a sessão foi recomeçada, o nome de "B. Cardosio", o nome exato segundo Wichmann foi dado; e, alguns minutos depois, o mesmo erro e a mesma retificação. Perguntamos a nós mesmos a que ponto de reparo tinha recorrido a memória inconsciente para escolher as variantes do nome? E mais tarde a palavra " gregorei" não é traduzida por "eu velo" como em Wichmann - o que é gramaticalmente incorreto - porém por custodite, o que tem sentido muito diferente e que é de uma forma gramatical mais correta. Quando insisti sobre a origem de "gregoreï", nosso interlocutor não nos disse que era uma divisa do Papa Gregório XIII, porém respondeu por uma paráfrase: "Li isso em brasões", o que quer dizer a mesma coisa. Por conseguinte não se pode ver em tudo isso uma reprodução inconsciente de impressões inconscientes.

Outra consideração: por que motivo, ao invés de dar a resposta evasiva: "Li isso em brasões", não dizer ao menos: "Li isso em uma coleção de divisas?" Por que motivo à minha pergunta acerca da origem da citação italiana, responder por: "Tasso", em vez de indicar a verdadeira fonte? E por que motivo, finalmente, quando insisti sobre a epígrafe hebraica, pretender que era. uma questão de memória e não nomear a verdadeira fonte? Há todo o fundamento de supor que o fator (a memória inconsciente, do médium ou outra coisa qualquer) que nos ditava essas epígrafes sabia muito bem a que fonte ele as tirava, mas que, para mistificar-nos ou para induzir-nos em erro, não queria que a conhecêssemos.

Mas por que meio o cérebro do médium se tinha posto em relação com o conteúdo do livro? Eis o mistério. Recuso-me a admitir que isso se tenha dado por meio natural, pela leitura direta. Acredito em um processo oculto. Parece-me que o caso se aproxima muito da leitura de livros fechados, que citei mais atrás. O fato teria podido ser explicado por um acesso de sonambulismo, se o livro se achasse na casa e se o acesso de sonambulismo tivesse sido verificado; mas isso não se tinha dado. E' um caso de leitura ou de transmissão do pensamento? Essa questão ficará, acredito-o, sem resposta.

Em minha opinião, o problema não está resolvido, e este caso, por mais edificante que seja, parece-me infinitamente misterioso. As provas absolutas são sempre difíceis de encontrar, e, desde o momento em que o livro existe, ficar-se-ia tentado a dar a preferência às soluções que se apresentam como mais simples; mas, quanto a nós, que tomamos parte nessa sessão, temos a convicção profunda de que a fonte da comunicação recebida achava-se em outra parte que não era o conteúdo de nossa inteligência naquela época.

Outro fato análogo produziu-se no decurso da mesma série de sessões. Dessa vez, o nosso correspondente invisível declarou-se consumado conhecedor das línguas latina e grega. Depois de ter recebido diversas comunicações em latim, pedi-lhe que me dissesse alguma coisa em grego. Ele reclamou o alfabeto grego, e meu genro, que tinha estudado esta língua no colégio, começou a recitá-lo. Por esse meio obtivemos a frase:

"Auuaxa avopuruv eixara eioi"

Não conheço o grego, minha cunhada também não quanto a meu genro, não consegue encontrar o verdadeiro sentido destas palavras. As duas primeiras palavras significam "os corpos dos homens", as duas outras: "são justos". Isso não significa coisa alguma: os corpos dos homens são justos. Por mais que eu me dirigisse a conhecedores da língua grega, ninguém me pôde dar a explicação dessa frase. Só depois que fiz pesquisas nos grandes dicionários gregos consegui encontrar a chave desse enigma: essa frase verifica-se ser uma locução familiar a Hipócrates, e significar: os corpos dos homens são simétricos. Pergunto a mim mesmo como pôde suceder que os nossos cérebros tivessem entrado no conhecimento dessa expressão.

c) Comunicação de fatos desconhecidos das pessoas que tomam parte na sessão, e que não podem ser explicados pela transmissão de pensamentos, em razão das condições especiais nas quais essas comunicações são dadas.

Os fatos que entram nesta categoria são, às mais das vezes, parece-me, avisos de morte. Eis um caso que possuo de primeira mão. Em 1887, a 7 de Janeiro, recebi a visita do Coronel Kaigorodof, que mora em Vilna. Ele me disse que a professora de seus filhos, a jovem Emma Stramm, natural de Neufchâtel, na Suíça, tinha manifestado faculdades para a escrita automática. Em uma sessão organizada a 3/15 de Janeiro, depois das 9 horas da noite, em casa do coronel, em Vilna, recebeu-se em sua própria presença uma comunicação em língua francesa que cito textualmente. O médium, em estado normal, perguntou:

- Lídia está aí? (uma personagem que se tinha manifestado nas sessões precedentes).
- Não, Luís (24) está aqui e deseja dar uma notícia à sua irmã.
- Que é?
- Uma pessoa de seu conhecimento partiu hoje às 3 horas.
- Como se deve entender isso?
- Que ela morreu.
- Quem foi?
- Augusto Duvanel.
- De que moléstia?
- De uma congestão. Ora pela libertação de sua alma.

Duas semanas depois, estando o Senhor Kaigorodoff, de novo, em São Petersburgo, mostrou-me a carta do pai da médium, David Stramm, datada de Neufchâtel a 18 de Janeiro (nov. est.) 1887 e recebida em Vilna a 11/23 de Janeiro; ela era por conseguinte escrita três dias depois da morte de Duvanel; nessa carta ele participou o falecimento de Duvanel nos termos seguintes, palavra por palavra:

"Minha caríssima filha:

... Agora quero dar-te uma grande novidade: Augusto Duvanel morreu a 15 de Janeiro às 3 horas da tarde. Foi, por assim dizer, uma morte súbita, porque só esteve doente durante algumas horas; teve urna congestão na ocasião em que estava no Banco. Falou muito pouco, e tudo quanto disse era a teu respeito... Ele se recomenda às tuas orações; foram suas últimas palavras.

O tempo de Vilna é adiantado uma hora ao de Neufchâtel: eram pois 4 horas p. m. em Vilna quando Duvanel morreu na Suíça, e, cinco horas depois, essa noticia foi transmitida a Vilna por meio da escrita automática. Porém, quem vinha a ser Duvanel? Porque sua morte era "uma grande novidade" para a jovem Stramm? Acerca das perguntas que lhe dirigi, o Coronel Kaigorodoff enviou-me as explicações seguintes: quando a jovem Emma Stramm morava em Neufchâtel, em casa de seus pais, Duvanel a pedira em casamento; porém, a moça lhe tinha respondido com uma recusa categórica. Seus pais, pelo contrário, impeliam-na a esse casamento, o que a levou a tomar a decisão de deixar seu país e a empregar-se como professora. A última entrevista que ela teve com Duvanel precedeu de alguns dias sua partida, em 1881. Ela não tinha entretido correspondência alguma com Duvanel, e só vira a família deste último por duas ou três vezes. Um ano depois de sua partida, Duvanel retirou-se também de Neufchâtel e fixou sua residência no cantão de Zurique, onde ficou até à morte.

Tentemos explicar este fato pela teoria do Senhor Hartmann. Não podia ser uma transmissão de pensamentos do próprio Duvanel, porque o transmissor, segundo a expressão do Senhor Hartmann, não existia no momento da sessão. Poder-se-ia admitir que fosse uma transmissão involuntária, inconsciente, da parte dos amigos do falecido? Ora, esses amigos só podiam ser os pais da jovem Stramm, porque a "relação anímica" necessária não teria podido ser estabelecida, nesse caso, senão entre eles e sua filha. Porém o Senhor Hartmann não diz: que é de lamentar é que, segundo mo demonstrou a experiência, as palavras e os

pensamentos não podem ser transmitidos a grande distância; só podem ser transmitidas alucinações muito intensas e muito precisas." (Pág. 115.)

A transmissão de pensamentos não pode pois servir para explicar o fato considerado.

Fica ainda um recurso: a clarividência. Lemos, a esse propósito, as linhas seguintes na página 78 do livro do Senhor Hartmann:

"Desde o momento em que todos os indivíduos, assim os de ordem superior que os de ordem inferior, tiram sua origem do Absoluto, ficam ligados uns aos outros por meio de reações recíprocas nesse mesmo Absoluto, e é bastante a relação ou a comunicação telefônica entre dois indivíduos ser estabelecida no Absoluto, para que a troca intelectual entre eles se possa efetuar, mesmo sem o funcionamento dos sentidos." (Págs. 78, 79.)

Essa explicação não tem valor aqui, pela simples razão de que não existia laço algum de simpatia entre Duvanel e Emma; se nos decidíssemos a admitir que a "relação" se teria podido estabelecer pelo interesse intenso da vontade de Duvanel somente, essa relação teria que ser criada, pelo menos alguns instantes antes de sua morte, e se teria traduzido nesse caso no mesmo instante por um efeito qualquer de segunda vista na médium, o que não tem fundamento.

Eis ainda uma definição da clarividência, segundo a qual essa faculdade abrange nada menos do que a eternidade inteira:

"A onisciência do espírito absoluto abrange, com o estado presente do mundo, o passado e o futuro implicitamente; por conseguinte, o indivíduo pode, pelo efeito de intenso esforço da vontade, tirar inconscientemente no saber inconsciente do espírito absoluto para haurir dele fatos isolados referentes a acontecimentos futuros, tão bem quanto lhe pode tirar pormenores referentes ao tempo presente, e cujo teatro se acha em lugar afastado." (Sp., pág. 79.)

Esta explicação não é mais admissível do que a precedente, para o caso que nos ocupa, porque "o intenso esforço da vontade", que é seu móvel principal, não existiu, por parte do indivíduo sobrevivente. No começo da sessão, o interesse do médium não estava mais excitado que de ordinário; não havia razão alguma para que ele fosse "intenso"; sabemos, além disso, que a jovem Stramm não só não nutria sentimento algum de simpatia a respeito de Duvanel, mas que lhe votava, pelo contrário, tina espécie de antipatia; seu espírito não devia pois de maneira alguma ser atraído para aquele objetivo. Finalmente, segundo o Senhor Hartmann, "a dificuldade consiste" no fato de uma clarividência pura manifestar-se sempre sob a forma de uma alucinação" (página 78), da qual não há vestígio no caso presente: o médium acha-se no estado normal, e o simbolismo falta completamente. Eis como, por conseguinte, as coisas deveram passar-se segundo a teoria do Senhor Hartmann quando a médium recebe comunicações de seu irmão Luís e esse fala acerca dessa ou daquela coisa, é a consciência sonambúlica da médium que está em jogo; mas desde que Luís a informa acerca da morte súbita de Duvanel, a médium entra imediatamente em relação direta com o Absoluto, com a divindade, com o passado, com o presente e com o futuro do Universo! Tendo de escolher entre essas duas hipóteses: uma relação metafísica, verdadeiramente sobrenatural, com o Absoluto, e uma relação com Luís, esta última hipótese me parece mais natural, mais simples e mais racional.

Comuniquei este caso à Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, com muitos pormenores suplementares; ele foi impresso nas memórias dessa Sociedade (vol. XVI, pág. 343). Dou aqui o resumo desses incidentes, muito curiosos, de natureza complicadíssima, e que obtive pouco a pouco.

Comparando a comunicação de Luís, relativa à morte de Duvanel, com a carta do pai de Emma Stramm, fiquei impressionado com esta expressão congestão que se encontra também na carta e na comunicação, assim como com o diagnóstico vago da moléstia. Por conseguinte, pedi ao Senhor Kaigorodof, em a nossa entrevista seguinte, que se deu no mês de Janeiro de 1887, em São Petersburgo, que me fornecesse as explicações que se apresentassem.

Nesse ínterim fui informado de que a jovem Stramm, no intuito de verificar o fato, tinha escrito à sua irmã, que estava na Suíça, no dia seguinte ao da sessão de 3 (15) de Janeiro; ela lhe pedia notícias de Duvanel, pretextando ter visto em sonho que ele estava morto. Ignorando que o Senhor Stramm já tinha escrito para anunciar a morte de Duvanel, e não querendo, por diversos motivos, dizer a verdade a Emma, sua irmã respondeu-lhe que ele estava muito sadio, mas tinha partido para a América.

Quando, depois de uma ausência de seis semanas, Kaigorodoff voltou a Vilna e teve conhecimento dessa carta, ficou maravilhado ao verificar que as duas missivas estavam em flagrante contradição e aproveitou-se da primeira oportunidade para pedir a sua explicação a Luís. Nessa sessão, a médium caiu em transe e transmitiu da parte de Luís a comunicação seguinte, que o Senhor Kaigorodoff inscreveu palavra por palavra:

- Ele morreu, porém sua irmã não quis que ela tivesse essa notícia, porque ele não morreu de uma "congestão", como eu tinha escrito. Não lhe podia dizer a verdade, com receio de prejudicar a saúde dela.

- Então quando e onde morreu ele?

- Morreu no cantão de Zurique; suicidou-se. Ela não deve sabê-lo, porque essa notícia lhe prejudicará a saúde. Não digas nada; ela já pressente a verdade.

- Como é possível que a mesma expressão: congestão, seja empregada em tua comunicação e na carta do Senhor Stramm?

- Fui eu quem lhe sugeriu.

Alguns dias depois da comunicação recebida a 3/15 de Janeiro, a jovem Stramm viu Duvanel em sonho, coberto de sangue, e efetivamente, em vista das informações contraditórias que lhe tinham sido dadas por sua irmã e por seu pai, ela começava a pressentir a verdade; só a conheceu apesar disso no outono de 1887, no decurso da viagem que ela fez à Suíça, para visitar sua família.

Segundo outras informações muito precisas que obtive depois, o próprio Senhor Stramm só soube da morte de Duvanel a 5/17 de Janeiro, isto é, dois dias depois da sessão, e isso mesmo por ter encontrado casualmente o irmão do morto que ia para Hirté, povoação do cantão de Zurique, no qual Duvanel tinha passado os dois últimos anos de sua vida, como solitário, e onde devia realizar-se a inumação. Segue-se daí que a notícia de seu falecimento não podia, de maneira alguma, ser o resultado de uma transmissão telegráfica proveniente dos pais de Emma Stramm ou de Duvanel.

Fica um último recurso: é explicar esse fato por uma relação que tivesse existido entre a médium e o falecido Duvanel. Essa relação limitava-se ao fato de a médium conhecer a pessoa em questão. Se uma teoria qualquer pode contentar-se com semelhante relação, nada tenho a dizer, e passo a outros fatos, para os quais não existe mesmo essa relação.

Encontramos um caso desse gênero nos pormenores de um fato já citado por mim. O leitor lembra-se provavelmente de que a filha do juiz Edmonds, a jovem

Laura, que se tornou médium, tinha falado por muitas vezes com um grego, o Senhor Evangelides, na língua materna desse último, que ela nunca tinha estudado. No artigo citado por essa ocasião, o juiz Edmonds não explica por que motivo Evangelides tinha ficado tão perturbado por sua conversa com a Srta. Laura. Encontrei essa explicação em uma carta reservada do Senhor Edmonds, publicada pelo Doutor Gully, em Londres, no "Spiritual Magazine" de 1871, página 239, e reproduzo in extenso esse documento precioso, perdido nos arquivos dos jornais espíritas, substituindo somente o traço (-) pelo verdadeiro nome da pessoa de quem evidentemente se trata nessa carta: a jovem Laura.

Senhor:

Depois da conversa que tivemos na semana passada, estou ansioso para lhe expor, com maior número de pormenores, um fato que considero de muita importância para que se lhe consagre mais algum tempo.

Eu tinha dito que Laura falava diversas línguas, cujo número atinge a catorze; permita-me que lhe refira hoje o fato seguinte:

Certa noite, recebi a visita de um senhor de nacionalidade grega que logo depois começou a conversar com Laura nesta língua; no decurso dessa conversação, ele parecia estar muito impressionado, e chegou mesmo a chorar. Estavam presentes seis ou sete pessoas, e uma delas perguntou qual o motivo daquela comoção. O interpelado esquivou-se de uma resposta direta, dizendo que se tratava de negócios de família.

No dia seguinte, ele renovou a conversação com Laura, e, não havendo em casa pessoa alguma estranha, deu-nos a explicação desejada: a personalidade invisível com a qual conversava por intermédio de Laura era um seu amigo íntimo, falecido na Grécia, irmão do patriota grego Marco Bozarris; esse amigo lhe

dava informações acerca da morte de um de seus filhos (de Evangelides), que tinha ficado na Grécia e passava admiravelmente bem na ocasião em que seu pai partiu para a América.

Esse último veio visitar-me por muitas vezes ainda, e dez dias depois de sua primeira visita nos informou que tinha recebido naquele mesmo dia uma carta de sua família, informando-o do falecimento de seu filho; aquela carta devia estar em caminho na ocasião em que se realizava sua primeira conversação com Laura.

Desejaria que me dissessem de que maneira devo encarar este fato. Negá-lo é impossível; ele é por demais evidente. Eu poderia com igual fundamento negar que o Sol nos ilumina.

Considerá-lo uma ilusão, eu também não poderia fazê-lo, pois que ele em nada se distingue de qualquer outra realidade, verificada em qualquer momento de nossa existência.

Isso se passou na presença de oito a dez pessoas, todas instruídas, inteligentes, bem equilibradas e tão aptas quanto quaisquer outras para fazer a distinção entre uma ilusão e um fato real.

Seria ocioso pretender que o fato era o reflexo de nossos pensamentos; nunca tínhamos visto esse homem, que nos tinha sido apresentado por um amigo naquela mesma noite; além disso, admitindo mesmo que os nossos pensamentos tivessem podido dar-lhe conhecimento da morte de seu filho, como podiam eles proceder de maneira que Laura compreendesse e falasse o grego, língua que ela dantes nunca tinha ouvido falar?

Pergunto-lhe ainda uma vez: como devo considerar este fato e muitos outros análogos?

Seu dedicado:

J. W. Edmonds.

Este fato é verdadeiramente esmagador. Seria o caso, ou nunca mais ele se apresentaria, de apelar para o auxílio da clarividência. Infelizmente essa explicação não poderia ficar de pé: a médium via o Senhor Evangelides pela primeira vez; ela nada sabia; absolutamente acerca da família de Evangelides, que residia na Grécia, e menos ainda de seu amigo falecido, o irmão de Bozarris. Onde, pois, se encontraria o intenso interesse, o motivo poderoso, capaz de tornar a médium clarividente? E depois, por mais perfeita que tenha podido ser a clarividência da jovem Laura naquela ocasião, não lhe pôde dar certamente a faculdade de falar o grego. Também não seria lógico atribuir o dom de falar o grego, que a médium apresentava, e seu conhecimento da morte do merino, a duas causas distintas. Evidentemente as duas manifestações foram produzidas por uma única e mesma causa.

Eis dois outros exemplos de comunicação de mortes, tirados igualmente ao Senhor Edmonds, que reproduz o testemunho do Senhor Young já citado

“Em uma das sessões que fazíamos à noite, minha mulher dava comunicações por conta de uma personalidade que se dizia ser Maria Dabiel, de Glasgow, Escócia, e que nos anunciava, por esse meio, sua entrada no mundo dos Espíritos. Eu tinha conhecido essa senhora, ainda moça, por ocasião de minha estada em Glasgow; quando deixei aquela cidade, há cerca de cinco anos, ela residia em uma casa de saúde e eu não tinha ouvido falar nela desde esse tempo. Para verificar a comunicação transmitida por minha mulher, escrevi em Nova Iorque, a um de meus amigos cujo filho residia em Glasgow, pedindo-lhe que tomasse informações acerca da moça em questão. Três meses depois, recebi uma carta de meu amigo, na qual ele confirmava tudo o que minha mulher nos tinha dito. Nenhum de nós soubera da morte de Maria Dabiel. E preciso acrescentar que o conjunto da comunicação apresentava uma grande afinidade com o caráter da defunta.

“Em outro dia, minha mulher achava-se sob a direção de uma individualidade que falava o mais puro dialeto escocês e tomava o nome de Senhora N., de Paisley, Escócia; essa pessoa nos anunciava a sua morte, que tinha ocorrido na mesma cidade, alguns dias antes. Soubemos que era a avó de um dos membros de nosso círculo, que tinha ido à América havia cerca de um ano. Três ou quatro dias depois, a mesma individualidade se manifestava por intermédio de uma rapariga, a jovem Scongall, de Rokfort, Illinois, que não conhece absolutamente o escocês; ela anunciava ainda uma vez sua morte, empregando o mesmo dialeto que lhe era familiar e comunicava diversos pormenores acerca da casa em que habitava, a respeito do jardim, das árvores, etc. A jovem Scongall não tinha estado presente à primeira manifestação dessa senhora e nem tinha conhecimento de suas primeiras palavras. O moço diretamente interessado naquela comunicação fez diversas perguntas no intuito de verificar a identidade da individualidade que se manifestava; ele se

informou, dentre outras, das pessoas que tinha conhecido na Escócia e recebeu respostas satisfatórias acerca de todos os pontos. O mesmo Espírito se manifestou em muitas sessões consecutivas e deu provas inegáveis de sua identidade.

"A convicção do senhor em questão foi tal que ele escreveu imediatamente a seus amigos da Escócia para lhe dar parte da morte de sua avó, com a cautela de indicar a fonte de sua informação. As cartas que recebeu confirmaram completamente a triste notícia.") (Edmonds - "Cartas acerca do Espiritualismo", Nova Iorque, 1860, págs. 118-120.)

Aqui, "chamo-nos em presença sempre de um mesmo fato dando-se nas mesmas condições, isto é, a morte de uma pessoa completamente desconhecida do médium, anunciada em língua que o médium desconhece igualmente, porém familiar à pessoa morta.

Os casos de morte anunciados por via mediúnica, quer sob a forma de comunicações verbais em estado de transe, quer por escrita direta, são muito numerosos. Vou mencionar em seguida um outro, de gênero diferente do precedente, e em que o médium vê a pessoa que anuncia sua morte e repete suas palavras. Em uma conferência feita pelo "Spiritual Alliance", de Londres, acerca de "A Ciência e os fenômenos chamados espirítico", o Major-general Drayson referiu o fato seguinte, e serve-se dele para refutar a teoria segundo a qual "nada pode manifestar-se pelo médium que não tenha sido conhecido pelas pessoas presentes":

"Faz muitos anos que recebi certa manhã um telegrama informando-me da morte de um dos meus amigos íntimos, um clérigo, que morava no norte da Inglaterra.

No mesmo dia fui visitar uma senhora de meu conhecimento que pretendia estar em relação com os Espíritos e falar com eles. Quando entrei em casa dela, meus pensamentos estavam absorvidos pela morte de meu amigo.

"No decurso da conversação que tive com essa senhora, perguntei-lhe se via perto de mim alguém que acabava de deixar este mundo. Respondeu-me que via uma pessoa, que apenas acabava de entrar no outro mundo. Eu via, em pensamento, a imagem do meu amigo falecido, o sacerdote. A senhora disse-me que via um homem fardado que lhe dizia que acabava de morrer de morte violenta. Disse-me em seguida seus nomes e sobrenomes, assim como a alcunha que seus camaradas lhe tinham dado. Em resposta às minhas perguntas relativamente aos incidentes de sua morte, informou-me que lhe tinham decepado a cabeça, que seu corpo tinha sido lançado em um fosso, que isso tinha ocorrido no Oriente, mas não nas Índias. Havia já três anos que eu não via esse oficial; segundo as últimas notícias que recebi a seu respeito, ele devia achar-se nas Índias.

"A investigação que fiz depois, em Wolwich, fez-me saber que esse oficial deveria achar-se nas Índias, mas que provavelmente se tinha dirigido à China.

"Algumas semanas depois, recebeu-se a notícia de que tinha sido feito prisioneiro pelos chineses. Um resgate considerável tinha sido oferecido pela sua liberdade, porém ele havia desaparecido sem deixar vestígio.

"Depois de muitos anos, durante minha estada nas Índias, encontrei-me com o irmão desse oficial e perguntei-lhe se nada sabia acerca da morte de seu irmão na China. Disse-me que seu pai tinha ido à China, onde soube de fonte certa que o comandante das tropas mongólicas, furioso por ter perdido um de seus amigos, tinha mandado decapitar o prisioneiro sobre o dique de pequeno canal, no fundo do qual atiraram o cadáver.

"Eis um caso tirado de muitas dezenas de exemplos análogos; eu teria muita curiosidade em saber como ele se pode harmonizar com a teoria em questão ou com uma lei conhecida qualquer?

"Fatos iguais existem, e toda teoria que os não levasse em consideração ou fosse incapaz de dar a sua explicação não pode ter valor algum. E' sempre o erro antigo: construir teorias sobre dados incompletos." ("Light", 1884, pág. 448.)

Da mesma maneira aqui não se apresenta pretexto algum para admitir-se um acesso súbito de clarividência.

Também há exemplos em que a comunicação anunciativa do falecimento de uma pessoa revela ao mesmo tempo diversos pormenores concernentes aos negócios privados do falecido e que se tinham

conservado desconhecidos das demais pessoas. “Light” (1885, pág. 315) refere um fato interessante desse gênero, sob o título Um caso misterioso. (25)

Eis esse artigo na íntegra:

O Doutor Davey, estabelecido perto de Brístol, tinha um filho, médico também, que morava no estrangeiro. Esse último, desejoso de ir à Inglaterra, embarcou em um navio inglês, que se dirigia a Londres; em substituição ao pagamento da passagem, ofereceu seus serviços como médico. No decurso do trajeto, o jovem médico faleceu. Chegando a Londres, o capitão comunicou o ocorrido ao pai e restituiu-lhe a soma de 22 libras esterlinas que dizia ter encontrado com o morto. Entregou-lhe igualmente um extrato do diário de bordo, onde todas aquelas particularidades estavam escritas. O Doutor Davey considerou tão louvável o procedimento do capitão que lhe fez presente de uma bolsa de ouro.

“Meses depois, o doutor e sua mulher assistiam a uma sessão espírita em Londres. Deram-se diversas manifestações desordenadas, tais como movimento de móveis, pancadas, etc. O médium, uma senhora, explicou esses fenômenos declarando que os Espíritos tinham uma comunicação a fazer a uma das pessoas presentes. Desejou-se saber a quem. Logo que este desejo foi externado, grande mesa, na qual ninguém tocava, e que estava no extremo oposto do aposento, começou a ser arrastada e parou muito perto do Doutor Davey. Como sempre, pediu-se ao Espírito que se manifestava que se desse a conhecer. O nome soletrado era o do filho do Doutor Davey; ele declarou, com horror das pessoas presentes, que tinha morrido envenenado.

“O doutor, desejoso de assegurar-se da identidade dessa personalidade, pediu-lhe que desse uma prova disso. Então seu interlocutor oculto lhe disse qual o presente que ele tinha feito ao capitão, coisa que nenhum dos assistentes podia saber. Depois, o doutor perguntou se o veneno tinha sido aplicado propositadamente ou por equívoco. A resposta foi: “Uma e outra coisa são possíveis.” Foi ainda comunicado que a soma de dinheiro deixada pelo falecido era de 70 e não de 22 libras esterlinas. Ficaram-se conhecendo ainda diversos outros pormenores.

“Em conseqüência dessas comunicações, o Doutor Davey obteve, por intermédio do armador do navio, cópia do diário de bordo, a qual não combinava com a que lhe tinha sido entregue pelo capitão. Descobriram-se ainda outros pormenores misteriosos que não temos a permissão de divulgar. Fomos informados de que o Doutor Davey tem a intenção de proceder contra o capitão perante os Tribunais.”

Em Outubro de 1884, por ocasião de reproduzir essa narração, escrevemos ao Doutor Davey e eis sua resposta:

Redland-road, 4, Brístol, 31 de Outubro de 1884.

Senhor:

Foi em 1863, se não me engano, que meu filho morreu vitima de veneno, a bordo, ao regressar da África. Os incidentes de sua morte me foram referidos pelo capitão do navio, e eu os considerava exatos. No decurso do ano, tive o ensejo de ocupar-me um pouco de Espiritismo; soube em certo dia, numa sessão feita em Londres, na qual meu filho se manifestou, que os pormenores acerca de sua morte, comunicados pelo capitão, não eram exatos; que sua morte era devida à imprudência do despenseiro que administrara essência de amêndoas amargas ao óleo de rícino, em vez de portela, conforme meu filho tinha prescrito.

Eu de nada sabia absolutamente acerca do dinheiro ao qual ele fazia alusão. Entre a bagagem que me foi restituída depois da morte de meu filho, encontravam-se muitas moedas de cobre apenas, mas tenho toda a razão em supor que no momento de sua morte ele possuía cerca de 70 libras esterlinas. O Espiritismo é um fato de grande importância. Desde 1865, tenho recebido de meu filho muitas comunicações, com caráter todo pessoal. Os fatos que ele revelou, em 1863, foram confirmados, com descontentamento evidente do capitão; esse me evitava visivelmente e apressou-se em empreender uma nova viagem, receando, parece-me, que eu o citasse para comparecer em juízo.

Seu afeiçoado:

J. G. Davey.

O Senhor Hartmann poderia encontrar um excelente exemplo análogo no relatório da Comissão da Sociedade Dialética. Esse fato ocorreu em um círculo íntimo com posto de membros de uma sub-comissão, na ausência de qualquer médium profissional. O cunhado da dona da casa, onde se realizavam as sessões, falecido havia catorze anos, fez esta comunicação:

"Estimo muito a minha querida M. (sobrenome da senhora), se bem que a seu respeito me tenha pouco..."

"Nesse ponto a Senhora M., lembrando-se de que seu cunhado tinha sido um correspondente preguiçoso, exclamou, julgando completar, o seu pensamento:

- Lembrado!

- "Não - foi a resposta.

"Continuou-se por conseguinte a recitar o alfabeto, e as palavras seguintes foram soletradas:

- "Preocupado quando eu estava...

- "Vivo! - interrompeu um dos assistentes.

- "Não.

- "Em meu corpo terrestre!.

- "Não.

"Uma série de pancadas parecia indicar descontentamento a propósito dessas freqüentes interrupções. A pedido dos assistentes, seu interlocutor invisível continuou a frase:

- "...nesta terra; ela devia receber...

"Outra vez, nova interrupção por parte da Senhora M.:

- "Uma carta - exclamou ela, pensando sempre na raridade de suas missivas.

- "Não - foi ainda a resposta.

"De novo lançou-se mão do alfabeto, e, relendo o que já tinha sido ditado, obteve-se a frase seguinte:

"Estimo muito a minha querida M., se bem que a seu respeito me tenha pouco preocupado quando eu estava nesta Terra; ela devia receber toda a minha fortuna, que consiste em uma soma de dinheiro que está em poder de meu testamenteiro, o Senhor X."

"A pergunta: "Qual é o objetivo desta comunicação?" recebemos esta resposta:

- "E provar a existência da vida espiritual e testemunhar minha amizade para com M."

Estes fatos, absolutamente desconhecidos das pessoas presentes, eram rigorosamente exatos. (Vede o Relatório da Sociedade de Dialética, 1873, pág. 33.)

De minha experiência pessoal, conheço o fato seguinte: meu amigo e colega de liceu, o Barão Constantino Korff, conselheiro íntimo de S. M., me comunicou, há cerca de vinte anos, que por ocasião da morte de seu tio, o Barão Korff, falecido em Varsóvia, todas as pesquisas feitas para encontrar-se o seu testamento foram infrutíferas; então, por indicação recebida por via mediúnica pelo Príncipe Emílio Wittgenstein, conseguiu-se descobrir esse documento em uma gaveta secreta de um móvel (falarei mais detidamente deste caso no capítulo IV.)

Em outros casos as comunicações de acontecimentos desconhecidos referem-se a acidentes, a desgraças que tinham atingido ou ameaçavam parentes próximos; estas comunicações são geralmente transmitidas sob a forma de um grito de socorro ou de uma advertência, que se pode receber mesmo fora de toda a sessão, até sem o intermediário de um médium confirmado.

E assim que eu citei, no parágrafo 7, a narração que o Senhor Brittan fez de uma sessão com Home, na qual a comunicação que prosseguia tinha sido interrompida para ceder o lugar à mensagem seguinte: "Reclamam a tua presença em casa; teu filho está muito mal; parte imediatamente, do contrário chegarás tarde." Pode-se indagar qual era o motivo razoável ou o intenso interesse para com o filho do Senhor Brittan, que teria podido interromper o funcionamento da consciência sonambúlica do médium e lhe substituir um acesso de clarividência, dizendo respeito à saúde desse menino.

Um caso análogo me foi comunicado pelo falecido General Melmikoff (antigo Ministro dos Caminhos e Comunicações). Pela mão de um médium particular, a Senhora J., recebeu-se o nome e o endereço de um homem infeliz que se achava em profunda miséria, e do qual nem o médium nem o general tinham tido o menor conhecimento.

O juiz Edmonds conta um fato análogo, que lhe foi referido pela Senhora French, médium mui conhecida em seu tempo: “Achando-se em estado de transe, sob a direção do Espírito de uma italiana, ela foi conduzida a um bairro afastado da cidade, onde encontrou reunidos em um cubículo pobre catorze italianos indigentes, completamente exaustos, e com os quais começou a falar desembaraçadamente a sua língua.” (Vede Edmonds - “Spiritual Tracts”.)

Lemos no “Light” de 1886, na página 147: “De outra vez, recebeu-se uma comunicação proveniente de uma mulher que tinha sido muito pobre em sua vida terrestre e a quem nenhum dos assistentes tinha conhecido; desejava que se desse notícias dela à sua filha, cujo nome e endereço indicava exatamente. Todos os pormenores eram precisos, à exceção da residência da filha, que tinha mudado de domicílio depois da morte de sua mãe.,

Dão-se igualmente fatos desse gênero sem a assistência de um médium confirmado. O Capitão C. P. Drisko refere, por exemplo, de que maneira o navio “Harry Booth”, que ele comandava, foi salvo do naufrágio durante a travessia entre Nova Iorque e Dry Tortugas, em 1865. Eis as passagens essenciais de seu relatório:

“Notando que tudo estava em ordem na coberta, deixei em meu lugar o Senhor Peterson, meu imediato, oficial digno de toda a confiança, e desci ao camarote para descansar um pouco.

“Às onze horas menos dez minutos, ouvi distintamente uma voz que me dizia: “Sobe à coberta e manda lançar a âncora.”

“- Quem és tu, perguntei, correndo para a coberta. Eu estava surpreso por ter recebido uma ordem. Em cima, encontrei tudo em regra. Perguntei a Peterson se tinha visto alguém descer a meu camarote. Quer ele, quer o homem do leme nada tinham visto nem ouvido.

“Persuadido de que eu tinha sido o joguete de uma alucinação, desci de novo. À meia-noite menos dez minutos, vi entrar em meu camarote um homem vestido com um longo sobretudo pardo, tendo na cabeça um chapéu de abas grandes; fixando-me os olhos, ordenou-me que subisse e mandasse lançar a âncora. Em seguida, afastou-se de vagar, e eu ouvi distintamente seus passos pesados quando ele passou diante de mim. Subi ainda uma vez à coberta e nada notei de extraordinário. Tudo ia bem. Absolutamente seguro de minha derrota, não tinha motivo algum para dar cumprimento à advertência, viesse de quem quer que fosse. Voltei pois ao camarote, porém não era para dormir; não me despi e conservei-me pronto a subir se houvesse necessidade.

À uma hora menos dez minutos, o mesmo homem entrou e intimou-me, com um tom ainda mais autoritário, que “eu subisse à coberta e mandasse lançar âncora”. Reconheci então no intruso meu antigo amigo o Capitão John Barton, com o qual eu tinha feito viagens quando era grumete e que me tinha testemunhado grande benevolência. De um salto cheguei à coberta e dei a ordem de arriar o pano e fundear. Estávamos com um fundo de 50 toesas. E assim que o navio evitou encalhar nos recifes de Bahama.” (Vede os pormenores no “Light” de 1882, pág. 303.)

Eis efetivamente o que o Senhor Hartmann chama um caso de clarividência, pois que a clarividência pura se numerosas comunicações boas em nome de seu irmão Nicolau; mas, subitamente, elas cessaram, e o caráter delas mudou completamente: dirigiam-lhe de cada vez ditos muito desagradáveis, exprobravam-lhe com grosseria os seus defeitos, prenunciavam-lhe inúmeras desgraças, o que a vexava e irritava muito.

Cedendo aos conselhos da jovem Bárbara P., a jovem Maria P. prometeu nunca mais tomar parte nas sessões. Pouco depois, ela partiu para São Petersburgo. As duas jovens, que não escreviam uma à outra, ignoravam, cada uma, o que se passava com a outra. A jovem P., que escrevia algumas vezes mediunicamente, recebeu certo dia, em uma sessão, sem que tivesse pensado em sua amiga, sem ter feito pergunta alguma a seu respeito, e depois de uma série de comunicações acerca de assuntos religiosos, a comunicação seguinte:

“Escreve a Maria “dizendo-lhe” que deixe de fazer experiências com a prancheta; seu irmão Nicolau lhe pede isso, ela está sob uma influência má, e é perigoso para ela continuar.”

Ao que a jovem P. respondeu que Maria desde muito tempo tinha deixado essa ocupação e que lhe tinha prometido nunca mais assistir a sessões.

- “Nesses últimos tempos, persuadiram-na de novo que tomasse parte nas experiências, e ela o faz” - respondeu o interlocutor.

Em resposta à carta que lhe foi imediatamente enviada de Moscou, Maria confessou que efetivamente não cumprira a promessa e que, a pedido de uma amiga, havia já duas semanas que tomava parte de novo nas sessões, as quais recomeçavam a levá-la a um verdadeiro estado de superexcitação. Possuo o testemunho, por escrito, das jovens P. e Bárbara P.

Este fato é exatamente da mesma categoria a que pertence a notícia da morte de Duvanel. Já tive ocasião de dizer por que motivo a explicação por transmissão de pensamento e clarividência não se harmoniza com ele. No caso que acabo de expor, a simpatia entre as duas amigas é a base única sobre a qual se teria podido estabelecer a clarividência; porém nós presenteamos fenômenos idênticos onde não havia simpatia, pelo simples fato de o médium não conhecer absolutamente a pessoa de quem se tratava; não temos por conseguinte razão suficiente para recorrer, nesse fato muito simples, à clarividência. A jovem Bárbara P. nunca foi sonâmbula, nunca lhe sucedeu cair em transe; escrevia sempre em estado de vigília; na sessão em questão, suas idéias estavam dirigidas para assuntos abstratos, ela não pensava de maneira alguma no que sua amiga estaria fazendo, e subitamente ei-la em relação com o Absoluto!

E, também a razão pela qual não compreendemos a necessidade de atribuir à clarividência toda a série de fatos análogos, quando se produzem por via mediúnica. Tais são, por exemplo, os fatos referidos pelo juiz Edmonds:

“Durante a viagem que fiz no ano passado à América Central, meus amigos receberam durante todo o tempo notícias muito exatas a meu respeito. Quando, pela primeira vez, tomaram informações minhas, eu estava a bordo havia quatro dias, isto é, a 800 milhas mais ou menos, no 73° de longitude e perto das costas da Flórida. Desde a nossa partida não nos tínhamos comunicado com qualquer navio, de maneira que meus amigos de Nova Iorque não tinham meio algum direto de ter notícias minhas nem de saber o que eu fazia. Nesse dia, o círculo reuniu-se às 9 horas e meia da noite, e fez-se a pergunta seguinte: “Nossos correspondentes invisíveis podem dar-nos notícias da saúde do juiz Edmonds?” A resposta foi: “Vosso amigo está com saúde; sua travessia foi boa até o presente. Ele está de bom humor. Pensa neste momento em vosso círculo e fala a vosso respeito. Vejo-o rir-se e conversar com os passageiros, etc.,,”

“Eu ignorei tudo isso até à ocasião de meu regresso, quatro meses depois. Quando me fizeram a narração desses incidentes, consultei minhas notas de viagem, e verifiquei que os pormenores de lugar e tempo eram absolutamente exatos.

“Depois de quatro dias de navegação - eu estava sempre em alto mar -, a comunicação seguinte foi recebida, sempre por intervenção do mesmo médium “Vosso amigo, o juiz, passa menos bem, tem nostalgia. Ele escreveu muito, o que lhe despertou sua antiga tristeza.” Três dias depois os membros do círculo receberam ainda uma comunicação, dizendo que minha viagem tocava a seu termo, que eu estava em terra e descansava. Ora, a nossa viagem tinha terminado na véspera e eu havia caminhado naquela região até à distância de 90 milhas.

“Vinte dias depois, soube-se do seguinte: “Ele anda coxeando por não estar habituado com as viagens, sofre de dor de cabeça.” Relendo minhas notas diárias verifiquei ter caminhado 4 milhas na véspera e 8 naquele dia de que se tratava, e que na ocasião em que esta comunicação tinha chegado à Nova Iorque eu estava de cama, a mais de duas mil milhas, com uma enxaqueca violenta.” (Ver Edmonds - “ Spiritualism”, vol. I, página 30.)

Entre os fenômenos desse gênero que notei, quero citar dois ainda:

O Senhor John Cowie, de Dumbarton, na Escócia, alarmado pela demora do navio “Brechin Castle”, a bordo do qual se achava seu irmão que regressava da Austrália, organizou uma sessão de família e recebeu a comunicação seguinte: “O “Brechin Castle” chegou a Trinidad. Tudo vai bem. Tereis notícias suas de sexta-feira as oito dias.” E o telegrama do “Gasglow Herald”, na sexta-feira seguinte, dia da chegada do correio, confirmou essas noticias. (“ Light”, 1881, pág. 40.)

Pelo mesmo motivo, o Senhor J. H. M., inquieto pela sorte de seu filho Herbert, que tinha deixado a Inglaterra para dirigir-se a Adelaide, na Austrália, no intuito de obter fortuna, recebeu a 16 de Agosto de 1885, por intermédio de sua mulher, em nome da irmã desta, a comunicação seguinte: “Fui a Adelaide para

ver Herbert. Ele passa perfeitamente bem e conseguiu obter um emprego" E a esta pergunta: "Em casa de quem?" A interlocutora respondeu: "Na Companhia das Usinas de Adelaide." A 30 de Agosto, uma carta do filho confirmou essas informações. ("Light", 1887, pág. 248.)

O objetivo principal deste capítulo era demonstrar que se podem obter comunicações de fatos ignorados por todos aqueles que assistem à sessão, e mesmo fatos a respeito de pessoas a quem o médium não conhece, e que essas manifestações não são explicáveis pela transmissão de pensamento ou pela clarividência. Mas talvez ainda se encontre um meio de contentar-nos com esta explicação, pretendendo que o fato desconhecido diz respeito a uma pessoa a quem o médium não conhece, é certo, mas a quem um dos assistentes conhece. E por conseguinte essa pessoa quem deve operar a "transmissão sensorial", provocando em primeiro lugar "percepções sensitivas, que em seguida são transformadas, pela consciência sonambúlica, em representações visuais, auditivas ou intelectuais" (pág. 74). Eis o traço de união - entre o médium e as pessoas e fatos desconhecidos - que deve ligar os fenômenos dessa categoria à clarividência!

Não obstante faltarem aí as outras condições características da clarividência: a forma alucinatória, o interesse intenso da vontade, etc., e apesar de essa transmissão sensorial só figurar aqui como uma palavra que nada explica, não deixa de ser um expediente in extremis para o recurso ao Absoluto, que, parece, é mais próximo, mais "natural", que qualquer ser humano.

Vejamos pois desde já as:

9. - Comunicações provenientes de pessoas completamente desconhecidas, quer dos médiuns, quer dos assistentes.

O protótipo das comunicações desta categoria, e o primeiro caso, se não me engano, acerca do qual se possuem testemunhos sérios, deu-se em uma sessão relatada no "Spiritual Telegraph", dirigido pelo Doutor Brittan. Tiro essa narração ao livro do Senhor Capron: "Modern Spiritualism", 1855 (págs. 284-287):

"Waterford, Nova Iorque, 27 de Março de 1853.

Ao Senhor Brittan.

Senhor: Em uma sessão realizada aqui, em fins de Fevereiro, deram-se manifestações referentes, de maneira tão direta, às discussões provocadas atualmente por certos fatos extraordinários, que a minha noticia não deixará por certo de interessar os seus leitores.

Muitos médiuns, em diferentes graus de mediunidade, achavam-se presentes à sessão, e viu-se produzir-se uma multidão de manifestações, pertencentes principalmente à categoria das "possessões". (26) No decurso da reunião noturna, um Senhor John Prosser, residente em Waterford, que era sujeito a cair nesse- estado debaixo da forma mais característica, ficou sob a direção de um Espírito que declarou não ser conhecido de nenhum dos assistentes, mas sentia-se fortemente atraído para o nosso circulo. Assegurou-nos que tinha deixado seu despojo mortal na idade de mais de cem anos, que havia sido soldado no tempo da revolução e que tinha visto Washington, pelo qual sentia profundo respeito. Deu-nos o conselho - como fruto de sua experiência pessoal - de viver de acordo com a nossa própria inteligência e de seguir os preceitos do grande livro da Natureza... Cito suas últimas palavras textualmente: "Tudo quanto lhe digo é exato. Se quiser dar-se ao incômodo, verificará que tudo é exatamente como lhe digo. Eu morava em Point Pleasant, New Jersey, e só depende de o senhor assegurar-se se o tio John Chamberlain lhe disse a verdade."

Em seguida ele se deteve e verificamos os indícios precursores de uma mudança de direção; um dos assistentes fez esta observação: "E' pena que ele não tenha dado mais amplas informações a seu próprio respeito, porque nas condições que se oferecem teríamos então uma excelente prova de identidade."

O médium caiu imediatamente sob a influência de seu avô, que passava por ser o seu guia. Depois de ter dirigido sobre todos sua vista benevolente, declarou. que bem sabia que o desejo geral era ouvir ainda o velho que acabava de falar e que, por conseguinte, voltaria por alguns instantes. Depois de pequena pausa, o Senhor Prosser (o médium) incorporava de novo a personalidade que se tinha manifestado antes, e que disse por seu intermédio:

"Meus amigos, não esperava conversar ainda uma vez com os senhores, mas não desejo mais do que lhes fornecer uma prova. Faleci na sexta-feira 15 de Janeiro de 1847, pai de onze filhos. Se quiserem dar-se ao incômodo, poderão assegurar-se da exatidão do que eu digo. Minha linguagem não é igual à sua, mas, se tiverem prazer em ouvir um velho falar, voltarei. Adeus, preciso ir-me embora."

No dia seguinte á noite, fez-se uma sessão em outra casa, mas muitas pessoas do circulo precedente assistiam também a essa última. O Senhor Prosser era o único médium presente. O tio John Chamberlain manifestou-Se de novo e repetiu as datas contidas em sua comunicação precedente; verificou-se também que na véspera se tinha escrito, por engano, Pleasant Point, em vez de Point Pleasant. Depois de termos feito indagações para nos assegurarmos de que uma estação deste nome existia realmente no Estado de New Jersey, e que o dia 15 de Janeiro de 1847 coincide efetivamente com uma sexta-feira, escrevemos ao diretor do Correio pedindo-lhe informações. Em resposta nos informou de que o "velho tio" nos tinha fornecido pormenores exatos. Nós lhe mandamos extratos das cartas que recebemos e que confirmam a exatidão sobre a vida terrestre de John Chamberlain.

Nós abaixo assinados assistimos à primeira das sessões supra mencionadas, e damos testemunho da exatidão da narração que precede. Declaramos também que até àquela ocasião nunca tínhamos ouvido falar de John Chamberlain nem de fatos de qualquer natureza referentes à sua vida ou à sua morte. Também não sabíamos que existe em New Jersey um lugar chamado Point Pleasant.

John Prosser
Sarah S. Prosser
Juliet E. Perkins
A. A. T hurber
Letty A. Boyce
Albert Kendrick
E. Waters
N. F. White
Mrs. N. D. Ross N. D. Ross
J. H. Rainey
Mrs. J. H. Rainey.

I. - Carta dirigida ao Diretor do Correio de Point Pleasant:

Troy, 28 de Fevereiro de 1853.

Senhor:

Seria muito amável informando-me se um velho chamado Chamberlain faleceu, há alguns anos, na cidade em que o senhor habita. No caso afirmativo, ficar-lhe-ia muito grato se me desse pormenores precisos quanto à data de seu falecimento, idade, etc. Indique-me também o nome de um de seus parentes com o qual eu possa corresponder-me.

Seu afeiçoado,

E. Waters.

II. - Resposta:

Point Pleasant, 7 de Março de 1853.

Ao Senhor E. Waters.

Amigo (27), recebi a tua carta de 28 do passado, com o pedido de comunicar informações acerca de Chamberlain. Posso fornecer-te muito precisas, pois que o conheci durante 15 anos, e morei em sua vizinhança. Ele morreu a 15 de Janeiro de 1847, na idade de 104 anos. Teve sete filhos, que atingiram a idade de casar; três dentre eles morreram deixando filhos. Teve quatro filhas que ainda estão vivas; três delas são minhas vizinhas; a filha mais velha, viúva, tem 72 anos; três são casadas; uma destas mora a 20 milhas. Sendo iletradas, desejam corresponder contigo por meu intermédio. E' com prazer que te comunico tudo quanto sei.

Teu afeiçoado,

Tomas Cook.

P. S. - Ele era soldado durante a Revolução, fez parte das campanhas e recebia uma pequena pensão."

III

"Meu caro Brittan:

Ao receber esta carta, escrevi de novo a Cook, informando-me do número dos filhos de Chamberlain. Ele me respondeu que esse último tinha tido onze filhos ao todo, dois dos quais morreram pequenos, chegando os outros nove a idade avançada.

Seu afeiçoado,

E. Waters.

O "Banner of Light", jornal hebdomadário publicado em Boston desde 1857, granjeou uma especialidade nesse gênero de comunicações. Em cada número dessa revista encontra-se uma página com o título: Message Department (Comunicações); sob esta rubrica o jornal publica as mais variadas comunicações, recebidas publicamente nas sessões organizadas pela Redação, por intervenção da médium Senhora Conant, em estado de transe. Com poucas exceções, essas comunicações provêm de personagens absolutamente desconhecidas dós membros do circulo e da médium; mas, como eles têm os nomes, sobrenomes e antigos endereços dessas pessoas falecidas, assim como outros pormenores concernentes à sua vida privada, a verificação dessas informações é geralmente fácil, e não se deixa de fazê-la.

Encontramos também no "Banner" um capítulo intitulado: "Verificação das comunicações espiríticas", com cartas escritas por parentes ou amigos das pessoas em nome das quais as comunicações são feitas, e que têm por objetivo confirmar os pormenores comunicados nessas mensagens. Recentemente, o " Light" levantou uma polêmica a respeito da autenticidade desses testemunhos o espiritualista inglês muito conhecido, o Senhor C. C. Massey, reconhecendo em absoluto a importância dessas cartas para provar que essas comunicações provêm de uma Inteligência independente das pessoas presentes, compreendendo nesse número a médium, é de opinião que elas não preenchem as condições requeridas, pois que não consta, segundo o jornal, que se tenham feito tentativas sérias, sistemáticas, para verificar esses testemunhos.(" Light", 1886, págs. 63, 172, 184.)

Eis a resposta que o diretor do "Banner" publica no número de 27 de Fevereiro de 1886:

"Durante o primeiro ano da publicação do "Banner", todas as comunicações recebidas por intermédio da Senhora Conant eram cuidadosamente verificadas antes de serem impressas; por conseguinte, fazia-se exatamente o que diz o Senhor Massey. Escrevíamos às pessoas mencionadas nas comunicações, que moram em Estados afastados e que a nossa médium não conhecia de maneira alguma, como o sabemos convenientemente. Nove vezes em dez recebíamos respostas das mais satisfatórias. Julgamo-nos então animados a prosseguir em nossa obra. Nos anos seguintes, só raramente pudemos, à falta de tempo, empreender investigações pessoais e fomos coagidos a supri-Ias por um apelo público com o intuito de

obtermos testemunhos e provas; recebemos milhares delas, vindas de todos os lados do país, e às vezes do estrangeiro."

O editor refere, ali, como o professor Gunning, o geólogo, incrédulo até então acerca desse gênero de comunicações, apresentou-se à redação, pedindo provas, e como, recebendo-as, resolveu verificá-las pessoalmente. Tendo encontrado em um dos números do jornal a comunicação que um escocês dirigia à sua mulher, em Glasgow, ele declarou que se dirigiria à Inglaterra, e que iria de propósito a Glasgow para assegurar-se da exatidão dos fatos alegados, ameaçando, dado o caso, desmascarar a fraude. Depois de alguns meses, apresentou-se de novo à redação e fez a narração de sua entrevista com a viúva em questão, que tinha confirmado inteiramente tudo quanto a comunicação continha.

Na biografia da Senhora Conant, por Allen Putnam (Boston, 1873), encontra-se, acerca do início da publicação dessas mensagens no "Banner",informações interessantes que confirmam o que se acaba de ler, do diretor desse jornal (págs. 115 e seguintes). Surgiram dificuldades do lado donde menos as esperavam: dos parentes, das pessoas citadas no capítulo das comunicações; elas julgavam que aquela publicação constituía um ultraje à memória de seu parente próximo já falecido. Um pai indignado chegou a proceder judicialmente contra o "Banner" perante um tribunal de Justiça por difamação (págs. 108-109). No fim do volume, há alguns exemplos muito notáveis de verificação, principalmente o da comunicação de Harriet Sheldon, que foi confirmado por seu próprio marido, dez anos depois da publicação (páginas 238 e 239).

A fabricação de falsas cartas demonstrativas teria sido descoberta em breve, pois que os inimigos da causa espírita não dormem. A autenticidade das cartas é fácil de demonstrar: seus autores dão nome e endereço, por conseguinte nada mais fácil do que se assegurar de sua existência, quer pessoalmente, seguindo a direção indicada, quer lhes escrevendo.

Numerosos casos deste gênero estão esparsos em toda a literatura espírita; já citei o primeiro no parágrafo precedente, mui resumidamente, e sem fornecer muitos pormenores; terminarei citando in extenso um caso cuja prova teve de ser feita na América e que se deu na Inglaterra, pela mediunidade do Senhor M. A., pessoa cuja respeitabilidade é reconhecida no mundo espírita. Lemos no "Spiritualist" de 11 de Dezembro de 1874, pág. 284, a carta seguinte, dirigida pelo Senhor M. A. ao diretor desse jornal:

"PEDE-SE UMA INFORMAÇÃO NA AMÉRICA

Senhor:

Ficar-lhe-ei muito agradecido se publicar a carta inclusa, na esperança de que alguns de seus leitores americanos poderão auxiliar-me a firmar a exatidão dos fatos.

No mês de Agosto passado (1874), achava-me com o Doutor Speer, em Shanklin, na ilha de White. Em uma das nossas sessões recebemos uma comunicação em nome de um Abraão Florentino, que declarava ter tomado parte na guerra de 1812, na América, dizendo que acabava de falecer no Brooklin, Estados Unidos da América, a 5 de Agosto, na idade de 83 anos, 1 mês e 17 dias. Esta comunicação foi transmitida de maneira muito notável. Éramos três à roda de uma mesa tão pesada que duas pessoas tinham dificuldade em movê-la. Não se ouviram pancadas, mas, em vez disso, a mesa começou a inclinar-se. A impaciência do interlocutor invisível era tão grande que á mesa se inclinava antes mesmo que a vez da letra seguinte tivesse chegado; ela tremia como em agitação extrema e caia com violência na letra precisa. E assim sucedeu até o final da comunicação...

Do grande número de fatos desse gênero que se deram em nossas sessões, não conheço um só que se não tenha confirmado; tenho por conseguinte toda a razão de acreditar que o fato de que se trata o será igualmente. Ficarei pois muito grato aos jornais americanos se reproduzirem esta carta e se por esse meio me fornecerem ensejo de verificar a exatidão dos fatos de que recebi a comunicação. Se posso avançar uma suposição, direi que acredito que Abraão Florentino foi um bom soldado, um verdadeiro batalhador, e que se torna a encontrar exatamente seu arrebatamento natural na alegria que manifesta por ficar afinal desembaraçado de seu despojo mortal, depois de dolorosa moléstia.

O Senhor M. A. dirigiu-se com o mesmo pedido ao Senhor Epes Sargent, célebre espiritualista americano, que mandou publicar o fato no “Banner of Light” de 12 de Dezembro de 1874. Já no número de 13 de Fevereiro de 1875, pode-se ler esta inserção:

“Washington, 13 de Dezembro de 1874.

Senhor Diretor:

No último número do Banner, o senhor pergunta se alguém conhecera Abraão Florentino, saldado em 1812. Desempenhando há catorze anos as funções de agente incumbido de receber as petições apresentadas pelos soldados de 1812, no Estado de Nova Iorque, tenho em meu poder a lista de todos aqueles que requereram indenizações pelos serviços que prestaram nessa guerra. Na dita lista encontro o nome de Abraão Florentino, de Brooklin; quanto às informações circunstanciadas de seu serviço, o senhor poderá obtê-las na Chancelaria do General Ajudante de Campo do Estado de Nova Iorque, referindo-se à petição no 11.518, relativa à guerra de 1812.

Wilson Millar
Recebedor das petições.

No mesmo número do “Banner” encontra-se a informação obtida do general ajudante de campo:

“Chancelaria do General Ajudante de Campo do Estado de Nova Iorque, em Albany, 25 de Janeiro de 1875”.

Senhor:

Em resposta à sua carta de 22 de Janeiro, posso comunicar-lhe os pormenores seguintes, copiados dos registros de nossa chancelaria: Abraão Florentino, soldado de linha, da Companhia do Capitão Nicole, 19 Regimento da Milícia de Nova Iorque, a 2 de Setembro de 1812, prestou um serviço de três meses e obteve isenção com o direito de receber 40 acres, conforme o recibo no 63.365.

Aceite, etc.

Franklin Townsend
General Ajudante de Campo.

No número seguinte do “Banner” (20 de Fevereiro), lemos:

Brooklin, 15 de Fevereiro de 1875.

Senhor Diretor:

Depois de ter lido no último número de seu jornal o artigo relativo à verificação da mensagem enviada por Abraão. Florentino, procurei no livro de endereços de Brooklin e encontrei ali o dito nome com o endereço: rua Kosciuszko, no 119. Dirigi-me para ali e fui recebido por uma mulher idosa, a quem perguntei se Abraão Florentino morava naquela casa.. Ela respondeu-me:

- Morou aqui, porém já morreu.
- Não serás sua viúva?
- Perfeitamente.
- Podes dizer-me a época de sua morte?
- No mês de Agosto passado.
- Em que data?
- A cinco.
- Que idade tinha?
- Oitenta e três anos.

- Feitos?
- Sim; completou oitenta e três anos a 8 de Junho.
- Ele tomou parte na guerra?
- Sim; na guerra de 1812.
- Tinha gênio violento, independente, ou de qualquer outra natureza?
- Era muito violento e teimoso.
- Esteve doente por muito tempo?
- Ficou de cama durante mais de um ano e sofreu muito

Cito textualmente as perguntas e as respostas, por mim escritas durante a entrevista. Depois dessa última resposta, a viúva Florentino - mulher de cerca de 65 anos – perguntou-me por que motivo eu a interrogava; então lhe fiz a leitura do artigo do Banner, onde se tratava de seu marido, o que a tornou perplexa e interessou-a vivamente; tive que lhe dar diversas explicações que a surpreenderam até o mais alto grau. Ela confirmou a mensagem do principio ao fim e pediu-me que lhe mandasse um exemplar desse número do Banner.

Eugênio Crowell, Doutor Med.

Reproduzindo esses documentos em seu livro “Spirit Identity” (Londres, 1879), o Senhor A. acrescenta: “E necessário dizer que nenhum dentre nós conhecia o nome de Florentino e as particularidades que lhe diziam respeito? Ninguém, além disso, teria tido a lembrança de comunicar-nos, da América, fatos que não nos diziam respeito de maneira alguma”.

Eis um fato que se passou na Rússia, em 1887, em casa do Senhor Nartzeff, no Governo de Tambow. Quando tive conhecimento dele, escrevi ao Senhor Nartzeff, a quem eu não conhecia pessoalmente, para pedir-lhe que me comunicasse todos os pormenores. Ele correspondeu ao meu desejo com a mais amável presteza. Os membros do círculo organizado pelo Senhor Nartzeff tinham tido a boa lembrança de lavrar atas em cada sessão, de maneira que não era difícil reconstituir esses acontecimentos, com o auxílio de algumas cartas trocadas. Sucedeu entretanto aparecer o resumo desse fato em primeiro lugar nas “Memórias da Sociedade de Pesquisas Psíquicas”, de Londres (parte XVI, pág. 355), pois que a minha resposta ao Senhor Hartmann, em língua alemã, já estava impressa, e o Senhor Myers estava precisamente preocupado naquela ocasião em recolher os fatos desse gênero. Foi por conseguinte para ele que eu dirigi esta notícia. Atualmente ela apareceu em língua russa, composta dos documentos autênticos seguintes:

I. - Manifestação de Anastácia Perelyguine no dia seguinte ao de sua morte

“Cópia da ata da sessão de 18 de Novembro de 1887, realizada na casa do Senhor Nartzeff, em Tambow, rua dois inválidos.

Estavam presentes: a Senhora A. S. Sleptzoff (28), N. P. Touloucheff (29), a Senhora A. P. Ivanoff (30), A. N. Nartzeff (31).

A sessão começou às 10 horas da noite, em roda de uma mesa redonda, preta, colocada no centro do aposento, à claridade de uma lamparina posta em cima da chaminé. As portas estavam fechadas. A cadeia era formada da maneira seguinte: cada um tinha a mão esquerda colocada sobre a mão direita de seu vizinho: os pés dos vizinhos também se tocavam, de maneira que as mãos e os pés estavam submetidos a uma fiscalização recíproca, durante todo o tempo da sessão. No começo fizeram ouvir-se pancadas violentas, dadas no soalho; mais tarde elas retumbaram na parede e no forro. Depois, subitamente, ouvimos pancadas que partiam do centro da mesa, de cima, como se alguém batesse com o punho; essas pancadas eram tão fortes e sucedia-se tão rapidamente, que a mesa tremia durante todo o tempo. Então o Senhor Nartzeff encetou o seguinte diálogo:

- Podes dar respostas inteligentes? Se podes, bate três vezes; se não, uma vez.
- Sim (três pancadas).
- Desejas dar as respostas por meio do alfabeto?
- Sim.

- Soletra o teu nome.

(Recita-se o alfabeto; as letras são indicadas por pancadas.)

- Anastácia Perelyguine.

- Dize-nos, se é de teu agrado; porque vieste e que desejas?

- Sou uma, desgraçada. Orai por mim. Ontem de dia, faleci no hospital. Envenenei-me com fósforos há três dias.

- Dize-nos outra coisa referente à tua pessoa. Que idade tinhas. Dá tantas pancadas quantos anos tinhas. (Ouvem-se 17 pancadas.)

- Quem eras?

- Camareira. Envenenei-me com fósforos.

- Porque te envenenaste?

- Não o direi. Não direi mais nada.

Nesse momento uma pesada mesa colocada de encontro à parede, fora da cadeia que formávamos, dirigiu-se rapidamente por três vezes, na direção das pessoas que formavam a cadeia, e de cada vez foi repelida por força invisível. Sete pancadas retumbaram na parede (sinal convencionado para dizer que a sessão estava terminada), e levantamos a sessão: eram 11 horas e 20 minutos.

A. S. Sleptzoff
N. P. Touloucheff
A. N. Nartzeff
A. P. Ivanoff.

Por estar conforme com a ata original, assino.

Alexis Nartzeff..

II. - Declaração

"Nós abaixo assinados, tendo assistido à sessão de 18 de Novembro de 1887, na casa do Senhor A. N. Nartzeff, testemunhamos pela presente que nada sabíamos quer acerca da existência, quer acerca do falecimento de Anastácia Perelyguine, e afirmamos que ouvimos esse nome pela primeira, vez, na sessão supramencionada.

Em 6 de Abril de 1890, Tambow.

N. P. Touloucheff
A. Sleptzoff
Alexis Nartzeff
A. Ivanoff.

III - Carta do Doutor N. Touloucheff ao Senhor Aksakof

Senhor:

Na sessão realizada a 18 de Novembro de 1887, em casa do Senhor Nartzeff, recebeu-se uma comunicação feita em nome de Anastácia Perelyguine, que pedia que orassem por ela, declarando que se tinha envenenado com fósforos e que tinha falecido a 17 de Novembro. A princípio não dei crédito algum ao caso, pois que, na qualidade de médico da cidade de Tambow, sou avisado imediatamente pela polícia, todas as vezes que se dá um suicídio. Mas, como dizia ela ter morrido no hospital, e como o hospital de Tambow, pertencente inteiramente à administração da Beneficência, está isento também da municipalidade e da administração do Governo e acha-se assim colocado fora de minha atribuição, a tal ponto que em casos semelhantes requisita por autorização própria a Polícia e o Juiz de Instrução - escrevi ao colega Doutor Sundblatt, médico-chefe do hospital. Nada lhe expliquei do que se tinha passado e pedi-lhe que me informasse se tinha ocorrido nesses últimos dias um caso de suicídio no hospital, e, eventualmente, por quem

e em que circunstâncias. A cópia da resposta que me deu por escrito (o original está em poder do Senhor Nartzeff), certificada pelo próprio Senhor Sundblatt, já lhe foi transmitida.

Aceite, etc.

N. Touloucheff.

Em 15 de Abril de 1890, Tambow, rua do Seminário, casa do Senhor Touloucheff.

IV. - Cópia da carta do Doutor Sundblatt ao Doutor Touloucheff

Caro colega, Nicolau Petrovich:

A 16 do corrente, eu estava de serviço, e, efetivamente, nesse dia trouxeram dois doentes que estavam envenenados com fósforo. A primeira - Vera Korsovitch, de 38 anos de idade (mulher de funcionário, creio), moradora à rua Teplaïa, casa Bogostovski, foi recebida às 8 horas da noite, com guia da 34 Circunscrição de Polícia; a segunda, servente no Asilo de Alienados: Anastácia Perelyguine, 17 anos, entrou às 10 horas da noite. Esta última tinha ingerido, além de uma infusão de fósforos (cerca de dez caixas), a metade de um copo de petróleo. Ela estava muito mal desde o começo e faleceu a 17, à 1 hora da tarde. Foi hoje que se procedeu à autópsia regulamentar. A Senhora Korsovitch declarou-nos que tinha tomado o veneno em um acesso de tristeza, quanto à Perelyguine, nada declarou acerca do motivo que a tinha levado ao suicídio. Eis tudo o que posso comunicar-lhe acerca desse caso.

Cordial aperto de mão.

F. Sundblatt.

Esta cópia está conforme com o original, palavra por palavra, em fé do que assinamos.

Alexis Nartzeff.

Doutor F. J. Sundblatt.

V. - Carta do Senhor A. N. Nartzeff ao Senhor Aksakof em data de 4 de Maio de 1890

Desejando assegurar-me se a Senhora Ivanoff, despenseira da Senhora Sleptzoff, se dirigiu casualmente ao hospital e soube ali do falecimento da jovem Perelyguine, ou antes se ela não ouviu falar a tal respeito em outra parte, pedi ao Senhor Nartzeff que fizesse uma investigação nesse sentido, e me dissesse ao mesmo tempo a que distância de sua casa se acha o hospital, e se Perelyguine tinha instrução; parecia-me curioso verificar se a jovem servente teria estado em condições de ditar essa comunicação por meio do alfabeto.

Recebi do Senhor Nartzeff a carta seguinte:

“Em resposta à sua carta, apresso-me em lhe participar que a despenseira de minha tia não é uma simples ecônoma, no rigoroso sentido do termo, porém antes uma amiga da casa, que mora em nossa companhia há mais de 15 anos e em quem depositamos a mais completa confiança. E impossível que ela tenha tido conhecimento do suicídio da jovem Perelyguine, pois que não tem amigos nem parentes em Tambow e nunca sai de casa.

O hospital onde a jovem Perelyguine morreu fica no extremo da cidade, a 5 quilômetros de nossa casa. O Doutor Sundblatt verifica, segundo a ata da investigação, que a jovem em questão sabia ler e escrever.

Para completar as informações que precedem, falta dizer que Anastácia Perelyguine era incumbida em seu serviço da seção dos alienados do próprio hospital para onde foi transferida na véspera de sua morte.

Que explicação razoável se pode dar desses fatos, baseando-se nas teorias do Senhor Hartmann? E inútil, creio, recomeçar a mesma série de argumentos para de mostrar que não se pode tratar de uma transmissão de pensamentos, pois que a condição essencial - o laço psíquico - não pode existir entre pessoas que se não conhecem. Entretanto, ainda fica a clarividência. Mas o único ponto de reparo para uma “mediação sensorial”, que deveria servir para perceber a sensação, isto é, a presença, na sessão, de uma pessoa que conhecesse o morto - também não existe. Por conseguinte, não fica, em ultimo recurso, mais do que a clarividência pura.

Mas, não se deve esquecer também de que todo acesso de clarividência deve ter sua razão de ser, e que, nos casos enumerados, a condição essencial, “o intenso interesse da vontade”, falta da mesma maneira; por conseguinte nada de relação telefônica possível no Absoluto, entre o médium e os vivos (isto é os amigos do morto, pois que esse último não se conta), nem laço algum entre o médium e o “saber absoluto do Espírito Absolutoo. Com efeito, é possível admitir por um instante que o médium - no caso da Senhora Conant por exemplo - vá em dia e hora fixados da semana ocupar seu lugar na redação do “Banner” para, alguns instantes depois, entrar em relação com o Absoluto e servir de porta-palavra, em estado inconsciente, acerca de dez mortos, um após outro?

Não seria uma verdadeira comédia representada pelo Absoluto? Pois que o “Saber Absoluto” deveria certamente saber, conforme esta teoria, que esses mortos não mais existem, o papel que ele faria o médium representar nada mais seria do que uma ridícula mentira, incompatível com a idéia do Absoluto!

O Próprio Senhor Hartmann incumbiu-se, aliás, de nos demonstrar quão pouco sustentável é semelhante hipótese:

“A verdadeira clarividência não se encontra nos médiuns de profissão, provavelmente pelo motivo de serem as pessoas presentes em geral estranhas umas às outras, sem nenhum laço profundo de simpatia, e porque falta, conseguintemente, o interesse da vontade - necessário para estabelecer uma comunicação retroativa. - Para a transmissão de representações, a respeito das quais os médiuns experimentam interesse, basta haver indução produzida pelas vibrações cerebrais, de maneira que não há absolutamente necessidade de uma comunicação telefônica retroativa no Absoluto; quanto ao passado e aos destinos futuros das pessoas, que participam da sessão, e quanto a seus parentes e amigos, é ainda mais difícil admitir que se desenvolva um interesse bastante intenso para que a vontade inconsciente seja levada a hauri-los no saber absoluto de sua Origem absoluta. O que os espíritas chamam “clarividência”, em seus médiuns, não o é de maneira alguma; a verdadeira clarividência, essa flor mais fina, se bem que doentia, da vida psíquica do homem, os espíritas não a encontram entre seus médiuns, porque esses últimos se servem de suas faculdades como pessoas de ofício.” (Págs. 82-83.)

Assim, pois, é claro que nem a transmissão dos pensamentos a distância, nem a clarividência, encaradas no ponto de vista do Senhor Hartmann, podem explicar os fenômenos dessa categoria. Entretanto esses fatos existem; por conseguinte devem ser explicados. E, em verdade, eles se explicam precisamente por essas duas hipóteses, quando examinadas, não no ponto de vista metafísico ou sobrenatural, mas sob ponto de vista natural, humano.

Que é, com efeito, uma transmissão de pensamento à distância? E uma troca de impressões, conscientes ou inconscientes, entre dois centros de atividade psíquica. Nas experiências ordinárias de transmissão de pensamento, por via magnética, hipnótica ou outra, sabemos de que centro de ação psíquica emana a sugestão. Nas experiências mediúnicas, quando recebemos a comunicação de um fato que conhecemos pessoalmente, ou que é conhecido por um dos assistentes, temos o direito de atribuí-lo a uma troca inconsciente de impressões entre as atividades psíquicas das pessoas presentes. Mas, quando se trata da comunicação de um fato desconhecido das pessoas presentes, devemos atribuí-lo evidentemente a um ser ausente, que conhece o dito fato; nesse caso, uma relação simpática é necessária; se ele se dá, não entre sobreviventes, porém entre um sobrevivente e um morto, e se esse morto está interessado em comunicar o fato em questão ao sobrevivente - principalmente se trata de um fato que só ele pode conhecer -; não é natural, lógico, atribuir essa comunicação à individualidade que se anuncia como tal? Nesse caso o processo de transmissão de pensamento faz-se diretamente, de modo natural, sem que se tenha necessidade de recorrer ao sobrenatural, a uma “relação telefônica com o Absoluto”.

A clarividência confirma ainda mais a nossa explicação. Que é a clarividência segundo o Senhor Hartmann? E “a percepção dos fenômenos reais objetivos, como tais, sem o auxílio dos órgãos dos sentidos”. (Pág. 74.) Assim, um clarividente vê a grande distância um incêndio, uma morte, etc. São “fenômenos objetivos” que se aceitam como tais; mas, quando esse mesmo clarividente vê “um Espírito”, o fato não passa de um “ fenômeno subjetivo”; por conseguinte não é mais clarividência! Mas então porque dizer que “a clarividência propriamente dita” faz parte do “conteúdo da consciência sonambúlica”? (Pág. 60.) Teria sido preferível não falar nela!... E ainda: “A alma individual possui o dom do saber absoluto..” - “não há mais

necessidade de auxílio vindo de fora, nem de intermediário algum, e menos que tudo do auxílio dos mortos." (Pág. 78.) Eis um médium em transe, pela boca do qual o morto estabelece sua identidade, ignorada de todos os assistentes, porém conhecida por todos aqueles que o próprio morto designa e que atestam a exatidão de todas as informações que ele forneceu acerca de si próprio e acerca de sua vida pública e privada. E ainda clarividência: seu nome, seus sobrenomes, todas as informações foram hauridas no "saber absoluto do Espírito Absoluto..." (Pág. 79). Só o fato de sua existência supraterrestre é falso! Aqui o saber absoluto não mais é digno de fé, não mais é absoluto. Tanto vale dizer que essa faculdade de clarividência absoluta só funciona quando nos apraz admiti-la!.

Não seria mais racional admitir para esses casos excepcionais um centro de ação psíquica fora do médium? Sendo admitido o fato misterioso da individuação, a percepção, por intermédio de um sensitivo, de uma impressão vinda de um indivíduo vivo, mas que está distante, não é menos maravilhosa do que a percepção de uma impressão vinda de um indivíduo pretendido morto e provando o contrário pelo próprio fato dessa impressão sugerida.

Um sensitivo pode mesmo ver e sentir a presença de uma individualidade desse gênero, sem ser clarividente, pelo poder do Absoluto: uma vez admitido o centro de ação extraterrestre, o sensitivo experimentará todas as suas influências, como experimenta as que dimanam dos centros de ação, terrestres, como o notamos nas experiências do magnetismo e do hipnotismo; isso não será mais do que uma extensão dos modos e dos graus de reação psíquica entre dados centros de consciência, sem apelo para a metafísica ou para o Absoluto. Que semelhantes centros de atividade não são imaginários, estabelece-se não só pelas provas fotográficas, mas ainda pela própria natureza das manifestações, que não podem chamar-se psíquicas, e que não têm relação com a clarividência. Vede o caso de Abraão Florentino: o médium, durante a manifestação, estava em transe; não é nem por sua boca, nem por sua mão que o ser inteligente se manifesta, porém por deslocamentos de mesas extraordinariamente pesadas - gênero de manifestação inteiramente desusado pelo médium, é pela mesa, por movimentos e pancadas, que esse pretendido acesso de clarividência se teria revelado! Haveria aí uma relação de causas e de efeitos inteiramente inexplicável, debaixo do ponto de vista da lógica. Ele ainda é menos explicável por uma teoria que só admite a clarividência sob a forma alucinatória.

Vamos passar agora ao exame de uma série de fenômenos que servem de traço de união entre as manifestações psíquicas e as manifestações físicas de uma mesma causa em atividade - manifestações em que a necessidade de admitir que essas causas são centros independentes de uma ação extramediúnica (a que o Senhor gartmann chama causas transcendentes), torna-se claramente manifesta.

10. - Transmissão de comunicações a grande distância.

Lemos no livro do Senhor Hartmann: "Até o presente às sessões espirítica não oferecem matéria alguma que possa estabelecer o fato da transmissão de representações a grande distância, porque o médium representou geralmente um papel ativo, em vez de achar-se no estado passivo, em relação a um outro médium, afastado, como exigem as experiências dessa natureza." (Pág. 73.)

Os fatos estão aí para refutar esta afirmação e a própria teoria. Se bem que raros, os casos de transmissão de comunicações a grandes distâncias existem. Entre as pessoas que estabeleceram esses fatos, é preciso citar, em primeiro lugar, o professor Hare, que lhes atribui, com razão, uma grande importância, e os considera como uma prova absoluta da manifestação de uma força extra-mediúnica.

Em seu livro: "Pesquisas Experimentais sobre os Fenômenos Espiríticos", ele cita o caso seguinte:

"Achando-me em Cape May (Islândia), a 3 de Julho de 1855, incumbi meu Espirito-guia de dirigir-se a Filadélfia, a casa de um de meus amigos, a Senhora Gourlay (North Tenth Street, n° 178) e de lhe dizer que eu pedia a seu marido, o Doutor Gourlay, que se informasse, no Banco de Filadélfia, acerca do vencimento

de uma letra de câmbio; incumbi-o também de prevenir a Senhora Gourlay de que às 3 horas e meia eu permaneceria, nesse mesmo dia, perto do espiritoscópio, à espera da resposta. Era então 1 hora da tarde. A hora indicada, meu amigo invisível estava de volta, trazendo-me o resultado da indagação.

Em meu regresso à Filadélfia, a Senhora Gourlay contou-me que meu mensageiro tinha interrompido a comunicação mediúnica que ela estava prestes a transmitir por meio do espiritoscópio, para lhe dar parte da minha comissão, recebida a qual, seu marido e seu irmão dirigiram-se ao Banco para obter essa mesma informação que me tinha sido comunicada no mesmo dia, às 3 horas e meia.

"O empregado do Banco, a quem esses senhores se tinham dirigido, lembrava-se perfeitamente bem que lhe tinham pedido essas informações, mas não se dera ao trabalho de consultar o registro, que não estava à mão, o que concorreu para que ele desse uma informação inexata, que estava conforme ao que me tinha comunicado o meu Guia, porém contrária ao que eu esperava - por conseguinte, essas datas não podiam ser o resultado de meus pensamentos. Não falei a ninguém acerca desses incidentes antes de ter visto a Senhora Gourlay e de lhe ter perguntado se, durante a minha viagem, ela tinha recebido de mim uma comunicação qualquer. Fui informado de que para transmitir minha comissão, meu mensageiro tinha interrompido a comunicação que seu irmão recebia nesse momento, por seu intermédio, de sua mãe falecida."

Eis um fato que não poderia ser explicado por nenhuma teoria psíquica(transmissão de pensamentos, clarividência, etc.). Efetivamente, a distância, nesse caso, é considerável (perto de 100 milhas), não há "relação psíquica" alguma nem também "intenso interesse da vontade" (amor ou amizade) que tivessem podido estabelecer "uma comunicação telefônica no Absoluto, entre duas pessoas (o professor Hare e a Senhora Gourlay); também não se poderia tratar de "imagens alucinatórias", de manifestações anímicas provocadas por alucinações sugeridas" (pág. 65); pelo contrário, trata-se de um "pensamento abstrato", de uma operação comercial; e depois, o segundo médium não se achava em um "estado de passividade em relação ao primeiro médium", assim como o exige o Doutor Hartmann (pág. 73); muito pelo contrário, ele deu prova de uma plena atividade psíquica: ele estava ocupado em receber uma comunicação que foi interrompida violentamente de maneira inesperada, pela comunicação em questão; demais, os dois médiuns estavam em estado completamente normal. Acrescentemos a isso que o despacho foi transmitido não por intermédio de seus cérebros, mas por meio de um instrumento. Que explicação o Senhor Hartmann nos dará desse caso? Ele dirá talvez que houve, nesse caso, "ação a distância da força nervosa, porque a troca das comunicações se efetuou por via física, com a intervenção de um espiritoscópio".

Responderei a isso que tal explicação só consegue confundir a questão, visto que o espiritoscópio não passa de um meio mecânico para transmitir o pensamento; está aí precisamente o que não se pode compreender: donde provém esse funcionamento do espiritoscópio, se é preciso admitir que houve somente transmissão de pensamentos? E, desde o momento em que tal transmissão se deu, a dificuldade subsiste sempre, mesmo com complicações, porque seria preciso então admitir que a força nervosa é clarividente e pode ver a distância o espiritoscópio, as letras que aí são marcadas, etc. Só resta ao Senhor Hartmann modificar as condições de seu recurso ao Absoluto, esse Alah que ele invoca in extremis.

Eis outro caso semelhante, que tiro do mesmo modo do livro do professor Hare, que publica (1485-1492) a carta seguinte:

Filadélfia, em 6 de Setembro de 1855.

Senhor:

No decurso de nossa última entrevista, emitistes o desejo de conhecer alguns fatos tirados de minha experiência pessoal. Há cerca de três anos, eu fazia nesta cidade conferências que tinham por objetivo combater a teoria espiritualista aplicada aos fatos chamados espiríticos, e para defender a hipótese da corrente nervosa, como instrumento passivo da vontade. Nessa época, eu possuía a faculdade de suspender os movimentos psíquicos que se produziam; mais tarde, os agentes ocultos que produziam esses deslocamentos recusaram-se obedecer-me. Eles me explicaram depois que não me tinham concedido esse poder senão temporariamente, a fim de convencer-me, privando-me dessa faculdade.

A leitura de sua narração relativa à comunicação transmitida de Cape May, na cidade em que o senhor mora, no mês de Junho passado, por via mediúnica, sugeriu-me a idéia de lhe comunicar um fato análogo, a respeito de uma comunicação que fiz chegar, da mesma maneira, ao circulo espírita daquela cidade.

A 22 de Junho de 1855, eu assistia a uma sessão da noite, em casa da Senhora Long (médium escrevente, que morava em Nova Iorque, Thompson Street, 9), e recebia comunicações de seu esposo falecido. Eu estava então incumbido da direção das sessões, que se realizavam em todas as quartas-feiras, em casa do Senhor H. C. Gordon, 113, North Fifth Street, em Filadélfia. Perguntei à minha mulher se ela podia dar-me uma comunicação por intermédio desse círculo, que estava em sessão nesse momento, em Filadélfia. Ela me prometeu experimentar. Pedi-lhe então que transmitisse aos membros desse circulo uma saudação de minha parte e que lhe dissesse que minhas experiências davam um êxito maravilhoso, que eu me compenetrava cada vez mais da gloriosa realidade da comunicação com os Espíritos. Dezessete minutos depois, minha mulher anunciou de novo sua presença e declarou-me que se tinha desempenhado de minha comissão. Na quarta-feira seguinte, achando-me em Filadélfia, à noite, dirigi-me ao círculo e soube que a minha comunicação tinha chegado ali pontualmente; no momento de sua chegada, ocupavam-se em receber uma comunicação proveniente de outra pessoa, a qual foi interrompida por minha mulher, que nomeou o seu nome e desempenhou sua missão pela mão do Senhor Gordon.

Cerca de doze pessoas estavam presentes, todas dignas de fé, dentre as quais: o Senhor e a Senhora Howell, o Senhor e a Senhora Laird, o Senhor Aarão Comfort, o Senhor William Knapp e outras. Sucedendo que eu mesmo não seja médium, não se poderia tratar de simpatia entre os médiuns.

W. West (George Street, 4).

Tirarei outro exemplo análogo a uma fonte inteiramente segura, ao livro do Senhor Brittan: “A Discussion on the fatos and philosophy of ancient and modern Spiritualismn (Exame racional dos fatos e filosofia do Espiritualismo antigo e moderno), por S. B. Brittan e o Doutor Richmond, Nova Iorque, 1853. Na página 289, lemos:

“O Senhor B. Mc. Farland, de Lowell, Mass., tem uma filha, chamada Susana, que tem faculdades mediúnicas. Ela passou o inverno de 1851-1852 no Estado de Geórgia, e ali se deu o fato interessante que se segue. Eu cito-o tal qual é referido na carta que o Senhor Farland me dirigiu:

Ao Senhor S. B. Brittan.

Senhor:

Na noite de 2 de Fevereiro de 1852, no decurso de uma sessão organizada em minha casa, em Lowell, minha mulher perguntou se Luisa (nossa filha falecida) estava presente. A resposta foi afirmativa. A pergunta: “Estás freqüentemente com Susana?” (era nossa única filha sobrevivente, e que se achava nesse momento na Geórgia, com alguns amigos) a resposta foi igualmente afirmativa. Minha mulher formulou então o desejo de que o Espírito se dirigisse para perto de Susana a fim de lhe jazer companhia e preservá-la de qualquer mal durante sua ausência. Luisa respondeu, por meio de pancadas, que iria ter com sua irmã.

Não se deve esquecer de que isso se passava a 2 de Fevereiro, à noite. Oito dias depois, recebíamos uma carta de Sus na, datada de Atalanta, Geórgia, de 3 de Fevereiro de 1852, na qual nos escrevia:

“Ontem à noite, fizemos uma sessão; Luísa apresentou-se-nos dizendo por meio de pancadas: Mamãe quer que eu venha para perto de ti preservar-te contra qualquer mal durante tua ausência de casa. - Luisa.”

Vês, por conseguinte, que um agente invisível, intitulando-se minha filha, tinha recebido nossa comunicação em Lowell, Mass., e a transmitira, palavra por palavra, à Atlanta, Geórgia (à distância de 1.000 milhas), em menos de uma hora.

Seu afeiçoado,

B. Mc. Farland.

Fecho este capítulo com a narração de um fato que tem isso de particular: a comunicação foi feita sem designação do destinatário, cuja escolha incumbia ao agente oculto que se manifestava. Esse fato é referido

da maneira que segue, em uma carta do Senhor Teathersnaugh, reproduzida no “Light” de 18 de Dezembro de 1886 (página 603):

“Respondendo ao desejo que externaste por intermédio da imprensa, venho comunicar-te a exposição de algumas experiências que fiz com a Senhora Maud Lord.

“Possuo uma miniatura, pintada há oitenta anos; como tivesse ficado por muito tempo em um invólucro fechado, tive a lembrança de servir-me dele para uma série de experiências às escuras, com diversos médiuns. Como eu não soubesse o endereço de nenhum médium desse gênero, formulei mentalmente o desejo de que a personalidade que se manifestava em minhas sessões com o nome de S. e que afirmava poder sempre adivinhar meus pensamentos, se dirigisse para perto de um médium e lhe sugerisse a idéia de enviar-me seu endereço. Alguns dias depois, recebi uma carta da Senhora Lorde, que morava a 200 milhas de mim, a qual me escrevia, entre outras coisas: “S. apareceu em uma de minhas sessões e pediu-me que te mandasse meu endereço, assim como o desejas, o que me apresso em fazê-lo.”

11. - Transporte de objetos a grandes distâncias.

Acabamos de ver: que a força que produz os fenômenos espiríticos não fica limitada à pessoa só do médium nem contida pos limites do aposento onde se realizam as sessões; que pode, pelo contrário, transportar-se a grandes distâncias para comunicar mensagens; que uma manifestação dessa espécie não é a transmissão de pensamento de um cérebro a outro, nem efeito de clarividência. Fomos levados a concluir, assim, porque faltam as condições nas quais, segundo o Senhor Hartmann, esses fenômenos psíquicos se devem produzir, e também porque a força em questão se manifesta à distância fisicamente, por meio de pancadas e de movimentos da mesa.

Veremos agora que tal ação física a distância não é simples repercussão ou metamorfose da impressão psíquica recebida pelo médium que se acha a distância, porém que emana de um centro de força independente, a qual não é uma simples força física produzindo sons e deslocando corpos inertes, porém alguma coisa muito mais substancial e complicada, pois que pode não só transmitir uma. comunicação, como mesmo transportar um objeto material, e, isso, não transpondo unicamente o espaço (coisa que pode ser efetuada por meios de que os homens dispõem, e que não estão em contradição com a noção que temos acerca das leis físicas e, por conseguinte, nada oferecem de “sobrenatural”), porém, agindo ainda em condições que importam na passagem através da matéria sólida, anulando por conseguinte as leis conhecidas da Física e caindo no domínio de que se convencionou chamar “sobrenatural”.

Conseguintemente chegamos, por gradações, a uma categoria de fenômenos que caem, segundo a definição do próprio Senhor Hartmann, sob a designação de “sobrenaturais” ou transcendentes. Como ele não poderia atribuí-los a uma causa natural, e nem sequer a uma ação pessoal do médium, concluiremos daí que é preciso, para explicá-los, admitir uma força qualquer, de outra ordem, independente do médium. Tomemos um exemplo:

Transporte de uma fotografia de Londres a Lowestoft, à distância de 175 quilômetros

Eis um caso muito comprobatório e que recebemos de boa fonte. O professor W. F. Barret garante a sua autenticidade e refere-o como se segue:

“Não estou autorizado a publicar o nome nem mesmo as iniciais de quem me comunicou este fato notável. Conheço-o, porém, pessoalmente e certifico que nunca ouvi falar a seu respeito de outra maneira a não ser em termos mui lisonjeiros e com consideração por todos quantos o conhecem, e mais particularmente por um eclesiástico de elevada reputação. Resulta de minha pesquisa, de minhas observações e investigações

mais variadas que não há a menor dúvida a suscitar acerca de sua perfeita boa fé. Dito isso, nada mais farei que reproduzir a carta que recebi dele em fim do ano de 1876:

No decurso do ano de 1868, organizei algumas sessões em minha casa, com muitos de meus amigos.

Obtínhamos os resultados ordinários: pancadas, deslocamentos e elevação da mesa, etc. Desejoso de estudar esses fenômenos de maneira mais aprofundada, resolvi então organizar uma série de sessões nas quais tomavam parte os meus amigos, bem como médiuns profissionais. Essas experiências realizavam-se em diversos aposentos e em condições variadas. Eu estava intimamente convencido de que os resultados obtidos eram independentes de toda intervenção direta por parte do médium, que não conseguiu exercer influencia alguma, quer sobre o gênero das manifestações, quer sobre as condições, elétricas ou outras, necessárias para sua produção; entretanto, eu não tinha uma fé absoluta em seu caráter sobrenatural, e compreendia que me seria impossível admitir uma idéia definitiva quanto à participação do médium enquanto não tivesse obtido resultados idênticos sem o concurso de um médium profissional, em condições que excluem toda possibilidade de fraude. Uma ocasião favorável se apresentou dois anos depois, em 1870.

"Então eu estava à beira-mar, em Lowestoft, com minha mulher, uma jovem senhora nossa amiga e um senhor de idade, nosso amigo intimo. Todas essas pessoas, e mais particularmente minha mulher, eram incrédulas e lançavam o ridículo sobre o Espiritismo. Decidimos entretanto tentar a experiência, por curiosidade.

"Estávamos instalados no salão, no primeiro andar; eu tinha guardado a chave na algibeira. Apagamos o gás, porém a Lua, que era cheia, lançava através da janela uma luz suficientemente intensa para permitir-nos ver tudo quanto se achava no aposento. A mesa, de nogueira, era de forma retangular, alongada e de peso considerável. Para ser breve, designarei meu amigo com a inicial F., e a jovem senhora sob a inicial A."

Segue-se a descrição de muitas sessões no decurso das quais se produziram diversos fenômenos de ordem física, tais como: deslocamento de objetos, toques, aparição de luzes e de fantasmas, transporte de flores; "o êxito desse último fenômeno nos sugeriu a idéia de tentar obter o transporte de um objeto determinado, que tivesse sido deixado em nosso domicílio".

"F. pede que lhe seja trazida uma coisa qualquer de sua casa. Imediatamente sente-se sacudido em todos os sentidos, cai em transe, e então, em cima da mesa, diante dele, descobre-se uma fotografia. Minha mulher apanhou-a e lha mostrou, cerca de quinze minutos depois, quando ele voltou a si. Tendo divisado a imagem, ele a apertou no bolso e disse, com lágrimas nos olhos: "Nunca em minha vida o teria desejado!"

"Essa fotografia era a única prova do retrato de uma jovem da qual ele tinha sido noivo outrora. Achava-se em um álbum que estava encerrado em uma caixa, com uma fechadura dupla, em seu aposento, em Londres. De volta à cidade, verificamos o seu desaparecimento, e a mulher do Senhor F., que não sabia que fazíamos sessões de Espiritismo, nos referiu que durante nossa ausência se tinha dado um estalido terrível, em conseqüência do qual todas as pessoas tinham acudido para saber a causa." ("Light", 1883, pág. 30.)

Esse mesmo caso é reproduzido no "Jornal da Sociedade de Pesquisas Psíquicas", de Londres, completo, com muitos pormenores interessantes (1891, t. XIX, página 191).

Eis outro caso mui curioso: agulhas de madeira transportadas à distância de 20 milhas; tiro-o igualmente do "Light" (1883, pág. 117):

"Não há muito tempo, fui testemunha do transporte de um objeto à distância de mais de 20 milhas inglesas, por meios desconhecidos dos homens. Serei breve, tanto quanto possível, mas é preciso que diga, previamente, algumas palavras acerca do nosso círculo. Ele se compunha de seis pessoas ao todo, cinco das quais eram antigos espíritas experimentados e o sexto, um prosélito de data recente, antigo adepto da escola wesleyana e que tinha propagado ardentemente os princípios dos metodistas e combatido o Espiritismo. Ele tinha abandonado aquela seita e tornara-se pouco a pouco, com surpresa própria, um excelente médium de transe".

"Quinze dias antes dessa notável sessão, um de meus amigos, a quem designarei com a inicial H., tinha ido a Iorque para passar as férias conosco (ele era mestre escola). Fazia parte de nosso círculo. Na última sessão, o Senhor H., teve a lembrança de propor aos nossos interlocutores invisíveis que nos levassem a

Iorque, depois do seu regresso a casa, um objeto qualquer que se achasse em seu aposento. A resposta foi: “Experimentaremos”.

“Nas duas sessões seguintes, que se realizaram na ausência do Senhor H., não se deu manifestação alguma, coisa inteiramente insólita; porém, na terceira sessão, depois de uma espera que durou de 8 horas a 8 horas e meia, duas agulhas de fazer tricô, do comprimento de um pé, caíram no chão precisamente atrás de mim. Durante essa sessão, a luz era um pouco fraca.

“O médium, por cuja intervenção esse fenômeno se produziu, é uma senhora de reputação irrepreensível, acima de toda suspeita e completamente desinteressada, não recebendo a gratificação de um “penny” pelas sessões que dava. Durante a experiência em questão, ela caiu em transe, achando-se exatamente defronte de mim. Quando as agulhas caíram, ela pronunciou as palavras seguintes, ou mais ou menos: “As agulhas que trouxemos foram tiradas da caixa que está no vestíbulo do Senhor H. Em cima da tampa havia muitos púcaros de doces; tiramos as agulhas com alguma dificuldade. Durante o dia, o Senhor H. passeou pela encosta das colinas, colhendo bagas, etc.”

“Escrevi imediatamente a meu amigo para lhe dar parte do que se tinha passado, e ele me respondeu imediatamente, confirmando todos os pormenores acima relatados. Às 8 horas e meia, no momento em que as agulhas nos tinham sido trazidas, ele e sua mulher estavam prestes a deitar-se. Logo que entraram no quarto de dormir, a Senhora H. ouviu ruído no vestíbulo, mas não lhe deu maior importância, porque esse ruído não se repetiu. Foi provavelmente naquele momento que as agulhas foram tiradas da caixa; elas caíram atrás de minhas costas, justamente na hora correspondente. Aceite, etc. - A. R. Wilson. 20, Orchard Street, Iorque, a 27 de Fevereiro de 1883.

“P. S. - O Senhor H. foi a Iorque e reconheceu as agulhas como suas.”

Citarei ainda, em resumo, um caso, segundo o “ Spiritualist” de 1876, tomo I, página 177, publicado sob esse título:

Transporte de uma madeixa de cabelos, por uma força desconhecida de Portsmouth a Londres

Um eclesiástico, habitante de Portsmouth, comunicou à redação daquele jornal o fato seguinte:

“Cerca de 10 horas da noite, uma jovem senhora, dotada de faculdades mediúnicas, caiu em transe, em uma sessão organizada em um circulo íntimo, e falou em nome de “Samuel”, a mesma personalidade que se manifestava ordinariamente por seu intermédio, assim como por intervenção de outro médium, o Doutor Monck, que nessa época era hóspede do Senhor F., em Londres. Depois de ter conversado por alguns instantes com os membros do círculo, Samuel pediu tesoura, para cortar uma madeixa dos cabelos da médium, desejando levá-las a seu outro médium, o Senhor Monck. A essas palavras, ele nos deixou, mas a sessão continuou, e com êxito.

“No final da sessão, Samuel apareceu de novo, alegre e com ar satisfeito; a menina indiana Daisy, que falava então pela médium, disse-nos que Samuel era notavelmente destro e que com efeito havia desempenhado sua incumbência, que não tínhamos querido levar a sério.

“No dia seguinte, cerca de 2 horas da tarde, recebíamos uma carta do Senhor F., que nos escrevia, com grande surpresa nossa: “Nessa noite, enquanto eu conversava com Monck acerca de diversos assuntos, Samuel apresentou-se subitamente e disse-me: “E' a ocasião em que devo dirigir-me a Portsmouth. “ Duas horas depois, à vista de todos os assistentes, uma força invisível apoderou-se da mão do médium, e, enquanto ele continuava a conversar conosco, sem ao menos olhar para o papel, escreveu: “Boa noite. Venho diretamente da casa da Senhora X., em Portsmouth. Como prova, eis uma madeixa de seus cabelos que cortei e que dou a meu médium aqui presente. Participa-o a seu pai e manda-lhe estes cabelos. Vede-os. - Samuel.” Olhamos para Monck e divisamos, no ângulo sudeste do aposento, uma madeixa de cabelos que se dirigiu para sua cabeça e caiu no chão, donde a levantei. Devo acrescentar que tudo isso se passou não em uma sessão regular, porém de maneira inteiramente inesperada, à plena luz do gás.

Finalmente, para o objetivo que viso neste capítulo, é indiferente que o objeto seja trazido de um lugar mais ou menos distante; o essencial é provar que o fenômeno conhecido no Espiritismo sob o nome de penetração da matéria é real, e que desafia toda explicação “natural”.

E' inútil insistir mais em provar que fenômenos tais como a produção de nós em um cordão sem fim, o desaparecimento e o reaparecimento de uma mesa de centro - como é descrito pelo professor Zoellner - não são fenômenos “naturais”, no sentido que o Senhor Hartmann empresta a esta palavra; é preciso supor que o Senhor Zoellner tem razões muito fortes para julgar-se coagido a admitir, para explicar esses fatos, não só a hipótese de uma quarta dimensão, mas ainda a da existência de seres que reinam nesse espaço.

Entre os fatos mais bem averiguados desse gênero, mencionarei o seguinte, verificado pelo Senhor Crookes:

“A Srta. Fox tinha prometido fazer uma sessão em minha casa, em uma noite da primavera do ano passado. Enquanto eu a esperava, meus dois filhos mais velhos achavam-se, em companhia de uma de nossas parentas, na sala de jantar, onde sempre se realizavam as sessões; quanto a mim, achava-me em meu gabinete de trabalho, ocupado em escrever. Ouvindo o rodar de um cabriolé que parou defronte da casa, depois um toque de campainha, fui abrir a porta e imediatamente conduzi a Srta. Fox à sala de jantar, porque ela me disse que não se demoraria por muito tempo e preferiria não subir; colocou o chapéu e o chave em cima de uma cadeira. Ordenei a meus filhos que fossem estudar suas lições em meu gabinete de trabalho, fechei a porta e guardei a chave na algibeira, como costumava fazer durante as sessões.

“Sentamo-nos; a Srta. Fox tomou lugar à minha direita e a outra senhora à minha esquerda. Imediatamente recebemos a ordem, por meio do alfabeto, de apagar o gás, e ficamos em completa escuridão, durante a qual conservei as mãos da Srta. Fox em uma das minhas. Em pouco tempo recebemos a comunicação seguinte: “Vamos produzir uma manifestação que te fará conhecer o nosso poder.” Quase ao mesmo tempo todos ouvimos o tilintar de uma campainha, não em um só lugar, mas em diversos pontos do aposento, ora perto da parede, ora em um canto afastado; umas vezes a campainha vinha bater em minha cabeça; outras vezes batia de encontro ao soalho. Depois de ter soado durante mais de cinco minutos, ela caiu em cima da mesa, perto de minhas mãos.

“Durante todo esse tempo, ninguém se moveu e as mãos da jovem Fox ficaram perfeitamente imóveis. Fiz notar que não podia ser minha pequena campainha, pois que eu a tinha deixado na biblioteca (pouco tempo antes da chegada da jovem Fox, eu tinha tido precisão de um livro que estava em um canto da estante; a campainha estava em cima do livro, e, para tirar esse último, eu a pusera de lado. Graças a essa pequena circunstância, estava seguro de que a campainha se achava realmente na biblioteca). O gás ardia à plena chama no quarto contíguo, e teria sido impossível abrir a porta sem iluminar o aposento em que estávamos - admitindo-se que a médium tivesse um compadre que possuísse outra chave, que certamente não havia.

“Acendi uma vela, e vi, diante de mim, em cima da mesa, a minha campainha. Fui diretamente à biblioteca e vi logo que ela não estava no lugar em que eu a deixara. Perguntei a meu filho mais velho:

“- Sabes onde está minha campainha?

“- Sim, papá, ela está ali - respondeu ele, indicando o lugar onde ela deveria achar-se.

“Depois de ter olhado, ele acrescentou:

“- Não, não está mais ali, mas há pouco estava.

“- Por conseguinte entrou alguém no quarto?

“- Não, ninguém entrou aqui; mas estou certo de que a campainha estava ali: quando nos disseste que saíssemos da sala de jantar para vir aqui, J. (o mais moço de meus filhos) começou a tocá-la com tal força, que eu não pude trabalhar, e pedi-lhe que deixasse de tocar.

“J. confirmou o que seu irmão dizia, e acrescentou que, depois de ter tocado a campainha, colocara-a no mesmo lugar.” (Crookes - “Pesquisas”, pág. 171, edição francesa.)

Para outros casos, verificados pelo Prof. Crookes, vejam-se suas experiências com a Srta. Fay, publicadas no “ Spiritualist”, 1875, tomo I, página 126.

Em todos os casos mencionados, o transporte do objeto foi mais ou menos inesperado; citarei dois deles em que a experiência foi preparada previamente.

A Senhora Thayer, médium muito conhecida na América, tinha por especialidade provocar o fenômeno do transporte de flores ou de outros objetos. O Coronel Olcott ocupou-se do assunto mui particularmente, submetendo-a as provas mais variadas, e tomando a cautela de rodear-se de todas as precauções possíveis. Escolho a experiência seguinte, relatada no “Light” de 1881, na página 416.

Achando-se em certa tarde no cemitério de Forest Hill, teve a lembrança de fazer uma experiência que ele relata nesses termos:

"Passando por defronte da estufa, notei uma planta rara, de folhas longas, estreitas, brancas ou de cor verde desmaiada. Era a Dracaena Regina. Tracei em uma das folhas, com lápis azul, um sinal cabalístico: dois triângulos entrelaçados, e pedi aos agentes ocultos que me levassem aquela folha no dia seguinte, de noite, à sessão. Coloquei-me propositadamente à direita da Senhora Thayer; tomei suas mãos e segurei-as com força. Subitamente, senti um objeto frio e úmido sobre as mãos. Acendeu-se à vela, e vi que era a folha que eu tinha marcado. Fui à estufa e verifiquei que a folha em questão tinha sido efetivamente arrancada." (Comunicação do Coronel Olcott no "New York Sun", 18 de Agosto de 1875.)

A experiência seguinte, feita pelo Senhor Roberto Cooper - muito conhecido dos espíritas por suas pesquisas e observações conscienciosas -, pode ser considerada como prova absoluta do fenômeno:

"Eu assistia freqüentemente às sessões da Senhora Thayer, e estava no caso de assegurar-me da autenticidade dos fenômenos que ali se davam. Certo dia me veio à lembrança de que se os agentes invisíveis podiam levar flores, a um aposento fechado, poderiam do mesmo modo fazê-las penetrar em um cofre fechado; falei nisso à Senhora Thayer. Ela me respondeu que não podia garantir o êxito de semelhante experiência, mas que se prestaria a fazê-la com prazer.

"Conseguintemente, fiz aquisição de uma simples caixa de enfardamento, solidamente fabricada, medindo 1 pé em todos os sentidos. Com o fim de ver o interior da caixa, sem abri-Ia, encaixei na tampa um pedaço de vidro quadrado, preso na parede interna, de maneira que, fechada a caixa, não havia possibilidade alguma de retirá-lo. Cerca de doze pessoas deviam assistir a essa sessão, a primeira que foi feita nesse gênero, se não me engano. Quando os assistentes acabaram de examinar o cofre, fechei-o por meio de um cadeado privilegiado, que obtivera para essa ocasião e cuja chave guardei durante todo o tempo. Além disso, colei uma tira de papel em roda da caixa e lacrei suas duas pontas. Na ocasião de apagar a luz, a Senhora Thayer disse-nos que tinha deixado em casa o lenço com o qual se habituara a cobrir a cabeça durante as sessões, para premunir-se contra a ação das influência elétricas, como dizia. Um dos assistentes tirou da bolsa de viagem um maço de guardanapos chineses, de papel, e ofereceu-lhe um deles. A Senhora Thayer respondeu que não poderia servir-se dele, porque não era de seda, e o guardanapo ficou em cima da mesa.

Em seguida, apagou-se a luz, e entoamos canções. Pouco depois, foi-nos dada a ordem de olhar para a caixa., e distinguimos, através do vidro, alguma coisa que nos parecia serem flores; abriu-se a caixa: ali estava o guardanapo que tínhamos deixado em cima da mesa. Foi o desenho que havíamos julgado flores.

"Esse êxito nos animou a tentar uma nova experiência. Oito dias depois, reunimo-nos em número de oito. Entre os assistentes achava-se o General Robert, diretor do jornal "Mind and Matter" (Espírito e Matéria). A caixa foi fechada da mesma maneira que na sessão precedente, e todos os assistentes puderam assegurar-se de que ela não continha mais do que o guardanapo chinês que ali fora introduzido na ultima experiência. Depois de ter apagado a luz, pusemo-nos a cantar, e, dez minutos depois, pancadas precipitadas e violentas soaram na caixa. Perguntei: "E' preciso continuar a cantar?" Em resposta, três pancadas soaram. Por conseguinte, prosseguimos em nossas canções. Em breve sentimos percorrer o aposento um sopro de frescura, que era tanto mais sensível, por isso que a noite era muito quente. Um violento estalido retumbou, como se a caixa tivesse sido quebrada em pedaços. Fez-se luz, e pudemos verificar que a caixa estava em perfeito estado e que os selos tinham ficado intactos; na caixa, podíamos ver com perfeição muitas flores e alguns outros objetos, cuja lista ei-la: quatro lírios rajados, três rosas: branca, amarela e pálida, uma espadana, uma fronde de samambaia, muitas outras flores miúdas, um número do "Banner of Light" e do " Voice of Angels" e, finalmente, uma fotografia do Senhor Colby.

"As flores estavam tão frescas como se tivessem sido colhidas naquela ocasião, e os jornais estavam dobrados como se fosse para serem vendidos. Depois da experiência com a caixa, ainda foi transportada uma quantidade de rosas papoula, a maior das quais prendemos nos cabelos da médium. Lavrou-se uma ata das duas sessões e todos os assistentes a assinaram. Não se poderia exigir testemunho mais comprobatório. O Coronel Olcott, achando-se naquela ocasião em Boston, externou o desejo de tomar parte em uma experiência com a caixa. Lacrou a tampa de um lado, com seu próprio selo. Depois de alguns minutos, a

caixa estava cheia de flores até o meio, entre as quais se achava um retalho de fazenda de cerca de 1 jarda de comprimento. O coronel ficou completamente convencido.

"Eastburne, 14 de Novembro de 1881. - Roberto Cooper

Há nessa experiência uma particularidade muito característica-; o "estalido" que se fez ouvir no momento do transporte das flores, lembrando o que acompanhava a extração da fotografia de uma caixa fechada à chave (veja-se mais acima).

12. - Materializações.

Os fatos que vamos expor aqui constituem o complemento natural dos fenômenos expostos acima; esta rubrica se impõe, por conseguinte, se bem que não quadre, na aparência, com os fenômenos de ordem intelectual. Dos casos citados mais acima, conclui-se evidentemente que a transmissão das comunicações e o transporte de objetos a distância devem ser atribuídos a uma mesma causa; que a força inteligente e a força que produz efeitos físicos não fazem mais que uma, e que constituem um ser indivisível, independente, existindo fora do médium. Vamos demonstrar que essa dedução é inteiramente justificada pelo testemunho direto dos sentidos. O portador dessa força, que é ao mesmo tempo o agente que transporta o objeto material, aparece diante de nós sob a forma de um ser humano.

Sabe-se que toda materialização de uma forma humana importa em transporte de um objeto material - da roupa com que ele está vestido.

Se o transporte dessa roupa é um fato incontestável, convém chegar, logicamente, à conclusão de que o ato do transporte foi efetuado pela forma humana misteriosa que ele envolve e é igualmente lógico admitir-se que análoga relação existe entre tal transporte e essa individualidade, nos casos em que o agente fica invisível. A afirmação positiva desse agente, de que o fenômeno deve, em um e outro caso, lhe ser atribuído, adquire a autoridade de uma demonstração ad oculos. A medida que subimos a escala dos fenômenos classificados sob essas doze rubricas, as declarações do agente invisível, que afirma sua individualidade independente, adquirem mais força e nos coagem cada vez mais a pronunciar-nos em favor de uma hipótese que parece tão simples quão racional.

Quanto ao fato em si, da aparição inexplicável de roupas, nas sessões de materialização, ele foi escrupulosamente verificado e certificado pelos mais seguros testemunhos. Em muitos casos, o médium foi completamente despido, tiravam-se-lhe até os sapatos e faziam-no vestir roupa fornecida pelos experimentadores, roupa branca e outras. Para pormenores precisos, envio o leitor às publicações seguintes: o resumo do Senhor Barkas no "Médium (1875, pág. 266) e no "Spiritualist" (1868, tomo I, pág. 192); o do Senhor Adshead no "Médium" de 1877 (pág. 186), e mui particularmente a narração das experiências do Senhor Massey com um médium privado, no " Spiritualist" de 1878, tomo II, página 294.

Mas voltemos ao Senhor Hartmann, que não encontra, nos fenômenos de materialização, motivo alguma para admitir a existência de um agente extramediúnico. Examinemos seus argumentos. Foi-lhe bastante, para cortar a dificuldade, fazer correrem os fenômenos de materialização, e tudo quanto a ela se refere, por conta de alucinações. Mas, semelhante teoria não deixa de ser atacável; a questão das materializações não pode ser separada da questão da vestimenta. No caso em que a forma aparece e desaparece com as vestimentas, a hipótese da alucinação parece triunfar. Mas, por infelicidade, deram-se casos em que fragmentos da roupa ficaram em mãos dos assistentes; o Senhor Hartmann não pôde desconhecer isso. E um "transporte", diz ele. Mas que vem a ser um transporte? E' o que ele não explica. Uma metade do fenômeno fica, por conseguinte, sempre sem explicação. Por esse silêncio, o Senhor Hartmann reconhece que uma parte do fenômeno, pelo menos, não se presta às suas explicações, que ele qualifica de "naturais". Quod erat demonstrandum. Assim, sendo a sua teoria alucinatória impotente para explicar o conjunto do fenômeno, fica provado que é insuficiente, e é inútil voltar a ela.

Mas o Senhor Hartmann reservou-se uma réplica para a eventualidade em que sua teoria da alucinação fosse reconhecida insustentável. Ele diz: “Admitindo-se mesmo que os espíritas tenham razão quando pretendem que o médium pode desprender uma parte de sua matéria orgânica para formar com ela um fantasma, de materialidade tênue a princípio, mas aumentando gradualmente de densidade, não seria menos verdade que não só á matéria total dessa aparição real, objetiva, teria sido tomada ao organismo do médium, mas ainda que a forma dessa aparição teria sido concebida na fantasia sonambúlica do médium e que os efeitos dinâmicos que ela produz teriam sua origem na força nervosa do médium; o fantasma não seria mais, e mais não faria do que o que lhe tivesse ditado a fantasia sonambúlica do médium, que realizaria tudo isso por meio das forças e da matéria tomadas ao organismo do médium.” (“Espiritismo”, pág. 105.) Não há lugar, como se acaba de ver, para o sobrenatural, nem mesmo motivo algum para aceitá-lo. Quanto à questão da vestimenta, oferece sempre a mesma dificuldade e encontra o mesmo silêncio; por conseguinte, o nosso argumento fica de pé.

Mas, desde o momento em que o Senhor Hartmann não se opõe à hipótese segundo a qual a forma materializada é um corpo real, objetivo, importa examinar se esse fenômeno pode ser qualificado de natural, desde que o encaremos da mesma maneira que o faz o Senhor Hartmann.

Quais são em primeiro lugar os atributos desse fenômeno, tomando-o tal qual é conhecido pelos observadores, mas do qual os leitores do Senhor Hartmann só devem ter noções muito vagas? Uma forma materializada. apresenta, para a vista, um corpo humano completo, com todas as particularidades de sua estrutura anatômica; assemelha-se, às vezes, mais ou menos, ao médium; outras vezes lhe é completamente dessemelhante, mesmo quanto ao sexo e idade; é um corpo animado, dotado de uma inteligência e de uma vontade, senhor de seus movimentos, um corpo que vê e fala como um homem vivo, que é de certa densidade, de certo peso. Esse corpo se forma, quando as condições são favoráveis, no espaço de alguns minutos; está sempre vestido com uma roupa que é, como o declara o próprio fantasma, de proveniência terrestre, quer “transportado” de maneira inexplicável, quer materializado durante a sessão (e o fantasma prova-o, materializando-se com a vestimenta perinte os assistentes); esse fantasma, assim vestido, tem a faculdade de desaparecer instantaneamente, à vista mesmo das pessoas presentes, como se passasse através do soalho ou desaparecesse no espaço, e de fazer seu reaparecimento no decurso da sessão. Uma parte desse corpo materializado pode mesmo adquirir uma existência permanente: sucedeu, por exemplo, que madeixas de cabelos cortadas desses fantasmas tivessem sido conservadas, como o provam as experiências do Senhor Crookes, que cortou uma trança da cabeça de Katie King, depois de ter passado a mão até à epiderme para assegurar-se de. que os cabelos estavam realmente implantados ali.

São maravilhas muito difíceis de aceitar! E nem mais nem menos do que a criação temporária de um corpo humano, de modo contrário a todas as leis fisiológicas. E' uma manifestação morfológica da vida individual consciente, tão misteriosa quão manifesta! E o Senhor Hartmann é de opinião que tal fenômeno nada apresenta que não seja muito natural: seria simplesmente a obra da “fantasia sonambúlica” do médium! Mas, poder-se-ia perguntar, e nos casos em que a materialização se produz, mesmo sem que o médium esteja em estado de transe, há pois nesse caso duas consciências, duas vontades, dois corpos que agem simultaneamente? E' sempre a “fantasia sonambúlica” que continua a produzir esses efeitos maravilhosos? E quando duas ou três formas materializadas aparecem ao mesmo tempo, convém atribuí-Ias sempre a essa fantasia sonambúlica, atribuindo-lhe a faculdade de multiplicar os corpos e as consciências? Ha ainda, porém, outra particularidade que não é inútil pôr em evidência: é que o Senhor Hartmann não reconhece em nós a existência de uma entidade psíquica independente, de um agente transcendente, como princípio individual organizador; ele não vê necessidade alguma de admitir um “metaorganismo”, um corpo astral ou psíquico, como substrato do corpo físico. Nada de tudo isso; a consciência sonambúlica que opera, segundo o Senhor Hartmann, todos os prodígios do mediunismo, nada mais é do que função das partes médias do cérebro, dos centros subcorticais. Os fenômenos de materialização não passam, por conseguinte, de um efeito da atividade inconsciente do cérebro do médium, e principalmente da parte onde se assenta a consciência sonambúlica!

E' aceitar ou deixar. Nesse ponto de vista a referência que o Senhor Hartmann faz ao artigo do Doutor Janisch, publicado no “Psychische Studien” (1880), adquire um interesse todo particular. Ele continua assim

o argumento citado mais acima, no qual parte da suposição de que o médium desprende, efetivamente, uma parte de sua matéria orgânica: “Mesmo nesse caso, não haveria motivo algum para procurar uma causa qualquer fora do médium, como foi peremptoriamente e longamente demonstrado pelo Senhor Janisch em seu artigo: “Pensamentos sobre a Materialização dos Espíritos”, publicado no “Psychische Studiem de 1880.

Poder-se-ia acreditar que o Senhor Hartmann e o Senhor Janisch estão perfeitamente de acordo. Com grande surpresa nossa, notamos que o Senhor Janisch admite a existência individual, independente, da alma, sua preexistência, que ele considera nosso corpo como sua primeira encarnação ou “materialização)”: “A alma pode, entretanto, diz ele, em razão de uma necessidade que lhe é Própria, ou mesmo fora dessa necessidade, por uma aberração de seus apetites naturais, ser levada a continuar a materializar-se mesmo durante sua existência terrestre... E aí está precisamente o que constitui o fenômeno mediúnico da materialização... E é também porque a forma materializada se assemelha ao médium” (semelhança que não encontra e nunca poderá encontrar uma explicação qualquer na fantasia sonambúlica). “O grau seguinte, na ordem do desenvolvimento, seria aquele em que a alma criasse para si um segundo corpo que só apresentasse os vestígios gerais do seu protótipo, o homem, mas lhe fosse completamente dessemelhante pelas particularidades.”(“Psychische Studien”, 1080, pág. 209.) “As diversas formas materializadas podem bem ser puras imagens da fantasia, isto é, de origem subjetiva; mas a impulsão produtora pode provir de fonte objetiva, pois que a possibilidade de comunicar com o mundo dos Espíritos é um fato demonstrado. Por conseguinte pode suceder que, por intermédio de uma das pessoas presentes, o médium entre em relação com um morto que teve relações com aquela pessoa, e, por uma sugestão por parte desse morto, poderá representar a si mesmo a forma que esse morto revestia na Terra, e materializar-se sob essa forma. Tais são os casos em que um dos assistentes reconhece uma pessoa que tinha conhecido.” (Ibid., pág.211)

Podemos aceitar, depois dessas citações, que o Senhor Janisch tivesse “peremptoriamente e longamente demonstrado que não há motivo algum para se procurar uma causa qualquer fora do médium”?

A que conclusão chegamos, por conseguinte, no fim deste capítulo?

Parece-me que após haver eu reconhecido todas as regras metodológicas indicadas pelo Senhor Hartmann em seu livro “O Espiritismo” e recapituladas nos sete parágrafos de seu Epílogo, depois de haver, por assim dizer, passado grande parte dos fenômenos mediúnicos através dos sete crivos que representam os graus da escala metodológica, ficam sempre ainda grãos volumosos que não passaram. Esses grãos, eu os reuni no presente capítulo; eles constituem, parece-me, uma série de fatos tais, que é permitido, apoiando-se neles, falar nos limites além dos quais todas essas explicações se detêm, impotentes, e coagem-nos a recorrer a outras hipóteses.

Se o Espiritismo só oferecesse fenômenos físicos e materializações sem conteúdo intelectual, logicamente teríamos que atribuí-los a “um desenvolvimento especial das faculdades do organismo humano; e até o fenômeno mais difícil de classificar - a penetração da matéria - seríamos coagidos a referi-lo, em virtude desse mesmo raciocínio, ao poder mágico que nossa vontade, em estado de superexcitação excepcional, exerce sobre a matéria.

Mas dando-se o caso de os fenômenos físicos do mediunismo serem inseparáveis de seus fenômenos intelectuais, e de nos obrigarem estes últimos, pela força dessa mesma lógica, a reconhecermos, para certos casos, a existência de um terceiro agente, fora do médium -, é natural, lógico, procurar igualmente nesse terceiro agente a causa de certos fenômenos físicos de ordem excepcional. Existindo esse terceiro fator, é evidente que se acha fora das condições de tempo e de espaço que nos são conhecidas, que pertence a uma esfera de existência supraterrestre; podemos por conseguinte supor, sem pecar contra a lógica, que esse terceiro fator possui sobre a matéria um poder de que o homem não dispõe.

Eis pois a resposta que pode ser dada à pergunta feita no começo deste capítulo: No ápice da imensa pirâmide que os fatos mediúnicos de qualquer categoria apresentam, aparece um fator misterioso, que devemos procurar fora do médium. Qual é? Segundo seus atributos, devemos concluir que esse agente é um ser individual, humano.

Esta conclusão nos coloca em frente de três alternativas: esse ser humano pode representar:

1° - Um ser humano que vive na Terra;

2° - Ou um ser humano que viveu na Terra;

3°- Ou antes um ser humano extra-terrestre, de uma espécie que desconhecemos.

Essas três suposições, às quais a nossa escolha fica adstrita, preenchem todas as soluções possíveis que imaginássemos; elas farão o objeto do capítulo seguinte e último.

A conclusão a que chegamos tem pelo menos essa vantagem, que nos evita de recorrer à metafísica, ao sobrenatural, ao "Absoluto"; permanecendo nesta conclusão, julgamos ter-nos conservados mais fiéis às leis metodológicas impostas pelo Senhor Hartmann, do que o fez o Próprio Senhor Hartmann, que se julgou coagido a infringi-las.

CAPÍTULO IV

A HIPÓTESE DO ESPIRITOS

A) – Animismo - Ação extracorpórea do homem vivo, como que formando a transição ao Espiritismo.

Os fatos expostos no CAPÍTULO precedente parecem autorizar-nos a admitir para a explicação de certos fenômenos mediúnicos a intervenção de um agente extramediúnico. Podem imaginar-se três hipóteses para definir a natureza desse agente; deixamos de lado a terceira, que só tem valor no ponto de vista da possibilidade lógica, mas que não poderia ter cabimento aqui. Por conseguinte só tomaremos em consideração as duas primeiras.

Examinando a primeira dessas hipóteses, não levaremos em conta fatos que podem testemunhar em favor da segunda; ensaiaremos prescindir deles, a fim de ver que conclusões seremos levados inevitavelmente a tirar de todos os fatos que precedem, observando, bem entendido, os princípios metodológicos indicados pelo Senhor Hartmann (isto é, não nos afastando das condições a que ele chama ("naturais").

Não apresentaremos definição alguma da própria natureza dos fenômenos, definição alguma pressupondo uma teoria, uma doutrina ou uma explicação qualquer; limitar-nos-emos a tirar dela conclusões gerais, que se imporiam a qualquer pesquisador de boa vontade que quisesse aceitar os fatos em questão como base de sua argumentação, como o fez o Senhor Hartmann.

O primeiro capítulo, que trata das materializações, nos forneceu todos os argumentos necessários para concluir-se que os fenômenos desse gênero não são alucinações, mas sim fatos reais, objetivos. Devemos por conseguinte admitir que o organismo do homem possui a faculdade, em certas condições, de criar à sua custa, e inconscientemente, formas plásticas, com maior ou menor semelhança com o corpo desse homem ou, de uma maneira geral, com uma forma humana qualquer e com diversos atributos de corporeidade (e o Senhor Hartmann também está pronto a admiti-lo, por pouco, que o fato da materialização seja demonstrado de uma maneira indiscutível) (pág. 105).

O segundo capítulo, no qual examinamos os efeitos físicos, obriga-nos a admitir - de acordo com o Senhor Hartmann - que o organismo humano tem a faculdade de produzir, em determinadas condições, efeitos físicos (principalmente a deslocação de corpos inertes), fora dos limites de seu corpo (isto é, sem contacto e independentemente do uso natural de seus membros), efeitos que não estão submetidos à sua vontade e a seu pensamento conscientes, mas que obedecem a uma vontade e a uma razão de que ele não tem consciência. O Senhor Hartmann atribui essa faculdade a uma força física, nervosa - questão que deixaremos por decidir.

O terceiro capítulo, que trata dos fenômenos intelectuais, conduz-nos a admitir, sempre de acordo com o Senhor Hartmann, que no organismo humano há uma consciência interior, que é dotada de uma vontade e

de uma razão individuais, agindo independentemente da consciência exterior que conhecemos; que a ação dessa consciência interior não é adstrita aos limites de nosso corpo, que ela possui a faculdade de entrar em comunhão intelectual, passiva e ativa, com os seres humanos, quero dizer: que ela pode não somente receber (ou arrogar-se) as impressões que emanam da atividade inteligente de uma consciência estranha (quer interior, quer exterior), como ainda transmitir a essa última as suas próprias impressões, sem o auxílio dos sentidos corpóreos (transmissão de pensamentos); ainda mais, somos coagidos a admitir que essa consciência interior é dotada da faculdade de perceber as coisas presentes e passadas, no mundo físico como no mundo intelectual, e que esse dom de percepção não é limitado pelo tempo nem pelo espaço, e não depende de qualquer das fontes conhecidas de informações (clarividência). Eu já tinha formulado essas mesmas conclusões em minha crítica ao livro do Senhor d'Assier, publicada em 1884, no jornal o “Rebus”, por conseguinte artes da publicação da obra do Senhor Hartmann sobre o Espiritismo. Em resumo, o estudo dos fenômenos mediúnicos nos força a aceitar as duas verdades seguintes, fazendo abstração de qualquer hipótese espírita:

1) Existe no homem uma consciência interior, na aparência independente da consciência exterior, e que é dotada de uma vontade e de uma inteligência que lhe são próprias, assim como de uma faculdade de percepção extraordinária; essa consciência interior não é conhecida da consciência exterior nem influenciada por ela; não é uma simples manifestação dessa última, pois que essas duas consciências não agem sempre simultaneamente (segundo o Senhor Hartmann, é uma função das partes médias do cérebro; segundo a opinião de outras pessoas, é uma individualidade, um ser transcendente. Deixaremos de lado essas definições; basta-nos dizer que a atividade psíquica do homem apresenta-se como dupla: atividade consciente e atividade inconsciente - exterior e interior - e que as faculdades dessa última excedem muito às da primeira).

2) O organismo humano pode agir à distância, produzindo um efeito não somente intelectual ou físico, como ainda plástico, dependente, segundo todas as aparências, de uma função especial da consciência interior. Essa atividade extracorpórea é independente, conforme parece, da consciência exterior, pois essa última não tem conhecimento de tal atividade, não na dirige.

Quanto à hipótese de uma ação extracorpórea intelectual da consciência exterior, ela pode igualmente achar sua justificação nos fenômenos mediúnicos - incidentemente, diremos, pois que, desde muito tempo, ela se apóia em fatos que não os do Espiritismo: nas experiências de sonambulismo e nos fenômenos mais recentemente estudados da telepatia.

Já é um progresso muito apreciável e o devemos ao Espiritismo. O Senhor Hartmann acredita poder e dever admitir esses dois fatos, na convicção de que não deixa o terreno científico e de que fica fiel a seus próprios princípios metodológicos. Conseguintemente a própria Ciência, segundo tais princípios, deverá um dia reconhecer e proclamar essas grandes verdades! E a Ciência prossegue já nesse caminho, pois desde agora tende a reabilitar grande número de fatos proclamados, há cem anos, pelos magnetizadores; ocupa-se, já em atraso, do sonambulismo, da dupla consciência, da ação extracorpórea ou supra-sensorial do pensamento, etc. Ainda há bem poucos anos, tudo isso era apenas, aos olhos da Ciência, uma vergonhosa heresia. Agora chega a vez da clarividência, e ela bate já às portas do santuário...

Para maior brevidade, proponho designar pela palavra animismo todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extracorpórea ou a distância do organismo humano, e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo. (32)

Quanto ao que diz respeito à palavra Espiritismo, ela será aplicada somente aos fenômenos que, após exame, não podem ser explicados por nenhuma das teorias precedentes e oferecem bases sérias para a admissão da hipótese de uma comunicação com os mortos. Se as asserções contidas nessa hipótese acham sua justificação: então o termo animismo será aplicado a uma categoria especial de fenômenos, produzidos pelo princípio anímico (considerado como ser independente, razoável e organizador) enquanto está ligado ao corpo; e neste caso a palavra Espiritismo compreenderá todos os fenômenos que podem ser considerados

como manifestação desse mesmo princípio, porém desprendido do corpo. Por mediunismo entenderemos todos os fenômenos compreendidos no animismo e no Espiritismo, independentemente de uma ou de outra dessas hipóteses.

Nossa tese estabelece-se pois da maneira seguinte:

Há fundamento para recorrer à hipótese espírita com o fim de explicar os fenômenos mediúnicos?

Não poderão encontrar-se todos os elementos necessários para esta explicação na atividade inconsciente - intra e extracorpórea - do homem vivo?

Antes de responder a esta questão, cumpre-nos examinar com cuidado particular os efeitos da ação extracorpórea do homem vivo, pois que eles representam papel muito importante na questão que nos interessa. Este assunto é tão novo para as pessoas que não se ocuparam com questões espíritas, e foi tão desprezado pelos próprios espíritas, que eu julgo útil dar dele um resumo sucinto, classificando os fatos que a ele se referem em muitos grupos, e aí compreendendo mesmo fatos colhidos fora do domínio próprio do Espiritismo. E' indispensável podermos orientar-nos sem dificuldade nessa ordem de fenômenos se quisermos adquirir uma idéia clara do assunto e chegar às conclusões que se impõem logicamente como resposta à pergunta que acabamos de estabelecer.

A divisão seguinte dos fenômenos do animismo, em quatro categorias, parece-me suficiente para o objetivo que me proponho. Este quatro grupos são:

1° - Ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos psíquicos (fenômenos da telepatia - impressões transmitidas à distância).

2º - Ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos físicos (fenômenos telecinéticos - transmissão de movimento a distância).

3° - Ação extracorpórea do homem vivo, sob forma do aparecimento de sua imagem (fenômenos telefânicos - aparecimento de duplos).

4º - Ação extracorpórea do homem vivo, manifestando-se sob forma de aparecimento de sua imagem com certos atributos de corporeidade (fenômenos teleplásticos - formação de corpos materializados).

Sendo o assunto que abordamos e que são muito vasto, limitar-me-ei a citar alguns exemplos referentes a cada um desses quatro grupos, e a dar algumas indicações quanto às fontes, sem deter-me nas particularidades, com receio de dar dimensões exageradas a esta obra.

I.- Ação extracorpórea do homem vivo, comportando efeitos psíquicos (fenômenos da telepatia - transmissão de impressões à distância).

Como exemplo típico das manifestações deste gênero, citarei o caso seguinte, que tenho de primeira mão de uma amiga minha, a jovem Barbe Pribitkòff.. Reproduzo o seu testemunho tal qual ela o escreveu:

“Em 1860, eu passava o verão na aldeia de Belaya-Kolp (perto de Moscou), que é propriedade do Príncipe Schahovskoy. A sua sogra, a Princesa Sofia Schahovskoy, tinha adquirido o hábito de tratar pela homeopatia os doentes dos arredores.

“Certo dia, levaram-lhe uma menina doente. Indecisa quanto ao remédio que lhe devia administrar, a princesa teve a idéia de pedir, por meio da mesa, um conselho ao Doutor Hahnemann. Eu protestei energicamente contra a idéia de tratar um doente segundo as indicações de um ser que não se poderia identificar. Insistiu-se e, apesar de minha oposição, conseguiram instalar-me diante da mesa, com a jovem

Kovaleff, pupila da Princesa Schahovskoy. (Eu não confiava então na homeopatia e era de opinião que, nos casos graves, cumpria transportar qualquer doente à casa do médico da povoação).

"A despeito dessa oposição interior - pois que eu me abstinha de estendê-la até à atividade das mãos -, o pé da mesa soletrou, por meio de pancadas, o nome de Hahnemann, o que me contrariou muito, e fiz votos íntimos para que ele recusasse formular um conselho. E justamente a frase ditada foi que ele não podia dar conselho. A princesa contrariou-se por sua vez; atribuiu essa recusa à minha oposição e afastou-me da mesa. Não posso dizer se quem me substituiu foi a própria princesa ou outra pessoa. Sentei-me perto da janela, a alguns passos da mesa, e esforcei-me, por uma concentração de toda a minha vontade, em fazer reproduzir pela mesa uma frase que formulei mentalmente. Então a princesa perguntou:,Por que motivo Hahnemann não podia dar conselho?" A resposta foi (em francês): "Porque eu me tornei um insensato em questões de Medicina, desde o dia em que inventei a homeopatia." Ditei esta frase fazendo apelo a toda a minha força de vontade e concentrando o pensamento sucessivamente sobre cada uma das letras que deviam vir. Estou bem lembrada de que nenhum erro foi cometido durante a transmissão desta frase. Apenas terminado o ditado, eu senti uma violenta dor de cabeça."

Aqui temos a prova positiva de que uma das formas mais freqüentes das manifestações intelectuais do Espiritismo - por meio da mesa - pode ser o resultado do esforço intelectual (isto é: a distância) de uma pessoa viva; o efeito produzido emana da consciência exterior, agindo livremente e nas condições normais, ao passo que, como regra, as manifestações desse gênero são devidas à ação da consciência interior e não chegam ao conhecimento da consciência exterior.

Citarei agora muitos casos de comunicações feitas por pessoas vivas durante o sono. Para começar, eis um fato que tenho igualmente de primeira mão: do nosso escritor bem conhecido Wsevolod Solovioff, que mo deu por escrito:

Era no começo do ano de 1882. Eu me ocupava, nessa época, com experiências de Espiritismo e de magnetismo, e, desde algum tempo, experimentava um estranho impulso que me levava a tomar um lápis com a mão esquerda e a escrever; e, invariavelmente, a escrita fazia-se mui rapidamente e com muita clareza, em sentido inverso: da direita para a esquerda, de maneira que só se podia lê-Ia colocando-a diante de um espelho ou contra a luz.

"Certa noite em que eu me tinha demorado em uma conversação com amigos, senti de novo, às 2 horas da manhã, esse desejo irresistível de escrever. Tomei o lápis e pedi a uma pessoa de minha amizade, a Senhora P., que o segurasse ao mesmo tempo; pusemo-nos assim a escrever simultaneamente. A primeira palavra foi: Vera. A nossa pergunta: "Que Vera?" obtivemos por escrito o nome de família de uma jovem minha parenta, com cuja família eu tinha reatado relações recentemente, depois de uma interrupção muito prolongada. Surpreendemo-nos, e, para ficarmos bem certos de que não nos enganamos, perguntamos: "E realmente Vera M.?" Recebemos esta resposta: "Sim. Durmo, mas estou aqui, e vim para dizer-vos que nos veremos amanhã no Passeio de Verão." Então deixei o lápis e em seguida nos separamos.

"No dia seguinte, cerca de 1 hora, recebi a visita do poeta Maïkoff; às 2 horas e meia, ele se despediu; ofereci-me para acompanhá-lo, e saímos juntos, recomeçando a conversação interrompida. Eu o seguia maquinalmente. Morava naquela ocasião na esquina das ruas Spasskaïa e Znamenskaïa. Ao passar pela rua Pantelenmonskaïa, nas proximidades da ponte das Prisões, meu companheiro notou a hora e observou que não tinha tempo a perder e que seria obrigado a tomar um carro de aluguel. Separamo-nos, e entrei sem a mínima demora pelas portas do Passeio de Verão (ao lado da ponte das Prisões). Nunca, durante o inverno, tinha passeado nesse parque. Convém dizer, também, que eu não pensava mais no que se tinha passado na véspera, em nossa sessão espírita. Julgai de minha surpresa, quando, apenas transposto em alguns passos a grade do Passeio de Verão, eu me achei face a face com a jovem Vera M., que passeava com a sua dama de companhia. Ao ver-me, a jovem Vera M. perturbou-se visivelmente, tanto quanto eu mesmo, aliás, pois que a nossa sessão da véspera me voltou subitamente ao espírito. Trocamos um aperto de mão e nos deixamos sem dizer palavra.

Na noite desse mesmo dia, fui visitar a sua família, e a mãe de Vera, depois das primeiras palavras de felicitações, começou a queixar-se da imaginação fantástica da filha; contou-me que esta, ao voltar de seu giro do Passeio de Verão, naquele mesmo dia, havia manifestado um estado extraordinário de excitação, que

tinha falado muito de seu encontro comigo, como de um milagre; que ela tinha contado ter vindo a minha casa em sonho e ter-me anunciado que nos encontraríamos no Passeio de Verão, às 3 horas.

"Alguns dias depois, deu-se um fato semelhante e nas mesmas condições: na sessão, minha mão escreveu o nome de Vera, e em seguida nos foi anunciado que ela passaria por nossa casa no dia seguinte às 2 horas. Efetivamente, à hora indicada, ela se apresentava em nossa casa, com a sua mãe, para fazer-nos uma visita. Esses fatos não se renovaram mais."

Casos análogos são muito abundantes na literatura espírita; assim lemos em um artigo de Max Perty, sob o título de "Novas experiências no domínio dos fatos místicos":

"A 20 de Julho de 1858, uma moça, Sofia Swoboda, achava-se com a sua família à mesa, tomando um ponche, para festejar uma solenidade de família; ela estava de humor calmo e contente, se bem que um pouco fatigada dos trabalhos do dia. Bruscamente se lembrou de não ter desempenhado a sua tarefa, a tradução de um texto francês para o alemão, e que deveria estar pronto para o dia seguinte pela manhã. Que fazer? Era muito tarde para entregar-se ao trabalho: cerca de 11 horas; ela estava, além disso, muito fatigada.

Nessa preocupação, a jovem Swoboda deixou os companheiros e isolou-se no quarto vizinho, pensando em sua incômoda distração, que ela lamentava tanto mais quanto era certo que votava estima particular à sua mestra. Mas eis que, sem aperceber-se, e até sem experimentar surpresa alguma, Sofia persuade-se achar-se em presença da Senhora W., a mestra em questão; dirige-lhe a palavra, dá-lhe parte, em tom jovial, da causa de seu pesar. Subitamente a visão desaparece e Sofia, de ânimo calmo, volta à reunião e conta aos convivas o que lhe sucedeu.

No dia seguinte, a Senhora W. chega à hora precisa e previne à Sofia, imediatamente, que está ciente de que o seu tema não está pronto, e faz a narração seguinte em presença da mãe de Sofia: na véspera, às 10 horas da noite, ela tinha lançado mão do lápis, para comunicar-se com o finado seu marido, por meio da escrita automática, como tinha por hábito fazer; mas dessa vez, em lugar de traçar o nome desejado e esperado, o lápis tinha começado a formular palavras em alemão, em uma escrita que reconhecera ser a de Sofia; eram termos graciosos, exprimindo descontentamento a respeito do tema que não tinha sido feito, por esquecimento. A Senhora W. mostrou o papel, e Sofia pôde convencer-se de que não somente a escrita era a sua, mas ainda que as expressões eram as que ela tinha empregado em sua fictícia conversação com a mestra. A jovem Sofia Swodoba, atesta que a Senhora W. é pessoa dê grande sinceridade, incapaz de proferir a menor mentira." (Psychische Studienn, 1879.)

No mesmo artigo de Perty, encontramos outro exemplo de escrita mediúnica executada pelo espírito de Sofia Swoboda, em uma sessão que se realizou em Meedling, enquanto ela dormia em Viena. Reproduzo essa narração in extenso, segundo Perty:

"O caso seguinte é edificante, particularmente graças a um concurso de circunstâncias mui interessantes: o espírito transporta-se a um lugar distante, a um meio absolutamente estranho, e age por intervenção de um médium que ali se encontrava. Evidentemente este fato só tem valor com a condição de sua autenticidade ser garantida, como tenho todo ó fundamento de admiti-lo, sob a fé dos documentos que me foram fornecidos.

"A 21 de Maio de 1866, dia de Pentecostes, Sofia (ela morava em Viena nessa época) tinha passado toda a manhã no Práter, na Exposição de Agricultura; voltou para casa muito fatigada e sofrendo de dor de cabeça. Depois de ter tomado uma refeição à pressa, retirou-se para seu quarto a fim de repousar. Quando se deitou eram quase 3 horas da tarde. Antes de adormecer, sentiu-se particularmente disposta a desdobrar-se, isto é, "a deixar o corpo e agir independentemente dele". As suas pálpebras entorpecidas fecharam-se, e ela se achou transportada imediatamente a um quarto que lhe era bem conhecido, pertencente a uma pessoa que ela conhecia muito bem. Viu ali essa pessoa e tentou inutilmente fazer-se ver por ela; Sofia voltou então ao seu quarto, e sentindo-se ainda com bastante força, teve a idéia de dirigir-se a casa do Senhor Stratil, sogro de seu irmão Antônio, com a intenção de fazer-lhe uma surpresa agradável. Com a rapidez do pensamento, sentindo-se com liberdade de movimentos, transpôs o espaço, lançando apenas um olhar fugitivo sobre Viena e o Wienerberg, e achou-se transportada ao belo pais que circunda a cidade de Moedling; e, ali, viu-se no gabinete do Senhor Stratil, defronte dele próprio, e do Senhor Gustavo B., a quem muito estimava e ao qual

desejava vivamente dar uma prova palpável da atividade independente do espírito, pois que ele sempre manifestara uma atitude céptica a tal respeito.

"Toda entregue à impressão de sua deslocação vertiginosa, e de humor prazenteiro, Sofia sentia-se admiravelmente bem, não experimentando inquietação nem abatimento. (Farei observar que sensação análoga de leveza e de bem-estar nota-se geralmente durante o sono magnético.) Ela se dirigiu diretamente ao Senhor B. e lhe falou em tom ameno e alegre, quando subitamente despertou (em Viena), em conseqüência de um grito que retumbou no quarto vizinho ao seu, onde dormiam seus sobrinhos e sobrinhas. Abriu os olhos, profundamente contrariada, e pouco lhe ficou da conversação que entretivera em Moedling, e que tinha sido interrompida de maneira tão brusca.

"Por felicidade o Senhor B. tinha escrito cuidadosamente o diálogo inteiro. Essa ata, o Senhor Stratil anexou-a à sua coleção de comunicações espíritas. A conversação com Sofia, por conseguinte, tinha apresentado os caracteres de uma comunicação espírita, dada por um médium. O relatório seguinte faz parte da ata do Senhor Stratil:

"No dia seguinte, isto é, a 22 de Maio, a jovem Carolina, filha do Senhor Stratil, recebeu uma carta que lhe enviava (a Viena) seu pai, que estava em Meedling. Entres outras, essa carta continha as perguntas seguintes: "Como passou Sofia no dia 21 de Maio?

"Que fez ela?

"Não dormiu nesse dia entre 3 e 4 horas da tarde?

Se dormiu, que viu em sonho?

A família de Sofia tinha certeza de que ela havia estado deitada durante esse tempo, sofrendo de violenta dor de cabeça, mas ninguém tinha tido conhecimento do que ela vira em sonho. Antônio interrogou sua irmã a tal respeito, sem nada lhe dizer, entretanto, sobre a carta que tinha recebido de seu sogro. Contudo, a narração desse sonho colocava Sofia em um embaraço evidente: sem perceber onde seu irmão queria chegar com suas perguntas, ela hesitava em dar-lhe resposta. Respondeu-lhe que se recordava apenas do incidente principal, a saber: que tinha deixado o corpo e visitado outros lugares; que não se recordava mais quais fossem. E, entretanto, Sofia recordava-se perfeitamente bem de todas as particularidades de sua primeira visita, mas lhe era desagradável divulgá-las. Quanto à sua segunda visita, ela tinha perdido a lembrança precisa, por causa de seu brusco despertar, e, apesar do desejo de dar parte dela a seu irmão, não o pôde.

"Em conseqüência das instâncias desse último, ela chegou enfim a recordar-se de que se tinha achado em companhia de dois senhores, um velho, o outro moço, e que tinha tido com eles uma conversação animada; recordava-se de ter experimentado uma impressão desagradável em certo momento, por ter-se achado em desacordo com esses senhores.

"Antônio comunicou todas essas particularidades para Moedling, e, em resposta, recebeu do Senhor Stratil uma carta com um embrulho lacrado. O Senhor Stratil manifestava o desejo de que esse embrulho só fosse aberto quando a própria Sofia falasse em uma carta que devia receber do Senhor B. Guardou-se segredo absoluto sobre essa correspondência, e ninguém conhecia as intenções do Senhor Stratil; Antônio, assim como Rosa e Carolina estavam reduzidos a formar conjecturas sobre as missivas estranhas do Senhor Stratil. Mas o desejo desse último de guardar intacto o pacote fechado foi respeitado rigorosamente. Passaram-se alguns dias, e o embrulho lacrado ficou completamente esquecido no meio das preocupações quotidianas.

"A 30 de Maio, Sofia recebeu pelo Correio uma carta galante, acompanhada de uma fotografia do Senhor B. A carta dizia: "Senhora." - Eis-me aqui. Reconheceis-me? Neste caso, peço-vos que me deis um lugar modesto no bordo do teto, ou na abóbada. Ficar-vos-ei muito grato não me suspendendo, se isso for possível; será preferível lançar-me em um álbum, ou antes em vosso livro de rezas, onde poderei facilmente passar por um santo, cujo aniversário se festeja a 28 de Dezembro (dia dos Inocentes). Mas se não me reconhecerdes, meu retrato nenhum valor poderá ter para vós, e, neste caso, eu vos ficarei muito obrigado se mo devolverdes. Aceitai, etc. - N. N."

"Os termos e torneios de frases empregados nessa carta eram bem familiares à Sofia. Parecia-lhe que as frases eram em grande parte as suas; porém ela só conservava das ditas frases uma vaga reminiscência. Mostrou a carta misteriosa a Antônio e às suas duas cunhadas; então Antônio abriu, em presença de todos, o

pacote enviado pelo Senhor Stratil. Ele continha a ata de uma conversação psicografada com uma personagem invisível, em uma sessão em que as questões tinham sido apresentadas pelo próprio Senhor Stratil, funcionando o Senhor B. como médium.

"Pela mão desse último é que as comunicações seguintes tinham sido escritas:

ATA

Medling, 21 de Maio de 1866, às 3 h. 1/4 p.m.

Stratil - Eis-nos a sós, e desejaríamos. comunicar com a mesma. personagem feminina que se manifestou a 5 deste mês. Luisa T. nos tinhas prometido voltar hoje, dia de Pentecostes. Estamos prontos, etc.

- Meu caro Gustavo, eu durmo e te vejo em sonho, e sou feliz. Sabes quem sou?

Gustavo B. - Não tenho disso a menor idéia e preferira que te fizesses conhecer.

- Não o posso nem o quero. E' preciso que adivinhes. Gustavo B. - Começo a acreditar, coisa estupefaciente... que estou em presença de...

- Erro. Sei o que queres dizer, sou unia mulher a quem tinhas igualmente prometido o teu retrato, e eu venho para lembrar-te a tua promessa. Sinto-me feliz em sonho, mas não é pelo fato de sonhar contigo, homem presunçoso... isso não passa de uma coincidência fortuita.

Gustavo B. - Não sou bastante vaidoso para supor que a posse de meu retrato ou o meu aparecimento em sonho possa fazer a felicidade de quem quer que seja. Mas dize-me, minha desconhecida, por que motivo vem para recordar-me uma promessa tão fútil, que efetivamente eu já fiz a muitas pessoas?

- E que hoje se te depara uma excelente oportunidade de cumprir com a- palavra, sem constrangimento algum e sem despender coisa alguma. Qual a utilidade de encomendar três fotografias e destruir duas delas? Porque não obterei um dos exemplares condenados a perecer?

Gustavo B. - Seja; desde que estás tão bem informada, terás o meu retrato, ainda que eu tivesse para isso de mandar reproduzi-lo. Mas explica-me antes de tudo porque escreves em caracteres latinos e não em alemães, e dize-me em seguida, cara desconhecida, quem és tu, do contrário, eu correria o risco de enviar o meu representante com um endereço falso, o que me comprometeria.

- Os caracteres latinos são de minha parte um simples capricho de criança. Quem sou? Eis o meu endereço, é para ali que enviarás a carta que vou ditar-te, pois desejo saber se me lembrarei, quando despertar, do que vejo em sonho. Escreverás...

Gustavo B. - Compõe a carta tu mesma, a fim de termos o confronto do teu sonho.

- Senhora, eis-me aqui, vós me reconheceis? Nesse caso, etc. (Segue-se textualmente a carta anônima que Sofia tinha recebido.) Endereço: A Senhora S. S. M. G. Alservorstadt, casa número 19.

Gustavo B. - E' preciso dizer a rua, do contrário o endereço não fica completo.

- És perverso! bem o sabes. Lembras-te perfeitamente da promessa que me tinhas feito de enviar-me tua imagem encantada em um pedaço de papel. Tudo o mais é sem importância; envia-me o mais cedo possível o teu retrato. Dar-me-ás prazer.

Gustavo B. - Então, adivinhei realmente a rua: é "Marianengasse"?

- Sim. E também adivinhaste da mesma maneira os dois S.

Stratil - Efetivamente, mas o terceiro S pede permissão para te saudar na qualidade de sua cara prima.

(Segue-se uma observação jocosa por parte do senhor idoso e uma réplica de Sofia.)

Stratil - Apesar da pequena altercação que tivemos, espero que não terás má vontade ao terceiro S e aceitas o seu cumprimento?

- Como poderia eu ter má vontade a um amigo tão paternal? Mas é tempo de terminar o nosso colóquio. Começo a ouvir, como em meio sonho, as crianças gritarem e fazerem barulho no quarto vizinho ao meu, e sinto as idéias confundirem-se. Adeus. Envia-me uma carta e o teu retrato. Gustavo B. - Obrigado por tua visita. Pedimos-te que aceites os nossos cumprimentos e esperamos que te lembrarás de nós depois do despertar. A carta e a fotografia te serão enviadas nesses poucos dias. Adeus e boa noite!

- Adeus, eu desp...

(Fim da sessão às 4 horas.)”

“A leitura dessa ata, as recordações de Sofia tornavam-se cada vez mais precisas, e ela exclamava a cada instante: “Oh! sim, é realmente isso!” Antes de terminada a leitura, Sofia tinha recuperado a memória e recordava-se de todas as particularidades que lhe tinham escapado em conseqüência de seu brusco despertar. Antônio tinha notado que a escrita em questão assemelhava-se muito à de Sofia, em seus temas de francês. Quanto à Sofia, a mesma opinião era aceita.

“As atas das comunicações espíritas, escritas pela mão do Senhor Gustavo B., distinguem-se pela particularidade de não ser a escrita igual do princípio ao fim quando ele escreve as perguntas apresentadas, a escrita é geralmente a sua própria, mas as respostas que ele deu na qualidade de médium são escritas por uma outra mão. Antônio relatou minuciosamente ao Senhor Stratil a atitude de Sofia depois da recepção da carta e durante a leitura da ata. Esta narração está junta à sua rica coleção de comunicações psicográficas, ao lado da ata que acaba de ser lida.”

No livro da Baronesa Adelma Von Vay: “Studien iiber die Geisterwelt” (Ensaio sobre o mundo dos Espíritos), encontramos um capítulo intitulado “Manifestações medianímicas do Espírito de um homem vivo”, e enviamos o leitor à página 327 e seguintes, nas quais se trata de comunicações feitas pelo primo da baronesa, o Conde Wurmbrand, que se achava nesse momento em campanha e tomava parte na batalha de Kõniggraetz. No dia seguinte à batalha, ele lhe tinha comunicado, pela mão dela (a baronesa escrevia mediunicamente), que não tinha sido morto. Verificou-se que essa notícia era exata, se bem que seu nome figurasse na lista dos mortos.

O Senhor Tomás Everitt, cuja reputação é bem firmada entre os espiritualistas e cuja mulher é excelente médium, conta um fato interessante em uma memória apresentada à Associação Britânica dos Espiritualistas (mês de Novembro de 1875), sob o título de “Demonstração da natureza dupla do homem”. Ei-lo:

“Não é coisa rara para os espiritualistas receber comunicações de pessoas que afirmam serem ainda deste mundo. Freqüentemente fizemos essa experiência, principalmente no começo. Essas comunicações, transmitidas por pancadas ou pela escrita, apresentavam realmente o cunho característico das pessoas que afirmavam ser os seus autores, quer pelo estilo quer pela escrita.

Assim, por exemplo, um dentre nossos amigos, dotado de faculdades mediúnicas, conversava freqüentemente conosco por intermédio de minha mulher e nos transmitia comunicações que correspondiam de maneira absoluta a seu caráter. Em suas cartas, ele procurava freqüentemente saber se eram exatas as comunicações que por sua vez recebia do Senhor Everitt, e sucedia freqüentemente serem exatas as comunicações transmitidas de ambos os lados, por meio da palavra, por meio de pancadas ou da escrita.

Em seguida o Senhor Everitt relata os pormenores de uma sessão, no decurso da qual recebeu uma comunicação escrita pela mão de sua mulher e vinda de parte de seu amigo o Senhor Mëers (médium também), um mês depois da partida desse último para a Nova Zelândia. (Veja-se o “ Spiritualist”, 1875, II, págs. 244-245.)

A escritora inglesa muito conhecida, a Srta. Florence Marryat, refere, de seu lado, que recebeu, por sua própria mão, uma comunicação de pessoa que dormia na ocasião de transmiti-la:

Há alguns anos já, eu entretinha relações de amizade com um senhor que havia perdido uma irmã muito estimada, antes de nossas relações. Freqüentemente ele me falava a seu respeito, e eu fiquei conhecendo assim todos os pormenores de sua vida e de sua morte. As contingências da vida separaram-nos, e durante 11 anos não entretive relações com esse amigo.

“Ora, certo dia em que eu recebia pela mesa uma comunicação emanante de uma senhora de meu conhecimento, a mesa ditou-me de maneira inteiramente inesperada o nome da irmã do amigo que eu tinha perdido de vista. Foi a primeira tentativa que ela fez para entrar em comunicação comigo. O seguinte diálogo travou-se entre nós:

“- Que desejas de mim, Emília?

“- Venho dizer-te que meu irmão está na Inglaterra presentemente e desejaria muito ver-te. Escreve-lhe com o endereço do clube da cidade de C... e dize-lhe onde ele poderá ver-te.

“- Penso que não posso fazê-lo, Emília; há muito tempo já que não nos vemos, e talvez ele não quisesse renovar suas relações comigo.

“- Ele deseja-o; não há dúvida. Pensa constantemente em ti; escreve-lhe, por conseguinte.

“- Antes de fazê-lo, desejaria ter uma prova do que me dizes.

“- Ele próprio vo-lo dirá, pelo mesmo meio. Recomeça a sessão à meia-noite. Então ele estará dormindo, e eu vos trarei sua alma.

“Conformei-me com esta prescrição, e retomei meu lugar, diante da mesa, à meia-noite precisa. Emília anuncia-se de novo e diz-me

“- Trouxe-vos meu irmão. Ele está aqui. Interroga-o tu mesmo.

“Perguntei:

“- E verdade, como mo garante Emília, que desejas ver-me?

“- Sim. Dá-me um lápis e papel.

“Quando fiz o que ele me pedia, continuou:

“- Escreve o que vou ditar-te. (E inscrevi o que se segue): Longos anos, é verdade, passaram-se desde que nos vimos pela última vez. Todavia, por mais longos que sejam esses anos, não podem apagar a recordação do passado. Nunca deixei de pensar em ti e de orar por ti.

“Alguns instantes depois, ele acrescentou:

“- Conserva esta folha de papel e envia-me uma carta, com endereço do Clube de C...

“Desconfiando de minhas faculdades mediúnicas, foi só dez dias depois que resolvi escrever a meu amigo, de cuja presença na Inglaterra eu não suspeitava, não conhecendo com maior razão o seu endereço. Na volta do Correio recebi sua resposta na qual ele reproduzia exatamente as palavras que eu tinha inscrito dez dias antes.

“A Ciência tem o poder de explicar como as palavras obtidas por intermédio da mesa em Londres, a 5 de Dezembro, puderam ser transmitidas por uma via natural qualquer, ao cérebro de um homem vivo, que se achava à distância de 400 milhas inglesas e que a 15 do mesmo mês ele repetiu em sua carta? Os fatos que me tinham sido comunicados, não só me eram desconhecidos, mas também inverossímeis. Muito mais, eram fatos ainda não consumados, mas que deviam realizar-se dez dias depois. Não é o único caso deste gênero que observei. Sucedeu-me por muitas vezes receber comunicações de pessoas vivas, por intermédio de médiuns falando no estado de transe.” (“ Light”, 1886, pág. 98.)

A Srta. Blackwell, escritora espírita muito séria, relata um fato ainda mais notável: a evocação do Espírito de um homem vivo, durante o sono, e que confessa, pela mão do médium, um roubo que ele tinha cometido.(“Human Nature”, 1877, pág. 348.)

Também há exemplos de comunicações provenientes de pessoas vivas, transmitidas pela boca de um médium em transe. O juiz Edmonds nos dá o testemunho positivo de um fenômeno desse gênero, em seu livro: “Spiritual Tracts”, no capítulo intitulado: “Comunicações mediúnicas com os vivos”. Eis sua narração:

“Certo dia em que me achava em West Roxbury, pus-me em relação, por intermédio de minha filha Laura, com o Espírito de uma pessoa a quem eu muito tinha conhecido outrora, mas a quem não via desde anos. Era um homem de caráter inteiramente estranho; assemelhava-se tão pouco a todos aqueles a quem eu tinha conhecido, e era tão original, que não havia meio de confundi-lo com outro qualquer. Eu estava longe de pensar nele. Quanto à médium, essa lhe era completamente desconhecida. Manifestou-se não só com todas as particularidades que o caracterizavam, mas ainda me falou acerca de coisas que ele e eu éramos os únicos a conhecer.

“Depois dessa sessão, concluí que ele tinha morrido; e qual não foi minha surpresa ao saber que ele estava vivo. Ainda o está. Não posso entrar aqui em todos os pormenores de nossa conversação, que se prolongou por mais de uma hora. Eu estava muito persuadido de que não tinha sido vítima de uma ilusão; que era uma manifestação espírita semelhante a muitas outras que eu mesmo tinha observado ou que me tinham contado.

Mas como podia dar-se isso? E uma questão que me inquietou por muito tempo. Daí em diante, fui freqüentemente testemunha de fatos análogos que não mais me permitiram duvidar de podermos obter comunicações de pessoas vivas da mesma maneira que mensagens de pessoas mortas.

Na biografia da célebre médium Senhora Conant, lemos que lhe sucedeu transmitir comunicações de parte de pessoas vivas, ou antes se manifestar ela própria em diversas sessões por intermédio de outros médiuns. (Páginas 91-107.)

Outra médium, ao mesmo tempo autora muito conhecida, a Senhora Hardinge Brittan, relata em seu artigo "Sobre os duplos", publicado no "Banner of Light" (números de 6 de Novembro e 11 de Dezembro de 1875) que, no ano de 1861, achando-se era estado de transe, falou em nome de uma pessoa que estava viva, como foi verificado mais tarde.

Nesse mesmo artigo, ela cita um caso interessante que ocorreu em 1858: em um círculo espírita em Cleveland, em casa do Senhor Cutler, uma médium começou a falar o alemão, apesar de que essa língua lhe fosse completamente desconhecida. "A individualidade que se manifestava por seu intermédio dizia-se mãe da Srta. Maria Brant, uma jovem alemã que se achava presente." - "A Srta. Brant afirmava que sua mãe, até onde podia sabê-lo, estava viva e de boa saúde." Algum tempo depois, um amigo da família, chegado da Alemanha, levou a notícia de que a mãe da Srta. Brant, depois de ter atravessado uma moléstia séria, em conseqüência da qual tinha caído em longo sono letárgico, declarou ao despertar ter visto sua filha, que estava na América. Ela disse que a tinha visto em um quarto espaçoso, em companhia de muitas pessoas e que lhe falara. (Esses dois últimos exemplos acham-se também no artigo do Senhor A.(Oxon): "Ação extracorpórea do espírito", publicado no "Human Nature" de 1876, págs.106, 107.

O Senhor Damiani informa, por seu lado, que nas sessões da Baronesa Cerrápica, em Nápoles, receberam-se freqüentemente comunicações provenientes de pessoas vivas. Ele diz, entre outras coisas: "Há cerca de seis semanas, nosso amigo comum, o Doutor Nehrer, que mora na Hungria, seu país natal, comunicou-se conosco pela boca da nossa médium, a baronesa. Sua personificação não podia ser mais completa: seus gestos, sua voz, sua pronúncia, a médium no-los transmitia com absoluta fidelidade; estávamos persuadidos de que nos achávamos em presença do próprio Doutor Nehrer, que nos declarou fazer uma sesta naquela ocasião, descansando das fadigas do dia, e nos deu parte de diversos pormenores de ordem privada, e que todos os assistentes desconheciam completamente. No dia seguinte escrevi ao doutor. Em sua resposta ele confirmou serem exatos em todos os pontos os pormenores comunicados." ("Human Nature", 1875, pág. 555.)

Dentre os exemplos verificados na Rússia, acerca de comunicações feitas pelas pessoas vivas, por intervenção de médiuns, citarei o seguinte, publicado no "Rebus" de 1884:

"Em uma das sessões, nosso interlocutor declarou ser filho de uma proprietária de nossa vizinhança, que habitava à distância de 8 " verstes". Esse moço é incumbido de um serviço em um dos governos do centro da Rússia. Na própria manhã do dia da sessão, um de nós tinha visto sua mãe. Não se tinha falado acerca de sua chegada e, entretanto, falando conosco, ele declarou que tinha chegado à sua propriedade duas horas antes. A nossa pergunta indagando como sucedia que ele tivesse falado conosco, respondeu: "Estou dormindo."

"Preocupado e acreditando ser o joguete de uma alucinação, dois dentre nós se dirigiram no dia seguinte de manhã a casa do nosso vizinho. Encontraram o moço em questão ainda deitado, e souberam por ele que, por dever de serviço, dirigia-se a São Petersburgo e que se tinha detido, no decurso da viagem, em casa de sua mãe, por um dia apenas. Na véspera, à noite, fatigado da viagem, ele se tinha deitado imediatamente. - Samoïloff, Trifonoff, Meretzki, Slavoutinskoy. Aldeia Krasnya Gorki (Governo de Kostroma), 19 de Janeiro de 1884."

Se um bom médium escritor se tivesse achado nessa sessão, e se a comunicação transmitida em nome da pessoa que dormia tivesse sido escrita com sua letra, este fato teria sido uma prova preciosa em apoio da teoria que nos ocupa. Que me conste, um só fato desse gênero foi devidamente verificado na Rússia: um de nossos médiuns, a Senhora K., referiu-me que em uma sessão realizada em um círculo privado, à qual assistiam somente sua mãe e sua irmã, o lápis de que ela tinha o hábito de servir-se para essas experiências parou de repente, e, depois de uma pausa de alguns instantes, começou a traçar palavras em uma escrita desigual e muito fina. Contudo, a assinatura que se seguiu, composta de duas letras vigorosamente traçadas, foi imediatamente reconhecida e excitou a admiração de todas as pessoas. Era a assinatura do irmão da médium, o qual se achava em Tachkent.

O primeiro pensamento foi que ele tinha morrido e que viera dar parte disso. Começaram a decifrar a escrita e eis as palavras que foram lidas: “Chegarei em breve”. Todos ficaram vivamente surpresos com tal comunicação, tanto mais quanto pouco tempo antes se tinha recebido uma carta dele, na qual dizia que viria na qualidade de correio, porém não já, por estar inscrito na lista em décimo quinto lugar e que, por conseguinte, sua viagem não poderia realizar-se antes de um ano. Tomou-se nota da hora e data dessa comunicação - era a 11 de Maio de 1882, às 7 horas da noite - e ela foi mostrada a muitas pessoas da intimidade da família K.

No começo de Junho, o irmão da médium chegou efetivamente. Mostraram-lhe a curiosa comunicação. Ele reconheceu a sua assinatura, sem mostrar hesitação, e disse-nos que era nessa mesma data que se tinha posto a caminho. Segundo o cálculo do tempo que se fez, verificou-se que no momento em que a comunicação era transmitida ele estava imerso em profundo sono no “tarantass” (carro de viagem) e que antes de adormecer tinha pensado nos seus, na surpresa que lhes causaria sua chegada.

Tive sob os olhos a comunicação em questão e pude verificar a semelhança completa da assinatura que havia ali com a do Senhor K.

No que diz respeito à verificação e ao estudo desse gênero de fenômenos por via experimental, só posso citar esta passagem tirada do tratado do juiz Edmonds, de quem se acaba de falar:

Há cerca de dois anos, fui testemunha de um exemplo admirável desse gênero. Tinham-se organizado dois círculos, um em Boston, outro nesta cidade (Nova Iorque). Os membros desses círculos reuniam-se simultaneamente nas duas cidades e comunicavam entre si por seus médiuns. O círculo de Boston recebia, por seu médium, comunicações emanantes do espírito do médium de Nova Iorque, e vice-versa. As coisas duraram assim por muitos meses, no decurso dos quais os dois grupos inscreviam cuidadosamente as atas. Tenho a intenção de publicar brevemente a narração dessas experiências, que constituem uma tentativa interessante de telegrafia intelectual, cuja possibilidade é assim demonstrada.

E muito lamentável que o Senhor Edmonds não tenha realizado esse projeto.

Lembro-me de um fato desse gênero, ocorrido na Rússia: a filha do Senhor Boltine, um de nossos espíritas mais zelosos na propaganda, era médium escrevente. Ela morava em São Petersburgo e comunicava-se com sua irmã casada, a Senhora Saltykoff, que morava na província; a relação mediúnica estabelecia-se à noite, quando se julgava que uma das irmãs estava dormindo, recebendo a outra, no estado de vigília, as comunicações que sua irmã adormecida lhe transmitia. As cartas que escreviam uma à outra confirmavam singularmente as comunicações feitas durante o sono. Soube desse fato pela Senhora P., que freqüentava a família Boltine. Infelizmente, perdi-a de vista e não posso, por conseguinte, obter os pormenores necessários.

Muito antes de tratar-se de Espiritismo, os fenômenos do magnetismo animal tinham demonstrado que uma relação extracorpórea, de ordem intelectual, pode ser estabelecida entre os homens. Quando eu estava em Paris, em 1878, tive o ensejo, graças ao Senhor Donato e ao seu excelente sensitivo, de fazer uma bela experiência de transmissão do pensamento a distância, como não acredito que tenha havido outra igual, Obtive um êxito maravilhoso. A narração respectiva foi publicada na “Revista Magnética” de 16 de Fevereiro de 1879. O Senhor Ochorowicz fez-me a honra de citar essa experiência circunstanciadamente em sua importante obra “Da Sugestão Mental” (Paris, 1887). Em 1883, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres começou seus estudos sobre a transmissão do pensamento e estabeleceu-as de maneira incontestável.

As experiências do professor Carlos Richet e outros sábios franceses confirmaram esses resultados por outros métodos (veja-se a “Revista Filosófica”).

Os fatos que acabamos de citar nada mais fazem, por conseguinte, do que apresentar um aspecto diferente de um mesmo fenômeno: a ação intelectual recíproca, proclamada pelo Espiritismo. Eles nos provam que certos fenômenos muito comuns, tais como as comunicações transmitidas pela mesa, pela escrita ou pela palavra, podem, efetivamente, ser atribuídas a uma causa que se acha fora do médium; que se pode pesquisar essa causa na atividade consciente ou inconsciente de um homem vivo que se acha fora do recinto onde o círculo está reunido.

Esses fatos têm grande valor, porque, graças a eles, podemos estabelecer, pela observação direta, o laço que une a causa ao efeito.

II. - Ação extracorpórea do homem vivo, sob forma de efeitos físicos (fenômenos telecinéticos - deslocamento de objetos à distância).

Desde que se reconheçam os fenômenos mediúnicos físicos (dentre os quais os mais concludentes são Os fenômenos de deslocamento de objetos sem contacto), somos obrigados a admitir no homem a faculdade de exercer uma ação física à distância.

Sendo a ação física, em si, impessoal, é impossível afirmar que tal manifestação física - por exemplo o deslocamento de um objeto sem que se tenha tocado nele - se tenha produzido pela ação de A. ou de B. Atribuem-se geralmente esses fenômenos à ação especial de um dos assistentes, o médium, e importa-nos antes de tudo assegurar-nos de que assim é. O resto nada mais será que uma questão de quantidade e de qualidade. O que é possível a A. pode da mesma maneira, em um grau qualquer, ser possível a B., quer este último esteja ausente ou presente à sessão; e o que A. pode realizar a pequena distância, B. poderá estar no caso de realizá-lo a considerável distância. Assim B. poderia manifestar-se, quer em virtude de sua própria mediunidade, quer pela mediunidade de A.; neste último caso, teríamos uma manifestação física não só extracorpórea, como ainda extramediúnica, pois que o efeito terá sido produzido não pelo próprio médium, mas pela ação que outra pessoa viva tiver exercido sobre ele. Uma vez estabelecido o fato de -uma ação intelectual a distância, o efeito físico produzido a distância não seria mais do que o seu corolário ou vice-versa.

Enquanto não tratamos senão de um efeito físico, atribuímo-lo sem hesitar à ação do médium, mas esta conclusão é baseada unicamente na probabilidade lógica. E' na rubrica IV que encontraremos a prova disso; veremos ali que o efeito físico é produzido pelo duplo do médium que se tem sob os olhos no próprio instante em que a ação se realiza.

As experiências instituídas independentemente do Espiritismo, com o intuito de demonstrar a possibilidade de uma ação extracorpórea manifestando-se a distância por um efeito físico, são pouco numerosas.

O Senhor H. Wedgwood dá testemunho, como se segue, de uma experiência desse gênero feita pela Senhora Morgan, mulher do falecido professor De Morgan, autora do livro “From Matter to Spirit” (Matéria e Espírito)

“Um exemplo, que a Senhora De Morgan me referiu por muitas vezes, fará compreender melhor o poder que possui o Espírito extracorpórea de produzir, em certas condições, efeitos físicos. Ela tivera a oportunidade de tratar pelo magnetismo uma jovem, clarividente, e por diversas vezes pôs à prova a sua faculdade de clarividência para fazê-la ir em espírito a diferentes lugares com o fim de observar o que se passava lá. Certo dia teve o desejo de que a sensitiva se dirigisse a casa em que ela própria habitava. “Bem, disse a moça, eis-me aqui, bati na porta com força.” No dia seguinte, a Senhora De Morgan informou-se do que se tinha passado em sua casa naquela mesma ocasião: “Muitas crianças mal educadas, responderam-lhe, tinham ido bater na porta, fugindo em seguida.” (“ Light”, 1883, pág. 458.)

Encontrar-se-á o símile de experiências iguais na rubrica IV: tratava-se do duplo de um sensitivo mesmerizado, que tinha sido visto na ocasião precisa em que produzia um efeito físico.

Eis o que lemos em Perty, acerca da célebre visionária de Prevorst: “A Senhora Haufe tinha o poder de manifestar-se em casa dos amigos, produzindo, durante a noite, pancadas surdas, porém muito distintas, e como que aéreas. Certo dia ela bateu assim em casa de Herner (um médico que se interessava particularmente por ela e que publicou a sua biografia), este último não lhe participou o que tinha acontecido. No dia seguinte, ela lhe perguntou se devia bater novamente.” (Perty - “Fenômenos Místicos”, 1872, tomo II, pág. 124.)

Encontramos fatos análogos fora do Espiritismo e do mesmerismo. Eis o que se lê a esse respeito em Perty: “Um estudante suíço, na Basileia, fazia freqüentes visitas a uma família que o conhecia já pela maneira de tocar a campainha. Tempo depois, atacado de sarampão, em Berlim, foi acometido de uma espécie de nostalgia de seus amigos da Basileia. No momento em que seu pensamento se dirigia com tanta intensidade a esse meio de amigos, a campainha foi puxada exatamente da maneira por que ele tinha o hábito de fazê-lo, e todos se surpreenderam com o seu regresso, mas, quando abriram a porta, ninguém estava nem tinha sido visto ali. Em conseqüência desse incidente, mandaram pedir notícias dele em Berlim. “ (“ Magicon”, tomo V, pág. 495; Perty, ibid., pág. 123.)

Perty cita ainda outros exemplos de telecinesia.

Eis um exemplo de pancadas dadas a distância por uma pessoa doente, adormecida, e sonhando que bateu. O Senhor Harrison tirou este caso do livro de Henry Spicer, “Sigths and Sounds” (Fatos de visão e audição):

“A Senhora Lauriston (o nome está ligeiramente modificado), residente em Londres, tem uma irmã que mora em Southampton. Certa noite em que esta última trabalhava em seu aposento, ouviu três pancadas na porta. “Entre”, disse essa senhora. Ninguém entrou; mas, repetindo-se o eco, ela se levantou e abriu a porta. Ninguém estava ali. No momento preciso em que o eco se tinha feito ouvir, a moléstia da Senhora Lauriston tinha chegado a seu momento crítico. Ela caiu em uma espécie de transe, e, quando saiu dele, referiu que, tomada de ardente desejo de ver sua irmã antes de morrer, sonhara que tinha ido a Southampton e batera na porta de seu aposento; em seguida, depois de ter batido uma segunda vez, sua irmã se tinha mostrado na porta, mas a impossibilidade em que se achava de lhe falar a tinha impressionado de maneira tal que voltou a si.” (Harrison - “Spirits before our eyes” (Os Espíritos diante de nossos olhos), pág. 146.)

Aqui vêm colocar-se os numerosos testemunhos de pancadas dadas para ser ouvida por parentes ou amigos afastados, por pessoas moribundas, pois que essas pancadas foram sempre universalmente reconhecidas como se tendo produzido nos últimos momentos de vida.

Assim, por exemplo, o Senhor Roswell, de Edimburgo, despertou por três vezes ouvindo pancadas violentas de encontro à porta de entrada. Levantou-se para ver quem estava ali, mas não viu ninguém.

Mais tarde recebeu a notícia da morte de seu irmão em Calcutá, e verificou que a hora em que ouvira as pancadas correspondia exatamente com aquela em que seu irmão tinha recebido grave ferimento. (Vede para maiores particularidades, “ Light”, 1884, pág. 505.)

O professor Perty cita numerosos casos desse gênero no capítulo de seu livro intitulado “Ação a distância dos moribundos”, páginas 125 e seguintes.

Em sua obra “O Espiritualismo Moderno”, ele menciona, segundo o professor Daumer, “o caso de um avô moribundo que pede à filha, próxima a seu travesseiro (ela não morava na mesma casa), que procurasse seu neto, a fim de que viesse orar por ele, pois que não lhe restavam mais forças para fazê-lo - e que no mesmo instante se manifesta como espírito em casa de seu filho, batendo com violência no corrimão da escada, chamando-o por seu nome e pedindo-lhe instantemente que fosse para perto de si; imediatamente o filho se veste, sai e encontra no patamar sua mãe, que ia procurá-lo. Ambos se dirigem para perto do avô, que recebe seu neto com um sorriso; convida-o imediatamente a orar e morre pacificamente duas horas depois.” (Pág. 209.)

Estes últimos fatos têm realmente um caráter anedótico, mas hoje, que os fenômenos mediúnicos estabelecem de maneira indiscutível a possibilidade de uma ação física extracorpórea, não há inconveniente algum. em fazer entrar, sob a nossa rubrica, a relação de casos desse gênero, que se produzem desde há muitos séculos.

Poder-se-ia objetar que os fatos dessa natureza não passam de alucinações do ouvido e dos sentidos em geral. Seja, mas, em todos os casos são alucinações telepáticas reais, isto é, provocadas pela ação psíquica extracorpórea de um agente afastado, e está aí o essencial; mas quando se trata de fenômenos mediúnicos, não se poderia negar de maneira positiva a concomitância de efeitos físicos.

Há razões para admitir que a parte dos fenômenos que se produzem em casas “mal-assombradas” deva ser classificada nesse categoria. Seria um estudo muito interessante a ser feito; não me recordo de que tenha sido empreendido em qualquer tempo debaixo desse ponto de vista.

Assim, leio em Gorres (“A Mística”, tradução francesa, tomo III, pág. 325), no capítulo consagrado ao “Espírito batedor de Tedworth”, que, segundo declaração do próprio mendigo preso, era ele quem produzia em Tedworth, na casa Monpesson, todo o ruído e desordem de que Glanvil nos deu a narração circunstanciada em seu “Sadducismus triumphatus”, o que fez dele um caso clássico. Eu tive, porém, ocasião de ter à mão esse livro para verificar a exatidão dessa passagem de Gorres. Perty faz menção desse caso em seus “Fenômenos Místicos”, tomo II, página 96.

Antes de passar à rubrica seguinte, é preciso responder a uma questão que se apresenta aqui muito naturalmente: se as manifestações mediúnicas não são em muitos casos mais do que efeitos da ação extracorpórea do homem vivo, porque pois essas manifestações não se anunciam como tais, já que dão testemunho de uma inteligência própria? Esses casos existem, mas creio que foram geralmente desprezados, como se pode ver pela observação seguinte do Senhor Harrison, antigo editor do “Spiritualist”

No sábado, 12 de Setembro de 1868, dirigi-me sozinho a uma sessão privada em casa do Senhor e da Senhora Marshall, para ter uma longa conversação com John King. No começo, estávamos em plena luz e disseram-nos por meio de pancadas:

“- Sou o vosso bom Espírito familiar.

“- Então tenha a bondade de dizer-me quem és.

“- Sim, sou tu mesmo.

“Voltei-me para a Senhora Marshall e perguntei-lhe o sentido dessa comunicação. Respondeu-me que nada sabia a tal respeito; dantes, ela nunca tinha ouvido dizer coisa alguma semelhante. Era talvez teu duplo, acrescentou ela, pois que, diz-se, certas pessoas têm seus duplos no mundo dos Espíritos.

“Era a primeira vez que eu ouvia falar da existência de duplos, e era para mim uma hipótese muito ousada para que me submetesse tão depressa a ela. Concluí daí, imediatamente, que a comunicação era uma brincadeira à maneira de John King. Eu perguntei:

“- Dir-me-ás ainda em um aposento escuro?

“A resposta foi:

“- Sim.

“Entramos no aposento escuro, e, no fim de pouco tempo, vimos produzirem-se corpos luminosos semelhantes a cometas, do comprimento de cerca de 30 centímetros, alargados em uma das extremidades e afilando-se em delgada ponta na outra; esses corpos luminosos flutuavam no ar, aqui e ali, seguindo uma trajetória curvilínea. Um momento depois, uma voz me disse, muito perto de mim

“- Sou teu próprio “eu” espiritual; falei contigo no aposento vizinho.

“Pensei ainda que era uma brincadeira de John King e não continuei a conversação.

“Sempre lamentei essa circunstância, agora que sabemos que papel importante representam em grande número de manifestações espiríticas o duplo e outros agentes semelhantes.)” (“Spiritualist”, 875, t. I, pág. 129.)

Um fato análogo é referido por Hornung em seu livro “Novos Mistérios”, mas não me recordo onde está esse livro.

III. - Ação extracorpórea do homem vivo, traduzindo-se pela aparição de sua própria imagem (fenômenos telepáticos -- aparições à distância).

Sob esta rubrica vêm juntar-se numerosos fatos observados em todos os tempos e conhecidos sob o nome de aparições de duplos. A Ciência nunca os considerou de outra maneira a não ser como alucinações puramente subjetivas; mas graças aos trabalhos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres que erigiu para si um monumento eterno com a publicação de sua obra capital: “The Phantasms of the Living” (edição

francesa abreviada, sob o título de “Alucinações Telepáticas”; Paris, 1891, em 8°, Alcan), essa explicação superficial não é mais admissível.

Centenas de fatos novos recolhidos de primeira mão pela Sociedade e verificados por ela com todo o cuidado possível, provam de maneira incontestável que existe uma relação íntima entre a aparição do duplo e a pessoa viva que ele representa; desde então, se é uma alucinação, é, segundo a expressão dos autores da obra, uma alucinação verídica, isto é, o efeito de uma ação psíquica, emanante de uma pessoa que está longe da que vê a aparição. E pois perfeitamente inútil deter-me aqui para dar exemplos desse gênero de fenômenos, tanto mais quanto, na rubrica seguinte, se encontrarão fatos que correspondem melhor ainda ao dito fim. Entretanto, devo acrescentar aqui algumas reflexões: agora que conhecemos os fenômenos da materialização, devemos admitir que a aparição do duplo pode não ser um fenômeno puramente subjetivo, mas que pode apresentar certa objetividade, possuir certo grau de materialidade, o que faria dele um gênero especial de duplos, uma espécie de transição entre os fatos classificados sob esta rubrica e os classificados sob a rubrica seguinte. Conhecemos alguns fatos que tendem a provar que esta suposição não é sem fundamento.

O fato mais precioso e mais instrutivo desse gênero é, certamente, o do desdobramento habitual de Emília Sagée, que foi observado durante meses por um colégio inteiro, e que se produzia ainda quando a própria Emília era visível para todos.

Somos devedores deste fato a Roberto Dale Owen, que o recebera de primeira mão da Baronesa Júlia de Güldenstubbe, e deu dele, em seu “Footfalls on the Boundary of Another Life” (Eco de Visitas às Fronteiras de uma Outra Vida), uma breve narração que Perty mencionou em sua brochura: “Realidade das Forças Mágicas” (pág. 367); todavia, mais tarde, informações mais circunstanciadas, fornecidas pela própria Baronesa Güldenstubbe, foram publicadas em “Light” de 1883, página 366, e, como o caso é extremamente notável e pouco conhecido, cito-o na íntegra.

Aparição do duplo da jovem Emília Sagée

“Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de “Colégio de Neuwelcke”. O diretor naquela época era o Senhor Buch.

“O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbe, da idade de treze anos.

“No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emilia Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; era loura, de belíssima aparência, de olhos azuis claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa, e, durante o tempo (um ano e meio) em que ela esteve em Neuwelck, não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

“Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, freqüentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: “Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada”, ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgar a coisa muito estranha e finalmente falaram nele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

“Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Güldenstubbe, e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da

outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

"Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

"Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar sua "toilette", e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emílias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com essa brusca aparição, que perdeu os sentidos.

"Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, o duplo da professora de pé, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, nem garfo, nem comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

"Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. As vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo, a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-Ia, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Dessa vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas, pouco depois, desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas, é certamente o seguinte:

"Certo dia todas as alunas, em número de quarenta. e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

"Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa, e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo em que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma das suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que as meninas viram ali de repente a forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona, em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona, e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a atravessar na realidade uma parte da forma. Apesar disso, essa durou ainda por certo tempo; depois, desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegiais verificaram o fenômeno da mesma maneira.

“Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: “Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.”

“Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma há muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido, e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo, do mesmo modo parecia não se aperceber da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.

“Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstubbe teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes, entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

“Pode-se facilmente imaginar que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores sacrificassem Emília Sagée.

Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Güldenstubbe: “Oh! já pela décima nona vez; é duro, muito duro de suportar!”

“Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda a parte por onde tinha passado - e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke -, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.

“Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem de Güldenstubbe foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

“Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Guldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

“Eu soube de todos estes pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali, por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os seus pormenores.”

No caso que precede, devemos excluir toda a possibilidade de ilusão ou de alucinação; parece-nos difícil admitir que as numerosas alunas, professores, professoras e diretores de dezenove estabelecimentos tenham experimentado por sua vez, a respeito da mesma pessoa, a mesma influência alucinatória. Por conseguinte, não há dúvida de que se trata neste caso de uma aparição, no rigoroso sentido da palavra, de um desdobramento real do ser corpóreo, tanto mais quanto o duplo se entregava, em muitos casos, a uma ocupação diversa da que tinha a própria pessoa.

Notemos, além disso, que no dizer das alunas que tiveram a ousadia de tocar no duplo de Emília Sagée, esse apresentava uma certa consistência. Há todo o fundamento para supor-se que a fotografia teria demonstrado a realidade objetiva desse desdobramento.

Eu já mencionei, em meu primeiro capítulo, muitos casos de fotografias transcendentes de duplos. O último dos três casos que citei, e que foi comunicado pelo Senhor Glendinning, encontra sua explicação de maneira inesperada no da jovem Sagée. Eis como se exprime o Senhor Glendinning

Em uma de nossas experiências, obtivemos o retrato de nosso médium na atitude em que ele então se achava, à meia distância entre o fundo e o aparelho, dez a quinze minutos antes da exposição da chapa." Tinha-se consultado a prancheta acerca desse mistério e recebera-se esta resposta: "O médium deixou sua influência no lugar que tinha ocupado, e, se uma pessoa dotada de clarividência se tivesse achado no aposento, tê-lo-ia visto nesse lugar.") Ora, que lemos no caso de Emília Sagée? "Às vezes, quando ela deixava a cadeira, via-se seu duplo ficar sentado." A analogia é frisante.

Essas duas linhas dão ainda a chave de outro caso de fotografia de duplo, referido por Pierrart, na "Revista Espiritualista", 1864, pág. 84: o Senhor Cúrcio Paulucci, fotógrafo em Chiavari, perto de Gênova, tirava o retrato de um grupo de três pessoas; depois da revelação, o retrato de uma quarta pessoa apareceu atrás do grupo; era o do duplo de um ajudante que se tinha conservado por alguns instantes, antes da exposição da chapa, por trás do grupo, para colocar na posição desejada as pessoas que o compunham. O Senhor Guido, engenheiro, amigo do Senhor Paulucci, o próprio que comunicou o fato ao Senhor Pierrart, descreveu todas as manipulações químicas por meio das quais se assegurou de que a imagem se achava realmente sobre o colódio e não, por qualquer inadvertência, sobre a placa de vidro.

Como apêndice à primeira rubrica, posso citar o caso seguinte, no qual a comunicação feita por um vivo é ainda acompanhada pela aparição de seu duplo. Eis o caso, tal qual foi comunicado ao jornal "Human Nature", 1867, página 510, pelo Senhor Baldwin, de Birmingham; trata-se da aparição de seu próprio duplo:

"Há cerca de quinze dias, estando a Srta. Taylor à mesa, em sua casa, a tomar o chá em companhia de sua tia e de seu primo, ela lhes contou que via mui distintamente o Senhor Baldwin, que se conservava no canto da mesa em que estavam sentados. Naquele momento a aparição não se manifestou por comunicação alguma inteligente, a não ser por um sorriso. Porém, alguns dias depois, achando-se as mesmas pessoas reunidas em uma sessão espírita, a Srta. Taylor repetiu que via o Senhor Baldwin; em seguida, a Srta. Kross, sua prima, pediu uma prova de sua identidade. Imediatamente ele se aproximou da mesa, pegou no braço da Srta. Taylor, que era médium escrevente, e escreveu seu nome por inteiro. A Srta. Kross exigiu ainda outra prova e disse que, se era realmente ele, escrevesse o pedido que ele lhe tinha dirigido recentemente, repetisse as ultimas palavras que ele proferira na noite precedente. Imediatamente tudo foi escrito na integra." Para os pormenores complementares, veja-se o artigo do Senhor Baldwin no "Human Nature", 1868, página 151.

"Os fatos de experimentação neste sentido não são numerosos, porém existem. Assim o Senhor Colman atesta que a filha do juiz Edmonds, a Srta. Laura, "podia, às vezes, à vontade, desviar para fora (exteriorizar) seu espírito e fazê-lo aparecer, sob sua própria forma, e fazer por tal meio comunicações às pessoas que lhe eram simpáticas".

A Srta. Mapes, filha do professor Mapes, garantiu por sua vez ao Senhor Colman que "sua amiga a Srta. Edmonds lhe tinha aparecido, fazendo-lhe comunicações, se bem que estivessem separadas uma da outra por uma distância de 20 milhas inglesas." O Senhor Colman cita ainda um caso desse gênero (veja-se "Spiritualism in America", pág. 4, e "Spiritualist", 1873, pág. 470).

Encontra-se a relação de experiências mais recentes nos "Phantasms of the Living", tomo I, págs. 103-109, e tomo II, págs. 671-676. Vede também o capítulo "Majavi Rupa" na obra de Du Prel: "A Doutrina

Monística da Alma", 1888, aliás, em geral, todos os capítulos desse livro são consagrados à apreciação filosófica do fenômeno de desdobramento.

Nas biografias dos médiuns encontra-se grande número de casos de aparições de seus duplos (por exemplo na biografia da Senhora Conant, pág, 112), e chegamos naturalmente à rubrica seguinte:

IV. - Ação extracorpórea do homem vivo manifestando-se sob a forma da aparição de sua imagem com certos atributos de corporeidade (fenômenos teleplásticos - formação de corpos materializados).

E aqui que a ação extracorpórea do homem adquire seu mais alto grau de objetividade, pois que se produz por efeitos intelectuais, físicos e plásticos. E é somente no Espiritismo que encontramos a prova absoluta desse fato. Uma vez admitido o fenômeno da materialização, ele deve ser naturalmente e logicamente reconhecido como produto do organismo humano; se, além disso, se estabelece como regra geral, que a forma materializada tem grande semelhança com o médium, deve-se concluir, com a mesma naturalidade, que se está em presença de um fenômeno de desdobramento corpóreo. O fato dessa semelhança foi por muitas vezes verificado nas sessões em que se observaram materializações - completas ou parciais.

Cronologicamente falando, creio que a primeira observação desse gênero remonta aproximadamente ao ano de 1855, e produziu-se por acaso, em uma das sessões às escuras feitas pelos irmãos Davenport, com o intuito de obter efeitos físicos. Mesmo no meio da sessão, "um agente de polícia abriu sua lanterna de furta-fogo e iluminou o aposento. Então se passou uma cena extraordinária: Davenport pai levantou-se em sobressalto e declarou, acometido de intensa excitação, que tinha visto seu filho Ira perto da mesa, em posição de tocar em um dos tamboris, exatamente na ocasião em que o aposento acabava de ser iluminado, e que o tinha visto voltar à sua cadeira." O Senhor Davenport estava exasperado; mas qual não foi sua surpresa quando, "uma vez restabelecida a calma, cerca de vinte assistentes afirmaram por sua honra terem visto distintamente, alem da forma humana perto da mesa - o duplo ou fantasma de Ira Davenport - ao mesmo tempo, ou o próprio rapaz em carne e osso, sentado na cadeira, entre duas outras pessoas. O fantasma se tinha dirigido para o rapaz, mas provavelmente não chegara até onde este estava, visto como desaparecera a cerca de seis pés do lugar em que o rapaz estava sentado." (Veja-se "The Davenport Brothers", a biography par Randolph, Boston, 1869, págs. 198-199; citado no "Spiritualist", 1873, Págs. 154-470.)

Nesse mesmo livro, somos informados de como se houve o professor Mapes para certificar-se de que os fenômenos físicos eram produzidos pelos duplos dos irmãos Davenport: "Quando, diz ele, a guitarra chegou perto de mim, apalpei cuidadosamente a pessoa que eu suspeitava ser o moço Ira Davenport. Procurei assegurar-me de sua presença, passando a mão por sua forma inteira, mas não pude retê-lo porque ele deslizava entre minhas mãos, desaparecia, por assim dizer, com a maior facilidade possível."

Foi principalmente pela roupa do moço Davenport que o Senhor Mapes se certificou de tê-lo reconhecido na escuridão; feita a luz, porém, que foi imediatamente pedida, pôde-se verificar que o moço Ira estava sempre amarrado em sua cadeira, como o tinha deixado o professor. Em uma sessão que se realizou em casa do Senhor Mapes, este último, bem como sua filha, puderam ainda uma vez verificar o desdobramento dos braços e das mangas da roupa do médium. (Veja-se ibid., páginas 185-186.)

O reverendo J. B. Fergusson, que acompanhou os irmãos Davenport em sua viagem à Inglaterra e os tinha tomado sob sua proteção, não deixando de observá-los com todo o cuidado, exprime-se nestes termos: "Vi, com os meus próprios olhos, os braços, o tronco, e, por duas vezes, o corpo inteiro de Ira Davenport, à distância de 2 a 5 pés do lugar em que se achava em pessoa, como todos puderam presenciá-lo, amarrado com segurança à sua cadeira." E mais adiante: "Em certas condições, ainda pouco determinadas, as mãos, os braços e a roupa dos irmãos Davenport desdobram-se, quer para a vista quer para o tato." ("Supramundane

Facts in the Life of Rev. J.B. Fergusson)" (Fatos supraterrestres na vida do reverendo J. B. Fergusson, Londres, 1865, página 109).

As mesmas observações foram feitas por freqüentes vezes na Inglaterra com outros médiuns, e essa questão provocou por muitas vezes controvérsias entre os jornais espíritas. Consultar, entre outros, os artigos do Senhor Harrison no "Spiritualist" (1876, I, pág. 205; 1879, I, pág. 133); o artigo do Senhor A. Oxon em "Light" de 1884, página 351; o do Senhor Keulemans em "Light", de 1884, pág. 351, e de 1885, pág. 509. Na presente obra trata-se deste assunto. Visto que a experiência de que fiz menção naquele ponto, a do Senhor Crookes com a Senhora Fay, foi feita nas condições mais rigorosas de fiscalização que a Ciência pode exigir, e como um caso de desdobramento se produziu ali, devemos considerar essa experiência como uma das provas mais sérias da realidade desse fenômeno. O Senhor Cox, que tomou parte nesse sessão, refere-a assim:

"Em sua excelente descrição da sessão de que se trata, o Senhor Crookes "diz que uma forma humana inteira foi vista por mim bem como por outras pessoas. E' a verdade. Quando me entregavam meu livro, a cortina afastava-se suficientemente para permitir-me ver a pessoa que mo dava. Era a forma da Senhora Fay, em sua inteireza: a cabeleira, o rosto, o vestido de seda azul, os braços nus até o cotovelo, e usando pulseiras ornadas de pérolas finas. Nesse momento a corrente galvânica não registrou a mínima interrupção, o que se teria dado inevitavelmente se a Senhora Fay tivesse desprendido as mãos dos fios condutores. O fantasma apareceu ao lado da cortina que ficava oposto àquele em que se achava a Senhora Fay, à distância mínima de 8 pés de sua cadeira, de maneira que lhe teria sido impossível, de qualquer maneira, alcançar o livro na prateleira, sem ser coagida a desprender-se dos fios condutores. E, entretanto, repito-o, a corrente não sofreu a mínima interrupção.)"

"Há outra testemunha que viu o vestido azul e as pulseiras. Nenhum de nós participou aos outros que tinha visto, enquanto a sessão não terminou; por conseguinte, nossas impressões são absolutamente pessoais e independentes de qualquer influência.)" ("Spiritualist", 1875, 1, pág. 151.)

As experiências de fotografia também aí estão para estabelecer o fato do desdobramento. Sabe-se que Katie King assemelhava-se de maneira notável à sua médium Florence Cook; os retratos que o Senhor Crookes obteve de Katie atestam o fato até à evidência.

As impressões feitas em papel enegrecido vêm corroborar da mesma maneira o fenômeno em questão, mas a demonstração mais importante de desdobramento nos é fornecida pelas experiências de moldagem por meio de formas de parafina,

Citei mais acima a experiência feita com o Senhor Eglinton, no decurso da qual se obteve, por meio desse processo, a forma de seu pé, enquanto o verdadeiro pé ficava visível aos olhos dos membros da comissão incumbida de vigiar a experiência.

O Senhor Harrison faz conhecer um resultado análogo, mencionando outra experiência, na qual se obteve a moldagem das mãos dos médiuns.("Spiritualist", 1876, 1, pág. 298.)

O doutor espanhol Otero Assevedo relata uma experiência muito curiosa, que ele teve oportunidade de fazer. Em 1889, dirigiu-se a Nápoles, no intuito de verificar a autenticidade das manifestações que se davam nas sessões da médium Eusápia Paladino. O Senhor Assevedo desejava obter uma impressão em terra argilosa, em condições absolutamente inatacáveis. Para isso encheu um prato de terra argilosa fresca. No fim da sessão regulamentar, após as manifestações habituais, Eusápia Paladino propôs, muito por seu gosto, tentar a experiência imaginada pelo sábio espanhol. Pediu ao Senhor Assevedo que colocasse o prato que continha a terra argilosa em uma cadeira, diante dela, à distância de cerca de 2 metros, assegurando-se, previamente, de que a superfície da massa estava completamente lisa. Em seguida, cobriu-a com um lenço. Isso se dava à plena luz.

"Todas as pessoas tinham os olhos fixos em Eusápia. Ela dirigiu a mão para o lugar onde se achava o prato, fez alguns movimentos convulsivos e exclamou: "Está pronto".

Quando se retirou o lenço, verificou-se que na terra argilosa havia a impressão, perfeitamente executada, de três dedos. (Veja-se a "Revista Espírita", 1889, página 587.) Nas cartas que me escreveu, o Senhor Assevedo garantiu-me que, para ele, não havia a menor dúvida quanto à realidade desses fatos, se

bem que tivesse assistido a essas sessões com as idéias preconcebidas de um "materialista intransigente", segundo sua expressão.

Esse fato extraordinário do desdobramento do organismo humano - fato que deduzimos logicamente do fenômeno da materialização - nos dá o direito de acreditar nas narrações que nos chegam, de outro lado, acerca de aparições de duplos que produzem efeitos físicos, sem que sejamos por isso coagidos a recorrer à hipótese das alucinações visuais, auditivas e táteis. Se é verdade que o fenômeno essencial existe, essa última espécie de duplos reduzir-se-ia a uma variedade caracterizada por um grau diferente de corporeidade, e dependente do espaço que separa o fantasma de seu protótipo vivo. Essa inconstância no grau de materialidade das aparições foi observada por muitas vezes, e, dentre outras, pelo Senhor Crookes, que refere a tal respeito o fato seguinte:

"Ao declinar do dia, durante uma sessão do Senhor Home em minha casa, vi moverem-se as cortinas de uma janela, que estava cerca de 8 pés de distância do Senhor Home. Uma forma sombria, opaca, semelhante a uma forma humana, foi divisada por todos os assistentes, de pé, próxima à vidraça, sacudindo. a cortina com a mão. Enquanto a olhávamos, desapareceu, e as cortinas deixaram de mover-se.

"O caso seguinte é ainda mais extraordinário. Como no precedente, era o Senhor Home quem servia de médium. Um fantasma, saindo de um canto do aposento, lançou mão de um acordeão, e em seguida deslizou através do aposento, tocando esse instrumento. Aquela forma foi visível durante muitos minutos por todas as pessoas presentes, e ao mesmo tempo se via também o Senhor Home. O fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a certa distância dos demais assistentes; essa senhora deu um pequeno grito, após o qual a sombra desapareceu." (Crookes "Pesquisas", edição francesa, pág. 165.)

Um fato análogo se deu na Rússia; foi comunicado ao "Rebu" pelo Doutor Kousnetzoff, que o relata assim:

"Na penumbra vimos flutuar uma forma de criança, que parecia ter cinco anos: era bela de perfil, tinha os cabelos anelados e segurava uma caixa de fósforos, fluorescente, que pendurou em uma haste de filodendro que se achava no aposento; nesse momento, as folhas do arbusto fizeram ouvir um frêmito característico." Não havia crianças naquela sessão; os experimentadores eram em número de três: O Senhor Kousnetzoff, e o Senhor e Senhora M. (1892,pág.97.).

Consultando meu index, encontro um exemplo de materialização transparente, observada pelo Senhor Morse, a quem conheço perfeitamente. Ele publicou a notícia no jornal "Facts", de Boston (1886, pág. 205).

E permitido supor, com todo o fundamento, que o grau de densidade de um duplo diminui em razão do seu afastamento do organismo que ele representa. Como símile a um fato de que falei na rubrica II - sensitivo mesmerizado agindo a distância e sem ser visto pelos experimentadores - citarei aqui o seguinte caso e no qual o efeito visual se acha combinado com a ação física. O Senhor Desmond Fitzgerald, engenheiro, escreveu a esse propósito no "Spiritualist", sob o titulo: "Efeito físico produzido pelo espírito de um sensitivo":

"O magnetizador mais poderoso que tenho conhecido até hoje é um certo H. E. Lewis, um negro, com o concurso do qual Lorde Lytton (Bulwer) fez grande parte de suas experiências semi-espiríticas. Fiz relações com ele, há vinte anos, por intermédio do Senhor Thompson, que era da mesma maneira um magnetizador muito poderoso. Naquela época, eu me ocupava assiduamente com o estudo dos fenômenos do mesmerismo, e as experiências que fiz então foram o ponto de partida de minhas convicções espiríticas atuais. Decidido a formar uma idéia clara acerca da autenticidade de certos fenômenos, aluguei um aposento na casa de Lewis, em Baker Street, e organizei, com o seu concurso, muitas conferências sobre o mesmerismo, nas circunvizinhanças, escolhendo localidades que lhe eram desconhecidas.

"Em Fevereiro de 1856 fomos a Blackheath; produziu-se ali um incidente muito curioso. Tínhamo-nos hospedado em um hotel, e, à noite, no salão comum, Lewis magnetizou a muitas pessoas e fez algumas experiências notáveis de electro-biologia, que interessaram vivamente os assistentes.

"Ficou convencionado que se poria uma sala à disposição de Lewis e, no dia seguinte, realizou-se a conferência. Depois das experiências habituais de magnetismo, que tiveram êxito maravilhoso, Lewis procedeu à demonstração de alguns dos fenômenos de clarividência e de sonambulismo, na pessoa de uma moça, a quem ele nunca tinha visto dantes, e que, com outras pessoas, tinha deixado as filas do público para

subir ao estrado. Depois de a ter mergulhado em profundo sono, convidou-a a ir a sua casa (dela), e descrever o que visse ali. Ela começou então a contar que via a cozinha, que duas pessoas estavam lá, ocupadas nos afazeres domésticos.

"- Poderás tocar uma dessas pessoas, a que está mais perto de ti? - perguntou Lewis.

"Ele só obteve, como resposta, um murmúrio ininteligível. Em seguida, colocou uma das mãos sobre a cabeça do sensitivo e a outra sobre o pléxus solar, e disse-lhe:

"- Quero que lhe toques no ombro; deves fazê-lo, e fa-lo-ás.

"A moça começou a rir e disse:

"- Eu lhe toquei; como estão amedrontadas!

"Dirigindo-se ao público, Lewis perguntou se alguém conhecia a moça. Tendo recebido uma resposta afirmativa, propôs que um grupo se dirigisse ao domicílio da moça, a fim de certificar-se da exatidão de sua narração. Muitas pessoas se dirigiram para ali, e, quando voltaram, confirmaram em todos os pontos o que a jovem adormecida tinha referido: todas as pessoas da casa estavam efetivamente descontroladas e em profunda excitação porque uma das pessoas que se achava na cozinha declarava ter visto um fantasma e que esse lhe tocara no ombro.

"A moça que tinha sido submetida à experiência como "sensitiva" era empregada na qualidade de criada em casa do Senhor Taylor, sapateiro em Blackheath. Em meu canhenho encontro, entre outros, o nome de um Senhor Bishop, dentista, residente em Blackheath, que se ofereceu para certificar a exatidão do incidente." ("Spiritualist" 1875, I, pág. 97.)

O professor Daumer cita em seu livro "Das Geisterreich" (O Reino dos Espíritos) (Dresda, 1867), no capítulo intitulado: "Aparições de vivos sob a forma de fantasmas", essa passagem do "Magicon", de Justino Herner, onde se trata do auto-sonâmbulo Suzette B., cujo duplo tinha aparecido ao Doutor Ruffli e apagara a luz de sua vela (t. I, pág. 167).

Eis um exemplo de data mais recente, referido por uma testemunha das mais fidedignas, o finado H. Wedgwood, membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres:

O fantasma de um homem vivo batendo na porta

Em fins de Setembro, eu era hóspede da Senhora T., uma de minhas amigas, que possuía faculdades mediúnicas. Seu marido dirige-se todos os dias a Birmingham, por causa de negócios; a distância é de cerca de 20 milhas.

"Quinze dias antes de minha chegada, em um sábado, e precisamente alguns instantes antes da hora em que seu marido devia entrar em casa, a Senhora T. estava na janela de seu quarto de dormir, que dava para a rua, e divisou o marido que abria a porta gradeada do jardim e depois caminhara pela vereda; ele tinhas nas mãos muitos embrulhos, o que excitou a curiosidade da Senhora T.

"Ela se apressou em ir abrir-lhe a porta; em caminho encontrou seu cunhado e lhe deu parte de que acabava de ver seu marido, que tinha entrado pela porta reservada, conduzindo muitos embrulhos. Enquanto ela falava com seu cunhado, ouviu bater na porta principal a série de pancadas adotada por seu marido. As pancadas eram tão distintas que ela não teve dúvida de que seu cunhado as tivesse ouvido também, o que entretanto não se tinha verificado: mas a criada, na cozinha, que ficava vizinha ao vestíbulo, as tinha ouvido perfeitamente, e estava persuadida de que era o dono da casa; ela correu para abrir a porta; mas a Senhora T., que se tinha adiantado, abriu-a. Não vendo ninguém, a Senhora T. mandou a criada de quarto à entrada particular e foi pessoalmente à sala de jantar, na outra extremidade da casa, persuadida de que seu marido tinha entrado pela porta do jardim; ali também não encontrou pessoa alguma. Enquanto ela ficava tão perplexa, a criada de quarto foi avisá-la de que o Senhor T. tinha chegado e acabava de entrar nesse mesmo instante pela porta principal. Ela foi ao encontro do marido e perguntou-lhe porque ele tinha voltado depois de ter entrado uma primeira vez pela porta do jardim. Este lhe respondeu que nada disso tinha feito; que vinha diretamente da estação. - "Vamos lá, ouvi-te perfeitamente bater, e vi chegares, com dois embrulhos embaixo do braço!", disse ela, com acento de uma pessoa que está convencida de ter sido o alvo de uma

brincadeira. O Senhor T., não compreendia nada de tudo isso. Ele tinha efetivamente dois embrulhos debaixo do braço, como sua mulher tinha julgado vê-lo.

"O cunhado afirma, de seu lado, que, estando perto da janela, tinha ouvido perfeitamente as palavras da criada de quarto, dizendo que o amo acabava de bater, e isso precisamente no momento em que a Senhora T. acreditava vê-lo na vereda do jardim. Eu tive a confirmação disso depois, por intermédio da própria criada de quarto. Sua afirmação é aliás amplamente corroborada pelo fato de ter ido até à porta para abri-la. E' certo que as pancadas tinham tal realidade objetiva que foram ouvidas simultaneamente por duas pessoas que estavam em pontos distantes na casa e que não se comunicavam entre si.

"Soube desse fato pelas próprias testemunhas do incidente, e transcrevi-o segundo suas próprias palavras durante o acontecimento, quinze dias depois de sucedido." ("Light", 1883, pág. 458.)

O Senhor Wedgwood fez acompanhar a narração, que precede, por outra que teria seu lugar antes sob a rubrita II, mas reproduzo-o aqui a título de apêndice. As personagens são as mesmas.

"Antes do incidente que acabo de referir, o Senhor T. parece que já tinha avisado de sua volta as pessoas da família, provocando efeitos que cada qual podia verificar, mas sem que seu duplo tivesse sido notado por quem quer que fosse.

"Para chegar em casa antes da hora do jantar, o Senhor T. podia tomar, quer o trem de 5 horas e meia, quer o de 6 horas e meia. A 12 de Junho, ele preveniu sua mulher, ao partir, que provavelmente só voltaria pelo último trem. Perto das 6 horas e meia a Senhora T., teve a idéia de ir à estação ao encontro de seu marido; na ocasião em que se preparava para pôr o chapéu, ouviu subitamente o som de muitos acordes tocados no piano, na sala do andar inferior; esses acordes foram seguidos de uma passagem rápida, em oitavas, e em seguida ouviu tocar uma melodia, com um dedo, como o fazia ordinariamente o Senhor T. Persuadida de que seu marido havia chegado pelo primeiro trem, tirou o chapéu e desceu a toda a pressa; mas encontrou a sala vazia e o piano fechado. Ninguém estava em casa, pois que a criada se achava na lavanderia, na outra extremidade da casa." ("Light", ibid.)

Outro caso, mais concludente ainda, é-nos comunicado pelo Senhor Georges Wyld, doutor em Medicina:

"Eu tinha excelentes relações de amizade, havia 15 anos, com a Srta. J. e sua mãe. Essas duas senhoras receberam uma instrução das mais aprimoradas e são absolutamente dignas de fé. A narração que me fizeram foi confirmada por uma das criadas. Quanto à outra, não pude encontrá-la.

"Foi alguns anos antes de nosso conhecimento; a Srta. J. era muito assídua em visitar os pobres. Ora, certo dia em que voltava para casa, depois de um passeio de caridade, sentiu-se fatigada e indisposta por causa do frio e teve o desejo de ir em sua volta aquecer-se perto do fogão, na cozinha. No instante preciso que correspondia àquele em que essa idéia lhe tinha passado pelo espírito, duas criadas que estavam ocupadas na cozinha sentiram dar volta no ferrolho da porta, esta abrir-se e dar passagem à Srta. J., que se aproximou do fogo e aqueceu as mãos. A atenção das criadas fixava-se nas luvas de pele de cabrito envernizadas de cor verde que J. tinha nas mãos. Subitamente diante de seus olhos, ela desapareceu. Atemorizadas, elas subiram rapidamente até onde estava a mãe da Srta. J e comunicaram a sua aventura, sem esquecer a particularidade das luvas verdes.

"A mãe foi assaltada por alguma apreensão de mau presságio, mas tentou tranqüilizar as criadas, dizendo-lhes que J. só usava luvas pretas, que nunca as tivera de cor verde, e que por conseguinte sua visão não podia ser considerada como o fantasma de sua filha.

"Cerca de meia hora depois, a Srta. J, em pessoa, entrava; foi diretamente à cozinha e aqueceu-se diante do fogo. Ela estava de luvas verdes, por não haver encontrado as pretas." ("Light", 1882, pág. 26.)

Em notícia explicativa, o Senhor Wyld acrescenta:

"Não faltam notícias, arranjadas levianamente, de fenômenos psíquicos; quanto a mim, tive sempre o cuidado de ser o mais preciso possível. Por exemplo, no caso de que trato, compreendo muito bem o que havia de importante em ficar adstrito aos fatos; entreguei-me às investigações mais minuciosas, descendo aos mínimos pormenores; assim, pedi que me repetissem por muitas vezes o fato de só uma das duas criadas que estavam na cozinha ter visto o movimento do ferrolho da porta, ao passo que ambas tinham visto a porta abrir-se." ("Light", 1882, pág. 50.)

No “Spiritualist” de 1877, tomo II, na página 283, o Doutor Wyld expõe, de maneira circunstanciada, sua teoria, que poderia ser resumida no próprio título de seu artigo: “O homem como espírito, e os fenômenos espiríticos conforme são produzidos pela ação do homem vivo”.

A Senhora Hardinge Britten relata um fato curioso em sua memória sobre as aparições de duplos, publicada no “Banner of Light” de 1875 (6 de Novembro e 11 de Dezembro); esse fato é reproduzido pelo Senhor A.(Oxon) em seu artigo: “Da ação extracorpórea do espírito do homem” (“Human Nature”, 1876, pág. 118). Ei-lo “Era na época em que se realizavam as sessões do célebre círculo de Nova Iorque, nas quais tomava parte freqüentemente o reverendo Tomás Benning, recentemente falecido. Ele tinha recebido o convite de fazer em certo sábado uma conferência em Troy, Nova Iorque; porém, na véspera do dia marcado, teve uma dor de cabeça violenta que não lhe teria permitido aceder ao convite que tinha aceito. Escreveu à pressa uma carta de desculpas ao.presidente da Sociedade de Troy. Entretanto, à noite, ele melhorou e pôde ir ao círculo de sua cidade. Durante a sessão, sua preocupação obsedante era saber se a carta chegaria a tempo para permitir à Sociedade de Troy encontrar outro conferencista. Ponderando bem, parecia-lhe impossível que a sua carta chegasse a tempo, e tal idéia afligia-o tanto mais porque ele não descobria meio algum de remediar a situação. Atormentado por esses pensamentos não prestou quase atenção alguma ao que se passava na sessão. Convém declarar que nesse círculo de Troy a aparição de duplos não era coisa rara. O Senhor Benning teve a lembrança de tentar a experiência, isto é, prevenir por esse meio a seus amigos em Troy do incômodo que sentia. Essa tentativa não se traiu nele por sinal algum determinado, a não ser por uma vaga absorção da qual não conseguiu desfazer-se durante grande parte da noite. Essa sensação desapareceu subitamente, e ele pôde então tomar parte nas ocupações do círculo tão conscienciosamente quanto tinha por hábito fazê-lo, e com a lucidez de espírito que lhe era peculiar.

“Transportemo-nos, porém, a Troy e vejamos o que lá se passava durante esse mesmo tempo. Naquela cidade, do mesmo modo que em Nova Iorque, havia um círculo do qual o reverendo Senhor T. Benning era membro. Esse círculo continha ao todo dezoito aderentes. Como o Senhor Benning fosse freqüentemente àquela cidade para fazer o sermão do domingo, tinha-se decidido escolher o sábado para a sessão. Naquele sábado, dezessete dos membros reuniram-se para a sessão, mas o Senhor Benning, com o qual contavam com toda a certeza, não chegava.

“Mais de trinta minutos tinham decorrido desde a hora fixada para a sessão, quando se ouviu bater na porta da casa o sinal convencionado para anunciar a chegada de um dos membros. O aposento alugado para as sessões era situado no segundo andar, e os membros deviam bater de modo particular, para evitar que uma pessoa estranha pudesse introduzir-se. Logo que o sinal convencionado se fez ouvir, o Senhor A., a quem cabia a vez de receber os que chegavam, desceu a escada, abriu a porta e divisou o Senhor Benning, que estava no limiar, à plena luz do luar. Ele fez admoestações ao retardatário e instou para que subisse, para juntar-se aos consócios que o esperavam com impaciência. Com grande surpresa sua, o Senhor Benning não manifestou desejo algum de entrar: conservava-se defronte da porta, irresoluto, e murmurando algumas palavras para participar que não poderia fazer o sermão do dia seguinte. Impaciente com essa falta de pressa, o Senhor A. tomou o Senhor Benning pelo ombro, puxou-o para dentro, queixando-se de penetrar o frio no interior da casa; depois, tendo-o convidado a subir, fechou a porta e guardou a chave na algibeira, como costumava fazer, quando o círculo estava completo.

“Os consócios, reunidos em cima, começavam a achar o tempo muito longo, e incumbiram dois dentre eles para ir saber o que se passava. Esse encontraram o Senhor Benning na escada e lhe fizeram exprobrações acerca de sua demora. Este murmurou, com a mesma voz surda, algumas palavras de desculpa que não se referiam precisamente à sua demora; falava da impossibilidade em que ficaria de fazer o seu sermão, no dia seguinte. “Está bem, está bem! - responde-lhe o Senhor B. - apressa-te, porém, um pouco, nós te temos esperado bastante. “ Em seguida tentou levar o Senhor Benning pelo braço, porém, com grande surpresa, este último o repeliu com força e, desviando os outros dois consócios, desceu a escada com precipitação e atirou-se na rua, fechando a porta violentamente atrás de si.

Os membros do círculo ficaram consternados perante tal conduta de seu respeitável consócio, e no decurso da reunião falou-se muito desse incidente bizarro. Ele foi inserto na ata da sessão com todos os pormenores, se bem que pessoa alguma tivesse podido encontrar a explicação do enigma. Foi só depois de

terminada a sessão, quando todos desceram e se acharam defronte da porta fechada à chave, que vaga suspeita atravessou o espírito desses senhores, e eles começaram a desconfiar que o incidente de que tinham sido testemunhas apresentava um caráter misterioso, oculto.

"No dia seguinte, muitos membros do círculo foram ao sermão, na esperança de obter uma explicação do próprio Senhor Benning. A ausência do pregador não podia dissipar suas apreensões. Eles souberam que em conseqüência de uma demora do Correio, a carta do Senhor Benning tinha chegado somente na véspera, às 10 horas, e, trazendo a nota de "urgente", o recebedor do Correio, por delicadeza, a tinha feito chegar a seu destino no dia seguinte, domingo, de manhã. Essa carta também ainda não estava entregue doze horas depois que o estranho visitante da véspera comunicara o seu conteúdo aos membros do círculo de Troy.

"O autor dessas linhas está informado dessa narração pelo Senhor Benning e por duas pessoas que viram, reconheceram e tocaram o fantasma na escada. Elas lhe afirmaram que, apesar do caráter que o visitante pudesse ter, por mais imaterial que ele fosse, seu braço deu prova de um vigor muito considerável para poder desviar um dentre eles e impelir o outro com tanta força que esteve prestes a rolar pela escada."

O Doutor Britten menciona em seu livro: "Man and his Relations" (O homem e suas Afinidades) (Nova Iorque, 1864), o caso seguinte extraído de uma carta do Senhor E. V. Wilson. A Senhora Hardinge Britten reproduz essa carta in extenso. Eis a sua tradução:

"Na sexta-feira, 19 de Maio de 1854, eu estava sentada diante de minha secretária; adormeci nessa posição, com a cabeça apoiada na mão. Meu sono durou de trinta a quarenta minutos. Sonhei que estava, na cidade de Hamilton, a 40 milhas inglesas a oeste de Toronto e que visitava diversas pessoas para receber dinheiro. Depois de terminado meu passeio de cobranças, desejei ir visitar uma senhora de meu conhecimento, que se interessava muito pela causa espírita. Sonhei que tinha chegado a sua casa e que tocava a campainha da porta. Uma criada veio abri-Ia e informou-me que a Senhora D. tinha saldo e que não estaria de volta antes de 1 hora. Pedi um copo d'água, o que ela me trouxe, e eu me fui embora, incumbindo-a de transmitir meus cumprimentos à sua ama. Pareceu-me que eu voltava a Toronto. Nesse ponto, despertei e não mais pensei em meu sonho.

Alguns dias depois, uma senhora que morava em Toronto, em minha casa, a Senhora J., recebia uma carta da Senhora D., datada de Hamilton; essa carta continha a passagem seguinte: "Dize ao Senhor Wilson que ele tem um procedimento esquisito; que eu lhe peço que, em sua próxima visita, me deixe o seu endereço para evitar que eu vá a todos os hotéis de Hamilton, e apesar disso em pura perda. Na sexta-feira passada, ele veio a minha casa; pediu que lhe dessem um copo d'água, disse como se chamava e transmitiu-me seus cumprimentos. Sabendo o interesse que tomo pelas manifestações espiríticas, parece-me que ele teria podido dispor as coisas de maneira a passar a noite conosco. Foi uma decepção para todos os nossos amigos. Não me esquecerei de dizer-lhe minha maneira de pensar, em nossa próxima entrevista."

A leitura dessa passagem, comecei a rir-me, convicto de que a Senhora D. e seus amigos foram induzidos a erro ou antes, eles estavam desequilibrados, pois que eu não ia a Hamilton havia um mês, e na hora designada eu dormia sentado diante de minha secretária, em meu estabelecimento

A Senhora J. limitou-se a observar que evidentemente havia erro de uma ou de outra parte, porque a Senhora D. era uma pessoa sisuda, merecedora de toda a fé. Um raio de luz atravessou subitamente meu espírito: recordei-me do sonho que tinha tido, e disse, em ar de brincadeira, que o visitante de quem se tratava não era provavelmente mais do que o meu fantasma. Incumbi a Senhora J. de escrever à Senhora D. para dizer-lhe que dentro em pouco tempo eu estaria em Hamilton, em companhia de muitos amigos, e que todos iríamos visitá-la; que eu pedia à Senhora D. que não prevenisse seus criados de nossa ida, com o único fim de verificar se qualquer deles reconhecia, a pedido seu, entre os que chegavam, o Senhor Wilson que se tinha apresentado a 19 de Maio.

A 29 de Maio, fui a Hamilton com alguns companheiros, e todos fizemos uma invasão em casa da Senhora D. Esta senhora veio abrir-nos a porta e nos introduziu na sala. Eu pedi-lhe então que chamasse suas criadas e perguntasse-lhes se reconheciam um dentre nós. Duas das criadas me reconheceram como o senhor que tinha ido a casa no dia 19 e dissera chamar-se Wilson. As duas criadas me eram completamente desconhecidas, eu nunca tinha visto nem uma, nem outra. Elas estão prontas, assim como a Senhora D., a confirmar todos os pormenores da narração que lhe mando.

Aceite, etc.

E.V. Wilson
(Human Nature, 1876, págs. 112-113.)

O caso seguinte ainda é mais extraordinário; trata-se de um duplo produzindo efeitos físicos. Tiro-o do "Spiritual Magazine" (1862, pág. 535), que o reproduziu segundo o " Herald of Progress", de Boston:

"Venho comunicar-vos um incidente que me foi referido por uma senhora dentre minhas amigas, habitante desta cidade, e cuja probidade e respeitabilidade estão acima de toda a suspeita. No inverno passado, essa senhora contratou para o seu serviço uma moça alemã, cujos pais habitam a Alemanha, com os seus demais filhos. Para corresponder-se com seus parentes, essa moça tinha recorrido à bondade da ama, que escrevia suas cartas. No inverno passado, Bárbara (é o nome da moça) adoeceu de febres intermitentes e teve que ir para a cama. Tendo delirado um pouco, sua ama ia freqüentemente vê-Ia à noite. Uma criada moça dormia também no quarto. Isso durou duas semanas, nas quais a doente dizia freqüentemente à sua ama: "Oh! senhora, todas as noites estou na Alemanha, perto dos meus!" Seu delírio atingiu o máximo durante duas noites. Em uma das ocasiões, ela deixou precipitadamente o leito e levou consigo lençóis e cobertor para o aposento vizinho; em outra ocasião, tentou puxar para fora do leito a jovem criada.

Entretanto, restabeleceu-se, e já não se pensava mais em sua moléstia, quando chegou uma carta da Alemanha, de seus pais, que mandavam dizer que sua mãe estava muito incomodada, porque, durante quinze noites consecutivas, sua filha tinha batido na porta da casa paterna, deixaram-na entrar, todos os membros da família tinham-na visto e reconhecido, sem excetuar sua mãe, que não deixava de exclamar: "Oh! minha pobre Bárbara deve ter morrido!" Em uma das ocasiões, tinham-na visto retirar o cobertor de uma cama e conduzi-lo a outro aposento; na noite seguinte, ela se agarrou com sua irmã e tentou fazê-las sair da cama.

Essa carta lançou a moça em grande consternação. Ela pretendia que na Alemanha té-la-iam tratado de feiticeira e ainda hoje evita fazer a menor alusão a esse incidente.

Posso acrescentar que eu apenas transmito os fatos, tais quais os soube por essa senhora, que continua a morar em Dayton, com a criada de quem se trata.

Aceitai, etc.

Laura Cuppy.
Dayton, Ohio, 12 de Setembro de 1862.

O livro de Roberto Dale Owen: "Footfall" (página 242) contém uma narração absolutamente notável: a tripulação de um navio é salva de uma perda iminente graças à ação extracorpórea (aparição de sua forma e comunicação escrita) de uma pessoa que estava a bordo, dormindo. Reproduzo o seu resumo, segundo o Doutor Perty ("Mystische Erscheinungen", Aparições Místicas, tomo II, pág. 142)

Um tal Roberto Bruce, escocês, era, em 1828, na idade de cerca de trinta anos, imediato de um navio mercante que fazia o trajeto entre Liverpool e São João do Novo Brunswich. Certo dia - estava-se em águas da Terra Nova -, Roberto Bruce, sentado em seu camarote, vizinho do camarote do comandante, achava-se absorto em cálculos de longitude; tendo dúvidas acerca da exatidão dos resultados que tinha obtido, interpelou o comandante, a quem supunha no seu camarote: "A que resultado chegaste?", perguntou-lhe. Não obtendo resposta, voltou a cabeça e julgou ver o comandante em seu camarote, ocupado em escrever.

"Ele se levantou e aproximou-se do homem que escrevia na mesa do comandante. O tal homem levantou a cabeça, e Roberto Bruce viu que era uma personagem absolutamente desconhecida, que o olhava fixamente. Bruce subiu à pressa à coberta e participou ao comandante o que tinha presenteado. Eles desceram juntos não encontraram pessoa alguma; porém, na ardósia, que estava em cima da mesa do comandante, puderam ler estas palavras, escritas por mão estranha: "Navega para noroeste. " Confrontou-se essa escrita com a de todos os outros passageiros; chegaram a fazer pesquisas, porém sem resultado algum. O comandante, dizendo consigo mesmo, que apenas arriscava algumas horas de atraso, ordenou que se aproasse para noroeste.

"Depois de algumas horas de navegação, eles divisaram os destroços de um navio encalhado no gelo, tendo a bordo a tripulação e alguns passageiros em perigo. Era um navio saído de Quebec com destino a

Liverpool, encalhado no gelo havia algumas semanas. A situação dos passageiros era desesperada. Depois que eles foram recolhidos a bordo do navio salvador, Bruce, com grande surpresa, reconheceu em um deles o homem a quem tinha visto no camarote do comandante. Esse último pediu ao desconhecido que escrevesse do outro lado da ardósia estas mesmas palavras: “Navega para noroeste”. A escrita era idêntica! Soube-se que naquele mesmo dia, perto do meio-dia, esse viajante tinha dormido profundamente, e que, despertando, meia hora depois, dissera: “Hoje seremos salvos. “ Ele tinha visto em sonho que estava em outro navio, que vinha em seu socorro; chegou mesmo a fazer a descrição desse navio, e, quando ele se aproximava, os passageiros não tiveram dificuldade em reconhecê-lo. Quanto ao homem que tinha tido esse sonho profético, parecia-lhe conhecer tudo o que via na embarcação nova; mas, a maneira pela qual isso sucedia, ele ignorava completamente.”

O Senhor Dale Owen acrescenta que esta narração lhe foi feita pelo Senhor J. S. Clarke, comandante da escuna “Júlia Hallock” que o tinha ouvido por sua vez do próprio Roberto Bruce.

O Senhor Hartmann propõe seis explicações diversas para este caso, e deixa completamente de lado a que é mais plausível! (“O Espiritismo”, pág. 101.)

Certamente é lamentável que um fato tão importante não possa ser apoiado por um documento qualquer, redigido imediatamente depois e assinado por todas as testemunhas; mas, tal qual nos é apresentado, ele é entretanto precioso, por causa da clareza das minudências, que são, de mais, tão extraordinárias, que se teria dificuldade em supor que a narração foi inventada por completo. Além disso, esta narração está de perfeito acordo com as que precedem.

Os exemplos que grupei sob essas rubricas - sem poder dar-lhes o desenvolvimento que eles comportam, pois que para isso ter-me-ia sido preciso mais um volume - parecem-me bastante para o fim que me propus, isto é, para demonstrar, a toda a evidência, as duas conclusões importantes às quais chegamos necessariamente em nossa tentativa de estudar os fenômenos mediúnicos em um ponto de vista “natural”.

Como bem se vê, todos os fatos que enumerei formam uma cadeia ininterrupta; só se distinguem uns dos outros pelo caráter da manifestação e pelo grau de atividade de uma só e mesma faculdade do organismo humano. Nós sabemos agora que a ação da inteligência humana pode exercer-se fora dos limites corpóreos; que um homem pode reagir sobre a atividade psíquica de outro homem e produzir nestas impressões que correspondam às que ele próprio experimenta, transmitir-lhe seus pensamentos, suas sensações, evocar nele a visão de sua imagem; que ele pode até operar a distância efeitos físicos sobre a matéria inerte; e essa atividade extracorpórea pode ir até o desdobramento do organismo, ostentando um simulacro de si mesmo, o qual se torna ativo durante certo tempo, independentemente de seu protótipo, e apresenta atributos incontestáveis de corporeidade.

Em outros termos, vemos desenrolar-se diante de nós um fato prodigioso, que não se ousou olhar de frente até hoje, mas que é chamado a tornar-se uma das mais brilhantes aquisições das ciências antropológicas, e do qual seremos devedores ao Espiritismo, a saber: a ação física e psíquica do homem não fica limitada à periferia de seu corpo.

Dito isso, há oportunidade para voltar à questão que serviu de ponto de partida às nossas investigações no domínio dos fenômenos do animismo: haverá necessidade, para a explicação dos fenômenos mediúnicos, de procurar um refúgio na hipótese espirítica?

Partindo da tese de que certos fenômenos devem ser atribuídos a uma causa extramediúnica (isto é, fora do médium), vimos que essa causa poderia ser fornecida pela atividade extracorpórea - psíquica e física - de um homem vivo. Haveria meio, por conseguinte, de dar dos mistérios do Espiritismo uma explicação “natural”, excluindo a intervenção dos “Espíritos”. Se há “Espírito” seria “o Espírito” de um homem vivo, e nada mais.

Mas esse argumento viria chocar-se com as considerações seguintes:

Se é verdade que o homem possui duas espécies de consciências - uma exterior, sua consciência normal, outra interior, que é desconhecida pelo homem normal, mas que, por esse fato, não deixa de ser dotada de uma vontade e de uma inteligência, que lhe são próprias; - se é verdade que essa última consciência pode agir, manifestar-se, ainda quando a consciência normal está em plena atividade, de maneira que as duas consciências exerçam suas funções simultaneamente e sem que uma dependa da outra; se é

verdade que a atividade extracorpórea do homem é determinada principalmente pela consciência interior (não ficando, em suma, sujeita à consciência normal), e que ela pode manifestar-se - à semelhança de sua causa determinante, à consciência interior - ao mesmo tempo em que a atividade normal do corpo e independentemente deste último; se é verdade, enfim, que essa consciência interior tem o dom de perceber as coisas do exterior, sem o auxílio dos órgãos dos sentidos - não devemos concluir daí que a natureza do homem é dupla, que há nele dois seres distintos, e ambos conscientes: o indivíduo exterior, que obedece às condições impostas por nosso organismo, e o ser interior, que não depende dele e que pode querer, agir e perceber por seus próprios meios? Não devemos deduzir daí que o nosso corpo não é uma condição indispensável para que esse ser interior possa dar testemunho de vida; em uma palavra, que esse é por sua essência independente do outro? Admitindo-se mesmo que haja um laço entre os dois, esse laço não será fortuito, antes uma aparência, ou uma simples concomitância temporária?

Se assim é, o ser interior deve conservar sua existência independente, mesmo na ausência do corpo.

Seria um belo argumento em favor da "sobrevivência" da alma, e esse argumento nos é fornecido pelos fatos do sonambulismo e do animismo.

Apoiando-nos em tais fatos, poderíamos admitir que a existência independente do ser interior pode ser "pré-natal", ou "pós-natal" (anterior ou posterior ao nascimento).

Se é o ser interior quem forma e desenvolve o corpo humano, ele é evidentemente o seu precursor, e pode sobreviver-lhe.

Pelo contrário, se ele não passa de um resultado do organismo humano, podemos considerá-lo como uma fase da evolução geral, e admitir que pode sobreviver ao corpo, como centro de forças individualizadas.

Mas tudo isso não passa de especulação, pois que formulamos claramente a nossa tese, no começo deste capítulo, dizendo que a atividade da consciência interior do homem, assim como suas ações extracorpórea nos parecem independentes da consciência interior. Essa independência pode não ser mais do que aparente.

Efetivamente, a influência da consciência exterior faz-se sentir mui freqüentemente na atividade da consciência interior; demais, existe uma relação íntima, incontestavelmente, entre a consciência exterior e o corpo; por conseguinte somos coagidos, salvo prova do contrário, a considerar o corpo humano como a fonte - mais afastada e mais misteriosa ainda - da atividade da consciência interior, e devemos, por conseguinte, concluir pela existência de um laço indissolúvel entre essa consciência interior e o corpo do homem. Finalmente, o corpo fica sendo a condição sine qua non.

Como a teoria espírita assenta, em definitiva, sobra essa questão de independência, segue-se daí que, enquanto essa independência não for provada de maneira positiva, os fenômenos mediúnicos deverão ser atribuídos à ação inconsciente - psíquica, física e plástica – do médium ou de outras pessoas vivas, quer estejam presentes, quer ausentes, segundo o caso.

E' sobre esta base natural que o estudo científico dos fatos mediúnicos deve começar, e deverá conservar-se aí até prova do contrário.

B) - Espiritismo. - Manifestação de um homem morto, como fase ulterior do animismo.

. **"A proporção das manifestações verdadeiramente espiríticas é muito medíocre, mesmo presentemente."**
A. J. DAVIS - Fountain, págs. 187, 219

Trata-se, por conseguinte, de encontrar a prova de que a desagregação do corpo não atinge a independência nem a individualidade do que chamamos consciência interior ou o ser interior do homem.

Creio poder afirmar que esta prova pode ser fornecida por certos fenômenos de ordem mediúnica, que serão então, na verdadeira acepção da palavra, fatos espiríticos.

Por conseguinte, de que fato se trata?

Colocando-nos em um ponto de vista geral, não se trata evidentemente dos fenômenos físicos, compreendendo nesse número as materializações, ou, pelo menos, não é por estas últimas que devemos começar. Eis o que eu disse a esse respeito, há dez anos:

"Entre a verificação de um fato e sua explicação, pode-se passar um intervalo de muitos séculos. O assunto de que nos ocupamos é imenso e complexo ao infinito; seu estudo apresenta dificuldades como não se encontram iguais em nenhuma outra ordem de estudos. Assim, por exemplo, esse fenômeno notável entre todos no domínio dos fatos mediúnicos objetivos: a formação temporária de uma forma humana - é um fato demonstrado; mas concluir daí que temos diante de nós a aparição do Espírito de um homem morto - conclusão à primeira vista das mais simples e das mais evidentes, e que apresentaria por conseguinte uma prova da imortalidade da alma - seria fazer uma dedução que não é justificada nem no ponto de vista da crítica, nem no ponto de vista de um estudo aprofundado dos próprios fatos. Muito pelo contrário; quanto maior número de materializações vemos, tanto mais precária se torna essa hipótese; pelo menos em minha opinião.

"Ora, se não podemos chegar à solução alguma desse problema, mesmo depois de ter tido ensejo de observar esse fenômeno em seu desenvolvimento extremo, que devia, parece, poder explicar tudo, com mais forte razão não temos o direito de atribuir as manifestações mediúnicas, de ordem secundária, à intervenção das almas dos mortos. E' por este motivo que nunca me pronunciei em meu jornal acerca da teoria das manifestações físicas. Eu nunca formulei doutrina, expunha apenas fatos, levando em conta, de maneira imparcial, toda a tentativa de explicação, toda a hipótese, toda a crítica que tinham por alvo a pesquisa da verdade. Mas, não esqueçamos, esses fenômenos físicos só constituem uma parte, não são mais do que as partes inferiores de uma ordem de fenômenos mediúnicos inteiramente diferentes, que se poderiam designar - por oposição - como fenômenos menos intelectuais. São estes últimos que constituem a verdadeira potência, a própria essência desse grande movimento social e religioso que se chama Espiritualismo moderno." ("Psychische Studien", 1878, págs. 7 e 8.)

Eis porque eu adoto completamente a opinião do Senhor Hartmann, quando diz: "Quanto à cooperação ou à não cooperação dos Espíritos, a questão só pode ser resolvida, pelo menos aproximadamente, sobre a base do conteúdo intelectual das manifestações, e, pelo contrário, todos os fenômenos físicos e as materializações, produzidas diretamente pelo organismo do médium, são pouco aptas para servir à solução dessa questão." (Apêndice, "Psychische Studien", 1885, pág. 506.)

Ora, esta maneira de ver, publicada em Apêndice pelo Senhor Hartmann, está absolutamente em contradição com a conclusão de sua obra sobre o Espiritismo - onde ele diz: "Desde que admitimos essas três fontes de conhecimento hiperestesia sonambúlica da memória, da leitura dos pensamentos e clarividência ao lado da percepção sensorial, não se pode, em geral, imaginar nenhum conteúdo intelectual que não possa por sua natureza haurir-se daí." "Espiritismo", págs. 116 e 117.)

E' preciso, por conseguinte, considerar estas palavras do Apêndice como uma retificação, como uma última opinião, que me satisfaz tanto mais quanto corresponde diretamente à questão que me propunha apresentar ao Senhor Hartmann e que teria formulado da maneira seguinte: Suponhamos que o Espírito do homem sobrevive ao corpo: quais são as provas que nos permitirão estabelecer esse fato, observando todos os princípios do método indicado pelo Senhor Hartmann? Ou deve-se admitir, apesar de tudo, que qualquer tentativa de descobrir semelhante prova deve malograr-se perante o "caráter natural" das "três fontes de conhecimento" que este método nos indica? - Finalmente, convém reconhecer que essa prova é impossível?

Presentemente, porém, estamos de acordo neste ponto: Se essa prova é possível, como princípio, só pode ser fornecida pelo conteúdo intelectual dos fenômenos mediúnicos. E demonstrarei, mais tarde, porque até o fenômeno da materialização, sem um conteúdo intelectual suficiente, não pode bastar à prova pedida.

Eu já disse, repeti e repito ainda, que o estudo da parte intelectual dos fenômenos mediúnicos nos coage a reconhecer, antes de tudo, que grande número desses fenômenos, dos mais freqüentes, devem ser atribuídos à atividade inconsciente do próprio médium.

Acabo de demonstrar, mais acima, que outra parte desses fatos pode ser, é verdade, referida a uma causa extramediúnica, mas, apesar de tudo, "natural", terrestre, proveniente da ação extracorpórea de outros indivíduos vivos (fenômenos anímicos).

No capítulo III reuni elevado número de exemplos que nos obrigam também a admitir uma causa extramediúnica. Mas qual é esta causa?

Poder-se-ia ser tentado a atribuir um certo número de fatos a causas anímicas, e, antes de tudo, certamente, os fenômenos físicos de que se trata; mas a dificuldade é que na maior parte desses fenômenos há também um lado intelectual que se presta dificilmente à hipótese anímica. Assim, por exemplo, ampliando até um grau ilimitado o poder físico extracorpórea do homem vivo, poder-se-ia dizer que "as perseguições pelos fenômenos físicos", de que falei no parágrafo 1 do capítulo III, foram causados por ações extracorpóreas, conscientes ou inconscientes, de certos homens vivos.

A explicação não é impossível logicamente, porém não tem razão de ser suficiente.

Assim não se poderia admitir razoavelmente que as manifestações sob forma de perseguições, às quais estiveram sujeitos os membros da família Fox - perseguições com o objetivo de provocar o estudo público dos fenômenos mediúnicos -, tenham sido o resultado de uma mistificação anímica, isto é, de uma mistificação inconsciente por parte de um homem vivo. Além disso, não convém esquecer que os fenômenos se produziam de maneira constante e a qualquer hora do dia, muitas vezes a pedido de tal ou qual pessoa; como explicar essa concordância da ação a distância, exercida por um homem vivo, com todas as exigências do momento e da vizinhança do meio em que essa manifestação anímica devia produzir-se? Porque, em muitos outros casos, esse pedido de preces, seguido pela cessação das manifestações? Etc. etc.? Isso não quer dizer que não se possa admitir hipoteticamente, para certos casos de encantamento ou de molestações, que eles tinham sido produzidos por causas anímicas; vimos que os fenômenos anímicos têm sempre sua razão de ser, em uma certa relação entre as partes interessadas; essa mesma relação deveria existir também para os casos de encantamento, se eles dependessem da mesma causa, e sua fonte verdadeira não tardaria a ser descoberta.

No parágrafo II do mesmo capítulo, eu citei muitos casos de ordem física, principalmente de transportes a grande distância. Admitindo-se que a ação física extracorpórea do homem é ilimitada, não só quanto ao espaço, mas também quanto à matéria - e está realmente aí o desenvolvimento que o Senhor Hartmann será coagido a dar à sua teoria -, poder-se-ia classificar esses casos físicos sob a rubrica do animismo, pois que eles não apresentam dificuldade alguma no ponto de vista do conteúdo intelectual. Mencionei esses casos no capítulo II, a propósito da teoria atual do Senhor Hartmann e principalmente por causa da sua conexão com os fatos de transmissão de mensagens a grande distância, citados no parágrafo 10.

Se pretendesse explicar esses últimos pela hipótese anímica, as dificuldades tornar-se-iam maiores. Tomemos, por exemplo, o caso de Hare, transmitindo uma comunicação de Cape May (perto de Nova Iorque) a Filadélfia pelo espiritoscópio. A experiência durou duas horas e meia; se durante esse tempo o professor Hare se tivesse achado em transe, como o sensitivo do parágrafo 11, por ocasião do transporte de uma fotografia a grande distância, ter-se-ia podido supor que a experiência toda tinha sido uma transmissão anímica, operada pelo próprio professor Hare. Mas as faculdades mediúnicas do professor Hare eram insignificantes; nenhum fenômeno anímico se produzia por seu intermédio, não caía em transe, etc.

A 1 hora da tarde ele se achava em comunicação com sua irmã, por intermédio do espiritoscópio; dá-lhe uma incumbência para o Doutor Gourlay em Filadélfia, com a recomendação de dar-lhe a resposta às 3 horas e meia. Feita a incumbência, ele só volta ao espiritoscópio à hora indicada, para receber a resposta. Quem, pois, agia em Filadélfia durante esse tempo? Era preciso não só transmitir a comunicação ao Doutor Gourlay, mas ainda receber sua resposta, para transmiti-la ao professor Hare. Dessa maneira, o Espírito do professor Hare tinha que se manifestar duas vezes em Filadélfia, pelo espiritoscópio, enquanto ele se achava em Cape May, em estado normal. Não conhecemos casos análogos que justificassem semelhante explicação. Assim, pois, não era o Espírito do próprio professor Hare que, sob o nome de sua irmã, tinha atuado, e menos ainda uma das faculdades das partes médias de seu cérebro, como o pretende o Senhor Hartmann.

Por conseguinte, detenhamo-nos por um pouco nessa afirmação negativa e vejamos de mais perto de que maneira essa operação teria podido realizar-se segundo a hipótese do, Senhor Hartmann. Eis o professor

Hare sentado ao espiritoscópio; sua consciência sonambúlica representa o papel de sua irmã falecida, e ele entra em comunicação com ela por meio do espiritoscópio. Ocorre-lhe a lembrança de tentar uma experiência, de mandar por sua irmã um recado a Filadélfia, dirigido à Senhora Gourlay, com uma recomendação referente a seus negócios bancários. De que maneira ele se houve para mandar aquele recado? Deu-o de viva voz, como se falasse à sua irmã. Ela lhe respondeu "sim", pelo espiritoscópio, e foi tudo. E muito conforme à prática em Espiritismo.

E que se passou em Filadélfia? A Senhora Gourlay também se achava ao espiritoscópio, e sua consciência sonambúlica lhe dava uma comunicação em nome de sua mãe. Essa comunicação é subitamente interrompida, e o espiritoscópio começa a transmitir, letra por letra, o recado do Senhor Hare. Quem dirigia, letra por letra, o ponteiro do espiritoscópio, depois que o professor transmitiu o recado? Quem o pusera em movimento? Eis a grande e insuperável dificuldade para a teoria do Doutor Hartmann? Se o professor Hare tivesse enunciado sua comunicação letra por letra, por meio do espiritoscópio, a explicação seria mais fácil: poder-se-ia admitir uma operação telepática, não uma transmissão de idéias, mas uma transmissão letra por letra de uma consciência sonambúlica a uma outra. Porém, assim não sucedeu. Recebem-se as comunicações dos pretendidos "Espíritos", pelo espiritoscópio, mas, de uma parte, a conversação se faz de viva voz. A mesma operação, porém em sentido inverso, se deu em Filadélfia, quando a Senhora Gourlay respondia de viva voz ao mensageiro invisível do professor Hare, o qual, por sua vez, recebeu essa comunicação pelo espiritoscópio. Quem, pois, movia o ponteiro, enquanto a Senhora Gourlay se ocupava já então em outra coisa? Além disso, por que gênero de clarividência se produzia a visão das letras do espiritoscópio de uma e de outra parte?

Será ainda por uma relação com o Absoluto? (Só repetirei para lembrança que, segundo o Senhor Hartmann, a transmissão de pensamento a grande distância só se pode dar debaixo da forma alucinatória). (Veja-se o § 10 do capítulo III.)

Quanto ao recurso, para a explicação "natural" desse fato, à intervenção inconsciente de qualquer outro ser vivo, é evidentemente muito absurdo para que nos detenhamos nesse ponto.

Mas é verdade, por outro lado, que nada prova que o operador invisível era incontestavelmente a irmã do professor Hare. Tudo o que podemos admitir, razoavelmente, é que nesse caso houve um fator inteligente e independente, um portador consciente do recado, que desempenhou a incumbência, e que esse fator não pode ser nem o próprio médium, nem outro ser vivo.

As mesmas dificuldades e as mesmas conclusões para o caso de Luisa Mãe Farland, caso em que a comunicação foi transmitida a 1000 milhas, por pancadas. Além disso, quem operou a metamorfose da personalidade e a da construção gramatical da comunicação? As comunicações anímicas não oferecem esta particularidade; não se transmitem em nome do expedidor, porém por ele próprio.

Para certos fatos dentre outros mencionados no capítulo III, podemos prevalecer-nos da hipótese anímica levada a seus limites extremos, e sustentar que alguém, em qualquer parte e de maneira sempre inconsciente, produziu essa manifestação. Tomemos, por exemplo, o caso de Cardoso; é permitido sempre pretender que um cérebro humano, achando-se em relação inconsciente com os cérebros dos meus médiuns, tenha sido a fonte ativa ou passiva do saber que não pertencia a seus cérebros. Ou antes, quando o médium escreve discursos inteiros ou nos fala em língua que não conhece, poder-se-ia ainda supor que a causa dessa manifestação é terrestre e não supraterrestre; que presenteamos o resultado do jogo inconsciente de qualquer consciência sonambúlica que se acha fora do círculo onde se faz a experiência. Isso é muito difícil, muito surpreendente; o fio que deve estabelecer a relação nos escapa, mas não é logicamente impossível. Somente a prova nos falta: não podemos descobrir o vivente que foi a causa da manifestação.

E é precisamente a mesma dificuldade que se apresenta para provar que essa causa não pertence a um vivo. Como guiar-nos então na pesquisa dessa prova?. A resposta é simples: quando a manifestação é impessoal, não temos motivo para lhe atribuir uma causa supraterrestre. Mas, se a comunicação é pessoal, é diferente, e podemos ir além.

E aqui que os fatos intelectuais do animismo nos vêm em auxílio e nos fornecem base para nossas conclusões ulteriores. Eis porque o estudo do animismo deve preceder o do Espiritismo. Sendo os fenômenos anímicos bem estabelecidos, o exame da hipótese espirítica não oferecerá mais dificuldades insuperáveis

quando se nos depararem fatos que o animismo já não pode explicar; ele nos permite preparar o caminho e afastar todas as objeções que geralmente se opõem ao Espiritismo. E ele que nos conduz passo a passo à convicção de que o que é possível a um homem vivo é igualmente a um homem morto.

Vimos mais acima que a Senhora W. (a professora) tinha o hábito de receber por sua mão comunicações do falecido seu marido, mas subitamente, a 20 de Julho de 1858, "o lápis não mais escreveu o nome esperado, porém traçou com escrita desconhecida, na qual ela reconheceu imediatamente a mão de Sofia Swoboda, algumas expressões queixosas que exprimiam seu despeito relativamente a um dever não cumprido". Quando, no dia seguinte, a Senhora W. se dirigiu a casa de Sofia Swoboda e lhe mostrou a comunicação, Sofia reconheceu imediatamente sua escrita e expressões.

Mais adiante, cito também um caso de escrita mediúnica produzida durante uma sessão em Moedling, pela ação extracorpórea de Sofia Swoboda, quando seu corpo dormia em Viena; e a identidade da personalidade de Sofia foi verificada pela semelhança da escrita e por todas as particularidades da comunicação.

Vimos também casos em que as comunicações foram feitas de viva voz pela boca de médiuns em estado de transe, e essas comunicações foram sem hesitação atribuídas a homens vivos, pois que traziam em si o cunho de sua personalidade. E' assim, por exemplo, que a Srta. Brant, assistindo a uma sessão em Cleveland (América), recebeu uma comunicação de sua mãe, que se achava na Alemanha, pela boca de uma senhora médium, inteiramente desconhecida dessas pessoas e não conhecendo o alemão, e esse fato coincidiu com o que a mãe da Srta. Mary Brant tinha experimentado de seu lado, durante um acesso de letargia, etc., etc.

Apoiando-nos nesses fatos, temos o direito de fazer a seguinte pergunta: Se recebemos por via mediúnica uma comunicação que traz em si todos os indícios que caracterizam uma pessoa viva conhecida por nós, e se julgamos lógico e natural referir essa comunicação a essa pessoa viva e concluir que é essa pessoa que é a causa eficiente de tal manifestação, não seria igualmente natural, lógico, no caso de uma comunicação apresentando todos os traços característicos de uma pessoa que tínhamos conhecido entre os vivos, mas que já não existe, referir essa comunicação igualmente àquela pessoa e concluir que ela é, dessa ou daquela maneira, a causa eficiente de tal comunicação?

E' evidente que a analogia é perfeita e que a lógica exige essa conclusão. Eis, em minha opinião, a única prova intelectual, o "conteúdo intelectual", único que pode decidir a questão. Um fato igual teria imensa significação, porque nesse fato encontraríamos a prova positiva da plena independência, quer de nosso ser interior, quer de nosso corpo, e, por conseguinte, a prova da existência independente desse ser, da alma em uma palavra, sobrevivendo ao corpo. Um fato semelhante seria um fato espirítico no sentido verdadeiro dessa palavra. Levemos mais longe a pesquisa da analogia que os fatos anímicos apresentam.

Quando vemos o duplo de uma pessoa viva, é natural, lógico, procurar a causa dessa "alucinação" ou visão na própria pessoa que esse duplo representa. Importa pouco que seja um efeito telepático ou outro qualquer: quando se fala da aparição de A vivo a B vivo, ninguém pensa em atribuí-Ia ao vivente B ou a outros viventes, C ou D, e por pesquisas ulteriores descobre-se que, efetivamente, no momento da aparição do duplo ou fantasma de A a B, tinha-se produzido alguma coisa no espírito de A que pôde servir de justificação para, ver no próprio A a causa primitiva e eficiente de sua aparição a B. E' certamente surpreendente que no estudo especial desse assunto ("Phantasms of the Living" Fantasmas de Vivos) (33), onde centenas de casos são expostos, apenas encontremos um deles em que a aparição de A a B pode ser considerada como simples alucinação subjetiva, sem traço algum de telepatia.

O caráter não puramente alucinatório, na maioria dos fatos, da aparição dos vivos, uma vez estabelecido, perguntamos a nós mesmos, com toda a naturalidade, o que convém concluir quando se vê, em vez de um vivo, a. aparição de um morto? A resposta é simples: a possibilidade de atribuir a aparição a um efeito telepático, proveniente de A falecido, é justificada. Não é mais do que uma questão de fato, e chegará o tempo em que teremos a esse respeito um trabalho tão comprobatório quanto o que foi publicado sobre os fantasmas de vivos.

Daí, às materializações, só há um passo. Se o duplo de um homem vivo pode aparecer não somente como uma "alucinação verídicas, mas ainda pode revestir uma forma plástica, e se então atribuímos essa

aparição a certas atividades misteriosas das forças orgânicas e psíquicas do indivíduo vivo que está diante de nós, não poderemos concluir com a mesma lógica que, quando uma forma materializada apresenta indubitavelmente todos os traços característicos de uma pessoa morta, a causa eficiente dessa aparição, temporariamente revestida de atributos corpóreos, deve também pertencer a essa pessoa?

Como se acaba de ver, a cadeia das analogias é completa. Porém, o que era comparativamente simples e desde logo evidente para os fatos do animismo torna-se mui complicado e duvidoso para os fatos do Espiritismo; porquanto, para os primeiros é fácil ligarmos a causa ao efeito; as duas pontas do fio desse telégrafo psíquico são acessíveis ao nosso exame; o agente e o percipiente podem ser rapidamente descobertos, e verificamos que certo estado em A corresponde a um certo efeito em B. E aceitamos essa teoria de causalidades sem recorrer a todas as espécies de hipóteses para refutá-la. Tal não é o estado das coisas para verificar um fenômeno espirítico. Os meios de verificação nos faltam. Temos um efeito e a causa não é mais do que uma probabilidade lógica. A prova positiva nos escapa. E' entretanto o estudo desse problema que surge diante de nós, em sua incomensurável profundeza, a misteriosa questão da personalidade.

Graças aos trabalhos filosóficos do Barão L. Von Hellenbach e do Doutor Carl Du Prel, a noção da personalidade adquiriu um desenvolvimento inteiramente novo e as dificuldades que o problema espirítico nos apresenta são já muito aplainadas.

Sabemos presentemente que a nossa consciência interior (individual) e a nossa consciência exterior (sensorial) são duas coisas distintas; que a nossa personalidade, que é o resultado da consciência exterior, não pode ser identificada com o “eu”, que pertence à consciência interior; ou, em outros termos, o que chamamos a nossa consciência não é o igual do nosso “eu”. E' preciso, pois, distinguir entre a personalidade e a individualidade. A pessoa é o resultado do organismo, e o organismo é o resultado temporário do princípio individual transcendente. A experimentação, no domínio do sonambulismo e do hipnotismo, confirma essa grande verdade: desde que a personalidade, ou a consciência exterior, fica entorpecida, surge outra coisa, uma coisa que pensa e que quer, e que não se identifica com a personalidade adormecida e manifesta-se por seus próprios traços característicos; para nós é uma individualidade que não conhecemos; porém ela conhece a pessoa que dorme e recorda-se de suas ações e pensamentos.

Se desejamos aceitar a hipótese espirítica, é claro que é só esse núcleo interior, esse princípio individual que pode sobreviver ao corpo, e tudo quanto pertenceu à sua personalidade terrestre não será para ele mais do que um trabalho de memória.

Eis a chave para a compreensão dos fenômenos espiríticos.

Se o indivíduo transcendente esteve unido ao corpo durante sua manifestação fenomenal, não é ilógico admitir que, depois da desagregação do corpo, essa manifestação se possa renovar de uma ou de outra maneira no mundo fenomenal por intermédio de qualquer outro organismo humano, mais ou menos acessível às impressões de ordem transcendente.

Admitindo isso, é claro que uma manifestação desse gênero, se tiver por objetivo o reconhecimento de sua fenomenalidade ou personalidade terrestre, não é realizável senão por um esforço da memória que reconstitui os traços da personalidade terrestre. Esse esforço deve naturalmente tornar-se cada vez mais difícil, pois que a lembrança da personalidade terrestre deve desaparecer cada vez mais com o tempo. Em outros termos, a individualidade fica, a personalidade desaparece.

Eis porque a questão da “identidade dos Espíritos” é o ponto difícil do Espiritismo; eis porque, também, os casos comprobatórios desse gênero são raríssimos; eis porque, enfim, eles são mais ou menos defeituosos, ou só contêm alguns traços salientes, característicos, que a memória evoca com o fim único da identificação da personalidade; eis o que explica porque os casos desse gênero se referem a uma época mais ou menos aproximada da morte. E' também nisso que se deve encontrar a razão pela qual as comunicações mediúnicas não nos podem dar noção alguma razoável acerca do mundo espiritual e de seus habitantes; esse mundo transcendente é uma noção tão incomensurável para o mundo fenomenal quanto a idéia da quarta dimensão: não podemos - e preciso nos compenetrarmos dessa verdade - formar idéia alguma a seu respeito.

Falta-nos verificar agora, por via experimental, se há realmente desses casos de personalidades que se anunciam como pertencentes à outra vida. Analisemos antes de tudo o que devemos considerar como um critério da personalidade. O conteúdo intelectual cristaliza na memória, que é o reservatório fiel dos

acontecimentos e do conjunto das relações de uma vida humana inteira, os quais não podem em caso algum ser semelhante aos de uma outra existência; ela também é a depositária fiel das aquisições intelectuais e das crenças e convicções que são o resultado de uma vida inteira, diferente das outras. Quanto ao lado moral, é a vontade, o caráter, que é a sua expressão e que também tem seus traços distintivos, a tal ponto distintivos, que chegam a imprimir um cunho individual aos modos externos das manifestações do caráter, que aderem, por assim dizer, em certas expressões exteriores do organismo; essas expressões são a linguagem, a escrita, a ortografia e, em geral, todo o habitus corpóreo.

Por conseguinte, se recebemos por via mediúnica uma comunicação que traz em si os traços indubitáveis de personalidade que acabo de assinalar, não temos o direito - depois de haver eliminado todas as causas de erro possíveis, depois de haver submetido o caso a uma crítica que justifique as três fontes de percepção que o Senhor Hartmann nos assinalou e os sete princípios explicativos que ele especificou em seu apêndice -, não temos o direito, digo, de concluir pela possibilidade de atribuir essa comunicação à causa que se afirma por si mesma?

Vejamos se podemos produzir fatos que correspondam a essas exigências múltiplas. Casos que dêem testemunho da identidade da personalidade que se manifesta de maneira mais ou menos satisfatória, estão disseminados em toda a literatura espírita. Cada um desses casos deve defender-se por si mesmo, subsistir ou cair segundo o grau de evidência que contenha. A maioria desses fatos não são convincentes senão para a pessoa interessada, que, geralmente, é a única no caso de julgar da identidade da pessoa que comunica consigo; e está aí, no ponto de vista da crítica, o lado vulnerável dessas comunicações, pois que a pessoa presente pode sempre ser suposta de fonte inconsciente da manifestação. Por conseguinte, para que essa manifestação tenha valor objetivo satisfatório, é preciso que ela se produza na ausência da pessoa interessada, que se caracterize por traços interiores ou exteriores, traços que a presença dessa pessoa não pode afetar; a prova será absoluta quando as duas condições estiverem reunidas. A língua nacional e a escrita são os atributos inseparáveis, essenciais e indubitáveis de cada personalidade, oferecendo ao mesmo tempo a fórmula demonstrativa da equação pessoal, como se exprime o Senhor d'Assier. A linguagem e a escrita, eis as formas exteriores, as provas materiais, por assim dizer, pelas quais a personalidade se afirma em todas as relações sociais; nos fenômenos espiríticos, da mesma maneira, elas são independentes das influências de qualquer pessoa presente.

Começarei pelos fatos dessa categoria antes de ocupar-me dos que apresentam traços interiores ou intrínsecos, dando testemunho da identidade da personalidade. O capítulo III já nos forneceu um certo número de fenômenos que respondem a tudo quanto podemos exigir como prova desse gênero, e isso abreviará na mesma proporção este último capítulo.

Para facilitar o estudo sistemático do conjunto dos fatos que se produzem nas condições que acabo de mencionar, e que devem, por conseguinte, servir para justificar a hipótese espirítica, vou classificá-los sob muitas rubricas gerais, e para cada uma delas escolherei alguns exemplos típicos.

I. - Identidade da personalidade de um morto verificada por comunicações em sua língua materna, desconhecida do médium.

Eu já disse no parágrafo 6 do capítulo III especialmente consagrado aos fenômenos desse gênero, que eu os considero como prova absoluta de uma ação extramediúnica, e dei os motivos disso. E' perfeitamente claro que tal ação extramediúnica não pode ser senão uma ação pertencente a um ser humano, vivo ou morto. No capítulo sobre o Animismo, citei o exemplo de uma mãe moribunda, na Alemanha, falando alemão com sua filha, na América, por um médium americano que não conhecia o alemão. Se essa mesma mãe se tivesse manifestado à sua filha pelo mesmo meio e de maneira igualmente convincente depois de sua morte, falando-

lhe, como em vida, com pormenores e particularidades que somente sua filha podia conhecer, haveria as mesmas razões suficientes para reconhecer a sua personalidade.

Há no parágrafo mencionado muitos casos que apresentam essas mesmas "razões suficientes", e, dentre eles, o primeiro lugar compete ao fato referido pelo juiz Edmonds e observado por ele próprio em sua filha Laura, que falou grego com um grego, o Senhor Evangelides. O interlocutor invisível, falando pela Srta. Edmonds, diz ao Senhor Evangelides tantas coisas que este "reconheceu nele um amigo íntimo, falecido alguns anos antes, na Grécia, e que não era outro senão o irmão do patriota grego Marco Bozzaris". Essas conversações se repetiram por muitas vezes durante horas inteiras, e o Senhor Evangelides interrogou escrupulosamente seu interlocutor a respeito de diversas questões de família e de negócios políticos. Porém, o que dá a este caso um valor duplo, é que "esse mesmo interlocutor anunciou ao Senhor Evangelides, em sua primeira entrevista, a morte de um de seus filhos, que ele tinha deixado vivo e de boa saúde em sua partida da Grécia para a América". (Vejam-se os pormenores mais atrás.) Não encontro nenhum meio razoável de explicar esse fenômeno a não ser pela hipótese espirítica; a clarividência não explicará o uso da língua grega e a língua grega não explicará a clarividência; quanto à hipótese anímica, torna-se neste caso um absurdo.

Falamos em um caso semelhante no parágrafo 8 do capítulo III: a Senhora X., de Paisley, na Escócia, anunciou a sua morte em dialeto escocês, pela boca da Srta. Scongall, que não conhecia esse dialeto. Seu neto, ao qual ela se dirigiu, fez-lhe também um grande número de perguntas para convencer-se de sua personalidade, e as respostas, dadas sempre no mesmo dialeto, foram perfeitamente satisfatórias. (Vejam-se os pormenores no lugar citado.)

Baseando-nos nesses fatos, estamos no direito de concluir que os outros casos de comunicações em línguas desconhecidas pelo médium e que são mencionados no parágrafo 6 do capítulo III são não só casos de ação extramediúnica, mas ainda casos espiríticos, pois que não há razão alguma plausível para atribuí-los a causas anímicas; a condição essencial para justificar essa causa - a relação entre essa causa e seu efeito, a relação entre os vivos conhecidos e desconhecidos, visíveis e invisíveis - falta totalmente. Pode-se objetar que também não há razão para concluir a favor de uma relação entre um vivo e um morto desconhecido. Isso é verdade, mas, quando nos referimos aos fatos precedentes, é muito natural supor que um morto dispõe de meios muito mais simples para estabelecer essa relação, do que um vivo - sendo o fim dessa manifestação, aliás, provar o fato de sua existência póstuma.

Alguns fatos dessa rubrica têm um valor ainda mais significativo quando o uso de uma língua desconhecida se faz na ausência de qualquer pessoa que compreenda essa língua, e quando, para a interpretação da conversa, se teve que convidar pessoas que podem compreender a dita língua. Um caso desse gênero inteiramente explicito foi mencionado por mim no mesmo parágrafo 6, e, ultimamente, o acaso me fez descobrir uma experiência da mesma natureza, porém mais notável ainda e que é referida no jornal "Facts" (Boston), fascículo de Fevereiro de 1885. A Senhora Elisa L. Turner, de Montpellier (Vermont), aí refere com valiosos pormenores de que modo seu marido, o Senhor Curtis Turner, foi agente de curioso fenômeno. Ele adoeceu em 1860; depois de dois anos de moléstia, conservou-se de cama, e os médicos julgaram-no incurável. O Senhor e a Senhora Turner eram um pouco médiuns, e em último recurso organizaram uma sessão espirítica. O Senhor Turner caiu em transe, e o agente, que fiscalizava a sessão, em breve se exprimiu em mau inglês, como se segue: "Desejo conversar com um francês." (Agora dou a palavra à Senhora Turner)

"O Doutor Prevo, francês, foi chamado; aquele conversou com ele tão corretamente quanto se tivesse o hábito de exprimir-se em francês e como se tivesse sabido examinar doentes. Isso surpreendeu o Doutor Prevo, que resolveu pôr à prova os Espíritos. Quando voltou, trouxe estampas anatômicas, mas o Espírito, que se pretendia médico, foi capaz de lhe responder, pois que lhe designava e nomeava todos os diversos músculos em latim e em francês, tão perfeitamente quanto o próprio Doutor Prevo, que é um sábio médico."

O resultado foi que em dez dias o doente ficou restabelecido, segundo a promessa que o doutor invisível tinha feito. A Senhora Turner termina assim sua narração:

"Meu marido não conhecia mais a língua francesa do que... sabia tocar violão, e entretanto, em breve, sob a fiscalização do Doutor Aníbal (assim o interlocutor se chamava a si mesmo), pôde falar francês e tocar violão."

E o editor do jornal acrescenta: "No congresso de Waterbury, Vermont, reunido em Outubro de 1884, em um dos "meetings" de experimentação, o Doutor Prevo relatou esse fenômeno com maior número de pormenores que é fornecido aqui."

E' também sob esta rubrica que se devem classificar casos em que o médium se exprime não em uma língua estrangeira, mas por um alfabeto convencional que lhe é desconhecido, como, por exemplo, o alfabeto dos surdos-mudos. Vai-se ver um caso em que a comunicação foi feita por esse alfabeto, pois que o falecido, em vida, era surdo e mudo. Tiro este exemplo do jornal mensal editado por Hardinge Britten, em Boston, em 1872, sob o título "A Estrela de Oeste", onde, na página 261, ela cita a narração do H. B. Storer, reproduzida na "Época Espiritual" como se segue:

"No sábado, 2 de Agosto de 1872, eu fazia uma conferência em Siracusa (Nova Iorque), e entre a sessão da manhã e a da tarde assisti a uma reunião em casa do Senhor Bears. Entre os assistentes, que eram cerca de vinte, achavam-se duas senhoras e dois senhores vindos de uma cidade vizinha para assistir às minhas conferências. No decurso da reunião, um médium, a Senhora Corwin, caiu em transe e designou com a mão a um dos assistentes; ele se levantou e, atravessando a sala, foi sentar-se ao lado da médium. Então o Espírito pareceu fazer tentativas reiteradas para falar, impotente, conforme parecia, para submeter à sua vontade os órgãos da médium, o que produziu um efeito penoso na maior parte dos assistentes.

"Notou-se, entretanto, que a mão esquerda da médium se levantava por momentos, e que seus dedos faziam diversos movimentos. Alguns instantes depois, o senhor, em questão declarou que o Espírito lhe tinha dado uma prova de sua identidade, e isso "de maneira indubitável". Supondo que era um sinal qualquer convencionado, esperava-se sempre ouvir pronunciar palavras pelo Espírito, propondo tal ou qual meio para facilitar a manifestação. Subitamente a médium caiu sob a influência de outro Espírito, que declarou, de maneira perfeitamente calma, que, se ficassem tranqüilos, a mulher do senhor que estava perto da médium tentaria ainda uma vez manifestar-se; que ela tinha sido surda-muda na Terra e comunicar-se-ia por meio do alfabeto dos surdos-mudos. Guardaram silêncio, e em breve a individualidade anunciada voltou e falou durante vinte minutos com seu marido; os dedos da médium formavam a resposta e as frases por meio dos sinais empregados pelos surdos-mudos.

"A cena era enternecedora: o marido estava defronte da médium em transe, e fazia à sua mulher diversas perguntas, por sinais, e sua mulher respondia a seus pensamentos da mesma maneira, por intermédio de um organismo estranho, de uma pessoa que nunca tinha praticado esse modo de conversação. O Espírito dava igualmente respostas a perguntas mentais, escrevendo-as pela mão da médium. Essas respostas eram sempre exatas e satisfatórias.

"Digamos ainda que a médium e o senhor de quem se trata não se conheciam absolutamente, e que a médium até àquela ocasião nunca tinha visto empregar os sinais do alfabeto dos surdos-mudos."

II. - Verificação da personalidade de um morto por comunicações dadas no estilo característico do morto, ou por expressões particulares, que lhe eram familiares - recebidas na ausência de pessoas que conheciam o morto.

Esta rubrica é o corolário da precedente, cujos casos, se bem que mui preciosos, são raros e, além disso, apresentam caráter fugitivo, apenas tangível, e não deixam provas objetivas e duradouras, a menos que as palavras em língua desconhecida do médium tenham sido estenografadas imediatamente.

A maior parte das comunicações recebem-se naturalmente em língua conhecida do médium, o que não impede que apresentem algumas vezes particularidades tão características que o cunho da personalidade não

pode ser desprezado. No parágrafo 4 do capítulo III citei um caso extraordinário dessa natureza no fato da conclusão do romance de Charles Dickens, deixado por acabar, e completado depois de sua morte pela mão de um jovem médium iletrado; o romance completo está impresso e quem quiser pode julgar se a segunda parte não é digna da primeira. Não só todo o enredo do romance é seguido e a ação é levada ao êxito com mão de mestre, de maneira tal que a crítica mais severa não poderia dizer onde termina o manuscrito original e onde começa a parte mediúnica, e, ainda mais, muitas particularidades de estilo e de ortografia dão testemunho da identidade do autor.

Eis ainda um caso de natureza inteiramente privada que possuo de primeira fonte. Ele me foi referido por minha amiga, a jovem B. Pribitkow, da qual já tive ocasião de falar, por muitas vezes. Ela se achava certa noite em casa da Princesa Sofia Schahofskoy (sogra de meu amigo e colega de liceu o Príncipe Alexandre Schahofskoy); era em São Petersburgo, em 1874. A jovem B. Pribitkow é um pouco médium, e a princesa organizava com ela, de tempos em tempos, pequenas sessões por meio da prancheta. Uma pessoa a quem ela conhecia, o Senhor Foustow (a quem conheço também), foi visitá-la naquela noite. O Senhor Foustow era gerente dos negócios do Príncipe Georges Sch., do Cáucaso, a quem não conheciam, quer a princesa, quer a jovem de Pribitkow. Sabendo que essas senhoras se ocupavam com Espiritismo, ocorreu-lhe a lembrança de perguntar-lhes se elas podiam fazê-lo entrar em comunicação com o pai falecido do Príncipe Georges, ao qual ele tinha que pedir uma informação importante. Fez-se a experiência e, quando o pai do Príncipe Georges se fez nomear, o Senhor Foustow perguntou-lhe que destino tivera uma grande soma de dinheiro que tinha desaparecido depois de sua morte. Sua resposta foi a seguinte: “O que está perdido, está perdido; não me incomodo com isso: não é conveniente que Georges possua tão grande “tesouro”. A palavra russa empregada por tesouro (ou dinheiro) era kazna, o que significa propriamente falando “o tesouro da Coroa”; esta expressão surpreendeu muito aos assistentes, que nunca tinham ouvido dizer que ela fosse empregada em outro sentido.

Quando o Senhor Foustow comunicou esta resposta ao Príncipe Georges, este respondeu que o emprego da palavra kazna não o surpreendia, pois que seu pai era um homem do tempo antigo, um velho original, e que não designava o dinheiro de outra maneira a não ser por esta palavra. (34)

E' inútil acrescentar aqui que, nem a médium, nem qualquer dos assistentes, nem mesmo o Senhor Foustow, nunca tinham visto o morto, que tinha passado a vida e morrido na Geórgia. Fez-se ainda uma pergunta a respeito dos negócios privados do príncipe e recebeu-se uma resposta muito apropriada, e à qual os acontecimentos ulteriores corresponderam; mas como tais pormenores não se referem a esta rubrica, julgo que é inútil reproduzi-los aqui.

Há pouco tempo que pedi à jovem Pribitkow que fizesse certificar ainda uma vez esse fato pelo testemunho do Senhor Foustow, e ele próprio mo confirmou por escrito.

Algumas vezes uma palavra é bastante para estabelecer a identidade de uma pessoa, para uma outra que é a única que pode compreender o valor dessa palavra.

Eis um fenômeno tão simples quão eloqüente, que ocorreu na ausência daquele a quem a experiência interessava. O respeitável literato S. C. Hall refere-nos o que se segue:

“Recebi pelo médium D. Home uma comunicação, da parte da filha de Roberto Chambers, dizendo respeito a um negócio de família, de ordem muito íntima; quando ela me pediu que desse conhecimento dela a meu respeitável amigo o Senhor Chambers, recusei-me a fazê-lo, a menos que obtivesse alguma prova que pudesse convencê-lo de que era realmente o Espírito de sua filha quem me tinha falado. O Espírito respondeu-me: “Dize-lhe papá, meu amor!” Perguntei ao Senhor R. Chambers que significava aquela expressão. Ele me respondeu que eram as últimas palavra de sua filha no momento de morrer, enquanto ele lhe levantava a cabeça acima do travesseiro. Considerei-me desde então autorizado a lhe dar parte da comunicação que me tinha sido transmitida para lhe ser dada.” (“Light”, 1883, pág. 437.)

Por um acaso feliz, este fato se acha confirmado, de maneira inteiramente independente, pelo testemunho de outra pessoa que assistia àquela sessão; a testemunha é o Senhor H. F. Humphreys, que publicou sobre esse assunto um artigo intitulado “Experiências de Espiritualismo” no mesmo volume de “Light” (pág. 563).

Não posso deixar de mencionar aqui, ao menos a título de referência, uma comunicação recebida pelo juiz Edmonds da parte de um moço, vendedor de jornais, pela boca de sua filha em transe, e que constitui o assunto do “Spiritual Tract”, número 3, intitulado: “O jovem vendedor de jornais”. A comunicação foi estenografada pelo juiz durante seu recebimento e é preciso lê-Ia para apreciar-se a habilidade característica dessa narração, de um garoto percorrendo as ruas de Nova Iorque.

III - Identidade da personalidade de um morto desconhecido do médium, verificada por comunicações dadas em escrita idêntica a que era conhecida durante a sua vida.

Sou coagido a dizer que esta prova de personalidade excede a todas as da rubrica I; a prova escrita é tão característica quanto a que é fornecida pela linguagem; mas, para o fim que nos propomos, a língua empregada nesta comunicação deve ser ignorada do médium. Além disso, se ela não foi dada por escrito, a prova documentária nos falta; e, geralmente, essas comunicações em urna língua desconhecida do médium são transmitidas de viva voz, em linguagem corrente, o que constitui precisamente o seu valor. Aqui temos uma prova de personalidade igualmente comprobatória, mas com a vantagem de poder ela ser dada na língua materna do médium, e de apresentar, além disso, um documento material, permanente, sempre ao alcance da crítica; e ainda mais, ela tem a vantagem de poder ser dada na presença da pessoa interessada.

Efetivamente eu nego com resolução que a escrita de um morto desconhecido do médium possa ser reproduzida de maneira absolutamente idêntica por uma operação da consciência sonambúlica do médium, graças unicamente à presença de uma pessoa que tinha conhecido esse morto. Afirmo-o por duas razões: primeiramente, podemos reconhecer a escrita de uma pessoa a quem conhecemos, mas não poderíamos reproduzi-la de memória, mesmo por um esforço da nossa vontade; em segundo lugar, se a comunicação reproduzisse uma frase em que tivéssemos pensado, representando-nos a escrita que nos é familiar - o que teria podido ser tentado a título de experiência -, ter-se-ia podido ainda pretender que a frase foi reproduzida mecanicamente, ao mesmo tempo em que a escrita, por transmissão de pensamento; Porém, como se sabe, as comunicações recebidas têm seu próprio conteúdo e sua fraseologia própria. Não falo certamente de algumas palavras destacadas ou de assinaturas apresentando um fac-símile da escrita de seu autor - o que pode sempre prestar-se a contestação -, porém me refiro às comunicações mais ou menos longas ou freqüentes, provenientes da mesma pessoa morta, em sua escrita original. E esta prova deve, segundo penso, ser considerada como absolutamente concludente, pois que a escrita foi sempre considerada como um documento irrefutável da personalidade e como sua expressão fiel e constante.

A escrita é verdadeiramente uma espécie de fotografia da personalidade. (Veja-se o que eu disse mais acima sobre a grafologia e variações da escrita nas personificações hipnóticas, cap. III, § 3.)

Quanto à possibilidade de escrever em escrita estrangeira, convém aplicar-lhe o mesmo argumento que para a faculdade de falar uma língua que não se conhece.

As comunicações recebidas na escrita do morto são mencionadas aqui e ali na fenomenologia mediúnica, mas são raras. As referências que se fazem, a esse respeito, carecem de pormenores, e devemos contentar-nos com a opinião daqueles a quem elas eram dirigidas; sendo sempre de ordem reservada, é natural que não sejam dadas à publicidade; além disso, para servir de prova documentária de identidade da escrita, elas deveriam ser publicadas com fac-símile da escrita da pessoa antes e depois da morte; porém, raramente se preocupam em dar tal prova, que aliás é bastante dispendiosa. Algumas vezes, entretanto, essas provas ou esses pormenores foram fornecidos, e é dessas experiências completas que falarei.

As mais importantes dentre essas comunicações são certamente as que foram recebidas pelo Senhor Livermore, da parte de sua finada mulher, Estela, no decurso das numerosas sessões que fez com Kate Fox, durante muitos anos, de 1861 a 1866. Mais adiante o leitor encontrará (no § 8) todas as informações publicadas acerca dessas notáveis sessões, das quais só menciono aqui as que se referem às comunicações.

Elas foram, ao todo, em número de cem, mais ou menos, traçadas em papel que o próprio Senhor Livermore marcava e trazia, e foram todas escritas não pelo médium (cujas mãos o Senhor Livermore segurava durante toda a sessão), porém diretamente pela mão de Estela e algumas vezes mesmo sob os olhos do Senhor Livermore, à luz espirítica criada ad hoc, luz que lhe permitia reconhecer perfeitamente a mão e até toda a forma daquela que escrevia. A escrita dessas comunicações é uma perfeita reprodução da escrita da Senhora Livermore quando viva.

Em uma carta do Senhor Livermore ao Senhor B. Coleman, de Londres, com quem ele fizera conhecimento na América, lemos: "Finalmente acabamos de obter cartas datadas. A primeira desse gênero, datada de sexta-feira, 3 de Maio de 1861, era escrita mui cuidadosamente e mui corretamente, e a identidade da escrita de minha mulher pôde ser estabelecida de maneira categórica por meio de comparações minuciosas; o estilo e a escrita do "Espírito" são para mim provas positivas da identidade do autor, ainda quando se deixem de lado as outras provas ainda mais concludentes, que eu obtive. " Mais tarde, em outra carta, o Senhor Livermore acrescenta: "Sua identidade foi estabelecida de maneira a não deixar subsistir a sombra de uma dúvida: a princípio por sua parecença, depois por sua escrita, e finalmente por sua individualidade mental, sem falar de numerosas outras provas que seriam concludentes em casos ordinários, das quais não fiz menção, salvo como prova em apoio."

O Senhor Livermore, enviando algumas dessas comunicações originais ao Senhor Coleman, tinha-lhe mandado também especímenes da escrita de Estela, quando viva, para compará-los, e o Senhor Coleman julga os primeiros "absolutamente semelhantes à escrita natural". (B. Coleman – "O Espiritualismo na América", Londres, 1861, páginas 30, 33, 35.) Os que possuem cartas de Kate Fox podem convencer-se de que sua escrita nada tem de comum com a das comunicações da Senhora Livermore.

Além desta prova intelectual e material, encontramos ainda outra em muitas comunicações escritas por Estela em francês, língua completamente desconhecida da médium. Eis a esse respeito o testemunho decisivo do Senhor Livermore: "Uma folha de papel que eu próprio tinha trazido foi retirada de minha mão e, depois de alguns instantes, me foi visivelmente restituída. Eu li nela uma comunicação admiravelmente escrita em francês correto, de que a Senhora Fox não conhecia uma palavra." (Owen, "Debatable Land", Londres, 1871, pagina 390.) E em uma carta do Senhor Livermore ao Senhor Coleman, leio ainda: "Recebi também, não há muito tempo, muitas outras cartas escritas em francês. Minha mulher conhecia perfeitamente o francês; escrevia-o e falava-o corretamente, ao passo que a jovem Fox não tinha a menor noção da dita língua." ("O Espiritualismo na América", pág. 34.)

Encontramos aqui uma dupla prova de identidade: ela é verificada não só pela escrita em todos os pontos semelhante à da pessoa morta, mas ainda pelo fato de ser feita em língua desconhecida da médium. O caso é extremamente importante e apresenta aos nossos olhos uma prova de identidade absoluta.

Os fac-símile desse gênero que foram publicados são pouco numerosos. Entretanto existe um livro intitulado: "Doze Mensagens do Espírito de John Quincy Adams a seu amigo Josiah Brigham", por Joseph D. Stiles, médium, impresso em 1859. Ao prefácio são anexos fac-símile dos escritos de Adams e de sua mãe, antes e depois de sua morte, que apresentam notável semelhança; o fac-símile da escrita normal do médium encontra-se do mesmo modo na dita obra. Encontramos no " Spiritualist" de 1881, II, página 111, uma notícia sobre essa obra, devida ao Senhor Emmette Coleman, que não é conhecido como crítico indulgente e que externa a conclusão seguinte: "Este livro é único na literatura espírita, e a meu ver contém provas concludentes da identidade da Inteligência que é autora dessas comunicações, tendo as provas interiores e materiais um valor igual debaixo desse ponto de vista."

No " Spiritual Record" de 1884, páginas 554 e 555, encontro os fac-símile de uma comunicação recebida pelo Doutor F. L. Nichols, da parte da sua finada filha Willie, pela escrita direta entre duas ardósias. Ela é perfeitamente idêntica ao espécime da escrita de Willie, quando viva, e não tem semelhança alguma com a escrita do médium Eglinton, espécime do qual é anexo. Outro fac-símile de uma comunicação de Willie encontra-se no mesmo jornal do ano de 1883, página 131. Eis aí tudo quanto encontro, por ora, em meu registro, a respeito de semelhantes fac-símile.

Desde que o processo da escrita direta foi simplificado e facilitado pelo emprego das ardósias, esse fenômeno, batizado com o nome de psicografia, tornou-se muito constante, e os casos de identidade de

escrita foram referidos com mais freqüência; faltam somente os fac-símiles justificativos. Como exemplo, citarei uma experiência que traz em si, além da prova exterior da escrita, uma prova interior característica. Eis o fato que o Senhor J. J. Owen publicou no “Religio Philosophical Journal” de 26 de Julho de 1884, e que tiro de “ Light” de 1885(pág.35),onde foi reproduzido. Abrevio essa narração, dando completamente a palavra ao próprio Senhor Owen:

“Há cerca de doze anos, eu contava no número de meus amigos íntimos um senador da Califórnia, muito conhecido, e que era diretor de um banco próspero em São José. O Doutor Knox - é seu nome - era um pensador profundo e partidário resoluto das teorias materialistas. Ele estava acometido de uma afecção pulmonar progressiva, e, sentindo aproximar-se seu fim, falava freqüentemente do sono eterno que o esperava, e com ele o esquecimento eterno. Ele não temia a morte.

“Certo dia, eu lhe disse: “Façamos um pacto, doutor: se, lá em cima, vos sentirdes viver, fareis a diligência possível de comunicar-me as palavras seguintes: Eu vivo ainda.” Ele me fez esta promessa solenemente... Depois de sua morte, eu esperava impacientemente que me desse noticias suas. Esse desejo se acentuou mais com a chegada à nossa cidade de um médium de materializações, vindo do oriente da América. Eu tinha absoluta confiança no caráter sério desse médium; ele declarou que podia às vezes obter provas de identidade por meio da escrita direta, sobre uma ardósia, e propôs-me tentar a experiência, pois que se oferecia ocasião... Limpei uma ardósia, coloquei em cima um lápis, de ardósia também, e conservei a dita ardósia de encontro à face inferior da mesa. (35) O médium colocou uma das mãos em cima de uma das minhas, por baixo da mesa, e a outra em cima do móvel. Ouvimos o ranger do lápis atritando a ardósia, e, retirando-a, nela encontramos as linhas seguintes:

Amigo Owen:

Os fenômenos que a Natureza nos oferece são irresistíveis, e o pretendido filósofo, que luta freqüentemente com um fato que se opõe diretamente às suas teorias favoritas, acaba por ser lançada em um oceano de dúvida e de incerteza. Não é precisamente o caso que se dá comigo, se bem que minhas antigas idéias acerca da vida, futura estejam presentemente transformadas por completo; entretanto, confesso-o, minha desilusão foi agradável e eu sou feliz, meu amigo, por poder dizer-te: Vivo ainda.

Sempre teu amigo:

Wm. Knox.

“Convém notar que o médium de quem se trata foi a Califórnia três anos depois da morte de meu amigo, que nunca o tinha conhecido e que a escrita da comunicação era a tal ponto igual à de meu amigo morto, que foi reconhecida como sua pelo pessoal do Banco a que ele presidira.”

Se não tivesse havido identidade de escrita, teríamos podido explicar esse caso, como tantos outros, pela transmissão de pensamentos; mas, nessas condições, a manifestação torna-se pessoal.

Relativamente a comunicações transmitidas pelo mesmo processo, porém em grande quantidade, da parte de uma só e mesma pessoa, apenas conheço o caso notável da Srta. Mary Burchett, que ela mesma refere em “Light” de 1884 (pág. 471) e 1886 (págs. 322, 425). No decurso de dois anos, ela recebeu cerca de cinquenta comunicações com a escrita de um amigo íntimo, falecido em 1883. Em vida ele não acreditava mais que o Senhor Knox una possibilidade de uma vida depois da morte.; e é por isso que diz em sua segunda comunicação “E' uma revelação, quer para mim quer para ti; não ignoras quão refratário eu era a qualquer fé em uma existência futura.”

Anteriormente à minha viagem a Londres, em 1886, escrevi a Srta. Burchett e fiz-lhe diversas perguntas, às quais respondeu bondosamente pela carta seguinte, que contém numerosos pormenores inéditos:

“The Hall, Bushey, Herts (Inglaterra), em 20 de Maio de 1886.

Senhor:

Lamento não poder fazer jus ao desejo que externaste de possuir alguns espécimes da escrita póstuma e natural de meu amigo falecido, visto que as mensagens que me dirigiu, sendo de ordem puramente pessoal, são sagradas para mim. Além disso, ele me pediu por muitas vezes que não as mostrasse a ninguém. Quanto às perguntas que me fazes, responderei a elas com a maior boa vontade.

1) Relativamente à escrita de meu amigo: até hoje recebi dele trinta e quatro cartas, pela mediunidade do Senhor Eglinton; as duas primeiras eram escritas em ardósias, todas as outras em papel. Uma dessas cartas é escrita em uma folha de papel de carta que eu tinha colado pelos ângulos, com um pouco de goma, em uma das ardósias, de maneira que pudesse ser retirada sem dificuldade. (Veja-se Light, 1884, pág. 472.) Quanto ao que diz respeito a algumas das primeiras cartas, se bem que a sua escrita se assemelhasse muito à de meu amigo e que sejam concebidas em estilo e linguagem que lhe eram próprios, descobri nelas ao mesmo tempo certa semelhança com a escrita de Ernesto, um dos Espírito-guias do médium, o quê me desorientou um pouco. Mas essa vaga semelhança não tardou a diminuir gradualmente, e acabou por desaparecer inteiramente: e então a escrita das comunicações se tornou igual à de meu amigo, em vida, tanto quanto uma escrita a lápis pode assemelhar-se a que é feita com uma pena. Meu amigo era austríaco de nascimento, e sua escrita, notavelmente bela e fina, tinha o cunho de sua origem alemã.

2) Todas as comunicações, à exceção de uma, são escritas em inglês, com muitas frases em língua alemã. Durante sua vida, ele tinha igualmente o hábito de escrever-me em inglês. Em vésperas do Natal, em 1884, recebi, com grande surpresa, uma carta em alemão, escrita com caracteres góticos muito belos e de estilo impecável. (36) Experimentando alguma dificuldade em compreender o alemão, pois que naquela época eu só conhecia essa língua imperfeitamente, externei o meu pesar pelo fato de ser a carta em alemão, acrescentando que teria desejado muito receber algumas linhas em minha língua materna. O Senhor Eglinton propôs bondosamente fazer a experiência. A folha só estava escrita de um lado; ele a voltou do lado oposto sobre a ardósia, que seguramos da maneira habitual, e, pouco tempo depois, ouvi o ranger do lápis e encontrei algumas palavras apenas, em inglês, no estilo habitual. (37)

3) Essas comunicações contêm alusões tão numerosas à sua vida na Terra, que bastaram para convencer-me de sua identidade, sem que eu tivesse tido necessidade de outras provas, que, entretanto, não faltavam. Talvez d senhor tenha lido no livro de J. Farmer: Between tivo Worlds (“Entre dois Mundos”; a vida e os atos de W. Eglinton) (Londres, 1886, pág. 167), a história de uma materialização notável. Foi eu quem a comunicou. (38) Em uma de suas primeiras cartas encontrei uma prova notável: ele me nomeou, incidentemente, um lugar na Alemanha, e lembro-me, então de que ele me dissera tê-lo visitado. E' um nome muito esquisito, e eu nunca o ouvi citar, nem antes nem depois. Certo dia em que eu estava sentada, só, em uma sessão de escrita automática - desde o último outono, desenvolvi em mim essa faculdade, em grau ainda fraco -fiz alusão a esse fato e perguntei a meu amigo se queria escrever, por minha mão, o nome do país em que se achava esse lugar. Esforcei-me por tornar minha mão tão passiva quanto possível, a fim de não exercer influência alguma sobre a resposta, contudo, eu esperava ler “Áustria” ou “Hungria”. Com grande surpresa, minha mão escreveu, lentamente, o nome de uma cidade, e então me lembrei de que no decurso da conversação mantida com ele, quando lhe fiz observar a consonância extravagante dessa palavra, ele me dissera que esse lugar se achava perto da cidade de D. Eu sempre considerei este incidente como muito curioso, se bem que na espécie não apresentasse muita importância. (39)

Aceite, etc.,

Mary Burchett.

Falta-me acrescentar que, depois de minha estada em Londres, em 1886, aproveitei-me da ocasião que se me apresentava de fazer conhecimento com a Srta. Burchett. Como se pode pensar, ela me confirmou o que precede e mostrou-me espécime da escrita de seu amigo, antes e depois de sua morte; mas não me foi permitido ler o seu conteúdo, de maneira que não pude examinar e comparar as duas escritas tão cuidadosamente quanto teria desejado; pude comparar somente a maneira por que estava escrito o artigo the, e julguei-a idêntica; quanto ao restante, verifiquei uma semelhança no aspecto geral das duas escritas; mas semelhança não é identidade, e, demais, a escrita a lápis difere sempre um pouco da escrita à tinta.

Eis outro exemplo, em que a falta de fac-símile é compensada até certo ponto por alguns pormenores precisos que nos são fornecidos acerca da forma de algumas letras, circunstância que nos prova que a comparação das escritas foi feita com cuidado.

Esta experiência é publicada in extenso em “ Lights” de 1884 (pág. 397). Só darei aqui o resumo: O Senhor A. J. Smart (autor do artigo) morava, desde sua estada em Melburne (Austrália), em casa do Senhor Spriggs, médium bastante conhecido. Eles ocupavam o mesmo quarto.

A 27 de Março daquele ano (1884), acabando ambos de deitar-se, o Senhor Smart notou que seu amigo tinha caído em transe subitamente. Depois de ter trocado algumas frases com os invisíveis, por meio de pancadas, aqueles anunciaram que “se estava, em condições de escrever” e que era preciso “verificar dentro de dez minutos”. Pouco depois o médium voltou a seu estado normal, e acendeu-se a vela. Em cima de uma mesa, colocada a alguma distância do leito, o Senhor Smart encontrou urna comunicação, em nome de sua mãe, falecida no mês de Fevereiro passado, escrita à tinta, em uma folha de papel, e concebida nos seguintes termos:

“Caro Alfredo. - Harriet acaba de escrever-te para te anunciar que eu deixei a Terra. Eu estava satisfeita por partir. Sou feliz. Falar-te-ei em breve. Dize a Harriet que eu vim. Deus te abençoe. - Tua mãe sempre afeiçoada.

Eis as observações que o Senhor Smart fez em relação à escrita: “Comparei minuciosamente a escrita dessas comunicações com as cartas escritas por minha mãe, enquanto viva, letra por letra, palavra por palavra. Efetivamente, verifiquei que além da semelhança perfeita do aspecto geral da escrita, que salta aos olhos de qualquer pessoa, à primeira vista, havia identidade completa no talho das letras e das palavras, assim como na composição das frases. Ali, como aqui, se encontra a maneira antiga de escrever a letra r, o hábito (pouco comum) de começar a palavra “afeiçoado” por uma maiúscula, de voltar à esquerda e não à direita a perna do primeiro f dessa palavra, e, coisa particularmente notável, as duas escritas denotam o hábito de escrever todas as letras separadas, em vez de ligá-las, e hábito que minha mãe tinha contraído em conseqüência de uma fraqueza no braço direito, ocasionada por uma entorse. E omito muitos outros pontos de semelhança, evidentes para a vista, mas difíceis de definir. Quanto ao estilo, no qual a comunicação é redigida, é caracterizado pela mesma concisão que lhe era própria durante a vida.”

O diretor do “Harbinger of Light” (Mensageiro da Luz), jornal de Melburne onde apareceu o artigo do Senhor Smart, acrescenta por sua vez: “Vimos a comunicação em questão e comparamo-la com muitas outras cartas autênticas da Senhora Smart. Achamo-las idênticas e todas as particularidades da composição ali se reproduzem.

O lado fraco dessa narração, no ponto de vista da hipótese de uma fraude, é que o Senhor Smart e o médium estavam intimamente ligados por amizade e que esse último pôde ter entre mãos as cartas da Senhora Smart.

A identidade de uma escrita ante mortem e post mortem só poderia ser estabelecida de maneira absoluta se a comunicação se tivesse dado na ausência de qualquer pessoa que conhecesse a escrita do morto. Em meu index ou Registro, não encontro um só exemplo de uma comunicação inteira desse gênero que corresponda a essas condições, de princípio ao fim; mas posso citar casos em que a escrita obtida foi absolutamente idêntica à do morto, pela forma de certas letras do alfabeto. Submeto ao leitor um fato tirado de minha experiência pessoal.

Durante um período de dois ou três anos, organizei habitualmente sessões de escrita automática com minha mulher, que era médium; ninguém era admitido a essas experiências, à exceção do professor Boutlerow que nelas tomava parte, de vez em quando. Delas falei mais acima. No começo, empregávamos a prancheta, porém, deixamo-la em pouco tempo, notando que me bastava colocar a mão em cima da mão direita de minha mulher, que segurava no lápis, para que ela adormecesse, no fim de 10 a 15 minutos, e, pouco tempo depois, sua mão começava a escrever. Eu nunca fazia evocação de espécie alguma, nem formulava qualquer pedido: esperava simplesmente, e, quando aparecia uma escrita, eu fazia perguntas em relação com a mensagem, de viva voz; o lápis traçava as respostas, e o diálogo continuava assim até o momento em que o lápis caía da mão de minha mulher.

Ora, o outono do ano de 1872 foi extremamente penoso para mim; voltando a São Petersburgo, da cidade de Oufa, corri o risco de afogar-me no rio como, em conseqüência de um abalroamento de vapores. Era noite, e, quinze minutos depois do choque, o navio, a bordo do qual eu me achava, ia-se afundando. Por felicidade, eu viajava sozinho. Chegando em São Petersburgo, soube que a casa em que vivia meu velho pai,

em sua propriedade, Governo de Penza, tinha sido presa das chamas, e que a mobília fora destruída pelo incêndio, inclusive os arquivos da família e uma bela coleção de livros que meu pai e eu tínhamos levado cinquenta anos a organizar. Diante de tal notícia, resolvi partir de novo dentro de poucos dias, para ir ter com meu pai e auxiliá-lo a sair-se de embaraços.

Na véspera de minha saída de São Petersburgo, tive a lembrança de fazer uma sessão de escrita mediúnica, curioso de saber se haveria uma comunicação que se referisse à minha viagem projetada. Assim não sucedeu: logo que minha mulher adormeceu, obtive a comunicação seguinte, de mão firme e desembaraçada, que não era a escrita habitual de minha mulher:

"Estou aflito por causa de meu rebanho, sofro por ele, com meu filho DIEU-DONNÉ, que procurava os caminhos do Senhor.

Nicolau, sacerdote.

Eu não pude penetrar no sentido de tais palavras e pedi esclarecimento. Em resposta obtive as linhas seguintes:

"E, em vão, senhor, que pensas em uma advertência; a coisa era impossível, porque ela teria podido fazer evitar o que aconteceu; ora, isso era inevitável; estava predeterminado pela Providência misericordiosa para o bem da alma... que tem necessidade de preces a todo o custo!..."

A pergunta que fiz em relação à minha viagem, recebi a resposta seguinte:

"Teu sacrifício é grande, mas é indispensável."

Quando minha mulher voltou a si, pusemo-nos a decifrar a mensagem, fazendo conjecturas quanto à sua proveniência. Concluímos, finalmente, que o sacerdote Nicolau não poderia ser outro senão o finado sogro do cura da paróquia de Repiovka, na propriedade de meu pai, e onde este morava permanentemente. E eis porque a mulher do sacerdote atual da nossa paróquia rural tem o nome de Olga Nicolalevna (filha de Nicolau); sabíamos, além disso, que seu pai tinha sido sacerdote da mesma paróquia, que ele a tinha cedido a seu genro, segundo o uso adotado na Rússia. Além disso, o sacerdote Nicolau tinha sido o confessor de meu pai. Havia pois todo o fundamento para acreditar-se que era ele o autor da comunicação que nos tinha sido transmitida. Desde então tivemos a explicação de ter ele designado seu sucessor como "filho Dieu-donné". Quanto às palavras: "Estou aflito, etc." e restante da comunicação, têm significação inteiramente íntima, que não posso divulgar, mas que no-las tornava perfeitamente compreensíveis. As palavras: "E em vão que pensas em uma advertência", referiam-se provavelmente a um pensamento que eu tinha externado certo dia, noutra ocasião, dizendo que no caso de não ser o fogo proveniente de um acidente, mas obra de um incendiário, os agentes invisíveis bem teriam podido prevenir os interessados.

A comunicação acima apresenta duas singularidades em primeiro lugar, seu estilo antigo, que tem curso nos seminários e que ninguém mais emprega atualmente; nunca nos teria ocorrido a lembrança, a mim ou à minha mulher, de fazer uso dessas expressões e circunlóquios (que são absolutamente intraduzíveis); - em segundo lugar, o próprio caráter da escrita, por certos traços particulares, que me impressionaram: é uma espécie de miscelânea da escrita de minha mulher e da escrita de uma pessoa estranha; certas letras tinham forma inteiramente diversa da que minha mulher usava.

Desejei ardentemente comparar essa escrita com a do sacerdote Nicolau, a quem eu conhecera ainda muito moço, quando eu ia passar as férias em nossa propriedade. Ele faleceu em 1862, mas, desde 1851, tendo encontrado um substituto, na pessoa de seu genro, não mais tinha morado em Repiovka. Eu nunca vira escrito algum de sua mão; quanto à minha mulher, nunca o conhecera. Pedi pois a seu "filho Dieu-donné" que me mostrasse algumas de suas cartas ou outros papéis autógrafos; ele, porém, não conseguiu encontrar outra coisa além de uma página de antigo almanaque na qual seu sogro tinha feito alguns apontamentos. Ele arrancou a folha e enviou-me. Essa simples folha me fornecia elementos preciosos para a comparação das duas escritas. Muitos anos depois, em 1881, eu mesmo fiz pesquisas nos arquivos da igreja, e consegui encontrar páginas inteiramente escritas pela mão do reverendo padre Nicolau. Comparei esses manuscritos com a comunicação que tínhamos recebido e verifiquei os pormenores seguintes:

Na comunicação, a letra russa, correspondente ao "1" latino", é sempre escrita com a letra grega lambda.

No manuscrito do padre Nicolau, essa letra tem, ora a forma adotada pelo alfabeto russo, ora a forma grega. Em uma folha do registro dos óbitos, a assinatura do “padre Nicolau” é repetida 35 vezes; em 8 casos a letra “1” é feita à maneira russa, e 27 vezes como um lambda.

Minha mulher nunca a escreveu com essa última forma.

A letra “d” (correspondente à mesma letra do alfabeto latino) é escrita na mensagem, invariavelmente, como um “g” latino, como faziam outrora.

Nos manuscritos, encontrei essa letra também escrita de duas maneiras; mas a forma “g” predomina, só raramente se encontrando a outra. Tenho sob os olhos uma página de manuscrito in-fólio, onde a letra “d” é repetida 44 vezes, 3 vezes das quais sob a forma de um “g”.

Minha mulher nunca escreveu o “d” como um “g” latino.

Deixo de lado outras particularidades, menos acentuadas; por exemplo: a maneira de escrever a letra russa correspondente ao “b” latino: minha mulher traçava a curva superior sempre para cima, ao passo que na comunicação, bem como nos autógrafos do padre Nicolau, ela é sempre dirigida para baixo, como na letra grega delta.

A que atribuir essa concordância singular na maneira de escrever essas letras? Importa encontrar-lhe uma explicação plausível. Seria muito fácil pretender que a consciência sonambúlica da médium, penetrando na vida intima de um velho sacerdote tenha empregado uma caligrafia antiquada; o emprego do gama não caiu completamente em desuso, e o “d” antigo escrevia-se quase sempre como um “2” com a curva inferior por baixo da linha, e só raramente o encontramos sob a forma “g”.

Não se trata por conseguinte da.imitação de um gênero de escrita; a questão que se apresenta é saber por que razão a forma dessas letras concorda com a que o padre Nicolau tinha adotado.

Em “Light” (1887) há um artigo intitulado “Self-proving Messages” (Mensagens que contêm sua prova em si mesmas), no qual encontramos, à página 107, um exemplo análogo ao que precede, isto é, em que a escrita da mensagem se assemelha à escrita ante mortem da personalidade em nome da qual a mensagem é transmitida, pela forma de algumas letras apenas (o autor dá a descrição das ditas letras), o médium nunca tinha visto essa escrita. O artigo não menciona se a experiência foi feita na ausência da pessoa que conhecia o morto.

IV. - Identidade da personalidade de um morto verificada por uma comunicação proveniente dele, com um conjunto de pormenores relativos à sua vida, e recebida na ausência de qualquer pessoa que conhecera o morto.

No capítulo III, parágrafo 9, apresentei muitos casos que correspondem com esta condição de maneira inteiramente satisfatória.

Assim, por exemplo, o caso do velho Chamberlain que transmite uma comunicação, pelo órgão do médium, a um grupo de doze pessoas, que não o conheciam. Essa personalidade se manifesta imediatamente uma segunda vez, para acrescentar certos pormenores que lhe diziam respeito, depois que os membros do grupo externaram seu pesar, por não os ter pedido por ocasião de sua primeira manifestação, a fim de obter uma prova completa de sua identidade. Sabe-se que, feita a verificação, reconheceu-se ser exato tudo quanto ele tinha dito.

Conhecemos outro caso análogo, o de Abraão Florentino que, falecido na América, manifestou-se na Inglaterra, por pancadas, em um círculo espírita, onde nem sequer se suspeitava de sua existência, e que dava a seu próprio respeito indicações que foram reconhecidas exatas após informações tomadas na América.

No capítulo em questão, eu indicava a fonte em que se encontram milhares de exemplos semelhantes que poderiam fornecer matéria para um estudo especial feito no lugar, em condições de fiscalização das mais rigorosas; quero falar do “Message Department” do “Banner of Light”. Os documentos. que devem servir,

quer para desvendar as imposturas, quer para estabelecer a verdade, estão ao alcance de quem quer que deseje dar-se ao trabalho de analisá-los. Seria muito interessante tomar umas cem mensagens na ordem em que estão impressas e estabelecer a proporção do falso, do exato e do duvidoso.

Entre essas comunicações, encontram-se algumas que contêm alusões a questões de família, inteiramente íntimas. Em o número de 15 de Março de 1884, há, por exemplo, uma comunicação dada em nome de Monroe Morill, que narra o que lhe tinha sucedido no Extremo Oeste americano; o número de 5 de Abril publica uma carta de Hermann Morill, irmão do morto, que confirma a exatidão da mensagem e diz entre outras coisas "Compreendo muito bem a alusão que ele faz ao Far-West: trata-se de um incidente que ele, nosso irmão o Doutor Morill, em Sandusky (Ohio) - onde Monroe morreu - e eu éramos os únicos a conhecer.

Outro exemplo: em o número de 9 de Fevereiro de 1889, encontra-se uma mensagem de Emma Romage, de Sacramento (Califórnia), que refere a visão que teve de seu amigo Jenny em seu leito de morte. Em o número de 30 de Março do mesmo ano, o Senhor Eben Owen, de Sacramento, publica uma carta na qual diz que ele mostrou essa mensagem à irmã de Emma Romage e que esta confirmou o fato da visão da qual Emma lhe havia falado em seu leito de morte.

Independentemente dos elementos que nos fornece o "Banner of Light", eu poderia indicar numerosos casos desse gênero, mas avalio que os que citei bastam de sobra. Para fechar esta rubrica, citarei ainda este exemplo que merece toda a minha confiança, porque é tirado da experiência pessoal de Roberto Dale Owen, e que é exposto de maneira circunstanciada em sua obra "Debatable Land", sob o título: "Provas de identidade fornecidas por uma pessoa estranha que se achava a 500 milhas de distância". Não podendo essa narração ser exposta em resumo, reproduzo seu texto na íntegra, com as poucas páginas que lhe servem de introdução:

Mais de quarenta anos decorreram desde a morte de uma jovem senhora inglesa a quem eu conhecia muito bem. Ela gozava de todas as vantagens que uma instrução perfeita pode dar; falava corretamente o francês e o italiano; tinha viajado muito pela Europa e conhecera numerosas personagens de sua época, que estavam em evidência. A Natureza favorecera-a tão generosamente quanto a sorte; era tão formosa quanto instruída, acessível aos sentimentos generosos, de grande simplicidade: inteligência refinada, com tendências espiritualistas. Chama-la-ei Violeta. (40).

Vinte e cinco anos depois de sua morte, tendo recomeçado minhas pesquisas espíritas, ocorreu-me esta lembrança: se é possível às pessoas que se interessaram por nós, durante a vida, continuarem a comunicar-se conosco, após sua passagem a uma outra vida, o Espírito de Violeta poderia mais facilmente que qualquer outro manifestar-se a mim. Entretanto, eu nunca tinha acedido em evocar tal ou qual Espírito, julgando mais razoável esperar sua manifestação espontânea. E, entretanto, passavam-se os meses, e eu não obtinha o menor sinal de reconhecimento por parte de Violeta; acabei por não contar mais com isso e duvidei que semelhante coisa pudesse acontecer.

O leitor compreenderá minha surpresa, quando em uma sessão, a 13 de Outubro de 1856, em Nápoles (em presença da Senhora Owen e de outra senhora, médium profissional), fui testemunha das coisas seguintes

O nome de Violeta foi soletrado inesperadamente. Dissipada em parte a minha surpresa, perguntei mentalmente com que fim tinha sido ditado esse nome que me era tão familiar.

Resposta - Fiz pro... (gave pro...)

Nesse ponto terminaram as letras. As súplicas reiteradas, de continuar-se a comunicação, não foram atendidas; não pudemos obter uma só letra sequer. Finalmente, lembrei-me de perguntar:

- As letras p, r, o são exatas?

Resposta - Não.

- Fiz (gave), está certo?

Resposta - Sim.

Pedi então:

- Soletra ainda uma vez a palavra que se segue a gave. Obtivemos a frase seguinte, na qual foi preciso aqui e ali corrigir uma letra: “Fiz por escrito a promessa (em inglês: gave a writen promise) de lembrar-me de ti, mesmo depois da morte.

O sentimento que se apoderou de mim, ao ver esta frase compor-se, letra por letra, só poderá ser compreendido por uma pessoa que já se encontrou em uma situação igual à minha. Se uma recordação de infância, qualquer, conservou-se viva para mim, mais nitidamente que tudo o mais, foi sem dúvida a carta que Violeta me escrevera, prevendo a sua morte, carta que continha palavra por palavra a promessa que acabava de trazer-me à memória no mesmo instante um ser de além-túmulo, e isso, quando a metade de minha vida tinha decorrido. Essa circunstância nunca terá, para outra pessoa, a mesma significação que tem para mim. A carta está sempre em meu poder; só eu conheço sua existência, porque ninguém a vira. Poderia eu prever, lendo-a pela primeira vez, que um quarto de século mais tarde, em um país longínquo, a autora dessa carta estaria em estado de dizer-me que tinha cumprido com a sua promessa?

Alguns dias depois, a 18 de Outubro, em uma sessão espírita, o mesmo Espírito se anunciou, e eu obtive, às diversas perguntas mentais que fiz, respostas igualmente precisas e exatas, se bem que essas perguntas se referissem a coisas de ordem intima, que eu era a única pessoa que conhecia. Não havia ali a menor inexatidão, e, além disso, as respostas continham alusões a circunstâncias que ninguém neste mundo - estou absolutamente convicto disso - podia conhecer, à exceção de mim.

Os resultados que obtive não podem, de maneira alguma, ser atribuídos ao que se designa algumas vezes sob o termo de “atenção espectante”, causa presumida de fenômenos análogos. Naquela época procurávamos provocar diversas manifestações físicas que outras pessoas afirmavam ter obtido, tais como: deslocamentos de objetos sem contacto, escrita direta, aparição de mãos, etc. Mas ninguém podia esperar o que sucedeu, nem eu, nem, com mais razão, os outros assistentes. Se associações de idéias, desde há muito adormecidas, foram subitamente evocadas pela composição inopinada de um nome, é certo que esse resultado não era devido nem ao meu pensamento, nem a um desejo ou esperança que me fosse pessoal, se é certo que a nossa consciência é uma garantia suficiente da presença de um pensamento ou de um sentimento. Se a origem dessas idéias não residia em mim mesma, muito menos podia ser atribuída a qualquer outra pessoa entre os assistentes. Esses ignoravam até a existência da carta em questão, e não conheciam a pergunta que eu fizera mentalmente; a hipótese de uma influência terrestre deve pois ficar limitada à minha pessoa.

Outra circunstância ainda vem provar que uma expectativa acentuada da minha parte não representou papel algum no que se passou. Desde o primeiro esforço que foi feito para responder à minha pergunta, ao ler as poucas letras que começavam a frase: gave pro, eu tive realmente a lembrança de que a palavra não acabada devia ser promessa e que se referia ao juramento solene que Violeta tinha formulado tantos anos antes. Mas, que sucedeu? Nosso interlocutor declarou que essas letras não estavam certas. Recordo-me ainda perfeitamente com que surpresa, com que desapontamento restaurei essas letras. E foi com o sentimento de uma surpresa ainda maior que percebi que a correção tinha sido empreendida com o intuito único de tornar a frase mais completa e mais precisa! - tão precisa, que o documento em questão não teria podido ser designado mais claramente, ainda que fosse reproduzido na integra. Em tais condições seria impossível admitir que meu pensamento, que uma impulsão vinda de mim tivessem podido exercer uma influência, qualquer que fosse, sobre os efeitos de que fomos testemunhas.

E este incidente não foi mais do que o precursor de uma série completa de manifestações que se deram durante numerosos anos, e que deram em resultado convencer-me da existência póstuma de um Espírito amigo e de sua identidade. Esses fatos se produziram, na maior parte, depois de meu regresso de Nápoles aos Estados Unidos, em 1859. Cinco ou seis semanas depois da publicação de meu livro: Foot-falls on the Boundary of another World, em Fevereiro de 1860, meu editor apresentou-me um senhor que acabava de chegar de Ohio, e que me declarou que meu livro tinha muita aceitação naquela província. Acrescentou que eu poderia fomentar ainda a sua procura se enviasse um exemplar à Senhora B., que morava em Cleveland naquela época, senhora que possuía uma livraria e era incumbida da publicação de um dos jornais da localidade. “Ela se interessa muito por essas coisas, disse-me ele, e creio que ela própria é médium.

Até então eu nunca ouvira falar nessa senhora; apesar disso mandei-lhe um exemplar de meu livro com um breve oferecimento de polidez, e pouco tempo depois recebi dela uma carta, datada de 14 de Fevereiro.

Nessa carta a Senhora B., depois de me ter falado de algumas particularidades de negócios, manifestava-me toda a satisfação que tinha experimentado por ocasião da leitura do capítulo intitulado "Mudança depois da morte". "Eu sou médium vidente - me escrevia ela entre outras coisas - e, enquanto lia o CAPÍTULO em questão, o Espírito de uma mulher, a quem eu nunca tinha visto, conservava-se perto de mim, como para escutar, e dizia-me: Eu o inspirava quando ele escrevia isto; ajudei-o a acreditar em uma vida eterna."

A Senhora B. fazia em seguida a descrição da pessoa que lhe tinha aparecido, especificando a cor dos cabelos e dos olhos, a tez, etc., e esse retrato correspondia exatamente ao de Violeta. Ela acrescentava que um comerciante de Cleveland, que é médium, "impressionável" (ele deseja ficar incógnito), tinha entrado naquele momento em sua casa e lhe dissera: "Terás a visita de um novo Espírito hoje, o de uma mulher. Ela disse que tinha conhecido uma Senhora D." e nomeou uma senhora inglesa, falecida, a quem a Senhora B. conhecia de nome - como escritora -, mas de quem o comerciante em questão nunca ouvira falar.

Essa senhora D. não era outra mais do que a irmã de Violeta; mas em minha resposta à Senhora B., resposta que mais era uma, carta de negócios, não lhe falei nem da pessoa cuja aparência ela me pintara nem da Senhora D. Com o objetivo de submeter a Senhora B. a uma prova tão completa quanto possível, evitei até fazer qualquer alusão que pudesse levar a supor que eu tinha reconhecido a mulher que lhe aparecera. Além dos assuntos de negócios, só acrescentei algumas palavras, para lhe dizer que lhe ficaria muito agradecido se ela pudesse obter alguns pormenores a respeito do Espírito: seu nome e outras indicações que pudessem servir para estabelecer-lhe a identidade.

Recebi duas cartas, datadas de 27 de Fevereiro e de 5 de Abril. Continham as informações seguintes: 1° o nome próprio; 2° o Espírito declarara que a Senhora D. era sua irmã; 3° alguns pormenores a respeito de Violeta. Todas estas informações eram rigorosamente exatas. A Senhora B. escrevia em seguida que tinha sabido ainda de outros pormenores, mas eram de natureza absolutamente privada e confidenciais, a ponto tal, que ela julgava só mos poder confiar de viva vós, se eu passasse por Cleveland, em meu regresso a Oeste.

Como eu tinha necessidade de partir para a Europa dentro de quinze dias, escrevi à Senhora B., pedindo-lhe que me mandasse essas informações por escrito, o que ela fez em sua quarta carta, com data de 20 de Abril. As informações que me mandou eram obtidas em parte por si mesma, em parte pela mediunidade do comerciante de quem se tratou.

Dizendo mais acima que as provas obtidas por mim nunca poderão ter para os outros a mesma significação que têm para mim, só dei uma fraca idéia da importância desse testemunho. Mas o leitor poderá sempre apreciar uma parte das maravilhas que a mim se revelaram. Por exemplo: eu tinha escrito uma simples e breve carta de negócios a uma pessoa totalmente estranha, que morava a quinhentas milhas, em uma cidade que Violeta nunca tinha visto e onde eu nunca estive, se tenho boa memória. Sendo dadas tais condições, é preciso excluir toda idéia de uma sugestão qualquer, de uma leitura de pensamentos ou de uma relação magnética. Seria igualmente inadmissível supor que um editor ou um comerciante de Cleveland tivesse possuído informações acerca de uma pessoa cujo nome é obscuro e que morreu no outro hemisfério, a 1.000 milhas daquele lugar. E era desses estrangeiros, de tão longe, que me tinham chegado, espontaneamente, sem que eu o tivesse pedido, e como de um mundo superior, a princípio a descrição do exterior de uma pessoa, correspondendo exatamente ao de Violeta, depois um nome que deixava firmemente supor que era realmente ela mesma quem se manifestava a eles - em seguida seu nome próprio, e finalmente a designação de seu parentesco com a Senhora D., e tudo isso sem a mínima indicação de minha parte.

Os meus leitores estão no caso de apreciar o valor desses fatos, que constituem por si sós provas de identidade maravilhosas; para mim, têm uma significação ainda mais elevada; porquanto se trata aí de pormenores íntimos referindo-se à minha juventude e à de Violeta, pormenores que nenhum ser, aquém da Grande Fronteira, podia conhecer, e que apenas foram tocados de leve nesta narração, de maneira que a pessoa que os recolhia apenas compreendia sua significação, pormenores, enfim, não só sepultados no passado, mas também ocultos nas profundezas dos corações para os quais eles eram recordações sagradas; para mim, pois, o sobrevivente, quando me achei em presença dessas revelações - dentre outras das que eram

contidas na última carta da Senhora B. -, vi ali a prova íntima de que as recordações, pensamentos e afeições do homem continuam a existir além da morte, prova de que se não pode impor a uma terceira pessoa e que, por sua própria natureza, só pode produzir uma convicção pessoal."

V. - Identidade da personalidade de um morto verificada pela comunicação de fatos que só puderam ser conhecidos pelo próprio morto e que somente ele podia comunicar.

Por certas particularidades, o caso de Violeta teria podido ser classificado sob esta rubrica, do mesmo modo que certos casos citados no parágrafo 8 do capítulo III, como por exemplo o caso certificado pela junta da Sociedade de Dialética, relativo ao irmão da dona da casa onde se davam as sessões, o qual, falecido catorze anos antes, se lhe manifestou para informá-la de que ela não tinha herdado absolutamente o bem que lhe tocava, e que seus executores testamentários tinham-na privado de uma parte dessa herança; esse fato foi reconhecido como exato.

O caso do Doutor Davey refere-se à mesma categoria: o leitor deve recordar-se que seu filho, falecido a bordo, manifestou-se-lhe no decurso de uma sessão, para dizer-lhe que tinha falecido não de moléstia, como dizia o relatório do comandante, mas que fora envenenado e que o comandante não restituíra todo o dinheiro que se achava em seu poder - fato igualmente reconhecido como exato.

Sob a mesma rubrica mencionei um fato que se deu à minha vista, e do qual darei aqui a narração completa, conforme foi publicado nas "Memórias da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres" (1890, tomo XVI, páginas 353-355); trata-se da descoberta do testamento do Barão Korff.

Desejando expor este fato com o maior número possível de pormenores, dirigi-me ao Barão C. N. Korff, meu colega, o qual me respondeu que eu podia obter as informações mais exatas do Barão Paulo Korff, filho do falecido, que habitava em Petersburgo. Eis o que este último me referiu

Seu pai, o General Paulo Ivanovitch Korff, faleceu em Varsóvia a 7 de Abril de 1867; sabia-se que tinha feito um testamento, mas não foi possível encontrá-lo por ocasião de seu falecimento, a despeito das mais minuciosas pesquisas. Em Julho de 1867, a irmã do Barão Korff filho, a Baronesa Carlota Wrangel, morava com a irmã de seu marido, a Senhora Oboukhof, em Plotzk, perto de Varsóvia. Sua mãe, a viúva do General Korff, achava-se nessa ocasião no estrangeiro; ela tinha o hábito de mandar a filha abrir sua correspondência. Dentre essas cartas havia uma do Príncipe Emílio Wittgenstein, que também estava no estrangeiro. Ele lhe participava, nessa carta, ter recebido em nome do marido dela, falecido, uma comunicação espirítica indicando o lugar onde se achava o testamento.

A Senhora Wrangel bem sabia que a ausência deste testamento era causa de muitos dissabores para seu irmão mais velho, o Barão José Korff (falecido depois), o qual tinha sido incumbido de dirigir a liquidação da herança e achava-se naquela ocasião em Varsóvia; por conseguinte, ela se dirigiu imediatamente para onde ele se achava, levando em companhia sua cunhada para lhe dar parte do conteúdo, tão importante, da carta do Príncipe Wittgenstein. As primeiras palavras de seu irmão foram que ele acabava de encontrar o testamento, e, pela leitura da carta do Príncipe Wittgenstein, verificou-se, com surpresa geral, que o lugar indicado na comunicação mediúnica era realmente o mesmo em que o barão o tinha encontrado.

O Barão P, Korff filho prometeu-me procurar essa carta do Príncipe Wittgenstein que ele tinha tido entre mãos dois anos antes, quando classificava papéis de família; até hoje não tornou a encontrá-la, e receia tê-la destruído juntamente com papéis inúteis.

Quanto à data da dita carta, obtive as informações seguintes: o casamento da Baronesa Carlota Korff com o Barão Wrangel foi celebrado em Varsóvia a 5/17 de Junho de 1867; uma semana depois, a Baronesa Wrangel dirigiu-se a Plotzk, acompanhada por seu marido e por sua cunhada, a Sra. Oboukhof, e sua mãe partiu para o estrangeiro. Nessa ocasião o testamento ainda não tinha sido encontrado. Ora, desde que a carta, reproduzida abaixo, dirigida pelo Príncipe Wittgenstein a seus parentes, e na qual ele lhes dá parte da

descoberta do testamento por via espirítica, é datada de 5 de Julho de 1867, segue-se daí que a carta do Príncipe W. à viúva Senhora Baronesa Korff, fazendo menção da comunicação espirítica, e, por conseguinte, a própria comunicação, foram recebidas entre 5 de Junho e 5 de Julho de 1867.

No que diz respeito ao lugar em que o testamento foi encontrado, interroguei o Barão P. Korff filho para saber se era com efeito no armário, assim como a comunicação o tinha anunciado. Ele respondeu: "Minha irmã e eu, ambos o entendemos assim."

Documentos em apoio

I. - Enquanto eu me ocupava com esse caso, as "Memórias e Correspondência do Príncipe de Sayn-Wittgenstein Berlesbourg" (livro que acabava de ser editado em Paris, em 1889) me caíram sob os olhos, e eu encontrei na página 365, tomo II, a carta seguinte:

Varsóvia, em 5/17 de Julho de 1867.

Há séculos, meus caros pais, que não tenho notícias suas; a última carta de mamãe era datada de 5 de Junho.

Ocupei-me muito com o Espiritismo nestes últimos tempos, e minhas faculdades mediúnicas desenvolveram-se de maneira admirável. Escrevi por muitas vezes com bastante facilidade em diferentes espécies de escrita; tive diretamente comunicações do Espírito que aparece em Berlesbourg, uma mulher de nossa casa que se suicidou há cento e dois anos. Obtive ainda um resultado muito curioso. Um de meus amigos, o Tenente-General Barão de Korff, falecido há poucos meses, manifestou-se a mim (sem que eu pensasse nele absolutamente), para pedir-me que indicasse à sua família o lugar em que, por malevolência, tinham escondido o seu testamento, isto é, em um armário da casa em que ele faleceu. Eu não sabia se procuravam seu testamento e que não o tinham encontrado. Ora, descobriram-no no próprio lugar que o Espírito me tinha indicado. E' um documento extremamente importante para a gestão de suas terras e para as questões a resolver por ocasião da maioridade de seus filhos. Eis aí fatos que desafia qualquer critica...

Até logo, meus caros pais; eu os abraço.

Emílio Wittgenstein.

II. - Carta do Barão Paulo Korff filho e de sua irmã a Baronesa Carlota Wrangel, dirigida ao Sr. Alexandre Aksakof, para confirmar a narração que precede, e cujos originais foram mandados ao Sr. Myers, secretário da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, em Londres, a 27 de Fevereiro de 1890.

Senhor:

Li com grande interesse sua comunicação publicada no Psychische Studien de 1889, na página 568, e relativa ao testamento do finado meu pai. Os fatos que o senhor cita são absolutamente exatos, mas receio ter queimado a carta do Príncipe Wittgenstein quando há dois anos classifiquei os papéis de meu pai.

Aceite, etc.

Barão Paulo Korff .

São Petersburgo, em 29 de Janeiro de 1890.

"Junto minha assinatura à de meu irmão, para confirmar o que ele disse.

Baronesa Car. Wrangel, Korff de nascimento.

Os casos em que os mortos vêm auxiliar por suas indicações a regular seus negócios terrestres são muito frequentes. Eis outro desse gênero, tão simples quanto concludente, e que eu tiro do mesmo modo de Dale Owen, que o possui de primeira mão e cuja narração ele publicou em seu livro "Debatable Land", sob o título: Um morto que vem pôr em ordem seus negócios terrestres". Este artigo não pode ser abreviado, pois que seu valor principal está nos pormenores. Reproduzo-o por conseguinte na íntegra:

“A Senhora G., mulher de um capitão das tropas regulares dos Estados Unidos, morava, em 1861, na cidade de Cincinnati, com seu marido. Naturalmente ela tinha ouvido falar por mais de uma vez de fenômenos espíritas; porém até então evitara sempre fazer experiências por si mesma, convicta como estava de que procurar comunicar-se com o outro mundo era um pecado. Ela nunca se tinha achado em presença de um médium profissional.

“Sucedeu que naquele ano uma de suas amigas, a Senhora S., descobrira possuir a faculdade de provocar comunicações por meio de pancadas, e, de vez em quando, organizava sessões espiríticas com alguns amigos, nas quais a Senhora G. também tomava parte. Essas sessões duraram até o fim do ano de 1862 e deram em resultado vencer, até certo ponto, a aversão que a Senhora G. experimentava pelo Espiritismo. Elas despertaram sua curiosidade, sem que, entretanto, a convencessem.

Em Dezembro de 1863, o irmão de seu marido, “Jack”, (como lhe chamavam em família), morreu subitamente.

Em Março de 1864, a Senhora G., que vivia retirada em uma casa de campo, nos arredores de Cincinnati, recebeu a visita de uma amiga, a Srta. L. B. Esta moça era dotada de certo poder mediúnico, e a Senhora G. organizou uma sessão com ela. No fim de certo tempo, a moça deixou a mesa, e a Senhora G. ficou só, continuando na experiência. Então a mesa, tocada de leve por suas mãos, começou a mover-se e dirigiu-se, pela porta aberta, ao aposento vizinho. Mais tarde deslocou-se em presença da Senhora G., mesmo sem o mínimo contacto. Foi assim que a Senhora G. teve conhecimento de suas próprias faculdades mediúnicas.

“Quando de novo se colocou diante da mesa, com a Srta. B., com o fim de obter frases por meio do alfabeto, as pancadas soletraram, de maneira inteiramente inesperada, o nome de “Jack”.

“A pergunta da Senhora G.: “Desejas incumbir-me de alguma missão?”, obteve a resposta seguinte: “Dá este anel a Ana.”

“Ana M. era o nome de uma jovem da qual o irmão da Senhora G. tinha sido noivo algum tempo antes de sua morte e a Senhora G. nada sabia a respeito daquele anel, mas recordou-se de que seu marido, depois da morte de seu irmão, tinha dado uma aliança, de ouro, a única que o falecido usou, ao Senhor G., um amigo desse último. Ela perguntou se era realmente desse anel que se tratava, e a resposta foi afirmativa.

“Alguns dias depois, a mãe de Jack foi visitá-los. Não lhe falaram da comunicação recebida. No decurso da conversação, essa senhora lhes disse que a jovem Ana M. tinha ido visitá-la e lhe referira que, depois de seus esponsais com Jack, ela lhe havia dado uma aliança de ouro, e que desejaria muito vê-Ia outra vez. Nem a Senhora G. nem seu marido sabiam que o anel em questão era um presente da Srta. M., pois que Jack nunca falara nisso. Combinaram-se de maneira a poderem restituir o anel.

“Depois da morte de Jack, três pessoas, G. C. e S apresentaram-se separadamente em casa do Capitão G. e lhe declararam que seu irmão falecido lhes tinha ficado a dever dinheiro. O Capitão G. pediu-lhes que lhe dessem provas por escrito.

“Entretanto, o Capitão G., não sabendo que quantias podiam ser devidas por seu irmão, pediu à sua mulher que fizesse uma sessão, na esperança de obter algumas informações a esse respeito.

“Quando Jack se manifestou, seu irmão lhe perguntou:

“-Ficaste devendo alguma coisa ao Senhor G.?

“-Sim

“-Quanto?

“-Trinta e cinco dólares.

“-Deves alguma coisa ao Senhor C.?

“-Sim.

“-Quanto?

“-Cinquenta dólares.

“-E ao Senhor S.?

“-Nada.

“-Entretanto, S. pretende que lhe deves dinheiro!

“- Não é exato. Eu lhe tomei emprestado 40 dólares e pouco depois lhe dei 50. Ele me pagou 7 dólares somente e me deve 3 dólares, por conseguinte.

“O recibo apresentado pelo Senhor G. era do valor de 35 dólares com efeito; o de C. de 50. Quanto a S., ele mostrou uma cautela de 40 dólares. Observando-lhe o capitão que Jack já tinha pago 50 dólares, o Senhor S. manifestou um mau estar evidente e respondeu que não tinha tomado em consideração aquela quantia, supondo que era um presente para sua irmã.

“Em outra ocasião, o capitão perguntou, por meio da mesa:

“- Jack, tens ainda outras dívidas?

“- Sim; devo a John Gr. 10 dólares por um par de calçado. (Nem o capitão, nem sua mulher tinham ouvido falar nesta dívida.)

“- E alguém te deve?

“- Sim; C. G. me deve 50 dólares.

O capitão indagou do Senhor G. se devia a seu irmão.

“- Sim - foi a resposta -, eu lhe devo 15 dólares.

“- Porém meu irmão lhe emprestou 50!

“- E verdade, mas eu lhe restituí o dinheiro por prestações e lhe sou devedor ainda de 15 dólares.

“- O senhor não tem os recibos?

“O Senhor C.G. prometeu procurá-los; mas finalmente se apresentou e pagou 50 dólares.

“Enfim, o Capitão G. dirigiu-se a casa de John Gr., sapateiro, o qual ainda não tinha apresentado conta.

Desejando tornar o mais completo possível a prova, fez a pergunta nos seguintes termos:

“- Ainda tenho uma conta a saldar, Senhor Gr.?

“- Não; o senhor me pagou tudo.

“O capitão fez gesto de partir; então o sapateiro replicou

“- Mas há uma pequena dívida por conta de seu irmão, o Senhor Jack.

“- De quê?

“- De um par de sapatos.

“- Quanto é isso?

“- Dez dólares.

“- Eis aqui seu dinheiro, Senhor Gr.

“Todos estes pormenores me foram fornecidos pelos próprios Senhor e Senhora G., durante uma visita que lhes fiz, em sua casa de campo, a 9 de Abril de 1865. Inscrevi tudo conforme suas palavras e reconstituí a narração com as notas que tomara no lugar; em seguida fiz a sua leitura ao Capitão G., que a verificou e deu a sua aprovação. Ele inseria em seu jornal todas as comunicações que obtinha e tudo quanto se lhes referia de qualquer maneira, o que o colocava em condições de fornecer-me dados absolutamente exatos. Os nomes de todas as pessoas, que designei por iniciais, me são conhecidos; se não estou autorizado a publicá-los, esta falta se explica pelos preconceitos da nossa sociedade.”

Em todos os casos que acabo de citar, trata-se apenas de uma simplificação de método para um gênero de manifestação de além-túmulo que se produziu em todos os tempos e cuja comparação se impõe aqui involuntariamente pela força da analogia; quero falar das mensagens por meio de revelação ou aparição, em sonho, ou de outra maneira, de fatos conhecidos unicamente pelo morto, começando pela revelação de uma dívida de três xelins e dez pente (veja-se Owen, “Footfalls”, página 294) para chegar à denúncia de um assassínio (veja-se o caso extraordinário de “White-Chaple murder” (“Spiritualist”, 1875, II, pág. 307.) Um fato semelhante ao que se deu com o testamento não encontrado do Barão Korff, é o célebre caso do recibo do Senhor de Harteville que não se tinha encontrado, descoberto pelas indicações recebidas por Swedenborg, em conseqüência das informações dadas pelo morto. J. H. Von Fichte, falando deste caso em suas “Memorabilia”, considera-o com razão um fenômeno eminentemente espirítico, e dá as razões disso.

Volto, porém, ao meu assunto; quero terminar esta rubrica pela narração de um fato que possuo de primeira fonte. Ele não pertence à categoria dos fatos que só são conhecidos pelo morto, mas aos que só podiam ser comunicados pelo morto, pois que se trata de um segredo político a respeito de um vivo, revelado pela amiga falecida desse vivo, no intuito de salvá-lo. Exporei esse caso com todos os pormenores que

conheço, pois que o considero não só como um dos mais concludentes em favor da hipótese espirítica, mas ainda como uma prova de identidade absoluta, tão absoluto quanto pode sê-lo uma prova desse gênero.

Meus leitores já conhecem minha parenta, a Senhora A. de W., que tomava parte em minhas sessões intimas, durante os anos de 1880-1883. A Senhora W. tem uma filha, a jovem Sofia, a qual, na época em que se faziam essas primeiras sessões, ainda estava no colégio; ela nunca assistira nem a essas nem a outras sessões, e nunca tinha lido coisa alguma referente ao Espiritismo; era tão ignorante neste assunto quanto sua própria mãe, que, além das nossas sessões, nunca se tinha ocupado com o assunto.

Em uma noite de Outubro de 1884, por ocasião da visita de um de seus parentes, a conversação veio cair sobre o Espiritismo e, para agradar a seu hóspede, essas senhoras tentaram uma experiência com a mesa. A tentativa foi pouco satisfatória: provou unicamente que as Sras. W. podiam obter um resultado.

No 1° de Janeiro de 1885, uma terça-feira, à noite, a Senhora W., achando-se só com sua filha, e desejando distraí-Ia das preocupações que a tornavam um pouco nervosa, propôs-lhe renovar a sua tentativa. Improvisou-se um alfabeto sobre uma folha de papel; um prato de pé com um risco preto como indicador serviu de prancheta e, logo após o começo da experiência, o nome “André” foi soletrado. Era muito natural, André era o nome próprio do marido falecido da Senhora W., pai da jovem Sofia.

A comunicação não foi além das banalidades, mas as Srs. W. decidiram, apesar disso, repetir as sessões uma vez por semana, todas as terças-feiras. Durante três semanas, o caráter das comunicações não se modificou; era sempre em nome de André que elas eram recebidas.

Na quarta terça-feira, a 22 de Janeiro, em vez do nome - André - foi o nome Schoura que foi soletrado com grande surpresa da Senhora W. Depois, por movimentos rápidos e precisos do indicador, a comunicação continuou assim:

- Estás no caso de salvar Nicolau!

- Que quer isso dizer? - perguntaram as duas senhoras admiradas.

- Ele está comprometido com Miguel e morrerá como este! um bando de vagabundos arrasta-o!

- E que é preciso fazer?

- Irás ao Instituto Tecnológico antes das 3 horas, mandarás chamar Nicolau e conferenciarás com ele no gabinete de sua casa.

Como todas estas instruções parecia dirigirem-se diretamente à jovem Sofia, ela respondeu que lhe seria difícil proceder de acordo com essas indicações, em vista das relações de simples polidez que tinham sua mãe e ela com a família de Nicolau. Mas a esta observação Schoura respondeu desdenhosamente:

- Absurdas idéias de conveniências!

- Mas de que maneira poderia eu influir sobre ele? - perguntou a jovem Sofia.

- Pela força da palavra; tu lhe falarás em meu nome.

-Quais são esses que te merecem o epíteto de vagabundos”? - perguntaram as Sras. W.

- O bando a que Nicolau está filiado.

- Não tens mais as mesmas convicções?

- Erro revoltante!...

Antes de continuar, devo explicar o sentido desta misteriosa comunicação. “Schoura” é o diminutivo russo de Alexandrina; é o nome de uma jovem prima de Nicolau e Miguel. Este último, muito moço, teve a desgraça de se deixar arrastar por nossos anarquistas ou niilistas na corrente revolucionária: ele foi preso, julgado e condenado à prisão em uma cidade afastada; tendo tentado evadir-se, foi morto. Schoura, que o estimava muito, partilhava de suas convicções e tendências e proclamava-o francamente. Depois da morte de Miguel, em Setembro de 1884, ela se sentiu muito desiludida em suas esperanças revolucionárias e envenenou-se, na idade de dezessete anos, a 15 de Janeiro de 1884, apenas uma semana antes da sessão de que se está tratando. Nicolau, o irmão mais moço de Miguel, era nessa ocasião estudante no Instituto Tecnológico.

A Senhora W. e sua filha conheciam todas as circunstâncias do drama que acabo de referir resumidamente, pois que tinham relações que datavam de muito tempo com os pais de Schoura e com os de seus primos, que pertencem, todos, à melhor sociedade de São Petersburgo. (Compreender-se-á a que

escrúpulos obedeço não dando os nomes dessas famílias, e o motivo pelo qual modifiquei os nomes próprios dos jovens.)

As relações entre as Sras. W. e as duas famílias estavam longe de ser íntima; essas pessoas encontravam-se, às vezes, raramente. Mais tarde me alongarei sobre outros pormenores, mas por ora continuo em minha narração.

Nem a Senhora W. nem sua filha sabiam coisa alguma, naturalmente, acerca das opiniões secretas e conduta de Nicolau. Por conseguinte, a comunicação era para elas, tão inesperada quanto importante: tal comunicação lhes impunha grande responsabilidade, e a posição da jovem Sofia era muito difícil. Executar à letra as instruções de Schoura, em sua situação de moça solteira, era simplesmente impossível, primeiro que tudo no ponto de vista das conveniências mundanas; e, depois, com que direito se teria ela envolvido, não estando intimamente ligada a essa família, em assuntos tão delicados? Além disso, tudo podia não ser exato, ou, ainda que o fosse, o fato seria muito simplesmente e muito provavelmente negado por Nicolau. Em que posição ficaria ela então? A Senhora W. sabia perfeitamente, pelas sessões nas quais tomara parte em minha casa, quão pouco se deve confiar nas comunicações espiríticas. Assim, tomou a resolução de aconselhar à filha que se certificasse antes de tudo da identidade de Schoura, o que foi aceito imediatamente, como um meio de resolver a dificuldade.

Na terça-feira seguinte, Schoura manifestou-se imediatamente, e a jovem Sofia pediu-lhe uma prova de sua personalidade. Schoura respondeu incontinente:

- Convida Nicolau, prepara uma sessão, e eu irei. Vê-se, por esta resposta, que Schoura, desprezando enquanto vivia todas as conveniências da sociedade, como é de uso entre os niilistas, exigia de novo uma coisa inadmissível; Nicolau nunca teria ido a casa da Senhora W. A frente dessa nova dificuldade, a jovem Sofia pediu à sua interlocutora uma outra prova de sua personalidade, sem a intervenção de Nicolau, e que esta prova fosse concludente.

- Eu te aparecerei! - respondeu Schoura.

- Como?

- Vê-lo-ás!

Alguns dias depois, a jovem Sofia, ao ir deitar-se - eram cerca de 4 horas da manhã, de volta de uma reunião dançante -, achava-se na porta que comunicava seu quarto de dormir com a sala de jantar, onde não havia mais luz, quando divisou na parede deste último aposento, defronte da porta, à entrada da qual ela se achava, um globo luminoso que parecia descansar em cima de ombros e que se conservou durante dois ou três segundos, e desapareceu em seguida, subindo para o teto. Aquilo não era decerto o reflexo de uma luz qualquer proveniente da rua; e a jovem Sofia convenceu-se disto imediatamente.

Na sessão seguinte, pediu-se a explicação daquela aparição, e Schoura respondeu:

- Eram os contornos de uma cabeça com ombros. Não pude aparecer mais distintamente, ainda estou fraca.

Se bem que muitos outros pormenores, que devo omitir aqui, tendessem a robustecer a convicção da jovem Sofia quanto à identidade de Schoura, ela não o dia, entretanto, decidir-se a proceder de acordo com a opinião dessa última, e propôs-lhe - como meio mais conveniente - dar parte de tudo isso aos país de Nicolau.

Esta proposta provocou por parte de Schoura um descontentamento muito pronunciado que se traduziu por movimentos bruscos do prato de pé (que servia como prancheta) e, depois, por esta declaração:

- Isso não dará resultado algum!...

Esta frase foi seguida por epítetos desdenhosos que é impossível traduzir aqui, aplicando-se todos a pessoas de um caráter fraco e indeciso, e que Schoura – dotada de caráter enérgico e decidido - não podia suportar; todos esses qualificativos, que não se encontram nos dicionários, eram com efeito as expressões características da linguagem de Schoura quando viva, como se verificou depois.

A uma pergunta relativa a seu pai, Schoura respondeu com impaciência:

- Não fales nele, não fales nele...

Como quer que seja, a jovem Sofia hesitava sempre, e, por sua vez, em cada uma das sessões seguintes, Schoura insistia cada vez mais, exigindo que a jovem Sofia agisse imediatamente. Aquela insistência tinha uma significação particular, como se soube mais tarde. A indecisão da jovem Sofia era atribuída por Schoura

à influência da Senhora W., para com a qual a interlocutora se mostrava, desde o começo das comunicações, de uma evidente má vontade: ela havia declarado, desde a primeira sessão, que só queria entender-se com a jovem Sofia, não permitindo à Senhora W. nenhuma pergunta, e, desde que esta última tentava intervir, ela a repreendia asperamente, dizendo-lhe:

- Cale-se! Cale-se!

Ela se dirigia à jovem Sofia em termos que revelavam uma viva ternura, cuja razão e origem saberemos mais adiante, e essas expressões eram ainda as que Schoura tinha o hábito de empregar.

Quais não foram a surpresa e a consternação destas senhoras, quando, na sessão de 26 de Fevereiro, a comunicação começou assim:

- E' muito tarde; tu te arrependerás disso amargamente, e os remorsos de tua consciência te perseguirão. Conta com o seu juízo.

Foram as últimas palavras de Schoura; em seguida, ela se calou completamente. Tentaram ainda uma sessão na terça-feira seguinte, porém sem resultado. Desde então as sessões da Senhora W. e de sua filha foram definitivamente abandonadas.

Enquanto duravam essas sessões, a Senhora W. me ia tornando ciente de tudo quanto se passava, consultando-me acerca do que era preciso fazer em presença das exigências extraordinárias de Schoura. Algum tempo depois de cessarem as comunicações e para tranqüilizar sua filha, a Senhora W. resolveu dar parte desse episódio aos pais de Nicolau.

Estes não tomaram precaução a tal respeito: sendo a conduta do moço irrepreensível, a família estava absolutamente tranqüila nesse ponto. (E' importante consignar que essas revelações espíritas foram levadas ao conhecimento dos pais muito antes do desenlace fatal desta história.)

Quanto à jovem Sofia, como durante todo o ano tudo se passasse regularmente, convenceu-se de que as comunicações de Schoura não tinham passado de mentiras, e prometeu a si mesma nunca mais se ocupar de Espiritismo.

Um ano ainda decorreu sem incidente: mas, a 9 de Março de 1887, a policia secreta fez subitamente uma busca em casa de Nicolau; ele foi preso em seu domicílio e conduzido em 24 horas para longe de São Petersburgo. Conforme se soube mais tarde, seu crime tinha sido ter tomado parte em reuniões niilistas que se tinham feito nos meses de Janeiro e de Fevereiro de 1885, isto é, precisamente durante os dois meses em que Schoura tinha insistido tanto para que se dessem imediatamente as passadas que deviam impedir a co-participação de Nicolau naquelas reuniões.

Foi então que as comunicações de Schoura foram apreciadas em seu justo valor; as notas tomadas pela Senhora W. foram lidas e relidas pelos pais de Schoura e de Nicolau; a identidade de sua personalidade em toda esta manifestação foi reconhecida como incontestável, tanto pelo fato capital que se referia a Nicolau e por outras particularidades da vida intima, quanto por todo o conjunto dos traços particulares que a. caracterizavam. Esse triste acontecimento caiu sobre a família de Nicolau como um raio, e ela agradeceu a Deus, porque as loucuras do moço não tiveram conseqüências mais funestas ainda.

Para a apreciação crítica deste caso é extremamente importante precisar as relações que existiam entre a jovem Sofia e Schoura. Pedi às Sras. W. o obséquio de me darem a esse respeito, por escrito (do mesmo modo que para tudo o que precede), uma memória tão completa quanto possível, e eis o que soube:

Em 1880, no mês de Dezembro, perto do Natal, a Senhora W. e sua filha tinham ido visitar o avô de Schoura; foi então que a jovem Sofia a viu pela primeira vez; Schoura era mais moça que a jovem W., que tinha então treze anos. A jovem Sofia ficou muito admirada vendo a mesa de Schoura cheia de livros; eram, conforme dizia esta última, seus melhores amigos; ela apreciava apaixonadamente os livros de História e maravilhou a jovem Sofia por sua memória, pois que lhe citava sem dificuldade passagens inteiras de seus autores favoritos. Naturalmente a jovem Sofia não pôde recordar-se de todos os pormenores de sua conversação no decurso daquela, entrevista, que foi - insisto neste ponto - a primeira e única, no verdadeiro sentido desta palavra. A jovem Sofia recorda-se somente da impressão favorável que lhe produziram o desenvolvimento precoce e os gostos sérios de sua jovem amiga; mas, apesar desse desenvolvimento prematuro, Schoura não manifestava então a menor tendência a ocupar-se da política ou do movimento niilista: tinha, pelo contrário, caráter alegre e descuidado. Foi só muito mais tarde, depois do episódio de 9 de

Março, que a jovem Sofia soube que Schoura lhe tinha votado a mais viva simpatia - sentimento desperto provavelmente pelas disposições afetuosas que lhe tinha testemunhado. Daí, essa expressão de carícia empregada nas comunicações.

As duas meninas, freqüentando o mesmo colégio, viram-se no decurso daquele inverno algumas vezes, de longe, na sala de recreio; mas, em breve Schoura foi para outro colégio, de maneira que mesmo esses encontros fugitivos não mais se reproduziram. Dois anos depois, durante o estio de 1882, elas se encontraram uma vez em uma casa amiga, no campo, mas não se falaram. E, dois anos depois ainda, em Outubro de 1884, elas se reviram de longe, no teatro; foi três meses antes da morte de Schoura.

As relações dessas duas meninas resumem-se, pois, propriamente falando, em uma só e única entrevista, de duração de uma ou duas horas talvez, na idade respectiva de doze e de treze anos, e isso, quatro anos antes da morte de Schoura. Quanto à Senhora W., ela não teve sequer o proveito de semelhante entrevista com Schoura, pois que as duas meninas se tinham retirado para o aposento de Schoura, enquanto ela tinha ficado com os pais, e, além daquela ocasião, ela não na viu mais freqüentemente que sua filha. Vê-se, pelo que fica exposto, que as relações destas senhoras com Schoura tinham sido muito espaçadas e que, por conseguinte, elas nada podiam saber de seus segredos políticos; foi só depois de sua morte que elas souberam o que eu referi no começo desta narração.

Em minha opinião o caso que acabo de expor reúne todos os dados necessários para fazer que se destruam todas as hipóteses, a não ser a hipótese espirítica.

Examinemo-lo de mais perto, no ponto de vista das hipóteses naturais e do método indicado pelo Senhor Hartmann.

Este caso, por sua simplicidade, oferece a críticas facilidades excepcionais. Temos que examinar o jogo das forças inconscientes em três agentes somente, cujo principal, Nicolau - objeto especial da comunicação - está ausente, nunca assistiu às sessões das Sras. W a nunca entrou em sua casa, e até ignora, como toda a família dele, a existência daquelas sessões.

A primeira fonte do saber mediúnico, segundo o Senhor Hartmann, é a hipótese da memória. Ela é aqui absolutamente inadmissível, pois que os segredos políticos são bem guardados: o silêncio dos agentes revolucionários é proverbial. Não só as Sras. W., cujas relações com a família de Nicolau não passaram de relações de civilidade, como também os próprios pais de Nicolau não suspeitavam de maneira alguma das relações do moço com os chefes niilistas. E entretanto vigiaram-no atentamente, como se pode imaginar, depois da perda dolorosa do primeiro filho, Miguel.

Passemos pois à segunda fonte “a transmissão de pensamentos.” Dos quatro casos possíveis, mencionados pelo Senhor Hartmann, é claro que é preciso pôr fora de questão os três primeiros:

1 - Percepção voluntária com transmissão igualmente voluntária.

2 - Percepção voluntária de um lado, sem o desejo de transmiti-Ia do outro lado.

3 - Percepção espontânea com transmissão desejada.

De uma parte, as Sras. W- não tinham desejo algum de perceber; da outra, Nicolau não podia ter o desejo de operar a transmissão. Fica pois só, logicamente posa quarta suposição, a mais difícil de admitir.

4 – Percepção espontânea, fora de uma vontade que determinasse a sua transmissão (“Spiritismus”)

E, preciso observar explicações possíveis, propostas pelo Senhor Hartmann, aplicam-se somente a comunicações mediúnicas, obtidas na presença das pessoas às quais essas comunicações se dirigem, e que, por conseguinte, estas quatro possibilidades não são, como princípio, aplicáveis ao caso que nos ocupa; aqui essa transmissão de pensamento só se teria podido efetuar a distância; porém, nós sabemos: 1° que os pensamentos abstratos não podem, como tais, ser transmitidos à distância”, e 2° - que “todas as transmissões à distância consistem em imagens alucinatórias”, o que não tem nada de comum com o nosso caso. Por conseguinte, mesmo fazendo todas as concessões sobre a questão de distância, o caso considerado não pode ser explicado por nenhuma dessas quatro suposições.

Senhor Hartmann não pôde citar um único exemplo de transmissão de pensamento abstrato a grande distância, mesmo quando há desejo de obtê-lo; para que a coisa seja em geral possível, é preciso, diz ele, antes de tudo, que haja uma relação simpática entre o agente e o percipiente, como entre um magnetizador e um sonâmbulo. Ele diz categoricamente: "As pessoas entre as quais não existe relação alguma psíquica não pode conseguir a transmissão de pensamentos a grande distância." E da mesma maneira, para as transmissões de pensamentos a grande distância, que se produzem fora de toda a vontade consciente (por exemplo, quando um homem adormecido transmite seus sonhos a uma pessoa afastada, quer adormecida, quer no estado de vigília) - é sempre a "relação psíquica" que serve de base ao fenômeno. "Com o desaparecimento do sentimento determinante (nostalgia, amor), há geralmente desaparecimento da inconsciente vontade de transmitir pensamentos." Aqui, porém, nós o sabemos, não houve relação psíquica: muito pelo contrário, o motivo determinante agiria antes no sentido oposto, isto é, levaria o agente a ocultar suas ações e convicções políticas a todas as pessoas. Não se pode nem compreender nem admitir que as partes médias do cérebro, onde reside à consciência sonambúlica, se tornem repentinamente denunciantes inconscientes dos segredos da consciência em estado de vigília.

Então, admitindo-se mesmo que as "idéias abstratas", que formam o fundo das comunicações de Schoura, tenham podido ser implantadas "mesmo à distância", "ainda mesmo sem o desejo de transmiti-las", a base essencial, a relação psíquica e o motivo determinante faltam completamente de uma e de outra parte.

As hipóteses de transmissão de pensamentos são pois insuficientes.

Mas os fatos do animismo vão mais longe que as hipóteses do Senhor Hartmann. Eles nos provam que a transmissão de pensamentos pode efetuar-se a grande distância, sem revestir o caráter alucinatório, porém, conservando todas as formas da linguagem. Entretanto, para as manifestações deste gênero, a relação e o motivo determinante são necessários, por conseguinte, a dificuldade subsiste. Além disso, o caráter distintivo das transmissões a distância, operadas pelos vivos, é que elas conservam plenamente seu caráter pessoal: fazem-se sempre em nome daquele que fala, nunca emanam de uma pessoa estranha nem personificam esse estranho.

Por conseguinte, o caso de Schoura não pode ser classificado entre as manifestações anímicas, nem pela forma, nem, ainda menos, pelo conteúdo. Determo-nos por mais tempo nesta hipótese, equivaleria em cair no absurdo.

Resta, como supremo recurso, a clarividência. O primeiro grau de clarividência "produzido por uma percepção sensorial qualquer" ou "por uma percepção sensitiva de gênero especial" ("Spiritismus"), pág. 74-76), não pode, evidentemente, aplicar-se ao nosso caso. Só resta por conseguinte admitir a clarividência pura que, segundo o Senhor Hartmann, é a faculdade do saber absoluto, isto é, do saber independente do espaço e do tempo." E, uma vez admitido esse fato, "qualquer auxilio vindo do exterior, da parte de um intermediário qualquer, torna-se supérfluo, e, com mais razão, o que se atribui às almas dos mortos". E ainda esta faculdade transcendente da alma deve ter, como tudo na Natureza, suas condições e modos de manifestação. O Senhor Hartmann no-los indica: é sempre "o interesse intenso da vontade" e "a imagem alucinatória". ("Spiritismus", págs. 78-79.) Eis aí os dois atributos essenciais da clarividência, - nada há de igual em nosso caso.

Efetivamente, o clarividente vê; é este o traço especial, característico desta faculdade transcendente, a qual tem, além disso, diversos graus de lucidez e está subordinada ao entorpecimento mais ou menos completo dos sentidos exteriores. Não se pode, pois, racionalmente, apelar para esse gênero de explicação quando o médium nada vê absolutamente, quando não há imagem alguma alucinatória, quando ele se acha às vezes em seu estado normal completo, ocupado em escrever, em indicar as letras do alfabeto, quando é ele próprio quem dirige a conversação; na verdade não se poderia razoavelmente sustentar que é uma conversação com o Absoluto, ou seja, com Deus!!! Quando "André" se manifestava, seria uma operação inconsciente da consciência sonambúlica; quando, na terça-feira seguinte, era Schoura quem se manifestava e fazia suas revelações, seria um acesso de clarividência, de "saber absoluto", uma "relação telefônica no Absoluto", entre a jovem Sofia e Nicolau, estabelecida no intuito de tornar possível "a relação psíquica

inconsciente entre eles, sem o auxílio direto dos sentidos" ("Spiritismus", pág. 79), se bem que, de uma e de outra parte, não houvesse o mínimo desejo de uma "comunhão psíquica".

E isto em cada terça-feira, durante muitas semanas; depois, cessação completa, apesar do desejo de continuar as sessões. Porque isso? E' precisa aqui uma razão adequada.

Enfim essa incrível contradição interior: uma mentira flagrante proferida pelo saber absoluto! O Senhor Hartmann disse-nos que "a clarividência distingue-se da leitura dos pensamentos pelo fato de não ser mais o conteúdo de uma consciência estranha que é percebido, mas fenômenos, reais objetivos, como tais, sem o auxilio normal dos órgãos dos sentidos.

Eis, pois, a jovem Sofia tornada subitamente clarividente, percebendo os segredos políticos de Nicolau e os perigos que o ameaçam, porém não tendo percebido que Schoura não existe e que, por conseguinte, suas afirmações de personalidade não passam de uma mentira, uma usurpação, uma comédia inteiramente fora de tempo. O saber absoluto não tinha necessidade alguma, para atingir seu alvo, de recorrer à fraude, de disfarçar-se em uma personalidade que era para ele uma não existência absoluta. Esse disfarce era, pois, para ele, uma impossibilidade metafísica. Conforme o disse, perfeitamente bem, o próprio Senhor Hartmann, "o saber absoluto não tem necessidade de um auxílio proveniente de um intermediário qualquer, e, com muito mais razão, da parte das almas dos mortos".

Os fenômenos que examinamos não podem pois ser atribuídos a um efeito de clarividência.

Assim, eu o disse, as hipóteses "naturais" são pois impotentes para explicar as comunicações de Schoura. Ao contrário, a hipótese espirítica pode, aqui, fazer em face de todas as dificuldades; ela é tão simples quanto racional.

Que coisa mais natural, com efeito, que Schoura, - tendo reconhecido, depois da morte, o erro de que tinha sido vítima, do mesmo modo que Miguel e muitos outros, e sabendo que Nicolau se deixava seduzir, talvez por suas próprias instigações, para o mesmo caminho (o que ninguém em sua família, a exceção dela que era a depositária dos planos e dos segredos de Miguel, podia saber) -, se tenha aproveitado da primeira ocasião que se oferecia de salvar seu amigo de uma sedução que lhe devia ser fatal. Aqui "interesse intenso da vontade" e o "sentimento determinante" são evidentes.

A simpatia que ela havia sentido pela jovem Sofia, desde sua primeira e única entrevista, eis a "relação psíquica" que a tinha atraído para ela para torná-la um instrumento de comunicação. Tudo neste caso, corresponde ao critério de personalidade que estabelecemos mais acima. (Comunicação de fatos que somente o morto podia fazer; traços distintivos do caráter, tais como desprezo das conveniências sociais, simpatias individuais, expressões particulares da linguagem, etc.). E por isso que, até à prova do contrário, considero este fato como verdadeiro caso espirítico, estabelecido sobre a base do "conteúdo intelectual das manifestações", como o exige o Senhor Hartmann.

VI. - Identidade da personalidade verificada por comunicações que não são espontâneas, como as que precedem, mas provocadas por apelos diretos ao morto e recebidas na ausência de pessoas que conheciam esse último.

A existência dos fenômenos desta categoria é uma necessidade lógica derivada do que procede. Sendo admitido que se produzem casos de comunicações espontâneas, é preciso admitir que as comunicações provocadas são igualmente possíveis e deveriam ser tanto mais concludentes. Mas, para que a resposta obtida adquira esse caráter comprobatório, é preciso que se tenha produzido na ausência das pessoas que conheceram o morto e que o evocam, a fim de que a hipótese da transmissão e da leitura dos pensamentos seja completamente banida.

Para chegar a esse resultado, é indispensável que a pergunta seja formulada por uma pessoa que não conheceu o morto, ou antes, escrita por uma pessoa ausente, dentro de um sobrescrito cuidadosamente

fechado, que tornasse a sua leitura impossível pelos meios ordinários. Preencher a primeira dessas condições é coisa muito menos simples e menos fácil que parece à primeira vista, pela razão de que - como o veremos mais tarde - a mensagem desejada não pode ser obtida em qualquer momento desejado, e também porque essa pessoa estranha não ofereceria espécie alguma de laço entre o vivo e o morto, quando é certo que é necessário existir uma relação entre eles.

O único meio prático que nos resta é, por conseguinte, recorrer para a carta lacrada; por isso esta experiência foi posta em prática desde muito tempo. Mas os médiuns capazes de provocar essas manifestações são raríssimos. Mais atrás citei o exemplo de uma resposta dada a uma carta fechada, dirigida ao médium, o Senhor Flint. Outro médium, o Senhor Mansfield, adquiriu nomeada especial para esta categoria de fenômenos; porém, a despeito de todas as precauções imagináveis tomadas no intuito de se certificarem de que as cartas não podiam ser lidas pelo médium, a dúvida, sempre possível, subsistiu apesar disso. Que coisa mais simples, dizia comigo mesmo, do que reduzir a nada todas as suspeitas, estabelecendo uma observação direta? E dizer que ninguém se tinha preocupado com isso! Ainda mesmo que só se tratasse de um simples (!) fenômeno de clarividência, não valeria a pena estudar-se o fato de maneira mais séria? Pode-se encontrar, para estabelecer a realidade desse fenômeno, iam meio mais simples, um método mais objetivo?

Estou muito satisfeito por ter descoberto esse observador, e poder, por conseguinte, falar desta categoria de comunicações. De outro modo, eu não teria criado esta rubrica.

Quando o digno Senhor N. B. Wolfe começou a estudar os fenômenos espiríticos, dedicou uma atenção toda especial ao Senhor Mansfield, e, com o fim de certificar-se melhor de suas faculdades mediúnicas particulares, instalou-se na casa deste último e observou-o de perto durante muitos meses. Eis o que lemos, a esse respeito, em sua obra “Startling Facts in Modern Spiritualism” (Fatos admiráveis no domínio do Espiritualismo moderno):

“Essa faculdade desconhecida de responder a uma carta, sem saber uma única palavra do que ela contém, tinha para mim o atrativo de uma coisa nova. Sucedia que o Senhor Mansfield e eu íamos juntamente ao Correio procurar o carteiro. Ele levava as minhas cartas,, eu as suas. Dessa maneira eu era o primeiro a ter em mãos as cartas dirigidas ao “fator espírita”. As cartas que eu ia levar quase nunca as perdia de vista, até o momento em que eram depositadas no Correio para serem reconduzidas aos expedidores, com as respostas respectivas. As pessoas que se dirigiam ao Senhor Mansfield, com esses pedidos, tomavam evidentemente todas sa precauções contra qualquer fraude e tomavam cautelas para que suas cartas não pudessem ser abertas e lidas pelo destinatário (como o prova o emprego da cola, da pintura, do verniz e do lacre, até das costuras à máquina). Não pude descobrir nada que justificasse, nem de leve, a suposição de uma fraude; é certo, entretanto, que eu estava bem colocado para isso.

“Seria, suponho, de interesse geral saber como o Senhor Mansfield se havia para responder às cartas lacradas:

Enquanto ele está sentado diante de sua mesa de escrever, coloco abaixo de seus olhos uma meia dúzia de cartas, vindas, a julgar pelos selou do Correio, de diversas partes dos Estados Unidos. Os invólucros exteriores são rasgados e lançados na cesta: ele tem diante de si todas essas cartas bem lacradas, sem menção alguma nem qualquer sinal que lhe posa dar a chave quanto aos seus autores ou quanto ao morto ao qual são dirigidas. Ele passa a extremidade dos dedos, geralmente da mão esquerda, sobre essas cartas, e em seguida as toca ligeiramente, e com tanto cuidado quanto teria se reunisse pó de ouro, grão a grão. Passa assim em revista todas as cartas, uma após outra. Se não há resposta, ele as tranca em uma gaveta. Meia hora depois ou mais, renova suas tentativas para obter uma resposta. As cartas são colocadas de novo diante dele; toca-as ainda uma vez com a extremidade dos dedos, passando de uma a outra como uma abelha que vai de flor em flor, recolhendo mel. Vira-as e revira-as, apalpando os invólucros. A cola, a pintura ou o lacre destruíram geralmente toda a virtude magnética da carta, mas o médium acaba por descobri-Ia, e sua mão esquerda contrai-se convulsivamente. E' um sinal de bom êxito: isso quer dizer que a personalidade evocada na carta, e que produziu essa sensação estranhe. na mão do médium, está ai presente, prestes a ditar sua resposta. As outras cartas são postas de lado), e esta fica só, diante do médium, que colocou em cima dela o index da mão esquerda. Ao alcance da mão, ele preparou longas tiras de papel branco e um lápis. Toma o lápis na mão

direita e fica à espera. O interesse principal é dirigido sobre o index de sua mão esquerda, que toca na carta e começa por dar-lhe pequenas pancadas, semelhantes a que dá a chave de um aparelho telegráfico. Ao mesmo tempo, a mão direita começa a escrever, continuando assim, sem interrupção, até o fim da comunicação. Vi-o encher assim até doze tiras de papel, com escrita miúda, no decurso de uma só sessão; porém, na média, o número de tiras empregadas em uma sessão elevava-se a três ou quatro. A escrita é feita rapidamente, e o estilo das comunicações é tão variado quanto na vida ordinária.

"Desde que está terminada a escrita, a mão esquerda, que se conservou convulsivamente fechada até então, abre-se, e a força deixa de agir, mas por alguns instantes somente, pois que ela volta imediatamente para pôr o endereço do destinatário sobre o invólucro. Introduz-se sem demora a carta, assim como a resposta, no invólucro, e tudo é prontamente expedido pelo Correio. Observei esse modo de proceder cerca de mil vezes, do princípio ao fim." (Págs. 43-45.)

No ponto de vista do Senhor Hartmann, este fato não passaria de um efeito da clarividência. A carta lacrada seria pois o "intermediário sensorial" que estabelece a relação entre o médium clarividente e o autor, vivo, da carta. E certamente não seria fácil nos prevalecermos deste argumento enquanto não soubermos, até suas particularidades mínimas, qual foi o modo de operação e quais seus resultados. E' desnecessário dizer que uma certa "relação" devia ter existido, mas será ela semelhante a que se estabelece nos fenômenos da clarividência? Eis o ponto a resolver. Se, no caso que precede, tivesse havido clarividência, o Senhor Mansfield deveria ter-se achado nesse estado antes da experiência, ou antes, deveria ter esperado que sobreviesse esse estado, pois que o fato não se dá por ordem de alguém; somente então teria podido achar-se em condições de dar respostas sucessivamente a todas as cartas. No entanto, não verificamos alteração alguma manifesta no estado psíquico do Senhor Mansfield: sua mão está sempre pronta para escrever, como um instrumento dócil; mas ele deve esperar que ela caia sob a influência de tal ou qual carta. Pudemos verificar que não responde sempre, nem a todas as cartas, em sua ordem sucessiva, porém somente às que dão um sinal anunciando a presença da personalidade reclamada. Por conseguinte, esta faculdade especial de receptividade é constante nele, somente não é ele quem a dirige à vontade, é uma influência estranha que dispõe dela e a domina, e esta influência pode faltar, segundo a ocorrência.

Protesto contra o abuso que as teorias antiespiríticas fazem da faculdade 'de clarividência, desde que se lhes depara uma dificuldade que não podem superar. A clarividência ë a essência das faculdades psíquicas do homem; só mui raramente ela se manifesta, e está subordinada a causas e a condições determinadas; tem seus modos próprios de manifestar-se, e, antes de tudo - assim como o afirma o próprio Senhor Hartmann - ela deve ter o caráter da alucinação visual; demais, a clarividência manifesta-se geralmente enquanto os sentidos exteriores do médium estão entorpecidos, e seus acessos são de curta duração. No presente caso, pelo contrário, o médium escreve todos os dias, acha-se em perfeito estado de vigília. Por qual motivo pretenderíamos que ele se acharia em estado permanente de clarividência, sem que tivesse havido para isso motivo psíquico? Seria uma licença filosófica absolutamente injustificável.

Vamos fazer o exame do fenômeno que nos ocupa, partindo do ponto de vista do Senhor Hartmann.

Eis como as coisas deveriam então se passar:

O Senhor Mansfield apalpa com os dedos uma carta lacrada, a qual reage sobre sua "emotividade sensitiva" (sensitives Gefühl).

A "consciência sonambúlica latente" deve, antes de tudo, tornar-se clarividente, a fim de poder conhecer o conteúdo da carta. Se a resposta, escrita pela mão do Senhor Mansfield, não fosse mais do que uma perífrase da carta lacrada, ainda que fosse munida com a assinatura do morto ao qual é dirigida, a explicação não apresentaria dificuldade alguma, e a hipótese da clarividência seria perfeitamente aplicável, pois que nada mais haveria a fazer que atribuir os diversos efeitos produzidos a tal carta ou a tal outra. Seria a "razão suficiente".

Mas desde que a carta contém questões precisas, referentes ao morto, por que meio as respostas podem ser obtidas? Aqui. as coisas se complicam consideravelmente, porque o médium deve pôr-se em relação com o autor da carta, a fim de tirar em sua consciência normal e latente os pormenores necessários a respeito do morto, pois que esse só existe na memória dos vivos.

O problema apresenta, desde então, uma experiência de clarividência combinada com uma leitura de pensamentos a distância. Como se passaria isso. E' preciso admitir que a carta que o Senhor Mansfield segura na mão lhe servirá de “intermediário sensorial” para estabelecer uma relação entre ele e o autor da carta. Mas que resultado essa relação poderia dar? Suponhamos que o Senhor Mansfield está em estado de sonambulismo completo. Sucederia isto, como a experiência no-lo ensina e assim como o Senhor Hartmann o diz textualmente:

“Quando um sonâmbulo é posto em relação com uma pessoa que lhe é totalmente estranha, quer por meio de contacto direto com ela, quer por intermédio de um magnetizador, quer pelo contacto de um objeto que está impregnado pela atmosfera (aura) individual dessa pessoa, ele forma desta última uma idéia geral, e uma imagem mais ou menos imperfeita, vaga e inexata, porém não completamente dessemelhante, de seu caráter, de seus sentimentos e de seu humor, naquele momento preciso, e às vezes mesmo pensamentos (representações) que existem nele nesse mesmo momento.” (“Der Spiritismus”, Pág - 96.)

Por conseguinte, a carta que o Senhor Mansfield guarde na mão não pode servir para outra coisa mais do que para pô-lo em relação com os sentimentos e pensamentos que existem no autor da carta, no mesmo momento em que esse contacto se produz. Esses sentimentos e pensamentos podem nada ter de comum com o texto da carta, escrita muitos dias antes.

Perguntamos a nós mesmos de que maneira a consciência sonambúlica do Senhor Mansfield conseguiu isolar. no labirinto das idéias que passam pela consciência sonambúlica do autor da carta, as informações de que precisa. Nessa multidão de idéias ou de imagens que estão acomodadas ali, e que se referem às pessoas mortas e vivas que o escritor conheceu ou conhece ainda, como procederia ao médium para reconhecer as que se referem precisamente ao morto a quem diz respeito à carta? Não há nada que possa guiá-lo nesse esforço. Essas relações não existem mesmo para ele:

Admitamos mesmo, com o Senhor Du Prel, que “a leitura dos pensamentos não fica limitada às imagens que atualmente estão na presença da consciência sonambúlica, porém se estende igualmente ao conteúdo da memória latente”; poderemos responder, com o Senhor Hartmann, que se apresenta aí uma grave dificuldade, a de saber por que processo se poderia fazer a seleção das recordações que têm um certo valor e um certo encadeamento, nessa miscelânea confusa de imagens conservadas na consciência sonambúlica, e aí coexistindo, umas importantes, outras sem valor.” (“Der Spiritismus”, página 74.)

Essa dificuldade refere-se especialmente às recordações referentes a uma pessoa viva. A mesma dificuldade de seleção subsistiria para o caso em que as recordações tivessem relação com a vida de um morto.

Admitamos que essas dificuldades tenham sido superadas, e que a leitura dos pensamentos, com o auxílio da clarividência, tenha finalmente encontrado na memória normal ou latente do vivo - se bem que este esteja longe do médium - todos os elementos necessários para formular, em nome do morto interrogado, a resposta desejada, compreendendo todos os pormenores pedidos, pormenores que a pessoa viva reconhece como exatos. Mas, eis uma nova complicação: encontramos na resposta das particularidades que o interrogador vivo não tinha perguntado, que não se conclui do conteúdo de suas cartas, e cuja exatidão ele não pode atestar pela simples razão de que não as conhece. Somos levados a verificar essas particularidades dirigindo-nos a terceiras pessoas, que tinham conhecido o morto. Qual é o processo psíquico que teria permitido ao médium obter tal resposta? E preciso ainda uma vez recorrer à clarividência, esse Deus ex machina do Psiquismo, que teria posto o médium em relação com o Absoluto, com “a onisciência do Espírito absoluto”?

Não esqueçamos, entretanto, que a clarividência obedece a certas leis e que essa comunicação com o Absoluto não pode efetuar-se de outra maneira a não ser sobre o terreno das relações, que existe, exclusivamente, entre duas pessoas vivas, que se conhecem, ao passo que aqui o médium não conhece nem a pessoa viva que evoca o morto nem seus amigos; quanto à personagem principal, o morto, não existe: é igual a zero. Por conseguinte, o terreno que deve servir de base à clarividência lhe falta inteiramente.

Além disso, se quisermos levar em conta as leis formuladas pelo Senhor Hartmann, a saber que “as idéias abstratas não podem transmitir-se, como tal, a distancia”, que uma clarividência pura só se manifesta sob uma forma alucinatória, que o motivo de toda a clarividência reside “em um intenso interesse da

vontade",se levarmos em consideração que a operação psíquica em questão se produz enquanto "a consciência sonambúlica percipiente do médium é dominada pelo estado de vigília da consciência normal" - condição sob a qual a leitura dos pensamentos e a clarividência se efetuam mais dificilmente - então seremos coagidos a concluir que essas hipóteses não podem explicar todos os fatos expostos sob esta rubrica.

Para não ampliar aqui o número de exemplos - eles abundam no "Banner of Light", de Boston -, envio o leitor a esse mesmo livro do Doutor Wolfe, que ali cita, de maneira circunstanciada, experiências verdadeiramente notáveis, nas quais ele obtinha respostas a suas cartas. O valor dessas experiências é atenuado, sem dúvida, debaixo de certo ponto de vista, pelo fato de sua presença. Não obstante, as respostas às cartas se fizeram esperar, até o momento em que a influência invocada pôde manifestar-se. De um outro lado, essas experiências merecem uma atenção tanto maior, por isso que foram feitas em condições que excluíam toda a possibilidade de fraude, como se poderá julgar conforme o extrato seguinte que fazemos da obra do Senhor Wolfe, onde ele se refere às experiências que fez com o Senhor Mansfield:

"Em dado momento, eu tinha entre mãos cerca de vinte e cinco cartas, todas prontas para serem submetidas às manifestações do Senhor Mansfield. Eu as levava comigo; estavam encerradas em invólucros de couro, que não continham inscrição alguma. Sendo esses invólucros absolutamente semelhantes quanto ao formato e à cor e não sendo marcados com sinal algum, eu não podia distingui-la uma das outras. Quando a ocasião era favorável, isto é, quando o médium não estava muito esgotado pelas fadigas do dia e quando podia dispor livremente de seu tempo, eu colocava defronte dele todo o maço de cartas, com o fim de verificar se uma das vinte e cinco personalidades, às quais as cartas eram dirigidas, se acharia presente e poderia efetuar a escrita mediúnica. Nessas condições era muito raro que os esforços feitos para provocar pelo menos a resposta de uma ou de outra personalidade, não fossem seguidos de resultado algum. O Senhor Mansfield passava a mão sobre as cartas, tomava uma delas, como já ficou dito, e procedia às manobras necessárias para obter a resposta. Acentuo este fato: nunca, em minhas experiências, o médium deixou de obter o nome exato da personalidade a quem se dirigia, e, em seguida, uma comunicação da dita pessoa, ou a exposição do motivo pelo qual a resposta pedida não podia ser comunicada. A mensagem dava testemunho sempre de um perfeito conhecimento de causa e provava que seu autor era muito familiar com todas as circunstâncias, pessoas e datas. As respostas eram às vezes surpreendentes; não eram somente precisas e exatas, mas continham também novos pensamentos, novos fatos, novos nomes acompanhados de pormenores e de datas novas. Dizendo novos, quero dizer que as informações recebidas não poderiam, de maneira alguma, ser tiradas do conteúdo da carta, ainda mesmo que ela tivesse sido submetida aberta ao exame do escrutador mais meticuloso."

O reverendo Samuel Watson cita em seu livro "The Clock struck one" (O relógio deu 1 hora) (Nova Iorque, 1872) grande número de comunicações que recebeu em resposta a suas cartas, por intermédio do Senhor Mansfield.

Elas foram escritas também em sua presença, mas este inconveniente - no ponto de vista de nossa crítica - é compensado pelo fato de as respostas conterem freqüentemente pormenores biográficos que o Senhor Watson desconhecia; sucedia também serem dadas essas respostas, não por aqueles aos quais as perguntas eram dirigidas, mas por outras pessoas que o Senhor Watson tinha conhecido, e mesmo por pessoas que lhe eram desconhecidas, mas que o morto conhecera. (Veja-se a continuação dessa mesma obra: "The Clock struck three" (O relógio deu 3 horas), (Chicago, 1874, págs. 79-85.).

Estou longe de afirmar, bem entendido, que todas as respostas dadas pelo Senhor Mansfield às cartas lacradas sejam de origem espirítica. E preciso saber atender a todas as explicações - compreendendo nesse número o processo fraudulento - propostas para tal ou qual caso, segundo as circunstâncias. Quero dizer somente que certos fatos apresentam, em minha opinião, todas as condições requeridas, para que se lhes procure a causa eficiente fora do animismo.

Como corolário desta categoria de fenômenos, há as respostas a perguntas que não são submetidas à percepção sensorial do médium, com a complicação de serem as respostas obtidas por via de escrita direta. Nesses exemplos encontramos sempre a mesma particularidade o médium não responde, indiferentemente, a todas as perguntas, porém apenas àquelas cuja influência ele experimenta; e, além disso, verificamos esta particularidade importante: o médium nem sequer toca no papel onde a pergunta está escrita.

O Senhor Colby, diretor do “Banner of Light”, relata, como se segue, uma sessão com o Senhor Watkins (número de 9 de Março de 1889):

“Muito recentemente tivemos uma segunda sessão com o Senhor Watkins; levamos para o local das sessões as nossas ardósias, que se fechavam por meio de charneiras. Éramos três. Quando nos colocamos à mesa, o Senhor Watkins pediu-nos que escrevêssemos em tiras de papel os nomes de alguns de nossos amigos mortos. Escrevemos cerca de vinte nomes, cada um sobre uma tira, de papel separada que enrolamos em seguida em forma de tubo, de maneira que não pudessem distinguir-se umas das outras por sua aparência. Em uma das tiras, tínhamos escrito o seguinte: “G. W. Morill, queres comunicar alguma coisa a teu amigo o Capitão Wilson, em Cleveland?”

“Enquanto eu designava os diversos rolos com um lápis, foi-me pedido pelo médium que tomasse um e o conservasse bem seguro na minha mão esquerda. O médium pediu-nos então que colocássemos nossas ardósias em cima da mesa. Em seguida, disse-nos que puséssemos as mãos em cima, enquanto que ele próprio apoiava os dedos sobre a outra extremidade da ardósia. No mesmo instante ouvimos o ranger do lápis, no espaço compreendido entre as duas ardósias, como se alguém escrevesse. Quando cessou o rangido, fomos convidados a abrir as ardósias. Na face interna da que estava em cima da mesa, havia a comunicação seguinte, escrita e assinada por mão vigorosa e ágil:

“Meu caro amigo, Capitão Wilson, em Cleveland:

Desejaria que ficasses convicto, ao ler estas linhas, de que a força que guiou o lápis foi realmente a minha, a de teu velho amigo; ao mesmo tempo, peço-te o obséquio de dizer a meu genro Wasson que sua mulher deseja comunicar-se com ele, que a menina há de adoecer muito gravemente, mas que não se deixe dominar pela tristeza se ela morrer, pois que minha filha guarda-la-á melhor que ele pode fazê-lo. Desta vez não te disse lá grande coisa, meu amigo, pelo motivo de minha filha estar tão impaciente por entrar em comunicação com seu marido e com Franck?

Geo. W. Morin

“De acordo com este pedido, demos parte da comunicação à Senhora Morill, a qual nos declarou que, para ela, não havia a menor dúvida de que a comunicação fora escrita, por seu marido: a escrita assemelhava-se muito à dele, e, ao demais, ele sempre tinha assinado “Geo. W. Morill”. Quanto à criança de que se trata, estava doente efetivamente, em sua casa, em Amesbury, e receava-se um desenlace fatal.”

Não pretendo fazer do exemplo que precede uma prova de identidade, pois que o Senhor Colby devia evidentemente ter conhecido o Senhor Morill e o Capitão Wilson, e, desde que ele estava presente à experiência, a comunicação transmitida poderia encontrar sua explicação, parte na clarividência, parte na leitura dos pensamentos; mas não percebo de que maneira, no meu modo de entender, a clarividência poderia explicar a primeira fase desta manifestação psíquica: a escolha e a leitura de um rolo determinado, tomado dentre os vinte, sem qualquer “mediação sensorial” - pois que o médium não tocava nos rolos.

Cito este exemplo, primeiro que tudo, por causa do método de experimentação que aí é aplicado, método que é suscetível de conduzir à prova absoluta, se tiver à cautela de rodear-se de precauções necessárias para ficar-se certo de que nenhuma relação pôde estabelecer-se e de que nenhuma sugestão inconsciente foi exercida. E' preciso para isso que os rolos sejam preparados de antemão, e não por aquele que os apresentar na sessão, mas por outra pessoa ausente; convém igualmente que a pessoa incumbida de levá-los à sessão ignore completamente o seu conteúdo. Duvido, porém, que nessas condições a experiência possa dar bom êxito, visto que toda relação com o morto ficará destruída. Ora, é indispensável que uma relação de qualquer natureza sirva de base à manifestação; e, no caso suposto, o laço único seria a presença, no aposento, da carta na qual o médium não deve mesmo tocar.

Posso entretanto indicar um fato que está perto de preencher essas condições, visto que a carta foi mandada por uma terceira pessoa - coisa muito rara. Em meu index, esse fato figura como único no gênero, e eu o considero bastante notável para ser citado. A narração seguinte a respeito desse fato é publicada no jornal “Facts”, de Boston (1886, tomo V, pág. 207):

Em uma sessão particular, feita há poucos dias com o médium Powell, de Filadélfia, deu-se um fato muito curioso. Os assistentes eram habitantes daquela cidade, mui sobejamente conhecidos.

"A maneira de que usava o Senhor Powell para obter respostas às perguntas encerradas nos pequenos rolos foi exposta nessas colunas. Limitamo-nos a lembrar que os rolos que contêm os nomes dos mortos, aos quais se dirigiam, são preparados sem que o médium os conheça. Para a sessão de que se trata, um dos assistentes tinha pedido a uma senhora de seu conhecimento que escrevesse um nome em uma tira de papel, que a enrolasse e lha entregasse. A senhora de quem se trata não se achava na sessão e ele próprio não sabia que nome ela tinha escrito. No decurso da sessão, o dito rolo foi clandestinamente misturado com os outros. O Senhor Powell aplicou à fronte a extremidade daquele rolo de papel, e então fomos testemunhas de um espetáculo estupefaciente: sua face empalideceu de maneira horrível, ele levantou os braços e caiu para trás sobre o soalho, indo dar com a cabeça de encontro a uma cadeira. A queda era semelhante à de um homem morto subitamente. Ele se conservou imóvel durante alguns instantes, atordoado, depois se levantou lentamente, com os olhos desmedidamente abertos e brilhantes; tomou a mão de uma das senhoras presentes e disse-lhe, com voz fraca, penosamente:

"Dize a Hattie (a senhora que tinha escrito a pergunta) que não foi um acidente nem um suicídio, porém um covarde assassínio... e foi meu marido quem o cometeu. Existem cartas que o provarão. Essas cartas serão encontradas. Eu sou a Senhora Sallie Laner."

"Era o nome escrito na tira de papel, o nome da mulher que se tinha encontrado morta, alguns dias antes, em Omaha, morta por um tiro; porém naquele momento se ignorava ainda se aquela morte era devida a um suicídio ou a um crime cometido por seu marido. Ela tinha morado em Cleveland e conhecera à senhora que escreveu a pergunta. O desenlace desta história encontrará seu lugar em ocasião ulterior; por ora, o ponto essencial é saber como o médium pôde ter conhecimento dos fatos contidos em sua resposta. Ele não abriu o rolo; desconhecia os acontecimentos de que se tratava; nenhuma das pessoas presentes sabia que nome estava escrito na tira de papel. E entretanto esse fenômeno se produziu imediatamente, desde que o médium levou à fronte a tira enrolada, O nome era exato; a resposta, quer tenha sido ou não exata, era precisa e oportuna; e, no dia seguinte, Laner, o marido, era detido sob a incriminação de ter assassinado sua mulher. Não havia conhecimento algum prévio dos fatos, nenhuma conivência, nenhuma adivinhação ou leitura de pensamento. Qual era, pois, a força inteligente que se manifestou? Foi o Espírito da mulher assassinada? Foi um outro? Mas então qual?" (Extrato do "Cleveland Plaindealer".)

Na prática do magnetismo ou do sonambulismo espiritico, encontram-se experiências análogas à precedente: veja-se Cahagnet, "Arcanos da vida futura desvendados", tomos II e III, e mais particularmente as experiências de evocação de pessoas desconhecidas dos assistentes (t. II, págs. 98, 245). Nas páginas 167-187 do tomo III, lemos a narração interessante da evocação do abade Almignana, relativamente a uma questão de dinheiro, com todos os pormenores e documentos em apoio. Em uma brochura que ele publicou em 1858 (?) sob o título "Do Sonambulismo, das mesas girantes e dos médiuns", o próprio refere este mesmo caso em resumo e faz também menção de uma outra evocação que se realizou em sua presença, por intermédio de uma sonâmbula à qual ele só tinha comunicado o nome de um morto, nome que ela conhecia por ter ouvido dizer e que perguntara unicamente atendendo a essa sessão, e cujo dono lhe era completamente desconhecido. (Veja-se "Revista Espírita", 1889, na. 4 e 5, onde a brochura inteira do abade Almignana é reproduzida. Para o caso acima mencionado, veja-se a pág. 135.)

VII. - Identidade do morto verificado por comunicações recebidas na ausência de qualquer pessoa que o tivesse conhecido, e que revelam certos estados psíquicos ou provocam sensações físicas, próprias do morto.

Esta rubrica forma a transição entre as provas interiores, ou intelectuais, da identidade de uma personalidade, e as provas exteriores ou físicas. Os fatos que eu classifiquei sob o título acima nos oferecem, é certo, entre outras provas, muitas que poderiam fazê-los ser classificado nas categorias precedentes, mas

eles são caracterizados ao mesmo tempo por certas particularidades de ordem completamente diferente, e para. as quais desejo atrair a atenção do leitor. Elas são indicadas pelo próprio título desta rubrica.

Uma das objeções mais correntes que levantam contra a hipótese espirítica, para explicar as comunicações mediúnicas, e que estas últimas nada mais são do que o eco das idéias que o homem formou acerca do estado da alma depois da morte e acerca do mundo espiritual em geral. No ponto de vista das idéias aceitas, tradicionais, seria certamente muito difícil admitir que depois da morte os "Espíritos" conservassem os mesmos defeitos psíquicos e os mesmos sofrimentos físicos com que estavam afetados no momento da morte. Por exemplo, poder-se-ia bem supor que as pessoas mortas no estado de alienação mental pudessem conservar vestígios dessa desordem psíquica, quando elas se manifestam pouco depois da morte? Este fato foi, entretanto, verificado na pratica do Espiritismo; ele é absolutamente inesperado, contrário às idéias admitidas: por isso ele só pôde ser aceito a posteriori.

Citarei, como exemplo, a comunicação seguinte publicada no "Message Department" do "Banner of Light" (24 de Novembro de 1883)

"Oh! não me sinto bem absolutamente. Eu não sabia que voltando experimentaria isso; mas parece que tenho muitas coisas a aprender. Vim aqui na esperança de poder ensinar, a meus amigos que estou inteiramente restabelecida e feliz presentemente... Queimei-me aqui. Não posso referir o caso, porque não quero pensar nisso; mas uma nuvem envolveu-me, minhas idéias tornaram-se confusas; eu não compreendia o que fazia, e foi assim que caí no fogo e queimei-me gravemente... Meus mestres me dizem que nunca mais estarei em perturbação semelhante, que causas físicas tinham produzido um desarranjo em meu espírito, mas que essas coisas tinham relação com a Terra e desapareceram para sempre... Eu ainda era moça... Habitava em West Grandby, Connecticut. Meu pai é muito conhecido nessa cidade... Seu nome é Ebert Rice. Falando em tudo isso, minhas idéias não são muito claras, e não posso dizer-lhes com exatidão quando parti; parece-me que isso se deu há muito tempo; porém estou muito satisfeita por ter podido voltar, e espero voltar ainda. - Emma Rice."

Três semanas depois (15 de Dezembro), lia-se a carta seguinte no "Banner of Light", sob a rubrica "Verificação de comunicações espiríticas"

Hartford, Connecticut, em 21 de Novembro de 1883.

Senhor Diretor do Banner:

Encontro, em o número de 24 de Novembro, uma comunicação de Emma Rice, de West Grandby. Todos os espíritas sabem que, quando uma pessoa cujo Espírito tinha sido perturbado, durante sua vida na Terra, se manifesta por intervenção de um médium, traz ainda vestígios desse estado. Verifiquei que o verdadeiro nome desse Espírito é Emma Ruick, mas que durante seus acessos de demência ele dizia chamar-se Emma Rice. A comunicação é exata. Ela se queimou como o disse, saltando por cima de um montão de lenha em chamas. Todos os pormenores são exatos, e esta comunicação será acolhida com reconhecimento por seus amigos na Terra.

Herman F. Merrill

Eis outro fato, que possuo de primeira fonte. Uma senhora de meu conhecimento, a Senhora Maria S., que desde alguns anos organiza sessões de duas pessoas com sua sobrinha, sessões mediúnicas no decurso das quais esta escreve em estado de transe, recebeu um dia uma comunicação extraordinária, em língua francesa, e assinada Napoleão. Ela acreditou em uma mistificação e a princípio não deu a mínima importância ao caso. Imediatamente depois, seu "Guia" habitual lhe deu a chave desse mistério: a comunicação em francês provinha de um indivíduo que tinha sido louco, em vida, pretendendo ser Napoleão; ele explicou que, em regra, os alienados continuam a ser afetados durante algum tempo, depois da morte, da mesma aberração mental de que tinham sido afetados durante a vida. A Senhora S. ficou muito admirada disso; porém sua surpresa foi maior ainda quando, após haver contado este caso como uma coisa muito curiosa, eu lhe declarei que esse fato estava longe de ser único.

Parece que as anomalias mentais consecutivas a diversas afecções fisiológicas de que o indivíduo tinha sofrido durante os últimos tempos de sua vida, não são as únicas a persistir depois de sua morte, e que a dor física, que ele experimentava no momento de morrer, se reproduz também, de novo, quando ele reaparece na esfera terrestre. Eis alguns exemplos:

A narração seguinte acha-se em "Light", de 1882 (pág. 74). Trata-se de dores físicas sentidas pelo morto durante sua última enfermidade, e que são sentidas pela médium:

Lewisham, 13 de Fevereiro de 1882.

No começo do estio de 1879, fiz casualmente conhecimento com um vizinho que, segundo as aparências, não tinha mais muito tempo de vida. Um dia, eu o acompanhava a casa - caminhávamos lentamente -, no decurso da conversação chegamos a falar em Espiritismo; ele mostrava o ar de surpresa ao saber que eu me interessava por semelhantes tolices, porém não ficou menos impressionado por algumas de minhas reflexões. Em nossa entrevista seguinte, apressou-se em reatar a mesma conversação e questionou-me acerca das provas que eu tinha podido adquirir pessoalmente. Porém, desde então, evitou falar a tal respeito, e eu me abstive igualmente de voltar ao assunto, sabendo quanto é prejudicial para um doente, como ele, entrar em qualquer discussão excitante.

Em Junho do mesmo ano, - era em Barmouth, no País de Gales - caí no estado de transe, sob a influência de um Espírito que dizia ser o mesmo senhor, e fez dizer estas palavras:

"E muito extraordinário, é tão diverso do que eu esperava ver! Lamento não me ter aproveitado da oportunidade que me forneceste para instruir-me sobre a vida espiritual."

Durante todo o tempo em que se exerceu sobre mim sua influência, não deixei de sentir uma dor na boca e na garganta. Dois dias depois, a carta de um amigo me informava de que o doente tinha morrido pouco tempo depois de minha partida.

No mês de Maio do ano passado, achei-me ainda uma vez sob o domínio do mesmo Espírito, que, desta vez, disse pelo meu órgão, com tom decidido:

"- Dize a Mary que vi Will."

Experimentei de novo a mesma sensação dolorosa na boca e na garganta. "Mary" era a irmã que estava incumbida do governo de sua casa.

Durante meu transe, tive a impressão de que havia um laço de afeição entre "Mary" e "Will". Eu estava impressionado a tal ponto pelo tom sério daquele que se manifestava, que pedi à, minha mulher que se dirigisse a casa. da irmã do morto para lhe transmitir a comunicação. A senhora lhe disse que só conhecera duas pessoas a quem chamava Will: uma era seu primo, e outra um senhor com o qual ela tinha estado para casar alguns anos antes, porém que um e outro estavam vivos, como lhe parecia, e gozando saúde. Acrescentou que seu irmão tinha estado afetado de aftas (moléstia ulcerosa do tubo digestivo) por ocasião de sua morte. Isso explicava a dor que eu tinha sentido na boca.

Nenhuma informação vinha entretanto explicar a mensagem, e eu conclui que ela fora alterada na transmissão, como tantas outras, Acabei por não pensar mais em tal coisa. Mas eis que, na semana passada, a irmã do morto apresenta-se em minha casa e me informa que acabava de saber que seu antigo noivo morrera, na Austrália, mais ou menos na mesma época em que eu recebera a mensagem que se referia a ele.

Só me falta acrescentar que as relações que tinham existido entre essas pessoas me eram totalmente desconhecidas.

Edmundo W. Wade.

O jornal "Facts" publica, em seu número de Junho de 1885, uma curiosa narração do Senhor Eli Pond, de Woonsocket (Estado de Rhode Island). O médium cai sob a influência do Espírito de um homem que morreu afogado; treme e experimenta a sensação do frio. Eis a tradução completa da narração:

"Há cerca de um ano, eu ia visitar meu filho e sua mulher. Estando ela com dores de cabeça, disse-lhe: "Talvez eu possa aliviar-te fazendo passes acima de tua cabeça."Ela consentiu nisso. Apenas dei começo, ela se achou sob a influência de um Espírito que recorria ao alfabeto dos surdos-mudos. Nem eu nem seu marido compreendíamos aqueles sinais, e a influência deixou de manifestar-se. Uma outra a substituiu, sob o nome

de Sarah Makpeace. Ela disse que havia habitado o Oeste e que morrera afogada, que ficava agradecida ao velho senhor por lhe ter facultado a ocasião de rever este mundo. A médium voltou então a seu estado normal e exclamou: Parece-me que vou ficar gelada! E, efetivamente, minha nora tremia de frio e parecia tão mal disposta que me decidi a intervir pedindo à Sarah que a deixasse e que se manifestasse por outro médium, a Senhora Anníe Wood, em hora fixada de antemão. Ela prometeu e cumpriu rigorosamente com a palavra.

Eu não conhecia ninguém que tivesse o nome que ela tinha dado, mas estava resolvido a saber se alguém com aquele nome se tinha afogado. Depois de alguns meses de indagações quase infrutíferas, descobri que um tal Makpeace morava em Providência, Rhode Island. Porém, no intervalo, tive muitas conversações com Sarah, em conseqüência das quais soube que ela tinha pais naquela cidade. Perguntei-lhe se seus pais eram espíritas e recebi resposta negativa. Disse-me ainda que tinha morrido na idade de vinte anos, cerca de três anos antes; que se afogara em circunstâncias muito penosas e que seus pais a repreendiam excessivamente. Ela parecia ser muito infeliz.

Pouco tempo depois, eu estava em Providência, e, procurando no livro de endereços, encontrei o nome do pai a respeito do qual ela me tinha falado. Logo que me foi possível, fui a sua casa. Ele estava muito ocupado e pediu-me que voltasse em outra ocasião.

Voltei à hora indicada, e ele mandou que eu me sentasse. A minha pergunta se conhecera uma moça chamada Sarah Makpeace, que tinha morado no Oeste e que se afogara, respondeu-me que efetivamente a conhecera, porém muito pouco. Perguntei-lhe em que época mais ou menos se tinha dado a desgraça. Ele não se recordava com exatidão; porém, quando eu lhe disse que, segundo ouvira dizer, o caso se dera havia três anos, ele observou que devia ser isso mesmo. Perguntei-lhe pela idade da moça. “Ela podia ter vinte anos”, disse-me ele. Em seguida pedi-lhe que me dissesse o endereço do pai da falecida. Ele me perguntou secamente o motivo do meu pedido. Eu então lho disse. Então ele teve um verdadeiro acesso de cólera: “Não quero que se suscite o que quer que seja - disse ele - que possa manchar a reputação de minha família!

“E despediu-me de maneira pouco cortês. Retirei-me; entretanto, adquirira a certeza de que Sarah dissera a verdade.”

Resolvi reproduzir estas duas narrações integralmente, porque apresentavam interessantes exemplos da verificação da identidade de um morto, na ausência de pessoa que o tivesse conhecido, independentemente das particularidades que os fazem colocar sob a presente rubrica.

Tomemos ainda este exemplo: a morte foi produzida pelo fogo, e o médium experimenta o sentimento de ser sufocado pelo fumo. Lemos no artigo do Senhor Clement, publicado no “Religio Philosophical Journal” de 9 de Março de 1889, a passagem seguinte:

“Todos os meus bens na Terra foram presa das chamas, em 1856. Minha irmã morreu neste incêndio. Eu assisti muitas vezes a sessões espiríticas, em um grupo em que ninguém conhecia minha história; quando minha irmã se manifestava, sucedia que o médium acreditava sufocar-se, e outros sensitivos sentiram o cheiro do fumo e começaram a tossir, como quando se entra em uni quarto cheio de fumo,”

Neste último exemplo, as comunicações eram recebidas em presença da pessoa que sabia qual tinha sido a causa da morte; porém, se interrogasse ao Senhor Clement, é mais que provável que se ouvisse de sua boca que ele não esperava de maneira alguma, quando se deu a primeira comunicação, que o médium experimentasse a sensação de asfixia.

As manifestações nas quais a personalidade se acha caracterizada por sinais distintivos daquela natureza oferecem, em minha opinião, uma importância toda especial; elas poderão talvez levar-nos ao caminho das leis gerais às quais obedecem os fenômenos desse gênero.

As sensações puramente físicas, tais como a dor na garganta, o calafrio, a sufocação, não podem ficar inerentes ao nosso estado póstumo; isso não é duvidoso. E evidente, de outro lado, que essas sensações não são infligidas ao médium no intuito de afirmar a identidade do morto, pois que se conclui dos exemplos citados pelos Srs.Wade e Pond que, no primeiro caso, o médium ignorava o gênero de morte e a natureza dos sofrimentos de que o morto tinha sido afligido, e, no segundo caso, nem sequer conhecera a pessoa que se manifestava. Uma prova semelhante de identidade não pôde ser solicitada nem era esperada.

Por conseguinte, tudo leva a crer que essas sensações, provocadas no médium, são o resultado de uma lei natural que poderia ser formulada assim: Toda a individualidade transcendente que se manifesta de novo

na esfera da existência terrestre fica submetida, enquanto dura esta manifestação, às mesmas condições nas quais se achava no fim de sua existência fenomenal.

Isso importaria, por assim dizer, em um esquecimento temporário das condições de sua existência transcendente e uma volta à existência fenomenal, tal qual era no momento de sua extinção. (41)

E' por esse motivo que o "surdo-mudo" de quem fala o Senhor Pond não pôde conversar de outra maneira a não ser por intermédio do alfabeto que lhe era familiar, sem conseguir fazer-se compreender. E é pela mesma razão que a moça louca, Ema Rice, tinha esquecido seu verdadeiro nome. Do mesmo modo para os outros casos.

Se estendermos esta lei ao domínio das manifestações intelectuais, facilmente teremos a explicação do motivo pelo qual a personalidade que se nos manifesta retoma, por assim dizer, sua existência terrestre e só sabe falar dos fatos que dizem respeito a esta esfera.

O mesmo sucede com as materializações e com as fotografias: a aparição apresenta-se sempre sob a forma que o indivíduo tinha no fim de sua vida, quer fosse moço ou velho, e mesmo com os defeitos físicos de que era afetado. Que as coisas não se dão assim no intuito único de afirmar identidade, temos a prova, dentre outras, na imagem fotográfica obtida pelo Senhor A. (Oxon) e sobre a qual voltaremos.

Ela representa uma criança muito pequena, que falecera havia mais de cinquenta anos, na idade de sete meses (veja-se "Spirit Identity", pelo Senhor A. (Oxon), págs. 117-121); ela dizia ser irmã do Doutor Speer. Mas como era desconhecida pelo Doutor Speer, bem como pelo médium, o Senhor A., essa forma de criança não pôde evidentemente dar uma demonstração qualquer de sua identidade. Indaga-se, em vão, por que motivo a imagem dessa criança se fixara na chapa, e não só na primeira experiência, porém durante toda a. série das manifestações dessa personalidade, que duraram muitos anos.

Porém, acrescentemos desde já, há fatos que provam, por outro lado, que esta lei não é geral; por conseguinte, ela estaria submetida a modificações segundo o momento e a individualidade.

VIII. - Identidade da personalidade de um morto atestada pela aparição de sua forma terrestre.

Agora que adquirimos, por manifestações de caráter intelectual, a prova pedida - isto é, a prova de que o princípio individual é independente do corpo, que tem sua existência própria, que sobrevive à desagregação do corpo, que, além disso, conserva bastantes elementos de sua personalidade para provar o grande fato da sobrevivência -, podemos passar (como já o fiz no capítulo III) à demonstração do mesmo fato por manifestações de caráter exterior, físico mesmo. Podemos desde já tratar de estabelecer as condições que devem apresentar estas manifestações para serem consideradas como mais ou menos concludentes, sem nos sentirmos constrangidos pela convicção a priori a admitir que a natureza espirítica de semelhante fenômeno não tem razão de ser suficiente. A manifestação mais ideal deste gênero de fenômenos será:

A) A aparição de um morto atestada pela visão mental do médium, na ausência de pessoas que o conhecem.

Aqui temos um fenômeno telepático, correspondendo às alucinações verídicas dos vivos, mas com a diferença de que o agente que evoca o fenômeno não se acha entre os vivos. Este gênero de fenômenos constitui uma variedade particular de mediunidade. Posto que todos os bons médiuns sejam mais ou menos videntes, em alguns o desenvolvimento desta faculdade cria uma mediunidade especial. Eles descrevem a

pessoa do morto que vêem perto do vivo, com muitos pormenores que são outras tantas provas de identidade; não se limitam à descrição do hábito externo da aparição, mas transmitem as palavras e as frases pronunciadas por ela. As provas que foram dadas por esse processo são inumeráveis. Mas, como geralmente elas se dão na própria presença da pessoa que conhecia o morto e podem por conseguinte ser explicadas por uma transmissão inconsciente das idéias daquela pessoa, devo deixá-las de lado. Para que sejam valiosas, em nosso ponto de vista, é preciso que a aparição dê pormenores desconhecidos do amigo vivo, ou que a aparição se realize na ausência deste.

Eu já citei um caso da primeira categoria no capítulo III parágrafo 8, no qual um médium descreveu ao General Drayson a aparição de um amigo que ele julgava vivo, com todos os pormenores que se referiam à sua morte extraordinária.

Um caso da segunda categoria me é fornecido por minhas próprias notas. A 26 de Fevereiro de 1873, fiz uma sessão íntima com minha mulher. Estávamos sós. Em pouco tempo ela adormeceu e sua mão escreveu uma comunicação em francês, de caráter íntimo, fazendo alusão a uma sessão anterior à qual tinha assistido uma senhora de nosso conhecimento, a Condessa A. Tolstoi, mulher do vice-presidente da Academia de Belas Artes. A comunicação era proveniente da filha falecida da condessa e dirigia-se a ela: é inútil falar aqui do conteúdo da comunicação, pois que a prova de identidade está no que se segue. Quando minha mulher voltou a si:

- E extraordinário - disse ela - acabo de ver alguma coisa.

- Que é?

- Uma figura.

De homem ou de mulher?

- De mulher; um rosto lindíssimo, que impressionava pelo brilho dos olhos azuis, eles pareciam iluminados por dentro. A figura conservava-se de pé à minha frente, a certa altura; representava uma pessoa moça, bem feita, vestida de branco.

- Uma morena?

- Sim!

- Reconheces alguém nessa figura?

- Não. Porém ela me produziu a mais agradável impressão; é verdade que eu dormia, mas não era o sono ordinário.

Esta conversação realizara-se imediatamente depois do despertar de minha mulher; ela não sabia se havia qualquer coisa escrita, ainda menos o que tinha sido escrito e qual era o autor da mensagem. Nós não sabíamos se a aparição da figura tinha qualquer relação com a comunicação. Um mês e meio depois, minha mulher, achando-se de visita em casa da condessa, que acabava de perder o marido, e passando a um aposento retirado, onde até então nunca tinha entrado, achou-se defronte de um retrato de moça representado em busto e que ela nunca vira, mas no qual reconheceu imediatamente a bela figura que lhe tinha aparecido por ocasião de sua visão interior. Era o retrato da filha falecida da condessa.

Sob a rubrica precedente citei um caso, referido por Dale Owen, relativo à aparição de sua amiga Violeta a dois médiuns que não conheciam Dale Owen e nunca tinham visto a sua amiga falecida; aquela aparição, em tudo semelhante à aparência terrestre de Violeta, completava o conjunto das particularidades pessoais e íntimas dadas aos mesmos médiuns.

B) A aparição de um morto atestada pela visão mental do médium e, simultaneamente, pela fotografia transcendente ou pela fotografia só, na ausência de pessoas que conheceram o morto.

A manifestação mais espiritualizada da ordem física é, sem a mínima dúvida, a fotografia transcendente que estabelece o fato da realidade objetiva de uma aparição ou de uma materialização invisível. Dei no

capítulo I todos os pormenores históricos relativos ao desenvolvimento desse fenômeno. Temos o seu protótipo fundamental nas experiências notáveis do Senhor Beattie, onde o médium em transe dava a descrição das formas luminosas que apareciam à sua vista mental - começando por diferentes formas indeterminadas que se desenvolviam gradualmente em formas determinadas - e muitas vezes correspondendo perfeitamente às fotografias obtidas.

Encontramos a confirmação desse gênero de fatos em um testemunho inteiramente seguro, o do respeitável Senhor A. (Oxon), que por sua vez reunia todos os predicados de uma mediunidade excepcional. Eis como ele descreve a sua primeira experiência de fotografia transcendente:

"A primeira imagem que obtive com o Senhor Hudson é notável pelo obscurecimento quase completo do sensitivo. Eu estava colocado de perfil defronte da máquina fotográfica e conservava os olhos fixos no teto do gabinete de estudos. Tinha a impressão perfeitamente consciente da existência, em roda de mim, de um nevoeiro luminoso e da presença de um ser que se conservava a meu lado. Essa impressão sensorial aumentou a ponto tal que me achei em estado parcial de transe antes de estar terminada a exposição. Por ocasião do desenvolvimento, a chapa só apresentou um contorno de minha forma, apenas indicado, ao passo que, no lugar onde eu sentira a presença de um ser, ela mostrava uma forma distintamente desenhada, mas inteiramente coberta por um véu e colocada de perfil. Entretanto o rosto é bem visível e acha-se exatamente no ponto em que a minha impressão lhe mareava. O nevoeiro luminoso, que eu tinha percebido, velou minha forma quase completamente. Entre outras medidas de precaução, eu pedira ao Senhor Hudson que voltasse a chapa para obter uma certeza maior contra uma fraude possível."("Human Nature", Londres, 1° de Outubro de 1874, pág. 426.)

Eis agora dois casos nos quais as individualidades invisíveis que se consagram ao serviço dos. médiuns e se lhes apresentam freqüentemente à visão mental, aparecem também na chapa sensível, quando esses médiuns se fazem fotografar.

O primeiro já foi citado por mim no capítulo I; é aquele em que a mui conhecida médium, a Senhora Conant, vê aparecer-lhe, um momento antes da exposição, sua amiguinha, a indiana Wash-ti; ela lhe estende a mão, e a fotografia reproduz as duas figuras de mãos dadas.

Somos ainda devedores do segundo caso ao Senhor A. (Oxon). Enquanto ele se fazia fotografar, viu mentalmente e descreveu a aparição e a posição da pequena Paulina, que habitualmente se manifestava em seu círculo intimo; ela não deixou escapar-se a oportunidade de se fazer fotografar também. Eis a curta narração do Senhor A.:

"Há cerca de um mês, tentamos obter uma fotografia com o Senhor Parkes, e por esta ocasião obtivemos uma nova manifestação de Paulina. Sentei-me defronte de pequena mesa e quase instantaneamente caí em transe.

Em meu estado de clarividência, vi a menina em pé e flutuando muito perto de meu ombro esquerdo. Ela parecia muito próxima da mesa e tentei em vão atrair a atenção do Senhor Speer para a aparição. Logo que a exposição terminou e eu despertei,. referi o que vira; quando a chapa foi revelada, viu-se aparecer perto da mesa a forma de uma criança. Ela estava exatamente na posição em que eu a tinha visto e sentido. Assemelhava-se muito à pequena Paulina, que declarou imediatamente reconhecer-se no retrato, e manifestou extraordinária alegria pelo bom êxito da experiência. Minha visão tinha sido tão distinta, eu estava tão certo do que se encontraria na chapa fotográfica, que teria arriscado toda a minha fortuna em uma aposta, quanto ao resultado previsto, antes de ver a chapa revelada. "("Human Nature", Londres, 1° de Setembro de 1874, pág. 397.)

Podem-se juntar a esses fatos, até um certo ponto, os casos de fotografia transcendente das formas visíveis que aparecem habitualmente na presença de certos médiuns por via de materialização. Falei neles extensamente no capítulo I.

Até hoje, as fotografias transcendentes são consideradas como a imagem dos mortos; mas não falamos ainda das provas de identidade. O fenômeno atinge seu grau mais elevado, compreende-se facilmente, quando a personalidade é posta fora de dúvida pela semelhança. Os casos deste gênero são numerosos; mencionei também muitos deles no capítulo 19. O de Moses Dow deve ser considerado como perfeitamente

concludente, em vista da importância das provas de ordem intelectual. Escrevi ao Senhor Dow, em 1886, para obter informações mais amplas, porém, nesse meio tempo, ele falecera.

Dentre os casos mais recentes, posso citar o que é mencionado pelo Senhor A. R. Wallace, em sua conferência feita em São Francisco, em 5 de Junho de 1887:

"Um dos casos mais interessantes, sob o ponto de vista da identidade da personalidade, me foi comunicado pelo Senhor Bland, um amigo muito conhecido dos indianos. Ele fez numerosas sessões com uma mulher médium que não era médium de profissão que recebesse salário, porém uma de suas amigas. Por intermédio daquela pessoa ele recebia freqüentemente comunicações de sua mãe. Nada sabia acerca da fotografia dos Espíritos, porém casualmente sua mãe lhe disse que, se ele se dirigisse à casa de um fotógrafo de Cincinnati (onde ele habitava então, creio), ela tentaria aparecer com ele na chapa. Nenhum fotógrafo era designado particularmente. Perguntou ao médium se acedia em acompanhá-lo. Foram, pois, juntos a casa do primeiro fotógrafo que encontraram e pediram-lhe que os fotografasse. Sentaram-se um ao lado do outro e a fotografia foi tirada.

"Quando o fotógrafo revelou a chapa, disse que deveria ter havido qualquer acidente, pois que havia na prova negativa três figuras, em vez de duas. Eles responderam que contavam com isso; mas, com grande surpresa do Senhor Bland, a terceira figura não era a de sua mãe. Este fato é muito digno de nota pelo que vai seguir-se. Ele voltou para casa e perguntou como sucedera que tivesse aparecido na chapa à imagem de outra pessoa. O Espírito de sua mãe lhe respondeu que era a imagem de uma amiga que a tinha acompanhado e que, mais entendida na matéria do que ela, desejara fazer a experiência em primeiro lugar, e que, se ele quisesse repetir a experiência, ela própria apareceria dessa vez. Assim se fez, e o retrato de sua mãe foi encontrado no negativo.

"Depois disto, um de seus amigos sugeriu-lhe a idéia - para excluir toda possibilidade de dúvida a respeito da sinceridade do fotógrafo, que poderia ter obtido um retrato de sua mãe - de pedir a esta que aparecesse diante do aparelho fotográfico com uma ligeira modificação no trajo, o que devia evitar toda a suspeita de fraude. - Por conseguinte, foram tirar um terceiro retrato obtiveram-no de novo, muito semelhantes ao primeiro, com a pequena diferença de não ser a mesma a maneira de abotoar os colchetes. O Senhor Bland mostrou-me as três fotografias e descreveu verbalmente as circunstâncias que se referiam ao caso. Admitindo-se que ele me tivesse falado a verdade, não vejo necessidade de recorrer à outra hipótese, a não ser a de uma comunicação real entre sua mãe e ele." ("Light", 9 de Julho de 1887, pág. 308.)

Temos o caso muito recente da fotografia transcendente de Nellie Power, obtida por uma pessoa de confiança, o Senhor Johnstone, com um médium particular, o Senhor Rita, isto é, nas condições exigidas pelo Senhor Hartmann.

Finalmente, entre os casos modernos, pode-se ainda citar a fotografia do Senhor Pardo, obtida pelo mesmo Senhor Johnstone, às escuras ("Médium", 1892, 15 de Julho), e a fotografia de um menino em quatro posições diferentes, obtida pelo Senhor "Edina".("Light", 1892 7 de Maio.).

O único ponto vulnerável das fotografias transcendentes reconhecidas é, no ponto de vista do Senhor Hartmann, que a pessoa que a obtém, geralmente a que se expõe diante da maquina fotográfica, conhecia a pessoa de quem se tratava, e por conseguinte pode ser considerada como a fonte inconsciente da imagem da pessoa morta; então o médium, por um processo de clarividência e de objetivação inconsciente, consegue colocar esta imagem de criação própria no foco desejado; ou antes ainda, o pensamento só da primeira produz tudo isso com o auxilio das emanações fluídicas do médium, etc. E' difícil, porque, ordinariamente, o médium e a pessoa que se expõe acham-se, durante a execução dessas fotografias, perfeitamente em seu estado normal. A explicação é pouco racional, mas enfim não é ilógica no ponto de vista do animismo.

As fotografias reconhecidas, obtidas com uma condição mental de inspeção (uma posição determinada, uma particularidade desejada mentalmente,. etc.), constituem uma variedade preciosa desse gênero de fenômenos (Vede por exemplo os casos referidos no "Human Nature", 1874, pág. 394; "Light", 1885, pág. 240, etc.); mas evidentemente elas dão motivo à mesma objeção.

Por conseguinte, para que um caso de fotografia transcendente fosse concludente em absoluto, seria preciso que a prova negativa fosse obtida na ausência de Pessoas que conheceram o morto.

No caso citado por Wallace, nós já temos a prova de que não é sempre a imagem mentalmente desejada pela pessoa que se expõe defronte da máquina fotográfica que é reproduzida, pois que o Senhor Bland esperava ver uma imagem inteiramente diversa; porém temos ainda casos que correspondem completamente à condição que acabo de enunciar. Citei no capítulo 1°, com pormenores e reprodução da fotografia, o caso do Senhor Bronson Murray, que obteve em casa de Mumler a fotografia de uma mulher a quem não conheciam nem Murray nem os Mumler e que foi em breve reconhecida pelo marido da senhora, o Senhor Bonner; este obteve em seguida uma fotografia idêntica, com mudança de posição, segundo uma promessa feita, e sem que Mumler soubesse que era o marido daquela pessoa. Sua aparição, mesmo com a indicação do nome, foi assinalada pelo Senhor Mumler, que era médium vidente, alguns minutos antes da execução da fotografia.

O Dr. G. Thomson, a quem conhecemos por ter tomado parte nas experiências do Senhor Beattie, dá testemunho do seguinte fato, em sua carta publicada no “Spiritual Magazine” de 1873, página 475:

"Worcester Lawn, 4, Clifton.

Bristol, em 5 de Agosto de 1873.

Em cumprimento à minha promessa, informo-o por estas linhas de que a figura que se produziu em minha fotografia foi reconhecida como retrato de minha mãe, falecida pouco depois do meu nascimento, há quarenta e quatro anos; como eu nunca vira retrato dela, não me era possível verificar por mim mesmo a semelhança. Entretanto, mandei a fotografia a seu irmão, pedindo-lhe simplesmente que me mandasse dizer se achava alguma semelhança entre a figura e algum de meus parentes falecidos, e em sua resposta ele afirmou que reconhecia na figura os traços de minha mãe.

Seu amigo e obrigado:

G. Thomson.

P. S. - Seja-me permitido acrescentar que não suponho que meu tio tenha a mínima idéia do Espiritismo ou da fotografia espirítica, pois que ele mora em um distrito afastado, na Escócia. Cheguei a esta conclusão pela observação seguinte que ele fez: “Em verdade não posso compreender como isso pôde suceder!”

Podem-se ler ainda pormenores interessantes, acerca deste caso, no “Human Nature”, 1874, página 426.

A Moses Dow devemos outro caso desse gênero, perfeitamente concludente. Ele foi muito bem exposto em um artigo do Senhor Dow, publicado pelo “Banner of Light” de 14 de Agosto de 1875, do qual dou o resumo:

O Senhor Dow continua a obter comunicações de Mabel Warren, cuja história conhecemos. Ela lhe fala muito a respeito de sua amiga no mundo espiritual, a quem ela chama Lizzie Benson; promete-lhe, como testemunho de sua gratidão (cujos motivos são explicados no artigo), seu retrato em companhia de Mabel. O Senhor Dow dirige-se a casa de Mumler e obtém efetivamente seu próprio retrato com as imagens de Mabel e de Lizzie Benson, a quem ele nunca tinha conhecido; a aparição das duas figuras ao mesmo tempo é também assinalada pela Senhora Mumler, na ocasião de tirar o retrato. O Senhor Dow manda esse retrato à mãe de Lizzie Benson; ela verifica sua perfeita semelhança, e em sua carta, que o Senhor Dow publica, lemos entre outras coisas:

“Acreditar em semelhante coisa parece-me muito extraordinário, mas sou coagida a fazê-lo, porque sei que ela (Lizzie) nunca teve retrato de espécie alguma.” Conforme acabamos de verificar, neste caso a prova é absoluta. Eu tive ensejo de ver esta fotografia na coleção do Senhor Wedgwood, em Londres, no ano de 1886.

Um caso igual, talvez ainda mais comprobatório, foi publicado em “Light” (de 15 de Dezembro de 1888, página 614), que o transcreve do “British Journal of Photography”. Eu o resumo: O Senhor Fred. H. Evans conhece o fato e os pormenores pelas próprias pessoas às quais ele se refere. O Senhor H., médium não profissional, dirige-se um dia, em companhia de seu amigo o Doutor S., a casa do Senhor W., que não era fotógrafo de profissão, mas simples amador, e a quem o Doutor S. conhecia por já ter obtido fotografias

transcendentes. O Senhor H. duvidava do fato; o próprio Doutor S. fez todas as manipulações, e, quando a fotografia de seu amigo foi tirada, encontrou-se na prova negativa uma outra figura colocada defronte do Senhor H. Ninguém reconheceu esta figura, e, como o Senhor H. só desejasse a prova da possibilidade do fato, guardou a fotografia em uma gaveta, e esqueceu-a. Era em 1874. Ora, eis o que aconteceu oito anos depois, em 1882 - deixemos falar a senhora que, por um acaso extraordinário, reconheceu neste retrato os traços inegáveis de seu marido:

Em 1878, fiz conhecimento com o Senhor H. e tornei-me amiga de sua irmã. Ambos tiveram para comigo uma grande benevolência em uma época em que me achava, com meus filhos, em situação muito precária. Quando ele resolveu ir passar alguns meses em K., eu procurei um aposento para ele e ajudei sua irmã a desencaixotar seus objetos e arrumá-los. Ao abrir um caixão que continha diversos objetos, para colocá-los em um gabinete, encontrei muitas fotografias do Senhor H. Examinando-as, notei imediatamente uma delas que apresentava duas figuras:

- Oh! eis aqui uma que é extraordinária, digo; porém, de repente, quando olhei mais de perto a segunda figura, senti todo o meu sangue gelar-se nas veias.

- Que há de extraordinário? - perguntou-me a Srta. H. – Oh!., continuou ela olhando por cima de meu ombro, onde encontraste esta fotografia? Eu a julgava perdida há muito tempo... Porém, acrescentou, ao notar meu silêncio e minha palidez, que há de particular? Estás indisposta?

- Dize-me - repliquei - de quem recebeste esta fotografia e de que maneira foi ela obtida?

Enquanto eu ali estava como se tivesse sido petrificada, contemplando o cartão que tinha na mão, a Srta. H. referiu-me toda a história narrada mais acima.

- Nunca soubeste nem empregaste os meios para saber - perguntei - de quem esta segunda figura é o retrato?

- Não, nunca soubemos isso - foi à resposta.

Eu lhe disse, então, que era meu marido, falecido em 1872. Levei o cartão, e, sem dizer coisa alguma, mostrei-o à minha irmã, que tinha vivido durante muitos anos em nossa companhia; ela reconheceu imediatamente meu marido. Ele foi reconhecido, com a mesma espontaneidade e imediatamente, por meus três filhos, por minha sogra, por minha cunhada e por diversos amigos antigos; uma amiga, que nos tinha conhecido antes do nosso casamento, disse-me que esse retrato tinha despertado suas recordações com a rapidez do relâmpago, mais do que o fizera qualquer outro retrato. Como traços particularmente característicos de meu marido, posso indicar: o maço de cabelos brancos que caía sobre sua larga fronte, as sobrancelhas muito escuras e o cabelo grisalho: posto que ele tivesse morrido aos trinta e três anos, parecia ter quarenta. Todas estas particularidades são reproduzidas na fotografia, com rigorosa exatidão.

Finalmente temos casos em que fotografias reconhecidas foram obtidas na ausência de qualquer pessoa defronte da máquina fotográfica, e em que a pessoa era substituída simplesmente por um cartão fotográfico. Eis aqui dois casos interessantes, referidos pelo Senhor J. F. Snipe, que cito conforme “Light” de 1884, página 396:

“Depois de uma conversa que eu tivera com um vizinho céptico a respeito de um fotógrafo espírita muito conhecido, ele resolveu, para tentar uma prova, mandar-lhe sua fotografia em cartão. Assim se fez, e em recompensa obteve uma cópia de seu retrato; porém o retrato de sua irmã falecida achava-se ali com o seu, e a semelhança foi verificada por comparação com um retrato que tinha sido tirado antes de sua morte. Eu o conduzi a um médium de transe não profissional. Sem a mínima indicação de nossa parte, a irmã comunicou-se pelo médium e falou do retrato obtido, dando-o como seu. Em seguida mandei ao mesmo fotógrafo meu próprio retrato em cartão, determinando o dia e a hora da experiência. Naquele mesmo instante exprimi mentalmente o desejo de que um amigo de minha mãe condescendesse em aparecer comigo na chapa para dar a esta uma prova convincente. Recebi pelo Correio uma prova de minha fotografia com uma outra forma, vestida de branco, sobre o meu retrato. O Espírito de meu pai me informou, pela intervenção de um médium que não o tinha conhecido e não me conhecia, que a segunda figura era a do irmão de minha mãe; esta o reconheceu, e sua filha o reconheceu igualmente com uma surpresa repleta de ternura.”

Nos “Anais de Fotografia” de Mumler, muitos outros casos deste gênero são ainda mencionados. Podemos agora passar à última categoria:

C) Aparição da forma, terrestre de um morto por via de materializada com provas, de ordem intelectual em apoio

Podemos admitir três gêneros de materialização: 1°, a materialização do duplo do médium tomando o nome de diversas personalidades; 2°, a materialização artificial de figuras que não se assemelham ao médium ou de membros humanos construídos ou formados com maior ou menor arte e assemelhando-se mais ou menos a formas vivas; e 3°, a materialização espontânea ou original, a aparição de figuras materializadas, com todos os traços de uma personalidade completa, diferentes do médium e dotadas de uma vitalidade tão pronunciada quão independente. As materializações da rubrica 2 foram algumas vezes empregadas como provas de identidade; umas vezes era uma certa mão com falta de dois dedos (“Spiritual Magazine”, 1873, pág. 122), outras vezes uma mão com dois dedos recurvados para a palma, em conseqüência de uma queimadura (“Light”, 1884, pág. 71), ou antes com o index dobrado sobre a segunda falange (idem), etc., etc.

Possuímos moldagens de mãos reconhecidas graças a deformidades; eu as descrevi mais acima e em lugar oportuno; no caso referido pelo professor Wagner, no “Psychische Studien” de 1879, página 249 (do qual já falei também), tem-se a impressão, entre duas ardósias, de uma certa mão, reconhecida: “Ela era extraordinariamente grande e longa, com o dedo mínimo recurvado.” A este caso referem-se particularidades de ordem intelectual que lhe comunicam um valor excepcional.

As materializações do terceiro gênero, referindo-se a figuras perfeitamente reconhecidas, são muito raras, posto que hoje este fato se observe mais freqüentemente do que há dez anos.

No ponto de vista da análise crítica, pode-se objetar que em todos os casos de materialização nos quais só podemos verificar a semelhança da forma, esta semelhança não é uma prova de identidade. Pois que, ordinariamente, é uma das pessoas presentes que verifica a semelhança; por conseguinte, essa pessoa pode ser a portadora da imagem do tipo segundo o qual a atividade inconsciente do médium organiza a forma que se materializa.

No ponto de vista do animismo, a materialização do duplo do médium é um fato incontestável; passando-se as coisas assim, variações do grau da semelhança são logicamente admissíveis, e a experiência nos prova que tal é o caso: assim no caso de Katie King cuja semelhança com a médium era notável, houve entretanto divergência quanto à estatura, cabelos, orelhas, unhas, etc. Sabemos também que Katie King podia instantaneamente modificar o colorido do rosto e das mãos, fazê-lo passar do negro ao branco e vice-versa (veja-se “Spiritualist”, 1873, págs. 87, 120). Algumas vezes ela se assemelhava a um “manequim articulado”... ou a uma “boneca de cautchu”... “sem esqueleto ósseo nas mãos”... e, “um instante depois, mostrava-se com o seu esqueleto completamente formado” “Spiritualist”, 1876, tomo II, página 257); ou antes, ela aparecia “com uma cabeça óssea de forma obtusa, duas vezes menor que a da médium, não deixando de conservar certa semelhança com a dessa última” (“Spiritualist”, 1874, t. I, pág. 206); muitas vezes, como única explicação, ela dava esta resposta significativa: “Formei-me como pude” (“Spiritualist”, 1876, t. II, pág. 257).

Por conseguinte a mesma causa operante pode levar esta divergência a tal grau que a semelhança com o médium desapareça completamente. Desta maneira, a forma materializada, assemelhando-se a um morto, não seria, segundo o Senhor Hartmann, senão a obra da consciência sonambúlica do médium, dispondo das emanações fluídicas de seu corpo.

No ponto de vista espirítico, a dificuldade é maior ainda; pois que, se admitimos que o Espírito do médium pode ser a causa eficiente e inconsciente da materialização de uma figura reconhecida, com mais razão um Espírito desprendido do corpo pode também ser a causa eficiente da materialização, e assim a

forma materializada não seria de maneira alguma identificada com o Espírito que esta figura representa. Pois que é evidente que, se o Espírito de um médium é dotado da faculdade de ver as imagens mentais dos assistentes e de produzir uma forma plástica qualquer correspondente a essas imagens, com mais razão um_ Espírito desprendido do corpo disporá dessas mesmas faculdades em um grau do qual não podemos formar uma idéia adequada, e por conseguinte poderá personificar pela materialização todas as formas desejadas. Eis porque a semelhança não é uma prova de identidade! Tal é o sentido da conclusão à qual eu tinha chegado em 1878 e que citei mais acima.

Sinto-me satisfeito em poder reproduzir aqui as palavras seguintes do Senhor E. A. Brackett, que se pode considerar como um perito nos fenômenos de materialização: “Como eu sei que há fantasmas que podem tomar quase todas as formas que desejam, a semelhança exterior desses seres não tem valor algum a meus olhos, desde que faltem os caracteres intelectuais.” (“Materialised Aparitions)”, Boston, 1886, pág. 76.)

Assim, pois, a semelhança de uma forma materializada com a de um morto não poderia ser considerada como uma prova, mas apenas como um acessório que pode quando muito representar o papel de um fator em apoio, quando se trata de concluir pela identidade da figura. Desde então, para que uma figura materializada possa ser considerada como manifestação original, é preciso que se distinga por um conteúdo intelectual que corresponda às exigências que formulamos para as provas intelectuais da identidade da personalidade - provas que não possam ser, avém disso, explicadas nem pela transmissão de pensamento, nem pela clarividência.

Não é coisa fácil, pois que é de toda a necessidade que uma pessoa presente seja juiz da semelhança e do conteúdo intelectual, condição que invalida ipso facto a importância da manifestação. Felizmente, porém, a personalidade possui certos atributos que mesmo esta presença não pode afetar e que nem a transmissão de pensamento, nem a clarividência podem pôr à disposição de uma força operante diversa da força da pessoa a quem ela pertence; esses atributos são: a escrita própria da pessoa que se manifesta, o uso de uma língua que o médium não conhece, mas que a testemunha compreende; as particularidades da vida íntima, desconhecidas das testemunhas, etc., etc.

Há casos deste gênero. Citarei aqui um exemplo muito curioso, oferecendo particularidades que raramente se encontram nas sessões de materialização e que foi comunicado ao jornal “Facts” pelo Senhor James M. N. Sherman, de Rumford, Rhode Island, e reproduzido em Light”, de 1885, pág. 235, do qual eu o tiro em parte:

Em minha mocidade, entre 1835 e 1839, minhas ocupações profissionais coagiram-me a dirigir-me às ilhas do Oceano Pacífico. Havia a bordo de nosso navio indígenas contratados para o serviço, e por intermédio deles aprendi muito bem a sua língua. Há quarenta anos que sou adepto de uma igreja. Tenho sessenta e oito anos. Na esperança de chegar à verdade, assisti a um grande número de sessões de Espiritismo, e há dois anos tomo notas.

“23 de Fevereiro de 1883 - Assisti a uma sessão em casa de Mrs. Allens, em Providência, Rhode Island, durante a qual um indígena das ilhas do Pacífico materializou-se, e eu o reconheci pela descrição que ele fez da queda que deu do filerete, no qual se feriu no joelho, que ficou volumoso daí em diante; nesta sessão, ele colocou minha mão em cima de seu joelho,. que se verificou estar materializado com aquela mesma tumefacção endurecida que ele tinha durante a vida. A bordo chamavam-no Billy Marr.

“6 de Abril - Nesta ocasião trouxe um fragmento de tecido fabricado pelos indígenas com a casca do tapper (árvore indígena) e que eu tinha guardado havia quarenta e cinco anos. Ele o segurou na mão e deu-lhe o nome que tinha em sua língua materna.

“1° de Setembro - Fui chamado com minha mulher para perto do gabinete, e, enquanto me conservava defronte, vi aparecer no soalho uma mancha branca que se transformou insensivelmente em uma forma materializada, na qual reconheci minha irmã e que me atirou beijos. Depois, apresentou-se a forma de minha primeira mulher. Logo que as duas metades da cortina se abriram, na abertura achava-se uma forma feminina com a vestimenta dos insulares do Pacífico, tal qual se usava quarenta e cinco anos antes, e de que eu me lembrei muito bem. Ela me falou em sua língua materna.

“18 de Setembro - A mesma mulher se materializou de novo; apertou-me as mãos e disse-me que era originária do New Hever, ilha do arquipélago das Marquesas. Ela me recordou quanto ficara aterrada com as salvas dos canhões, quando foi a bordo com sua mãe, a rainha da ilha.

“29 de Setembro - Ela se apresentou de novo. Desta. vez, Billy Marr também se materializou. Foi ele, como o disse, quem resolvera que ela se apresentasse ali. Ele a chamava Yeney.

“17 de Outubro - Na sessão da Senhora Allens chegou à rainha; anunciou-se sob o nome de Perfeney. Deu, em minha companhia, uma volta em torno dos assistentes e autorizou-me a cortar um retalho do seu vestido, que se assemelhava exatamente ao tecido que eu tinha trazido das ilhas, quarenta anos antes.

“5 de Novembro - Com o mesmo médium, Perfeney autorizou-me a cortar quatro retalhos de seu vestido, a título de prova. Eles eram exatamente semelhantes ao que eu tinha cortado na primeira sessão dada pela Senhora Allens. Ela me lembrou, então, pela palavra powey, uma particularidade da alimentação dos indígenas; sentou-se no chão e mostrou-me como se tomam o tal powey em um vaso, com os dedos.”

Poder-se-iam citar ainda alguns exemplos deste gênero, mas suponho que seria impossível encontrar um caso mais concludente, mais perfeito, como prova de identidade da aparição de uma forma materializada, do que o que nos apresenta a aparição de “Estela”, falecida em 1860, a seu marido o Senhor C. Livermore. Este caso reúne todas as condições necessárias para tornar-se clássico; corresponde a todas as exigências da critica. Pode-se encontrar a narração circunstanciada deste caso no “Spiritual Magazine” de 1861, nos artigos do Senhor B. Coleman, que sabia de todos os pormenores, diretamente do Senhor Livermore (eles foram em seguida publicados sob a forma de brochura intitulada “Spiritualism in América”, por Benjamim Coleman, Londres, 1861), e finalmente na obra de Dale Owen, “Debatable Land”, que copiou os pormenores respectivos, do próprio manuscrito do Senhor Livermore. (42)

Só mencionarei aqui os principais. A materialização da mesma figura continuou durante cinco anos, de 1861 a 1866, durante os quais o Senhor Livermore realizou trezentas e oitenta e oito sessões com a médium Kate Fox e cujos pormenores foram imediatamente registrados pelo Senhor Livermore no seu canhenho. As sessões realizaram-se em completa escuridão. O Senhor Livermore estava as mais das vezes só com a médium, a quem ele segurava durante todo o tempo da sessão pelas mãos; a médium estava sempre no estado normal e era testemunha consciente de tudo quanto se passava. A materialização visível da figura de Estela foi gradual; foi somente na quadragésima terceira sessão que Livermore pôde reconhecê-la, por meio de uma iluminação intensa, de origem misteriosa, dependente do fenômeno e geralmente sob a direção especial de uma outra figura que acompanhava Estela e ajudava-a em suas manifestações, e que se apresentava com o nome de Franklin. (43)

Desde então a aparição de Estela se tornou cada vez mais perfeita e pôde suportar até a luz de uma lanterna levada pelo Senhor Livermore. Felizmente, para a apreciação do fato, a figura não pôde falar, à exceção de poucas palavras que pronunciou, e todo o lado intelectual da manifestação revestiu uma forma que deixou vestígios para sempre persistentes. Falo das comunicações por escrito, que o Senhor Livermore recebeu de Estela em folhas de papel que ele próprio levava e que foram escritas, não pelo punho de um médium, mas diretamente pelo de Estela e algumas vezes mesmo sob os olhos do Senhor Livermore, à luz criada ad hoc. A escrita dessas comunicações é um perfeito fac-símile da escrita de Esteia quando viva. O conteúdo, o estilo, as expressões, tudo nessas comunicações dava testemunho da identidade da personalidade que se manifestava; e, além dessas provas intelectuais, muitas dessas comunicações foram escritas em francês, língua que Estela conhecia com perfeição e que o médium desconhecia completamente.

A cessação das manifestações de Estela, por via da materialização, apresenta notável aproximação com o termo da aparição de Katie King. Lemos em Owen: “Foi na sessão n° 388, a 2 de Abril de 1866, que a forma de Estela apareceu pela última vez. Desde aquele dia, o Senhor Livermore não mais tornou a ver a figura tão sua conhecida, posto que tenha recebido, até à data em que estou escrevendo (1871), numerosas comunicações cheias de simpatia e de afeição.” (“Debatable Land”, pág. 398.)

Assim também, Katie King, depois de decorrido um certo tempo, não mais pôde manifestar-se de maneira material, revestir a forma corpórea, porém continuou a testemunhar sua simpatia por meios mais aperfeiçoados. E' assim que Estela, não mais podendo manifestar-se por uma materialização visível, manifestou-se ainda por uma materialização invisível, a única de suas manifestações de um gênero mais

aperfeiçoado que chegou ao conhecimento do público e que completa para nós a preciosa experiência do Senhor Livermore. Quero falar das fotografias transcendentes de Estela, que foram obtidas pelo Senhor Livermore em 1869 e a respeito das quais já falei ligeiramente.

Na época em que se realizaram estas sessões, ainda não estava em moda recorrer às impressões, moldes e fotografias para verificar a objetividade das materializações; quando o Senhor Livermore ouviu falar das fotografias espíritas de Mumler, não lhes deu crédito e tomou todas as cautelas possíveis para confundi-lo. Possuímos a este respeito o seu próprio depoimento perante o tribunal, por ocasião do processo de Mumler reproduzido no "Spiritual Magazine" (1869, págs. 252, 254). Ele fez dois ensaios com Mumler: no primeiro apareceu na prova negativa uma figura ao lado de Livermore, figura que foi em, seguida reconhecida pelo Doutor Gray como um de seus parentes: no segundo, houve cinco exposições sucessivas, e para cada uma delas o Sr Livermore tinha tomado posição diversa. Nas duas primeiras chapas só havia nevoeiros no fundo; nas três últimas apareceu Estela, cada vez mais reconhecível e em três posições diversas. "Ela foi reconhecida perfeitamente bem, diz o Senhor Livermore, não só por mim, como por todos os meus amigos. "A uma pergunta do juiz, ele declarou que possuía em sua casa muitos retratos de sua mulher, "porém não sob aquela forma".

Temos um novo testemunho deste fato nas palavras seguintes pronunciadas pelo Senhor Coleman em uma das conferências dos espíritas de Londres acerca das fotografias espíritas: "O Senhor Livermore mandou-me o retrato de sua mulher; ele desejava dar um desmentido ao fato da fotografia espírita e dirigiu-se a Mumler neste intuito; tomou a outra posição imediatamente antes que o obturador da câmara escura fosse retirado, para prevenir qualquer preparativo fraudulento por parte de Mumler com o fim de fazer aparecer na prova negativa uma figura de Espírito em relação com a sua posição primitiva. O Senhor Livermore não manifestou entusiasmo algum em fazer conhecer esses fatos e só compareceu ao tribunal para dar o seu testemunho, e isso pelos reiterados pedidos do juiz Edmonds." ("Spiritualist", 1877, tomo I, pág. 77.)

Só me falta formular o último desideratum relativamente à prova de identidade pela materialização; é que esta prova - assim como o exigimos para as comunicações intelectuais e fotografia transcendente -, seja dada na ausência de qualquer pessoa que pudesse reconhecer a figura materializada. Creio que poder-se-iam encontrar muitos exemplos deste gênero nos anais das materializações. Porém a questão essencial é esta: produzindo-se o fato, poderia servir de prova absoluta? Evidentemente não. Porquanto, admitindo-se que um "Espírito" pode manifestar-se de tal maneira, eo ipso lhe é possível sempre se prevalecer de todos os atributos de personalidade de outro Espírito e personificá-lo na ausência de quem quer que possa reconhecê-lo. Tal mascarada seria perfeitamente insípida, visto que não teria absolutamente nenhuma razão de ser; porém, no ponto de vista da crítica, sua possibilidade não poderia ser ilógica.

E' evidente que esta possibilidade de imitação ou de personificação (de substituição da personalidade) é igualmente admissível para os fenômenos de ordem intelectual.

O conteúdo intelectual da existência terrestre de um "Espírito", a que chamaremos A, deve ser ainda mais acessível a outro "Espírito", que designaremos por B. do que os atributos exteriores desta existência. Tomemos mesmo o caso do falar em uma língua desconhecida pelo médium, mas que era a do morto; é muito possível que "o Espírito" mistificação também conheça com precisão essa língua. Só ficaria por conseguinte a prova de identidade pela escrita, a qual não poderia ser imitada; mas seria preciso que essa prova fosse dada com abundância e perfeição excepcionais, como no caso do Senhor Livermore, pois que bem sabemos que a escrita e principalmente as assinaturas também estão sujeitas a falsificação e imitação.

Assim, pois, após a substituição da personalidade no plano terrestre - pela atividade inconsciente do médium -, sucede que ainda temos que contar com uma substituição da personalidade em um plano supraterrestre por uma atividade inteligente fora do médium. E tal substituição, logicamente falando, não teria limites. O qui-pro-quo seria sempre possível e admissível. O que a lógica nos faz aqui admitir como princípio, a prática espirítica o prova. O elemento mistificação, no Espiritismo, é um fato incontestável. Ele foi conhecido desde o seu começo. E claro que, além de certos limites, a mistificação não pode mais ser lançada à conta do inconsciente e torna-se um argumento em favor do fator extramediúnico, supraterrestre. (Como exemplo de mistificação, tão perfeita em todos os pormenores quão edificantes para a hipótese espirítica, indicarei o que é relatado em "Light", 1882, pág. 216; vejam-se também as págs. 238, 275 e 333.)

Qual será pois a conclusão de todo o nosso trabalho sobre a hipótese espirítica? Ei-la:

Tendo adquirido por meios laboriosos a convicção de que o princípio individual sobrevive à dissolução do corpo, e pode, sob certas condições, manifestar-se de novo por um corpo humano acessível a influências desse gênero, mas a prova absoluta da identidade da individualidade que se manifesta importa em uma impossibilidade. Devemos contentar-nos com uma prova relativa, com a possibilidade de admitir o fato. Eis uma verdade da qual nos devemos compenetrar bem.

Assim, pois, a prova incontestável da identidade da personalidade dos Espíritos, por qualquer manifestação que seja, é impossível, justamente pela razão de sermos coagidos a admitir a existência desses "Espíritos", e é isso o essencial, o que era preciso demonstrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora que ficou estabelecido o fato da existência individual do espírito humano depois da morte, a questão da identidade de sua personalidade, no ponto de vista subjetivo, adquire direitos que lhe foram recusados até o presente. O ponto de vista objetivo é implacável; suas exigências são peremptórias, ele só atende à lógica, e esta afirma que a prova absoluta é impossível. O ponto de vista subjetivo é muito diferente; suas exigências estão longe de serem tão rigorosas; o que não é suficiente para a lógica, verifica-se que o é para um veredicto que satisfaz a consciência íntima, a convicção pessoal, que se baseia em um conjunto de dados intangíveis para o julgamento objetivo, porém de força irresistível para a convicção subjetiva. O que para mim é inteiramente concludente e demonstrativo, nada é para um outro. Por exemplo, no que me diz respeito pessoalmente, eu nunca tive prova alguma de identidade que possa apresentar. Mas, em uma sessão completamente ordinária, mesmo com pessoas que me eram muito conhecidas, o nome de minha irmã falecida foi apresentado; ela só me disse quatro palavras muito comuns, porém nessas quatro palavras, na maneira por que foram ditas, havia todo o drama de minha vida íntima, e tenho a convicção profunda de que nenhum jogo inconsciente da consciência das pessoas que assistiam à sessão teria podido formular essas quatro palavras, que eram muito simples para aquelas pessoas.

Há milhares de fatos comprobatórios que se deram da maneira ordinária, pela escrita ou pela palavra, na presença das pessoas que conheciam o morto, e para as quais as hipóteses mais sutis, a não ser a hipótese espirítica, são meros subterfúgios; deixei de apresentá-los, porque o meu intuito era exibir provas objetivas, incontestáveis, obtidas na ausência de pessoas que conheciam o morto. Mas essas provas são muito difíceis de fornecer e muito raras; só o acaso as fornece algumas vezes; exigi-Ias a todo o custo é um ato de violência, porque elas são contrárias à própria natureza e essência do assunto, e é evidente que o desejo supremo de um morto deve ser anunciar, fazer verificar sua existência àquele e por aquele que o conhece, àquele para quem somente esse fato tem valor.

Não esqueçamos de lembrar-nos que aqui, como no animismo, a realidade dos fatos que se referem a esse assunto acha-se confirmada por fatos espontâneos, fora da experimentação direta; do mesmo modo a realidade da existência de seres supraterrenos ou supra-sensíveis, repousando sobre fatos espiríticos, também se acha confirmada por fatos espontâneos, fora de qualquer experimentação, por fatos que existiram em todos os tempos, mas que foram considerados supersticiosos, em conseqüência da impossibilidade de submetê-los à experimentação: quero falar das aparições de pessoas mortas, em sonho, ou no estado de vigília. A analogia desses fatos com os do animismo e do Espiritismo é perfeitamente evidente.

Nos fatos de telepatia, é freqüentemente difícil precisar o momento no qual o fato anímico se torna um fato espirítico. E' a energia de um moribundo ou de um morto que se manifesta? A Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, que se ocupou com especialidade com os "Fantasmas dos vivos", admite que até mesmo os Fantasmas" que aparecem doze horas depois da morte podem ser considerados ainda no número dos vivos. (Edição francesa, tradução Marillier, págs. 60 a 219.) Além desse limite, "a prova não se impõe".

Eis a opinião dos laboriosos autores dos “Fantasmas dos vivos”; mas eles estão longe de negar a possibilidade do fato. “A morte, dizem eles, pode ser considerada de certa maneira não como uma cessação, mas como uma libertação de energia.” - “Como a nossa teoria telepática é puramente psíquica e nada tira à física, ao corpóreo, também poderia ser aplicada ao estado de desencarnação.”

Por conseguinte, o efeito telepático pode ser igualmente atribuído a uma causa extraterrestre. As exigências desses autores são muito menos elevadas do que as nossas para a admissão de uma causa extraterrestre. “O caso, dizem eles, deve apresentar traços especiais e muito característicos para permitir que se estabeleça pelo menos uma presunção em favor de uma causa eficiente exterior ao próprio espírito do percipiente. Por exemplo: a mesma alucinação deverá impressionar a muitas pessoas independentemente uma da outra e em momentos diferentes; ou antes, o fantasma deverá revelar um fato que se reconheça em seguida como verdadeiro e que o percipiente não conheceu, sendo esta última condição provavelmente a única susceptível de provar a existência de uma causa inteligente exterior.” Notamos com prazer à confissão que acompanha estas palavras: “Existe um certo número de casos comprobatórios desses dois tipos, o que nos impõe o dever de deixar esta questão em discussão para pesquisas ulteriores.” Encontrar-se-á um esboço crítico do estado atual da questão em uma memória da Senhora Sidgwich, intitulada “Provas, reunidas pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da existência dos fantasmas dos mortos”, no volume VIII, página 512 dos Proceedings”.

Por conseguinte, é uma questão de tempo; chegará o momento em que os fenômenos desse gênero serão seriamente reunidos e estudados, e não mais condenados de antemão pelo preconceito desdenhoso da Ciência e da opinião pública.

Agora que conhecemos os fenômenos do animismo e do Espiritismo, a questão das aparições apresenta-se sob aspecto muito diverso. Os nossos conhecimentos atuais acerca da força e da matéria deverão passar por uma modificação radical. Em um fenômeno de materialização temos uma demonstração ad oculos de um fenômeno de criação, por assim dizer; uma demonstração de “metafísica experimental”, como se exprimiu Schopenhauer; está provado para nós, por fatos, que a matéria nada mais é do que uma expressão da força, um movimento progressivo da vontade, ou, em outros termos, que a matéria não passa da objetivação, da representação da vontade. Podemos admitir que uma aparição não passa de um fenômeno psíquico, uma “alucinação verídica”, ocasionada por uma “sugestão proveniente de um centro de consciência supra-terrestre”, e do mesmo modo podemos admitir que esta aparição tem a faculdade de produzir um efeito físico, se bem que então ela nada mais seja do que uma objetivação material da vontade proveniente do mesmo centro de ação. As duas manifestações são possíveis, segundo as condições que se realizarem.

Não será inútil recordar aqui, no fim de meu trabalho, o que já disse no começo do capítulo 1°, a propósito da fotografia transcendente: é, de um modo particular, que as formas humanas que se supõe representarem “Espíritos”, quer apareçam à visão mental, quer se obtenham pela fotografia transcendente ou pela materialização, não são absolutamente as formas reais desses Espíritos, as que são próprias a seu modo de existência; não passam de formas temporárias, criadas por um esforço de memória e de vontade no intuito especial de serem reconhecidas em a nossa esfera. E a palavra “Espírito” que ocasiona a confusão quando se trata de Espiritismo. Estamos habituados a associar as palavras “Espírito”, “alma”, com as idéias habituais que formamos de um ser humano, e transportamos as mesmas imagens para o domínio transcendente. Na realidade, não sabemos absolutamente o que é um “Espírito”, nem o que supomos animar o corpo do homem, nem o que supomos segui-lo.

Esta concepção vaga que temos de um “Espírito” nos vem ainda de outra causa de confusão que se manifesta desde que se trata de Espiritismo: idéias que formamos do tempo e do espaço, que vêm condicionar involuntariamente a nossa idéia a respeito de um “Espírito”.

Admitimos perfeitamente como lógico que um “Espírito” deve achar-se fora do tempo e do espaço, e ao mesmo tempo lhe emprestamos um corpo, uma forma, isto é, atributos que dependem necessariamente do espaço e do tempo. E' uma contradição evidente. A filosofia crítica prevalece-se justamente desta contradição para zombar da doutrina dos “Espíritos” e de suas manifestações. Ela nega a existência individual depois da morte, baseando-se precisamente no axioma kantiano, isto é, que o espaço e o tempo nada mais são do que formas de nossa intuição (44) dependentes do nosso organismo terrestre; uma vez desaparecido este

organismo, essas formas de intuição não mais existem, e, por conseguinte, a personalidade dependente das idéias de tempo e de espaço desaparecem também. Mas, se a coisa em si existe, como essa mesma filosofia o admite, não na unidade, porém na multiplicidade, podemos supor que o espírito humano, o princípio individual, também é uma dessas coisas em si e, por conseguinte, suas relações com as outras coisas em si determinarão também formas de intuição e de concepção que lhe são próprias e que nada mais terão com as nossa.". Uma mônada - um centro de força e de consciência em um grau superior de desenvolvimento, ou então, uma entidade individual dotada de inteligência e de vontade - eis a única definição que poderíamos arriscar-nos a dar da concepção de um Espírito. Desde que ela se manifesta de novo no plano terrestre, deve necessariamente revestir a forma humana terrestre. Pelo que, uma aparição visível e tangível não passaria da objetivação temporária de uma mônada humana, revestindo um caráter de personalidade no mundo fenomenal".

As hipóteses espirítica, segundo o Sr. Hartmann

Depois de tudo quanto acabo de dizer aqui, não tenho necessidade de submeter a uma crítica especial o capítulo do Senhor Hartmann sobre a "hipótese dos Espíritos": porei eis relevo somente alguns dos traços mais interessantes.

Na primeira parte deste capítulo, o Senhor Hartmann passa em revista o desenvolvimento progressivo das teorias do Espiritismo. Eis um curto resumo dessas teorias:

A primeira consiste na "crença ingênua do povo de que os mortos conservam a sua forma atual no outros mundos e de que os "Espíritos" operam, servindo-se dos membros de seu corpo astral invisível (págs. 106 e 107).

A segunda também é grosseiramente sensorial: Admite-se que o médium é igualmente um espírito e que assim ele deve poder fazer o que os Espíritos dos mortos fazem, isto é, servindo-se dos membros de seu corpo astral invisível. E' o primeiro escolho da crença ingênua nos Espíritos." (Págs. 107, 108.)

A terceira teoria é uma opinião oposta da crença popular ingênua; apóia-se na existência da força nervosa mediúnica impropriamente chamada força psíquicas.

- "A maior parte dos fenômenos é atribuída ao médium como causa única e exclusiva." (Págs. 108 e 109.)

Quarta teoria -A prática mais recente das materializações abalou ainda mais a hipótese espirítica a (Pág.109.) A materialização não é as mais das vezes senão uma "transfiguração" do próprio médium. Observando atentamente o fenômeno, verificou-se "que o fantasma inteiro emana do médium e difunde-se de novo nele." (Pág. 110.)

Quinta teoria - Desde então, o médium não é mais do que o instrumento e a fonte material dos fenômenos cuja cansa transcendente é "o Espírito dirigente". E "a hipótese da possessão"; ela constitui certamente um progresso.

Sexta teoria - Hipótese da inspiração. Não é o, corpo do médium, porém a consciência sonambúlica, que produz as frases e as formas "que o Espírito dirigente faz passar de sua consciência a consciência sonambúlica do médium" (pág. 114) A contar desse momento, a hipótese espirítica entra em uma fase que permite à Psicologia e à Metafísica intervirem racionalmente para ocupar-se dela, no ponto de vista da critica. (Idem.)

A exposição histórica destas teorias está longe de ser exata; mas isto é um fato de menor importância. O Senhor Hartmann expôs todas estas teorias no intuito de pôr em relevo a falta de "reflexão e de senso críticos dos espiritualistas, e somente a última é que ele considera bastante "conveniente" para que a Ciência se ocupe dela. Quanto a mim, tomarei a liberdade de dizer que a exposição do desenvolvimento progressivo destas teorias, por mais incompleta que seja, é o melhor elogio que foi feito dos "espiritualistas", pois que

todas estas teorias dão testemunho dos esforços que foram feitos pelos espíritas, para chegarem a conhecer a verdade. Nem os filósofos, nem os sábios os auxiliaram a orientar-se nesta questão difícil; eles foram abandonados a si mesmos, não recebendo mais do que o desprezo ou a ironia da ciência e do público, e é só graças à perseverança e ao bom senso do espírito anglo-saxônio é que a questão sempre foi levada avante no terreno experimental e que o desenvolvimento dos fenômenos deu resultados que a Ciência, quer queira, quer não, será um dia chamada a reconhecer, como teve que fazê-lo, depois de cem anos, com os fenômenos do magnetismo animal. As teorias da transmissão dos pensamentos e da clarividência foram também muito freqüentemente debatidas pelos espíritas, mais que por qualquer lado aliás, porque o Espiritismo tinha descoberto imediatamente as relações que existiam entre ele e o sonambulismo; este era, por assim dizer, seu mais próximo herdeiro, e essas duas faculdades maravilhosas do nosso espírito foram muito freqüentemente tomadas em consideração no exame crítico dos fatos do Espiritismo. E eis que o próprio Senhor Hartmann funda todo o edifício de sua crítica sobre estas duas teorias - levando-as ao extremo: - era a única saída. Mas estas duas teorias, no ponto de vista da ciência moderna, são completamente heréticas; a Ciência zomba delas, como do próprio Espiritismo. (45)

Assim, o Senhor Hartmann explica uma heresia por duas outras heresias. Se a Ciência provar um dia que estas duas teorias são destituídas de fundamento, a hipótese espirítica só terá que ganhar; se, pelo contrário, a Ciência acabar por sancioná-las, o tempo provará se elas são verdadeiramente suficientes para explicar o todo.

Enquanto esperamos, paremos no ponto mais interessante, e vejamos um pouco porque na hipótese da inspiração", que o Senhor Hartmann considera como a mais racional das hipóteses espirítica, e a mais conveniente - aquela na qual a intervenção "intelectual" dos Espíritos é reconduzida à sua significação mais verdadeira e mais elevada (pág. 114) - deve ser rejeitada apesar de tudo. Eis o resumo de suas razões:

1° Dificuldades formais - "Se há Espíritos, poder-se-ia admitir a possibilidade da transmissão das imagens mentais de um Espírito ao homem, pois que ela é possível entre dois homens. Mas esta hipótese vai de encontro a certas dificuldades cuja importância não poderia ser desprezada. O Espírito de um morto não possui um cérebro cujas vibrações pudessem determinar por indução, em um cérebro humano vizinho, vibrações semelhantes; a transmissão mecânica pelas vibrações do éter, tal qual podemos admiti-Ia entre dois homens pouco afastados ou em contacto, não pode, pois, ser tomada em consideração, quando se trata de um Espírito transmissor, e só pode apelar para um outro modo de transmissão, o que se fizesse sem intermediário material e não parecesse dependente da distância. Efetivamente os espíritas modernos admitem, sob a fé de comunicações mediúnicas, que o Espírito que exerce a influência pode achar-se a uma distância qualquer do médium pelo qual se manifesta, sem que isto afete a intimidade de suas relações.

"Só há um obstáculo: é que, segundo a experiência adquirida, nem os pensamentos, nem as palavras, porém somente as alucinações sensoriais, e tão vivas quanto possível, podem ser transmitidas a grandes distâncias. (Pág. 115.)

Vimos suficientemente que tal não é o caso. No que diz respeito à ausência do cérebro, não há dificuldade para a teoria, que admite a existência do indivíduo transcendente, como o veremos mais adiante.

2° Dificuldades relativas ao conteúdo das comunicações - "Este conteúdo está geralmente abaixo do nível intelectual do médium e dos assistentes. Quando muito, ele atinge este nível, mas nunca vai além." (Pág. 116.) Vimos também que não é assim.

A passagem seguinte, que vem imediatamente depois da citação que precede, merece notada:

"Se os Espíritos nada de melhor têm para nos revelar, do que aquilo que já sabemos, ou estão na impossibilidade de fazê-lo, como parece, vemos desaparecer o único motivo que pode ser invocado em favor de sua tendência a manifestar-se, isto é, o desejo de tornar-nos mais adiantados e melhores que somos."

Por conseguinte o "único motivo" admissível seria "o desejo de tornar-nos mais adiantados e melhores". Este motivo existe realmente; mas, para justificá-lo, é preciso que os Espíritos nos digam alguma coisa de novo, que não conheçamos já?

O tema do amor de Deus e do próximo será sempre velho e sempre novo, enquanto se tratar do progresso moral do homem. E, além disso, o Senhor Hartmann admitiu sem dificuldade, para a clarividência, a força mágica dos interesses do coração! Por que motivo não quer admiti-Ia, aqui também, como um motivo suficiente? Efetivamente, se pode admitir que alguma coisa sobrevive à morte, é sem dúvida o amor, a compaixão, o interesse por aqueles que são nossos parentes, o desejo de lhes dizer que existimos ainda; e são justamente estes sentimentos que servem as mais das vezes de "motivo" para uma intervenção espiritual. A linguagem do coração é a mesma em toda a parte; porém, ser-nos-á sempre tão impossível formar uma idéia de um mundo transcendente, quanto imaginar um espaço de quatro dimensões. Não é pois de admirar que as noções que se lhe referem não nos sejam transmitidas, e é inútil e ilógico exigir que elas o sejam.

3° - Finalmente, "prescindindo das dificuldades levantadas no ponto de vista formal e no do conteúdo intelectual, a hipótese espirítica em seu grau superior de hipótese da inspiração é primeiro que tudo uma superfluidade, uma quinta roda ao carro..." "Neste ponto da hipótese, seria preciso poder concluir, antes de tudo, do conteúdo das comunicações, que a consciência sonambúlica do médium é incapaz de produzi-las. Enquanto se desconhecer a hiperestesia sonambúlica da memória, a leitura dos pensamentos e a clarividência, todas estas comunicações são consideradas como revelações de Espíritos inspirando o médium e lhe transmitindo idéias que são alheias à sua consciência em estado de vigília ou não lhe são acessíveis por meio da percepção sensorial. Porém, desde que se reconhece à legitimidade destas três fontes de informação, ao lado da percepção sensorial, não há mais conteúdo intelectual que não pudesse ser haurido dali, conforme sua natureza." (Págs. 116, 117.)

Vimos suficientemente, no capítulo III desta obra, que tal não é o caso na maioria das vezes.

E o Senhor Hartmann conclui: "E assim que toda a hipótese espirítica ficou reduzida a nada, em primeiro lugar quando foi provado que as manifestações físicas atribuídas aos Espíritos emanam, do médium, em segundo lugar porque os fenômenos de materialização e finalmente a produção do conteúdo intelectual das comunicações têm a mesma fonte." (Pág. 117.)

Preferimos acreditar que, depois de tudo quanto ficou dito neste trabalho, talvez esta conclusão seja retificada pelo próprio Senhor Hartmann, por muito fiel que ele fique a seus princípios, pois que não pretendi convencê-lo, felizmente, da realidade dos fatos que expus. Nunca me esqueço de que o objetivo de sua crítica esclarecida não se dirige à autenticidade dos fatos, mas "às conclusões que se tiraram deles"

Chegando finalmente ao termo do meu trabalho, é-me grato poder verificar que as pretensões da hipótese espirítica não estão absolutamente em contradição com a filosofia do Senhor Hartmann, como se pensa muito freqüentemente. Temos em seguida seu próprio testemunho, assim expresso:

"E sem fundamento que se acredita que meu sistema filosófico é incompatível com a idéia da imortalidade. O espírito individual é, segundo a minha concepção, um grupo relativamente constante de funções inconscientes do Espírito absoluto, funções que encontram no organismo que governam o laço de sua unidade simultânea e sucessiva. Se pudesse demonstrar que a parte essencial deste organismo - isto é, os elementos constitutivos de sua forma, que são portadores das particularidades que formam seu caráter, sua memória, sua consciência - pode persistir sob uma forma capaz de atividade funcional, mesmo depois da desagregação do corpo celular material, inevitavelmente eu tiraria daí a conclusão de que o espírito individual continua a viver com o seu substrato substancial: porquanto o Espírito absoluto continuaria a manter o organismo persistente sob o regime das funções psíquicas inconscientes que lhe eram atribuídas.

"Reciprocamente, se pudesse demonstrar que o espírito individual persiste depois da morte, eu concluiria daí que, apesar da desagregação do corpo, a substância do organismo persistiria sob uma forma impalpável, pois que só com esta condição posso conceber a persistência do espírito individual. A prova da persistência provisória do espírito individual depois da morte não motivaria sequer uma modificação do meu sistema filosófico no ponto de vista dos princípios, porém ampliaria simplesmente o campo das aplicações em certa direção; em outros termos, ela não vibraria golpe algum na fenomenologia do inconsciente."(Ed. Von Hartmann - Suplemento ao livro: "O Espiritismo".) (46)

O Espiritismo desde o seu começo proclamou e afirmou, como condição sine qua non, "a persistência do espírito individual"; ele partiu sempre deste princípio fundamental:" "Os elementos do organismo que são

portadores das particularidades que formam seu caráter, sua memória, sua consciência, persistem, mesmo depois da desagregação do corpo celular material, sob uma forma capaz de atividade funcional.” Se tal é a condição formal, imposta a priori pela Filosofia, o Espiritismo tem a pretensão de ter-lhe respondido a posteriori. O grande mérito do Espiritismo é justamente ter provado que as questões mais misteriosas que se referem ao problema de nossa existência podem ser estudados por via experimental. Desde seus primeiros passos, ele admitiu que o lado místico deste problema é não menos natural, e que todos os fenômenos que se lhe referem são fenômenos naturais, submetidos a uma lei.

E pois, completamente injusto por parte do Senhor Hartmann acusar o Espiritismo “de ter aceitado, ao lado de uma: série de causas naturais, uma série de causas sobrenaturais, de maneira alguma justificadas pela experiência” (pág. 118), depois “ter admitido fora da esfera natural e conhecida das existências terrestres um mundo misterioso e oculto de indivíduos sobrenaturais” (pág. 82).

O Espiritismo fornece materiais não aperfeiçoados, como são os que colhemos na nossa experiência diária. Compete à Filosofia analisá-los, explicá-los. A observação dos fenômenos é fácil: sua compreensão exige séculos - isso se aplica mesmo aos de ordem física. O fato da nossa existência, da nossa consciência pessoal, fica sendo um mistério até o presente; é preciso que nos resignemos: o problema nunca será resolvido; pois que vivemos no “sobrenatural” mesmo aqui em baixo; mas podemos fazer que seus limites recuem, penetrar mais adiante em suas profundidades. Uma forma da consciência não significa que seja a única admissível; uma forma, a que conhecemos, não é menos maravilhosa do que uma outra, que não conhecemos.

Quando os fatos espiríticos forem aceitos e estabelecidos em sua totalidade, a Filosofia deverá concluir deles, não pela existência de um mundo sobrenatural de indivíduos sobrenaturais, mas pela existência de um mundo de percepções transcendentes, pertencentes a uma forma de consciência transcendente, e as manifestações espiríticas nada mais serão daí em diante que uma manifestação desta forma de consciência nas condições de tempo e de espaço do mundo fenomenal.

No ponto de vista da filosofia monística, o Espiritismo, como fenômeno e teoria, é facilmente admissível; e mais que isso, ele se apresenta mesmo como uma necessidade, pois que completa, coroa esta concepção filosófica do Universo, cujos progressos são incessantes e à qual só falta uma coisa, a essencial: a compreensão do fim da existência das coisas e da existência do homem em particular.

O resultado final da evolução - tão evidente quanto racional aos nossos olhos -, isto é, o desenvolvimento das mais elevadas formas da consciência - quer individual, quer coletiva -, não sofre uma parada brusca e insensata, justamente na ocasião em que o alvo supremo é atingido ou está perto de o ser.

FIM

NOTAS DE RODAPÉ

(1) Conforme um ajuste feito com o Senhor Alexandre Aksakof, conselheiro de Estado atual de S. M. o Imperador da Rússia, assumi a responsabilidade de publicar em francês a sua obra tão conhecida no estrangeiro: Animismus und Spiritismus.

O filósofo bávaro Senhor Carl Du Prel me recomendava esta obra como indispensável a qualquer investigador consciencioso; eu era do seu parecer.

Confiei a tradução da obra ao Senhor B. Sandow, nosso colaborador, em razão dos seus conhecimentos lingüísticos; acrescentarei que as provas definitivas foram submetidas à aprovação do autor.

Deixo ao tradutor a Incumbência de apresentar ao público francês algumas considerações sobre Animismo e Espiritismo e sobre as origens deste volume.

(2) Uma segunda edição acaba de aparecer com o retrato do autor.

(3) Acabo de encontrar no número de Outubro de Sphinz, 1889, página 227, brevemente formulados em três pontos, e tais quais resultam de uma correspondência entre o editor e o Doutor Hartmann, “os sinais característicos da intervenção dos mortos nas comunicações feitas pelos videntes e médiuns”. E precisamente o critério que procurei em vão no Senhor Hartmann e que me vi obrigado a estabelecer por mim mesmo, tomando por base a argumentação negativa do Senhor Hartmann. Acredito ter exposto no meu trabalho numerosos casos de conformidade com os “sinais característicos” em questão.

(4) O Congresso de psicologia fisiológica reunido em Paris, em 1889, acabou por adotar esse titulo para os seus trabalhos futuros. Assinalarei aqui, a título de curiosidade, que a primeira revista francesa consagrada ao estudo cientifico “do sono, do sonambulismo, do hipnotismo e do espiritismo”, apareceu por meus cuidados, e a expensas de um amigo russo, o finado Senhor Lvoff, sob o título seguinte: Revista de psicologia experimental, publicada pelo Doutor F. Puel, em Paris, em 1874-1876 (boulevard Beaumarchais, 73). Apareceram ao todo seis folhetos em 1874, dois em 1875 e um em 1876; hoje essa revista é uma raridade bibliográfica.

(5) O Automatismo psicológico. Ensaio de Psicologia experimental sobre as formas interiores da atividade humana, por Pedro Janet, professor de filosofia no liceu do Havre; Paris, 1889.

(6) Eu me explico: um médium de efeitos físicos ou de materialização deve ser hipnotizado; uma vez adormecido, as mãos devem ser ligadas; depois, ordena-se que faça mover-se algum objeto ao alcance das suas mãos, como se elas estivessem livres, e então o seu órgão invisível - fluídico ou astral -, obedecendo à ordem dada, poria em movimento o objeto indicado (ver a minha carta ao “Religio-Philosophical-Journal” de Chicago, de 27 de Agosto de 1892.)

(7)Carl Du Prel, Die monistische Seelenlehre; Leipzig, 1888.-C. G. Raue, Psychology as a natural science, applied to the solution of occult psychic phenomena, Filadélfia, 1889. O autor deste notável trabalho, fundado sobre as bases da psicologia de Beneke, chega à conclusão seguinte: “As forças psíquicas constituem uma substância real. A alma humana é um organismo composto dessas substâncias psíquicas, tão eternas e indestrutíveis quanto qualquer substância da ordem mais material.” (P.529.)

(8) O barão Von Reichenbach designa sob o nome de força ódica (Od-Kraft) o fluido imponderável e penetrante de todos os corpos, por meio do qual ele explica diferentes fenômenos misteriosos.

(9) A força ectênica do professor Thury e a minha força psíquica são evidentemente termos equivalentes. Se eu tivesse conhecido essa expressão, há três meses, tê-la-ia adotado. Ora a idéia de semelhante hipótese de fluido nervoso nos veio depois de uma outra fonte, completamente diferente, exposta debaixo de um ponto de vista particular e expressa na linguagem de uma das profissões mais importantes. Quero falar da Teoria de uma atmosfera nervosa, posta em vigor pelo Doutor Benjamin W. Richardson, M. D., F. R. S., no Jornal Medical Times, N° 1088, de 6 de Maio de 1871 (Obs. de W. Crookes, em sua obra Pesquisas sobre a forca psíquica.)

(10) Que produz pancadas.

(11) Socialista muito conhecido, pai de Roberto Dale Owen, autor do livro: Terreno disputado (“Debatable land”).

(12) E um espiritualista de Nova Iorque, muito conhecido, que não pertence à categoria das pessoas que crêem cegamente em tudo quanto lhes dizem ser fenômeno mediúnico; ele fez parte de muitas comissões que desmascararam as imposturas de pretendidos médiuns.

(13) Para compreender bem, o leitor deve saber que o Senhor Flint, do mesmo modo que o Senhor Mansfield, era um médium muito especial: mandavam-lhe cartas lacradas, dirigidas a pessoas mortas. Essas cartas eram reenviadas a seus autores, com as respostas dos destinatários, bem entendidas: sem terem sido abertas.

(14) O professor Denton sucumbiu, em 1883, vitimado pela febre amarela, contraída durante uma viagem que tinha empreendido para fazer pesquisas geológicas em a Nova Guiné. (Vide Psychische Studien, Dezembro de 1883, pág. 595.)

(15) O Senhor Varley é um distinto físico inglês, notável especialista no lançamento de cabos telegráficos; é membro da Sociedade Real de Londres.

(16) Ver pág. 23, cap. I

(17) Magister Artium Oxoniensis, Mestre em Artes da Universidade de Oxford, pseudônimo do Rev. Stainton Moses, falecido em 1892.

(18) Publiquei, no Rebus de 1887 (n° 1), um artigo intitulado: "Minha entrevista com o Senhor Charles Richet".

(19) E menos uma atração do que um estado cataléptico, como observei freqüentemente com minha mulher depois de uma sessão de escrita. A. A.

(20) Membro da Sociedade de Geologia.

(21) O Senhor Barkas não tinha noções absolutamente, acerca de música, como diz em outro lugar. (Médium, 1887, pág. 645.)

(22) O juiz Edmonds gozava em seu tempo de uma nomeada considerável nos Estados Unidos por causa das elevadas funções que desempenhava, a principio como presidente do Senado, depois como membro do Supremo Tribunal de Apelação de Nova York. Quando sua atenção foi atraída para o espiritualismo como devendo exercer uma Influência sobre o movimento intelectual, ele o olhou com todo cepticismo e experiência do magistrado habituado a julgar do valor dos testemunhos humanos. Depois de um estudo consciencioso, teve a coragem de reconhecer não só a existência dos fatos, como ainda sua origem espiritual.

A surpresa e á indignação foram tão fortes que ele se demitiu imediatamente de suas funções de magistrado para poder colocar-se do lado do que era, segundo ele, a verdade. Seu testemunho deu ao espiritualismo americano um impulso vigoroso, e sempre foi de grande autoridade.

(23) O professor Boutlerof não tinha assistido a essas últimas sessões; é pois evidente que a sua presença na primeira não teve influencia alguma na produção da epígrafe hebraica.

(24) Irmão falecido da médium que se comunicava em suas sessões.

(25) Esta narração apareceu a principio no “Bristol Journal”, a 10 de Outubro de 1863, depois foi reimpressa no “Spiritual Magazine”, número de Novembro do mesmo ano, e desta vez com o nome do Doutor James Davey, médico da casa de saúde de Norwoord, perto de Bristol, o qual na primeira publicação era designado apenas por: Doutor..

(26) O que se convencionou modernamente chamar transe.

(27) De acordo com esta apóstrofe, vê-se que o Senhor Cook era qualquer. - A. A.

(28) Proprietária no distrito de Kirsanow, tia do Senhor Nartzeff habitando em sua casa.

(29) Médico municipal.

(30) Despenseira da Senhora Sleptzoff.

(31) Proprietário no distrito de Klrsanow.

(32) A palavra animismo foi a principio empregada por Stahl, se não me engano; em seu sistema médico, ele considera a alma (anima) como o princípio vital; o corpo é não somente a criação da alma, como ainda todas as suas funções vitais são executadas por essa última. Em nossos dias, este termo foi empregado por Taylor, em seu livro: Cultura primitiva, em um sentido amplo, para designar não somente a ciência que trata da alma (como de uma coisa essencial independente) e de suas diversas manifestações terrestres ou póstumas, mas também a doutrina referente a qualquer espécie de seres espirituais ou espíritos. Quanto a mim, adotei o termo animismo em sentido mais restrito e mui determinado. Na verdade, a palavra psiquismo teria podido preencher o mesmo fim que a palavra animismo, mas, uma vez aceita a palavra espiritismo, parece-me que é preferível formar as duas expressões com radicais latinos e adotar estes dois termos para designar essas duas categorias de fenômenos, absolutamente distintos quanto ã sua fonte, se bem que tenham grande afinidade em sua manifestação exterior. Demais, o adjetivo psíquico serve hoje para traduzir as mais variadas idéias, freqüentemente muito vagas..

(33) As Alucinações Telepáticas, Paris, 1892.

(34) E uma antiga expressão que o povo ainda hoje emprega.

(35) Essas condições dão grande valor à experiência, pois, em regra, essa operação é executada pelo médium em pessoa. (Nota do Autor.)

(36) Essa carta em alemão apresenta o mesmo valor que a de Esteja, escrita em francês. - A. A.

(37) Eu cito esta particularidade propositadamente, porque pode servir de prova de autenticidade para as comunicações anteriores. - A. A.

(38) Na sessão de que fala a Srta. B., ela reconheceu perfeitamente a forma materializada de seu amigo, que tinha a cabeça descoberta; ela estava muito perto dele e chegou a segurá-lo pela mão; durante esse tempo, a luz estava propositadamente aumentada. - A. A.

(39) Reproduzo esta passagem da carta da Senhora B. a titulo de prova complementar da autenticidade da escrita direta, obtida pela mediunidade de Eglinton, em vista da persistência da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres em negá-lo. - A. A.

(40) Não posso publicar o verdadeiro nome dessa senhora (nome pouco vulgar), mas posso dizer que é também o nome de uma flor favorita.

(41) A esse propósito recordo-me de uma comunicação que recebi no decurso de minhas sessões íntimas; ela provinha de um amigo que me tinha sido caro e que se interessara muito pelo Espiritismo considerado com problema filosófico. Antes mesmo de dizer o seu nome, ditou esta frase em língua francesa: “Nascer é esquecer; morrer é saber.”

Quer sela uma citação ou um pensamento seu, estas poucas palavras encerram uma filosofia completa, tão bela quão profunda, e tenho toda a razão para acreditar que ela era completamente alheia aos cérebros dos dois médiuns presentes.

(42) Como todos os pormenores que se referem a este caso são preciosos, acrescentarei que se encontrarão ainda outros muito interessantes nos anos seguintes, do “Spiritual Magazine”; 1862, passim; 1864, pág. 328; 1865, pág. 456; 1866, pág. 34; 1867, Pág. 54. e 1869, pág. 252. Falaremos desses últimos mais adiante.

(43) Benjamim Franklin, o célebre homem político e sábio tísico americano, signatário do tratado da independência dos Estados-Unidos e inventor do pára-raio; segundo as tradições espíritas, foi o iniciador do estabelecimento das comunicações regulares entre este mundo e o dos invisíveis e tomou parte ativa no desenvolvimento das diversas espécies de mediunidade, logo no começo do movimento espiritualista.

(44) A palavra “intuição” é tomada aqui no seu sentido filosófico, como tradução da palavra “Anschauung” de Kant. (Nota do Tradutor.)

(45) Wundt chama a tudo isso “parvoíces”. V. seu opúsculo: - Hipnotismo e sugestão”.

(46) Compare-se o “Inconsciente” no ponto de vista da fisiologia e da teoria da descendência, 2.° edição., págs. 288-304, 356-358; “Filosofia do Inconsciente” 9.° edição t. II, pág. 362.